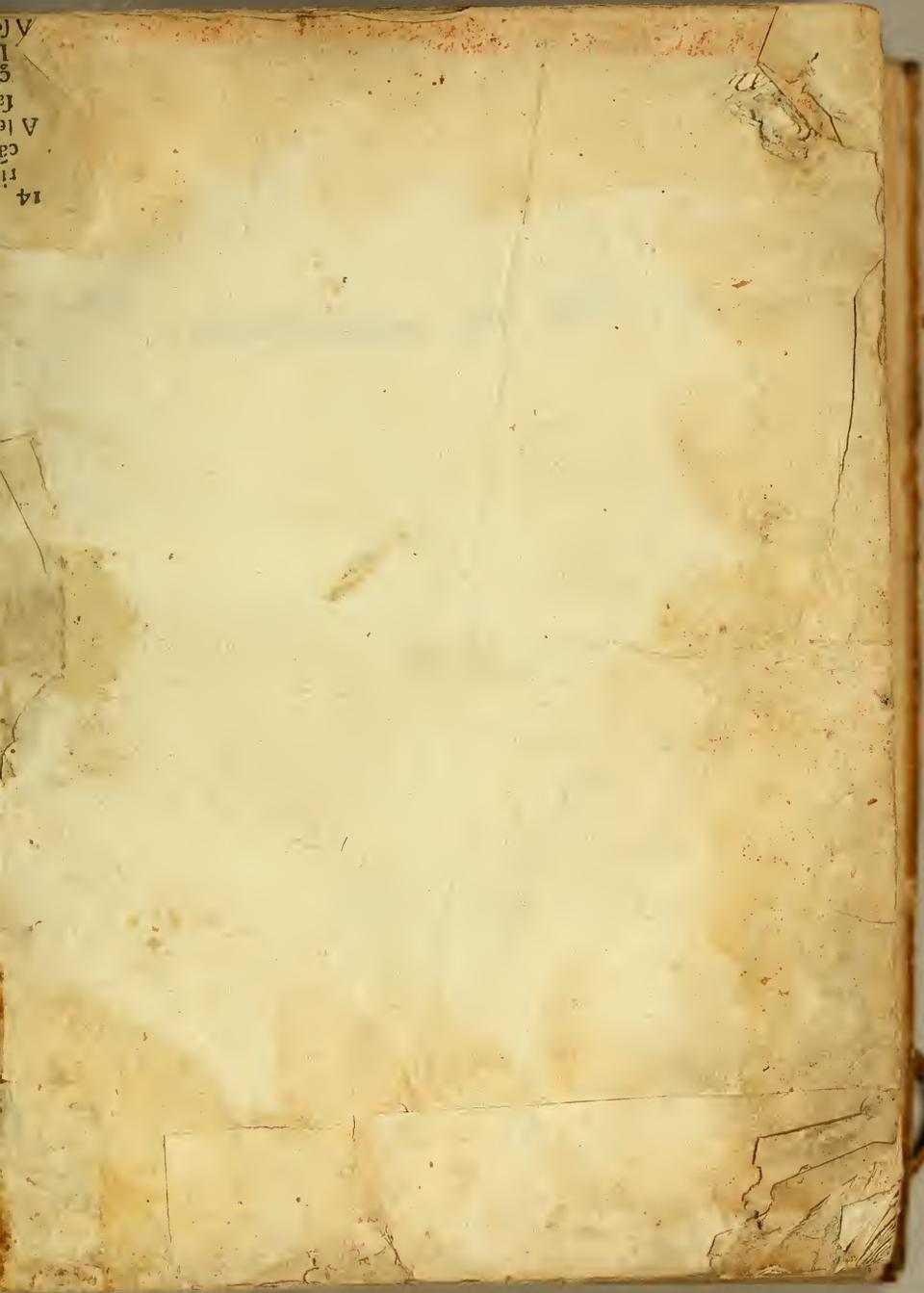






John Carter Brown  
Library  
Brown University

14  
ri  
ca  
A  
le  
f  
5  
1  
V

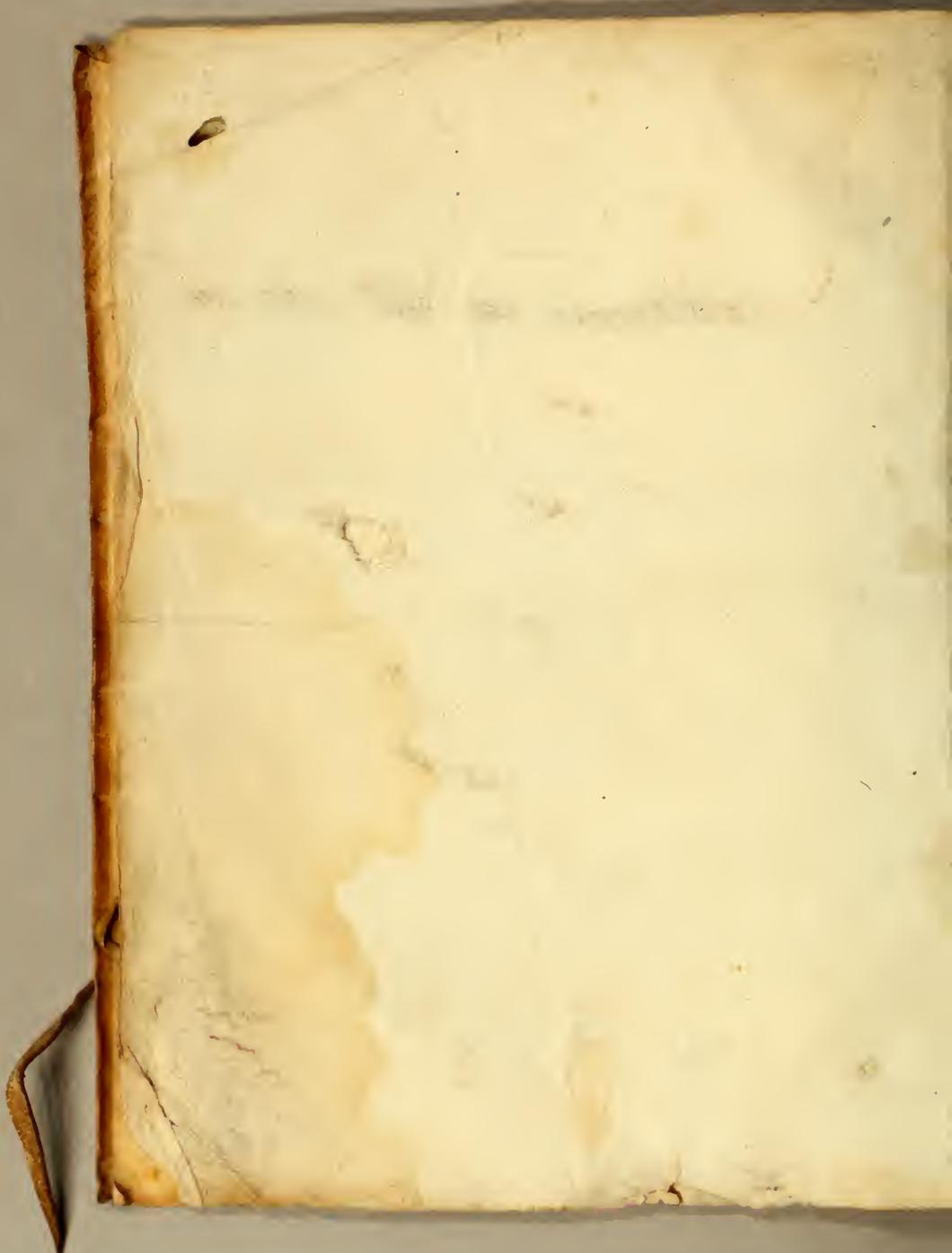




Falcao.

~~Antonio de V. de~~

12



MARIA  
ROSA MYSTICA.  
EXCELLENCIAS, PODERES,  
E MARAVILHAS DO SEU ROSARIO:

COMPENDIADAS  
EM TRINTA SERMOENS ASCETICOS, E PANEGYRICOS;  
fobre os dous Evangelhos desta Solennidade, Novo, & Antigo:

O F F E R E C I D O S

À SOBERANA MAGESTADE DA MESMA

SENHORA,

Pelo P. ANTONIO VIEIRA,

DA COMPANHIA DE JESU, EM CUMPRIMENTO  
de hum Voto, feito, & repetido em grandes perigos da Vida, de  
que por sua immensa Benignidade, & poderosissima Inter-  
cessão sempre sahio livre.

II. PARTE.



*António Vieira*  
*Vieira*  
*12, 1721*  
*Lisboa*

L I S B O A.

Na Impressão Craesbeeckiana. Anno M. DC. LXXXVIII.

A custa de Antonio Leyte Pereyra, Mercador de Livros.

Com todas as Licenças, & Privilegio Real.

MARIA  
ROSA MISTICA  
EXCELENTISSIMA  
E MARAVILHOSA

COMO NUNCA  
EM TANTAS PARTES  
E TANTAS VIRTUDES  
COMO NUNCA

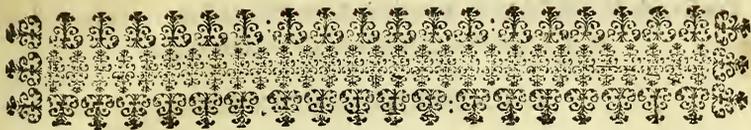
SENHORA  
Pelo Sr. ANTONIO VIEIRA  
A COMPANHIA DE JESUS EM EUROPA  
A Casa de Lisboa, Rua da Alfama, nº 10  
A casa de Coimbra, Rua da Alfama, nº 10  
A casa de Braga, Rua da Alfama, nº 10

PARTE



Em Lisboa, na Officina da Typographia Nacional, em 1844.  
A casa de Lisboa, Rua da Alfama, nº 10  
A casa de Coimbra, Rua da Alfama, nº 10  
A casa de Braga, Rua da Alfama, nº 10

BRASIL



*Censura do A. R. P. M. Frey Thomé da Conceçãõ, da Sagrada Ordem  
do Carmo, Qualificador do Santo Officio.*

EMINENTISSIMO SENHOR.

**L**I este Livro, que se intitula, *Maria Rosa Mystica, Excellencias, Poderes, & Maravilhas do seu Rosario*, compendiadas em trinta Sermoões pelo Padre Antonio Vieira, da Sagrada Religiaõ da Companhia de Jesu, & Prégador de Sua Magestade. Já o Author desta Obra sahio a luz com a Primeira Parte, que contém quinze Sermoões, & nesta Segunda, que se intenta dar tambem à estampa, vem outros quinze. Lios, não huã sò vez, mas duas: a primeira por obediencia, a segunda por gosto, ambas com admiraçãõ. Se não teméra fazer injuria á igualdade da sutileza, com que este Insigne Prégador discursou estes Sermoões, pudera dizer, que nesta Segunda Parte se excede a sy mesmo na Primeira; mas a mina, que gera este ouro, he tam igualmente fecunda nas veas, por onde o communica, que mal se pôde descobrir maioria nos seus quilates: sendo as Idéas destes Sermoões tam novamente fabricadas, todas acho fundadas no Sentido Litteral, ou Mystico dos Evangelhos, donde este Grande Prégador as defentranhou com sua agudeza, sem em cousa alguã das que diz se desviar da obrigaçãõ de Orador Evangelico. Com estes Sermoões tem satisfeito o seu Voto, & terá sem duvida mais devotos o Rosario da Senhora. Isto he o que me parece. Lisboa no Convento do Carmo em 10. de Dezembro de 1686.

*Fr. Thomé da Conceçãõ.*

*Censur.*

*Censura de M. R. P. M. Frey Antonio de Santo Thomás, da Sagrada Ordem de S. Francisco, Qualificador do Santo Officio.*

EMINENTISSIMO SENHOR.

**V** I o Livro, que tem por titulo, *Maria Rosa Mystica, Excellencias, Poderes, & Maravilhas do seu Rosario*, composto pelo Padre Mestre Antonio Vieira, Religioso da Sagrada Companhia de Jesu, & Prégador de Sua Magestade. Consta este Livro (que he a Segunda Parte) de quinze Sermoões, que bem parecem Frutos do singular Engenho de tam Insigne Prégador, no agudo, facundo, & elegante de locução tam estremada, & selecta, agora Frutos mais bem fazonados com o tempo, no espiritual, docil, & util de tam exemplar, & milagrosa doutrina: doutrina para todos proveitosa; porque a dá o Author em methodo tam claro, ainda no que trata mais profundo, como Theologo Especulativo, Mystico, & Expositivo, que o douto se achará concebido, & o indouto ficará ensinado; & todos suave, & efficazmente arrebatados no seguimêto mais fervoroso da devaçã dos Mysterios da Rosa Mystica: ficando por este respeito o Voto, de que faz mençã o Author, satisfeito com ventagem; pois a Maria Santissima, Senhora nossa, não sò offerece gratamête Flores em as Maravilhas de Sermoões, para mais florido adorno do seu Rosario; mas tambem em Flores lhe tributa ventajosamente Fruros nas perpetuas devaçõs, que docemête rende para mais grato obsequio de tam Divina Flora. Com o que, se os Sermoões são para quem com tam rara eloquencia os affeiou, Flores de muita honra, são juntamente Frutos no admiravel da doutrina; & tudo para maior gloria do Mysterioso Rosario da Mãe de Deos. Ao que se pôde alludir, o que se diz no Ecclesiastico Capitulo Vinte & quatro: *Flores mei fructus honoris, &c.* E sendo em fim Sermoões tam floridos, & frutuofos, tudo nelles ajustado recende à pureza de nossa Santa Fé, tudo nelles frutifica conforme a limpeza de bons costumes: & assim me parece será beneficio commum, conceder a licença, que se pede, para dar os taes Sermoões à Imprenta. Lisboa Convento de São Francisco da Cidade em 24. de Fevereiro de 1687.

*Fr. Antonio de Santo Thomás.*

S E N H O R.

V OSSA Magestade me mandou, que visse a Segunda Parte dos Sermoões do Rosario, que compoz o Padre Antonio Vieira, da Sagrada Companhia de Jesu, Prégador de Sua Magestade, como já me mandou ver a Primeira. E se Eu estivera em idade de aprender, persuadirame a que a Providencia Divina, que particularmente assiste aos Principes, me repetia estas Liçoões, para Eu nellas aprender a prégar. Continha a Primeira Parte quinze Sermoões, & esta Segunda contém outros quinze. Estes são como aquelles, & todos como de seu Author. Trinta Sermoões, & taes Sermoões, sobre o mesmo Assump-to, he o melhor Assumpto para os louvores deste grande Prégador. Trinta Sermoões para quinze Mysterios do Rosario, são dous Sermoões por cada Mysterio; porque estes Mysterios, para serem bem rezados, haõ de ser repetidos: repetidos cadadia, & sem pre que se rezarem, ha de repetir exteriormente a voz, o que interiormente meditar o juizo, & abraçar o affecto. ( Em tudo são mysteriosos estes Sermoões.) Bem parece, q̄ esta Luz se acendéo na Tocha, & na Estrella do primeiro Prégador do Rosario, o Glorioso Patriarcha São Domingos: de cujos exemplos, & doutrina se val tanto nestes Sermoões. São Domingos para prégar do Rosario acédéo a sua Tocha naquella Luz grande, ainda a respeito daquella, a que só reconhecéo maioria: *Duo Luminaria magna: luminare maius, luminare minus:* & a sua Estrella bebéo a Luz daquella Lua sempre tam chea, que em nenhũ instante padecéo minguate, & tam luzida, que em nenhum padecéo sombra. E este Insigne Prégador para prégar do Rosario tambem participou a Luz desta fermosa Lua por aquella Estrella, & por aquella Tocha. A cada hum dos Santos Patriarchas por Deos, Senhor nosso, por Tocha para allumiar particularmẽte os da sua Casa, & Familia: *Ut luceat omnibus, qui in domo sunt:* mas a Tocha de São Domingos para os louvores do Rosario allumiou os da sua Casa, & Familia, & tãbem os das outras, como no nesso caso a hum Filho de São Ignacio. A Tocha de São Domingos allumiou hũ Filho de São Ignacio para fazer trinta

Ser.

Sermoões em louvor do Rosario: & hum Filho de Santo Ignacio com trinta Sermoões acrefécitou os louvores do Rosario, que São Domin- gos prégoou. & deixou encommendado a seus Filhos. Os Santos Pa- triarchas affim como no Ceo se communicão nas Glorias, deforte que a gloria de huns o he a occidental dos outros: affim querem, que as suas Familias na terra se communicuem nas Glorias, como communicão nos Privilegios. A communicação dos Privilegios lhes concedem os Summos Pontifices na terra: a communicação das Glorias lhes encõ- mendaõ os seus Santos Patriarchas do Ceo. Parecerá, Senhor, que não tenho satisfeito ao q Vossa Magestade me mandou: que visse estes Sermoões, & informasse com o meu parecer. E Eu cuido, que tudo tenho dito: que os vi. E me parece, que esta Segunda Parte he tam dig- na de se imprimir, como a Primeira; pois não contém cousa alguã cõ- tra o Reyno, antes muito para a tua refórma por meyo da devaçãõ do Santo Rosario, que persuade com tanta efficacia. Vossa Magestade mandará o que for servido. Lisboa, Congregação do Oratorio 5. de Mayo de 1687.

*Bertholameu do Quental.*

L I C E N C, A S D A R E L I G I A M.

**E**U Alexandre de Gusmaõ, da Companhia de Jesu, Provincial da Provincia do Brasil, por commissão especial, que tenho de N. M. R. P. Carolo de Noyelle, Preposito Géral, dou licença, que se possa imprimir este Livro da Segunda Parte de Sermoões de Nossa Senhora do Rosario do Padre Antonio Vieira, da mesma Companhia, Prégador de Sua Magestade. O qual foi revisto, examinado, & approvado per Religiosos doutos della, por Nós deputados para isso. E em testi- munho da verdade, dei esta subscripta com o meu Sinal, & sellada cõ o Sello de meu Officio. Dada na Bahia aos 13. de Julho de 1686.

*Alexandre de Gusmaõ.*

Do Santo Officio:

**V**istas as informações, pôde se imprimir a Segunda Parte dos Ser- moões do Rosario, compostos pelo Padre Antonio Vieira, da  
Com.

Companhia de Jesu: & depois de impresso tornará para se conferir, & dar licença que corra: & sem ella não correrá. Lisboa 25. de Fevereiro de 1687.

*Ieronymo Soares.*

*O Bispo Fr. Manoel Pereyra.*

*Pedro de Atayde de Castro. Fr. Vicente de Santo Thomás.*

---

Do Ordinario.

**P**ODE se imprimir a Segunda Parte dos Sermoës do Rotario, composta pelo Reverendo Padre Antonio Vieira, da Companhia de Jesu: & depois tornarãõ, para se conferirem, & se dar licença para correrem: & sem ella não correrãõ. Lisboa 3. de Março de 1687.

*Serraõ.*

---

Do Paço

**Q**UE se possa imprimir, vistas as licenças do São Officio, & Ordinario: & depois de impresso, tornará a esta Mesa para se taxar: & sem isto não correrá. Lisboa 6. de Mayo de 1687.

*Rexas. Lamprea. Marchãõ. Azevedo. Ribeiro.*

**C**ONCORDA com seu original. Lisboa no Convento do Carmo 30. de Janeiro de 1688.

*Fr. Thomé da Conceyçãõ.*

**V**ISTO estar conforme com seu original pôde correr. Lisboa 30. de Janeiro de 1688.

*Ieronymo Soares.*

*Ioão da Cesta Pimenta.*

*Bento de Beja de Noronha.*

*Pedro de Atayde de Castro.*

*Fr. Vicente de Santo Thomás.*

**P**ODE correr. Lisboa 4. de Fevereiro de 1688.

*Serraõ.*

**T**AIXAõ este Livro em doze tostoës. Lisboa 31. de Janeiro de 1688.

*Rexas.*

*Lamprea.*

*Marchãõ.*

*Ribeiro.*

OUTRAS ERRATAS do Primeiro Tomo do Rosario.

Paginas.	Col.	Reg.	Erratas.	Emendas.
40.	2.	3.	Das Magestades.	Da Magestade.
74.	1.	32.	Sò tres.	Sò dous.
143.	1.	30. & seqq.	Porque nem o Evangelista, nem a Igreja olhá-rao nelle para quem as disse.	Porque nem o Evangelista, nem a Igreja olhá-rao nelle para quem pronunciou as palavras, senão para quem as disse.
173.	2.	4.	Sua propria misericordia.	Sua propria miseria.
223.	2.	10. & 11.	Se o que se reza he máo.	Se o que o reza he máo.
261.	2.	13. & 14.	Paraque o Corpo se tingisse.	Paraque o Cordão se tingisse.
269.	2.	penult. & ultim.	Tralohia alguns dias dobrado.	Tralohia alguns dias dobrado.
322.	1.	9. & 10.	Acudio à desesperação da mesma hora.	Acudio à desesperação na mesma hora.
519.	2.	21. & 22.	Não basta sò padecer com Christo.	Não basta sò padecer, mas he necessario padecer com Christo.
167. in fin.	2.	21. & 22.	Se não ha de contêtar cõ o nosso entendimento.	Se não ha de contêtar o nosso entendimêto.
172. in fin.	1.	17. & 18.	)	
Ibid.	2.	22.		
173. in fin.	2.	20. 25. & 31.	)	
174. in fin.	1.	11. 22. & 23.		
Ibid.	2.	15. 21. & 28.	)	
175. in fin.	1.	6. & 7.		
176. in fin.	1.	1. 3. 6. 7. 9. 11. & c.	Ruminar.	Rumiar.

ERRATAS deste Segundo Tomo do Rosario.

157.	2.	1.	Fô a de casa.	Fôra de casa.
162.	2.	5.	Como verte.	E como verte.
207.	2.	2.	Preservativa.	Preservativa.
271.	1.	5.	Nec horrea.	Nec hordea.
303.	1.	4.	Os cinco Mysterios.	Os Mysterios.
304.	1.	Penult. & ult.	Centum quadraginta.	Centum quinquaginta.
361.	2.	32. & 33.	Eaõ espiras.	Eaõ espias.

*Subo esta Emendação*



# S E R M A M

## X V I.

*Beatus venter, qui te portavit.* Luc. 11.

I.

**C**OM razaõ cõ-  
parou o seu E-  
vangelho a Di-  
vina Sabidoria  
de Christo a hum thesouro  
escondido no campo. Hũa  
coûsa he a que todos vem na  
superficie, outra a que se oc-  
ulta no interior da terra: &  
onde menos se imaginaõ as  
riquezas, alli estaõ deposita-  
das, & escõdidas. Naõ as des-  
cobre, quem mais cava, só  
as achou, quem teve maior  
ventura: & isto he o que me  
aconteceõ ( de que dou as  
graças á Virgem Santissima)  
com o presente Evangelho  
hoje. A occasiaõ porque fo-  
raõ ditas as palavras, q̃ prop-  
uz, foi aquelle famoso mi-  
Tom.6.

lagre, vulgarmente chamado  
do Demonio mudo: & neste  
caso, ao parecer tam diverso,  
nos deixou escrita o Evange-  
lista toda a Historia do Ro-  
fario, & seus progressos, &  
naõ por allegorias, ou meta-  
foras, senaõ propria, & lite-  
ralmente. Alli temos literal-  
mẽte a primeira origem des-  
te soberano invento: alli a  
guerra obstinada, q̃ logo lhe  
intentou fazer o Demonio:  
alli as vitorias, que por meyo  
delle alcançamos contra o  
inferno: & alli finalmente o  
panegirico, & louvores, que  
devemos a Christo, & sua  
bem dita Mãe, como Autora  
de tam grande obra: *Beatus* <sup>ibid.</sup>  
*venter, qui te portavit.*

2 No principio pois des-  
te Evangelho ( que he o Ca-

A pitulo

pitulo onze de S. Lucas) pe-  
dirão os Discipulos a Chris-  
to Senhor nosso, que os ensi-  
nasse a orar: *Domine, doce nos  
orare.* E o modo de orar, que  
o Divino Mestre lhes ensi-  
nou, foi a Oraçãõ do Padre  
nosso: *Et ait illis: cum oratis,  
dicite: Pater, sanctificetur no-  
men tuum: Adveniat Regnum  
tuum, &c.* Não he esta a pri-  
meira oraçãõ, que dizemos,  
quando rezamos o Rosario?  
Sim. Pois esta mesma, & nes-  
te mesmo dia, em que Chris-  
to a ensinou, foi a segunda,  
& ultima, com que se acabou  
de aperfeiçoar o Rosario. O  
Rosario começou na Ave  
Maria, quando o Anjo sau-  
dou a Virgem, dizendo: *Ave*  
*Luc. I. gratia plena: Dominus tecum.*  
E quando Christo ensinou o  
Padre-nosso, dizendo: *Pater,  
sanctificetur nomen tuum: Ad-  
veniat Regnum tuum:* entãõ  
acabou de se aperfeiçoar o  
mesmo Rosario: porque o  
Rosario não he outra cousa,  
senãõ hum modo de orar cõ-  
posto de Padre-nossos, & Ave-  
Marias. Lançados pois estes  
dous fundamentos do Rosa-  
rio, & aperfeiçoada nestas  
duas Orações a materia, a q̃

*Ibid. v.  
1. &  
seqq.*

*Luc. I.  
23.*

a Rainha dos Anjos, & Mãe  
do mesmo Christo depois  
deu a fôrma: que he o que  
succedéo no mesmo ponto?  
Caso verdadeiramente ma-  
ravilhoso, & mysterio profú-  
dissimo, mas não occulto, se-  
nãõ manifesto. No mesmo  
ponto, em que o Evangelista  
S. Lucas acabou de referir  
a Oraçãõ, que Christo ensi-  
nára, sem entrepor palavra  
algũa, continúa, dizendo: *Et  
erat Iesus ejiciens Dæmonium,  
& illud erat mutum:* que es-  
tava Christo lançando de hũ  
homẽ endemoninhado hum  
Dæmonio mudo: o qual Dæ-  
monio se chama mudo, por-  
que tinha emmudecido, &  
toihido a falla ao homem.  
Pois quando Christo acaba  
de ensinar o Padre-nosso:  
quando Christo acaba de sũ-  
dar o Rosario; entãõ (& só  
nesse caso, & em nenhum ou-  
tro) entãõ (& no mesmo pon-  
to sem merer tẽpo em meyo)  
entãõ trata o Dæmonio de  
emmudecer o Homem? Sim.  
Entãõ. E com consequencia  
não sãõ misteriosa, senãõ lite-  
ral. Porq̃ entãõ se vio o Dæ-  
monio perdido, reconhecẽ-  
do os poderes da oraçãõ, &  
de-

*Luc. II.  
14.*

devaçãõ do Rosario. Por isso quãdo Christo acaba de nos ensinar a orar; começa elle a se empenhar em nos emmudecer: Christo ensinandonos a rezar o Rosario, & o Demonio tolhendonos a falla, para que o não rezemos.

3 Porque cuidais, Senhores, que ha no mundo tantos homẽs com nome de Christãos, que não rézaõ o Rosario? Porque assim como o Demonio emmudecêo aquelle homem, assim os emmudece a elles. *Mutus est, qui in Dei laudes labia sua aperire nescit*: diz aqui Eusebio Emisseno. Todas as nossas oraçoẽs teme muito, & aborrece o Demonio; mas nenhũa persegue cõ tanto odio, como o Rosario. Lede as Historias Ecclesiasticas, & não só vereis quanto o Demonio perseguio sempre o Rosario, & o procurou tirar do mundo por meyo dos Hereses de todo genero, antigos, & modernos; mas entre os mesmos Catholicos achareis estupendos, & temerosos exemplos das traças, dos empenhos, das promessas, & da applicaçãõ de todo seu saber,

& poder, com que o Demonio tem apartado a muitos deste celestial exercicio. A quãtos desesperados pela pobreza offerecêo, & descobrio thesouros, mas com condiçãõ, de que não haviaõ de rezar o Rosario? A quãtos cegos do appetite sensual promettêo o fim de seus deshonestos amores, mas com condiçãõ, de que as Contas do Rosario, que levayaõ occultamente consigo, as haviaõ de lançar fõra? A quantos assegurou a vingança de seus inimigos, & que nos perigos da guerra, & das batalhas sahiriaõ com vida, & sem ferida, mas com condiçãõ, que primeiro se haviaõ de deixar defarmar daquella mesma insignia, que he o balteo da milicia do Ceo? Ha Autor grave, o qual afirma, q̃ para o Demonio servir, a quem delle se quer valer, o pacto tacito, ou expresso, de q̃ usa, saõ aquellas palavras de Sá. *Galar.* *Ejice ancillam, & filium e* <sup>4.30.</sup> *ra:* entendendo por ancilla, a Virgem na Ave Maria, & por seu Filho, a Christo no Padre-nosso. Atè aos mesmos devotos da Senhora, quando

*Autor  
Sinco-  
plidic.*

os não pôde apartar da sua devação, ao menos procura, que deixem o Rosario, & o troquem por outras orações, ou mais novas, ou menos vulgares, como muitos fazem. Finalmente (& este he o maior artil, & ténção de todas) faz, que os que rézaõ o Rosario, o rezem divertidos, & sem attençaõ: que he outro modo de emmudecer mais injurioso a Deos, como diz

*August.* São. Agustinho; porque em vez de fallarem com Deos, fallaõ com seus vaõs pensamentos.

4. E como os empenhos do Demonio em emmudecer os homẽs, mais neste genero de oraçaõ, que em nenhuma outra, se armaõ de todas suas artes, de todas suas astucias, & de todos seus poderes; esta he a razãõ, & o mysterio, porq̃ Christo no mesmo tempo, em que acabava de lançar os primeiros sũdametos ao Rosario, não se diz que lançou fóra o Demonio mudo, senãõ que o estava lançando: *Erat ejiciens Daemonũ, & illud erat mutum.* Notaia opposiçaõ de hum *erat* contra outro *erat*: *Erat ejiciens,*

*Ubi supra.*

*& erat mutum.* Tanta era a rebeldia, tanta a resistencia, tanta a obstinaçaõ do Demonio, em se não querer render à omnipotencia de Christo, & teimar em não desempedir a lingua do homem, que tinha emmudecido. E se o mesmo Christo multiplicando huns impulsos sobre outros se deteve tanto em obrar este milagre; não he muito, que nós tambem multipliquemos Sermões, & Discursos, pois impugnamos o mesmo Demonio, & tratamos de farar os mesmos mudos. O mudo do Evangelho finalmente fallou com grande admiraçaõ dos circunstantes: *Loquutus est mutus, & admirata sunt turba: & eu espero,* *Luc. II. 14.* que neste Sermão se ouvirã tambem fallar o mudo, não só com igual admiraçaõ, mas com assombro, & pasmo. Aquelle mudo fallou, mas não refere o Evangelista o q̃ disse: este ha de fallar, & dizer o q̃ nunca ouvistes. Elle he o que ha de prégar, & não Eu. E porque não he capaz de Graça, não a peçamos para elle, senãõ para nós. *Ave Maria, & c.*

## II.

**S**uspêtos vos considero na expectaçã do novo Prégador, que haveis de ouvir hoje: & agora acrescento, que he o mais sabio, o mais experimentado, & o mais eloquente, que nunca ouvistes. Os pontos, que ha de tratar, são tres, sobre outras tantas questões, mas não levantadas por elle, senão por outro Prégador, tambem grande, & pelo qual Deos nesta occasiã obrou outro milagre também do Demonio mudo, mas maior que o do mesmo Christo.

6 Huã das mais notaveis promessãs, que Christo fezaos que o seguiaõ, & lhe haviaõ de succeder neste mudo, foi, que não sã haviaõ de fazer obras tam grandes, & tam maravilhosas como as suas, senão ainda maiores: *Opera, que ego facio, faciet, & maiora faciet.* Tam generosa, & tam confiada como isto he a verdadeira, & soberana grandeza. Quem em tudo quer parecer maior, não he grande. Assim o promettõ o Senhor, & assim se cõ-

Tom. 6.

prio: porque deixando outros exemplos, S. Pedro dava faude aos enfermos sã cõ a sombra; o que Christo nunca fez: & convertendo Christo em tres annos sã quinhẽtas Almas, S. Pedro em hũ sã Sermaõ convertẽe cinco mil. Mas o que faz mais admiravel esta disposiçã da Providencia de Christo, he a razã della, que o mesmo Senhor declarou: *Maiora faciet: quia ego ad Patrem va.* *Ibidem.* Faraõ (diz) maiores obras que as minhas, porq̃ eu vou para o Padre. Christo, Redemptor nosso, tam poderoso era emquanto viveo na terra, como depois de subir ao Ceo, & estar assentado à dextra do Padre: pois se havia de conceder este tam grande privilegio aos homẽs, depois de se ausentar delles, & estar no Ceo; porque lho não cõcedẽo, quando vivia neste mundo? A razã em summa he; porque esta prerogativa tam singular, & relevante, de haverem de fazer os homẽs maiores obras que as do mesmo Christo, havianos de ser concedida em virtude dos Mysterios, & Orações do

A 3 Ro.

Rosario. E estas duas condições, nem da parte de Christo, nem da nossa, se podiaõ cumprir, nem ter effeito, antes de o mesmo Senhor por meyo da morte, & resurreiçãõ ir deste mūdo ao Padre: *Et maiora faciet: quia ad Patrem vado.*

7 Ouçamos ao Cardeal Caietano, que mais retumida, & mais nervosamēte que todos declarou a energia deste Porque: *Mirabilis apparet promissio, sed cessabit admiratio libratis subsequētibz conditionibus adjunctis.* Se vos parece admiravel huã tam grãde, & extraordinaria promessa; ponderai as condiçoēs seguintes, que o mesmo Senhor ajuntou, & logo cessará a admiraçãõ. E quacs sãõ estas condiçoēs? A primeira he a morte, & glorificaçãõ de Christo, significadas nas palavras, *Quia ad Patrem vado. Clauditur efficacia mortis eius, dicendo, Vado: per mortē enim ibat ad Patrem: & clauditur etiam glorificatio eius, dicendo, Ad Patrem: transire enim Iesum ex hoc mundo ad Patrem, est de statu mortali, & humili ad statum immorta-*

*litatis, gloria, & Regni ire. Hinc & meritum mortis eius, & tempus glorificationis eius significatur in causa, quod credentes in ipsum facerent hæc, & maiora.* Delorte que para os homēs fazerem maiores obras que as de Christo, a primeira cõdiçãõ, que necessariamente havia de preceder, era o merecimento de sua morte, & o tempo da sua glorificaçãõ: & estas mesmas eraõ a segunda, & terceira parte dos Mystérios do Rosario, que ainda faltavaõ para completẽto delle. Emquãto Christo vivia neste mūdo, naõ estava ainda cumprida, & inteirada mais que a primeira parte dos Mysterios do Rosario, que eraõ os Gozosos; faltavaõ os Dolorosos, q̃ se cūpriraõ na morte; & faltavaõ os Gloriosos, q̃ se cūpriraõ na Ascençãõ. E como Christo havia de cõceder este tam extraordinario privilegio aos homēs por meyo dos Mysterios do Rosario; por isso o naõ podia conceder nesta vida, & neste mundo, tenãõ depois que morresse, & subisse ao Padre: *Maiora faciet, quia ad Patrē vado.*

Esta

Caietanus in hunc locum.

8 Esta he a primeira cõdição da parte de Christo, q̄ são os Mysterios: a segunda qual he? He a outra da nossa parte, que são as Orações do mesmo Rosario. Assim continúa, & estende a sua razão o mesmo Christo sobre o mesmo Porque: *Quia ad Patrem vado. Et quodcumque petieritis Patrē in nomine meo, hoc faciam*: porque eu subo ao Padre. E porque elle vos ha de cõceder tudo o que em meu nome pedirdes. Excellẽtamente o já allegado Caetano: *Explicatur amplissima facultas impetrandi, non aliquid, sed omne, quod petierint. Ubi diligentius cerne, & nota conjunctionem, Et, jungentem hanc cause partem precedentem. Ita quòd continentur hæc verba sub illa conjunctiõne causali, Quia. Et significatur clarè per hoc, quòd ut credens in Iesum faciat hæc, & maiora, concurrunt ut causa, non solum quòd ego vado ad Patrem, sed quòd vos petatis. Quer dizer, q̄ debaixo do mesmo Quia, & do mesmo Porque, ajuntou Christo a segunda parte da razão, porq̄ os homẽs haviaõ de fazer maiores cou-*

ras do que elle tinha obrado: & deste modo vẽ a concluir o Senhor, que a dita razão, ou causa se cõpoem de duas condições, huã da parte do mesmo Christo, que são os Mysterios do Rosario, para cujo complemẽto foi necessario, que elle morresse, & subisse ao Padre: *Quia vado ad Patrem*: & outra da parte nossa, que são as Orações do mesmo Rosario, por meyo das quaes impetramos, & alcançamos do Padre, debaixo do nome de seu Filho, tudo o que pedimos: *Et quodcumque petieritis Patrē in nomine meo, hoc faciam*. Demaneira, que os Mysterios, & as Orações do Rosario, são as duas partes, de que se compoem o motivo, & razão total porque Christo concedeo aos homẽs o privilegio nõca imaginado de poderẽ fazer o que elle fez, & mais do que fez: conservando porẽm niffo mesmo a soberania propria, & a differença de Senhor a servos; porque Christo, como Senhor, obrava mandãdo, & os homẽs, como servos, haviaõ de obrar pedindo: *Et cum hoc declaratur e-*

Ioan. I 4  
13.

*tiam modus faciendi, nam ipse fecit imperando, credentibus autē in eum promittitur, quòd facient hac, & maiora, supplicando.*

9. Supposto pois que aos Mystérios, & Orações do Rosario foi particularmente concedida esta tam admiravel prerogativa; em que Pessoa, ou em que materia a podemos ver mais propriamente praticada, que na Pessoa do Grande Patriarcha S. Domingos, & no caso de outro Demonio tãbem mudo. Na Pessoa de S. Domingos, digo, que depois da Virgem Maria foi o primeiro Fundador, & o maior Propagador do Rosario: & no caso de outro Demonio mudo, o qual, não sò procurou de emmudecer hum homem, mas com effeito tinha posto perpetuo silencio a muitos, para q̃ não só não rezassem o Rosario, mas o desestimassem, & blasfemassem. O milagre, que ebrrou Christo no Demonio mudo, foi muito grande; mas o que obrou S. Domingos, em cumprimento da sua mesma promessa, foi muito maior.

Là fallou o mudo: *Loquutus est mutus*: mas não fallou o Demonio: cà fallou o mesmo Demonio, & não sò hum Demonio, mas muitos Demonios. Là não refere o Evangelista o que disse o mudo; tem duvida porque fallãdo não disse cousa de importancia: cà disserão os Demonios cousas tam importãtes, & de tanto pezo, que nenhũ homem as podia saber, nem dizer semelhantes. Là disse o mudo o que quiz: cà disserão os Demonios obrigados o q̃ não queriaõ. Là saindo o Demonio de hum, entrou em muitos, que foião os Escribas, & Fariséos, que blasfemáraõ o milagre: cà antes de shirem de hum corpo, muitos homẽs os lançáraõ de suas Almas. Là finalmẽte admirados os circunstantes, sò huã molher exclamou: *Ex-tollens vocem quãdam mulier*: cà não sò admirados, mas attonitos, & pasmados todos, forão muitos mil os que cõ vozes, que chegavão ao Ceo, louvavão, & engrandeciaõ a virtude, & poderes da Mãe de Deos, & de todo o coração se convertiaõ a elle. Mas

vamos já ao caso, & ouçamos o novo Prégador, com a atenção que elle saberà merecer.

## III.

**P** Régando em Carcafona, Cidade de França, o Glorioso S. Domingos, & prégando, como sempre costumava, a devação do Rosario, trouxera o lhe hum endemoninhado furiosissimo, o qual se despedaçava a sy mesmo; & posto q̄ vinha atado com cadeas de ferro, não havia quem o podesse domar, nem ter mão. Mas o Santo tinha outra cadea mais forte, & mais poderosa, que era o Rosario. Lançou o seu Rosario ao pescoço do miseravel homem, & o Demonio com grandes repugnancias, & vizagês, em que mostrava a nova força, de que se sentia opprimir, ficou domado. Agora entenderão os Doutos huã boa interpretação daquelle Anjo do Apocalypse, sobre que os Expositores antigos, & modernos se dividem em tantas opiniões. Diz S. João, que vio descer do Ceo hum An-

jo, o qual trazia na mão huã grande cadea, & que com ella prendéo, & atou aquella antiga Serpente, que enganou o genero humano, o qual por hum nome se chama Demonio, & por outro, Satanás: *Vi di Angelum descendentem de celo, habentem :::: catenam magnam in manu sua, & apprehendit Draconem, Serpentem antiquum, qui est Diabulus, & Satanus, & ligavit eum.* As outras palavras, que acresceta o Texto, pôde ser que nos sirvão, & as expliquemos de pois; o que só digo de presente, he, que este Anjo descido do Ceo, he o Apostolo da Virgem Maria S. Domingos; Varão por todas suas virtudes Angelico, & que a grande cadea, que do mesmo Ceo trouxe na mão, & com que prendéo a Serpente, & atou o Demonio, he o Rosario. Das mesmas Chronicas de S. Domingos, que em semelhantes casos são os melhores Expositores, o prova. Em hu Povo da Ilha de Evisa exorcizava hum filho do mesmo São huã mulher endemoninhada, & era o Demonio tam proteivo, tam

Apocal.  
20.1.2.

rebelde, & tam obstinado, q̄ a nenhuns esconjuros, nem oraçoẽs se rendia: rendeo-se porẽm finalmente â invoçaõ do Santissimo nome de Maria, & aos poderes insuperaveis do seu Rosario; mas com huã circumstancia muito notavel, a qual eu s̄o pondẽro em prova do que digo. Quando lançáraõ o Rosario ao peçoço da afflita molher, começou a gritar o Demonio: Tiremme essa cadea, que me abraza: Tiremme essa cadea, que me abraza. Já temos, que o Rosario he cadea, que ata o Demonio. Mas que seja cadea, q̄ o abraza, como pôde ser? Assim como os Anjos, quando estã na terra, trazẽ comsigo a sua gloria, assim os Demonios trazem tambem comsigo o seu inferno. Os Anjos trazem comsigo a sua gloria, porque em qualquer parte estã vendo a Deos; & os Demonios trazem comsigo o seu inferno, porque em qualquer parte estã ardendo naquelles incendios eternos. Pois se este Demonio estava ardendo em fogo, & em tal fogo, qual he o do inferno, como diz, que o abrazava a

cadea do Rosario? Põde haver fogo mais penetrante, mais forte, & mais abrazador, q̄ o do inferno? Sim. Estas novas chamas, & labaredas, saõ para os Demonios as Oraçoẽs dos Christãos. Assim o cõfessáraõ já antigamente os mesmos Demonios, & o refere Minucio Felix naquella sua famosa Apologia contra os Gentios: *Hac omnia sciunt plerique vestrum, ipsos Dæmones de semetipsis confiteri, quoties à nobis, & meritis verborum, & orationum incendijs è corporibus exiguntur.* Desorte, que mais queimaõ, & mais abrazaõ aos Demonios as Oraçoẽs do Rosario, que o mesmo fogo do inferno. E a razã natural he, porque do fogo do inferno vingãose, & aliviaõse com blasfemar de Deos: porẽm nas Oraçoẽs do Rosario cresce outro fogo maior, porque ouvem nellas os louvores de Deos. No inferno ouvẽ dizer: Maldito seja Christõ, & sua Mãe: no Rosario ouvem pelo contrario: *Benedicta tu in mulieribus, & benedictus fructus ventris tui:* & este he o fogo sobre fogo, &

Minucii Felix in Apolog. contra Gentes.

& o incendio sobre incêdio, que intoleravelmente os abraza. Assim como S. Miguel lançou no inferno aos Demonios, dizendo: *Quis sicut Deus?* assim S. Gabriel acrescentou, & acreseêta cada dia o inferno aos mesmos De<sup>o</sup> demonios, dizendo: *Ave gratia plena.* Estes são pois os fuzis de maior, & mais penetrante fogo, de q̄ se fórma a cadea do Rosário: & esta he a cadea, que S. Domingos trouxe do Ceo: & esta a com q̄ domou o Demonio, que lhe presentárao, que rompia, & desfazia todas as outras.

## III.

12 **S** Ofsegado pois o Demonio, & reduzido a estado de responder com este primeiro imperio do Rosário, que foi como exordio do Sermão; começou S. Domingos a levâtar as questões, & o Demonio ponto por pôto a responder a ellas. Era tal o ruido, que dentro no endemoninhado se ouvia de varias linguas, & confusas, & espantosas vozes, que bem mostravão, não ser hum só

Demonio, o que alli residia. Perguntoulhe pois o Santo, quantos erão, & qual tinha sido a causa porque entrárao naquelle homem? Estou certo, que ninguem espera, nem imagina qual podia ser a resposta. Respondérao, que elles erão quinze mil Demonios, & que todos por mandado de Deos atormentavão aquelle máo homem, por ser inimigo capital do Rosário de Maria, & desprezar, & desacreditar os Sermões, em q̄ o prégava Frey Domingos, & com seu exemplo, & fallas exhortações persuadir o mesmo desprezo a muitos, & impedir com isso sua conversão. Instou o Santo, & perguntou, porque erão quinze mil precisamente, nem mais, nê menos? Respondérao, que em reverencia dos quinze Mysterios do Rosário, & em vingança, & castigo da grande injuria, & afronta de Deos, com que aquelle homem os blasfemava: acreseêtando os mesmos Demonios, que tinhamo entrado nelle muito contra sua vontade, & conveniencia; por ser hum dos maiores Ministros do infer-

no, & q̄ mais favorecia suas partes, & os ajudava, sendo já muitas as Almas, que por seu meyo se tinhaõ condemnado. Este foy o primeiro ponto do Sermaõ, attonitos, assombra- dos, & temerosamente compungidos dentro em sy mes- mos, todos os que taes cou- las ouviaõ.

13 Não he maravilha, que tanta multidão de Demonios coubesse em tam estreita morada, como a de hũ corpo humano, porque são espiritos, & não occupaõ lugar; mas para atormentar hũ sò homem quinze mil Demonios? Se os homens foraõ quinze mil, hum Demonio sobejava, não sò para os mal- tratar, mas para os matar a todos. Não tinha maiores forças naturaes, o que no ex- ercito de Senacherib matou em huã noite cento, & oitenta & cinco mil homẽs. A que fim logo tanto estrondo, tanto aparato, tantas levas de Espiritos infernaes? Job, que bẽ lhe tinha tomado o pulso aos braços, diz, que não ha poder no mundo, que se lhe possa comparar: *Non est super terram potestas, que con-*

*paretur ei.* Hum sò Demonio era, o que teve licença, não absoluta, mas limitada, para provar com elle as forças, & depois dos estragos, que lhe fez nos gados, nos criados, nos filhos, na casa, olhai para o mesmo Job, & ouvi o que dizia. O corpo desde o pé até a cabeça era huã chaga viva, asquerosa, hedionda, & por fora, & por dẽtro, sem entrar nelle o Demonio, eraõ tam agudas, tam insoportaveis, & tam cõtinuas de dia, & de noite as dores, que obrigavaõ ao mesmo exemplar da pacien- cia a chamar pela morte, & amaldiçoar a hora, em q̄ nascera. Tempo virá (que ainda não está cumprido) em que se desfatem aquelles quatro Demonios, que S. Joã vio no Apocalypse: *Quibus datum est nocere terra, & mari.* E se para revolver todo o globo do mar, & da terra, & meter em confusaõ, & ruina tudo quãto nelle vive, bastaõ quatro Demonios, que fariaõ em tam estreito anfitreatro quinze mil Leoẽs desfata- dos, que assim lhe chama S. Pedro, mais fero cadahum que todas as feras? Se era para vin- gar

4. Reg.  
19.35.

Job. 41.  
24.

Apocal.  
7.2.

gar a injuria comettida contra os quinze Mysterios do Rosario nos quinze Padrenossos, não bastavão quinze Demonios? Se para defafrótar as cento & sincoêta Saudações Angelicas, impugnadas, & desprezadas nas cento & sincoenta Ave Marias, não bastava, que elles tambẽ fossem cento & sincoêta?

14 A nós parecernosha q̃ sim, mas não o julgou, nẽ o sentenciou assim Deos. Quiz, q̃ nos desagravos do Rosario fosse tam excessivo o numero dos ministros de sua justiça; para que na mesma multidão dos executores se manifestasse tanto a grãdeza da offensa, como a dignidade do offêdido. Chegou Deos (vede o q̃ digo) chegou Deos a fazer em defenſa da honra do Rosario, o que nunca fez, nem faria para defender a sua. E atrevome a dizer, o que não faria; porque o Christo faria no maior perigo da sua honra, & vida, para a defender, elle mesmo o declarou, & não he tanto. Quando S. Pedro quiz defender a Christo no Horto, mandoulhe o Senhor que embai-

nhasse a espada: & a razão, cõ q̃ o fofsegou, foi esta: *An putas, quia non possum rogare* <sup>Matth.</sup> *Patrem meum, & exhibebit mihi modò plusquam duodecim Legiones Angelorũ?* Não sabes, que se eu me quizesse defender, posso pedir soccoro a meu Padre, & elle me mandaria logo mais de doze Legioẽs de Anjos? Repara neste numero, que he muito digno de reparo. Assim como o Senhor disse doze Legioẽs de Anjos, assim poderá dizer, doze mil Legioẽs, porq̃ os Anjos são innumeraveis: pois, porque disse doze Legioẽs determinadamente? Porque com este numero de Espiritos Angelicos ficava largamente encarecido o grande empenho, que o Padre faria para defender a honra, & vida de seu Filho, & o mesmo Filho a sua. A Cohorte de Soldados Romanos, que vieraõ prender a Christo, cõstava de mil Soldados: & que partido podiaõ ter, diz S. Chrystomo, contra doze Legioẽs de Anjos mil homens? *Quid facerent duodecim Legiones Angelorum in mille viros?* Bastavaõ sobre todo

todo o encarcimento doze Anjos, quanto mais doze Legioes. Computalme agora o numero das doze Legioes dos Anjos naquelle caso, com o dos quinze mil Demonios no nosso. Cada Legião Romana constava de seis mil, seis centos, & sessenta, & seis Soldados: com que doze Legioes de Anjos vem a montar oitenta mil Anjos: os quaes repartidos, & contrapostos aos mil Soldados, q̄ vierão prēder a Christo, vem a caber oitenta Anjos para cada homem. E quando na mais encarecida supposiçãõ tudo o que o Eterno Padre faria para defender a honra, & vida de seu Filho, & Christo para defender a sua, era oppor a cada homem oitenta Anjos; o que fez o mesmo Padre, & o mesmo Filho para defender a honra, & estabelecer a cõservaçãõ do Rosario, foi meter dentro em hum sò homem quinze mil Demonios.

15 As forças, & poder natural dos Demonios, he igual ao dos Anjos: mas porque foraõ neste caso, naõ Anjos, senaõ Demonios, os que

armou, & mandou Deos em defenõsa do Rosario? Porque assim como quiz acreditar o Rosario no defagravo de suas injurias, assim quiz atemorizar os homẽs no castigo de suas offensas. Quando Dathan, & Abiron fizeraõ scisma no Povo, & se rebellaraõ contra Moyses pela instituiçãõ, & publicaçãõ do Summo Sacerdocio; fallou o mesmo Moyses ao Povo desta maneira: Se o castigo, com q̄ Deos castigar estes rebeldes, for algum dos castigos, com que ordinariamente costuma castigar os homẽs, naõ me deis credito: *Sin autem novam rem fecerit Dominus, ut aperiens terra os suum, deglutiat eos :: descenderintque viventes in infernum; scietis, quòd blasphemaverint Dominum:* porẽm se Deos executar nelles hum castigo extraordinario, & tam prodigioso, que a terra os trague, & defaçãõ vivos ao inferno, entãõ entendereis sem duvida, que blasfemaraõ a Deos no que disseraõ. O mesmo succedeo no nosso caso. Rebellouse contra a pręgaçãõ de S. Domingos aquelle Herege, disse

Num. 16.30.

mui-

muitas blasfemias contra a devaçãõ do Rosario, fez scisma no Povo, levou a poz sy grande parte delle: & esta foi a culpa porque Deos o castigou com hum tam extraordinario, & temeroso castigo, naõ o entregando a hum sãõ Demonio, mas com prodigio nõca visto, a quinze mil. Tendo comettido hũ Christãõ da Primitiva Igreja hum peccado enorme, consultou S. Paulo a Congregaçãõ dos Corinthios, donde elle era, sobre o modo, com que devia ser castigado exemplarmente para terror dos demais: & qual vos parece, que seria o castigo? Naõ o condenou a morte, como S. Pedro a Ananias, & Safira; mas com a authoridade suprema, que tinha de Christo, julgou que fosse entregue a hũ Demonio, para que vivo o atormentasse: *Congregatis vobis, & meo spiritu, cũ virtute Domini nostri Iesu, judicavi tradere huiusmodi Satanae.* E se para atemorizar toda a Igreja cõ o castigo mais exẽplar, & tremendo, naõ se achou outro algoz mais cruel, nem se inventou outro tormento

mais temeroso, que entregar hum homem a hum Demonio: q̃ temor, & horror causarã agora este, entregue por sentença do mesmo Christo a quinze mil Demonios? A circumstancia mais prodigiosa no castigo de Dathan, & Abiron, foi, que a ordem do inferno se trocasse nelles, & q̃ descesse ao inferno vivos, onde os outros homẽs naõ vãõ senaõ depois de mortos. E a mesma circumstancia de rigor, por outro modo naõ menos temeroso, executou a Justiça Divina neste inimigo, & perseguidor do Rosario; porque o naõ mandou a elle ao inferno, senaõ que todo o inferno entrasse nelle. Que cousa era hum homem com quinze mil Demonios dentro em sy, senaõ hum inferno vivo, naõ occulto, & invisivel no centro, senaõ publico, & manifesto sobre a face da terra? He provavel, que no inferno a cada condemnado atormenta sãmẽte o seu Demonio tentador, a quem obedeceõ, & servio na vida. Hum homem porẽm condemnado a que o atormentassem quioze mil Demonios, vede, que inferno

1. Cor. 5.  
3. 4. 5.

ferno seria o seu? Se os Demonios, que não estavam ociosos, repartirão entre sy aquella corpo, quaes seriaõ os tormentos, que padeceria em cada minima parte? E setodos o atormentavão todo, quem poderá conceber, nem imaginar a immensidade de hum tormento diabolico, & infernal, quinze mil vezes duplicado? Mas assim castiga Deos a vista de todo o mundo hum inimigo do Rosario, para que conheçaõ o seu estado, & temaõ, & tremaõ do seu perigo, os que o não rezão, que são os mudos.

16 Estou vendo porèm, que o mesmo Demonio mudo os anima, & consola, & ainda desculpa: & que está dizendo dentro em sy: Eu, posto que não seja devoto do Rosario, não o persigo, nem sou seu inimigo. Enganaivos. A devaçãõ do Rosario não admite neutralidades: se o rezais, sois amigo; se o não rezais, inimigo. He doutrina, & sentença, não menos q do mesmo Christo neste mesmo Evangelho: *Qui non est mecum, contra me est*: todo o que não está comigo, he con-

Luc. II.  
23.

tra mim. Como pôde ser amigo de Christo, quem não quer meditar seus Mystérios? E como pôde ser devoto de sua Mãe, quem a não quer saudar muitas vezes? Mas passemos ao segundo ponto.

## V.

17 **A** Segunda questãõ, que levãtou S. Domingos, & a outra pergunta, que fez aos Demonios, foi esta. Quaes eraõ entre todos os Christãos, os que mais se condemnavaõ? E se dos seus companheiros, & dos de seu Irmão Francisco havia tambẽ alguns no inferno? Quanto a primeira parte respondéraõ a multidaõ dos Demonios na voz de hum, que fallava por todos, desta maneira: Dos nobres, dos poderosos, dos ricos, & regalados, assim homens, como mulheres, temos grande numero: porque a soberba, a ambiçaõ, a enveja, a vaidade, o luxo, os deleites da carne, & os outros vicios, que cõ estes se acompanhaõ, em que continhaõ sem arrependimento, nem emenda até a morte, & os danos, que

fa-

fazem com seu poder aos pe-  
 quenos, que raramente, ou  
 nunca restituê, os levaõ quasi  
 todos ao inferno. Porém da  
 gente popular, & humilde, &  
 dos rusticos do campo em  
 respeito deste grande nume-  
 ro, saõ muito poucos os que  
 se condenaõ; porque ainda q̃  
 naõ sejaõ Sãtos, a sua pobre-  
 za, & o trabalho de suas  
 mãos, com que sustentaõ a  
 vida, & lhe leva todo o cui-  
 dado, os livraõ de muitos  
 peccados, & dos mais graves,  
 em que he facil a penitencia.  
 E quãto aos teus Cõpanhei-  
 ros, & de teu Irmão Franci-  
 sco, confessamos, que atègora  
 nenhum temos comnosco,  
 mas esperamos, por meyo de  
 nossas industrias, que pouco  
 a pouco se iraõ esquecendo  
 de suas obrigações alguns  
 delles, & virãõ, como os de-  
 mais, a nossas mãos. Com es-  
 ta clarèza falláraõ os Demo-  
 nios para grande confusaõ  
 minha, & de outros, que so-  
 brem a este lugar, a quem tam-  
 bem tenta, & engana o De-  
 monio mudo, pois calamos  
 (naõ sei porque) o que só de-  
 veramos dizer, & bradar: *Va*  
*Isai. 6. s mibi, quia tacui, quia vir pol-*

*lulus labijs ego sum.*

18 Em summa, Senho-  
 res Christãos, que os gran-  
 des, os nobres, os ricos, os  
 poderosos, não entre os Gen-  
 tios, senão entre nós, saõ os  
 que mais se condenaõ. Já nos  
 não podemos queixar, como  
 o Rico Avarento, de q̃ não  
 viesse a este mûdo hum Pré-  
 gador do inferno, que referis-  
 se o que lá passa, pois Deos  
 mãdeu nesta occasiã quin-  
 ze mil Prégadores do infer-  
 no, em confirmação do que  
 prégava hum Prégador da  
 terra. Oh cegueira! Oh mise-  
 ria! Oh frieza, & esquecimẽ-  
 to da Fé! De sorte, q̃ as gran-  
 dezias, as nobrezias, as rique-  
 zas, que tanto procurãõ, os  
 que saõ, ou dezejaõ ser po-  
 derosos, & o fim porque de-  
 zejaõ os mesmos poderes, es-  
 tes saõ os meyo certos, por  
 onde negoceaõ, & sollicitãõ  
 sua condenação, os que neste  
 mundo se tem por maiores,  
 & melhores que os demais.  
 Os outros requerem diante  
 delles, & ellès saõ perpetuos  
 requerentes do seu proprio  
 inferno, & quanto mais bem  
 despachados, tanto mais mo-  
 finos. Tam cegos porém cõ

o fumo desta vaidade, & tam-  
 saboreados deste enganoso  
 veneno, que não só vivem a-  
 legres, & contêtes na sua mi-  
 seria, & dão graças â sua for-  
 tuna; mas desprezão, & tem  
 por vil a dos que elles com a  
 falsa voz do mundo chamão  
 gente de baixa condição: sen-  
 do estes, aquelles verdadeira-  
 mente Bemaventurados, a  
 quem Christo promettéo o  
 Reyno do Ceo. Isto mesmo,  
 que aqui prégáraõ os Demo-  
 nios, he o que prégou, & en-  
 sinou Jesu Christo Não cha-  
 mou Bemaveturados os grã-  
 des, senão os pequenos: não  
 os ricos, senão os pobres:  
 não os que rim, senão os que  
 chorão: não os abundantes,  
 & fartos, senão os famintos:  
 não os que passãõ a vida em  
 prazeres, & delicias, senão os  
 que padecem: não os estima-  
 dos, & adorados, senão os  
 desprezados, & perseguidos.  
 Que muito logo, que dos que  
 em tudo seguem, amão, es-  
 timão, professão, & idolátrão  
 o contrario, esteja cheio o in-  
 ferno, & sejaõ muito poucos  
 os que se salvão? Já que não  
 somos Christãos pela Fé de  
 Christo, porque o não sere-

mos ao menos pelos desen-  
 ganos do Demonio?

19 Ouçamos a S. Paulo,  
 & se queremos entender bem  
 este ponto, entendamos, que  
 falla connosco: *Videte voca-* <sup>1. Cor. I.</sup>  
*tionem vestram, fratres, quia* <sup>26.</sup>  
*non multi sapientes secundum*  
*carnem, non multi potêtes, non*  
*multi nobiles.* Escrevia S. Pau-  
 lo aos Corinthios, cuja Re-  
 publica na sciencia politica,  
 na grandeza, na nobreza, na  
 riqueza, & no luxo, & fausto  
 dos Poderosos, competia cõ  
 Roma, & se chamava a Ro-  
 ma da Grecia: & para que es-  
 ta pompa exterior da fortu-  
 na os não enganasse, & des-  
 vanecesse, como costuma;  
 mandalhe o Apostolo, que a-  
 brão os olhos, & que os po-  
 nhão: em que? Não na in-  
 constância, & pouca duração  
 de tudo o que resplandece, &  
 parece grande no mundo, se-  
 não na sua vocação: *Videte* <sup>Ibidem.</sup>  
*vocationem vestram.* A voca-  
 ção dos Corinthios era a da  
 Fé, & do Christianismo, a q̃  
 Deos os tinha chamado, &  
 elles tinhão recebido. E nes-  
 ta vocação, que he o que ha-  
 vião de advertir, & notar?  
 Couza admiravel! Que não  
 cha-

chamára Deos a ella, nem a muitos sabios segundo a carne, que são os politicos, nem a muitos poderosos, nem a muitos nobres: *Quia non multi sapientes secundum carnem, non multi potētes, nō multi nobiles.* Gloriēse agora lá os poderosos, & os nobres, & desprezem os q̄ o não são. De todos os homēs são muitos os chamados, & poucos os escolhidos: dos nobres, & poderosos não só são poucos os escolhidos, senão poucos os chamados: *Videte vocacionem vestram, non multi potentes, non multi nobiles.* Que-reis saber quam poucos são? Christo, Senhor nosso, como já dissemos, convertéo neste mundo quinhentos Discipulos, poucos mais: assim o diz, & os conta nesta mesma Epistola o mesmo S. Paulo: *Visus est plusquam quingentis fratribus:* & destes quinhentos convertidos, que seguiaõ a Escola de Christo, quantos erãõ os nobres, & poderosos? Couza mais admiravel ainda. Apenas achareis hum para cada cento. Hum Capitaõ, q̄ era Joseph: hum Senador, que era Nicodemus: hum Fidal-

go, q̄ era Lazaro: hum Regulo, que era o Cafarnaita: & para chegar a encher o numero, he necessario que entre tambem Zachéo com o seu dinheiro, que ainda naquelle tempo não era fidalguia. Demancira, que da nobreza tam desvanecida, de cada cento, hum; & da plebe humilde, & desprezada, de cada cento, noventa & nove.

20 E qual he a razaõ desta differença? A primeira, & mais visivel, he a q̄ derãõ os Demonios. Porque os grandes, & poderosos tem muita materia, & muita liberdade para os vicios; os pequenos, & q̄ pouco podem, ou pouca, ou nenhũa. Donde se segue, que os grandes vão ao inferno, porque podem; & os pequenos vão ao Ceo, a mais não poder; porque se elles poderaõ, tambem haviaõ de fazer como os demais. Poder fazer mal, & não o fazer, he milagre da Graça, q̄ ella faz poucas vezes: *Qui potuit* Eccles. 31.9.10 *transgredi, & non est transgressus: & facere mala, & non fecit. Quis est hic, & laudabimus eum? Fecit enim mirabilia in vita sua.* Assim, que os

grandes vão ao inferno, pelas acções do que podem, & os pequenos ao Ceo, pelas omissões do que não podem. Esta he a razaõ mais publica. A mais occulta, & mais alta, he porque esta mesma impotencia dos pequenos, & populares, he effeito da sua predestinação.

21 Seguia todo o Povo a Christo: & para impedir estes concursos, & applausos, mal sofridos de seus emulos, os Principes dos Sacerdotes, mandáraõ elles bom numero de Ministros, que fossẽm prender ao Senhor: forãõ, mas com successo tam encõrrado, que em vez de prenderem, ficáraõ prezos. Tornando pois sem a dezejada preza; perguntáraõlhe os Põtifices, & Fariseos: *Quare non adduxistis illum?* Porque o não prendestes? *Responderũt ministri: Nunquam sic loquutus est homo:* não õ prẽdemos, porque o ouvimos: & nunca ouve homem, que fallasse como este. Bemdito seja Deos, que já ouve Ministros, q̃ perdoassem a hum Prẽgador por fallar bem! Mas eraõ Ministros inferiores, Ouçamos a-

Ioan. 7.  
16.

*Quare non adduxistis illum? Porque o não prendestes? Responderũt ministri: Nunquam sic loquutus est homo: não õ prẽdemos, porque o ouvimos: & nunca ouve homem, que fallasse como este. Bemdito seja Deos, que já ouve Ministros, q̃ perdoassem a hum Prẽgador por fallar bem! Mas eraõ Ministros inferiores, Ouçamos a-*

gora o que instáraõ, & repliçáraõ os Supremos: *Nunquid & vos seduẽti estis? Nunquid ex Principibus aliquis credit in eum, aut ex Pharisais? Sed turba hæc, que non novit Legem.* Basta, que tãbem vós vos deixais enganar? Por vẽtura a esse homem seguio algum dos Principes, & dos Grandes? Não. Os que o seguem, & crem nelle, he a gẽte do Povo, baixa, & rude. Logo esse homem não he o Messias. Assim argumentavaõ, & inferiaõ contra Christo, como emulos, & inimigos, devendo inferir contra sy, & desenganarse como prudentes. Em semelhante caso de huns, que repudiáraõ a Christo, & outros, que abraçáraõ a sua Fé, diz S. Lucas: *Et crediderunt, quotquot erant preordinati ad vitam aternã:* & creraõ nelle, todos os que eraõ predestinados para a vida eterna. Esta he a verdadeira consequencia, que deviaõ inferir os Principes, & Grãdes da Synagoga. Nós os Principes, & Grandes, não aceitamos a doutrina de Christo, nem o seguimos, & o Povo sim. Logo o Povo he o pre-

Aã. 13.

48.

predestinado, & nós não.

22 Esta Theologia não será muito agradável aos ouvidos costumados ás lizonjas alheias, & também á propria; mas he o mero espirito do Evangelho, & a summa de toda a doutrina de Christo. Não porque sempre, & necessariamente haja de ser assim; mas porque as mais vezes, & pelo cômun da Providencia Divina, he effeito, & sinal da predestinação, fazer Deos pequenos, & de humilde condição, & não Grãdes, & Poderosos, aos q̄ quer salvar. E se quereis ver com os olhos a razão fundamental, & divina desta Providencia, olhai para a vida de Christo. Christo he a causa exemplar de todos os predestinados: *Quos præsçivit, & præsçinavit conformes fieri imaginis Filij sui*. E qual foi o estado, q̄ Christo esco héo neste mundo? O de pobre, o de humilde, o da condição infima, & plebea, querendo o Filho de Deos ser reputado por Filho de hũ official:

Matth.  
13. 55.

*Fabri filius* : & ajudando a ganhar o pão com o trabalho de suas mãos, & o suor do seu

rosto. Logo o que veste a farras no monte, o que rompe a terra com o arado no campo, o que maneja a serra, ou outro instrumento mecano no povoado, esta genie humilde, & popular, são os que Deos comumente predestinou para no Ceo libertar a fortuna. Vedeo nas acçoẽs, ou affectos deste mesmo Evangelho. Ouve quem admirou, ouve quẽ louvou, ouve quem blasfemou o milagre: mas quaes forão hũs; & outros? Os que blasfemáraõ, forão só os Grandes, & Poderosos, os Escribas, & Fariseos: os que admiráraõ, & louváraõ, todos forão do Povo. Os que admiráraõ, do Povo: *Admirata sunt turbae*: os que louváraõ, ou a que louvou, do Povo: *Extollens vocem quadam mulier de turba*.

23 Oh quanto se enganou no que esperou, ou presumio de nós S. Joã Bautista. Não estranheis a palavra. Os Profetas erã Profetas; & Prégadores juntamente: como Profetas diziã o que havia de ser; como Prégadores diziã o que era bem que fosse:

fesse: & no successo disto se podião enganar. Assim se enganou commosco o Bautista. Cuidou, que tão que os homens vissem a Deos feito pequeno, não havia de haver quem quizesse ser grande, & que haviaõ de contender a quem havia de ser menor q̄ todos, assim como hoje contendem a qual ha de ser ma-

*Luc. 3.5* *ior: Omnis vallis implebitur: & omnis mons, & collis humiliabitur.* Tanto que Deos apparecer no mūdo tam pequeno como hum Cordeiro, como eu o hey de mostrar com o dedo, os montes, & os oiteiros se haõ de abater, & derubar por sy mesmos, & encher os valles, & não ha de haver altos, & baixos na terra, tudo ha de ser igual. E q̄ montes, & oiteiros são estes? Os montes são os da primeira nobreza, & do primeiro poder; os oiteiros são os da segunda. E posto q̄ na Christandade temos exemplos de alguns, que voluntariamente se abatêraõ, os demais estãõ tam fóra disso, & os meismos valles tambem: que os valles aspirãõ a ser oiteiros, & os oiteiros a ser montes, &

os montes a ser Olimpos, & exceder as nuvês. Mas nem por isso estãõ mais perto do Ceo, senão muito mais longe. O Bautista disse: *Omnis mons, & collis*: fallando de todos: & por isso se enganou nas suas esperanças.

## VI.

24 **A** Terceira, & ultima questaõ, q̄ excitou S. Domingos, foi perguntar, & mãdar aos Demonios, que dissessem publicamente, se tudo o que elle pregava da devaçãõ do Rosario era verdade: & qual era no Ceo o Santo, a quem elles mais temessem, & a quem os homens mais se deviãõ encõmmendar, glorificar, amar, & honrar. Ouvindo esta pergunta todos os quinze mil Demonios, levantãõ taes clamores, & fizeram taes allaridos, q̄ muitos dos circunstantes assombrados cahiraõ em terra de pavor, & espanto. Mas não foi esta só a demonstraçãõ da sua grande repugnancia, & sentimento. Lançaõse aos pés do Santo, & rogaõlhe, q̄ se contente, de que lhe descubraõ

cubirão aquellas cousas à parte, & só a elle em segredo, mas de nenhum modo em publico, & em presença de tanta multidão de gente. Vê-céo porèm esta grande resistência a Oração de S. Domingos, & por imperio da mesma Mãe de Deos forão constrãgidos os Demonios a responder, & confessar a verdade publicamête, & em altas vozes, que fossem ouvidas de todos.

25 Primeiramente ralhando, & mordendo muitas vezes a lingua do endemoninhado, disserão, que a maior, & mais poderosa inimiga, q̄ tinham no Ceo, era Maria a Mãe de Deos, que de lá os lançára. Ella he (dizem) a que como luz desfaz as trevas de nossos enganos: ella a que destrue, & converte em nada todas as nossas machinas, & intentos: & se não fora pela protecção, vigilancia, & dominio, com q̄ reprime nossas potêcia, & desbarata nossas traças; já tiveramos destruido a Christandade, & enganado, & prevertido a maior parte dos Estados da Igreja. Val mais hum suspiro,

hum aceno, & qualquer significação da sua vontade diante do trono de Deos, que as orações, & petições de todas as Gerarchias dos Anjos, & todos os Santos juntos. E pois somos forçados muito a nosso pesar a vos descobrir este segredo, sabei, Christãos, que nenhum dos que perseverão fielmente na devação, & serviço desta Senhora, se condena: porque, ou antes da morte lhe alcança verdadeira contrição, & arrependimento de seus peccados, ou ainda depois de mortos, & quando já os temos em nossas mãos, podendo mais a sua valia que o nosso direito, os livra por varios modos de irê ao inferno. Assim que tudo o que vos préga, & ensina Frey Domingos, he verdade: & pela experiencia, que já temos, vos seja notorio a todos, que nenhum devoto do Rosario, que continuar, & perseverar firmemente nesta devação da Mãe de Deos, se condenará.

26 Isto he o que disse a hũa voz toda aquella multidão de Demonios, os quaes, posto que sejaõ pays da mentira, & não mereçaõ credito;

B4 quando

quando porèm fallaõ mandados, & obrigados por Deos (como neste caso) não dizem o que voluntaria, & maliciosamente fingirlaõ, senaõ o q̄ certa, & verdadeiramente he, como instrumentos, posto q̄ forçados, da Verdade Divina. Quanto mais, que tudo o q̄ aqui affirmáraõ, ou prégáraõ os Demonios, he conforme a Sagrada Escriitura, & doutrina dos Santos. Disseraõ, que a maior inimiga, que tinhaõ, he a Virgem Maria: & esta verdade he parte da mesma sentença, que ouviraõ da boca de Deos, quando por boca da Serpente enganáraõ os primeiros homẽs: *Inimicitias ponam inter te, & mulierem*: Porei inimizades entre ti, & a molher. Para a sentença ser mais rigorosa, & a execuçaõ della mais temida, parece q̄ não havia de dizer, entre ti, & a molher; senaõ, entre ti, & o homem. Porque não diz logo Deos, que porá as inimizades entre a Serpente, & o homem, senaõ entre a Serpente, & a molher: *Inter te, & mulierem*? Porq̄ esta molher era, & havia de ser, Maria; & Maria, a Mãe de Deos, he a

maior, & mais poderosa inimiga, que tem, & temem os Demonios, como elles mesmos confessaõ. Se a molher, de que fallava, fora outra, entãõ diria Deos: porei as inimizades entre ti, & o homẽ; porque os homẽs saõ, os que mataõ as serpentes, & as molheres fogem dellas. Mas esta molher, mais que homem, era tam differente das outras, & havia de ser tam temida das serpentes, & dos Demonios, como na segunda parte da sentença lhe notificou o mesmo Deos: *Tu insidiaberis calcaneo ejus. Ipsa conteret caput tuum*. Será tam grande o medo, q̄ terás desta molher, que já mais te atreverás contra ella de rosto a rosto. Isto quer dizer: *Insidiaberis calcaneo ejus*. Aa traiçaõ, & por si-lada, abrirás, quando muito, contra ella a boca, como fazes pelas dos Herages, mas nunca a poderás morder: tuas seraõ as traiçoẽs, mas suas as vitorias: tu machinarás na cabeça astuta como serpente; mas ella te meterá a cabeça debaixo dos pés: *Ipsa conteret caput tuum*. Vede, se falláraõ verdade, & verdade canonica

Genes. 3.  
15.

*Ibidem.*

nonica, os Demonios?

27 Diferão mais, que basta qualquer significação da vontade de Maria, para q̄ Deos faça prontamente quãto ella quer. Não fora Deos seu Filho, se ássim o não fizera. Por isso a poz como Rainha do Ceo, da terra, & do inferno, á sua mão direita:

*Psal.*  
44. 10.

*Astitit Regina á dextris tuis.* Entrou em Palacio Bersabé, mãy del Rey Salamaõ, & diz o Texto Sagrado, que descêdoso o Rey do seu trono, á sahio a receber com grande reverencia, & lhe mãdou pór outro trono á mão direita, em que se assentasse: *Surrexit Rex in occursum ejus, adoravitque eam: postusque est thronus matri Regis, qua sedit ad dexteram ejus.* Toda esta, nem mais, nem menos, he a historia da Mãy de Deos no magestoso recebimento, com q̄ entrou no Ceo, & no trono, & supremo lugar, que lá tem á mão direita de seu Filho. E como Bersabé disse a Salamaõ, que tinha hũa petição que lhe fazer: que respõderia o Sapiētissimo Rey?

3 Reg 2  
19.

*Pete, mater mea: neque enim fas est, ut avertam faciem tuã.*

*Ibid.* 20.

Pedi, mãy minha; porq̄ não he licito, que eu vos negue couza algũa, q̄ me pedirdes. Não he licito, disse o Rey mais Sabio, & maior Jurisconsulto do mundo: porque negar hum filho a sua mãy o que lhe pedisse, seria contra a Ley natural, da qual não estáo izentas as maiores Magestades. E depois que Deos teve Mãy, tem tambem lugar esta regra em Deos? Tambẽ, diz S. Gregorio Nicomediense, fallando com a mesma Senhora: *Tuam enim gloriam Creator existimans esse propriam, & tanquam Filius ea exultans, quasi solvens debitum implet petitiones.* Não se izêta a suprema soberania do Criador de pagar este tributo de obsequio a sua Mãy, antes se preza, & gloria tanto de fazer quanto lhe pede como Filho, que não despacha as suas petições como graça, senão como divida: *Quasi solvens debitum implet petitiones.* Alta, & verdadeiramente ditto! Quando Deos despacha as petições dos outros Santos, he graça, porque faz o que pôde, porq̄ quer: quando despacha as de sua Mãy,

he

*Greg.  
Nicom.  
med.  
orat. de  
oblat.  
Virg.  
Despara.*

he justiça, porque faz o que não pôde deixar de querer, porque paga o que deve. E daqui infere o mesmo Santo, que os rogos de Maria para com Deos, são imperios, as petições são decretos, as execuções obediencias: *Nihil tua resistit potentia, nihil repugnat tuis viribus, omnia cedunt tuo jussui, omnia tibi obediunt imperio, omnia tua potestati seruiunt.* Isto he o q̄ dizem os Santos, & isto o q̄ confessáraõ os Demonios.

28 Só huã cousa das q̄ differaõ, parece difficultosa: & he, affirmarem com tanta asseveraçaõ, que nenhum devoto da Virgẽ Maria, se peffevera na sua devaçaõ, se cõdena. Se nos quereriaõ os Demonios enganar com esta grande confiança? He certo, & certissimo, segundo o insaciavel dezejo q̄ tem de nossa perdiçaõ, que assim o fariaõ, se podessem; mas como fallavaõ obrigados, & constrangidos por Deos, differaõ muito a seu pesar, o que não podéraõ negar. Ouçamos purificado pela boca dos Santos, o mesmo que as venenozas dos Demonios vomitáraõ

forçadas. São Anselmo, tam *Anselm.* devoto da Senhora, como allumiado do Ceo, diz esta sentença notavel, mas recebida, & approvada de todos os Theologos: *Sicut, ò Beatissima Virgo, omnis à te aversus, & despectus, necesse est, ut intereat: ita omnis ad te conversus, & à te respectus, impossibile est, ut percat.* Quee dizer. Assim como todo aquelle, que se aparta de vós, ò Beatissima Virgem, & por isso se faz indigno de vossa protecçaõ, & emparo, necessariamente se condena: assim todo aquelle, que se converte a vós, & se faz digno de q̄ ponhais nelle os olhos de vossa misericordia, & piedade, impossivel he que se perca. O mesmo dizem fallando pelos mesmos termos de salvaçaõ, & condenaçaõ, entre os Padres Gregos, S. Germano, S. Efrem, S. Epifanio, & entre os Latinos, S. Pedro Damiano, S. Boaventura, S. Bernardino: o qual declara o modo destes dous impossiveis, com huã, não sô comparaçaõ, mas figura da mesma Senhora, tam elegante, como eyidete: *Arca Noe significavit*

D. Ger-  
man.  
D. E-  
frem.  
D. Epi-  
phan.  
D. Petr.  
Damian.  
D. Bo-  
navent.  
D. Ber-  
nard. in  
Psalm.

Qui ha-  
bitat, ci-  
tat. à  
Salm-  
rone  
rom. 6.  
traç. 28.

*excellentiam Maria. Illam  
Noe, ut diluuium evaderet,  
fabricavit: istam Christus, ut  
humanum genus redimeret,  
preparavit. Per illam ceto  
tantum anima salvantur: per  
istam omnes ad eternam vitam  
vocantur.* Na Arca de Noé  
foi significada a excellencia  
de Maria ( diz S. Bernardo.)  
Aquella fabricada por Noé,  
esta por Christo: aquella pa-  
ra se salvarem então os pou-  
cos, que conserváraõ a vida  
temporal: esta para se salva-  
rem depois todos os que al-  
canção a vida eterna. Notai  
agora a propriedade da seme-  
lhança, que não póde ser ma-  
ior, nem mais adequada. No  
diluvio de Noé todos os que  
estiveraõ dentro na Arca, se  
salváraõ, & todos os que fi-  
cáraõ fóra, se perdêião: & cõ  
tal necessidade de se salvar;  
ou perder no meyo de dous  
impossiveis; que nem os de  
fóra podião deixar de se per-  
der, nem os de dentro podião  
deixar de se salvar; porque  
para que huns não podessẽ  
entrar, nem outros sair, tinha  
Deos por sy mesmo fechado  
a Arca. Do mesmo modo nes-  
ta tempestade universal da

vida, & do mundo, em que  
todos fluctuamos, & tantos  
naufragão. Os que estãõ den-  
tro na Arca, isto he, debaixo  
da protecção de Maria, todos  
se salvãõ: os que estãõ fóra  
della, todos se perdẽ: & huã,  
ou outra cousa tam infalli-  
velmente, debaixo desta sup-  
posição ( a qual depende de  
rõs ) que os que se perdem,  
necessariamente se perdem:  
*Necesse est, ut intereat: & os q̃  
se salvãõ, impossivel he que  
se não salvem: Impossibile est,  
ut percat.*

29 Mas quaes, & quan-  
tos forãõ, os que se salváraõ  
na Arca? Bemdita seja, & in-  
finitamente bemdita a mise-  
ricordia de Deos, & de sua  
Mãe! *Homines, & jumenta*  
*salvabis, Domine. Quemad-*  
*modum multiplicasti miseri-*  
*cordiam tuam.* Os que se sal-  
váraõ na Arca, ou erãõ ho-  
mẽs racionaes, como Noé,  
& sua familia, em q̃ são signi-  
ficados os Justos; que vivem  
conforme a razão, & obe-  
decem, & servem a Deos: ou  
erãõ os animaes brutos de to-  
das as especies, hũs feros, ou  
trõs venenosos, outros de ra-  
pina, em que são significados

*Psalml.*  
35.7. 8.

os peccadores em todo o genero de vicios, q̄ vivem sem freo de razão, levados s̄o do impeto dos appetites. E todos estes se salvárão na Arca, porq̄ debaixo da protecção de Maria (se forão tam venturosos, ou tam diligentes, que a souberão procurar) não só os Justos, senão tam bem os peccadores, por mais, & maiores peccadores que seião, todos se salvão. Isto he o que confessárão, & prégárão os Demonios. E se acrescentárão confirmando a doutrina de S. Domingos, q̄ entre todos os devotos da Senhora, os que rézão o seu Rosario, são os que gozão esta soberana prerogativa cõ especial assistencia do Ceo, & respeito á mesma devação: Na mesma Arca, & no mesmo diluvio temos conta por conta as do Rosario. O diluvio diz o Texto Sagrado, que durou cẽto & sincoẽta dias:

*Genes. 7. 24. Obtinuerunt aqua terram cẽtum quinquaginta diebus: & a Arca diz o mesmo Texto, q̄ nadou por cima dos mais altos montes quinze covados:*

*Ibidem. 10. 18. Quindecim cubitis altior fuit aqua super mōtes, quos operue-*

*rat: porrò Arca ferebatur super aquas. Desorte, que a providencia da salvação, & os numeros do Rosario se ajudárão de tal fórma, que o diluvio durou cento & sincoẽta dias; & as aguas crescêrão sobre os montes quinze covados, para que a Arca não tocasse em algum delles, & se perdesse, & todos os que hião nella se salvassem. E deste modo perecêrão todos, & só os que estavão na Arca se salvárão: *Cuncta, in quibus spiraculum vita est in terra, mortua sunt. Remansit autem solus Noe, & qui cum eo erant in Arca.**

## VII.

30 **D**Epois que os Demonios fallárão, & satisfizerão a todas as perguntadas, & prégárão aquelles tres grandes defenganos a todo o concurso dos ouvintes, que no principio erão mais de dous mil, & sempre foi crescendo; chegase S. Domingos ao Herege endemoninhado, mandalhe imperialmente q̄ o siga em virtude do Santo Rosario. Parece-me, que estou

rou vendo, não fabulosa, mas verdadeiramente, a historia de Hercules, quando tirou por força do inferno, & trouxe atado apoz sy o Cam Cerbero de tres cabeças. O Hercules dos Catholicos, era Domingos: o Cam Cerbero, o Herege; propriamente tri-fauce, que por tres bocas, & com tres linguas todas blasfemas ladrava contra o Santo, contra a Santissima Virgem, & contra a devaçã do feu Rosario: & assim como se diz de Hercules: *Cerberũ traxit triplici catena*: assim levava o Santo prezo apoz sy aquella Cam infernal, & a cadea era o Rosario, que saõ tres cadeas em huã, ou huã cadea de tres ramaes: *Triplificatena*. Posto o endemoninhado no meyo do auditorio, diz o Santo, & pede a todos, que para que Deos livre aquelle miseravel homẽ da multidaõ de Demonios, q̃ o atormentava, se ponhaõ todos de juelhos, & em alta voz rezẽ o Rosario. Oh prodigio! Oh caso inaudito! Oh maravilha propria, não só da Omnipotencia, mas da Sabedoria Divina, com que tudo

dispoem, & executa effcaz, & ordenadamente! Tanto q̃ se rezou a primeira Ave Maria, em figura de carvoẽs accezos sahiraõ da boca do endemoninhado Cem Demonios. Rezouse a segunda, & sahiraõ outros Cento, outros Cento â terceira, outros Cẽto â quarta: & saindo desta maneira Cento a Cento a cada Ave-Maria, no ponto em que se acabáraõ de rezar as Cento & sincoẽta Ave-Marias das quinze Decadas, ficou totalmente livre o homẽ dos quinze mil Demonios, & não só livre no corpo, senãõ na Alma, já desengañado, já convertido, já allumiado, & reconhecido de seus erros, já devoto, & devotissimo (como todos os que se acháraõ presentes ao milagre) da purissima, & poderosissima Mãe de Deos, & do feu Rosario. Oh bẽditissimo Filho de Maria, quanto honrastes, & honrais a vossã Santissima Mãe, & com quantos excessos de gloria quizestes se cõprisse nesta açãõ a verdade daquella vossã grande promessa: *Maiora faciet?* Vós deriyestesvos, & gaf-

gastastes tempo em lançar hū só Demonio: *Erat Iesus eiciens Demonium*: & o nome de vossa Mãy no mesmo momento, em que se pronunciava, lançava Cem Demonios; dez vezes pronunciado, mil; Cento & cincoenta vezes pronunciado, quinze mil. E se o Rosario se pronunciára no inferno, ainda que sejaõ tantos milhares os Demonios, que o habitaõ, cedo ficaria despovoado.

## VIII.

31 **T**enho ditto o que basta para a admiração. E que posso dizer de novo para a doutrina? A primeira cousa que digo, he, o que tantas vezes dizia, & pregava S. Paulo. Como os Demonios são espiritos invisíveis, & não os vemos, parece q̃ nos não acabamos de persuadir que ha Demonios, & q̃ perpetuamente andamos cercados delles: sendo assim que porque são invisíveis, por isto mesmo os devemos temer muito mais. Se hum Soldado tivesse arte de se fazer invisível, & entrar, & sair, & obrar o que quizesse, sem ser

visto; este só se devia temer mais que os grandes exercitos: & os Demonios pelo contrario não são hum só contra muitos homẽs, senão muitos contra cadahum, & todos invisíveis. Isto he o que sobre tudo ponderava S. Paulo: *Quoniam non est nobis colluctatio adversus carnem, & sanguinẽ; sed adversus Principes, & Potestates, adversus mundi Rectores tenebrarum harum, contra spiritualia nequitia, in caelestibus.* Tres cou-

sas nota o Apostolo nestas palavras, todas muito para temer. A primeira, q̃ lutamos, com quem não tem corpo, & por isso com partido muito desigual; porque elles tem por onde nos pegar, & nós não: *Non est nobis colluctatio adversus carnem, & sanguinem.* A segunda, que nós pe-  
lojamos às escuras, & elles com luz, porque elles vemos a nós, & vemos por fóra, & por dentro, & nós não os vemos a elles: *Adversus mundi Rectores tenebrarum harum.* A terceira, que nós temos os pés na terra, & elles não tem pés, senão azas velocissimas, com que voaõ pelo ar, o qual

Ephes. 6  
12.

oc-

occupaõ desde a terra atè o Ceo : *Contra spiritualia nequitia, in caelestibus.* E se perguntarmos a razaõ, porque aquella parte dos Demonios, que naõ estaõ prezos, & afezrolhados no inferno, & permittio Deos, que ficassem cá em cima para nos tentarem, o sitio, que occupaõ, he todo o elemento do ar, quanto fe estende desde a terra atè o Ceo? A razaõ he, diz S. Bernardo, porq̃ deste modo nos quizeraõ cercar, & sitiari totalmente, assim da parte, donde só nos podẽ vir, & entrar os soccorros, que he o Ceo; como da parte donde nós os podemos procurar com nossas oraçoẽs, que he a terra: *In aere esse delectantur, ut dona Dei ad nos descendere, vel nostras orationes ad Deum ferri impediunt.*

32 Que faremos nós logo, estando assim sitiados de tantos, & tam poderosos inimigos? Defendernos só, he pouco. O q̃ devemos fazer, he fortificarnos, & armarnos de tal sorte, q̃ naõ só os Demonios desesperem a victoria, mas que nos temaõ, & fujaõ de nós: & isto só o po-

demos conseguir, pndonos á sombra da torre de David, de que pendem milhares de escudos, que he a Virgẽ Maria, & só dentro do recinto do seu Rosario. *Quasi Plateanus exaltata sum juxta a-* Eccles. 24.19.  
*quam in plateis:* diz a mesma Senhora fallando de ty. Cõ. parase ao Platano alto, fresco, copado, & sombrio, naõ plantado só para ameni dade, & delicia dentro dos jardins, senaõ fóra, & no meyo das estradas, ou ruas largas: *In plateis.* Esta distincão das ruas largas às estreitas, he da Alma Santa, quando buscava o Esposo: *Per vicos, & plateas queram illum:* & a significacão de huãs, & outras, he do mesmo Esposo Christo: *Arbitata via est, qua ducit ad vitam:* 7.13.14  
*Arbitata, qua ducit ad perditionem.*

As ruas largas, saõ aquellas por onde os máos caminhaõ ao inferno; & as estreitas, por onde os bons vaõ ao Ceo. E porque as ruas, & estradas largas saõ os lugares, onde os Demonios principalmente nos tentaõ, onde nos fazem a maior guerra, & por onde nos leuaõ à perdicão, este he o motivo, & o mysterio porq̃  
a Vir-

a Virgem Maria assiste, & se levanta como Platano nas mesmas estradas, para alli nos defendêr dos Demonios, & ospór em fugida. Pois como Platano para nos defender, & como Platano para pór em fugida os Demonios?

Sim. Que effas são as virtudes, & propriedades do Platano: *Platanus quos habet folia, tot habet scuta.* O Platano, diz Hugo, tâtos escudos tem, quantas folhas; porque esta he a fôrma, que a natureza deu às folhas do Platano: podêdose dizer daquella arvore, ou castello verde, o q se diz da torre de David: *Mil.*

Hugo  
Cardin.

*le clypei pendent ex ea:* & por isso figura da Virgem Sãtissima, emquanto nos defende dos Demonios. E emquanto os faz fugir, tambem Platano; porque como diz Pie-

Cant. 4.  
4.

Pierius.

*Platani folia arcens vesperitiliones:* as mesmas folhas do Platano tem virtude de afugentar os morcegos filhos das trevas, & inimigos da luz, & por isso feios, & funestos, simbolos dos mesmos Demonios. Dos quaes affirma

D. Bernard.

por experiencia S. Bernardino, que com tal extremo te-

mem a Rainha dos Anios, & fogem de sua presença, que a nenhum lugar, onde esta Senhora assista, se atrevem elles a chegar, nem de muito longe: *Demonones ne de magno spatio audēt illi appropinquare.*

33 A prova da Escritura nos darã o Principe dos mesmos Demonios, & só elle a podêra inventar, quanto he encarecida. Christo, Senhor nosso, até a idade de trinta annos assistio sempre com sua Sãtissima Mãe, obedecendo, & servindo, & depois da morte de S. Joseph sustentando, como bom Filho, com o trabalho de suas mãos, & suor de seu rosto. Ouve em fim de sair o Divino Sol a allumiar o mundo, & para começar pelo primeiro, & mais necessario documento, ensinandonos com seu exemplo a vencer o Demonio, & suas tentações, diz o Texto Sagrado, que se retirou a hum deserto para alli ser tentado: *Ductus est Iesus Matth. in desertum, ut tentaretur á 4 l. Diabolo.* Parece, que nem da parte de Christo para o exemplo, nem da parte do Demonio para a tentação, se havia ella

ella de guardar para tam tarde. A idade mais fogueita, & ainda inclinada às tentações, & a menos forte, & mais bizonha para as resistencias, he muito antes dos trinta annos. Pois porque não tentou o Demonio a Christo, nem Christo o buscou, ou desafiou para ser tentado nos primeiros, ou ultimos verdores da adolescencia, idade q̄ nos outros homẽs he a mais ardente, a menos defenganada, & a mais aparelhada, & prompta para ser vencida? Respondem douta, & devotamente graves Autores, que naquella idade, & em todos os annos seguintes até os trinta assistia s̄pre o Senhor, & morava cõ sua Santissima Mãy, & debaixo da sua fogueição, & obediencia, como cõs ta dos Evangelistas: & por isso o Demonio em todo este tempo não teve ouzadia para o tentar, nem esperanza de o vencer; porque onde assiste, ou he assistida Maria, não s̄o não se atrevem a chegar os Demonios, mas fogem dahi muito longe: *De longo spatio non audent appropinquare.* De muito longe, digo com S. Tom. 6.

Bernardino, & o provo do mesmo Texto. Se o Demonio se não atrevéo a acometter a Christo, emquãto estava em casa de sua Mãy; porque o não acomettéo fora della na Cidade de Nazareth, ou em outra visinha, nem Christo o buscou para ser tentado, senão no deserto de além do Jordão em tantas leguas de distancia? Porque conhecia o Senhor o grãde medo, que os Demonios tem ao Sagrado fortissimo de Maria; & quanto fogem, não s̄o à presença, senão a qualquer visinhança daquella Soberana Magestade para elles tremenda. Prevendo pois que assim como o Demonio em tantos annos se não atrevéo ao tentar em sua casa; tambẽ agora não teria ouzadia para o acometter ainda em lugar apartado, & distante, se não fosse muito longe della, por isso se retirou àquelle deserto, onde defacõpanhado de sua Mãy, & muito longe de sua presença, dẽlle animo, & confiança ao Demonio de o acometter, & là podesse ser tentado, como queria: *Ductus est in desertum, ut tentaretur à Diabolo.* C Ainda

34 Ainda não está ponderado o maior encarecimento do caso. Tenta finalmente o Demonio a Christo, & as palavras, por onde começou a primeira, & segunda tentação, foram: *Si Filius Dei es*: Se es Filho de Deos. Não só do jejum de quarenta dias (porque também Moysés, & Elias tinhaõ jejuado outros quarẽta) mas de todas as outras circunstâncias sobrehumanas, q̃ Christo tinha obrado no deserto, julgou o Demonio, que aquelle Homem era mais que homem, & não podia ser menos que Filho de Deos prometido nas Escrituras. A este principio attribuem muitos a noticia, que o Demonio teve da Divindade de Christo; mas o certo, & infallivel fundamento, foi a voz do Eterno Padre, quando disse sobre o Jordão: *Hic est Filius meus dilectus*: que o Demonio muito bem ouviu. Pois se o Demonio tenta a Christo, huã, duas, & tres vezes, quando o reconhece Filho de Deos; como se não atreve ao tentar nem huã só vez de baixo da fogueiraõ de sua Mãe, & em sua casa, quando só o considerava Homem? Esta mesma pergunta, ou admiracão, he o maior encarecimento, que se pôde dizer, nẽ imaginar, de quanto o Demonio respeita, foge, & teme, não só a Pessoa, & presença daquella mulher, a que foi sentenciado, que lhe pizaria a cabeça, mas a assistencia somente, & protecção dos que vivem à sombra da mesma Senhora, & ella tem debaixo de sua fogueiraõ, & emparõ. Deforte, que o mesmo Christo cõsiderado só como Homem, não se atreve ao Demonio ao tentar, porque o vé acompanhado, & assistido de Maria; & depois que o reconhece por Filho de Deos, porque o vé só, & desacompanhado della, não teme de o acometter, nem recea de o tentar, huã, & muitas vezes: como se fora mais formidavel ao Demonio a companhia, & assistencia só daquela prodigiosa moier, que a uniaõ, & presença da mesma Divindade. Basta, Demonio, que ao Filho de Deos, conhece por tal, esperas tu, & presumes vencer; & ao Filho de

Maria,

Maria, suppondo sô que he Homem, emquanto está cõ ella, naõ te atreves tentar? Mas permittio Deos, que tu o entendesses assim, para que nós entendamos, que debaixo da sua protecção, & emparo, nunca tu, nem todo o inferno nos poderá offender. Infinitas são as cousas, que se podéraõ dizer, & altissimos os pensamentos, que sobre este grande parállo se podéraõ levátar; mas para mim sem nenhuã outra cõsideração basta sô a simples verdade, & certeza do succedido. E qual he? He certo, que emquanto Christo esteve cõ sua Mãe, naõ o tentou o Demonio, & he certo, que depois que se apartou della, logo o tentou.

## IX.

35 **O** Que pois devemos fazer para nos defender do Demonio, & suas tentações, ou para que elle, & ellas fujaõ de nós, & nos remaõ; he, como dizia, recolhemos á sombra da Torre de David, a Virgẽ Senhora nossa, & dentro do recinto

do seu Rosario: porque assim fortificados, nenhum Demonio haverá nas tres Gerarchias do inferno, nem todos jutos, que se chegarem a nos tentar, nos possaõ vencer. Disse nas tres Gerarchias; porque esta he a fórma, em q se repartem, como em tres Terços, todos os Demonios, & dividem entre sy o dia natural, para q em nenhuã hora delle eesse a bateria, com que nos combatẽ. Os primeiros chamaõse Demonios matutinos; & a estes pertencem as horas da madrugada, & da manhaã: os segũdos chamaõse Demonios meridianos; & a estes pertencem as horas do meyo dia, & de todo elle: os terceiros chamaõse Demonios vespertinos; & a estes pertencem as horas da tarde, & do resto da noite. Vede agora a singular energia, & propriedade, com que a estes tres Terços do inferno contrapoz a Senhora os tres Terços do seu Rosario, dividindo na mesma fórma o dia, & respondendo horas a horas. Aos Demonios vespertinos respondem os Mysterios da Encarnação, que foi obrada

na ultima hora da tarde . Aos Demonios meridianos respondem os Mysterios da Paixaõ, que foi obrada nas horas do meyo dia : & aos Demonios matutinos respõdem os Mysterios da Resurreiçaõ, que foi obrada na primeira hora da manhaã. E para q̃ nos naõ falte a prova da Escritura cõ as mesmas tres differenças de Demonios no mesmo dia, ouçamos o Parafraze Chaldéo sobre aquellas palavras dos Cãticos: *Domine neque aspiret dies, & inclinentur umbra.*

Cant. 4.  
6.

36 *Omni tempore, quo Populus domus Israel tenebat manibus suis artem Patrum suorum, fugiebant nocentes Spiritus tenebricosos, & vespertini, & matutini Demones, de medio eorum.* Quer dizer: Em todo o tempo, em que o Povo fiel da casa de Israel trazia nas mãos a arte de seus Pays, fugiaõ delles todos os máos Espiritos . E que máos Espiritos eraõ estes? *Tenebricosos, & vespertini, & matutini Demones.* Eraõ os Demonios vespertinos, & os Demonios matutinos, & os Demonios meridianos. E pa-

ra que ninguem duvide qual era o poder, de que temiaõ, & a virtude, que os fazia fugir, continúa assim o mesmo Parafraze: *Eò quòd maieſtas Domini residebat in domo Sanctuarij, quæ adificata est in monte Moriah, & omnes Demones, & nocentes Spiritus fugiebant ab odore incensi aromaticum.* E a razaõ, diz, era; porque a Arca do Testamento residia na casa do Santuario, edificada no monte Moriah, & todos os máos Espiritos, & Demonios fugiaõ do cheiro do incenso aromatico, que se offerrecia, & queimava diante della. Todos sabem, que a Arca do Testamento significa a Virgem, Senhora nossa, & tambem sabẽ, que o incenso significa a Oraçaõ, & os aromas, de que era composto, os Mysterios, que a acompanhaõ: logo toda aquella representaçaõ no Tẽplo antigo, que tambem significava a Igreja, era huã figura profetica, ou huã profecia em figuras, de que a mesma Senhora por meyo da devaçãõ, & Oraçoẽs do seu Rosario, havia de atemorizar, dissipar, & pór em fugida os

De-

Demonios, para que se não atrevaõ a tentar a seus devotos, ou quando os tentem, os não possaõ vencer. Aos quaes devotos só digo, & acõselho, que repartindo o dia na mesma fôrma, em que os Demonios o tem repartido, & applicaõ os Mysterios às mesmas horas, em q̄ foraõ obrados, os da Encarnaçaõ os medirem à noite, os da Paixãõ ao meyo dia, & os da Resurreiçaõ pela manhaã. Assim o fazia com o mesmo espirito, & nas mesmas horas David: *Vesperè, & manè, & meridie narrabo, & annuntiabo, & exaudiet vocẽ meam*: Eu orarei, & Deos me ouvirá, à tarde, pela manhaã, & ao meyo dia: *Vesperè*, contra os Demonios vespertinos: *Manè*, contra os matutinos: *Et meridie*, contra os Demonios meridianos.

37 Repartindo nesta fôrma o Rosario, não só triumpharemos dos mesmos Demonios, mas confundiremos os baldoes, & blasfemias, com q̄ elles calumniaõ a Deos, lançandolhe em rosto o fazerse Homem; pela má paga que lhe daõ os homẽs. Este he o

sentido daquelle verso tam encarecido, & repetido do Profeta: *Quòd exprobraverunt inimicĩ tui, Domine, quòd*

*exprobraverunt commutationem Christi tui.* Como se disseraõ os Demonios (discorre S. Cypriano.) Porque nós, & Deos, não approvamos o decreto de vos fazeres Homẽ, nos lançaõ no inferno; mas agora mostra bem a experiencia, quanto mais acertado foi o nosso parecer. E senaõ, o

lhai para as cõmutações do vosso Christo, & vede o que elle deu, & o que recebe; o que fez, & como lhe pagaõ. E para que esta differença seja mais manifesta, comparai os poucos, que o servem a elle, & os muitos, que nos servem a nós, dizem os Demonios. Elle padecéo pobreza, injurias, afrõtas, bofetadas, aqoutes, & a mesma morte pelos homẽs; nós nenhuã cousa padecemos por elles: elle fez-lhe infinitos beneficios; nós fazemos-lhe todo o mal, que podemos: elle prometteihe logo, & de cõtado o Ceo para a Alma, & para depois da resurreiçaõ tambẽ lhe assegúra a gloria do corpo; nós affirm

Cyprian.

para a Alma , como para o corpo, o que lhe promete-  
mos, & asseguramos, he o fo-  
go, & tormentos eternos : &  
comtudo a sua doutrina he  
desprezada , & a nossa abra-  
çada, & seguida : elle crido,  
mas não amado; nós não a-  
mados, mas obedecidos: el-  
le servido de poucos, & co-  
mo forçados; nós livre, &  
voluntariamente de quasi to-  
dos: elle em fim tam mal pa-  
go, & tam desigualmente cor-  
respondido, que o seu amor  
se paga com desamor, as suas  
finezas com offensas, os seus  
beneficios com ingratiãoes;  
& nós triumphado, & zombã-  
do de quanto fez pelos ho-  
mões, os quaes antes querem  
o inferno comnosco, que o  
Ceo com elle. Isto he o que  
dizem os Demonios. E con-  
clue S. Cyprião o seu dis-  
curso, perguntandonos a nós  
os Christãos, que he o que  
respondemos a isto? *Quid ad  
hac respondebimus, fratres  
charissimi?*

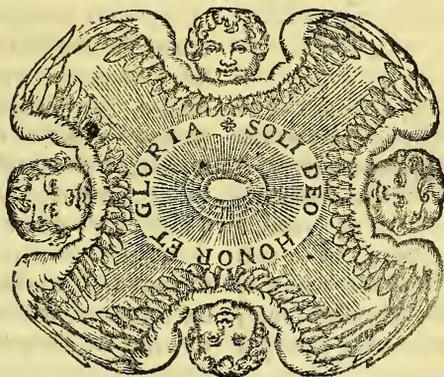
38 Não ha duvida, que  
muitos são obrigados a con-  
fessar, que posto que os De-  
monios no que arguem con-  
tra Deos, mentem impia, &

blasfemamente; no que di-  
zem de nossas ingratiãoes, &  
da má paga, que damos ao a-  
mor, aos beneficios, ao fan-  
gue, & morte de Christo, fal-  
laõ muita verdade com grã-  
de confusaõ da Fè, & afron-  
ta do nome Christão. Desta  
porèm nos desafrontaõ glo-  
riosamente, & os desmentem  
com infinitos euges todos os  
devotos do Rosario em todo  
o mundo; porque tudo o q  
meditaõ em seus Mysterios,  
& tudo o que repetem em  
suas Oraçoões, são reconheci-  
mentos, admiraçoões, louvo-  
res, & graças, pelo q o Filho  
de Deos feito Homẽ nos a-  
mou em sua Encarnação; pe-  
lo q padecéo por nós em sua  
Paixaõ; & pelo que nos pro-  
mette, & assegúra em sua Re-  
surreiçaõ: pagandolhe desta  
maneira nossos entendimen-  
tos, nossos corações, & nos-  
sas linguas, não o que de-  
vem, mas com tudo o que  
podem. Confundaõse pois,  
& emmudeçaõ as calumnias,  
& blasfemias do Demonio.  
E assim como a Oradora do  
Evangelho pelo Demonio  
mudo que fallou, levantou  
a voz; assim nós pelos De-  
monios,

monios, que tam insolentemente fallaõ, emnudecidos ; ajuntemos as nossas vozes com a sua : & digamos ao Filho de Deos em

perpetuo louvor seu, & da bemitissima Mãe, de quem nascéo Homem: *Beatus venter, qui te portavit.*

FINIS.





# SERMAM XVII.

*Extollens vocem quadam mulier de turba, dixit illi:  
Beatus venter, qui te portavit. Luc. II.*

I.

39 **Q**UOMO não ha comunidade tam boa, em q se não ache algum máo, de que foi o maior escandalo Judas: assim não ha comunidade tam má, em q se não ache algũ bom, de que he o melhor exemplo cõta boa molher, q do meyo da turba levantou a voz em louvor de Christo: *Extollens vocem quadam mulier de turba.* A molher louvou o Filho pela Mãy, & a Mãy pelo Filho: porẽm a turba nem louvou o Filho, nẽ louvou a Mãy. Assim se dividirão em partes cõtrarias, a molher,

Luc. II.  
27.

& a turba: & assim havia de ser, para que o louvor ficasse inteiro. Antes digo, que tanto louvou a turba em não louvar, como a molher louvando; porque se a turba também louvára, ficava o louvor de autorizado, & suspeito. Os louvores da turba não só são turbados, mas turbulentos, que tal he o seu juizo. Quereis saber, diz Seneca, o que he, não só peor, mas pessimo neste mundo? Vede o q segue, & ouvi o q diz a turba, & dahi fazei argumento: *Argumētum pessimi turba est. Seneca.* Esta he a razão, porque levantando a voz a molher discreta, não teve huã só lingua, que a seguisse. Ou foi, per-

porque reprovárao o que dizia, ou porque temérao de o approvar. Se porque o reprovárao, foi erro; se porque temérao, covardia: & tudo isso he ser turba, multidão sem juizo, & sem valor.

40 Mas que tem isto cõ o meu Rosario? Muito. Porque o Rosario, ou se pôde rezar com a turba; isto he, juntamente com muitos: ou se pôde rezar como a molher; isto he, cadahum comsigo, & por sy só. No caso do Evangelho ninguem ouve naquella confuso ajuntamento, que seguiffe o exemplo, & voz da devota Oradora, que publicamente a levantou sobre todos em louvor de Christo, & sua Mãy: porèm hoje em todas as quatro partes do mundo vemos tam refutado aquelle erro, tam condenada aquella covardia, & tam emmendada aquella impiedade, que em toda a Monarchia de Portugal, & suas Conquistas, apenas ha Parochia, Cõvêto, ou qualquer outro menor Lugar dedicado ao Culto Divino, em que todos os dias, em publicas, & altas vozes, se não cantem os louvo-

res do mesmo Filho, & da mesma Mãy, na devação do seu Rosario. Assim succedêrao àquella turba indevota, & impia, tantas outras turbas, ou ajuntamentos Christãos, devotos, & pios: & aquelle silencio, & murmuração infernal, tantos outros Coros celestiaes, & divinos: em que juntamente com a propagação universal da Fé se repete no mesmo Rosario a cõfissão dos principaes Mysterios della, não encontrados já, & discordes entre sy, a molher, & a turba, senão concordes, & unidos na mesma devação as turbas com a molher, & a molher com as turbas.

41 Comtudo porque a devação bem entendida, & bem intencionada, não só deve pôr os olhos exteriores na gloria de Deos, senão os interiores na sua maior gloria; Eu sobre as palavras, *Mulier quadam de turba*, determino hoje distinguir, & apartar, não a turba, & a molher, senão o *Quadam*, & o *Turba*. Porei de huã parte o *Quadã*, que he huã pessoa rezando só, & da outra o *Turba*, q̃ são muitos

muitos rezando juntos : & nesta differença (que parecẽdo só do modo, pertẽce muito à fuitancia da Oraçaõ) disputarei em problema por hũa, & outra parte, se he mais util a nossas Almas, & mais agradavel à Senhora do Rosario, rezalo cadahum retiradamente comfigo, ou publicamente com muitos? A resoluçãõ será, a que Deos, & a mesma Senhora nos inspira com sua Graça.

*Ave Maria: &c.*

## II.

*Mulier quadam de turba.*

42 **A** mesma questãõ, q̃ eu propuz para disputar hoje, altercou já antigamente em presença do Emperador Constantino o Grande Doutor da Igreja Santo Athanasio : *Quid rectius putas particulatim, & dissociatim populum sinaxes facere, an potius ut in locum unum conveniat, & unam, eandemque sine dissonantia vocem reddat?* E que resolvéo Athanasio? Resolvéo, que a Oraçaõ de muitos juntamente he a que

*Athanas. in Apolog. et. ad Constant.*

mais convem aos homẽs, & a que mais agrada a Deos : & assim o affirma, naõ como conclusãõ mais provavel, se naõ totalmente certa: *Cerius id rectius est.* Antes delle tinha seguido esta mesma sentença Tertulliano; & antes de Tertulliano Santo Ignacio Martyr, & pelo mesmo tempo de Athanasio S. Joaõ Chrysostomo, & Santo Ambrosio, & depois destes muitos outros Santos, & Doutores, & entre todos o Grande Lume da Igreja Santo Thomás, o qual naõ duvidou dizer, q̃ a Oraçaõ de muitos he impossivel, que naõ alcance de Deos tudo o que se pôde impetrar: *Multorum preces impossibile est, quod non impetrent illud, quod est impetrabile.*

*D. Tho. mas 2. 2. q. 83.*

43 Passando dos Doutores às Escrituras Sagradas, & fazendo a comparaçaõ expressamente de hum a muitos; S. Paulo na Epistola aos Filipenses se enmcomendana suas Oraçoẽs, & diz, que sabe de certo, que por ellas lhe concederá Deos tudo o que mais conveniente for à sua saude, assim temporal, como espirital : *Scio quia hoc*

*Philip. 1. 19.*

*mibi*

*mibi proveniet ad salutem, per vestram orationem.* E na Epistola segunda aos Corinthios lhes dá as graças, & pede, que elles as dê a Deos pelos grâdes perigos, de que o tem livrado por suas Orações: a-crescentando, que por ellas o livrarâ tambem de outros muitos, q̄ ainda o aguardaõ:

*Qui de tantis periculis nos eripuit, & eruit: in quem speramus, quoniam & adhuc eripiet, adjuvantibus & vobis in oratione pro nobis.* E na Epistola aos Romanos os roga instâ-tissimamente, & protesta, que por amor de Jesu Christo, & pela charidade do Espirito Santo, o ajudem diante de Deos cõ suas Orações: *Obsecro vos, fratres, per Dominum nostrum Iesum Christum, & per charitatem Sancti Spiritus, ut adjuvetis me in orationibus vestris pro me ad Deũ.*

Estes tres Textos tam notaveis, quando não ouvera outros na Escriptura Sagrada, bastavaõ, não só para sé, & credito, mas para hum singularissimo encarecimento, de quanto valem diante do acatamento divino, & quanto importaõ, não só a quaesquer

homês, senaõ ainda aos maiores Santos, & âs mais altas, & firmes Colunas da Igreja, as Orações de muitos; pois o mesmo Vaso da eleição, o mesmo Apostolo do terceiro Ceo, & o mesmo Paulo, por amor do qual descéo o Filho de Deos segunda vez do Ceo á terra, não se fiando só das suas Orações, as pede tam repetidamente a tantos, & a elles confessa dever quãto tem alcançado, & espera alcançar de Deos. Isto só bastava, como digo, para encarecimento de quanto pòdem cõ Deos as Orações de muitos: mas ainda no mesmo Apostolo temos outro encarecimento maior.

44 Pedio S. Paulo a Deos, que o livrasse de certas molestias do Demonio, que ainda não está averiguado quaes fossẽm, & não só pedio, mas rogou, que he mais, nem só rogou huã vez, senaõ muitas:

*Propter quod ter Dominum ro-* 2. Cor. 12

*gavi: & comtudo, nem as suas petições, nẽ os seus rogos, nem as suas instancias alcançaraõ de Deos o que pretendia. Pois se Paulo não alcança de Deos por suas Orações*

ções

2 Cor. I.  
10. II.

Rom. I.  
30.

çoões o que pede, porque es-  
pera de o alcançar pelas Ora-  
çoões dos Romanos, dos Co-  
rinthios, & dos Filippenses,  
que eraõ hñs homẽs seus disci-  
pulos, que elle pouco antes  
tinha convertido à Fé? E se  
S. Paulo se fundava na experi-  
encia das mercês, que tinha  
alcançado por meyo das suas  
Oraçoões, como elle mesmo  
cõfessa, & lhe agradece, aqui  
se reforça muito mais a du-  
vida. He possível, que ouve  
Deos aos discipulos, & não  
ouve ao Mestre? Defere às  
Oraçoões dos q̃ hontem eraõ  
Gentios, & não defere às O-  
raçoões do Doutor das Gentes?  
Sim. E porque? Porque  
esses mesmos discipulos quã-  
do oravaõ em Roma, em  
Philippos, & em Corinthe,  
oravaõ muitos jũtos; & Pau-  
lo, quando fazia aquella sua  
Oraçoã, orava só. E he tan-  
to mais poderosa diante de  
Deos a Oraçoã de muitos, q̃  
a Oraçoã de hum só; que ain-  
da que a Oraçoã do que ora  
só, seja de hum S. Paulo, & a  
oraçoã dos q̃ oraõ juntos seja  
dos que hontem eraõ Gẽtios,  
& hoje começão a ser Chris-  
taõs; a Oraçoã destes alcan-

çará o que pede, porque saõ  
muitos, & a Oraçoã de Pau-  
lo não, porque he só hum. O  
mesmo S. Paulo o declarou  
assim aos Corinthios, acres-  
centando ao Texto, que já  
referi, que elle era huã só pes-  
soa, mas elles muitas: *Ut ex*  
*multorum personis, ejus que in*  
*nobis est donationis, per multos*  
*gratia agantur pro nobis.* 2. Cor. I.  
11.

45 E porque esta razaõ  
de differença não pareça dif-  
ficultosa, vejamos em outro  
amor, & merecimento, que  
só pôde competir com o de  
S. Paulo. Na manhaã da Re-  
surreiçoã quando a Madale-  
na, debaixo dos disfarces, em  
que lhe tinha apparecido, re-  
conhecéo o seu Divino Mes-  
tre, quizse lançar aos pès, on-  
de tambem ella tinha resus-  
citado, & o Senhor lhe impe-  
diu este affecto, posto q̃ tam-  
devido, dizendo: *Noli me tã-*  
*gere, nondum enim ascendi ad*  
*Patrem meũ:* Ioan. 20  
17. não me toques,  
porque ainda não subi a meu  
Padre. As exposiçoões, que  
deraõ a estas palvras os San-  
tos Padres, & Interpretes, saõ  
quasi tãtas como os mesmos  
Autores: mas todas ellas pa-  
decem huã manifesta instan-  
cia:

cia: porque dalli a poucas horas, vindo a mesma Madalena juntamente com as outras Marias, o mesmo Senhor lhes consentio, que se lãçassem a seus sagrados pés, & os abraçassem apertadamente: *Illa autem accefferunt, & tenuerunt pedes ejus.* Pois se agora permite Christo, & concede à Madalena, & às outras Marias, que se lancem a seus pés, & lhos abracem; porque prohibio tam severamente à mesma Madalena q. lhos tocasse? *Noli me tangere?* A razão, que o Senhor lhe tinha dado desta prohibiçãõ, *Nondum enim ascendi ad Patrem meum*, ainda era, & subsistia a mesma; porque Christo nem tinha subido, nem havia de subir ao Padre, senão dalli a quarenta dias. Pois se à Madalena se negou este favor, & por esta causa; porque razão agora subsistindo a mesma causa, se concede o mesmo favor a ella, & ás demais tam facil, & tam liberalmente? Porque agora as devotas mulheres erãõ muitas, & dantes a Madalena, ainda que devotissima, era huã só. A Madalena quando só, nem

era menos amante, nem menos amada de Christo (como tambem S. Paulo;) mas para o mesmo Christo conceder o que delle se espera, não importa tanto o amar, ou merecer muito, quanto o serem muitos os que o procuraõ. Por isso a mesma razaõ, que bastou para se negar o favor a huã, depois que junta com as demais foraõ muitas, nem bastou, nem foi razaõ, nem o Senhor se valéo della. E isto, que à Madalena succedéo cõ os seus affectos, he o mesmo que S. Paulo experimentou, & confessou das suas Orações.

46 Mas o caso, que agora ponderarei, he sobre todos admiravel, & não em outrem, senão no mesmo Christo: Quando este Senhor se retirou ao Horto para orar a seu Eterno Padre, encommẽdou muito aos tres mais amados Discipulos, q. daquella pouca distancia, em que se apartava delles, o acompanhassẽ: *Su-* *Matib. 26.38.*  
*stinate hic, & vigilate mecum.* E porque quiz, & ordenou Christo, que indo orar ao Padre, o assistissem, & acompanhassẽ estes Discipulos? Sem du-

duvida porq̃ quiz o Senhor confirmar com o exemplo, o que tinha ensinado com a doutrina, quando nos prometéo, que se dous, ou tres se unissem a pedir a Deos algũa cousa, seu Padre lha concederia infallivelmente. Demaneira, que até o mesmo Filho de Deos para impetrar de seu Pay o que pedia, não quiz q̃ fosse a sua Oração só sua, senão acompanhada de outras. Com esta prevenção começou o Senhor a orar: *Pater*

*Ibid. m.*

39.

*mi, si possibile est, transeat à me calix iste:* Se he possível, Pay meu, passe de mim este calix. E porque disse, se he possível? Agora nos devemos lembrar do que referimos de Santo Thomás, que he impossível não impetrar de Deos a Oração de muitos tudo o que he possível. E como a Oração de Christo naquella caso era sua, & mais dos Discipulos, a quem encomendou o acompanhassẽ nella; por isso allegou a condição do possível: *si possibile est:* porque sendo a sua Oração de muitos, não lhe podia o Padre negar tudo o que fosse possível: *Aulorum pre-*

*ces impossibile est, quod non impetrent illud, quod est impetrabile.*

47 Atèqui bem fundadas esperanças tinha o Senhor de impetrar o que pedia. Porém como exprimẽtasse, que orando huã, duas, & tres vezes, o Pay não deferia á sua petição; quantas vezes orou, & não foi ouvido, outras tantas se levantou da Oração, & veio ver se o acompanhavaõ, & assistiaõ nella os Discipulos, como lhe tinha encarregado. E porque? Porque inferio o mesmo Senhor següdo a verdade da sua promessa, que supposto não deferir o Pay á sua Oração, era final que o não acompanhavaõ nella, os que tinha escolhido por companheiros. E assim foi; porque sempre os achou, não orando, senão dormindo: *Invenit eos dormientes.* *Ibid. m.*

Reparai agora em duas grandes considerações, hũa da parte de Christo, & outra da parte do Padre. Da parte de Christo, que achando os Discipulos dormindo, os exhortou a que vigiassem, & orassem com elle: *Sic non potuistis unã horã vigilare mecum?* 43.

40.

*Vi.*

41. *Vigilate, & orate.* Da parte do Padre, que não obstantes estas recommendações, & serem os Discipulos os q̄ mais obrigados eraõ, & mais amavaõ a seu Mestre, permitisse comtudo que todos dormissem, & não orassem. Porque razão pois faz Christo tantas diligencias, para que vigiem, & orem, os que tinha escolhido por companheiros de sua Oração: & porque razão o Padre pelo contrario lhes infunde hum tal letargo: *Erant enim oculi eorum gravati*: para que não vigiem, nem oré? Assim Christo, como o Padre, ambos obravão directamente ao fim cadahum de seus intentos. Christo obrou como quem dezejava, & pedia; & o Padre como quem tinha decretado de não conceder. Christo como quem dezejava, & pedia, procurava, que os Discipulos orassem juntamente com elle, tendo por certo, q̄ se a sua Oração fosse de muitos, não podia o Padre negar o que se pedia: & pelo contrario, o Padre como quem tinha decretado de não conceder, impedia, q̄ elles orassem; porque sendo

a Oração, não de muitos, & não de hũ sò, ainda que fosse seu proprio Filho, lhe ficava livre o negar, como com effeito negou.

48 Pareciame a mim, que este era o maior encarecimento de quãto pôde com Deos a Oração de muitos; mas ainda em certo modo nos resta por ver outro maior. Tendo Deos concedido tantas licenças ao Demonio contra Job, disse ao mesmo Job, que já não havia de ceder ao Demonio cousa alguma que lhe pedisse, por mais bem compostas, & efficazes q̄ fossem as palavras, com que lho propuzesse: *Non parcamus ei, & verbis potentibus, & ad deprecandum compositis.* Passemos agora ao Evangelho, & acharemos, que pedindo os Demonios a Christo duas cousas, ambas lhe concedéo. Lançandoos do corpo de hũ endemoninhado, rogáraõlhe, que os não mandasse para o inferno: *Rogabant illum, ne imperaret illis, ut in abyssum irent*: & o Senhor lhes concedéo, que ficassem embora neste mundo. Rogáraõlhe mais, que lhes permitisse en-

trar em grande multidão de animaes im mundos, que paltavão por aquelles campos:

*Ibidem.* 32.

*Ibidem.* 32.

*Et rogabant eum, ut permitteret eis in illos ingredi: & tãbem lho concedéo: Et permisit illis.* Pois se Deos tinha promettido a Job, que não havia de conceder ao Demonio cousa algũa, que lhe pedisse, como agora fazêdolhe duas petiçõs, lhe concede ambas? Leamos bem todo o Texto, & acharemos a razão da differença. Pergitou Christo ao Demonio, que atormentava este endemoninhado, como se chamava? E elle

*Marc. 5.* 9.

respondéo: *Legio mihi nomen est, quia multi sumus:* chamome Legião, porque não sou hum sô Demonio, mas somos muitos. E como estes Demonios eraõ muitos, & o de Job era hum sô, por isso ao de Job promettéo o mesmo Senhor, que lhe não havia de conceder cousa algũa, que lhe pedisse, & a estes concedéo o que pediaõ. Tanto pôdem com Deos os rogos de

*D. Antiochus*  
*citatur. à*  
*Cap. in*  
*Ionam.*

muitos, que ainda aos mesmos Demonios não nega Christo o que lhe pedem. *Demonones ipsi, cum Dominum ob-*

*secrant, suã petitione fraudati non sunt:* disse excellentemente Santo Antiocho. E se lemos attentamente a consequencia de ambos os Textos,

assim de S. Marcos, como de S. Lucas, acharemos, que a confiança, que os Demonios tiveraõ para esperar, que o Senhor lhes havia de conceder o que pediaõ, foi fundada em serem muitos. S. Marcos:

*Legio mihi nomen est, quia multi sumus. Et deprecabatur eum.* S. Lucas: *Intraverunt*

*Ibid. 9.*

*10.*

*Luc. 8.*

*30.*

*Demonia multa in eum. Et rogabant illum.* E se atê aos Demonios, quando saõ muitos os que o rogaõ, lhe concede Deos suas petiçõs: como as não concederá aos devotos do Rosario, que juntos, & cõ tanto exemplo, & piedade, o rézaõ nas nossas Igrejas?

### III.

49 **M**AS antes que deixemos esta primeira parte do nosso problema, & a demos por bastantemente provada, vamos às razões della. Qual he a razão, ou razões, porque tem tanto valor, & poder com Deos a Ora-

Oração de muitos? Muitas, & varias são, as que deraõ os Santos Padres, & todas, por suas, & por sy mesmas, dignas de se não passarem em silencio. S. Joaõ Chrystomo funda esta differença na mesma calidade natural da voz, & das vozes. Ainda que as vozes sejaõ igualmente intensas, se a voz he huã só, ouve pouco; se são muitas, ouve muito: & por isso, ainda naturalmente, ouve Deos mais as vozes, & Orações de muitos, que a voz de huã só: *Longe magis eam orationem, que ex ore multorum valere consentaneum est: plus enim nervorum in ea est, & audientia maior.* Desta razão, que parece vulgar, passa o mesmo Santo a outra muito mais alta, & encarecida, & diz assim: *Reveretur Deus multitudinem unanimem, & consentientem in precando: ut veluti pudore victus, non audeat illis negare.* Sabeis porque pôde tanto com Deos a Oração de muitos? He porque a multidão dos que oraõ se deve tam grande respeito, que até a mesma Magestade Divina a reverencia: *Revere-*

*tur Deus multitudinem unanimum, & consentientem in precando.* E he tal a força desta reverencia em Deos, que por isso não ouza, nem se atreve a negar cousa alguma, quando são muitos os que lha pedem: tanto assim (notaí, ou não noteis a palavra) tanto assim, que quando Deos o não fizera por vontade, o faria por vergonha: *Ut veluti pudore victus, non audeat illis negare.*

Santo Athanasio, nas palavras, que já citámos, *Particulatim, & Dissociatim*, diz, que a razão he, porque a Oração, que cada hum faz em particular, vai desacompanhada; & a que faz juntamente com muitos, leva com si o acompanhamento de todos. Cã nas Cortes da terra, se Requerente he só, & vai só, acha grandes difficuldades em ser admittido; mas se vai com grande acompanhamento, todas as entradas se muito francas. E quasi este mesmo he o estilo do Ceo. Se a Oração vai acompanhada de muitos, sempre tem as portas abertas; mas se vai só, & desacompanhada, não acha en-

*Athanas. supra.*

trada tam facil. A isto aludia  
 correezãmente David, quan-  
 do dizia a Deos hũa vez: *In-  
 tret eis in conspectu tuo oratio  
 mea: & outra vez: Intret pos-  
 tulationis mea in conspectu tuo.*  
 Como se dissera: A Oraçãõ,  
 Senhor, que vos faço, he só  
 minha: *Oratio mea:* & a peti-  
 çãõ tambem só minha: *Postu-  
 latio mea:* & como seja de hũ  
 só, & não de muitos, o favor  
 parricular, que espero de vos-  
 tra piedade, & grandeza, he, q̃  
 sem embargo de ir só, & de la-  
 companhada, se lhe não ne-  
 gue a entrada a vosso conspe-  
 cto: *Intret oratio mea. Intret  
 postulationis mea in conspectu tuo.*

*Psalm.  
 87.3.  
 Psalm.  
 118.  
 170.*

Este he o que chama Santo  
 Athanaõ, *Particulatim, &  
 Dissociatim.*

*Tertull.  
 de Ora-  
 tion. Do-  
 minica,  
 & in A-  
 pulog.*

51 Tertulliano à Afri-  
 cana vai por outro rumo.  
 Responde aos Gentios, que  
 estranhavaõ aos Christãõs o-  
 rarem juntos nas suas Cõgre-  
 gaões: & diz assim pompo-  
 samente: *Cœmus in cœtum, &  
 congregationem, ut Deum quasi  
 manu facta precationibus am-  
 biamus orantes. Hec vis Deo  
 grata est.* Concorremos os  
 Christãõs, & cõgregamonos  
 a orar todos juntos, como de

maõ armada, & deste modo  
 fitiamos, & pomos de cerco a  
 Deos com nossas Oraçoẽs:  
 para que apertado de todas  
 as partes, não tenha, nem lhe  
 fique lugar de resistir a ellas,  
 & como obrigado por força,  
 nos conceda quanto lhe pedi-  
 mos. E sabei, que esta mesma,  
 que parece força, & violen-  
 cia, he muito aceita, & agra-  
 davel ao nosso Deos: *Hec vis  
 Deo grata est.*

52 Santo Thomás, co-  
 mo tam singular no enge-  
 nho, & na doutrina, dá outra  
 razão tambẽ singular: *Multi  
 enim minimi, dum congregan-  
 tur, fiunt magni.* Põde tanto  
 com Deos a Oraçãõ de mui-  
 tos, porque ainda que cada-  
 hum dos que oraõ por sy  
 mesmo, & por sy só, seja pe-  
 queno, quando se ajunta cõ  
 os demais, fazse grande. Se  
 não dera esta razaõ hum tam  
 grande Theologo, & Filoso-  
 fo, como Santo Thomás, não  
 me admirára tanto, quanto  
 parece difficultosa de se en-  
 tender. A uniaõ de muitos  
 juntamente congregados faz  
 numero, & multidaõ, mas  
 não faz grandeza. Como diz  
 logo o Doutor Angelico, q̃

*D. Tho-  
 mas cie-  
 tas.*

juntos em Oraçãõ os pequenos, ainda que sejaõ minimos, se fazem grandes? Para se fazerem grandes os pequenos, he necessario que creçaõ: & como podem crescer, sò porque elles se ajũtaõ aos demais, ou os demais a elles? Entendo, que entendeo Santo Thomás, que crecem *per juxta positionem*. Os homẽs, os brutos, as arvores crecẽ, porque tem vida vegetativa: as pedras não tem vida vegetativa, & tambem crecem: mas como? Dizem os Filosofos, que *per juxta positionem*, convertendo cadahuã em sy, & aerefcendendo a sy o que tem junto de sy. E isto mesmo he o que faz a uniaõ reciproca dos que oraõ, quando oraõ muitos juntos: *Mulsi enim minimi, dum congregantur, fiunt magni.*

53 Em hu facho composto de muitas canas, quando arde, se vé o mesmo, porque cadahuã arde com o seu fogo, & com o das outras. E esta he a razão, que dá S. Vicente Ferrer, para ser mais forte, & mais poderosa a Oraçãõ de muitos, & levantar ao Ceo, & a Deos mais fer-

vorosa, & maior labareda: *Ideo congregamur, ut inflamemur, & oratio ascendat ad Deum.* Finalmente, a grande misericordia de Deos he huã multidaõ de misericordias: *Secundum magnam misericordiam tuam: & secundum multitudinem miserationum tuarum:* & para a multidaõ das misericordias se rãder às nossas Orações, necessario he, q̃ tambem as Orações sejaõ da multidaõ. Quanto mais, que do mesmo Deos diz *Isai. 55. Quoniam multus est ad ignoscedum.* E se Deos para perdoar, & fazer mercês, he muitos, ou muito: *Quoniam multus est:* bem se deixa ver, que sò os muitos podem ter proporçãõ com o muito, & quanto valerãõ para com elle as Orações, & Deprecações dos muitos.

54 De tudõ isto colhe por conclusãõ S. Chrystostomo; que concorrerẽ os Fieis à Igreja, para allí orarem juntos, como se faz no Rosario, não sò he o melhor, & mais conveniente modo de orar, senãõ q̃ o contrario he grande erro: *O frigidam excusationem, quam à pluribus reddi*

*Chrystost. citat.*

audio! Orare domi possumus. Te, Homo, decipis, & magno in errore versaris. Escuzas se muitos (diz o Santo) de vir orat à Igreja, dizendo, que tambem podem orar em sua casa, & esta escusa he muito fria, & muito errada, com q̄ o Homẽ se engana a sy mesmo. E porque? *Nam eisi domi quisque detur orandi facultas, tamen fieri non potest, ut domi tam bene ores, quam in Ecclesia, ubi clamor felici societate excitatus ad Deum defertur:* porque ainda que cadahum possa orar em sua casa, he certo, que nem orarã taõ bem, nem com tanto merecimento, & fruto; porque lhe falta a felice companhia de muitos juntos, com que as vozes da Oraçõ de todos se excitaõ mais altamẽte, & sobem mais promptamente a Deos. E isto baste quanto à primeira parte da nossa questãõ.

## III.

55 **E**Ntrando na segunda, seja o primeiro fundamento della o conselho do Doutor de todos os Doutores, & do Mestre de todos os Mestres, Christo, Senhor, & Deos nosso: *Tu autẽ cum oraveris, intra in cubiculum tuum, & clauso ostio, ora Patrem tuum in abscondito:* Tu quando quizeres orar, entra no apozento mais retirado de tua casa, & cõ a porta cerrada ora em secreto a teu Padre. *Tu cum oraveris.* Tu, diz, & naõ vós: porque o que ora, ha de ser hum sô, & naõ muitos: *Intra in cubiculum tuum:* entra no apozento mais retirado; porque ainda que seja na propria casa, não ha de ser em lugar publico: *Et clauso ostio:* & com a porta cerrada, para não ver, nem ser visto de quem o divirta. Finalmente, *Ora Patrem tuum in abscondito:* ora a Deos em segredo; porque elle ouve mais os corações, que as vozes.

56 Isto he o que Christo nos ensinou de palavra, & parece que o não podia ensinar por obra, porque desde dia, em que entrou neste mundo, menos apartamento retirado nella, onde se recolher a orar. Comtudo saõ, não sô muitos,

tos, mas continuos os exemplos, que o mesmo Senhor nos deixou deste retiro, & desta soledade, orando sempre retirado, & sempre só. Os retiros de quem não tem casa, são os desertos. Não professava Christo vida eremitica; mas cômto se nas Cidades vivia, nos desertos orava: nas Cidades tratava com os homens, nos desertos com Deos. Depois de obrar em Cafarnaú infinitos milagres, para que não bastou o dia, *se não parte da noite: Egressus*, diz S. Marcos, *abijt in desertum locum, ibique orabat.* Depois de dar de comer cômto sinco pães aos sinco mil, que o seguiaõ: *Dimissã turbã*, diz S. Mattheos, *ascendit in montem solus orare.* Antes de perguntar aos Discipulos qual fosse a opiniaõ, que delle tinhaõ os homens: *Et factũ est*, diz S. Lucas, *cum solus esset orans.* E antes da Transfiguração; diz o mesmo Evangelista: *Ascendit in montem, ut oraret.* Em summa, q quando não era algũa Oraçaõ breve, em caso publico, & forçoso, sempre Christo orava só, & sempre em lugar secre-

to, & retirado.

57 Mas isto mesmo, mais interiormente considerado, não carece de difficuldade. Porque assim o retiro do lugar, como a soledade da Pessoa, ainda emquanto Homem, parece que encontra muito as soberanas perfeições de Christo. Quando Moysés orava no monte, Josué pelejava na campanha: quando Maria contemplava aos pés de Christo, Martha ministrava o que era necessario para a mesa: & porque? Porque segundo a limitação da natureza humana, as acções da vida activa encontram muito as atenções da contemplativa, & porque no mesmo sujeito, & no mesmo tempo muy difficulosamente se compadecem, & cõcordaõ estas duas obras, ou eses dous cuidados juntos; por isso a Oraçaõ, & as armas se dividem entre Josué, & Moysés, & a contemplação, & a acção entre Martha, & Maria. Porém em Christo não era assim. Tanto podia contemplar no meyo dos maiores concursos de Jerusalem, como no retiro dos montes,

*Marc. I.*  
35.

*Matth.*  
14.23.

*Luc. 9.*  
18.

*Ibidem.*  
28.

Matth.  
18 10.

& na soledade dos desertos. E não só podia, mas com efeito assim obrava. Dos nos-  
 los Anjos da guarda diz o  
 mesmo Christo, que *Semper*  
*vident faciem Patris*. Pois se  
 os Anjos sempre estão ven-  
 do, & contemplando a Deos,  
 & no mesmo tempo assistin-  
 do a todas as acções dos ho-  
 mões: quanto mais a Alma de  
 Christo, a qual posto que era  
 da mesma especie que as nos-  
 sas, nos dotes, & perfeições  
 excedia com superioridade  
 quasi infinita as de todos os  
 Espiritos Angelicos: Quan-  
 do pré-gava, quando obrava  
 os milagres, & quando pa-  
 decia os trabalhos, & os tor-  
 mentos, sempre, & no mesmo  
 tempo contéplava o Senhor,  
 & orava juntamente, sem que  
 as acções exteriores impedis-  
 sem a Oraçãõ, nem a Oraçãõ  
 as acções exteriores. Mas se  
 isto era assim; porque se reti-  
 rava aos montes, & aos de-  
 sertos, & não só deixava, mas  
 fugia da companhia dos ho-  
 mões para orar só: *Fugit ::::*  
*in montem ipse solus*? Porque  
 ainda que o seu retiro não era  
 necessario á sua Oraçãõ, a  
 sua Oraçãõ, & o seu retiro era

Joan. 6.  
15.

necessario ao nosso exemplo.  
 Obrava assim, para nos ensi-  
 nar a obrar assim. Orava, pa-  
 ra que orassemos, & retirava-  
 se, para que nos retiremos:  
 & orava retirado, & só, para q  
 entendamos, que o orar só,  
 & não juntamente cõ mui-  
 tos, he o mais agradável a  
 Deos, & o mais conveniente  
 aos homões.

58 Nem cuide alguém,  
 que por ser hum só, o que  
 ora, por isso seraõ menos po-  
 derosas com Deos as suas O-  
 rações. Se as Orações de mui-  
 tos, por serem muitos, cer-  
 caõ, & apertaõ a Deos, &  
 quasi o obrigaõ por força, a  
 que conceda quanto lhe pe-  
 dem, como dizia Tertullia-  
 no: *Ut Deum quasi manu fa-*  
*cta precessionibus ambiamus o-*  
*rantes*: vede quanto mais a-  
 pertãõ, & mais fortemente  
 prendem ao mesmo Deos as  
 Orações de hum só. Voltan-  
 do Jacob para a patria com  
 tam numerosa familia, que  
 se dividia em duas grandes  
 tropas: *Cum duabus turmis*: Genf.  
 diz o Texto Sagrado q man-  
 dou passar diante todos os q  
 levava consigo, & elle se dei-  
 xou ficar só no deserto: *Tra-*  
*ductis*

Genf.  
32. 10.

*Ibidem.* *du Etis omnibus, quæ ad se per-*  
*23.* *vincbant, mansit solus.* Dá a  
 razão Oleastro, & diz com a  
 sentença communi de todos  
 os Padres, que foi para tratar  
 sò por sò com Deos, & orar  
 sem impedimento: *Quia ora-*  
*tio, requirit locum secretum, &*  
*qui orat, debet requirere se-*  
*cretiora loca, ubi nemo eum*  
*possit impedire.* Este foi o fim,  
 porque Jacob se deixou ficar  
 sò, que he tudo o que até o-  
 ra temos dito. Mas qual foi  
 o effeito: Qual nunca já mais  
 se viu, nem se podia imagi-

*Genes.* *Et ecce vir luctabatur cū*  
*32.24.* *eo.* No mesmo ponto, diz o  
 Texto, appareceo Deos alli  
 em fórma humana, & come-  
 çou a lutar com Jacob. Pois  
 porque Jacob se retira de to-  
 da a sua familia, & se deixa  
 ficar em hum deserto para  
 orar sem impedimento, &  
 tratar sò por sò com Deos:  
 Deos como se fora provoca-  
 do a desafio, em vez de lhe  
 lançar os braços por agrade-  
 cimento da fineza, se poem a  
 lutar com elle? Sim: & por  
 isso mesmo. Porque a Ora-  
 ção he huã batalha de abra-  
 ços, em que o homem por  
 huã parte se abraça cõ Deos,

& por outra luta com elle pa-  
 ra o render, a que lhe conce-  
 da quanto dezeja, & pede. E  
 neste caso foi Deos o Autor,  
 ou Aggressor da luta, sendo  
 elle o que lhe deu o princi-  
 pio: para mostrar quanto pô-  
 de com a Magestade Divina  
 a Oração de hum homem,  
 quando se retira de todos, &  
 de tudo, para orar sem esfor-  
 vo, & tratar sò por sò com  
 Deos.

59 Mas que foi o que  
 fez Jacob, & o que pode nes-  
 ta luta? Agora se segue o que  
 nem imaginar se podia. Pode  
 tanto; que arcando Deos cõ  
 elle, elle também arcou cõ  
 Deos: *Luctabatur cum eo:* po-  
 de tanto; q̃o não pode Deos  
 derrubar, nem carçar, nem  
 enfraquecer em huã noite in-  
 teira: *Usque manè:* pode tan-  
 to; que obrigou ao mesmo  
 Deos a que desenganado de  
 o não poder rēder, lhe pedis-  
 se partido: *Dimitte me:* pode  
 tanto; que elle Jacob como  
 superior na batalha foi o que  
 poz a Deos as condições da  
 tregua: *Non dimittam te, nisi*  
*benedixeris mihi:* pode tan-  
 to; que effectivamente con-  
 seguiu de Deos, & logo, &

*Ibidem.* no mesmo lugar, quanto del-  
le pertencéo: *Et benedixit ei*  
29. *in eodem loco.* Finalmente po-

de tanto; que com vitoria,  
& triumpho nunca imagina-  
do, o mesmo Deos se confes-  
sou por vencido, & a Jacob  
*Ibid.* 28 por invencivel: *Si contra Deū*  
*fortis fuisti, quanto magis con-*  
*tra homines praevaleris?* Que  
dirão agora os que tanto en-  
carecem a Oraçãõ de muitos  
juntos? Tudo isto, que não  
poderião conseguir todos os  
homens do mundo, pode hum  
homem sò, & sò; porque sou-  
be orar sò, & retirado dos  
homens: *Traductis omnibus,*  
*qua ad se pertinebant, mansit*  
*solus.*

60 E quanto a serem  
melhor ouvidas as vozes de  
muitos, a que S. Chrystosto-  
mo chamou *audientia maior;*  
a mesma palavra audiencia  
nos abre as portas â evidente  
razãõ, & differença, porque a  
Oraçãõ de hum sò he melhor  
ouvida de Deos. Os Princi-  
pes daõ dous generos de au-  
diencia, huã gèral, & publi-  
ca, outra particular, & secre-  
ta. A gèral, & publica pertẽ-  
ce à Magestade, & à Justiça;  
a particular; & secreta he

propria da familiaridade, &  
do favor: a gèral, & publica  
he para todos; a particular,  
& secreta, he sò para os pri-  
vados, & validos, que gozãõ  
os privilegios da graça, & sãõ  
participantes dos arcanos do  
Principe. E tal he a grata, &  
interior audiencia, em que  
Deos ouve, & se comunica  
aos que na Oraçãõ secreta, &  
retirada, trataõ sò por sò com  
elle. Que valido ha, que não  
possa mais com o Rey em  
huã hora do gabinete, que  
todos os vassallos da Monar-  
chia, ainda juntos em Cor-  
tes? Joseph sò, podia mais  
cõ Faraó, que todos os Con-  
selheiros, & Ministros do E-  
gypto: Daniel sò, podia mais  
com Dario, que todos os Sa-  
trapas dos Persas, & Medos:  
Aman sò, & depois Mardo-  
chéo sò, podiaõ mais com  
Assuero, que todas as Cento  
& dezafete Provincias, de q̃  
era Monarcha. E não he me-  
nor o poder, & valia, que tem  
com a Magestade Divina to-  
do aquelle, que a portas cer-  
radas trata sò por sò cõ Deos,  
não no gabinete do mesmo  
Deos, senão no proprio: *In-*  
*tra in-cubiculum tuum, & ora.*  
Vede,

61 Vede, vede, se comunicou Deos já mais a alguma comunidade, & congresso de muitos os secretos de sua Providencia, & as revelações de seus decretos, como os fiou sempre de hũ sô, & de hum sô, excluidos os muitos. Com muitos estava Daniel, & nota elle, que depois que os muitos foraõ excluidos, & elle deixado sô, entaõ lhe cõmunicou Deos a famosa revelação das Hebdomadas, & de quanto no prometido termo dellas havia de succeder: *Ego autem reli-*

*Etus solus vidi visionem grandem hanc.* Tambem S. Paulo caminhava para Damasco acompãhado de muitos, quando Christo lhe apparecêo a elle sô, & a elle sô lhe disse, o q̃ d'elle pertendia, em modo q̃ nenhum dos companheiros ouviu a voz, nem vio quem fosse o que fallava: *Et qui mecum erant, lumen quidem viderunt, vocem autem non audierunt ejus, qui loquebatur mecum.* Assim Abraham estando sô, vio no valle de Mambré os tres Anjos, que representavaõ a Trindade. Assim Jacob estando sô, vio no

caminho de Mesopotamia a escada, que chegava da terra ao Ceo. Assim Moysés estando sô, vio no deserto de Madian a Carça, que ardia, & não se queimava. Assim S. Pedro estando sô, vio no terrado de Joppe o mappa de todas as feras, que havia de matar, & comer. E assim finalmente S. Joã estando sô, vio no seu desterro, & Ilha de Pathmos os Mysterios do Apocalypse, & nelles toda a Historia do futuro até o fim do mundo.

## V.

62 **E** Se perguntarmos tambem nesta segunda parte do nosso problema a razão porq̃ Deos sempre evita a frequencia, & ajuntamento de muitos, & sô se communica, & manifesta aos que estaõ sôs? A razão, em q̃ não ha opinioes, nem pôde haver duvida, he, porq̃ Deos não se communica familiarmente senaõ aos que perfectamente oraõ, & a alma da perfeita Oraçãõ he a attençaõ, a qual se não pôde conservar entre muitos. A multi-

daõ

Daniel.  
10.8.

Afor.  
22.9.

Bernar-  
din. de  
oration.  
& attē.

daõ por isso se chama Turba, porque perturba, inquieta, diverte, & a attençaõ diver- tida, inquieta, & perturbada, como pôde ser capaz de Deos, nem de ouvir, & re- ceber seus secretos? S. Bernar- dino fallado da Oraçaõ Vo- cal, divide a attençaõ em tres partes, ou em tres attençaõs; a primeira ás pala vras, a se- gunda ao sentido, a terceira ao objecto: *Triples est in Ora- tione attentio procuranda: pri- ma ad verbum, secūda ad sen- sum, tertia ad objectum.* To- das estas attençaõs require a Oraçaõ, & nũito particular- mēte a nossa do Rosario. At- tençaõ ás palavras, que na Ave-Maria sãõ Angelicas, & no Padre-nosso Divinas: at- tençaõ ao sentido dellas, para que o coração responda com os affectos ao que sou, & pro- nuncia a lingua: attençaõ ao objecto, porque o objecto, q se representa em cada Deca- da, sãõ os Mysterios da Vida, Morte, & Ressurreiçaõ do Filho de Deos, em que a at- tençaõ deve ser mais firme, mais applicada, & mais attē- ra. Por isso acrescenta o mes- mo S. Bernardino: *Bona qui-*

*dem est attentio prima: melior est secunda: tertia optima re- putatur:* que a primeira attē- çaõ he boa, a segunda me- lhor, & a terceira em grão superlativo, optima. Se to- das estas attençaõs concor- rem, & se ajuntaõ na nossa Oraçaõ, entãõ serã ella per- feita, & digna de que Deos muito interior, & muito fa- miliarmente se communique à Alma: mas se faltar qual- quer dellas, & muito mais se faltarem todas, nem serã at- tençaõ, nem Oraçaõ: senãõ que? Huã grave injuria, que fazemos a Deos, com quem fallamos.

63. Ouvi a S. Bernardo: *Magnam injuriam Deo facio, cum illum precor, ut meam vo- cem audiat, quam ego, qui fun- do, non audio: deprecor illum, ut mihi intendat, ego verò nec mihi, nec illi intendo* Quando oro sem a devida attençaõ, faço huã grande injuria a Deos: & porque? Porque lhe peço, que me ouça a mim, quando eu mesmo me não ouço: & porque lhe rogo, q attenda ao que digo, quando eu nem ao que digo, nem a mim, nem a elle attendo. H-

S. Ephre  
in illud  
Atten-  
de tibi  
cap. 10.

to he orar, ou zombar de Deos? Naõ sò he zombar, mas desprezallo, diz Santo Efreem: *Cum ad orandum te composueris, noli vagá, aut distrahá mente esse, ne quando contemnens inueniaris.* Quando orais, orai com a devida atençaõ, & não divertido, & distraido em outros pensamentos, porque não sejas comprehendido no maior crime de lesa Magestade Divina, como desprezador do mesmo Deos: *Ne quando contemnens, inueniaris.* Deos diz, que esta com os que oraõ: *Ibi sum in medio eorum.* Mas vede como argue Eusebio Em senso aos que oraõdo por divertidos, & desatretos, nem estaõ com Deos, nẽ comfigo: *Quomodo eris Deus in medio tui, si tecum ipse non fueris? Si deest ille, qui poscit, quomodo aderit ille, qui poscitur?* Como ha de estar Deos com vosco, se vós não estais em vós? E se o que roga está ausente, como ha de estar presente o que he rogado? Tam côtraria he do que pretende, & tanto desfaz o que faz, a desatençaõ de quem ora. E como a Alma, que na

Maub.  
18. 20.

Emisse-  
mus in  
euan-  
cum.

Oração devia estar toda recolhida, & dentro em sy, abertas as portas dos sentidos, sae fóra, & se derrama, & distrahe com outros cidadãos: & a companhia dos homẽs, & ajuntamẽto de muitos sãõ outras tantas occasiões de divertimento, & distraçaõ, & o maior impedimento, que tẽ a atençaõ dos que oraõ: por isso Christo os manda encerrar no cetero mais secreto de sua casa, & elle, que a não tinha, não sò hia orar aos montes, & aos desertos, mas escolhia para a Oração o silencio mais secreto das noites: *Erant Luc. 6. pernoctans in oratione Dei: por. 12.* ra que com a soledade do tempo, com a soledade do lugar, & com a soledade da Pessoa nos ensinasse a orar sòs. 64. Que dirãõ agora a isto os Santos, & Doutores, q tanto nos encareciaõ a Oração de muitos juntos? S Joã Chrystostomo, que fõ o primeiro, & o ultimo, & o que mais empenhada mostrou sua eloquẽcia pelo acompanhamento da Oraçãõ: não retirando aquellãs suas razões, mas obrigado das evidencias desta, nos aconselha, que no tempo,

no cetero  
de sua casa  
que a não  
tinha

Erant Luc. 6.  
pernoctans in oratione Dei: por. 12.

Chrystost.  
homil.  
51. in  
Mat. 14.

tempo, & no lugar busque-  
mos as commodidades da  
Oração mais quieta: acre-  
cētando, que o ermo, & a so-  
ledade, he sô o porto quieto,  
& seguro de toda a perturba-  
ção: *Tam à loco, quàm à tem-  
pore tranquillitatem orandi  
queramus. Trāquillitatis quip-  
pe mater erēmus est, quietis  
porsus, & omnis perturbatio-*

Hieron.  
in Epist.  
ad Euf-  
roch.

*nis expultrix.* E S. Jeronimo  
fallando de sy mesmo na E-  
pistola a Eustoehio: *Sic ubi  
aspera montium, concava val-  
lium, rupium praxupta cerne-  
bam, ibi mea orationis locus.*

Se em algũa parte via o aspe-  
ro dos montes, o concavo  
dos valles, o talhado dos ro-  
chedos, alli me metia, & alli  
era o lugar da minha Ora-  
ção. Deforte, que não sô bus-  
cava Jeronimo os ermos, os  
desertos, as soledades; senão  
no ermo o mais occulto, no  
deserto o mais escondido, &  
na soledade o mais sô: Isto  
mesmo dizem S. Dionisio A-  
reopagita, S. Basilio, Santo A-  
gustinho, Santo Ambrosio,  
Béda, & todos os Padres, en-  
tre os quaes S. Gregorio Na-  
zianzeno com particular re-  
paro entre as acções, & Ora-

ções de Christo pondéra, que  
para as acções buscava os  
homēs, & para as Orações se  
retirava delles: *Iesus ipse in* <sup>Nazē-  
anzenus  
Orat. ad  
Maxim.</sup>  
*actiones multitudinē, hominū-  
que frequētia, ita preces quie-  
ti, locique ab hominū commier-  
cio semotis ferē tribuebat.*

65 Mas porque a au-  
thoridade da Sagrada Escri-  
tura, como Divina, excede sê  
comparação a de todos os  
Santos, & Doutores, vejamos  
o q̄ nos diz, & ensina o mes-  
mo Texto Sagrado acerca  
desta soledade, assim de Deos  
para com os homēs, como  
dos homēs para com Deos;  
no trato, & commercio da  
Oração, sempre sô por sô. No  
Capitulo terceiro dos Can-  
ticos declarando a soledade  
do lugar, nota o retiro do de-  
serto: *Qua est ista, qua ascen-* <sup>Can. 3.</sup>  
*dit per desertum, sicut virgu-* <sup>6.</sup>  
*la fumi :::: & ihuris?* No  
Capitulo dezoito da Sapien-  
cia declarando a soledade do  
tempo, nota o silencio da  
meya noite: *Cum quietum* <sup>Sap. 18.</sup>  
*silentium contineret omnia, &* <sup>14. 15.</sup>  
*nox in suo cursu medium iter*  
*haberet; Omnipotens Sermo*  
*tuus :::: à regalibus sedibus*  
*::: profiliuiv.* No Capitulo

ter-

terceiro dos Threnos declarando a soledade da pessoa, nota a quietação elevada, & elevação quieta do solitario:

*Thren. 3* *Sedebit solitarius, & tacebit: quia levavit se super se.* Sò no lugar, sò no tempo, sò na

pessoa, & sempre sò por sò o homem cõ Deos. Finalmente, o mesmo Deos querendo se comunicar muito interior, & familiarmente com huã Alma, diz q̃ a retirará, & apartará cõsigo, & a levará a huã soledade, para lá lhe fallar ao coração: *Ecce ego lactabo eam, & ducã eam in solitudinẽ: & loquar ad eor ejus.* E sendo Moysés Vice-Deos na terra, quãdo Faraó lhe pediu q̃ fizesse Oraçãõ, para q̃ cessasse a praga dos trovões, & tempestade, q̃ destruiu todo o Egypto; respondéo, que depois que sahisse da Cidade, entãõ oraria a Deos, & cessaria aquelle castigo: *Cum egressus fuero de urbe, extendam palmas meas ad Dominũ, & cessabunt tonitrua, & grando non erit.* E porque nãõ orou Moysés logo, & na Cidade, senãõ depois que sahio della? Porque sendo Vice-Deos, como dizia, nãõ teve

*Ofec. 2.* *14.*

*Exod. 9.* *29.*

confiança para esperar, que o mesmo Deos, que lhe dera as suas vezes, ouviria a sua Oraçãõ, senãõ quando orasse sò. Tanto importa ainda aos mais validos de Deos a soledade do lugar, & da pessoa, quando lhe haõ de fazer Oraçãõ.

66 De tudo o ditto se colhe por ultima conclusãõ com S. Lourenço Justiniano, que a Oraçãõ de hum sò he mais efficaç, & mais segura, que a Oraçãõ de muitos juntos; porque se a frequencia, & companhia de muitos lhe acrescenta o valor, a mesma companhia, & frequencia lhe diminue a atençaõ: *Minus vanis cogitationibus stimulatur, qui orat, ubi non est hominum frequentia, quãdiu namque animus permixtus est turbis, non vacat soli Deo.*

*Laurẽ.  
Justinian. de  
Orat. c.  
5. & 6.*

## VI

67 **T**emos disputado o nosso problema por huã, & outra parte. E como cada huã dellas se defende, & tem por sy grandes Textos, muitos Doutores, & efficaçes razões, ambas sãõ provaveis.

O que agora resta, como no principio propuz, he fazer juizo de huã, & outra, & resolver qual se deve seguir na reza do Rosario, como mais proveitosa a nossas Almas, & mais aceita a Deos, & a sua Santissima Mãe. Não fallo nos casos de necessidade; porq̃ entãõ devemos orar em qualquer tempo, em qualquer lugar, & em qualquer estado, que nos acharmos. Moysés orou na campanha, Job orou na muladar, Ezechias orou na cama, S. Paulo orou no carcere, Daniel orou no lago dos Leoẽs, Jonas orou no ventre da Baléa, o Bom Ladrão orou na Cruz: & todos estes orãõ, ou sôs, ou entre muitos, conforme o caso o permittia. Havendo pois de orar, não por necessidade, senão por eleição, & havendo de ser a Oraçãõ, não outra, senão a do Rosario, de que particularmẽte tratamos: sêdo muito provavel o modo de orar sô, & tambem muito provavel o modo de orar juntamente com muitos: o que se pergunta agora por ultima conclusãõ, he: Qual destas partes deve seguir o devoto

do Rosario? Será melhor rezar em publico, & juntamẽte com muitos na Igreja, ou rezar sô, & retirado em sua casa? Respondo com distincãõ. Aos homẽs digo, que rezem, ou na Igreja, ou em sua casa, onde experimentarem maior devaçãõ, & onde tiverem maior commodidade. Aas mulheres porẽm absolutamente digo, que cada huã deve rezar em sua casa, & de nenhũ modo fora della; os homẽs sejaõ embora muitos, a mulher sempre huã sô. E isto he o que diz o nosso Texto: *Mulier. Quadam.* Ubi su- pra. A mulher huã. E onde ouver turba, não com ella, mas separada della: *Mulier quadam de turba.*

68 O fundamẽto desta distincãõ não he de grãde louvor para as mulheres, mas de grãde conveniẽcia, & decencia, sim. Porque? Porq̃ muitas vezes quando a mulher fae a rezar o Rosario, ou como se diz vulgarmẽte, o Terço; mais fae a sair, que a rezar. Quando Deos criou o homem, & a mulher, foi com grande differença, ainda nos termos com que o refere a

Es-

Eſcritura. Do homem diz q̃  
o formou Deos; da molher  
Genef. 2. q̃ a edificou: *Edificavit::: cof-*  
22. *costam::: in mulierem.* Não  
quiz o Autor da natureza, q̃  
a molher se contasse entre os  
bens moveis. O edificio não  
se move do lugar, onde o pu-  
zeraõ; & assim deve ser a mo-  
lher: tam amiga de estar em  
casa, como se a casa, & a mo-  
lher foraõ a mesma cousa.  
Mas a sua inclinação corres-  
pondéo tam pouco ao myſ-  
terio, ou documento, com q̃  
fora criada, que como se vio  
edificio sem alceſſes, o ma-  
ior appetite da molher he  
andar, & ſair. Na mesma  
criação de Eva, & no mesmo  
momento, em que foi cria-  
da, temos o exemplo. For-  
mou Deos a Eva da coſta de  
Adam, & depois de formada,  
não diz o Texto Sagrado q̃  
o Senhor lha mostrou; ou  
que lha entregou, ſenaõ que?  
Cousa verdadeiramente dig-  
na de grande admiração, &  
reparo. Diz, q̃ a trouxe Deos  
Genef. 2. a Adam: *Edificavit::: cof-*  
22. *tam, quam tulerat de Adam,*  
*in mulierem: & adduxit eam*  
*ad Adam.* Se a trouxe, final-  
he que estava noutro lugar,

& não alli. Pois se alli tirou  
Deos a coſta a Adam, & alli  
formou a Eva, porque não  
estava Eva alli, ſenaõ em ou-  
tra parte, onde Deos a foi  
buscar, & a trouxe? Porque a  
primeira couſa, que fez Eva,  
no mesmo instante em que  
teve ſer; foi, não parar no  
mesmo lugar hum ſõ momẽ-  
to, ſenaõ ſair, & andar. Para  
não ſair dalli tinha Eva as  
duas mais fortes razões, que  
se podem imaginar: porque  
alli estava Deos, que acabava  
de a criar, & alli estava o eſ-  
poſo, de cujo lado fora cria-  
da. Mas he tal a inclinação,  
& tam impaciente na molher  
o appetite de ſair, & andar, q̃  
por ſair, & andar deixou Eva  
o eſpoſo, & por ſair, & andar  
deixou a Deos. Oh quantas  
vezes por eſte mesmo appeti-  
te vemos deixado a Deos, &  
os Eſpoſos peor que deixa-  
dos!

69 Mas ainda Eva de-  
pois de trazida não aquietou.  
Perdeose Eva a ſy, & a ſeu  
marido, & a ſeus filhos, & a  
todo mundo, porque fallou  
com a Serpente, & a ouviu:  
mas como podia Eva fallar  
com a Serpente? Esta duvida

Rupert.  
lib. 3. in  
Gen. f.  
cap. 29.

excitou Ruperto Abbade, taõ bem fundada, como subtilmente arguida. Dentro da cerca do Paraiso Terreal, q depois defedéo o Cherubim com a espada de fogo, naõ podiaõ entrar as Serpentes; porq se as Serpentes entrassem, tambem entrariaõ os lobos, & os tigres, & todos os outros animaes, o que era contra a dignidade, limpeza, & affeio do mesmo Paraiso plãrado pelas mãos de Deos, como hũ Ceo na terra. Quãto mais, q ao mesmo Adam tinha Deos mandado, que o guardasse: & naquelle tempo não havia de quem o guardar, senaõ dos mesmos animaes: os quaes tãbem se naõ pôde dizer, q furtivamẽte entrassem no Paraiso, porque eraõ obedientes ao homem. Pois se a Serpente não entrou, nem podia entrar no Paraiso, como lhe fallou Eva, & onde? Excellentemente o mesmo Ruperto: *Libera nobis relinquatur facultas asserendi, quod non Serpens in Paradiso fuerit, sed mulier corpore, & oculis vaga, dum incontinenter deambulat, forte prospectans qualis extra Pa-*

*radisum mundus haberetur, locus datus est, & occasio, unde Serpens tentaret.* Sabeis (diz Ruperto) porque teve occasiaõ Eva de fallar com a Serpente, & onde lhe fallou? Naõ foi dentro no Paraiso, senaõ fora. Dentro naõ; porque a Serpente não podia entrar là: mas fora da cerea do Paraiso sim: porque a molher tam vagabunda nos olhos, como nos passos, teve appetite de ver qual era o mundo ca por fora, & este foi o lugar, em que se encontrou com a Serpente, & a Serpente a tentou, & fez cair: *Dum incontinenter deambulat, prospectans qualis extra Paradisum mundus haberetur.* Se Eva se cõtivera dentro do Paraiso, que Deos lhe tinha dado por morada, & não quizerá ver mais mundo, ella se livrãra dos encõtros, em que vio, & ouviu o que lhe não convinha: mas porque quiz sair, & andar por fora, por amor do mundo, que fora melhor não ver, naõ sò perdéo o mesmo mundo, senaõ tambem o Paraiso, & a sy, & a nós. E isto he o que succede cada dia às filhas de Eva.

Naõ

## VII.

70 **N**ÃO quero dizer cõ isto, q̃ quando faem as que faem, seja sempre cõ má tençaõ; mas he certo, que muitas vezes começa com boa tençaõ, o que acaba em tentação. Peregrinando Jacob com toda sua familia, fez assento em hum lugar (q̃ entaõ se chamou Socoth, & depois Scythopolis) & alli, diz a Historia, que Dina filha do mesmo Jacob sahio hum dia de casa para ver as molheres daquella terra: *Egressa est autem Dina, ut videret mulieres regionis illius.* Esta foi a tençaõ, com que sahio da casa de seu pay aquella donzella: & qual foi o successo? O successo foi, que Sichem, Principe da mesma terra, vêdo a Dina, & agradandose della, a tomou, ou roubou por força: & Simeã, & Levi, irmãos de Dina, vendose afrontados, tiveraõ traça cõ que matar por traiçaõ ao mesmo Principe Sichem, & a todos os Sichimítas: & se Deos com especial providência não guardára a Jacob,

Tom. 6.

tambem elle percereria, & acabaria alli com todos seus doze filhos, de que nascéraõ os doze Tribus de Israel. Pois se a tençaõ, com que Dina sahio da casa de seu pay, não foi mais que de ver as molheres daquella terra: *Egressa est, ut videret mulieres regionis illius: como veio a parar esta honesta tençaõ em tantas desgraças, a que só por milagre do Ceo se não seguirãõ outras maiores? Porque huã molher, que sae a ver molheres, tambem sae a ser vista de homês. E se no ver não ha perigo, nem indecencia, no ser vista, periga a honra, periga a pessoa, periga a familia, & periga tal vez toda a Republica, & não só huã, senão muitas, como neste caso. A tençaõ de Dina em querer sòmente ver molheres, podia ser innocente, mas no risco, & occasião de ser vista de homês, tambem foi culpada; porque como gravemente disse Tertulliano: *Ejusdem libidinis est videre, & videri.* Por isso S. Jeronimo com o exemplo da mesma Dina, exhortava à Virgẽ Eustochio a nunca sair de casa:*

E casa:

Hieron.  
Supra.

cafa: *Cave, ne domum exeas, & velis videre mulieres regionis aliena: Dina egressa corrumpitur.* Atè o Poeta Gêtio notãdo discretamente semelhantes fãidas, disse que fãhiã Penelopes, & torna-  
 vãõ Helenas: *Penelope venit, abit Helene.* E isto he o que succedéo à filha de Jacob, q̃ fãhiõ Dina, & tornou In-  
 dina.

Mar-  
tialis.

71 Nem se evitaõ estes incõvenientes com irem sobredourados com o nome de devaçãõ: porque muitas vezes as que se chamaõ devações, sãõ verdadeiramẽte devassidões. As Contas do Rosario tãbem podem ter seus descontos, & as Rosas, suas espinhas: & assim succede, quando o rezar he sõmente pretexto de sair, & de ver, & de fallar, & do que se nãõ pôde fallar, nem ver. Nãõ fallo por boca do vulgo malicioso, & maldizente; porque o que digo, nãõ he murmuraçãõ, nem malicia sua, senãõ proverbio de Salamão expresso. Descreve elle huã molher inquieta, & vãã, da qual diz primeiro que tudo, que he tam amiga de sair, ou tam

impaciente de nãõ sair, que nãõ pôde ter os pés dentro em casa: *Quietis impatiens, Proo. 7. nec valens in domo consistere 11. pedibus suis.* Em fim sãhiõ de casa esta molher, & que fez, ou que disse? O que verdadeiramente era, posto q̃ parecia outra cousa. Parecia devaçãõ, & era (como dizia) devassidãõ. Encontrouse com quem a trazia inquieta, & tam fõra de sy, como de casa, & o que lhe disse, foraõ estas formaes palavras: *Visti. Ibidem. mas pro salute devovi, hodie 14. 15. reddidi vota mea. Idcirco egressa sum in occursum tuum, desiderans te videre.* Fui hoje à Igreja a offerecer sacrificio, & dar cumprimento a hum voto, que tinha feito a Deos: & por isso sãhi a me encontrar com vosco, tendo grandes saudades, & dezejos de vos ver. Notai muito aquella, Por isso, *Idcirco.* De maneira, que o pretexto de sair à Igreja era dar cumprimento ao voto: & overdadeiro fim, & intento, era ver a quem buscava. O voto era o pretexto de ir à Igreja: *Victimas pro salute devovi, hodie reddidi vota mea: & o devoto,*

tão, & o dezejo de over, era a verdadeira causa de sair de casa: *Idcirco egressa sum in occursum tuum, desiderans te videre.*

72 Oh quantas vezes succede isto mesmo na nossa terra, sendo o Rosario o pretexto destas hipocresias, & o Terço o terceiro destes sacrilegios! E porque não pareça que fallo de longe, em que as conjecturas são incertas; quero fechar este Discurso com o parecer, & sentença de hū grande Autor, não de outra Nação, senão Portuguez; nē de outra profissão, senão dos Prégadores do Rosario; nem de outro Cōvento, senão do de Lisboa; nem de outra Igreja, senão da antiquissima, & famosa de S. Domingos: onde o Terço do Rosario se reza todos os dias com tam particulares concursos, & donde esta tam louvavel devaçãõ se propagou por todo o Reyno, & Reynos de Portugal. O Autor he, Frey Jeronimo da Azambuja, mais conhecido no mundo pelo nome de Oleastro, tam pio, como douto, & doutissimo Commentador do Pentateu-

cho. E para que se veja o fundamento da sua sentença: nõ Capitulo trinta & quatro do Exodo mandava Deos, que tres vezes no anno fosseõ todos ao Templo (que naquele tempo era hum sò) & apparecessem em sua presença. Mas nota a mesma Ley, que este preceito fallava sò com as pessoas do genero masculino:

*Tribus temporibus anni* Exod.  
*apparebit omne masculinũ tuũ* 34. 23.  
*in cõspectu Omnipotẽtis Domini Dei Israel.* Repãta pois nesta limitaçaõ Oleastro, & dãdo a razaõ porq̃ a Ley obrigava os do genero masculino, & não do feminino, os homẽs, & não as molheres, diz assim: *Femininũ genus docet nõ hinc inde discurrere etiã pietatis, & religionis pratextu. Amat hoc genus exire, amat hinc inde discurrere: sed quia à viris suis sapius arcetur, causam religionis, & pietatis mentiuntur. Ut ergo licentiosum genus teneret in officio, occasiones vagandi praecludit.* Quer dizer o douto Religioso, & experimentado Commentador: que na limitaçaõ desta Ley quiz Deos ensinar a todos aquelles, a quem

quem pertence, que as mulheres não devem sair de casa, ainda cõ pretexto de piedade, & religião. Porque a gente deste genero (diz elle como testimunha ocular) he muito amiga de sair, & de andar por fóra. E porque tal vez lho prohibem, os que tẽ o mando da casa, fingem devações falsas, & mentirofas: *Causam religionis, & pietatis mentiuntur.* Assim que desobrigou Deos as molheres, desta Ley do Templo, para lhe tirar a occasião, não de orar, mas de sair, estimando mais o seu recolhimento, que as suas Romarias.

## VIII.

73 **E** Para que saibamos sem duvida, que este recolhimento he o q̃ mais approva, & o que mais lhe agrada à mesma Senhora do Rosario, ponhamonos entre os Mysterios Dolorosos, & Gloriosos, & vejamos o que então fez, cu não fez, a mais calificada piedade. Na manhã da Resurreição foraõ as Marias com grande devação, & diligencia ao Sepul-

chro para ungir o Sagrado Corpo. Agora pergunto: E foi tambem com as outras Marias a Virgem Maria, Senhora nossa? Não. Pois porque não foi tãbem a Senhora? Era menos devota? Amava menos a Christo? Considerava com menor dor os tormentos de sua Paixão, & as ausencias da sua morte? Claro está, que o amor de Salomé, de Jacóbi, & da Madalena, em comparação dos ardentissimos affectos da Virgem, eraõ tibiezas. Pois porque não foi tãbem a Senhora com as outras Marias? Porq̃ teve por melhor, & mais devcente o seu recolhimento: & porque sabía, que era mais agradavel ao proprio Filho o contemplar seus Mysterios entre quatro paredes, que illo buscar ao Sepulchro. As Marias no Sepulchro tiverão grandes visões de Anjos: & se he melhor devação a de não ir onde só se vem Anjos; quanto mais onde não são Anjos os que se vem?

74 Em conclusãõ: A molher? Sò. *Mulier? Quedã.* Sò, & apartada da multidão, & dos concursos: *De Turba.*  
Assim

Assim o faz o mesmo Christo, quando quer converter molheres. Primeiro aparta a multidão, & as turbas, & quando ficão separadas, & sós, então as converte. Leváráo a Christo aquella molher criminosa, para que a condenasse: & o Senhor, que a não quiz condenar, senão absolver, & reduzilla, de peccadora a Sãta: que fez? Pozse a escrever na terra os peccados dos accusadores: & depois q̄ todos se foraõ: *Remansit solus Iesus, & mulier in medio stans:* (diz o Evangelista) ficou Christo sò, & a molher sò com Christo: & agora que estava sò, lhe fallou o Senhor, & não sò lhe perdoou os peccados passados, mas com suas divinas palavras lhe deu alêtos para não cometer outros:

Ioan. 8.  
9.

Ibidem.  
11.

*Vade, & jam amplius noli peccare.* Chegando Christo ao Poço de Sichar, fatigado do caminho, a horas do meyo dia, despedio de sy a todos os Apostolos, & mandouos, que fossem buscar de comer à cidade. Para ir buscar de comer, bastava hum: E porque mãdou o Senhor todos? Porque havia de vir alli a Sama-

ritãna, a quem o Divino Mestre havia de converter, & revelar grandes Mysterios. E posto que a multidão dos Apostolos era de homẽs Santos; bastava ser multidão, para efforvar, o que sòmente estando sò por sò, podiã huã molher ter confiãça para perguntar, liberdade para ouvir, & capacidade, & sossego para entender. Por isso a Madalena em sua mesma casa se retirou, atè de huã irmaã tam Santa como Martha, & se recolhéo tambem sò aos pès de Christo. E por isso antes de Christo vir ao mundo, lemos da famosa Judith, que no alto do seu palacio fez hum apozento secreto, em que dentro da propria casa, & longe das inquietações della se retirava com Deos, & comfigo: *In superioribus domus sue fecit sibi secretum cubiculum.*

Judith.  
8.5.

75 Isto he o que nos prega o Evangelho nas palavras, *Mulier quadam.* E se esta unidade, & solidão, de huã, & sò, foi necessaria às que não eraõ Santas, para que o fosse: & depois de serem Santas, para se conservarem na perfeição, & pureza da vida; ne-

nhuã mulher haverá em qualquer estado da sua, que o não tenha por errado, se seguir o modo, ou appetite de querer orar entre muitos. Finalmente, para que todas entendão, & se persuadaõ, que adevaçãõ, & Oraçãõ do Rosario, de sy mesmo, & por sy mesmo as obriga a este retiro: saibaõ, que assim nascéo, & começou o Rosario, & q̃ assim se deve continuar. O principio, & nascimento do

Rosario, foi no Mysterio da Encarnaçãõ : & como nascéo, & começou por este Mysterio, senãõ no retiro, & solidade da mesma Senhora, delle? *Sola in penetralibus, sola sine comite, sola sine teste:* diz Santo Ambrosio. Assim começou o Rosario na bem dita entre todas as mulheres, & assim deve continuar em todas, & em cadahuã: *Mulier quedam.*

*D. Ambr. ibi.*

FINIS.



SER-



# S E R M A M

## X V I I I .

*Maria, de qua natus est Iesus, qui vocatur Christus.*

Matth. i.

I.

*natus est Iesus, qui vocatur  
Christus.*

76



STA he a ultima clausula do Evangelho, & esta havia de ser, para concordar o fim com o principio. No principio tinha ditto o Evangelista, que escrevia o Livro da Geraçãõ de Jesu Christo: *Liber generationis Iesu Christi*: & depois de contar quarenta & hum Ascendentes, todos successivamente continuados de pay a filho, chegando finalmente à Virgem Maria, Senhora nossa, conclue, que de Maria nascéo Jesu, q se chama Christo: *Maria, de qua*

77 Entre o nome de Jesu, & o de Christo ha esta differença. Jesu, que quer dizer Salvador, he o nome da Pessoa; Christo, que quer dizer o Ungido, he o titulo da dignidade. E porque desta dignidade do Filho havemos de tirar a da Mãy, em cuja Solennidade estamos; será bẽ, que saibaõ os que o ignoraõ, porque se declara a dignidade do Filho de Deos, & da Virgem com o nome de Ungido. A razaõ brevemente he; porque na Pessoa de Christo, Senhor nosso, emquãto Homem, estiveraõ jũtas as duas supremas dignidades de Rey,

E 4 &

Matth.  
i. 16.

& Summo Pontifice : & era cerimonia sagrada 'daquelles tempos, em parte observada tambem nos nossos, que os Reys, & os Pontifices fossem ungidos. Saul, que foi o primeiro Rey, foi ungido por Samuel; & Aram, que foi o primeiro Pontifice, foi ungido por Moysés: porém Christo, Senhor nosso, Rey sobre todos os Reys, & Pontifice sobre todos os Pontifices, não foi ungido por mão, ou ministerio de homens, senão immediatamente por Deos, como diz o Profeta : *Unxit te Deus, Deus tuus oleo latitiae pra consortibus tuis.*

*Psalm.*  
44.8

78 Esta he a propriedade, & correspondencia maravilhosa, com que a architectura desta primeira pagina de todos os Evangelhos, assim como as fachadas dos grandes edificios se ornaõ, & enobrecem de famosas Estatuas, assim ella se compoem dos Varoẽs mais illustre: da Profetia de Christo; & as Personagens entre elles de maior vulto, ou saõ Reys, de que o primeiro foi David, ou Pontifices, de que o primeiro foi Zeróbabel. E porque o or-

denou assim Deos, de quem mais que dos pays depende a successão dos filhos, & sendo Filho seu, o que nesta geraçãõ se deduzia? Para que se visse claramente, diz Santo *August.* Agustinho, na mesma descendencia natural de seus Primogenitores, que assim a unção da Coroa, como a da Tiãra, assim a dignidade de Rey, como a de Pontifice, & toda a propriedade, & significação de ungido, porque se chama Christo, não sò lhe competia diretamente por Filho de seu Pay, senão tambem pelo nascimento de sua Mãe: *De qua natus est Iesus, Ibi: qui vocatur Christus.*

79 Isto posto, em que não ha duvida, entraõ agora duas questões, huã antiga, & já tratada, outra nova, & tamõ nova, que hoje he a primeira vez, em que será ouvida. Pergunta a primeira questãõ: Se por Christo Filho da Virgẽ Maria ser Rey, & Rey universal do mundo, pertence tambem à Senhora o mesmo titulo, & dignidade Real? E posto que alguns demaziadamente espirituales duvidaraõ antigamente de juntar na

Vir-

Virgem Santissima o Real cõ  
o Santo, a sentença affirmati-  
va he hoje cõmum de Theo-  
logos, & Padres: dos quaes sò  
que: o allegar dous. Ruper-

*Rupert.* *Hac in calis Regina Sanc-*  
*torum, & in terris Regina Reg-*  
*norum est: quandoquidem est*  
*Mater Regis coronati, quem*  
*constituit Dominus super om-*  
*nia opera manuum suarum: ac*  
*proinde Regina constituta totũ*  
*possidet Filij Regnum.* E S. Bern-

*Ber-*  
*nardin.* *omnem hujus mundi meruit*  
*Principatum, & Regnum; quia*  
*Filius ejus in primo instanti*  
*sua conceptionis Monarchiam*  
*totius promeruit, & obtinuit*  
*universi: sicut Propheza testa-*  
*tur, dicens: Domini est terra,*  
*& plenitudo ejus, orbis terra-*  
*rum, & universi qui habitant*  
*in eo.* Demaneira, que a Vir-  
gem Maria, assim no Ceo, co-  
mo na terra, he Senhora, &  
Rainha universal de todos os  
Anjos, de todos os homẽs, &  
de todas as criaturas, quantas  
contẽm, & abraça o mundo  
universo. E a razã porque  
lhe compete este direito, &

tem o dominio, posse, & exer-  
cicio delle, he por ser Mãy  
de hum Filho, Rey, & Mo-  
narcha universal do mesmo  
mundo, que he Christo: *De*  
*qua natus est Iesus, qui voca-*  
*tur Christus.* E isto baste quã-  
to à primeira questãõ.

80 Agora se segue a se-  
gunda, que he muito naõ en-  
traffe ao menos em pensamẽ-  
to depois da resolução da  
primeira. Christo segundo as  
duas unçoẽs, que vimos, naõ  
sò he Christo, & Rey supre-  
mo, senãõ Christo, & Ponti-  
fice Sũmo. Logo se emquan-  
to Rey supremo, por ser Fi-  
lho de Maria, communicou  
a sua Mãy a dignidade Real;  
poderemos dizer tambem, q̃  
emquanto Põitfice Summo,  
por ser Filho da mesma Se-  
nhora, communicou à mes-  
ma Mãy a dignidade Pontifi-  
cal. Esta he a nova questãõ,  
que trago hoje, não para dis-  
putar, senãõ para decidir. E  
para que me ajudeis a pedir  
efficazmente a muita Graça,  
q̃ me he necessaria para huã  
decisãõ tam difficultosa; di-  
go resolutamente, que antẽs  
de a Virgem Maria ser Se-  
nhora do Rosario, não se po-  
dia

dia provar com effeito, que Christo seu Filho lhe tivesse communicado a dignidade Pontifical; mas depois de ser Senhora do Rosario, sim. Isto he o que haveis de ouvir.  
*Ave Maria, &c.*

II.

81 **O** Apostolo S. Paulo definindo as obrigações da dignidade Pontifical em ordem a declarar a soberana perfeição do Pontificado de Christo, diz assim:

*Hebr. 5.  
I.  
Cornel.  
ibi.*

*Omnis Pontifex ex hominibus assumptus, pro hominibus constituitur in ijs, qua sunt ad Deum, ut offerat dona, & sacrificia pro peccatis.* Sobre as quaes palavras o doutissimo Cornelio à Lapidè (o qual na exposição de S. Paulo, por não dizer que excedéo a todos os Commentadores, digo que se vécéo a (y mesmo) dividindo esta definição do Apostolo em suas partes essenciaes, diz, que nella se contém tres propriedades, ou excellencias, que constituem o perfeito Pontifice. A primeira pertence á eleição da Pessoa, as outras duas à execu-

ção do officio: & todas tres, digo eu, se achão com emnencia na Virgem Santissima, Senhora nossa.

82 *Prima est, ut Pontifex ex hominibus assumatur, quasi selectus, caterisque dignior.* A primeira propriedade he, que a Pessoa, que ouver de ser assumpta à dignidade Pontifical, seja escolhida entre todas, & a mais digna: isto quer dizer, *Ex hominibus assumptus.* E que Pessoa ha, ou pôde haver, ainda que a eleição se fizesse, não só entre os homens, senão entre os Anjos, tam merecedora de ser unicamente a escolhida, & tam infinitamente digna sobre todas as criaturas, como a que merecéo ser Mãe do mesmo Criador? Por isso o Espirito Santo lhe chama, *Una, & electa*; huã, & escolhida; porque na sua eleição foi unica sem controversia, unica sem opposição, sem parelha, sem semelhança. *Una, & electa*, diz Ruperto, *quia nec inter Angelos, nec inter homines, similè, vel primam habet, vel sequentem habitura est.* Não sei, se reparais bem na energia desta eleição, & na excellencia della.

della. A excellencia da eleição da Senhora não está em ser escolhida, senão em ser escolhida como huã: *Una, & electa*. A eleição, ou escolha commummente diz unidade, & suppoem multidão; porque de muitos se escolhe hu: porém quando o escolhido he tam singular, & unico, que não tem opposição, a gloria da eleição he a unidade: he ser escolhido, não como hu de muitos, senão como hum, & sô. Se no Ceo entre os Astros se ouvera de fazer eleição, como havia de ser escolhido o Sol? Não havia de ser escolhido como comparado, senão como unico. Pois assim foi escolhida Maria: *Electa ut Sol: Una, & electa*. E como a Senhora no Ceo, & na terra, não sô he a mais digna, que isso seria ter comparação, mas unica, & incomparavelmente dignissima sobre todas as criaturas; vede, se pelo merecimento da Pessoa lhe compete a dignidade Pontifical? Assim o entenderão, & differão todos, os que ouvirão este unico, & incomparavel elogio; porque tanto q̃ o Espirito Santo lhe deu o

nome de *Unica, & electa*, logo immediatamete foi acclamada de todos por Beatissima, que he o titulo Pontifical: *Viderunt eam filia, & Beatissimam predicaverunt eam.* Cant. 6. 8.  
A Senhora tinha ditto de sy: *Ex hoc Beatam me dicent omnes generationes;* Luc. 1. 48. mas os que do merecimento da Pessoa passárao à consideração da dignidade, que lhe era devida, não sô lhe chamárao *Beatam*, senão, *Beatissimam*.

83 *Secunda est, ut hominum causam agat apud Deum, tanquam eorum mediator, pro eisque oret, & interpellat.* A segunda propriedade, & primeira obrigação do officio Pontifical, he ser o Pontifice mediator, ou medianeiro publico entre Deos, & os homens, & diante da Divina Magestade orar, & avogar por suas causas. Isso quer dizer, *Pro hominibus constituitur in ijs, qua sunt ad Deum.* E que mediação se pôde dezer, nê imaginar entre Deos, & os homens, nem mais intima, nê mais efficaç, nem mais poderosa, que a daquella mesma Senhora, que dentro em suas entranhas unio a Natureza Di-

Bernard.  
Serm. I.  
d: Assumpç.

Divina com a Humana, & do Homem, & de Deos fez huã sô Pessoa? Ouvi a S. Bernardo: *Advocatam pramissit peregrinatio nostra, que tanquam Iudicis Mater, & Mater misericordie suppliciter, & efficaciter salutis nostra negotia periractabit.* Somos peregrinos na terra (diz Bernardo) mas nem por isso as nossas causas estão desemparradas no Ceo; porque no Ceo temos por avogada dellas, quem as ha de tratar com tãta efficacia, & poder, como a que he Mãy do Juiz; & com tanto amor, & piedade, como a que he Mãy da misericordia. Grande razaõ, & singular prerogativa, que sô no Pontificado de Christo se acha semelhante. Christo foi Pontifice sobre todos os Pontifices: porque? Porque os outros Pontifices são sômente homẽs, & Christo he Homẽ, & Filho de Deos juntamente. Como Homem intercede pelos homẽs; como Filho de Deos pôde tudo com Deos. Assim o pondéra S. Paulo, sinalando a differença que ha de Põrtice a Pontifice entre Christo, & os outros. Aos

outros fallos Deos Pontifices como Deos: a Christo fello Deos Pontifice como Pay. Aos outros como Deos: *Nec quisquam sumit sibi honorem, sed qui vocatur á Deo,* Hebr. 5. *4.5.* *tanquam Aaron.* A Christo como Pay: *Christus non semetipsum clarificavit, ut Pontifex fieret: sed qui loquutus est ad eum: Filius meus es tu.* E desta differença, q se segue? Segue se (acrescẽta logo o mesmo S. Paulo) que as suas Orações, & intercessões não são sô ouvidas pelo beneficio da causa, ou pela auctoridade do officio, senão pela reverencia da Pessoa: *Quin* 1bid. 7. *diebus carnis sua preces, supplicationesque ad eum :::: offerebat, exauditus est pro sua reverentia.* Esta he a prerogativa singular de Christo emquanto Pontifice. E que a mesma concorra na Virgem Mãy sua, quem o pôde duvidar? Porque se Christo como Homem intercede pelos homẽs, & como Filho de Deos pôde tudo com Deos; tambem a Senhora, pelo que tem de humana, intercede pelos homẽs, & porque he verdadeira Mãy de Deos, pode

rá, & pôde tudo com elle. E se as Orações, & intercessões de Christo são ouvidas de Deos pela reverencia de Filho, não menos serão ouvidas da Senhora, antes em certo modo mais, pela reverencia de Mãe. Assim o conclue noutra parte o mesmo S. Bernardo: *Advocatam vis habere erga ipsum? Ad Mariam recurre: nec dubius dixerim: exaudietur & ipsa pro reverentia sua.* Se quereis ter avogada diante do Supremo Juiz, recorrei ( diz ) a Maria confiadamente, porque assim como o Pay ouve a Christo por reverencia de Filho, assim Christo ouve a Senhora por reverencia de Mãe. Com tanta eminencia resplandece em Maria Santissima a segunda condição, que se requer para a dignidade Pontifical.

84. *Tertia est, ut Deum peccatis, & peccatoribus iratum placet, & reconciliet per dona, & sacrificia.* A terceira propriedade, & ultimo officio do Pontifice, he aplacar a Deos offendido dos peccados, & reconcilia-lo com os peccadores por meyo das obla-

ções, & dos sacrificios: isto quer dizer: *Ut offerat dona, & sacrificia pro peccatis.* E que Ministro Sagrado ouve já mais, nem haverá no mundo, tam apto, & tam apropriado para este soberano ministerio de aplacar a Deos offendido pelos peccados, como aquella purissima criatura, em que nunca ouve peccado? Os outros Pontifices, & Summos Sacerdotes, diz o Apostolo, primeiro offerecê os sacrificios pelos seus peccados, & depois pelos do povo; porém Christo, em quem nunca ouve peccado, não tem essa necessidade: *Qui non habet necessitatē ::::: quemadmodum Sacerdotes, prius pro suis delictis hostias offerre, deinde pro populo.* E assim como Christo são offerecia sacrificios a Deos pelos peccados do povo, & não pelos seus, porque os não tinha, & por isso erão mais gratos, & mais aceitos a Deos os sacrificios de seu Filho: o mesmo devemos nós não só entender, & dizer dos de sua Mãe; mas deste altissimo principio inferir quam decentemente assentaria na Pessoa da Virgẽ

Ibid. m.  
26.

purissima a dignidade Pontifical. Assim o inferio o mesmo S. Paulo: *Talis enim decebat, ut nobis esset Pontifex, Sanctus, innocens, impollutus, segregatus à peccatoribus, & excelsior cælis factus.* As quaes palavras, ou excellencias todas, assim como se dizem do Filho, se pôdem, & devem afirmar igualmente da Mãe: Sancta, innocente, pura, immaculada, separada, & exceptuada do numero dos peccadores, & levantada sobre todos os Ceos: Logo, *Talis decebat ut nobis esset Pontifex.* E para as offeras, & sacrificios: *Ut offerat dona, & sacrificia:* quem já mais presentou tal offerta a Deos, como a que a Senhora lhe offerceó no Templo, quando lhe presentou seu proprio Filho nascido de quarêta dias? E quem já mais lhe fez tal sacrificio, como o do mesmo Filho no Monte Calvario, mais crucificado na Alma, & no coração da Mãe, que na mesma Cruz? Não chegou Abraham a ver morrer Isaac, & comtudo diz S. Pedro Chrysologo, que de tal sorte se sacrificou nelle a sy mes-

mo, que elle era o sacrificio, & o Sacerdote, elle a victima, & o Pontifice: *Abraham se immolabat in filio, ut esset idem victima, & Pontifex, sacrificium, & Sacerdos.* E se isto bastou em Abraham, porque era pay, para ser Sacerdote, & Pontifice; aquella Mãe, cuja obediencia, & charidade foi infinitamente maior que a de Abraham, & cujo Filho, & sacrificio era infinitamente maior que Isaac, quem se atreverá a lhe negar, ou a duvidar a dignidade Pontifical?

### III.

85 **V** Ejo porêm, que da mesma Cruz, & das palavras do mesmo Filho crucificado, se tira o argumento, com que sobre tantas prerogativas de merecimento se nega à Santissima Mãe esta dignidade. As palavras do Filho foraõ: *Mulier,* Ioan. 19. *ecce filius tuus:* & este nome <sup>26.</sup> de mulher he o que se oppõe totalmente á dignidade Pontifical. Mas não he de tanto pezo esta instancia, que não tenha facil soluçãõ na Escriitura, nos Santos, & na razaõ. No

86 No Capitulo onze do Profeta Zacharias diz Deos, que matou tres Pastores do seu Povo em hum mez : *Succidi tres Pastores in mense uno.* E posto que o Profeta naõ declare alli quem foraõ estes tres Pastores; S. Hieron. S. Remigio, Alberto Magno, Hugo Cardcal, & todos os que entenderaõ este lugar mais propria, & literalmente, dizem, que foraõ, Moysés, Aram, & Maria Profetiza, irmaã de ambos. Chamaõse tres Pastores, porque por meyo de todos tres livrou Deos o seu Povo do cativoiro do Egypto, & o governou, & guiou pelo deserto atè a Terra de Promissãõ, como depois lhe fez cargo pelo Profeta Michéas, nomeando todos tres na mesma fôrma: *Quia eduxi te de Terra Egypti :::: & misi ante faciem tuam Moysen, & Aaron, & Mariam?* E dizer Deos que os matou a todos em hum mez: *In mense uno:* he maior, & mais clara confirmação de serem estes; porque como consta do Livro dos Números, Maria morreu em Março do anno quarenta da pe-

regrinação do deserto; & neste mesmo mez succedêo a incredulidade, & desobediencia de Moysés, & Aram, *Ibid. 12.* em pena da qual os sentencou Deos no mesmo acto à morte, & que naõ entrassem na Terra de Promissãõ, de que já estavaõ tam perto. E essa he a propriedade da palavra, *Succidi*; porque lhes cortou a vida, & mais os pastos.

87 Mas se neste numero entrava Maria, como lhe chama Deos tres Pastores? Aram era Pastor no Espiritual, & Ecclesiastico, porque era Summo Pontifice: Moysés era Pastor no Téporal, & Civil, porque era Governador supremo com authoridade Real: porèm Maria, que por ser molher, nem tinha, nem parece que era capaz, tanto de huã, como de outra dignidade; como lhe attribue Deos igualmente o mesmo nome, ou titulo: E sendo os officios pastoraes sò dous, como eraõ os Pastores tres: *Succidi tres Pastores?* Eraõ os Pastores tres, sendo os officios dous (respondem os mesmos Autores) porque afirm

sim Aram, como Moysés, ambos governavaõ junta- mente com Maria, & cada- hum a tinha por companheira, & fazia participante da sua dignidade. Maria sobre ser Profetiza muito alumia- da de Deos, era tambem de maior idade que Moysés, & Aram, como consta huã, & outra cousa da Historia Sa- grada, & por estas duas ra- zoës, posto que Moysés, & Aram fossem somente ir- maõs de Maria, o respeito, & veneraçãõ, com que a trata- vaõ, era de Mãy, & como tal, nem Aram no Ecclesiastico, nem Moysés no Civil, obra- vaõ cousa alguã, em que Ma- ria naõ tivesse parte. E por- que esta dobrada authorida- de commum com ambos lha tinha dado Deos; por isso sendo dous os officios pasto- raes, diz o mesmo Deos, que eraõ tres os Pastores: *Succidi tres Pastores*: & por isso fez cargo aos Hebréos de lhe ter dado para a liberdade do ca- tiveiro do Egypto, naõ só a Moysés, & Aram, senaõ igualmente a Maria: *Misi ante faciem tuam Moysen, & Aaron, & Mariam?*

*Uia.*

88 Ao nosso ponto a- gora: Maria irmaã de Moy- sés, & Aram, como lemos em S. Jeronimo, & Santo Ambrosio, foi figura da Vir- gem Maria: & naõ só pela semelhança do nome unico em todo o Testamento Ve- lho, nem só pela graça de Profetiza, nem só pelo triũ- fo de Corredemptora do Po- vo, mas singularmente pela prerogativa da virgindade: em testemunho da qual se naõ lé na Escritura, nem ma- trimonio, nem successãõ da mesma Maria: & Santo Am- brosio expressamente lhe dá o titulo de Virgem: *In Veteri Testamento clausum Hebrao- rum Populum Virgo per maria pedes duxit, in Evangelio Au- thorem mundi, & Redempto- rem Virgo generavit*. Sendo logo aquella Maria Virgem; vede se era expressã figura da Virgem Maria? Do mesmo modo Moysés, & Aram em duas pessoas foraõ huã só fi- gura de Christo, no qual se uniraõ as duas dignidades, a Real, como em Moysés, & a Põtifical, como em Aram. E se estes dous irmaõs cada- hum communicou a sua dig- nidade

*Hieron.  
Am-  
brof.*

nidade a Maria, por ser irmã, & maior; porque não communicaria também ambas as dignidades Christo a Maria, de quem aquella só foi figura, sendo elle Filho, & ella Mãe? E se lá o ordenou assim, approvou, & affirmou Deos, cá porque se ha de negar, ou duvidar?

89 Da dignidade Real ninguem duvida, que Christo como Rey a communicasse a sua Mãe; & daqui infiro Eu com a mesma, & muito maior razaõ, que também o mesmo Christo como Pontífice lhe comunicou a Pontifical. E provo: porque a dignidade Real não a teve Christo por sua Mãe, & a Pontifical sim. Não he menos bem fundada esta illação, que na Theologia de S. Paulo no segundo Capitulo da

*Hebr. 2. Epistola ad Hebræos: Quia ergo pueri communicaverunt carni, & sanguini, & ipse similiter participavit iisdem: ut per mortem destrueret eum, qui habebat mortis imperium: & liberaret eos, qui timore mortis per totam vitam obnoxierant servituti. Nusquam enim Angelos apprehendit, sed*

*semen Abrahe apprehendit. Unde debuit per omnia fratribus similari, ut misericors fieret, & fidelis Pötifex ad Deū.*

Dá a razaõ S. Paulo, porque o Filho de Deos se fez Homem, & não Anjo, & diz que foi, para que sendo Homem, podesse ser verdadeiro, & perfeito Pontífice; o que não podia ser sendo Anjo. E porque não podia ser Pontífice, sendo Anjo? Porque os Anjos não tem carne, nem sangue, são immortaes, & não tem peccado. E para Christo fazer o officio de perfeito Pontífice, havia de sacrificar sua vida, & morrer pelos homens, & para isso era necessario ter carne, & sangue, & ser mortal. E havia de interceder efficaçmente com Deos pelos peccadores, & para isso era necessario ser semelhante a elles, não no peccado, senão na natureza, & nas miserias, que delle se seguirão: & essa carne, esse sangue, essa mortalidade, essa natureza sujeita, & capaz das penas humanas, que era todo o cabedal, & aparato necessario para ser perfeito Pontífice: *Ut misericors fieret, & fidelis*

*Pontifex ad Deum*: de quem a recebeu o Filho de Deos, senão de sua Mãe? Desorte, que a dignidade Real não a teve Christo só de sua Mãe, porque já sendo Deos era Rey: *Tu es ipse Rex meus, & Deus meus*: porém a dignidade Pontifical sim; porque se não fora seu Filho, não seria Pontifice. Excellentemente S. Dionysio Alexandrino: *Inhabitavit in sancto suo tabernaculo, quod est Deipara Maria; illic enim in ipsa Rex noster, Rex gloria factus est Pontifex*. Habitou Deos no tabernaculo virginal do ventre santissimo de Maria, & sendo já Rey da gloria, & Rey nosso, alli, onde o Verbo se fez carne, alli foi feito Pontifice: *Illic in ipsa factus est Pontifex*. Logo se Christo porque foi Rey (o que não recebeu de sua Mãe) lhe communicou a dignidade Real; com muito maior razaõ, porque foi Pontifice (o que recebeu da mesma Mãe) lhe devia communicar a dignidade Pontifical.

90 Nem valhiosamente em contrario a objecção de ser mulher a Bemdita entre

todas as molheres, & excicção de todas; não só porque foi Mãe, & Virgem, & por isso com dobrada authoridade de Mãe, & de Pay juntamente em respeito de seu Filho (por onde em sentença de grandes Theologos he chamada Matripater;) mas porque se esta differença do sexo em Maria irmãa de Moysés não foi impedimento para participar com Aram a dignidade Pontifical; muito menos o deve ser em Maria Mãe de Jesu, que por isso se chamou Christo: *De qua natus est Iesus, qui vocatur Christus*. E para que não fique só a força desta illação no argumento da paridade, assim o disse expressa, & milagrosamente ao intento S. Joáo Damasceno: *Tu es quippe Summa Christianorum Antistes, hinc se magna laudum contentione veneramur*. Veneramos vos, Senhora, & louvamos vos com

toda a intenção de nossos affectos (diz Damasceno) porque vós sois a Summa Pontifice dos Christãos: *Summa Christianorum Antistes*. Antistes, pela dignidade Pontifical: *Summa*, & não Summo, pela

*Psalm.*  
43.5.

*Dionysius Alex. cõtra Paulum Sannofat.*

*D. Damasceni Græc. die 1. laudar.*

D. Ar-  
nest in  
Mariali  
cap. 26.

pela differença do sexo. E Santo Arnesto, Arcebispo Praguense, unindo, & distinguindo na mesma Senhora ambas as dignidades, Real, & Pontifical, nos exhorta a que recorramos a hum, & outro Tribunal de Maria, seguros de que a sentença que der em nosso favor, não poderá ser revogada; porque, ou como Real, ou como Papal, levará, por ser sua, a clausula, *Non obstante*, em respeito de qualquer outro juizo. *Mariam invoca, Mariam appella* (diz o Santo) *& in omni sententia, quam pro te dabit, apponet illam clausulam gloriosam, Imperialem, atque Papalem, Non obstante.*

## III.

91 **R** Emovido pois o impedimento aparente do sexo, com a authoridade dos Santos, com o exemplo da Escritura, & cõ a efficacia da razão: & demonstrado o merecimento sobrecminente da Pessoa por todas as calidades, que require a definição de S. Paulo para o perfeito Pontífice, como

fizemos no primeiro Discurso; seguese, que do Direto passemos ao facto, & que vejamos praticado na Senhora do Rosario, ou no Rosario da Senhora, o titulo, poder, & exercicio da dignidade Pontifical. Isto he o que agora farei: & para que a prova, & demonstração proceda cõ toda a clareza, a divido em tres partes. Em cadahuã delas veremos a Santissima, & Beatissima Mãe, pelas prerogativas do seu Rosario, não tão propria, mas singularmente Pontífice. Põitífice na ethimologia do nome: Pontífice nas insignias da dignidade: Pontífice na potestade das Chaves.

92 Marco Varro, mais *Marco* antigo que Marco Tullio, & *Varro* o maior, & mais erudito Mestre da Lingua Latina, declarando no Livro quarto a ethimologia donde foi tomado, & teve sua origem este nome *Pontifex*, diz, que Pontífice he o mesmo que *Pontem faciens*: o que faz Ponte: & que a occasião de chamarem assim aos Summos Pontífices, instituidos em Roma, por Numa Pompilio, foi a

Póte Sublicia, edificada pelo Summo Põnifice Anco Marcio, obra tam celebrada naquelle Seculo ainda rude, que a elle lhe deu o nome, & depois se perpetuou em seus successores. Donde tambem o tomou, com a Lingua, depois da vinda de Christo, a Igreja Romana. Theodõro Studita chamou à Virgem Senhora nossa: *Pons securus Christianorum*: Ponte segura dos Christaõs. Venãcio Fortunato: *Pons ad penetrandos polos*: Ponte que chega, & alcança de polo a polo. S. Proclo: *Pons, per quem Deus ad homines descendit*: Ponte pela qual Deos descéo aos homẽs. E bastaõ estas authoridades, tam graves, & tam justamente applicadas à Senhora com o nome expresso de Ponte, & tantas vezes repetido, para prova do meu intento? Não bastaõ; porque nenhuma destes Auctores chega a dizer o que Eu digo. Para ser Pontifice, não basta ser Ponte, he necessãrio fazer Ponte: *Pontem faciens*: & esta he a que a Senhora fez, quando instituiu o seu Rosario, & não sò disse, que a fize-

ra, senaõ que a mostrou feita. 93 O primeiro, a quem a mesma Senhora communicou a idéa desta sua obra, foi o grãde Patriarcha S. Domingos, encarregandolhe, q̃ a publicasse, & prégasse, como logo começou a prégar em França com espirito, & eloquencia mais que humana: de que se seguiraõ dous effeitos, ambos notaveis, mas muito encontrados. Convertiaõse os homẽs a milhares, assim os Hereges à Fé Catholica, como os mács Catholicos à Virtude, & Vida Christã, & não poucos a deixar o mundo, & seguir a Perfeiçãõ Evangelica: & este era geralmente o primeiro effeito da prégiaçãõ, & devaçãõ do Rosario. O segundo, & contrario foi, que vendo o Inimigo do genero humano as muitas Almas, que por meyo da mesma devaçãõ se livravaõ da sua tyranoia, tratou de defacreditar, & defauthorizar o Rosario por tal arte, que todos os que o rezavaõ, o desestimassem primeiro, & depois o deixassem. Para isto tomou o Demonio por instrumento, quem vos

Theod.  
Stud.in  
Cavem.  
Ode 8.  
Venant.  
Fortun.  
lib. 1. de  
partu V.  
Proclus  
Orat. de  
Nati-  
vit. Do-  
mini.

parece? Por ventura algum daquelles Hereges mais obstinados? Por ventura algum leigo dos de consciência mais livre, & mais estragada? Por ventura algum Sacerdote, ou Religioso ordinario, emulo de S. Domingos? Ainda subio mais alto, ainda fortificou mais a industria, ainda enfeitou mais a tentação. Havia naquella Provincia hum Bispo muito presumido de seu saber, mas de muito pouco zelo, & espirito. Este em lugar de agradecer ao Santo o pasto tam divino, que dava a suas ovelhas, & o ajudar na prégação, & propagação daquellas novas do Ceo, a que podemos chamar o Evangelho da Virgem Maria; começou em publico, & em particular os Sermões do grande Apóstolo: dizendo, que em vez de prégar pontos muy subidos do Evangelho, pré-gava aquellas vulgaridades, & em vez de levar ao pulpito estudos, & pensamentos novos, que ninguem tivesse ouvido, hia ensinar o Padre-nosso, & Ave-Maria, que os mininos sabião. Vede, quanto a pai-

xaõ he cega, & a presunção ignorante? Como se ouvera pontos mais subidos que os Mysterios da Encarnação do Verbo Eterno, & da Redempção do genero humano? Como se ouvera meditações mais Divinas que as da Vida, & Morte do Filho de Deos? Como se ouvera Orações mais excellentes que o Padre-nosso, ditado por Christo, & a Ave-Maria por hum Archanjo? Como finalmente se ouvera doutrina mais Evangelica que a memoria das graças, & beneficios altissimos, que Deos em Pessoa nos veio trazer, & fazer ao mundo: a qual memoria elle no fim de sua vida nos encommendou, & encarregou sobre tudo? Nada disto via, nem cõsiderava o ceo, & ignorante Prelado: & como a natureza dos homẽs he mais inclinada ao mal, que ao bem, & mais à vaidade, que à verdade; se S. Domingos por huã parte fazia grande fruto, o Bispo por outra parte o desfazia, sendo muitos, principalmente dos mais prezados de entendidos (que praza a Deos naõ te-

nhão imitadores) os quaes o deixavaõ totalmente, ou para o dizer com nome mais proprio, apostatavaõ da devaçãõ do Rosario.

94 Triunfante sobre esta infernal vitoria estava huã noite dormindo, o que tam pouco vigilante Pastor era do seu rebanho, quando arrebatado em visãõ se achou subitamente no meyo de hum Rio largo, profundo, escuro, & furioso, cuja corrente a espalhos por penhascos, & rochas talhadas se despenhava estrondosa, & medonhamente. Aqui andavaõ nadando, ou mais verdadeiramente naufragando, grande multidãõ de homẽs, & mulheres de todos os estados: huns que soffobrados das ondas, se afogavaõ, & hiaõ logo apique: outros que mortos jã de muitos dias sahiaõ asima aboyados em horrẽdas figuras: outros que arrebatados da corrente eraõ arremessados cõ fúria nos penhascos, onde se espedaçavaõ: outros que lutavaõ com toda a força, & grandes ancias com o pezo do impeto das aguas: & outros que ao som dellas, onde

mais mansamente corriaõ, se deixavaõ levar brandamente: & este era o estado mais perigoso, porque quasi sem sentir se achavaõ perdidos, sendo finalmente muito raros os que com grandissimo trabalho chegavaõ à outra banda da Ribeira, & todos despídos. No meyo desta afflicçãõ jã desmaiado, levãtou o Bispo os olhos ao Ceo, & vio, que à maõ direita havia huã fermosa Ponte, que atravessava o Rio de parte a parte, pela qual caminhavaõ seguros outro grande concurso de gente, homẽs, molheres, mininos, todos alegres, & cantando. E como advertisse, que diante os hia guiando huã Pessoa Veneravel, & pelo Habito branco, & Manto preto reconhecesse que era o mesmo Prégador, que elle perseguia: Valeime, Santo, que jã vos confesso por tal, disse a grãdes brados: Valeime, que me affogo. Pois affogate, & chama agora pelos teus pensamẽtos subidos, que te subaõ à Ponte. Assim lhe podéra dizer, & com muita razaõ, o Prégador das vulgaridades. Mas como os Santos

tos se vingão fazendo bem a quem lhes faz mal, elle foi o que o subio milagrosamente, & o introduzio na Ponte, com os demais.

95 Era a fermosa Ponte, larga, & bem defendida por ambos os lados, donde se viaõ com lastima, mas sem temõr, os perigos, & naufragios dos que se fiavaõ do Rio. Estava fundada sobre tres grandes Arcos de marmore, cadahum dos quaes se rematava em cinco Torres muito altas, & entre ellas repartidas de dez em dez outras sincoenta menores; que por todas faziaõ numero, as mais altas de quinze, as menores de cento & sincoenta. No fim se levantava hum Palacio de admiravel architectura, por cuja Portada igual na largura à da Ponte, eraõ admittidos todos, os que tinhaõ passado por ella, & dalli levados a huã grande Sala interior, onde em Trono de pedras preciosas cercado de resplandores assistia assentada huã Rainha de Celestial Magestade, & fermosura, a qual todos adoravaõ. Aqui recebia cadahum da sobera-

na maõ huã Coroa de Rosas, & este era o Sinal, ou Passaporte Real, com que sò se podia entrar no Jardim do mesmo Palacio, chamado o Paraíso das delicias, mais ameno, & deleitoso, que o que Deos tinha plantado no principio do mundo. Chegou se finalmente o Bispo, quando se seguia por ordem o seu lugar, para tambem receber a Coroa; mas trocada a Magestade da Rainha em severidade, lhe disse com aspecto irado: Que atrevimento he este? Se tu es o maior inimigo, & perseguidor do meu Rosario, como tens ousadia para pertender a Coroa, que sò aos devotos d'elle se concede? Apartate logo de minha presenca, & de todo este lugar, & agradece à minha piedade, naõ te mandar dar o castigo, que tuas culpas merecem. Estas palavras, & muito mais o semblante, com que foraõ ditas, causáraõ tal perturbaçaõ, & horror ao pobre Bispo, que tremendo, & assombrado espartou no mesmo ponto, & tornou em sy: Em sy tornou, mas tam outro do que dantes era, & tam re-

conhecido do seu erro, & ignorancia, que daquelle dia em diante foi o mais zeloso Prégador do Rosario, & o maior apregoador de suas grandezas.

96 Esta he pois a Ponte, que traçou, & fabricou a Virgem Santissima. Os tres grandes Arcos de marmore, são as tres differenças de Mysterios, em que se funda o Rosario, Gozofos, Dolorofos, Gloriosos: os quaes se se não considerão, nem meditaõ, ainda que se rezem as Orações, he Rosario sem fundamento sólido. As quinze Torres mais altas, são os quinze Padrenossos; & as cento & cincoenta menores divididas de dez em dez entre huã, & outra, são as cento & cincoenta Ave-Marias: & todas ellas são Torres, porque todas espirital, & temporalmente nos defendem de nossos inimigos. O Rio arrebatado he o curso da vida presente, que nunca pára, cheio de tantos perigos, & precipicios: & as duas Ribeiras, a que a Ponte se estende, & sendo tam distantes, abraça, & une, são este, & o outro mundo, são os dous

Horizontes do nascer, & morrer, são o Tempo, & a Eternidade. Vede, se merece o nome de Pontifice, quem fez esta Ponte? A Igreja Grega em dous Hymnos, fallando com a Senhora lhe diz: *Pons traducens omnes de morte ad vitam*: Ponte, que passa a todos da morte à vida: *Pons homines à terra traducens in caelum*: Ponte, que passa os homens da terra ao Ceo. E esta he a Ponte do seu Rosario.

97 Desta passagem da terra ao Ceo foi figura a passagem do deserto à Terra de Promissaõ, & o Rio Jordaõ que se passou, figura tambem do Rio que nós passamos. E quem fez esta milagrosa passagem, senão a Virgem Senhora nossa, figurada na Arca do Testamento, a qual de tal sorte secou o Rio, o qual se não podia vadear, que homens, molheres, & mininos, sendo tantos mil, o passáraõ a pé enxuto. E não faltou nesta passagem o mysterio, & propriedade do Rosario: porque diz o Texto Sagrado, que quando os filhos de Israel passáraõ o Jordaõ, levavaõ os olhos em Jericó, que lhe

fi.

10sue 3. ficava da outra banda: *Populus autem incedebat contra Ierichó: & Sacerdotes, qui portabant Arcam, :: stabant super siccam humum in medio Jordanis.* No meyo do Rio estava a Virgem Maria, como verdadeira Arca do Tetramento, que teve dentro em sy a Deos, fazendo das arcias do fundo huã nova Ponte, & immovel, por onde sem impedimêto das aguas o passassem a pé, & seguramente. E da outra banda da Ponte, como no nesso caso, estava em Jericó a mesma Virgem como Senhora propriamente do Rosario, que por isso a compára o Espirito Santo à planta da Rosa; naõ em outra parte, ou terra, senaõ na

Eccles. 24.18. de Jericó: *Quasi plantatio Rose in Ierichó.* E porque mais no terreno de Jericó, que em outro fertil de Rosas? Porque as Rosas de Jericó, entre todas as do mundo saõ compostas de cento & sincoenta folhas, quantas saõ as Saudaçõs Angelicas, com que veneramos, & invocamos a Virgem no seu Rosario. Assim commêta o mesmo Texto. Ricardo de Sancto Laurẽ.

to: *Dicitur Maria Rosa, non qualibet, sed Iericuntina: quia in Ierichó crescunt Rosa speciosissima, habentes centum quinquaginta folia.*

## V.

98 **P**ROVADA na Virgem Santissima a significaçãõ de Pontifice pela ethimologia do nome, vejamos a substancia da mesma significaçãõ, ou o significado do mesmo nome pelas insignias da dignidade. A insignia, que entre todos os que se chamaõ Põtifices, distingue delles, & sobre elles o Summõ Pontificado, he a Tiãra. Coroa a Tiãra huã sò cabeça, mas compoemse de tres Coroas. E porque de tres? Para significar que he Coroa sò bre Coroas, & que todas as do mundo lhe estaõ sujeitas. Assim o confessaõ, & protestaõ com humilde adoraçãõ todos os Reys Catholicos, beijando o pé ao Summo Põtifice. E esta he huã differença muito notavel, & muito digna de se saber entre o Põtificado de Christo, & o de Aram, Onçamos a Moysés, &

& a S. Pedro. Moysés fallan-  
do do Reyno, & Sacerdocio  
da Ley Velha, chamalhe,  
Exod. 19.6. *Regnum Sacerdotale*, Reyno  
Sacerdotal: *Vos eritis mihi in  
Regnum Sacerdotale*. S. Pedro  
pelo contrario, fallando do  
Reyno, & Sacerdocio da Ley  
da Graça, troca as mesmas  
palavras de Moysés, & cha-  
malhe, *Sacerdotium Regale*,  
1. Petr. 2.9. Sacerdocio Real: *Vos autem  
genus electum, Regale Sacer-  
dotium*. Pois se na Ley Velha  
havia Pontifices, & Reys; &  
na Ley da Graça ha Reys, &  
Pontifices; porque aquella  
se chama Reyno Sacerdotal,  
& esta, naõ Reyno Sacerdo-  
tal, senaõ Sacerdocio Real?  
Porque na Ley Velha a dig-  
nidade Real era superior aos  
Pontifices, & na Ley da Gra-  
ça a dignidade Pontifical he  
superior aos Reys. *Quia sci-  
licet in Synagoga Iudaorũ Reg-  
num eminebat Sacerdotio; in  
Ecclesia verò Christi Sacerdo-  
tium eminet Regno*: diz com  
Afcanio Martinengo Corne-  
lio á Lapide.

Corne-  
lius ibi.  
Afcannus  
Martini-  
genz. ab  
eorelat.  
Exod.  
19.6.

das suas tres Coroas. Os Em-  
peradores coroaõse tres differ-  
tes: & assim como a dignida-  
de Imperial, por ser tempo-  
ralmente a suprema do mun-  
do, se recebe por tres Coroas;  
assim a Pontifical, que espiri-  
tualmente he a suprema, & a  
summa, se compoem, & re-  
presenta com outras tres. E  
tal he a Tiãra Pontificia, que  
à Virgem, Senhora nossa, lhe  
cõpete por Senhora do Ro-  
sario. As tres Coroas dos  
Emperadores, huã he de fer-  
ro, outra de prata, outra de  
ouro: & as da Senhora do  
Rosario tambem poderãõ  
ser formadas dos mesmos  
metaes. A primeira de prata  
nos Mysterios Gozofos, a se-  
gunda de ferro nos Doloro-  
sos, & a terceira de ouro nos  
Gloriosos. Por esta mesma  
ordem as conta, & distingue  
S. Bernardino na cabeça hu-  
mana do Divino Autor dos  
mesmos Mysterios, sendo tã-  
to do soberano Filho que os  
obrou, como da soberana  
Mãy, que o acompanhou em  
todos: *Prima corona est carnea,  
qua coronatus fuit ab utero; &  
hac corona contexta fuit de*

D. Ber-  
nardin.  
ad illud  
Apoç. 6.  
Data est  
ei coro-  
na.

99 Dentro na mesma  
Christandade temos mais ex-  
pressã esta semelhança, & sig-  
nificaçã da Tiãra, & a razaõ

pu:

*purissimis sanguinibus Virginis.* A primeira Coroa (diz o Santo) he a da Encarnação; & esta foi formada das purissimas entranhas da Virgem Maria, com que a mesma Mãe Santissima coroou ao Filho de Deos, & seu. *Secunda est spinea, qua coronatus fuit à noverca Synagoga; & contexta fuit peccatorum nostrorum aculeis:* A segunda Coroa he da Paixão; & esta foi tecida de espinhos, com que cruelmente o coroou sua madrasta a Synagoga. *Tertia fuit gemmea, qua coronatus fuit in Resurrectionis triumpho; & hac contexta fuit ex dotibus pretiosissimis sui Corporis gloriosi:* A terceira Coroa he da Resurreição; & esta foi lavrada de pedras preciosas pelos dotes celestiaes do Corpo glorioso, com que o coroou seu Eterno Padre. E quem não vê, que estas tres Coroas, huã de gosto, outra de dor, outra de gloria, não são outras, senão as mesmas tres, de que se compoem a Tiãra Pontifical da Senhora do Rosario.

100 Cada huã destas Coroas primeiro foi do Filho,

porq̃ o Filho obrou os Myfterios; mas depois, ou logo, foi também da Mãe; porq̃ a Mãe os obrou juntamente com elle: não havendo algum em todo o Rosario, em que a Senhora não tivesse parte, & lhe fizesse companhia, & por isso participante da mesma Coroa. Conta Cesario no Livro septimo huã visão admiravel. Estava em hum Altar huã Imagem da Virgem Maria com seu Bemdito Filho nos braços: & tanto que o Sacerdote começava a cantar o Evangelho, o Minino tirava a Coroa da cabeça da Senhora, & punhaa na sua. Vede, qual seria a admiração dos que isto viaõ, & ainda o sentimento dos devotos da Virgem? Mas tanto que o Credo chegava áquellas palavras: *Et incarnatus est de Maria Virgine: & Homo factus est:* logo o Minino tornava a tirar a Coroa da sua cabeça, & punhaa na de sua Mãe. Deforte, que a Coroa, que era de Christo, era também da Senhora, primeiro do Filho, & depois da Mãe, mas de ambos, não diversa, senão a mesma. E isto he o que

Cesari-  
vius lib.  
7. cap.  
47.

*Nota*

que se verifica em cadahuã das tres Coroas dos Mysterios do Rosario. A Coroa da Encarnação primeiro foi de Christo concebido, & depois da Virgem, que o concebéo em suas purissimas entranhas, & criou a seus peitos: & estes são os Mysterios Gozosos. A Coroa da Paixão primeiro foi de Christo crucificado, & morto; & depois da affligida, & piedosa Mãe, que o assistio ao pé da Cruz; & estes são os Mysterios Dolorosos. A Coroa da Resurreição primeiro foi de Christo, que resuscitado subio ao Ceo; & depois da Senhora tambem resuscitada, que triunfante o seguio na mesma subida: & estes são os Mysterios Gloriosos. E destas tres Coroas finalmente se compoz a Tiãra Pontifical do Rosario, transformadas, ou transfiguradas todas tres em Coroas de Rosas.

101 Não me detenho em referir, ou estêder Exemplos desta transformação (como fiz na materia do Discurso passado, & pôde ser faça no seguinte) por ser cousa vulgar em toda a Historia Ec-

clesiastica as muitas vezes que da boca dos devotos do Rosario a cada Ave-Maria, que rezavaõ, foraõ vistas sair Rosas; as quaes a Mãe de Deos com soberano agrado recolhia, & enfiadas em ouro recia dellas Coroas. Destas Coroas pois, que nem são mais, nem menos de tres, conforme as tres partes do Rosario, se compoem, & aperfeiçoa a Tiãra Pontifical da Senhora delle. A primeira Coroa he de Rosas encarnadas pertencente aos Mysterios da Encarnação, pela cor do Verbo feito carne: a segunda he de Rosas vermelhas pertencente aos Mysterios da Paixão, pela cor do sangue derramado na Cruz: a terceira he de Rosas brancas pertencente aos Mysterios da Resurreição, pela cor propria da immortalidade, de q̃ apparecêraõ vestidos os Anjos naquelle dia. Mas ouçamos a Salamaõ, que vio as Coroas, a materia, o numero, & a mesma Tiãra: *Veni de Cant. 4. Libano, Sponsa mea, veni de 8. Libano, veni: coronaberis: Vinde do Libano, Espôsa minha, vinde do Libano, vinde:* &

& fereis coroada. Duas cou-  
 sas são as sabidas nestas pa-  
 lavras, & duas não. A Esposa  
 todos sabem que he a Virgẽ  
 Maria, & quem lhe chama  
 Esposa sua, *Sponja mea*, tam-  
 bem se não ignora, que he  
 Deos. Mas se Deos chama  
 a Senhora para a Corõa, *Co-  
 ronaberis*, porque a chama,  
 não huã, nem duas, senão  
 tres vezes: *Veni, veni, veni?*  
 E se o Monte Libano não he  
 rico de minas de ouro, ou pe-  
 dras preciosas, mas fértil sô-  
 mente de flores, & cultivadô  
 dos jardins famofos de Sala-  
 mão, porque se diz que do  
 Libano haõ de sair as Co-  
 roas: *De Libano coronaberis?*  
 Assim constiuem o Texto, os  
 que melhor o concordão. E  
 tudo he o que queremos di-  
 zer.

102 Chama Deos a Se-  
 nhora tres vezes, quando a  
 chama para ser coroada; por-  
 que a mesma Senhora foi cõ-  
 roada tres vezes, & com tres  
 Coroas. E porque estas Co-  
 roas não foraõ de ouro, ou  
 pedraria, senão de Rosas, por  
 isso não fahiraõ das minas de  
 outros montes, senão dos  
jardins do Libano. Mais diz

o Texto. Não sô diz, que  
 fahiraõ estas tres Coroas do  
 Libano, senão de tres Outei-  
 ros, ou Cabeços do mesmo  
 Monte: *De capite Amanã, de Lib.  
 vertice Sanir, & Hermon.* E  
 com que mystério? Com to-  
 dos os tres do Rosario, & sua  
 distincão. Todo o Monte Li-  
 bano, insigne por sua altura,  
 & pela singular candidez que  
 lhe deu o nome, significa to-  
 da a Vida de Christo, subli-  
 me, celestial, purissima: os  
 tres Outeiros distintos, &  
 mais eminentes do mesmo  
 Monte, denoraõ os Passos, &  
 Mystérios da mesma Vida de  
 Christo, mais notaveis, de  
 que a Virgem compoz, & di-  
 vidio em tres partes o seu  
 Rosario, & dos quaes trans-  
 formados em Rosas se tecê-  
 raõ as tres Coroas. Huã Co-  
 roa, como Laureola de Vir-  
 gem pelos Mystérios da En-  
 carnação: outra, como Lau-  
 reola de Martyr pelos Mys-  
 terios da Paixaõ: & a tercei-  
 ra, como Laureola de Dou-  
 tora pelos Mystérios da Re-  
 surreiçaõ. E o fundamento  
 desta terceira Laureola, co-  
 mo affirmaçõ commummen-  
 te os Santos Padres, & Dou-  
 tores

tores Sagrados, he; porque desde a Ascensão de Christo até a Assumpção da Senhora (que foi o tempo dos terceiros Mysterios) ficou a Soberana Mãe neste mundo substituindo a ausência de seu Filho, como Mestre dos Apóstolos, & de toda a Igreja, allumiada sobre todos do Espírito Santo, magisterio q̄ tambem pertence ao caracter, & officio proprio de Pontífice. Em summa, que dos tres Mysterios do Rosario se formárao as tres Coroas, não unidas, senão distintas, nem jutas, senão successivas, huã sobre a outra: *Veni, veni, veni: coronaberis:* & destas tres Coroas pela mesma ordem se compoz, ornou, & aperfeiçoou a Tiara Pontifical da Senhora do Rosario. Assim o tinha Eu imaginado sem Autor, quando achei, que muito antes o tinha escrito o Douíssimo Del Rio, commentando literalmente este mesmo Texto dos Cantares. As suas palavras são estas: *Tres Corona de tribus le- Et a Collibus unius Montis promittuntur, ut tribus virtutibus correspondeant. Unde for-*

Del-  
Rius  
ibi.

*tassis & Caput visibile Ecclesie Romanum Pontificem triplicis Corona Tiarâ exornari receptum.* Promettemse à Esposa tres Coroas, colhidas dos tres Outeiros do mesmo Monte, que respondem às tres virtudes dos Mysterios referidos. E daqui, parece, diz este Eruditissimo Autor, se tomou na Igreja Romana o uso da Tiara do Summo Pontífice, composta de tres Coroas. Deforte, que quando os Pontífices de Roma pozerao sobre a cabeça a Tiara de tres Coroas, já havia mil annos, que a mesma Tiara Pontifical, & com a mesma forma estava profetizada, traçada, & destinada para a Virgem Santissima do Rosario.

## VI.

103 **S**egue-se agora o que só falta para complemento do nosso Discurso, que he a potestade das Chaves. O que contém esta potestade dos Summos Pontífices, he o que declarou Christo Senhor nosso ao primeiro de todos, S. Pedro, quando lhe promettéo: *Tibi dabo cla-*

*Matt. 16. 19.*

*ves*

*ues Regni calorum. Et quodcumque ligaveris super terram, erit ligatum & in calis: & quodcumque solveris super terram, erit solutum & in calis.* Dartehei as chaves do Reyno do Ceo na terra, com potestade tam plena, & absoluta, que tudo o que as tuas chaves abrirem, ou fecharem na terra, infallivel, & irrefragavelmente será aberto, ou fechado no Ceo. Toda esta delegação (se bem com poder ordinario) he fundada na primeira, & suprema potestade de Christo, a qual o mesmo Senhor intimou ao mesmo S. Pedro, & aos outros Apostolos, quando os mandou pregar a sua Nova Ley a todo mundo: *Data est mihi* Matth. 18 18. *omnis potestas in calo, & in terra.* E como estas palavras declaratorias da potestade de Christo, são tam parecidas com as das chaves, que deu a S. Pedro, perguntão aqui os Theologos, se deu Christo, & deixou aos Summos Pontifices todos seus poderes? E resolvem concordemente, que não. Allegaõse em prova desta limitação muitos exemplos, & casos,

em que os Pontifices não podem o que pôde Christo: mas a melhor, & mais relevante exceção de todas, he a que o mesmo Christo publicou em voz no Apocalypse, & mandou a S. João, como seu Secretario, que a escrevesse autenticamente: *Ego sum primus, & novissimus, & vivus, & fui mortuus; & ecce sum vivens in sacula seculorum, & habeo claves mortis, & inferni.* *Scribe ergo.* Contrapõem o Senhor em proprios termos chaves a chaves, & declara, que elle não tem só as chaves do Ceo, como Pedro, & seus Successores, senão tambem as chaves da morte, & do inferno, em que elles não tem poder, ou jurdição alguma.

104 Isto posto, pergunto Eu agora: A potestade das chaves da Senhora do Rosario qual destas he? He como a das chaves de S. Pedro, ou como a das chaves de Christo? Se he somente como a das chaves de S. Pedro; pouco deu o Filho de Deos a sua Mãe. Estes poderes são para o Annel do Pescador, mas não para o Annel da Espoza,

*Apocal. 1.18.19.*

em cujo nome se lhe deraõ as tres Coroas da Triãra: *Veni, sponsa mea, veni, veni: coronaberis.* Quando Christo deu a Triãra a S. Pedro exprimindo tambem as tres Coroas nas tres vezes que lhe encõmendou as suas ovelhas; successivamente lhe perguntou primeiro outras tres vezes, se o amava mais que os outros Apostolos, que estavaõ presentes: *Diligis me plus his?* E se a potestade das chaves, & a differença dos poderes se ha de medir com o excessõ do amor, injuria seria do amor de Mãy, se se ouvesse de remunerar como o amor de Pedro. Entrem no exame do amor de Maria, naõ sã os Apostolos, senã os Santos de todas as tres Leys, & os Anjos de todas as três Gerarchias. Entre na Ley da Natureza Adam com novecentos annos de rigorosa penitencia, entre Abel com todos os innocentes, entre Enõs, entre Seth, entre, & appareça o extratico, & arrebatado Enoch: entre Noé o mais justo de todo o mundo no seu tempo, & porisso reparador do mesmo mundo: entrem Abraham, Isaac, & Jacob, dos quaes Deos se chamou singularmente Deos. E naõ fique quem de fora Melchisedech, nem Job, que he tudo o que produziõ grande a Ley da Natureza. Na Ley Escrita entre Moysés com as Taboas da mesma Ley depois de ver como Deos ama, & como se deve amar nas labaredas da Carça: entre Josué, entre Gedcaõ, entre Samuel, entre o homem cortado pelo coração de Deos, o devotissimo David; entrem Josias, & Ezechias, excçiaõ de Reys; entre Elias com todo o fogo do seu carto; entrem Isaias, & Jeremias com todos os Profetas; entrem Judas, & Eleazaro com todos os Machabéos: entre tudo o que teve heroico, & notou com letras grandes a Ley Escrita. Na Ley da Graça em fim entre Joaõ o Precursor, & Joaõ o Amado, entre o mesmo S. Pedro com os demais Apostolos: entre, ou desça do terceiro Ceo o grã. de Paulo, entre com toda a aljava do amor a Madalena; entrem os Basilios, os Agustinhos, os Bernardos; saiaõ

dos

dos desertos os Arsenios, os Antonios, & das Cartuxas, os Brunos: venhão com todos seus Esquadroës os Benetos, os Damiazos, os Franciscos, & com o nome de Jesu ambos os Ignacios: venha Ines, venha Cicilia, venhão as duas Catharinas, venha Theresa, nome, & coração singular, & venhão finalmente todos, os que com a vida nos rigores, ou com a morte nos tormentos, prováraõ a Christo a Fé, & a verdade de seu amor: *Diligis me plus his?*

105 Não digo tal, Virgem Santissima, que não sou tam descomedido. Com o immenso de vosso amor, nenhum humano se pôde comparar, ainda que entrassem nesta conta, Anna, Joachim, & o mesmo Esposo Joseph, toda a soberana Trindade do vosso sangue. Mas subamos ao Ceo, onde todos são Espiritos. Amaõ muito na primeira Gerarchia os Anjos, os Archanjos, as Virtudes: amaõ mais na segunda Gerarchia as Potestades, os Principados, as Dominaçoës: amaõ sobre todos na terceira, & suprema, os Thronos, &c. Tom. 6.

os Cherubins, os Serafins, chamados por antonomasia, os Fogozos, os Abrazados, os Ardentes. Mas que comparação, ou semelhança tem todo esse amor cõ o amor de Maria? O Ceo, onde elles vem a Divina Essencia, chama-se Empyreo, q quer dizer Ceo de fogo; porque tudo là são incendios, tudo he arder em fogo de amor de Deos: mas comparado o amor dos seraves com o amor da Mãe, todo esse arder he frieza, todo esse fogo he neve. Mais ama Maria em hũ sãsto a Deos, do que todos os Espiritos Angelicos juntos o amaõ, & amarãõ por toda a Eternidade. E se a potestade das chaves se mede pelo excesso do amor, claro está, que a potestade Pontifical de Maria ha de ser maior que a das chaves de Pedro. Quando Christo deu as chaves a S. Pedro, chamou-lhe Barjona, filho de Joã: & se ao filho de Joã se deu tam grande potestade, qual he a que se deve dar à Mãe do Filho de Deos?

106 Respondendo pois à nossa questãõ, digo, que a potestade Pontifical da Se-

G nhora

nhora do Rosario não he como a de S. Pedro, senão como a de Christo. Porque não só lhe deu o mesmo Christo as chaves do Ceo, como a S. Pedro, senão também as chaves da morte, & do inferno, que elle reservou para sy, & são sómente suas: *Habeo claves mortis, & inferni*. E para que se veja, que lhe foraõ dadas à Senhora como Senhora particularmente do Rosario, & em razaõ, & respeito dos seus Mysterios; notai o que diz immediatamente antes o mesmo Christo como

*Ibid.* Autor delles. *Et vivus, & fui mortuus, & ecce sum vivens in sacula saculorum*. Eu, que tenho as chaves da morte, & do inferno, fui vivo, & depois fui morto, & agora sou outra vez vivo para toda a Eternidade. Não sei se cahis já na consequencia, que não pôde ser mais propria? Que cousa são os Mysterios do Rosario, senão huã morte de Christo entre duas vidas? A primeira vida mortal, em que nasceu, & viveo, que são os Mysterios Gozofos: a segunda vida immortal, em que resuscitou, & subio ao Ceo,

& vive eternamente, que são os Mysterios Gloriosos: & no meyo destas duas vidas a morte de Cruz, em que padecéo por nós, que são os Mysterios Dolorosos. Os primeiros: *Et vivus*: os segundos: *Et fui mortuus*: os tercellos: *Et ecce sum vivens in sacula saculorum*. E depois de referir o Senhor estes tres Mysterios no mesmo numero, & pela mesma ordem, & todos obrados em sy mesmo, entã diz, que tem as chaves da morte, & do inferno. E se estas chaves, & esta potestade lhe foi dada a Christo emquanto Homem, porque obrou estes Mysterios; a sua Santissima Mãe, que tanta parte teve nelles, como Senhora do Rosario, porque se lhe não daria a mesma potestade, & as mesmas chaves: *Claves mortis, & inferni*? E para que ninguém o duvide, vamos ao facto.

## VII.

107 ○ Uve no Reyno de Aragaõ huã molher meça, & nobre, por nome Alexandra, aqual pelas

las pregaçãoes de S. Domingos tomou por devação rezar todos os dias o Rosario. Estes foraõ os bons propósitos, mas não foi este inteiramente o effeito: porque se muitas vezes rezava, muitas vezes tambem deixava de o fazer, sendo a principal virtude da Oração a perseverança. Não deixava de rezar Alexandria, porque a pobreza a obrigasse a trabalhar todo o dia, & parte da noite; porque era rica: nem porque lhe levasse todo o tempo o governo da casa, & o cuidado dos filhos, & da familia, porque não era cazada. Pois porque não rezava? Ainda o porque era peor que o não rezar. Era muito prezada da gentileza, & o espelho, & a janella eraõ as duas peffas da casa, que lhe occupavaõ todas as horas do dia. O espelho para se ver, & enfeitat, a janella para apparecer, & ser vista. Se ella entendéra bem a devação do Rosario, soubera, que em cadahum de seus Mysterios nos deixou Christo hum espelho. *Fecisti, Domine, de corpore tuo speculum animæ meæ*: dizia aquelle grã-

de Bispo de Ostia, o devotissimo Drogo. De seu Sacratissimo Corpo fez Christo este espelho, não para o corpo, senão para a Alma, no qual ella se vé tam disfigurada, quantas saõ as figuras diversas, em que o mesmo Senhor se nos representa em cada Mysterio do Rosario. Nos Mysterios Gozofos se olha a Alma para Christo em hum Presépio; naquella pobreza está vendo a sua cubiça, naquella humildade a sua soberba, naquelle defabrigo, & desemparo a sua commodidade, & o seu regalo. Nos Mysterios Dolorofos se olha a Alma para Christo atado a huã Columna, naquella Columna está vèdo a sua inconstancia, naquellas cordas as suas liberdades, naquella desnudez as suas galas, naquelles cinco mil, & tantos açoutes, os milhares de seus peccados. Nos Mysterios Gloriosos se olha a Alma para Christo subindo ao Ceo, naquella fermosura está vendo a fealdade de seus vicios, naquelles resplandores as trevas da sua cegueira, naquella agilidade o pezo de suas pai-

xoës, & naquelle entrar no Ceo o perigo de o perder para sempre. Se as vezes, que Alexandra tomava o Rosario nas mãos, se vira nestes espelhos, Eu vos prometto, que ella tratára mais de parecer bem a Deos, que aos homês.

108 Como esta louca molher apparecia tanto, não faltáraõ homês tam loucos como ella, que a passeavaõ, & pertendiaõ. Forão os principaes pertendentes, dous mancebos nobres dos melhores da Cidade, entre os quaes crefcéo a competencia, & se atáraõ os ciumes com tal furia, que determináraõ resolver a contenda pelas armas: & assim se foraõ hum dia defafiados ao campo. Tiraõ pelas espadas sôs por sôs, & depois de se baterem, & ferirem, não como homês, mas como duas feras assanhadas: cançados já, & envoltos em sangue, tiraõse ambos atráz, para se envestirem com maior impeto; parte hum para o outro, merem as espadas pelos mesmos fios, alcançaõse no mesmo tẽpo pelo peito esquerdo, & caem ambos mortos. Sabido o caso, & a

causa, ajuntaõse os parentes para verem o que se devia fazer, & aconselhando se mais com a dor, que com a Ley de Deos, & com a razaõ, vaõse de tropel a casa de Alexandra, resolutos a vingarem na sua vida as mortes dos que por amor della a tinhaõ perdido. Lançase a triste molher a seus pés, pedindo lhe, que ao menos a deixem confessar: mas hum delles, em quẽ a colera foi mais cruel, & menos christã, pegalhe pelos cabellos, & bradando Alexandra, Virgem do Rosario, valeime; com o mesmo golpe lhe cortou a cabeça, & as palavras, que hia pronunciando. Havia no pateo da casa hum poço, & lançada nelle a cabeça, se sahiraõ os matadores, tomando cada hum o caminho, que melhor lhe parecéo, para escapar à Justiça. Nós, que faremos?

109 Paremos hum pouco à vista deste lastimoso espectáculo; & consideremos quam cego, quam precipitado, & quam horrendo vicio he o da sensualidade, & quam grandes danos saõ, os que causa em huã Republica huã

mulher pouco honesta. Se se pegasse fogo áquella Cidade, raro podia ser o incêndio, que levasse tantas casas, como este levou. Levou a casa da mesma Alexandra: levou as casas dos dous competidores, que morrerão no desafío: levou as casas de todos os parentes, que por vingar sua morte se desterrarão para sempre das suas. A tantos levou este raio, não do Ceo, mas do inferno. E se bem advertirmos, acharemos, que a que menos mal livrou, foi a mesma Alexandra. Os seus matadores, ainda que escaparão as vidas, perderão a patria, perderão o descanso de suas casas, & sobre tudo perderão a Graça de Deos, que he o maior de todos os bens, commettendo aquelle grande peccado. Os dous competidores perderão a vida, porque se matarão; perderão a Alma, porque morrerão subitamente em peccado actual, & ainda os miseraveis corpos encorrendo as penas do Duello, perderão a Sepultura Ecclesiastica, & como excommungados forão sepultados no câpo entre os bru-

tos. Alexandra ainda que perdeu a vida, porque a degolaram, só ella naquelle fracazo não commetteo peccado algum, que he o que mais importa, antes pediu Confissão para elles, posto que a não alcançou, que he affaz grande mal.

110 Estava ausente S. Domingos nesta occasião; mas de lá vio toda aquella tragedia, porque Deos lhe revelou com todas suas circumstancias. Dahi a alguns tempos veio à mesma Cidade, perguntou pela casa de Alexandra, & a novidade da pergunta, & a memoria do caso passado, fez, que fosse apoz o Santo muito mais gente, da que por toda a parte o acompanhava, & seguia. Entra no pateo da casa, chega ao poço, & inclinandose para baixo, começa a brádar: Alexandra? Alexandra? Acudirão todos os que podarão, a ver o êcho q̄ faziao na profundidade do poço aquellas vozes, & a resposta, que de lá lhe davao; quando vem subir pelo ar huã cabeça com os cabellos estendidos, os olhos abertos, a cor do rosto

muito viva; & chegãdo mais perto reconhecêraõ todos ser a cabeça de Alexandra. Nesta prodigiosa fôrma posta sobre o bocal do poço, começou a fallar, & a primeira cousa q̄ disse, foi: Padre Frei Domingos, ouçame Vossa Reverencia de Cõfissão, que a isso venho. Naõ se poz de juelhos, nem batêo nos peitos a penitente, porque naõ tinha mãos, nem pés; mas como tinha olhos, chorava muitas lagrimas; & como tinha lingua, confessou muito miuda, & muito declaradamente todos os peccados de sua vida. Acabada a Confissão géral, & recebida a Absolvição, mandou recado S. Domingos á Parochia, que trouxessem o Santissimo Sacramento: & veio ao poço de Alexandra aquelle Senhor, que no Poço de Sichar tinha convertido a Samaritana, para matar em ambas a sede, que tem de nossas Almas. Naõ morreo logo Alexandra (se assim se pôde chamar, a que da garganta para baixo estava convertida em cinzas) porque quiz Deos, que para admiração de sua Omnipo-

tencia, & exemplo daquelle Povo estivesse assim dous dias, vendoa, & ouvindoa todos.

111 Perguntada o que lhe succedêra quando a degoláraõ, respondêo, que a Virgem Santissima em premio dos Rosarios, que rezava, posto que tam imperfeitamente, & naõ continuados, lhe fizera dous, estranhos, & milagrosos favores: O primeiro, que para naõ ir ao inferno, como por seus peccados merecia, lhe alcançára hum Acto de Contrição: O segundo, que apartandose a Alma do corpo, naõ morresse de todo, & se conservasse na cabeça, & na lingua, para se poder confessar. Finalmente, que pela vaidade, & incõtinencia de sua má vida, & pelos escãdalos, & males, que com ella tinha causado, estava condenada a duzentos annos de Purgatorio: porêo q̄ pela Graça dos Sacramentos, que tinha recebido, & pelos Suffragios, que pedia, principalmente aos Confrades do Rosario, esperava, que aquella sentença da Divina Justiça se moderasse, & as penas lhe fossem

fossẽm diminuidas. Dittas estas coulas, & outras de grã de edificação, & espanto, cerrou os olhos, emmudecẽo a lingua, perdẽo as cores, & acabou de morrer a vëturosa Alexandra. Dalli foi levada a prodigiosa cabeça com extraordinaria pompa, & mais como em triunfo, que como enterro, a juntarse com o corpo no mesmo lugar, onde tragica, & lastimosamente fora sepultado. Fizeraõse muitos Suffragios em toda a Cidade, & ao cabo de quinze dias (numero sagrado nos Mysterios do Rosario) apparecẽo a Alma de Alexandra vestida de Gloria a S. Domingos, dandolhe as graças de lhe haver ensinado aquelle soberano meyo, que na vida, na morte, & depois da morte, tinha sido a causa de todas as suas felicidades, & agora o era da Eterna, para onde tomando pela maõ a levou consigo a mesma Virgem Santissima.

112 Assim exercitou a Senhora do Rosario neste caso (como em outros) a potestade das suas chaves sobre a morte, & sobre o inferno:

*Claves mortis, & inferni.* Sobre a morte, fazendo que Alexandra degolada, & com o corpo já sepultado, se conservasse viva: sobre o inferno, impedindo com a mesma vida, & com a Graça da Cõtrição, & dos Sacramentos, que não fosse condenada ao inferno, como seus peccados mereciaõ. Esta potestade Pontifical, & estas chaves sim, q̃ não são como as de Pedro, senão como as de Christo. As chaves de Pedro s̃o tem jurdição sobre a terra: *Quid solveris super terrã: quid ligaveris super terram*: porẽm as da Senhora do Rosario, não s̃o sobre a terra, senão debaixo da terra. Debaixo da terra nas partes visinhas a nós, onde se abrem, & cerraõ as sepulturas, que são os carcerees da morte: *Claves mortis*: & debaixo da terra nas partes mais inferiores, & remotas do centro della, onde penaõ eternamẽte os condenados, que são os carcerees do inferno: *Claves inferni*.

113 A potestade, que Deos deu ao Sol: *Solem in potestatem dicit*: tem duas jurdições; a da luz, & a do calor;

lor; mas a do calor muito maior que a da luz. Porque a da luz pára na superficie da terra, onde allumia os homêns; a do calor penetra as entranhas, & centro da mesma terra, onde gera, purifica, & enriquece os metaes. Essa he a energia, com que disse elegantemente David, fallando do mesmo Sol: *Nec est qui se abscondat à calore ejus*: Não ha quem se esconda do seu calor. Parece, que não havia de ser do seu calor, senão da sua luz; porque a luz he a que descobre tudo. Mas diz nomeada mête do seu calor, distinguindo-o da luz; porque tudo o que está debaixo da terra esconde-se à luz do Sol; porém ao seu calor nenhuã cousa se pôde esconder, por mais que a escõda, & cubra a terra. Lá se estende sua efficacia, lá penetra, lá obra maravilhosos effeitos. Taes, diz S Bernardo, são os poderes da Virgem Santissima: *Cujus radius Uniuersum Orbem illuminat, cujus splendor, & perfulget in supernis, & inferos penetrat, nec est, qui se abscondat à calore ejus*. Não ha, nem sobre

a terra, nem debaixo da terra, quem se possa esconder a esse soberano Sol; porque se com os raios de sua luz allumia todas as partes superiores da terra, com a efficacia de seu calor penetra até os infernos: *Perfulget in supernis, & inferos penetrat*. He verdade que o Profeta quando disse: *Nec est, qui se abscondat à calore ejus*; fallou literalmente de Christo: mas por isso mesmo pertencê os mesmos effeitos, & os mesmos poderes à Mãe, de quem he Filho. Porque se Christo, por ser unido em supremo Rey lhe communicou a dignidade Real, tambem, por ser unido em Pontifice Summo, lhe havia de comunicar a Pontifical. Pontifical no nome, Pontifical nas insignias, Pontifical nos poderes, como deixamos provado: & não por outra razaõ, nem por outro titulo, senão por nascer da mesma Senhora o mesmo Jesu, que se chama Christo: *De qua natus est Iesus, qui uocatur Christus*.

*Psalm.*  
18.7.

*D. Bern.*  
*nard.*

## VIII.

114 **D**E tudo o que ficado ditto neste largo Discurso, sô tiro dous documentos, contrarios aos que se costumão tirar de todos os Sermões. Nos outros Sermões exhortão os Prégadores a imitação dos exemplos, que tem prégado: Eu o que vos peço, he, que de nenhum modo os imiteis. Pôde ser q̄ esteja neste auditorio, & me ouviſſe alguã Alma de tam pouco juizo, ou algum juizo de tam pouca Alma, que cõ o exemplo de Alexandra diante dos olhos fizesse esta resolução. Ora Eu de hoje por diante quero rezar o Rosario, ao menos alguãs vezes, & sobre esta Carta de seguro viver muito a meu gosto, & a meus gostos, como ella vivia; porque quando o mal seja muito, ahi está a Virgem do Rosario, que na hora da morte me não faltará com hum Acto de Cõtrição. Deos nos livre de tal discurso, & de tal exemplo, porque assim como o do Bom Ladrão tem levado muitos ao inferno,

assim o fará o de Alexandra. O fruto, que devemos tirar da sua vida, & da sua felicidade, saõ dous conhecimentos, hum de temor, outro de estimação: conhecer, & temer o vicio da sensualidade, conhecer, & estimar a devação do Rosario. He tam grãde mal o vicio da sensualidade, que todos os bens tirou a Alexandra: & he tam grande bem a devação do Rosario, que todos os bens lhe tornou a restituir, & todos os males lhe remediou. Tiroulhe todos os bens a sensualidade, porque lhe tirou a honra, infamandoa em toda a Cidade: tiroulhe a vida; sendo causa de que lhe cortassem a cabeça: tiroulhe a consciencia, porque a trouxe enredada, & perdida em tantos vicios: & quasi lhe tirou, & condenou a Alma, porque a teve pendente de hum fio tam delgado, como he hum Acto de Contrição no instante da morte, & esse por milagre. Isto fez a sensualidade. E a devação do Rosario que fez? De todos estes males a livrou, & todos estes bens lhe restituiu. Restituiu-lhe:

lhe a honra; porque de infame a fez famosa em todo o mundo: restituiolhe a vida; porque com a cabeça cortada lhe confervou a Alma naquella tam pequena parte do corpo: restituiolhe a consciencia; porque naquelle ultimo instante, em que he tam difficuloso, lhe deu a Graça, pela Contrição; & depois de morte, pelos Sacramentos: & finalmente restituiolhe a Alma; porque caminhando direita ao inferno por seus peccados, por meynos tam extraordinarios, & milagrosos a levou à Bemaventurança, que está gozando, & gozará por toda a Eternidade. Mas porque huã felicidade destas mais he para admirar, que para esperar: rezar o Rosario fim, & melhor do que Alexandra o rezava, mas guardar de viver como ella.

115 O segúdo exemplo he o do Bispo presumido, que perseguia a S. Domingos, & desprezava os Sermões do Rosario. Se o mesmo fizerdes a estes meus, Eu vos perdoo, & se algum delles vos persuadir a ser devotos do Rosario, que he o fim para

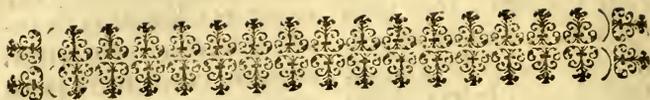
que os escrevo, a Deos, & a vós darei muitas graças, & haverei o trabalho por bem empregado. O documento, que sò tiro deste exemplo, he, que vos guardeis, de que o vosso entendimêto, ou a vossa presunção vos lance no Rio, & que vos pergunteis a vós mesmos, se he melhor ir pelo Rio, ou pela Póte. Aquelle Rio largo, escuro, profundo, & furioso, he o mundo: os que se vão logo apique, são os que morrem de morte subita: os que andaõ aboyados em figuras disformes, são os que morrerão em tempos passados, de que temos tam lastimosos exemplos: os que vão arrebatados da corrente dar nos penhascos, são os que morrem de mortes violentas, & desfeztradas: os que se deixão levar das aguas, são os que vivem neste mundo sem consideração do outro, & no fim da vida se achaõ perdidos: os que finalmente chegaõ à Ribeira vivos, são poucos, & todos despídos: poucos; porque são raros destes os que se salvão: & despídos; porque de quanto cá se acquirio cõ  
tanto

tanto trabalho , com tanto desvello , & com tantos perigos da Alma, tudo cá fica , & nenhuma cousa se leva , senão os encargos. Vede agora , se he melhor nadar forcejando sempre, quando não seja naufragar, neste Rio; ou caminhar descansado por cima da Ponte com toda a segurança, que nos promete o ser obra daquella poderosissima, & riquissima Senhora, que para Deos remir , & salvar o mundo, lhe deu todo o preço , & cabedal, tirádo das mesmas piedosissimas entranhas, com que summamente dezeja nos salvarmos todos. Sò por ser obra da Virgem Maria , & lhe dar gosto, deveramos ser muito devotos do seu Rosario: quanto mais, que não sò devemos esta continua memoria aos Mysterios, q nelle se representaõ, sobpena de sermos ingratisimos a Deos, & a sua Mãy; mas pondo sò.

mente os olhos na nessa necessidade, & no nosso perigo, nenhum outro meyo podemos tomar mais seguro em huã passagem forçosa, & tam incerta, como desta para a outra vida . Entremos pois sem temor , & com grande confiança por esta firmissima Ponte do Rosario : sem temor; porq as Torres, de que está fortificada, nos defende: ráõ de todos nossos inimigos: & com grande confiança; porque no fim della está com as portas abertas o ferrosissimo Palácio da Rainha da Gloria, de cuja soberana mão, se perseverarmos, receberemos a Coroa de Rosas, que he o Carácter, o Penhor, & o Salvo Conduto, com que sem duvida seremos admittidos ao Paraíso interior das delicias, onde Deos se deixa ver, & gozar, & nós o veremos, & gozaremos por toda a Eternidade.

FINIS.

SER-



# SERMAM

## XIX.

### COM O SANTISSIMO SACRAMENTO EXPOSTO.

*Beatus venter, qui te portavit. Luc. II.*

#### I.

116 **E**NCERRADO,  
& descerrado temos hoje  
a Christo, Senhor, & Redemptor nosso,  
no Altar, & no Evangelho. Descerrado no Altar; porque naquella Trono de Magestade o temos exposto a nossos olhos: & encerrado no Evangelho; porque alli se nos representa encerrado dentro do Sacario Virginal do Ventre Beatissimo: *Beatus*

*Luc. II.*  
27.

*venter, qui te portavit. E* ba-  
taõ estes dous Sacramentos  
para declarar os Mysterios,  
& desfazer os encontros de  
toda a presente Solennidade?  
Naõ bastaõ. Antes os mes-  
mos dous Sacramentos se or-  
denaõ hoje a outro terceiro  
Sacramento, que he o Rosa-  
rio Santissimo da Virgem Se-  
nhora nossa, primeiro, &  
principal argumento de toda  
a presente açcaõ, & tam gran-  
de, como difficuloso assump-  
to della. Demaneira, que  
tres saõ os Sacramentos, que  
concorrem neste dia, & em  
10.

todos tres a mesma Divindade, & Humanidade de Christo diversamente sacramentada. O Sacramento do Altar, o Sacramento do Evāgelho, o Sacramento do Rosario. E porque não faça duvida nestes dous ultimos, o nome que lhe dou de Sacramento, não sendo algum dos sete: Vede, com quanta propriedade lhe quadra a definição de Sacramento?

117 *Sacramentum est visibile signum invisibilis gratia:*

O Sacramento em commum (com mais declarada definição do que o tinha definido São Agustinho, & o definio depois d'elle Santo Thomás) he hum sinal visível da Graça invisível: ou hum sinal, que se vé, da Graça, que se não vé. Daqui se segue, que assim o Sacramento do Evangelho, como o do Rosario, não só tem grande semelhança com qualquer outro Sacramento, senão maior ainda cõ o maior de todos, que he o Santissimo Sacramento do Altar. Sendo todos os Sacramentos Santos, qual he a razão porque o Sacramento do Altar se chama Santissimo? A ra-

zão he; porque os outros Sacramentos, debaixo da materia visível, só significão a Graça santificante; que causaõ invisivelmente; porẽm o Sacramento do Altar não só significa a Graça santificante, que causa, senão tambem o mesmo Santificador, & Autor da graça, que he Christo, o qual este Sacramento encerra dentro em sy occulto, & invisível debaixo dos accidentes, que vemos. Etudo isto he o que causaõ, & contém (cada hum por seu modo) assim o Sacramento do Evangelho, como o Sacramento do Rosario.

118 Qual he o Sacramento do Evangelho? *Beatus venter, qui te portavit.* He o Ventre purissimo da Virgem Maria, emquanto trouxe em sy o Verbo Eterno encarnado. Que este sinal fosse visível; bem o demonstrãõ as duvidas, ou admirações de S. Joseph. E que além da Graça santificante da Senhora, significasse invisivelmente o mesmo Filho de Deos, Christo concebido por virtude do Espirito Santo, & trazido em suas entranhas; bem o epi-  
non

Matth. 1.20. nou o Anjo ao mesmo S. Jo- seph, quando depois lhe re- vellou, & declarou o myste- rio: *Quod enim in ea natum est, de Spiritu Sancto est.* Eis aqui como o Sacramento do Evangelho em tudo he pare- cido ao Sacramento do Al- tar.

119 E o Sacramento do Rosario? Tambem, & pelo mesmo modo. O Rosario, que trazeis nas mãos ( vede quam puras devem ser) he o final visível deste Sacramen- to. O effeito invisível he a Graça santificante, que por meyo do mesmo Rosario al- cançaõ, os que digna, & de- votamente o rézaõ. Encer- ra mais alguã cousa dentro em sy o mesmo Rosario? En- cerra tudo o que encerra o Sacramento do Altar, & en- cerra tudo o que encerrou o Ventre da Virgem, & ainda encerra mais; porque não sò encerra, como o Ventre Vir- ginal, a Christo emquanto encarnado, nem sò como o Sacramêto do Altar a Chris- to, emquanto morto, senão ao mesmo Christo emquan- to encarnado, emquanto morto, emquanto resuscita-

do, & em todos os outros Mysterios Gozofos, Doloro- sos, & Gloriosos do mesmo Christo.

120 Assentados pois as- sim estes tres Sacramentos; o que farei em dous Discursos, será combinar, & comparar entre sy os mesmos Sacramen- tos. No primeiro compara- rei o Sacramento do Altar cõ o Sacramêto do Ventre Vir- ginal, em maior louvor do Sacramento do Altar. No se- gundo compararei o Sacra- mêto do Rosario com o Sa- cramento do Altar, em ma- ior louvor do Sacramento do Rosario. Como em todos tres he interessada a Senhora; não em parte, mas em tudo, não nos pôde faltar com sua Graça. *Ave Maria, &c.*

## II.

*Beatus venter, quite por- tavit.*

121 **C**OM razão repa- rou nestas pala- vras o Cardeal Hugo, na Pur- pura, & na penna igualmente eminentissimo, & pergunta assim: *Quare non dixit mulier* Hugo illa:

Cardi-  
nal. bñc.  
illa: Beata Mater, quae portavit, potius, quam Beatus venter? Esta molher do Evangelho, por cuja boca fallou o Espirito Santo, porque não disse: Bemaventurada a Mãe; senão: Bemaventurado o Ventre? Isaías quando profetizou este Mysterio inaudito, attribuiu a novidade, & maravilha delle à conceição, & ao parto da Virgem: *Ecce, Virgo concipies, & pariet filium.* O Anjo quando trouxe a embaixada à Senhora, fallou pelos mesmos termos: *Ecce concipies, & paries.* Pois se esta Oradora humilde, que tam alto levantou a voz, queria louvar o Filho pela Mãe, & o ser Mãe consiste em gerar, conceber, & parir o Filho; porque cala a conceição, & o parto, & o mesmo nome da maternidade, & sò louva, apregoa, & canoniza por Bemaventurado o Ventre, q̄ o trouxe em sy: *Beatus venter, qui te portavit?* Não fora esta molher figura da Igreja Catholica, como bem notou o Veneravel Bêda: *Ecclesia Catholica typum gessit:* se não fallára assim. O que muito, & muitas vezes pondêra a Igre-

ja no Altissimo Mysterio da Encarnação do Verbo, he a capacidade immensa do Ventre Sacratissimo de Maria. Tam capaz, que coube nelle o que não cabe no Ceo: *Quem cali capere non poterat, tuo gremio contulisti:* tam capaz: que coube nelle o que não cabe em todo o mundo: *Quem totus non capit Orbis, in tua se clausit viscera:* tam capaz, que coube nelle o mesmo Filho de Deos, tam immenso, & infinito, como seu proprio Padre: *Beata viscera Maria, quae portaverunt aeterni Patris Filium.* Fazerte Deos Homem, foi o maior invento do seu amor: nascer de huã Virgem, foi o maior decóro de sua soberania: caber no Ventre de huã molher, foi o maior protento de sua immensidade: *Beatus venter, qui te portavit.*

122 Aquella palavra, *Beatus*, he a que sò penetrou o profundo, & encareceo o sublime, & pôde dar o justo pezo às outras. Tres molheres chamárao Bemaventurada à Senhora neste mesmo Mysterio, & por elle. A molher do nosso Evangelho:

Bea;

*Beatus venter, qui te portavit:* Sãta Isabel allumiada cõ  
 Luc. I. elpírito de profecia : *Beata*  
 45. *qua credidisti :* & a mesma  
 Virgem Santissima no seu  
 Ibidem. Cantico : *Beatam me dicent*  
 48. *omnes generationes.* E sendo  
 huã destas tres molheres a  
 mesma Bemditta entre todas  
 as molheres; a que mais en-  
 carecêo o mysterio, he a Au-  
 tora do nosso Texto. Vede, se  
 tenho razaõ? O que noto ne-  
 stas tres Bemaventuranças, cõ  
 que a Senhora foi chamada,  
 & se chamou Bemaventura-  
 da, he, que nenhuã dellas se  
 parece com a Bemavētura-  
 ça do Ceo. Santa Isabel cha-  
 mou Bemaventurada à Vir-  
 gem Maria, pela Fé com que  
 creo o que lhe disse o Anjo:  
*Beata qua credidisti:* & no Ceo  
 não ha Fé. A mesma Virgem  
 chama se Bemavēturada. por  
 q̃ Deos poz nella os olhos:  
 Ibidem. *Quia respexit humilitatem*  
 48. *ancilla sua: ecce enim ex hoc*  
*Beatam me dicent:* & a Bem-  
 aventurãça do Ceo não con-  
 siste em Deos ver o Bemavē-  
 turado, senãõ em o Bemavē-  
 turado ver a Deos. Finalmē-  
 te a molher do Evangelho  
 chamou Bemaventurado o

Ventre da Senhora, porquẽ  
 foi capaz de ter, & trazer a  
 Deos dentro em sy: *Beatus*  
*venter, qui te portavit:* & esta  
 Bemaventurança tambem se  
 não acha no Ceo, ainda que  
 no numero dos Bemaventu-  
 rados entre a mesma Mãe  
 de Deos. E por que? Porque  
 Deos por sua infinita Essen-  
 cia he incomprehensivel a to-  
 do o entendimẽto, & conhe-  
 cimento criado. E posto que  
 o entendimento da Senhora,  
 illustrado com lume da glo-  
 ria excessivamẽte maior que  
 o de todos os Bemaventura-  
 dos, veja mais em Deos, que  
 todos os Anjos, & Santos,  
 não sãõ divididos, mas juntos;  
 comtudo não comprehende,  
 nem pôde comprehender a  
 Deos. E daqui se segue, que  
 o Ventre da Virgem, no seu  
 genero, he mais Bemaventu-  
 rado que o entendimento da  
 mesma Virgem: *Beatus ven-*  
*ter, qui te portavit:* porque o  
 seu entendimento não com-  
 prehende a Deos, & o seu  
 Ventre sim.

113 Entre agora a au-  
 thoridade, & a maior autho-  
 ridade, sem a qual todo este  
 Discurso ficaria duvidoso, &  
 va-

vacillante. Santo Epifanio cō  
apostrofe ao Ventre Virgi-  
nal, exclama assim: *O Uterum  
calo ampliorem, qui Deum in-  
comprehensibilem in te verè  
comprehensum portasti!* Oh  
Ventre purissimo de Maria,  
maior, & mais capaz que o  
Ceo, pois a Deos, que he in-  
comprehensivel, verdadeira-  
mente o comprehendeste, &  
trouxeste dentro em ti! No-  
tete muito aquella grãde pa-  
lavra, *Verè comprehensum*. E  
Santo Athanasio, insigne Co-  
luna da Fé, & Doutor da  
Igreja, fallando com a Se-  
nhora: *Ave gratiã plena, splē-  
didum Calum, que Deum in-  
comprehensum angusto potis-  
simum loco in te ipsa contines.*  
Deos vos salve cheia de gra-  
ça, novo Ceo, & mais resplã-  
descendente, que contendes, &  
abreviais a Deos incompre-  
hensivel dentro em vós mes-  
ma; & o que he mais, em hū  
lugar tam estreito como o de  
vosso Sacratissimo Ventre. E  
S. Methodio, ainda mais an-  
tigo que ambos, encarecen-  
do a capacidade immensa do  
mesmo Vêtre: *Tu incircunsp-  
ri circumscripção, tu cū ea con-  
tinentis, & comprehendentis*

*comprehensio*. Vós sois, ò Vê-  
tre purissimo, o que sō pô-  
destes limitar o que não tem  
limite: vós sois a comprehê-  
saõ do que tudo comprehen-  
de. Finalmente, para que a  
tam grandes authoridades a-  
jütemos, & ponhamos o sel-  
lo com outra maior; o mes-  
mo diz, & com a mesma, &  
maior admiração o Concilio  
Ephesino: *Quis vidit, quis  
audivit unquam tale? Quem  
vidio, ou quem ouvio já mais  
tal cousa? Incircumscrip-  
tus Deus Uterum inhabitat, &  
quem Cali non capiunt, Venter  
amplexus est Virginis.* Deos,  
que não cabe nos Ceos, cabe  
no Ventre de huã Virgem; &  
o que he immenso, & incom-  
prehensivel, o mesmo Ven-  
tre o abraça, & comprehen-  
de. E como o Ventre Virgi-  
nal de Maria comprehendéo  
a Deos, cuja infinita grande-  
za não pôde comprehendere  
entendimento algum eriado,  
nem ainda o da mesma Vir-  
gem; cō razaõ a Oradora do  
Evangelho, como Oraculo  
do Espirito Santo, & Voz de  
toda a Igreja Catholica, o  
que louva, o que apregoa, o  
que canoniza como singular-

Hipa-  
pant.  
Domini.

Concil.  
Ephes.  
cap. 7.

mente bemaventurado, não he o entendimento, com que a Senhora vé a Deos, senão o Ventre, em que o comprehendéo, & trouxe dentro em sy: *Beatus Venter, qui te portavit.*

124 Hum só entendimento ha, que comprehenda o que comprehendéo o Ventre de Maria. E qual he? Por ventura o de Christo emquanto Homem? Nem esse. Oh grãdeza tambem incomprehensivel do Sacratio Virginal deste segundo Sacramento! Porisso os Padres, & Concilios (se bem advertistes) todos se declaraõ por exclamações de admiração, de assombro, de pasmo. O entendimento, que só comprehende o que comprehendéo o Ventre de Maria, he o entendimento do Eterno Padre. A maior grandeza da Virgem, em seu genero infinita, he, que o Eterno Padre, & Maria, sejaõ Pay, & Mãy do mesmo Filho. E assim como a mente do Pay gerãdo o Eterno Verbo, & communicadolhe o Ser Divino, comprehende a todo Deos: assim o Ventre da Mãy gerando temporalmen-

te a Christo, & dandolhe o ser humano, comprehendéo dentro em sy a mesma Divindade toda. Mas se o Pay deu ao Filho o Ser Divino, & a Mãy o ser Humano; digale, que a mente do Pay comprehendéo a Divindade, & o Ventre da Mãy a Humanidade, & a Divindade não? Antes porisso mesmo. Que se assim não fora, não fora a Senhora Mãy de Deos. A Virgem Maria não gerou a Humanidade de Christo cõ subsistencia humana, como as outras mãys geraõ os outros homês; mas com subsistencia divina, unida hypostaticamente à mesma Humanidade: por meyo da qual uniaõ, o Filho no instante, em que foi concebido, ficou verdadeiro Deos, & verdadeiro Homem; & a Mãy, que deu o ser a tal Homem, verdadeira Mãy de Deos. Pois assim como a mente do Pay gerando o Verbo, comprehendéo toda a Divindade sua, & do Filho; assim o Ventre da Mãy gerando o mesmo Filho, comprehendéo toda a Divindade, não sua, mas do Verbo.

125 Declarenos esta altissima

tíssima Theologia S. Paulo por termos que a possão entender bem, ainda os que não são Theologos. Fallando S. Paulo da Divindade do Filho de Deos feito Homem, diz, que toda a enchente da Divindade habita o Corpo de Christo: *In ipso inhabitat omnis plenitudo Divinitatis corporaliter*. Habitar, quer dizer estar com permanencia, & desse modo esteve desde o instante da Encarnação, & está, & ha de estar para sempre a Divindade em Christo por virude da uniaõ hypostatica, que he de sua natureza uniaõ indissolúvel. E usou tambem o Apostolo da palavra, habitar; porque como o que habita a casa, está todo dentro na casa, & a casa o cêrca, & contém todo dentro em sy; assim a Divindade está toda dentro do Corpo de Christo, & o Corpo de Christo a cêrca, & comprehende, não só toda, mas totalmente: que he outro, & maior mysterio, que encerraõ as mesmas palavras. Para significar, que toda a Divindade está no Corpo de Christo, bastava dizer:

*In ipso inhabitat plenitudo Di-*

*vinutatis*: porque *Plenitudo* quer dizer, toda. Pois porque não diz o Apostolo só, *Plenitudo*, senão, *Omnis plenitudo*, que vem a ser, como se dissera: Toda a Divindade toda, ou todo o todo da Divindade? Porque para comprehender a Deos, como definem os Theologos, não só basta conhecer, ou contêr a todo Deos, senão todo, & totalmente. E isto he o que quiz significar o Apostolo, não só dizendo, toda a Divindade, senão todo o todo della: *Omnis plenitudo*: para mostrar, q o Corpo de Christo contém, & abraça dentro em sy a Divindade, não de qualquer modo, senão comprehensivamente, & por inteira comprehensão: toda huã vez emquanto *Plenitudo*, & toda outra vez emquanto *Omnis*; & porisso toda, & totalmente. Donde se seguem em ultima conclusão do nosso Discorso as duas consequencias, & semelhanças d'elle. A primeira, que o Ventre da Virgem comprehendéo toda a Divindade. Porque se o Corpo de Christo comprehende immediata-  
mente toda a Divindade, por-

que toda a Divindade está no Corpo de Christo; tambem o Ventre de Maria compre- hende mediatamente toda a Divindade, porque todo o Corpo de Christo está no Ventre de Maria. E assim co- mo (que he a segunda confe- quencia, & paridade) assim como a mête do Padre com- prehende toda a Divindade, porque na mente do Padre está todo Deos em espirito; assim o Vêtre de Maria com- prehende toda a Divindade, porque no Ventre de Maria está todo Deos em Corpo.

*Basi-  
lius Se-  
leucus  
de An-  
nuntiat.*

*Deus Verbum totum erat in Corpore, totum in Deo Patre:* disse, como Eu o podéra di- tar, S. Basilio de Seleucia. E este he o grande mysterio, cõ que a voz do nosso Texto não chama Bemaventurada a Mãy, senão Bemaventurado o Ventre: *Beatus Venter, qui te portavit.*

## III.

126 **E** Se tudo (paraque do Sacramêto do Evangelho passêmos ao Sa- cramento do Altar) se tudo o que comprehende a mente

do Padre, comprehendéo o Ventre de Maria, porque te- ve dentro em sy todo o Cor- po de Christo: *Totum in Cor- pore, totum in Patre:* que me- nos podemos nós dizer do mesmo Corpo de Christo no Santissimo Sacramento insti- tuido pelo amor, & obrado pela Omnipotencia, não sô para o adorarmos no Altar, mas para o recebermos den- tro em nós mesmos? Que dis- se Christo, quando instituiu aquelle Divinissimo Myste- rio? *Accipite, & comedite: Hoc* *Matib.*  
*est Corpus meum:* Recebei, & 26, 26,  
comei: Este he meu Corpo. Todo na mente do Padre, to- do no Ventre da Virgem, & todo no peito dos que o re- cebem; & tam inteiramente todo em todos, como todo em cadahum: *Sic totum om- nibus, quod totum singulis.* Grande maravilha he, que o Verbo Eterno, ao qual sô comprehende a mente do Pa- dre, o cõprehendesse o Ven- tre de huã Virgem; mas não he menor, antes igual mara- vilha, que esse mesmo Ver- bo, que está todo na mente do Padre, & todo no Ventre da Virgem, se receba, & cai-  
ba

ba tambem todo no peito do homem. Na mente do Padre todo o Verbo gerado, no ventre da Virgem todo o Verbo encarnado, no peito do homem todo o Verbo Sacramentado. Mas isso mesmo he ser Verbo, disse excellentemente, declarando, & estendendo o seu pensamêto, o mesmo S. Basilio: *Quem admodum verbum in charta descriptum, totum est in charta, & totum in mente gignente, & totum in ijs, qui illud legunt, vel audiunt: ita Deus Verbum, & multo quidem perfectius, totum erat in corpore, totum in Deo Patre, totum in celo, totum in terra, totum in universa creatura.* Que he o Verbo Eterno? He a Palavra Divina. Pois assim como a mesma palavra está toda na mente de quem a concebe, & gera, & toda no papel, onde se escreve, & toda naquelles, que a lem, ou ouvem: assim o mesmo Verbo Divino está todo na mente do Padre, que o gerou, todo no ventre da Mãe, que o concebéo, todo naquelles, accidêtes brancos, onde se imprimio, & todo no peito do homem, que o ou-

ve pela Fé, & o recebe pelo Sacramento.

127 A proporção, & a paridade, não pôde ser mais propria, nem mais igual. Mas porque Eu prometti de tal maneira comparar o Sacramento do Altar cõ o Sacramento do Evangelho, que seja em maior louvor do Sacramento do Altar; ouçamos agora as diferenças, ou vantagens deste segundo Sacramento sobre o primeiro. E não peço licença à Virgem Santissima para esta ventajosa comparação, pois tudo o que se differ do Santissimo Sacramento do Corpo, & Sangue de Christo, he em dobrado louvor da mesma Senhora, da qual Christo recebeu o mesmo Corpo, & Sangue. Começando pois este segundo Discurso, por onde acabámos o primeiro; a primeira differença, ou vantagem do Sacramento do Altar sobre o Sacramento do Evangelho, he, que no ventre Sacratissimo da Virgem de tal modo esteve todo o Corpo de Christo, que só estava todo em todo, mas não todo, senão parte em cada parte; porém no

Sacramento do Altar não só está todo em todo, & todo em qualquer parte, como muitas vezes ouvistes; mas em qualquer parte está todo, & todo totalmente. O que por ventura não tendes ouvido.

128 Nenhum corpo ha no mudo, ainda que seja tam grande como a terra, & o Ceo, ou tam pequeno, & tam minimo como hum atomo, que esteja todo em todo, & todo em qualquer parte do mesmo todo. E a razão não he outra, senão porque he corpo. Estar todo em todo, & todo em qualquer parte, he propriedade só dos Espiritos: & assim está em nós a nossa Alma. Toda em todo o corpo, toda em hum braço, toda em huã mão, toda em hum dedo, & toda na menor parte delle. Com esta semelhança se costuma explicar o modo, com que o Corpo de Christo está na Hostia. É posto que seja hũ dos grandes milagres deste Mysterio, que sendo Corpo esteja alli cõ propriedades de Espirito; ainda a semelhança da Alma diz muito menos do que na

realidade he. A Alma ainda que está toda no braço, toda na mão, & toda no dedo; se ao corpo lhe cortarem hum dedo, não fica no dedo; se lhe cortarem a mão, ou o braço, não fica na mão, nem no braço. Pelo contrario o Corpo de Christo de tal modo está todo na Hostia, que se a Hostia se partir pelo meyo, ou em quatro partes, ou em ceto, ou em mil, em qualquer parte, ou maior, ou menor, ou minima, está todo o Corpo de Christo. E qual he a razão de tamanha differença, & maravilha? A razão he (como filosofa exquisitamente Theophilo) porque o Corpo de Christo em qualquer parte da Hostia está todo, & totalmente: & a Alma em qualquer parte do corpo, ainda que está toda, não está totalmente. Mais claro. A Alma está toda em qualquer parte do corpo, mas não por modo total, senão parcial; porque se estivera em qualquer parte por modo total, estivera reduplicada, & não huã só vez, senão muitas vezes no mesmo corpo: por em o Corpo de Christo em qualquer

Theo-  
philus  
Reinau-  
dus in  
Cande-  
labro  
Euchar.  
cap. 8. §.  
16.

quer parte da Hostia está todo, não por modo parcial, senão por modo total: & por isso está o mesmo Corpo tantas vezes reduplicado na mesma Hostia, quantas são as partes quasi infinitas, em que ella se pôde dividir: & não só nas partes sensiveis, em que só se pôde consagrar, mas tambem depois de consagrada, até nas partes insensiveis. A Alma de tal maneira está toda em qualquer parte do corpo, que ou ha de estar toda, ou não ha de estar: o Corpo de Christo de tal maneira está todo em qualquer parte da Hostia, que não pôde deixar de estar, nem de estar todo. Todo em toda, todo em qualquer parte, & dividida essa parte em mil partes, em todas todo.

129 Oh milagre, oh prodigio, não sei, se maior da Omnipotência, ou do Amor! A maior inclinação do amor he dar, ou dar-se todo; & a maior mortificação do mesmo amor he dar sómente parte. Ponhamos tres meas à vista, para que se veja a soberania daquella. Assentado à meza Elcana com toda a

sua familia, quando veio a repartir a porção, que lhe coube do Sacrificio, que tinha offerecido no Templo, diz o Texto Sagrado, que deu huã parte a Anna, mas desconsolado, & triste, porque amãdoa muito lhe dava huã

só parte: *Anna autem dedit partem unam tristis, quia Annam diligebat.* 1. Reg. 4. 5.

Assim se entristece, & mortifica o amor, quando dá parte a quem quizera dar tudo. Mas desta mortificação nenhum amor se pôde livrar, ainda quando o maior amor se ajunta com o maior poder. Joseph era todo poderoso no Egypto, & quando deu o banquete a seus irmaõs depois de reconhecidos, possoque amava mais q a todos a Benjamin, que fez com todo esse amor, & com todo esse poder? Nota o mesmo Texto Sagrado, que na repartição dos pratos, que elle fazia por sua propria mão, a maior parte era a de Benjamin, & tanto maior, que excedia a dos outros em cinco partes: *Maior pars venit Benjamin, ita ut quinque partibus excederet.* Desorte, que podendo tudo Joseph, &

Genes.

43. 34.

fazendo seu amor tudo, o que podia nesta repartição, o que pode dar a quem mais amava, foi huã parte maior, mas a maioría, & excessão dessa maior parte, tambem foraõ partes: *Maior pars:*

*Quinque partibus.* Naõ assim o Divino Amor, & verdadeira Omnipotencia de Christo naquella Sagrada Mesa. Estando a ella o Senhor com seus Discipulos, disselhe, que tomassem o Calix, em que lhe deixava seu Sangue, & o repartissem entre sy: *Accipite, & dividite inter vos.* Entre o *Accipite;* & o *Dividite;* entre o tomar, & repartir o Calix, & o mesmo he do Paõ depois de Consagrado, ouve alguã differença? Muito grande, & nunca vista ainda na Theologia mais estreita. Quando tomáraõ o Paõ da mão de Christo, estava o Corpo de Christo todo em todo; tanto que o repartiraõ entre sy, estava todo em qualquer parte. O Paõ partia-se em partes, & o que estava debaixo do Paõ, partia-se em todos, ou em hum sò todo; porque todo o Corpo de Christo, & o mesmo estava na parte, que

coube a cada hum. Nem a parte de Joaõ (que era o Benjamin) foi maior parte, nem a dos outros menor; porque o todo estava tam inteiramente nas partes, como no todo.

130 Esta foi a razaõ, & proporção admiravel, porque na sustancia, & accidentes do Sacramêto unio Christo inseparavelmente o maior Mysterio sobrenatural com o maior mysterio da natureza. Qual he o maior mysterio da natureza? He a composição do continuo, ou da quantidade, em que toda a Filosofia até hoje mais soube passar, que definir. Porque sendo proprio da quantidade o ser divisivel, ou poderse dividir, de tal modo se compoem de partes qualquer quantidade, que por mais que se divida em infinito, em nenhuã parte se pôde dividir tam pequena, que essa mesma parte naõ seja divisivel, & se possa dividir em partes. E porque a propriedade da quantidade he poderse sempre dividir, & a propriedade do amor he quererse sempre dar todo; porisso medio, & proporcionou o Senhor o todo do seu

Cor-

Corpo com as partes da quantidade da Hostia, para que assim como as partes se podem sempre dividir, assim o seu Corpo se podesse sempre multiplicar. A Hostia em qualquer parte sempre divisível em partes, & o Corpo debaixo de qualquer parte sempre multiplicável em todo. Tanta he a differença nesta só consideração, com que o Sacramento do Altar, que foi a ultima obra do Amor, & Omnipotencia Divina, se exalta sobre a primeira, que foi o Sacramento do Evangelho. O mesmo Corpo de Christo, que está naquella Hostia Consagrada, he o que esteve no Sagrado Ventre da Virgem Maria. Mas no Ventre da Virgem esteve todo o Corpo em todo, & parte em parte; porém na Hostia, não só está todo em todo, & todo em qualquer parte, mas em qualquer parte todo, & totalmente. Todo, & totalmente; porque assim como qualquer parte da Hostia se pôde dividir em infinito, assim o mesmo Corpo do Senhor, quantas forem mais, & mais as partes divididas, tanto estará

mais, & mais todo em todas. E todo, & totalmente por modo ainda mais sublime, & admiravel; porque ainda que as partes se não dividão, basta somente serem divisíveis em sy, para que em todas, por mais que sejaõ infinitas, esteja todo.

## III.

131 **I**Nfinito seria também o nosso Discurso, se ouvessemos de ponderar huã por huã as outras differenças gloriosas de hum a outro Sacramento. Mas porque nem a brevidade do tempo permite a ponderação, nem a necessidade da materia se satisfaz com o silencio; contentarmehei somente com as apontar. No Ventre da Virgem entrou Christo huã só vez: no Sacramento entra em nós todos os dias: *Hec Eccl. quotiescumque feceritis.* No *in Ca. non.* Ventre da Virgem esteve só nove mezes: no Sacramento ha mil & seis centos annos que está comnosco, & ha de estar até o fim do mundo: *Ecce ego vobiscum sum :::: Matth. usque ad consummationem.* *28. 20.*

sa.

*ſæculi.* No Vêtre da Virgem immortall, & glorioſo: *Hic eſt [Ibidem] panis, qui de calo descendit.* 59.

No Ventre da Virgem recebeu Chriſto de ſua Mãy a vida temporal: no Sacramento recebemos nós delle a vida eterna: *Qui manducat hunc* [Ibidem] *panem, vivit in æternum.*

*Luc. 17.* *Ubi cumque fuerit corpus.* No

37. Ventre da Virgem creſcia o Corpo de Chriſto, mas até aquelle limite ſõmente, em que tam pequeno, ou tam pequenino nãſcôo: no Sacramento nãſcree, nem pôde creſcer, porque eſtã alli na idade, na grandeza, & na eſtatura de Varão perfeito: *In*

*Ephes. 4.* *mensuram ætatis plenitudinis*

13. *Chriſti.* No Ventre da Virgem eſtava o Filho na Mãy, mas a Mãy nãſtava no Filho: no Sacramento o meſmo Chriſto eſtã em nós, &

*Ioan. 6.* *nós nelle: In me manet, & e-*

57. *go in illo.* No Ventre da Virgem alimentavaſe o Filho dos comerres naturaes, de que ſe ſuſtentava a Senhora: no Sacramento o meſmo Senhor he o noſſo alimento, & o noſ-

*Ibidem.* ſo ſuſtento: *Qui manducat meam carnem, & bibit meum ſanguinem.* No Ventre da Virgem eſteve Chriſto em carne mortal: no Sacramento, & em nós, eſtã em Corpo

132 Em cadahuã deſtas differenças havia muito que dizer, muito que encarecer, muito que admirar; mas como ainda nãſ chegãmos à maior, & mais eſtupenda de todas, nella ſõ me deterei mais hum pouco. E que differença he eſta, digna de tam particular admiraçãõ, & reparo? He, que no Ventre da Virgem eſteve o Filho de Deos, onde nunca entrou peccado: & no Santiffimo Sacramento, quando entra no peito dos homẽs, nãſ ſõ eſtã em peccadores, mas muitas vezes entre os meſmos peccados. Sõ quem comprehendere as delicias ſobrehumanas, que o ſegundo Adam gozava no Paraifo ſempre innocente do gremio Virginal, poderã de algum modo conjecturar, ou deſta differença as diſtancias, ou de tal fineza os extremos. Ponhamo-

nos no Paraíso terreal, & reparemos, no que não vi reparar atégora. Depois de dizer a Escritura, que Deos tinha plantado por sua mão hum Paraíso de delicias, no qual poz o Homem: *Plantaverat autem Dominus Deus Paradisum voluptatis :: in quo posuit hominem*: diz, que do lugar das delicias sahia hum Rio para regar o Paraíso: *Et fluvius egrediebatur de loco voluptatis ad irrigandum Paradisum*. Logo se do lugar das delicias sahia hum Rio para regar o Paraíso; segue-se, que o Paraíso chamado das delicias, não tinha as delicias (ao menos as maiores) em toda a parte, senão em hum só lugar, o qual propria, & particularmente se chamava o lugar das delicias: *De loco voluptatis*. Supposta pois esta distincão, & differença ram expressa no Texto, sabíamos agora, que lugar das delicias era este, o qual dava o nome a todo o Paraíso, & do qual sahia o Rio, que o regava. S. Pedro Damiaõ allegorizando o passo, diz, que o lugar das delicias do Paraíso da terra he o Ventre purif.

simo da Virgem Maria, na qual Deos não só depositou, mas accumulou todas as suas delicias: & o prova com outro Texto da boca do mesmo Deos: *Locum voluptatis Uterum Mariae intelligo, in quo cumulatit omnes delicias deliciarum Dominus, de cujus delictis Spiritus Sanctus admiratorio sermone in Cantico sic eructat: Qua est ista, qua ascendit de deserto delictis affluens*: O Paraíso das delicias do homem era o Paraíso de Adam, que peccou: mas as delicias das delicias de Deos, & o lugar dellas: *De loco voluptatis*: era o Ventre de Maria, em que nunca ouve peccado.

133 Já temos qual he o lugar das delicias: & o Rio, que delle sahia: *Fluvius egrediebatur de loco voluptatis*: qual he? Esta segunda duvida nos obriga a sair da terra ao Ceo, & de hum Paraíso a outro Paraíso, & de hū Ventre Sacratissimo a outro mais alto, & mais Divino. Ouvi ao mesmo Santo: *Fluvius iste est Idem Dominus meus Iesus, qui de duobus locis voluptatis egreditur, ex Utero Patris, ex Utero*

P. Damian.  
Sermon. de  
Annun-  
tiatione.

*Virginis.* O Rio, que sahia do lugar das delicias, he o Filho de Deos, & de Maria, Christo Jesu, Senhor, & Redemptor nosso, o qual não huã sô vez, senão duas, sahio do lugar das suas delicias: no Paraíso do Ceo quando sahio do seio do Pay: *Ex Utero Patris*: no Paraíso da terra, quando sahio do Ventre da Virgem: *Ex Utero Virginis.* Desorte, q̄ o Verbo Eterno quando sahio do seio do Pay, sahio do lugar das suas delicias no Ceo, & quando entrou no Ventre da Virgem, entrou no lugar das suas delicias na terra: & a fineza que fez por nós, não esteve no entrar, esteve no sair: *Fluvius egrediebatur de loco voluptatis.* Como na Virgẽ Maria não havia, nem ouve nunca peccado, antes a summa perfeição de todas as virtudes, emquanto Christo esteve no Ventre de sua Mãy, alli tinha, & gozava todas as suas delicias: tanto assim, que se não fora por agradar, & obedecer a seu Pay, nunca dalli sahira, como elle mesmo disse pelo

*Psal. Profeta: Tu es, qui extraxisti*  
21.10. *me de Ventre Matris meae:*

Vós, Pay meu, sois o que sô me pudestes tirar do Ventre de minha Mãy, & me tirastes delle quasi por força, que isto quer dizer, *Extraxisti*: ou como treslada Tertulliano, *Avulsisti.* Assim que o maior sacrificio, que Christo fez a seu Eterno Padre nascendo, foi o mesmo nascer; porque foi sair do centro do seu amor, do seu dezejo, do seu descanço, das suas delicias.

134 Destas delicias, que Christo gozava no Ventre Santissimo de sua Mãy, se vê bem a differença da fineza, com que no Santissimo Sacramento do Altar se fogel-ta a entrar no peito dos homens. Là estava a fineza no sair, eà está no entrar. O fim porque Christo se deixou no Sacramento, foi, para regar, & fecundar nossas Almas cõ os influxos de seu Corpo, & Sangue, como Rio nascido da fonte de toda a Graça, que he a Divindade: *Et fluvius* Genes. 2.10.  
*egrediebatur ad irrigandum*  
*Paradisum.* As Almas puras, & santas, que não sô vivem em Fé, mas em perfeita Charidade, tam raras na corrupção, & abusos da vida, que se  
col.

costuma, essas são as plantas do Paraíso, que elle rega, & santifica com tanto fruto, como gosto. Mas não pára ahí. *Inde dividitur in quatuor capita* (acrescenta o mesmo Texto:)& dalli se divide como em cruz para as quatro partes do mundo, onde succede áquelle Sagrado Paó, o que ao do Semeador do Evangelho, que hum cae nas pedras, onde se séca, outro nas espinhas, onde se afoga, outro nas estradas, onde o pizaó, & pouco em terra boa, onde frutifique. Porisso com grãde mysterio sahe, & se divide em cruz, porq̃ sahe, como diz S. Paulo, para ser outra vez crucificado, & afrôta-

*Hebr. 6. 6.*  
do: *Rursum crucifigentes sibi metipsis Filium Dei, & ostentui habentes.*

135 Isto he o que padece Christo Sacrametado (posto que glorioso, & impassivel) nas consciencias de todos, os que o recebem, ou totalmente impenitentes em peccados manifestos, ou com falsa contriçaó, & fingido, ou córado arrependimento: que são os que mais ordinariamente se enganaó, ou que

rem engañar a sy mesmos; mas não enganaó a Deos. E nestas Almas sem Alma (como a de Judas) não duvidaráo a dizer Santo Anselmo, S. Paschasio, S. Cypriano, & Santo Agustinho, que padece mais Christo no Sacramento, do que padeceó na Cruz. *Magis peccant*, diz Santo Agustinho, *qui tradunt Christum peccatoribus membris, quam qui tradiderunt eum crucifixoribus Iudais.* E a razáo he; porq̃ os Judéos crucificáraó a Christo em hum madeiro innocente, & os que o recebem em peccado, crucificaóno em sy mesmos, como notou o Apostolo: *Cru-*

*Auguſt.*  
*ciſigentes ſibimetipſis Filium Dei.* Aquella Cruz, porque era Cruz sem peccado, era muito mais leve para Christo; mas esta junta com os peccados dos que o crucificaó em sy mesmos, he muito mais pezada, muito mais cruel, muito mais insoportavel. Assim o ponderou o mesmo Christo na mesma hora, em que deu os primeiros passos para a Cruz: *Eccē Matth. appropinquavit hora, & Filius 26. 45. hominis tradetur in manus*

*peccatorum*: He chegada a hora, em que serei entregue nas mãos dos peccadores. Dos peccadores disse, & não dos algozes, nem dos tyrannos; porque maior horror lhe fazia nas mãos dos que o crucificáraõ a circumstancia dos peccados, que a tolerancia dos tormentos. Deixo as injurias, & blasfemias, com que a Fé do Divinissimo Sacramento he negada dos Hereses: nã fallo nas violencias, & defacatos atrozes das mãos impias, & sacrilegas, com que aquelle *Santa Sanctorum* da Divindade tem sido tantas vezes profanado; porque para prova da ventagem, que buscamos, basta a differença de dizer, com peccados, ou sem peccado. Assim como huã Alma em peccado he o inferno do inferno, assim o Ventre Virginal, onde nunca ouve peccado, era o Paraíso do Paraíso. Logo não só foi maior fineza (ogetarse Christo no Sacramento a entrar no peito dos peccadores, mas essa só foi a fineza; porque encerrar-se no Ventre da Mãy sempre Santissima, não foi fineza, senão delicia. No

Sacramento do Altar, adorado, mas offendido: no Sacramento do Ventre da Mãy, elle, & o mesmo Ventre sempre beatificado: *Beatus Venter, qui te portavit.*

## V.

136 **C**omparado com tanta ventagem o Sacramento do Altar com o Sacramento do Evangelho; resta comparar o Sacramento do Rosario com o Sacramento do Altar: comparação em que a ventagem parece difficulosa. Mas como he obra, em que o Filho de Deos poz a materia, & a Mãy de Deos deu a fôrma, não será impossivel. Começemos pela semelhança, que he o fundamento da comparação, & acabaremos pelas differenças, donde se poderá collegir a ventagem. He mui parecido o Sacramento do Rosario com o Sacramento do Altar, ambos Santissimos. Em que? Não em outra proporção (porque não havemos de mudar a idéa) senão na mesma que ponderámos entre o Sacramento do Altar, & o

Sacramento do Evangelho. Se naquelle Sagrado Myfterio está todo Christo em toda a Hestia, & todo em qualquer parte; no Rosario passa o mesmo, & não invisível, se não visivelmente. O Rosario, como todos sabem, consta de duas partes, huã Mental, outra Vocal: na Mental, q̄ são os Mysterios, em qualquer parte está todo Christo; na Vocal, que são as Orações, em qualquer parte está todo o Rosario.

137 Estar todo Christo em qualquer parte do Rosario Mental, he cousa tam manifesta, que a vem os olhos. O que medita o Rosario na parte Mental, são os Mysterios da Vida, Morte, & Resurreição de Christo: & nenhum Mysterio ha de todos quinze, em q̄ Christo não esteja todo: todo na substancia, posto q̄ dividido, & diverso nos accidētes. Dividi em partes os tēpos, os lugares, & os mesmos periodos da vida de Christo, & não me dareis parte alguã, em que não esteja todo. Todo no Mysterio da Encarnação (& sô elle todo; porque desde o primeiro

instante foi inteiro, & perfeito Homem, o que não acontece aos demais.) Todo na Visitação, santificação o Baupista: todo no Presépio, aclamado de Anjos, & adorado de Reys, posto que nascido entre animaes: todo huã vez no Templo apresentado a Deos nos braços de Simeão: & todo outra vez depois de perdido, achado entre os Doutores. E porque nesta vida, ainda que seja do mesmo Deos, não ha gostos sem pezares; se destes Mysterios, que foraõ os Gozolos, passarmos aos Dolorosos; todo no Horto suando sangue, todo no Pretorio atado à Coluna, todo coroado de espinhos, todo com a Cruz às costas, & todo pregado, & morto nella. Estes são os dous accidentes, de que se compoem toda a vida humana, que por isso S. Paulo os dividio somente em Gozolos, & Dolorosos: *Gaudere cum gaudentibus, flere cum flentibus.* Mas <sup>15.</sup> porque o mesmo Christo cõ sua morte nos merecêo outra segūda vida, que he a immortal, tambem esta tem outros accidentes, que são os

Glo:

Gloriosos, de q se compoem a terceira parte do Rosario, & em todos, & qualquer parte delles temos igualmente a Christo todo. Todo resuscitado, todo subindo ao Ceo, todo mandando de lá o Espirito Santo, todo recebendo em triũso a sua Gloriosissima Mãe, & todo com toda a Santissima Trindade coroandoa em Trono de suprema Magestade por Rainha do Ceo, & da terra, & Senhora universal de Homens, & Anjos.

138 Ouçamos agora a Salamaõ, que no curso, & circulo, que faz o Sol, reconheceo todos estes Mysterios, & sua variedade, como nós tambem fazemos na volta q himos dando ao circulo do Rosario: *Oritur Sol, & occidit, & ad locum suum revertitur: ibique renascens, gyrat per Meridiem*: Nasce o Sol no Oriente, & morre no Occidente; mas depois de morto, & estar debaixo da terra, torna outra vez a renascer, & continuar seu curso. E que Sol he este, senaõ aquelle primeiro Planeta, fonte de toda a luz: *Qua illumi-*

*nat omnem hominem venientem in hunc mundum*: o qual debaixo dos accidentes do Sol, que vemos, consagrou como em hum Sacramento natural o curso, os movimẽtos, & os Mysterios de sua primeira, & segunda vida, já nascido, já morto, já resuscitado, que saõ as tres Partes, ou Terços, de que se compoem o Rosario: *Oritur Sol*; a primeira: *Et occidit*; a segunda: *Et ad locum suum revertitur, ibique renascens*; a terceira. Naõ he pensamento meu, senaõ commentõ, & applicaçã de Olimpiodõro: *Christus velut Sol ortus est in* Olimpiodorus in Commentar. *nasivitate, occidit in morte, rursus ortus, & velut renatus est in resurrectione*. Nos Mysterios da Encarnaçã, & Nascimento esteve Christo como Sol cuberto de nuvẽs; porque a nuvem da Humanidade, encobria os raios da Divindade: nos Mysterios da Paixaõ, & da Cruz esteve como Sol ecclipsado com as sombras funestas da morte, & total escuridade da sepultura: nos Mysterios da Resurreiçã, & da Subida ao Ceo, esteve como Sol claro, &

*Eccles.*  
1,5,6.

*Ioan.* 1.9

& resplandecente no Meyo-dia, desfeitas totalmente as nuvens, & fumidas, & aniquiladas as sombras: mas o Rosario, & seus devotos (como a milagrosa flor do Eleutropio) que fazem? Vaõ seguindo sempre, & acompanhando ao Divino Sol em todos estes passos: & revestidos sempre ( que he mais ) dos mesmos accidentes. Nos Gozosos gozandose, nos Dolorosos doendose, nos Gloriosos gloriandose, & semelhãtes em tudo a quem em todos se lhe deu todo.

139 Duvidaõ aqui, & disputaõ os Padres, & Expositores, se falla Salamaõ neste Texto do circulo, que faz o Sol cadadia saindo, & tornando ao Oriete: ou do curso que faz cada anno dentro dos Tropicos, visitando, & detendose em todos os Signos do Zodiaco. Os dous Gregorios, Taumaturgo, & Nifeno, entendem o lugar do circulo de cada dia: S Jeronimo, & Theophilaeto, do curso de cada anno: & huã, & outra sentença tem por sy grãdes Mathematicos. Outros Authores porẽm conciliaõ, Tem.6.

& abraçaõ ambos estes sentidos do Texto, entendendo de hum, & outro curso do Sol. E o mesmo fazem melhor, & com mais certeza q̃ todos, os devotos do Rosario. Os devotos do Rosario? Pois como? Que tem que ver o Rosario com o Sol, ou no circulo de cada dia, ou no curso de cada anno? Muito, & por modo muito admiravel. Naõ dissemos, que debaixo dos accidentes deste Sol natural, & visível, representou, & sacramentou Christo todo o curso, movimentos, & Mysterios de sua vida mortal, & gloriosa? Sim. Pois assim como o Zodiaco do Sol natural se compoem de doze Signos, assim o Sol Divino tẽ outro Zodiaco mais alto, & mais dilatado, que se cõpoem, & reparte em quinze Signos, que saõ os quinze Mysterios do Rosario. E assim como o Sol corre, & visita o seu Zodiaco nos doze mezes do anno, assim Christo correõ, & aperfeçoou o seu, dando luz, & calor ao mundo, naõ menos que em espasso de sincoenta & oito annos, que tantos se contãraõ

desde o dia de sua Encarnação, que foi o primeiro Myſterio, até o dia da Coroação de sua Gloriosa Mãe, que foi o ultimo. E os devotos do Rosario, com maravilha, que se não vé no Ceo, conciliaõ, como dizia, todo este curso do Divino Sol, & todos os passos, & espafſos deste tam dilatado Zodiaco dentro do circulo natural de hum sò dia; porque o circulo do Rosario, que cada dia rézaõ, os inclue, abraça, & comprehêde a todos. É basta isto? Não basta. Porque ainda lhe falta a maior propriedade, que he estar Christo neste seu Zodiaco, não sò todo em todos os Signos, que são todos os quinze Myſterios, senão todo em qualquer parte de cadahum.

140. Os Signos do Zodiaco no nosso entendimento são huãs apprehenſões de figuras varias, que sò consideramos mentalmente: & no Ceo são certo ajuntamento de Estrellas, de que se compoem os mesmos Signos, & porisso se chamaõ Constellações. E as Estrellas que são? São huns Espelhos do Sol, em

que o Sol, não em parte, senão todo, nem outro senão o mesmo, de tal forte se divide, & multiplica, que em toda a Constellação está todo, & em qualquer parte, ou Estrella della todo, & todo em cadahuã allumia, & todo em cadahuã influe, obrando diferentes effeitos no mundo, segundo a diversa natureza de suas proprias calidades. Tacs são no Zodiaco do Rosario os Myſterios, de que se compoem. Consideraos mentalmente o nosso entendimêto apprehendendo, & representado ao mesmo Christo em diversos tempos, lugares, idades, & acções, como em diferentes figuras, tam varias, como são as de sua Infancia, Paixão, & Gloria: & não sò está Christo todo em todos os Myſterios, senão todo em cadahum, & todo em cada parte delle, & todo allumiado, & todo influindo; porque segundo os diversos motivos, de gosto, de dor, & de gloria, primeiro com os raios de sua luz allumia os entendimentos, & depois com a efficacia de suas influencias move, & afeição as vontades.

des. Assim o Sol todo em todo, & todo em qualquer parte no seu Zodiaco : assim Christo todo em todo, & todo em qualquer parte no Sacramento do Altar : & assim todo em todo, & todo em qualquer parte no Sacramento do Rosario.

## VI

141 **E** Se na parte Mental do Rosario, q̄ são os Mysterios, em qualquer parte está todo Christo; vejamos agora como na parte Vocal, que são as Orações, também em qualquer parte está todo o Rosario. Primelramente assim como no Sacramento do Altar, da Hostia, em que está o Corpo, & do Calix, em que está o Sangue de Christo, se compoem hum sô Sacramento; assim no Rosario Vocal, da Oração do Padre-nosso, em que oramos a Deos, & da Oração da Ave-Maria, em que invocamos a sua Santissima Mãe, se compoem hum sô Rosario: & pela mesma razão. Qual he a razão, porque a Hostia, & o Calix não cõpoem dous

Sacramentos, senaõ hum sô? Porque ainda que nos accidentes, & no que mostraõ, são diversos, na sustancia, & no que significaõ, são o mesmo. Quando El Rey Faraõ no Egipto teve em sonhos aquellas duas visoões tam sabidas, huã, das vaccas primeiro grossas, & depois macilentas, outra, das espigas primeiro gradas, & depois falidas; chamado Joseph para interpretar estas visoões, ou sonhos, q̄ verdadeiramente foraõ profeticos; respondéo, que o sonho do Rey era hum sô: *Somnium Regis unum est.* Mas se os sonhos tinhaõ sido dous, & as cousas, ou figuras, que o Rey vira em cada hum delles, eraõ tam diversas; como diz Joseph, que era hum sô sonho? Porque ainda que eraõ dous nos accidentes, era hum sô na sustancia; ainda que eraõ dous no que se vira, eraõ hum sô no que significavaõ. Do mesmo modo no Sacramento; & também no Rosario. No Sacramento o que se vé na Hostia, & no Calix, são accidentes, & sinais diversos; mas o que esses accidentes cobrem, & esses si-

*Genes. 41. 25.*

naes significão, são o mesmo Corpo, & Sangue de Christo na Hostia, & o mesmo Sangue, & Corpo de Christo no Calix: & porisso não dous, senão hum só, & o mesmo Sacramento. No Rosario o que ouvimos em huã Oraçãõ, he o Padre-nosso; o que ouvimos na outra, he a Ave-Maria, & tomadas pelo q̄ soaõ, são duas Orações differentes, mas entendidas pelo que significãõ, são huã só, & a mesma. E assim como na Hostia *ex vi verborum* está o Corpo, & não está o Sangue, & no Calix *ex vi verborum* está o Sangue, & não está o Corpo; mas o Sangue leva consigo o Corpo, & o Corpo o Sangue: assim na primeira Oraçãõ do Rosario *ex vi verborum* está o Padre-nosso, & na segunda *ex vi verborum* está a Ave-Maria; mas o Padre-nosso tambem leva consigo a Ave-Maria, & a Ave-Maria o Padre-nosso.

142 Se assim he, bem ditto está. Mas parece, que não he assim, & com evidencia. No Padre-nosso não ha huã palavra, que se pareça com a Ave-Maria, na Ave-Maria

não ha huã palavra, que se pareça com o Padre-nosso: logo como pôde ser, que o Padre-nosso, & a Ave-Maria sejaõ a mesma Oraçãõ, & o Rosario nestas duas Orações tambem hum só, & o mesmo? Respondo que sim. Não *ex vi verborum*, ou por força das palavras, como já disse; mas por força, & por razãõ do que nellas se pede. O orar propriamente he pedir. E quando o que se pede he o mesmo, ainda que as palavras sejaõ diversas, a Oraçãõ he a mesma. No Padre-nosso fazemos sete petições a Deos: na Ave-Maria, se bem advertis, não pedimos à Senhora cousa alguã em particular, senão sômẽte em commum, que rogue por nós: *Ora pro nobis peccatoribus*: & como a Senhora não pôde pedir, ou querer para nós outra cousa, nem melhor, nem mais necessaria, nem mais conveniente, nem mais util, senão o mesmo que Christo nos ensinou que pedissemos a Deos; o que só vimos a pedir na Ave Maria, he, que a Mãe do mesmo Deos interceda com seu Filho, para que nos

nos conceda o mesmo, que nós lhe pedimos. Logo o mesmo, q se pede no Padre-nosso, he tambem o que se pede na Ave-Maria, cõ que huã, & outra Oraçaõ, vem a ser a mesma. E nem a intercessaõ, que se acrescenta na Ave-Maria, nem as diversas palavras, de que ella consta, bastaõ, para que a Oraçaõ seja differente; porque quando quem pede, & quem intercede, procuraõ, & sollicitaõ a mesma cousa, posto que o façaõ por differentes termos, sempre a petiçaõ he a mesma.

143 Naõ pôde haver melhor prova, nem exemplo mais proprio desta verdade; que o successo do Centuriaõ. Como o Centuriaõ fosse Gê-tio, & Romano, & naõ Hebréo, como Christo; para alcançar d'elle a saude do moço, que alguns querem fosse seu filho, tomou por intercessores os Sacerdotes da Cidade, em que vivia, & outros seus amigos tambẽ Hebréos, confiando que pelo parentesco nacional, que tinhaõ cõ o Senhor, o obrigariaõ mais facilmente a lhe conceder o que tanto dezejava. Esta he

a mesma razaõ, porque na Ave-Maria, para que a Senhora interceda efficaç, & poderosamente por nós diante de Deos, o fundamos tambem no parêtesco tam estreito, que tem com elle, dizendo: Santa Maria, Mãe de Deos, roga por nós. Mas ouçamos as palavras, com que o Centuriaõ orou a Christo, & com que os intercessõres fizeraõ a mesma petiçaõ. O Centuriaõ disse: *Domine, non sum dignus, ut intres sub tectum meum: sed tantum dic verbo, & sanabitur puer meus:* Matth. 8.8. Senhor, eu naõ sou digno, de que entreis em minha casa; mas basta, que deste mesmo lugar com huã sõ palavra vossa deis saude ao meu enfermo. E os intercessõres q differaõ? *At illi cum venissent ad Iesum, rogabant eum sollicitè, dicentes ei: Quia dignus est, ut hoc illi prestes: & Synagogam ipse edificavit nobis.* Luc. 7.6. Rogaraõ ao Senhor cõ grande instancia concedesse ao Centuriaõ o que lhe pedia, allegando, que era muito digno daquelle favor, por quanto sendo Romano amava muí-

to a Gente Hebréa, & sendo Gentio lhe tinha edificado huã Synagoga, que era o mesmo que huã Igreja. Pôde haver palavras mais diversas em tudo, que estas dos intercessores, & aquellas do Centuriaõ? Naõ pôde. E comtudo a petiçaõ do Centuriaõ, & a dos q̄ por elle intercediaõ, era a mesma petiçaõ; porque elle para sy, & os outros para elle, todos pediaõ a mesma cousa. A petiçaõ dos filhos do Zebedéo, & a da Mãy, naõ era a mesma? A mesma era, porque assim lho disse Christo a elles: *Nescitis quid petatis.* Pois isso he o que nós fazemos sem differença, tanto no Padre-nosso, como na Ave-Maria. No Padre-nosso pedimos como filhos, dizendo: *Pater noster*: na Ave-Maria intercede a Senhora como Mãy, & porisso lhe dizemos: *Mater Dei, ora pro nobis*: mas assim nós, como a Soberana Intercessora, todos fazemos huã só Oraçaõ, & a mesma; porque nós pedimos à Senhora, que peça; & a Senhora pede a Deos o que nós pedimos. E finalmente desta Oraçaõ dividida em duas

*Matth.*  
20. 22.

partes se compoem hum só, & o mesmo Rosario, como da Hostia, & do Calix no Altar, se compoem hum só, & o mesmo Sacramento.

## VII.

144 **S**O resta para ultima propriedade da semelhança, que assim a Oraçaõ do Padre-nosso, como a Ave-Maria, esteja tambem cadahuã toda em toda, & toda em qualquer parte: o que naõ parece difficilto de persuadir, sendo huã, & outra Oraçaõ palavras divinas. Porque se as palavras da Cõsagraçaõ, por serem de Christo, tem virtude para fazer, que seu Corpo esteja todo em todo, & todo em qualquer parte; as outras palavras divinas, porque naõ teraõ igual efficacia para obrar em sy mesmas a mesma maravilha? David fallando da Oraçaõ de cada dia, qual he a do Rosario: *In quacumque die invocavero te: ecce cognovi quonia Deus meus es:* diz assim: *In Deo laudabo verbum, in Domino laudabo sermonem.* Quer dizer: que em Deos tanto louva

*Psalms.*  
55. 10.  
11.

louva a palavra, como as palavras, tanto as poucas, como as muitas, tanto as simples, como as compostas; porque essa he a differença de *Verbum* a *Sermo*. He verdade, que na Lingua Grega, em que S. João escreveu o seu Evangelho, a mesma palavra, com que disse: *In principio erat Verbum*; igualmente significa *Verbum*, & *Sermo*: & assim o interpretou o maior Theologo da Igreja Grega, S. Gregorio Nazianzeno, dizendo:

*Editus ex illo Sermo, qui temporis expertus*

*Effigiem in sese Patris exprimit undique, & illi*

*Par est natura.*

Porém os Theologos Latinos, posto que não neguem, nem possaõ negar esta propriedade, attribuem com maior distincão o *Verbum* ao Filho de Deos antes da Encarnação, & o *Sermo* ao mesmo Filho depois de Encarnado; porque *Sermo* rigorosamente diz composição, a qual não ouve senão depois da Encarnação no composto ineffavel de Christo. Supposta pois esta distincão de *Verbū* a *Sermo*; porque diz David fallando

da Oração de cada dia, que tanto louva a Deos pela palavra, como pelas palavras; tanto pelas poucas, como pelas muitas; tanto pelas simples, como pelas compostas: *In Deo laudabo verbum, in Domino laudabo sermonem*? Porque nas Orações compostas por Deos, tanto se contém nas muitas palavras, como nas poucas; tanto em todas, como em alguãs; tanto em toda a Oração, como em qualquer parte della.

145 Vedeo na Oração do Padre-nosso composta de sete petições, nas quaes todas sete se contém em cadahuã, & cadahuã contém todas sete. Seja exemplo a primeira. Na primeira petição, *Sanctificetur nomen tuum*, pedimos a Deos, como enten-

dem Santo Agustinho, S. Jeronimo, S. Chrysostomo, S. Cypriano, & todos os Padres, que seja Deos santificado em nós. E se Deos he santificado em mim, já o Reyno de Deos veio a mim: *Advē- Ibid. 10*  
*niat Regnum tuum*; porque *Regnum Dei intra vos est*: Se *Luc.*  
Deos he santificado em mim, 17. 21.  
já Eu faço a vontade de Deos

- Matth.* na terra, como no Ceo: *Qui* faço a vontade de Deos na  
 7.21. *facis voluntatem Patris mei,* terra, já o Reyno de Deos me  
*qui in calis est:* Se Deos he pertence a mim: E se a mim  
 santificado em mim, já lhe me pertence o Reyno de  
 posso pedir o paõ nosso, co- Deos, tambem Deos está san-  
 mo meu: porque he paõ dos tificado em mim: *Sanctifice- Ubi*  
*Eccles.* filhos: *Patris filiorum, non mit-* tur nomen tuum. Desorte, que <sup>supr,</sup>  
*in Miss.* tendus caribus: Se Deos he de qualquer parte que tome-  
*Sacram.* santificado em mim, Eu per- mos o Padre-nosso, & entrar-  
 doo, & Deos me perdoa: *Di-* mos nelle como em hum ar-  
*Luc.6.* *mittite, & dimittemini:* Se tificio labyrinto da idéa, &  
 37. Deos he santificado em mim, mão Divina; acharemos, que  
 a tentação não me vence a todas as sete petições se con-  
 mim, senão Eu a ella: *Sed fa-* têm em cadahuã, & cadahuã  
*1. Cor.* *ciet etiam cum tentatione pro-* em todas sete: todo em to-  
 10.13. *ventum:* Finalmente se Deos do, & todo em qualquer  
 he santificado em mim, ne- parte.  
 nhum mal me pôde aconte- 146 Dos sete Preceitos  
 cer, porque de todo estou da segunda Taboa notou, &  
 livre: *Non accedet ad te malum.* ensinou S. Paulo, q̄ todos se  
*Psalms.* E se dermos agora outra con- contém em hũ só, & hũ só em  
 90.10. ta do fim do Padre-nosso pa- todos: *Nam: Non adulterabis: Roman.*  
 ra o principio; o mesmo cor- *Non occides: Non furaberis: 13. 9.*  
 re por outro modo. Se estou *Non falsum testimonium di-*  
 livre de todo o mal, não pos- *ces: Non concupisces: & si quod*  
 so cair em tentação; Se não *est aliud mandatũ, in hoc ver-*  
 posso cair em tentação, não *bo instauratur: Diliges prox-*  
 posso deixar de perdoar, & *imum tuum sicut te ipsam.* E a  
 ser perdoado: Se perdoar, & razão he, porque a mesma  
 sou perdoado, não se me pô- Ley, que manda em sete pre-  
 de negar o Paõ do Ceo: Se ceitos não matar, não adul-  
 converter em sustancia o Paõ terar, não roubar, & c. manda  
 do Ceo, assim como a vanta- tambem em hum só precei-  
 dede Deos se faz no Ceo; to, que cadahum ame a seu  
 assim a faço Eu na terra: Se proximo, como a sy mesmo.

E quem guardar este sô preceito, não pôde deixar de guardar todos sete; porque elle se inclue em todos, & todos nelle: & porisso não he oitavo preceito, senão os mesmos sete encerrados em hum sô. Do mesmo modo as sete petições do Padre-nosso. Todas pede, quem pede huã, fea pede com verdadeiro affecto: & quem assim pede, & alcança huã, pede, & alcança todas; porque de tal sorte se inclue cada huã em todas, & todas em cada huã, que não pôde estar a Oraçãõ toda em toda, sem que igualmente esteja em qualquer parte.

147 A mesma maravilha encerra tambem em sy a Ave-Maria. E porque a Virgem Senhora nossa tomou por sua conta provar este pōto, saõ as provas tam milagrosas como suas. Quam milagrosa seja a virtude de toda a Ave-Maria, ou da Ave-Maria toda, não tem necessidade de repetiçãõ, pois todos sabem as muitas, & grandiosas mercês, que a Soberana Rainha dos Anjos tem feito, ainda áquelles devotos seus tam escasos, que huã sô

Ave-Maria lhe rezavaõ todos os dias. Mas que essa virtude da Ave-Maria toda, esteja toda em qualquer parte da mesma Ave-Maria; porque parece cousa mais difficullosa, porisso he a que está mais provada. Havia em Hungria ( diz S. Pedro Celestino) huã Donzella muito devota da Virgem Senhora nossa; mas tam rude, & de tam fraca memoria, que nunca pode aprender mais que as primeiras tres cláfulas da Ave-Maria: Ave Maria, cheia de Graça, o Senhor he contigo. Isto sô repetia muitas vezes; porẽm com tal espirito de devaçãõ, & com tamanha luz do Ceo, que as palavras se lhe convertiaõ em resplandores, de que todos lhe viaõ cercado, & alumiado o rosto em qualquer lugar, onde rezava. Admirado de tam manifesto milagre o Bispo, & de zêjoso de que a Santa Donzella se adiantasse em maior perfeiçãõ, fez grandes diligencias, para que ao menos aprêdesse toda a Ave-Maria: & assim se conseguiu com grande trabalho. Mas qual foi o successo? Caso

*Nota*

prodigioso! Tanto que rezou toda a Ave-Maria, nunca mais lhe resplandecéo o rosto. Pois se aquella só parte da Ave-Maria era causa de tam milagrosos resplandores, a Ave-Maria toda porque não causava, ou maiores, ou ao menos os mesmos effeitos? Porventura na mesma Ave-Maria tem maior virtude a parte que o todo? Não. Antes quiz mostrar Deos, que se he grande virtude a que tem no todo, não he menor a que tem em qualquer parte. O Bispo imaginou, que se aquella devota rezasse toda a Ave-Maria, receberia maiores favores do Céo, do que rezando huã parte sômente: & este pensamento quiz emendar Deos, & sua Santissima Mãe, fazendo cessar o milagre: para que entendesse elle, & todos, que na Ave-Maria, como no Divino Sacramento, não só está o todo em todo, senão todo em qualquer parte: *Tantum esse sub fragmento, quantum toto regitur.* Assim o mostrou o effeito. Porque tornando a mandar o Bispo que rezasse a devota, como dantes rezava, tornou

a resplandecer, como dantes resplandescia.

148 Não parou aqui a Senhora na prova, & confirmação desta maravilhosa verdade: & quiz, que soubesemos com a mesma evidencia, que não ha parte alguã na Ave-Maria, ou grande, ou pequena, ou menor, ou minima, em que a Ave-Maria não esteja toda. Mas como faremos nós esta demonstração? Vamos partindo a mesma Ave-Maria sempre em partes menores, & comecemos pelo meyo, ou ametade della. O Veneravel Thomás de Kempis accommettido fortemete pelo Demonio, que o queria afogar, valéose da Ave-Maria, dizendo: Ave Maria, cheia de Graça: o Senhor he contigo: Benta es tu entre as mulheres, & bento he o fruto do teu ventre. Mas o Demonio era tam rebelde, que não só resistio à primeira, & segunda clausula, senão tambem às duas seguintes. Sò faltava da ultima o nome de Jesu: & quando Thomás chegou ao pronunciar, aqui perdéo de todo as forças o inimigo, & fugindo desaparecéo. Isto obrou

*Nota*  
 obrou meya Ave-Maria. Vamos à outra parte menor. Santa Benevenúta rogava sempre à Virgem Maria, de quem era devotíssima, lhe quizeffe mostrar seu Bemditto Filho, não depois deste defferro, como todos pedimos, mas emquanto gemia, & suspirava nelle. Hum dia depois, em q̄ mais crescéraõ estes affectos, veio pedir hum Minino à Santa, que lhe ensinasse a rezar a Ave-Maria. Era elle de estranha belleza; & como fossẽm rezando ambos: Ave Maria, cheia de Graça: o Senhor he contigo: Benta es tu entre as molheres: quando chegáraõ áquellas palavras: Bento he o fruto do teu ventre: Eu sou esse, disse o Minino: & abraçando a Santa, a deixou cheia de tanta consolação, & saudades, quaes merecia tal visita. Mas ainda esta parte da Ave-Maria foi grande. Partamos mais. Santa Getrudes estando muito enferma não podia rezar o Rosario, & sô pronúciava as primeiras palavras da Ave-Maria: Ave Maria, cheia de Graça: o Senhor he contigo. O demais supria com lagri-

mas. As quaes porẽm enxugou, & pagou mui bem aos mesmos olhos o soberano objecto dellas. Aparecéolhe a Rainha dos Anjos com toda a Magestade, que tem no Ceo, vestida de gloria, & a bordadura das roupas toda era recamada daquellas mesmas palavras, que sô podia rezar, para que Getrudes as lesse mais ricamente gravadas, que nas Estrellas: & para que entendesse, que na estimação da Mãe de Deos não tinha menos valor aquella pequena parte da Ave-Maria, que toda. E esta parte tam pequena poderseha ainda partir? Ainda. Entrou na Ordem de Cister hum velho, o qual tinha estudado tam pouco em sua vida, que não sabia o Padre-nosso, nem a Ave-Maria. Ensináraõno na Religiaõ; mas em todo o anno de noviciado sômente chegou a saber dizer, Ave Maria, cheia de graça; sem poder já mais passar adiante. Estes eraõ os seus Psalmos, quando os Monges estavão no Coro; & quando não estavão, tambem: porque tendo tam pouca memoria para aprender,

*Nota**Nota*

prender, era tanta a memoria, que tinha da Virgem Santíssima, que em todo o tempo, & lugar, se não esquecia de a laudar, & louvar, com o que sabia, & podia, que não era pouco, pois era tudo. Morreo em fim o bõ velho, & para eterna memoria de quem accita tinha sido à Senhora aquella pequena parte da Ave-Maria, nascéo da sua sepultura huã arvore, em cujas folhas estava escrito com letras de ouro, Ave Maria, cheia de graça. Já aqui parece que poderamos parar, mas como aquellas folhas se podiaõ partir, partamolas nós tambem, & cheguemos atè a ultima, & minima parte da Ave-Maria, q̄ he Ave Maria sòmente. Havia huã devota molher, devota, mas illusa, como muitas vezes acontece. Transfiguravase o Demonio em Anjo de luz, apparecialhe em diferentes visões, & revelavalhe Mystérios altísimos, com que ella tanto se tinha por mais Santa, quanto elle a levava mais perdida. Pediolhe huã vez, tendoo por verdadeiro Anjo, q̄ lhe quizesse mostrar huã Imagem da Vir-

gem Senhora nossa, que a re-presentasse ao vivo, porque nenhuã das que via, satisfaziaõ ao conceito, que tinha de sua estremada fermosura. Fello assim o Demonio como tam grande pintor. E que succedéo? Vendo a simples molher a Imagem, que era fermosíssima, postrase de juelhos diante della, começa a laudar a Senhora com a Ave-Maria; & tanto que pronunciou estas duas palavras sòmente, no mesmo ponto a Imagem se desfez em fumo, o Anjo se convertéo em hu Demonio feíssimo, as visões, & revelações mostraraõ que eraõ engano, & a molher sobre tudo se conheceo a sy mesma, & deu as graças à Mãe de misericordia. Tanto pode sò aquella parte minima de huã Ave-Maria.

149 Assim que não ha parte, ou maior, ou menor da Ave-Maria, em que para favor dos que a rézaõ, não esteja toda. Donde Eu venho a inferir, que assim como Christo partindose deste mundo, nos deixou seu Corpo no Sacramento; assim a Senhora subindo ao Ceo se deixou  
como

como Sacramētada comnoſco na Ave-Maria: & poriſſo toda a ſua aſſiſtencia em toda, & toda em qualquer parte. Sentença he muy cōmum dos Theologos, que no Santiſſimo Sacramento do Altar ſe adoraõ reliquias da Virgẽ Maria. E que eſtas ſaõ aquellas meſmas partes de Carne, & Sangue, q̃ o Filho de Deos encarnado recebéo de ſuas puriſſimas entranhas, & as conſervou ſempre em honra, & reverencia ſua. E aſſim como aquellas reliquias eſtaõ todas em todo, & todas em qualquer parte do Sacramento; aſſim eſtas (que o ſaõ do ſeu amor) eſtaõ todas em todã a Ave-Maria, & todas em qualquer parte della, com o meſmo privilegio indiviſivel, que he proprio das reliquias, cujas Almas eſtaõ no Ceo. Penſamēto notavel foi o do Rico Avarento, em pedir que Lazaro o ſoccorreſſe ſõ com hum dedo, ou com a

Luc. 16. 24. *parte extrema delle: Ut in-  
tingat extremum digiti ſui in  
aquam.* Muitos dizem, que atẽ niſto ſe mostrou avarento: mas naõ foi avareza, ſe naõ veneraçãõ, & reſpeito, &

hum reconhecimento certo do privilegio que Lazaro ja gozava como Santo. Os Santos depois da morte tãta virtude tem em ſeus corpos todos, & inteiros, como em qualquer parte delles: & como o Avarento vio a Lazaro no ſeio de Abraham entre os Santos, entendéo, que tanto o podia ſoccorrer todo Lazaro, como qualquer parte delle, & poriſſo pedio ſõ a parte minima de hum dedo. He o que diſſe em ſemelhante caſo Theodoreto, dando a razaõ porque muitas Cidades repartiraõ entre ſy o Corpo de hum Märtyr, & o tomaraõ por Padroeiro: entendendo (como na verdade era) que tanta virtude tinha o Santo em qualquer parte, ou reliquia do ſeu Corpo, por minima que foſſe, como em todo:

*Quia tenues, ac tantilla reli-* Theodo-  
*quia toti, nullasque in partes* ret. lib.  
*diſſecto parem habent virtutẽ.* 8. de  
E ſe eſta prerogativa tam ma- Marty-  
ribus.

ravilhosa ſe exprimenta nas reliquias dos Santos, quanto mais nas da Santa dos Santos?

150 Nem obſta, que as reliquias, que a Senhora tem no Sacramento, ſejaõ da meſ-

ma Carne, & Sâgue de Christo, & as que nos deixou na Ave-Maria, sejaõ sômête palavras; porque tambem as do Padre-nosso são palavras, & o mesmo Christo fallando dellas as equipâra não menos que a sua Carne, & Sangue no Sacramento. Assim como

Ioan.

6. 57.

Ioan.

15. 7.

Sangue: *In me manet, & Ego in illo*: assim diz das suas palavras: *Si manseritis in me, & verba mea in vobis manserint.*

E que palavras são estas? São as palavras do Padre-nosso, diz São Agustinho, & o prova das que logo se seguem, cõ que o mesmo Senhor cõcluiu

August.

in Ioan.

ibi.

a sua sentença: *Si manseritis in me, & verba mea in vobis manserint, quodcumque volueritis, petetis, & fiet vobis.* Se vós estiverdes em mim, & as minhas palavras, que vos ensinei na Oração do Padre-nosso, estiverem em vós, tudo quãto quizerdes, & pedirdes por ellas, vos será concedido. *Ad verba ejus pertinet oratio, quam nos docuit* (diz o São) *ab hujus verbis, & sensibus non recedamus in petitionibus nostris, & quidquid petimus, fiet nobis.* E se as palavras do

Padre-nosso, & Ave-Maria (que são as partes de que se compoem o Rosario Vocal) são tam parecidas à Carne, & Sangue de Christo no Sacramento, & às reliquias da mesma Carne, & Sangue, que a Senhora tem no mesmo Sacramento, que muito he, que na prerogativa de estarem todas em todas, & todas em qualquer parte, se pareça tambem o Sacramento do Rosario com o Sacramento do Altar?

## VIII.

151

**A**Têqui as semelhãças. Para declarar as ventagões, seria necessario outro mais largo Discurso. Mas pois não temos lugar de discorrer nellas, como convinha; corramos por ellas. Suppondo pois (como todos devem entender) que as ventagões sã podem ser em respeito de nós, & das nossas cõveniências: primeiramênte Christo no Sacramento, *Mors est malis, vita bonis*, he morte para os máos, & vida para os bons: porêem no Rosario, para os bons, para os máos, para

todos he vida. Os bons pela devação do Rosario se fazẽ Santos, & os máos, por grandes peccadores que sejaõ, rezando, & meditando o Rosario, se convertem, & se emendaõ, & ficaõ justos. Digaõno os ladroẽs, os homicidas, os adulteros, os blasfemos, os sacrilegos, & atẽ os Hereses sem numero reduzidos à Fé, & reconciliados á Graça por meyo do Rosario. Notavel differença he a com que Christo nesta vida aceitava a mesa dos homẽs, & agora no Sacramento nos admite à sua. Perguntaráõ huã vez os Escribas, & Fariseos aos Discipulos de Christo, porque razão seu Mestre, professando tanta santidade, comia com publicanos, & peccadores? E respondéo o Senhor aquella divina, & discretissima sentença: *Non est opus valentibus Medicus, sed malè habentibus*: dizellhe, que os enfermos saõ os que haõ mister o Medico, & naõ os saõs. O Sacramento tambem se chama *Pharmacum immortalitatis*, medicamento da immortalidade; mas he medicamento, que se immortaliza

os saõs, mata os enfermos. Pois se Christo antes de Sacramento os farava, com agora no Sacramento, & com o mesmo Sacramento os mata? A razão desta differença, & da que tem o Sacramento com o Rosario, deu S. Paulo naquellas palavras: *Judicium sibi manducat, & bibit*. No Sacramento está Christo como ha de vir, no Rosario está como veio: no Sacramento está como Juiz, no Rosario está como Medico. Porisso no Sacramento como Juiz dá vida aos bons, & morte aos máos, & no Rosario como Medico livra da morte aos máos, & conserva a vida aos bons. Este foi o altissimo conselho, eõ que todos os Mysterios, de que a Virgẽ Senhora nossa compoz o seu Rosario, forã da primeira vinda de seu Filho, & nenhum da seguda. Os Mysterios do Rosario sã comprehendem, o que Christo obrou, desde que sahio do Ceo, & do seio do Padre, atẽ que se assentou à sua dextra. E que faz o mesmo Senhor à dextra do Padre, donde ha de vir a julgar, emquanto não vem à *Purgationem peccatorum*.

I. Cor.  
II. 29.

Hebr. I.

rum

*rum faciens, sedet ad dexteram maiestatis in excelsis:* diz S. Paulo. Tudo o q̄ faz Christo à dextra do Padre applicando a efficacia de seus merrecimentos, & Mysterios (que saõ os que se contém neste extracto de Rosas) he purgar como Protomedico Divino a todos os peccadores, & purificalos de seus vicios, por mais enormes que sejaõ. Ah Judas, que se depois de haver vendido a teu Mestre te lançáras aos pés da sua Cruz, dizendo: *Dimitte nobis:* como he certo, que o benignissimo Redemptor, o qual pelos meismos, que o pregáraõ nella, disse: *Pater, dimitte illis:* te perdoaria tambem a ti? E se não tendo rosto para apparecer em sua presença, recoréras à de sua Mãy, dizendo: *Ora pro nobis peccatoribus:* igualmente não ha duvida, q̄ alcançarias perdaõ, & te restituirias à sua Graça. E se isto obrariaõ huã sò clausula do Padre-nosso, & outra da Ave Maria, no maior peccador, q̄ fará em todos os outros o Rosario Inteiro?

152 A esta ventagem de conveniencias ( que já lhe

não chamo sò noffas ) se acrescenta a segunda, não menos certa. E qual he? Que muito mais damos a Christo no Rosario, do que elle nos pedio no Sacramento. Quando Christo se despedio de nós, & nos deixou no Sacramento a sy mesmo, o que sòmente nos pedio, foi a memoria: *Hac quotiescumque feceritis, in mei memoriam facietis.* Grande cousa deve de ser a memoria do homem, pois empenhádo se todo Deus na dadiva, sò nos pedio a memoria por desempenho. Ditas pedio a Christo a memoria, & deulhe o Paraíso: Christo pedionos a nós a memoria, & damoslhe o Rosario: mas he muito maior memoria a que lhe damos, que a que nos pedio. E senão, saibamos que memoria foi a que Christo nos pedio, & dezejou de nós no Sacramento? S. Paulo o disse expressamente: *Hoc facite in meam commemorationem. Quotiescumque enim manducabitis panem hunc, & calicem bibetis: mortem Domini annuntiabitis.* Deforte, que a memoria, que Christo dezejou de nós no Sacramento,

Luc. 23.  
34.

Eccles.  
in Canon.  
Miss.

1. Cor.  
II. 25.  
26.

to, foi só a memoria de sua morte. E a memoria, q' lhe damos no Rosario, qual he? He a memoria da morte, & mais da vida, & não só memoria da morte, & da vida, senão da Vida, da Morte, & da Resurreiçãõ, & Gloria do mesmo Christo. Logo muito maior memoria he a que damos a Christo no Rosario, do que elle nos pedio no Sacramento. No Sacramento pedionos a memoria de hum só Mysterio, no Rosario damos-lhe a de todos. Tanto vay de memoria a memoria: mas ainda não está pöderada. Posto que a Morte de Christo fosse mysterio de hum só dia, era merecedora de que nos lembrassemos d'elle, não só todos os dias, senão todas as horas. E he cousa digna de grande admiração, que nos não pedisse o Senhor esta memoria de sua morte para todos os dias, senão para aquelles somente em que commungassemos. *Hæc quotiescumque feceritis, in mei memoriam facietis:* disse o mesmo Christo. E S. Paulo: *Quotiescumque manducabitis panem hunc, & calicem bibetis: mortem Do-*

*mini annuntiabitis.* Pois se Christo tanto dezejava a nossa memoria, porque a limitou somente aos dias, em que commungassemos? Seria porque suppoz que haviamos de commungar todos os dias, como faziaõ os Christãos da Primitiva Igreja? Assim parece. Mas depois que a ingratiçãõ, & esquecimento dos homens foi tal, q' chegou a mesma Igreja a lhe pôr preceito de commungar huã vez no anno; como ficaria o Sacramento, se o não soccorresse o Rosario? Bem parece soccorro de sua Mãe. No Rosario tem Christo a satisfacção da memoria, com que dezejou ser lembrado, & no Rosario o reparo do esquecimento, com que fiandose de nós, se expoz a ser esquecido. E desta maneira não só igualou a memoria do Rosario, mas excedéo o memorial do mesmo Christo: pois sendo o Sacramento memorial seu de hum só dia, & hum só Mysterio; o Rosario he memoria de todos os seus Mysterios, & de todos os seus dias. Deixo, porque imos correndo, a ventagem de o Sacramento

K mento

mento nos pedir sô a memoria, & o Rosario lhe dar a memoria, & mais o entendimento: a memoria na apprehensão dos Mystérios, & o entendimento na meditação delles.

153 Daqui porêm se segue outra grande ventagem, ou maravilha, & he, que estando Christo no Sacramento encuberto, & invisível, tivesse poder, & arte o Rosario para romper aquellas paredes dos accidêtes, & o descobrir, & fazer visível. Assim o via a Esposa, posto que detrás das mesmas paredes, quando disse: *En ipse stat post parietem nostrum respiciens per fenestras*. Christo no Sacramento venos a nós, ainda que nós o não vejamos a elle: mas de q̄ modo nos vé? Segundo a mais filosofica Theologia, não nos vé com os olhos do Corpo, porq̄ o Corpo Sacratissimo está alli por modo espirital, & indivisível, em que as acções, que requerem extensão, não podem ter exercicio. Mas a Divindade, & a Alma do mesmo Senhor, tem naquellas mesmas paredes, abertas tres janellas, pelas

quaes nos vem muito melhor que com os olhos. Huã he a sciencia divina, com que tudo he presente, & manifesto a Deos: outra he a sciencia beatifica, com que Christo emquanto Homem, vendo a Deos, vé nelle tudo: a terceira he a sciencia infusa, que pelas proprias especies sem dependencia de outras vé também quanto quer ver. E estas são as janellas, pelas quaes diz a Esposa, que estando detrás da parede a via o Divino, & Humano Espoço: *En ipse stat post parietem nostrum respiciens per fenestras*. Desta maneira nos vé Christo no Sacramento, sem ser visto de nós, ou nós o vemos com os olhos do corpo: os quaes, ainda que fosse de lince, não podião penetrar aquellas paredes. Mas o poder, & arte do Rosario he tal, que nas mesmas paredes abriu, não tres, senão tres vezes cinco janellas, pelas quaes, por mais que Christo no Sacramento esteja invisível, o vemos: & estas são, diz S. Bernardo, a Oração Mental, & Vocal, com q̄ meditando oramos, & orando o louvamos: *Quod si pro*

Cant. 2.  
2.

D. Bern.  
nard.  
do  
con-

*consideratione divina dignationis, libet animum laxare in vocem laudis, & gratiarum actionem: puto me amplissimum stanti post parietem Sponso januam aperire.* Por este modo pois as meditações, & orações do Rosario, segundo o numero dos seus Mysterios, abrem nas paredes do Sacramento outras tantas janellas, pelas quaes vemos a Christo, & o louvamos, não só emquanto morto, senão emquanto vivo, morto, & immortal, & em todas as idades, & estados da mesma vida, morte, & immortalidade, em que os olhos da Virgẽ Maria o não viraõ, nẽ os do mesmo Christo o puderaõ, ou se puderaõ ver juntamente, & no mesmo tempo. Pelos Mysterios Gozozos vemos a Christo encarnado, peregrino, nascido, apresentado, perdido, & achado no Templo. Pelos Mysterios Dolorozos vemolo suando fangue, cuberto de açoutes, coroado de espinhos, com a Cruz aos hombros, & pregado nella. Pelos Mysterios Gloriosos, vemolo resuscitado, subindo ao Ceo, mandãdo o Espirito Santo, acompa-

nhando o triumpho de sua Mãy, & pondolhe a Coroa. E tudo isto, que a mesma Senhora, & o mesmo Christo obráraõ em tantos annos, & não puderaõ ver em menos tempo; vemos nós no breve espaço, em que se reza o Rosario, com os olhos das suas meditações, & com as vozes das suas orações o agradecemos, & louvamos. E se Christo como amante tam ansioso, não sò nos dezeja ver, senão tambem ser visto de nós (como não podia deixar de ser visto de quem dizia: *En ipse stat post parietem nostrũ:*) esta satisfação do seu dezejo, que impediaõ as paredes do Sacramento, lhe deu tambem nelle o Rosario, rompendo, & penetrando as mesmas paredes.

154 Finalmẽte o Sacramento he o Mysterio da Fé, & o Rosario he a fé, a confissão, & o louvor de todos os Mysterios, que ella professa, & ensina. No Sacramento, posto que se parta a Hostia, sempre está Christo como paõ inteiro: no Rosario está como paõ partido: & porisso ainda que no Sacramento se

coma, no Rosario se gossa, & se digere. O Sacramento chama-se Eucharistia, q̄ quer dizer acção de graças; mas estas graças no mesmo Sacramento estão mudas, & em silencio; no Rosario não só as ouvem, Deos, & os Anjos, senão também os homens, porq̄ se cantão, & publicão a vozes. O Sacramento, como diz Jeremias, he escudo do coração, *Scutum cordis*; mas escudo que não podemos trazer conosco: o Rosario trazemolo nas mãos, no peito, no cinto, & basta que o tragamos conosco materialmente, para que nos defenda dos Demonios, das feras, das balas, dos rayos, como muitas vezes se tem visto. O Sacramento não se pôde commungar senão nos lugares sagrados, onde se cõsagra: o Rosario pôde-se tomar na boca, & meditar no coração, na Igreja, & fóra della, na casa, & no campo, no mar, & na terra, & em todo o lugar, por menos santo, & profano que seja. O Sacramento tem horas determinadas, & certas, em que só o podem receber os Fieis: o Ro-

*Thren.*  
3. 65.

sario pôde-se rezar, & meditar pela manhã, & à tarde, antes, & depois de comer, de dia, & de noite: & não ha interdito, ou cessatio á divinis, que prohiba seu exercicio, & nos prive delle. O Sacramento só se pôde commungar huã vez em huã dia: o Rosario pôde-se multiplicar, repetir, & rezar tantas vezes cada dia, como se verá neste exemplo, cõ que quero acabar.

155 Visitando os Hospitais de Anvers hum Religioso de nossa Companhia, por nome Hermano Spruit, achou entre os incuraveis hu Soldado ve ho, & ethico, ao qual depois de o ouvir de Confissão, ou lhe deu em penitencia, ou lhe aconselhou, que rezasse o Rosario. Ouvindo o nome de Rosario, não o entendéo o Soldado, porq̄ era daquelles, que tirados do arado para as armas, sempre são rusticos Instruido porém do que continha esta devação da Virgem Maria, se lhe affeçoou com tal estremo, que disse ao Confessor, que se desse minio tivera aquella noticia, nenhum dia de sua larga vida havia de ter passad<sup>o</sup>.

*Volta*

do, em que não rezasse o Rosário. E que fez? Como aquellas, a quem se lhe poem o Sol, antes de acabar a jornada, a pressão, & multiplicação os passos; assim elle se resolveo a rezar quãtos mais Rosários lhe fosse possível, emquanto lhe durasse a vida. Mas não parou aqui: antes a esta boa resolução acrescentou outra maior, a companhia de huã nova esperança, que como desconfiado dos remedios humanos, ninguem podia ter delle. Esperou, que se a Virgem Senhora nossa naquella sua debilidade lhe conservasse os alêtos necessarios, em espaço de dous annos, podia rezar tantos Rosários, q̃ igualassem todos os dias de sua vida, em que os dezejava ter rezado, & não soubera. Com este noravel pensamento perguntou a hum Arithmetico, quantos dias faziaõ sessenta annos, que eraõ os q̃ tinha de idade? E sendo lhe respõdido, que Vinte & hum mil & nove centos dias: perguntou mais, quantos Rosários havia de rezar cada dia para igualar este numero em espaço de dous annos? Res-

pondéo o Arithmetico com a mesma certeza, que pontualmête se repartião em trinta Rosários cada dia. Que mâcebo ha tam forte, & tam robusto, que não desmaiasse ouvindo taes numeros? Mas o velho, & sobre velho incuravelmente enfermo, arrimado da poderosa mão, a quem servia, sem largar das suas o Rosário, rezando de dia, & de noite, nenhum dia ouve, em que faltasse, nem às contas de cada Rosário, nem à conta de todos trinta. Chegou em fim (caso verdadeiramête admiravel, & de grande consolação para todos os devotos) chegou em fim o fim dos dous annos, & chegáraõ tam-bem os Rosários ao numero de Vinte & hũ mil & nove centos: & tanto que se ajustou a conta dos Rosários: cõ a conta dos dias, que acontecéo? Sem rezar mais huã Ave Maria, nem viver mais hũ momento; no mesmo dia acabou os seus dias o venturoso Soldado, & no mesmo dia foi receber o premio dos seus milhares de Rosários nas Eternidades da Gloria, onde mil annos são hum dia.

156 Assim alcançou da Mãe de Deos os dous prazos, que esperou de sua benignidade : assim lhe davaõ forças para rezar os mesmos Rosarios, q̄ rezava: & assim soube recuperar o que tinha perdido, & viver, o que não tinha vivido em toda a vida. E quem haverá à vista deste exemplo, que por occupação, ou por descuido, ou por total esquecimento de Deos, & de sy, não reze o Rosario huã vez cada dia, ou quando menos huã parte d'elle? Não permita Deos tal frieza de Fé, & de piedade, em Alma alguã Christãã, que não poderá ser senão precita. Ninguem haja pois, que não frequente este terceiro Sacramento do Rosario em todos os dias de sua vida, para que se não arrependa de o não ter

rezado na hora da morte. E nós acabando este largo Discurso, por onde o começamos, louvemos, & chamemos Bemaventurada à Virgẽ Maria por todos os tres Sacramentos, em que o dividimos. Bemaventurada no Sacramento do Evangelho, pois trouxe encerrado em suas entranhas o Verbo Eterno: Bemaventurada no Sacramento do Altar, pois lhe deu a Carne, & Sangue, materia de que he composto: & Bemaventurada no Sacramento do Rosario, pois o instituiu com tal fórma, que elle he a reformação do Mundo. Levãtando pois a voz, com a que excitou o Espirito Santo entre as Turbas ; digamos huã, duas, & tres vezes: *Beatus Venter, Beatus Venter, Beatus Venter, qui te portavit.*

FINIS.

SER-



# S E R M A M

## X X.

*Iacob autem genuit Iudam, & fratres ejus. Matth. i.*

I.

157



**Q**UEM negará, que são os homẽs filhos de Adam? Quem negará, q̃ são filhos daquelle primeiro soberbo, o qual não reconhecẽdo o que era, & querendo ser o que não podia, por huã presunção vaã se perdẽo a sy, & a elles? Fellos Deos a todos de huã mesma massa, para que viessem unidos, & elles se desunem: fellos iguaes, & elles se desigualão: fellos irmaõs, & elles se desprezaõ do parentesco: & para maior exaggeraçãõ deste esquecimento da propria natureza, baste o

exemplo, que temos presente. O Domingo passado, fallando na linguagem da terra, celebráraõ os Brancos a sua Festa do Rosario, & hoje, em dia, & acto apartado, festejaõ a sua os Pretos, & s̃o os Pretos. Atẽ nas cousas sagradas, & que pertencem ao culto do mesmo Deos, que fez a todos iguaes, primeiro buscaõ os homẽs a distincão, que a piedade.

158 *Iacob autem genuit Matth. Iudam, & fratres ejus: Jacob, I. 2.* diz o nosso Thema, gerou a Judas, & a seus irmaõs: & que irmaõs eraõ estes? Huns eraõ filhos de Lia, & de Rachel, outros eraõ filhos de Bala, escrava de Rachel, & de Resfa,

K 4

es-

escrava de Lia. Pois se entre as mãys havia huã differença tam grande, & tam notavel na estimação dos homês, quanto vai de Senhoras a Escravas; como não distingue o Evangelista os filhos, & a todos sem distincão, nem differença, chama igualmente irmãos: *Et fratres ejus?* Oihai para o Livro, donde se tirou este Texto: *Liber generationis Jesu Christi*: Livro da geração de Jesu Christo. O fim porque Jesu Christo veyo ao mundo, foi para reformar os erros de Adam, & seus filhos, & para os restituir à igualdade, em que os tinha criado, desfazendo totalmente, & reduzindo à primeva, & natural uniaõ, as distincões, & differenças, que a sua soberba entre elles tinha introduzido. Tanto he de Fé esta razãõ, como o mesmo Texto. Ouvei a S. Paulo: *Expoliantes vos veterem hominem cum actibus suis, & induentes novũ, qui renovatur secundum imaginem ejus, qui creavit illum. Ubi non est Barbarus, & Scythia, servus, & liber.* Despi vos (diz o Apostolo) do homem velho, que he Adam, com to-

dos seus abusos, & vestivos do novo, que he Christo, o qual veyo renovar, & reformar em todos os homês a imagem, a que Deos os tinha criado, na qual não ha Barbaro, ou Scythia, escravo, ou livre, mas todos sãõ iguaes. Faz menção entre os Barbaros nomeadamente dos Scythas, porque a Scythia era a Angóla dos Gregos, com quem fallava. E porquẽ na Ley de Christo, onde ha hum sò Deos, huã sò Fé, & hum sò Bautifmo, como diz o mesmo S. Paulo, tambem não ha, nem deve haver distincão de Escravo a Senhor, nem de cativo a livre: porisso o Evangelista aos filhos de Lia, & Rachel, que erãõ as Senhoras, & aos de Bala, & Resfa, que erãõ as Escravas, a todos sem differença de condiçãõ, ou nascimento, igual, & indistintamẽte chama irmãos: *Judam, & fratres ejus.*

159 Isto he o que diz, & ensina o Evangelho; mas o que vemos na nossa Republica, não em alguns, senãõ em todos, he tudo o contrario. Consta esta grande Republica de tres sortes, ou tres cores

cores de Gentes : Brancos, Pretos, Pardos. E posto que todos se prezaõ, & professaõ servir a Virgem Maria, Senhora nossa, & se podéraõ reduzir a huã sô Irmandade, como na casa de Jacob, da qual he descendente a mesma Senhora; seguindo porém todos mais a differença das cores, que a unidade da profissão, não sô os não vemos unidos em huã Irmandade, ou divididos em duas, mas totalmente separados em tres. Os em que acho menos razãõ, são os Pardos, porque não sô separaráõ a Irmandade, mas mudaráõ o appellido. Os Brancos, & os Pretos, sendo cores extremas, conserváraõ o nome do Rosário, & os Pardos, sendo cor meya entre as duas, por mais se estremarem de ambas, deixado o do Rosário, tomáraõ o de Guadalupe. Por certo, que foraõ mal aconselhados; porque a Senhora do Rosário igualmente abraça todas estas tres cores: *Qua est ista, que progreditur quasi Aurora confurgens, pulchra ut Luna, electa ut sol?* Comparase a Senhora à Aurora, à Lua, &

ao Sol: porque Pois igualmente como Mãe, & como a filhos, & irmãos, abraça com seu amor os Brancos, os Pretos, & os Pardos, & allumia com sua luz todas estas differenças de cores: como Sol aos Brancos, que são o dia; como Lua aos Pretos, que são a noite; & como Aurora aos Pardos, que são os crepusculos.

160 Bẽ podéraõ os Pardos aggregar se aos Pretos, pela parte materna, segundo o Texto geral: *Partus sequitur ventrẽ*: mas Eu não quero senaõ, que se aggregassem aos Brancos; porque entre duas partes iguaes, o nome, & a preferencia deve ser da mais nobre. Nas mesmas duas cores temos a prova. Fcz Deos o dia, & a noite cõ tal igualdade, que segundo diversos tempos do anno, nẽ em hum minuto de tempo excede o dia à noite, ou a noite ao dia. E a este espaffo de vinte & quatro horas, que se compoem de dia, & de noite, como lhe chamou Deos de seu nascimẽto? Chamou lhe dia: *Factum est vespere, & mane dies unus*. Pois se no  
 mesmo

D Basil.  
in Exa-  
mer.

mesmo espaço de tempo composto de duas ameta-des iguaes, tanta parte tem a noite, como o dia; porque se chama dia, & não se chama noite? Excellentemente S Ba-filio Magno: *Facta est vespere, factum est mane, quibus diem, noctemque significat: non tamen diem, & noctem-hac nuncupavit, sed præstabiliori totam tribuit appellationem.* Ainda que no círculo, que faz o Sol, do Oriente ao Occaso, & do Occaso ao Oriente, tanta parte tenha a noite, como o dia, & o dia seja claro, & a noite escura; comtudo áquelle espaço, que se compoem destas duas partes iguaes, chamalhe Deos dia, & não lhe chama noite; porque o nome, & a preferencia sempre deve seguir a parte mais nobre: *Præstabiliori totam tribuit appellationem.* Por esta regra, q não he me-nos que divina, ainda que a cor parda se cõponha igual-mête da preta, & da brãca, se devia aggregar, como digo, à branca, & não à preta. Mas pois os Pardos se quizerão antes distinguir de ambas, & com tanta differença, que atê

o appellido da Senhora tro-cáraõ, & deixáraõ o do Ro-sario: com tanto que o rezê, como os outros devotos del-le, a Soberana Virgem, que invocada debaixo de qual-quer nome he a mesma, se dará por satisfeita da sua de-vação.

161 Excluidos assim, por-que se quizerão excluir, os Pardos; ficaõ sô os Brancos, & Pretos, cujas cores, ainda q extremas, se poderão mui-to bem unir na mesma irmã-dade. Naquelle contrato que Jacob fez com Labaõ sobre as rezes pretas, & brancas, & as de cor misturada, & varia, sempre estas ficáraõ separa-das a hũa parte, & as brancas, & pretas a outra: *Separavit Genes. varios, atque maculosos: cunc. 30. 35. tum autem gregem unicolorẽ, idest, albi, & nigri velleris, tradidit in manu filiorum suo-rum.* E por mais que este cõ-trato se trocou dez vezes, he cousa muito notavel, que as rezes brancas, & pretas, ou passassem de Jacob a Labaõ, ou de Labaõ a Jacob, sempre andáraõ unidas. Logo bem podéraõ tambem andar un-dos, & debaixo da mesma Ir-mandade

mandade os Brancos, & os Pretos. E se quizermos tornar à metâfora do dia, & da noite, assim puzerão huns, & outros juntos no mesmo coro os Cantores de Babilonia:

*Daniel.* *Benedicite noctes, & dies Domino.*

Respondião-se alternadamente os dias às noites, & as noites aos dias; & com uniformes vozes, posto que huã mais claras, & outras menos; todos juntamête louvavão, & bemdiziaõ a Deos.

Mas ainda que esta uniaõ fora muito propria da Ley Evangelica, em que a differença das cores não dirime a irmandade, nem faz distincção entre Senhores, & Servos; cõ tudo David, como Profeta, vio isto mesmo, que nós temos diante dos olhos. Porisso fez dous coros differentes, & separados, de Brãcos, & Pretos, hum em que poz os dias, que não respondião às noites, senão aos dias: *Dies diei eru-*

*psalm.* *Etat verbum:* & outro em q̄

poz as noites, em que tambem não respõdiã aos dias, senão às noites: *Et nox nocti indicat scientiam.*

162 Supposta pois esta distincção, & separação de Ir-

mandades, huã dos Brancos, outra dos Pretos, huã dos Senhores, outra dos Escravos; o meu assumpto, ou questãõ, muito digna de se disputar, será hoje esta: Qual destas duas Irmãdades he mais grata, & mais favorecida da Mãe de Deos: Se a dos Pretos, ou a dos Brancos, a dos Escravos, ou a dos Senhores? Hũs, & outros estaõ presentes, & a todos toca igualmente ajudar a pedir a Graça.

*Ave Maria, &c.*

## II.

*Iacob autem genuit Iudam, & fratres ejus.*

163 **T**RES causas tem nesta nossa Republica, os que se chamão Senhores, para a grande distincção que fazem entre sy, & os seus Escravos. O nome, a cor, & a fortuna. O nome de Escravos, a cor preta, & a fortuna de Cativos, mais negra que a mesma cor. Agora veremos, se são bastantes estas tres causas, para que na estimacção da Soberana Rainha dos Anjos tenhaõ melhor lugar

gar os Senhores, que os Escravos, os Brancos, que os Pretos, & a humilde fortuna desta següda Irmandade, que a Nobreza da primeira.

164 Conecção pois pela comparação dos Escravos cõ seus Senhores, no primeiro Patriarcha desta mesma genealogia do Evangelho, q̄ foi Abraham, tem os Escravos hum exemplo, que por todas suas circumstancias favorece pouco o seu partido. Havia naquella familia deus Escravos, huã mãy chamada Agar, & hum filho chamado Ismael, os quaes representavão com grande propriedade as duas differenças dos que temos presentes. Agar, que quer dizer Peregrina, era trazida da Africa, porq̄, como diz o Texto Sagrado, era Egypcia: *Ancillam Aegyptiam nomine Agar*: & Ismael era nascido em casa do mesmo Abraham, como consta do mesmo Texto: *Peperitque Agar Abra. filium*. Taes são hũs, & outros Escravos, os de que se compoem esta Irmandade: huns chamados Angolas, que são trazidos da Africa, outros que se chamão Criou-

los, & são nascidos, & criados no Brasil em casa de seus Senhores. He o que tinha prometido Isaias à nova Igreja convertida da Gentilidade, que huns filhos lhe virião de longe, & outros se levãrãrãõ do seu lado: *Filij tui de longè venient, & filia tua de latere surgent*. Isto posto, vamos ao caso. Primeiramente diz a Escritura, que Sara molher de Abraham tratava com tanto rigor a Agar, que a obrigou a fugir, & tornando outra vez para casa não menos a padrinhada que por hũ Anjo; finalmente disse a Abraham, que lâçasse de casa a escrava, & a seu filho: *Ejice ancillam hanc, & filium ejus*: & assim se fez. Sabamos agora: Esta Sara, quem era? Dizẽ as Allegorias, que era figura da Virgem Maria Senhora nossa, & se confirma com o seu proprio nome; porque Sara quer dizer *Dominã*, a Senhora. Logo pouco favor parece, que podem esperar da Senhora, não sò alguns Escravos, senão todos, ou sejaõ os de longe, como o Agar, ou os de perto, como Ismael.

165 Nunca vistes huã figura

*Genf.*  
16. 1.

*Ibidem.*  
15.

*Genf.*  
21. 10.

gura mal pintada? Pois assim he Sara, figura da Virgem Maria. As figuras bem pintadas mostrão a semelhança: as mal pintadas encarecem a differença. Quereis ver bem pintadas as nossas Senhoras no rigor, & pouca piedade, com que trataõ os Escravos; q̄hai para Sara. E se quereis ver o encarecimento de piedade, & amor, com que a Senhora das Senhoras os trata, ponde os olhos na Virgem Maria. Para prova de quanto a Virgem Maria ama, & estima os Escravos, & não despreza este nome, não tenho menos q̄ tres testemunhos, todos tres Divinos: o de Deos, o do Filho de Deos, & o da Mãe de Deos. Comecemos por este ultimo. E para que appareça melhor o encarecimento da differença, não tiremos os olhos da figura de Sara.

166 Quando o Anjo trouxe a embaixada à Senhora, depois de lhe chamar cheia de graça, & bendita entre todas as molheres, lhe disse, que seria Mãe de hum Filho tam grande, que se chamaria Filho de Deos, & herdaria o

etro de David seu Pay. E a Virgem, que sobre todos os titulos estimava o de Virgẽ, depois de replicar o que podia fazer duvida á sua pureza, as palavras, com que accitou a Embaixada, foraõ: *Ecce Ancilla Domini*: Eis aqui a Escrava do Senhor. Pois agora, quando pela herança do Filho, como Filho de David, lhe pertencia o Senhorio de Israel; & agora quando pela herança do mesmo Filho, como Filho de Deos, lhe pertencia o Senhorio do mundo, se chama a Virgem Maria Escrava? Sim, agora. Quando se vio Senhora do Reyno, & Senhora do mundo, entãõ se chamou Escrava: para que julguem os Senhores, & os Escravos, se estimará mais os Escravos, ou os Senhores. Sara tambem mudou o nome, mas nunca deixou o de Senhora; porque dantes chamavase Saray, que quer dizer Senhora minha, & depois chamou se Sara, que quer dizer Senhora. E quem tam pegada estava ao nome, & dominio de Senhora, não he muito, que fosse de tam dura condiçãõ, & tam rigo-

*Luc. 1.*  
18.

rosa com os Escravos: porèm Maria, que levantada sobre os dous maiores Dominios, & Senhorios da terra, & do Ceo, troca o nome de Senhora pelo de Escrava: Vede, se amará, & estimará muito aquelles, de quem tanto lhe agrada o nome?

167 Esta he a consequência, que naturalmente se infere de a Senhora tomar o nome de Escrava; mas ainda não está declarada a causa porque o tomou. Para a Senhora aceitar o que o Anjo lhe propunha, & para encarnar o Verbo Divino em suas entranhas, bastava dizer: *Fiat mihi secundum verbum tuum*; & assim foi; porque no mesmo ponto, em que pronunciou estas ultimas palavras, se obrou o mysterio da Encarnação. Pois se bastava dizer, *Fiat mihi secundum verbum tuum*; porque não só acrefcentou, mas anticipou ao *Fiat* o *Ecce Ancilla*; & antes de ser Mãe se chamou Escrava? He reparo de Santo Thomás Arcebispo de Valença: ao qual cõ novo, & exquisito pensamento satisfaz desta sorte: *Grandi ergo mysterio,*

Luc. I.  
38.

D. Tbo-

*altissimoque Deitatis instinctu conceptura Deum sui meminit ancillatus, ut orientem à se Filium mundi obsequio manciparet.* Sabeis porque a

Virgẽ Maria se reconheceo, & confessou por Escrava antes de conceber ao Filho de Deos? A razão, & mysterio altissimo foi, porque o parto, segundo as Leys, não segue a condiçã do pay, senão a da mãy: *Partus sequitur ventrem*; & quiz a Senhora por esta declaraçã anticipada, que o Filho, que havia de ser seu, como Filho de Escrava, nascesse tambem Escravo nosso. Emquanto Filho de seu Pay, he Senhor dos homẽs; mas emquanto Filho de sua Mãy, quiz a mesma Mãy, que fosse tambem Escravo dos mesmos homẽs. Este foi o intento da Senhora no que disse, & no tempo, & modo, em q̃ o disse: & isto he o que significa a palavra forense *Mancipavis*, da qual se deriva *Mancipium*: *Ut orientem à se Filium mundi obsequio manciparet.*

168 Quando a Senhora disse, *Ecce Ancilla Domini*, acabava de ouvir ao Anjo, que o Fi-

Villa-  
nova  
ibi in  
Serm.  
B. V.

Luc.  
1. 32.

o Filho, que della havia de nascer, reynaria na casa de Jacob: *Et regnabit in domo Jacob*. E daqui se vé na materia de Escravos outra grande differença entre huã Senhora, & outra Senhora, entre Maria, & Sara. Sara, porque Ismael he Escravo, não quer que trate com seu filho, sendo seu irmão: & Maria, porque seu Filho ha de ser irmão dos homẽs, para que os trate, & sirva melhor, quer que seja seu Escravo. Sara para estabelecer a casa de Abraham em Isaac, lança a Mãe Escrava, & mais o filho Escravo fóra de casa: & Maria para estabelecer a casa de Jacob em Christo, mete a Mãe Escrava, & mais o Filho Escravo dêtro na mesma casa. Digo na mesma casa, porq̃ a casa de Jacob era a mesma de Abraham. E daqui podemos entender com novo pensamento, que os antigos rigores de Sara contra os Escravos, eraõ profecia dos favores, com que neste tempo se havia de admittir, & tratar a Virgem Maria. Notai as palavras: *Ejice ancillam hanc, & filium ejus*. Não diz, que

deite fóra de casa a Escrava, senão aquella Escrava: *Ancillam hanc*: porque havia de vir tempo, em que houvesse outra Ancilla, & outra Escrava, a qual tivesse outro filho também Escravo, os quaes se não havlaõ de lançar da casa de Abraham, senão conservar-se, & venerar-se nella; para q̃ por seu meyo se conseguissem as bençoẽs, & felicidades, que Deos ao mesmo Abraham tinha promettido. E isto baste quanto ao primeiro testemunho.

## III.

169 **A**O testemunho da Mãe de Deos, se-gue-se o do Filho de Deos. Sendo o Filho de Deos igual a seu Eterno Padre em tudo, para mostrar que esta igualdade era propria, & não alheia, natural, & não adquirida, ou roubada; quiz por amor de nós, não fazer, senão fazer-se o que não era. E para se fazer o q̃ não era, que fórma tomaria fóra de sy mesmo? De quanto Deos tinha criado na terra, tomou o melhor, que era a natureza humana;

mana; & de quanto os homêes  
 tinhaõ inventado na mesma  
 terra, tomou o peor, que era  
 a condiçãõ de Escravo: *Qui*  
*Philip. 2.6.7.* *cùm in forma Dei esset, non rapinam arbitratus est esse se aequalem Deo, sed semetipsum exinanivit formam servi accipiens, in similitudinem hominum factus.* Siõ palavras do Apóstolo S. Paulo, nas quaes com razaõ encarece tanto este fazer-se Deos Escravo, que lhe não chama fazer-se, senão desfazer-se: *Exinanivit semetipsum.* Não porque Deos deixasse de ser o q̃ era; mas porque unio o que infinitamente era, ao que não s̃õ infinitamente, mas mais ainda que infinitamente, distava do seu proprio ser. O ser do homem dista infinitamente do ser de Deos, & o ser, ou não ser do Escravo, de outra segunda distancia pouco menos que infinita. E quando o Filho de Deos se não desprezou de ser Escravo; quẽ haverá que se atreva a desprezar os Escravos?

170 Tudo o que no Escravo pôde causar desprezo, coube em Deos; porq̃ quando tomou a fôrma de Escla-

vo, *Formam servi accipiens,* não a tomou, como dizem, *pro fôrma,* senão cõ todas as formalidades. No Cenaculo servindo como Escravo a homêes de baixa condiçãõ no exercicio mais baixo: *Misit* Ioan. 13. *aquam in pelvim, & cepit lavare pedes:* na prizaõ do Horto s̃edo reputado por Escravo fugitivo, & ladraõ: *Tan.* Marc. 14. 48. *quam ad latronem existis comprehendere me? quotidie apud vos eram:* na traçãõ de Judas vendido como Escravo, & por vilissimo preço: *Constituerunt ei triginta argenteos.* Matth. 26. 15. na remissãõ a Caifaz maniatado como Escravo, ou, como câ dizeis, amarrado: *Misit cum ligatum ad Caipham:* Ioan. 18. 24. no Pretorio açoutado como Escravo, & cruelissimamente açoutado: *Flagellis caesum:* Marc. 15. 15. nas ruas publicas de Jerusaleem como Escravo cõ a carga mais pezada, & mais afritosa às costas: *Bajulans sibi crucem:* no Calvario como Escravo despido: *Acceperunt vestimenta ejus:* E finalmente como Escravo, & máo Escravo, pregado, & morto em huã Cruz, que era o supplicio proprio de Escravos. E se estes  
 saõ

vão os maiores abatimentos, a que pôde chegar o estado da servidão. Quem haverá, se tem Fé, que se atreva a desprezar no seu Escravo o que vé no seu Deos?

171 Para remir o genero humano bastava, que o Filho de Deos se fizesse Homẽ: & como os homẽs pervertendo a igualdade da natureza a distinguiraõ com dous nomies. tam oppostos, como são os de Senhor, & Escravo; bem podera o Filho de Deos contentarse com se fazer Homem do predicamento dos Senhores. E porque não quiz? Pela razão que deu S. Paulo: *Non rapinam arbitratus est esse se aequalem Deo, sed semetipsum exinanivit, formam servi accipiens.* O Apóstolo diz, que se o Verbo se não fizesse Homem na fórma de Escravo, seria furto q̄ faria á Divindade de seu Pay: & Eu acrescento; que tambẽ faria furto à vôtade, & exemplo de sua Mãy. Ora vede. Quem visse, que o Filho de Deos recebia a natureza humana, & se recebia com ella na fórma, & condiçãõ de Escrava, poderia bem cuidar, q̄

se cazára a furto: mas nem foi a furto do Pay; nem a furto da Mãy. Não a furto do Pay; porque do mesmo entẽdimento (que era do Pay, & mais do Filho) sahio o arbitrio, com que o Filho tomou a fórma de Escravo: *Non rapinam arbitratus est, formam servi accipiens.* Nem a furto da Mãy; porque assim o confirmou a Mãy, affinando o contrato com a firma de Escrava: *Ecce Ancilla Domini.* E se o Filho de Deos por arbitrio de seu Pay, por eleição de sua Mãy, & por inclinaçãõ, & vontade propria, havendo de se fazer Homẽ, se não fez do predicamento dos Senhores, senãõ da condiçãõ dos Escravos: Vejaõ lá os que ainda no serviço da Mãy de Deos, se separaõ dos Escravos, se favorecera mais a mesma Senhora aquelles, cõ quem se quiz parecer teu Filho, ou aos que se desprezaõ de se parecer com elles? Grande caso hẽ, que cabendo a fórma de Deos, & a fórma de Escravo em huã sã Pessoa, & essa Divina (*Cum in forma Dei esset; formam servi accipiens*) hum homem com

nome de Senhor, & outro cõ nome de Escravo, não caibaõ em huã grande Congregaçãõ, & porisso se houveẽ de separar em duas Confrarias?

## III.

172 **D** Epois do testemunho da Mãy de Deos, & do Filho de Deos, sò resta o do mesmo Deos, isto he, de Deos Padre. Quiz Deos Padre, que assim como seu Filho tinha Pay, tivesse tambem Mãy, & para achar em todo o mundo, & em todos os seculos pessoa digna de tam alta, & soberana assumptõ, jã sabemos, que a não bulcoa nas Cortes dos Assyrios, Persas, Gregos, ou Romanos, entre as Princesas de sangue imperial; nem a achou na mesma Jerusalem Cabeça da verdadeira Fé naquelle tempo, senãõ em Nazareth, povo de poucas casas, & na mais humilde delle. Alli estava escondida aos olhos do mundo aquella Donzella mais Divina que humana, que sò merecço ser digna Mãy de Deos Homem,

Mas porque motivos? Nella tinha o mesmo Deos depositado, & juntas todas as perfeiçõs, & graças, que divididas fazem bemaventuradas no Ceo, & illustres na terra ambas as naturezas, Humana, & Angelica. Qual destas perfeiçõs pois, & qual destas graças foi a que mais enchéo o entendimento, & cativou a vontade Divina, para que Maria unicamente fosse a bendita entre todas as moheres, & entre todas a escolhesse Deos para Mãy de seu Filho? A mesma Senhora o disse: *Quia respexit humilitatem Ancilla sua:* porq̃ poz <sup>Luc. 1.</sup> Deos os olhos na humildade, & baixeza de sua Escrava. Vede, que differetes saõ os olhos de Deos dos nossos. Mas agora pergunto Eu: E poderia a Mãy de Deos desprezar o que Deos estimou, & reprovar o que Deos elegéo, & onde Deos poz os olhos, deixar ella de pôr tambem os seus? Claro está que naõ. Logo se Deos naõ poz os olhos na Magestade, & Grandeza das Senhoras, senãõ na humildade, & baixeza da Escrava; se guro tem os Escravos, ainda em

em comparaçãõ de seus Senhores, o maior favor, & o maior agrado dos olhos da Mãy de Deos.

173 E se vos não cõten-rais com a razaõ desta consequencia, que todos vem; Eu vos hey de dar ainda outra, que ninguem imagina. A razaõ, que todos vem, he, que não pôdem os olhos da Senhora deixar de imitar, & seguir os olhos de Deos. E a q̃ Eu digo que ninguem imagina, qual será? He, que quando a Mãy de Deos poem os olhos, olha pelos olhos de seu Filho. He caso verdadeiramente admiravel, & de grande consolação para todos os devotos da Virgem Maria, o que agora direi. Em Delphes, Cidade de Hollanda, no dia do Nascimento da Senhora cantavaõ a Salve Regina no Coro certas Religiosas, de q̃ era huã, Santa Getrudes; & quando chegáraõ áquellas palavras, *illos tuos misericordes oculos ad nos converte*, em que pedimos à Mãy de Deos incline a nós seus misericordiosos olhos; vio a Santa, que tendo a Imagem da Senhora seu Bemdito Filho no braço

esquerdo, movia o direito, & applicando os dedos aos olhos, que o Minino Jesu tinha levantados, os inclinava brandamente, para que os puzesse nas Monjas, que a invocavaõ. E porque não ficasse em duvida, o que significava a vistaõ, disse a Soberana Virgem a Getrudes: *Isti sunt misericordiosissimi oculi, quos ad omnes me invocantes salubriter possum inclinare, ut & uberrimum fructum consequantur salutis aeternae*: Estes são os misericordiosissimos olhos, q̃ Eu posso inclinar, & inclino sobre todos os que me invocavaõ, para que por meyo de sua saudavel vista alcancem a vida eterna. De forte, q̃ quando a Mãy de Deos poem os olhos em nós, não s̃õ imita, & segue os movimentos, & inclinações da sua vista, mas olha pelos olhos do mesmo Filho Deos. E se os olhos de Deos, como diz a mesma Senhora, não olháraõ para a nobreza, & soberania das Senhoras, senaõ para a humildade, & baixeza da Escrava: *Respexit humilitatem Ancilla suae*: ditosa a humildade, & baixeza dos que sois Escra-

vos, pois não podem' deixar de se inclinar piadosamente a ella os olhos de Deos, & de sua Mãy.

174 Sô pôde ter esta verdade huã replica, não para vós, senão para os que sabem mais que vós. Diraõ, que o *Respexit humilitatem Ancilla sua*, se entende da virtude, & excellencia da humildade, & não da humildade, & baixeza da condiçãõ. E posto que a humildade, & baixeza da condiçãõ se acha em todos os Escravos, a virtude, & excellencia da humildade, que na Mãy de Deos foi summamente perfeita, ainda nos q' professaõ perfeiçãõ, he muito rara. Logo ainda que sejais Escravos, como a Senhora se chamou Escrava, não basta a humildade, & baixeza da condiçãõ, que traz com si este nome, para que os olhos de Deos, & da Mãy de Deos se ponhaõ mais benignamente em vós. Ora não vos desconsoléis, que se esta replica tem por sy muitos, & graves Autores, o sentido, em que Eu vos expliquei as palavras da Senhora, he fundado no mesmo Texto, cuja authori-

dade prevalece a todas. Onde a Vulgata lê, *Humilitatē Ancilla sua*, o Texto original tē, *Exiguitatem, Parvitatē*: & como verte Vatablo, *Nihilitatē*. De maneira, que a palavra *Humilitatem* não significa humildade, emquanto he virtude da pessoa, senão humildade, emquanto he baixeza da condiçãõ pessoal, & vileza della. Assim o entendem, fundados na propriedade do Texto, o mesmo Vatablo, Isidoro Clario, Janfenio, Caetano, & todos os Expositores modernos mais literaes, como já o tinha entendido Euthimio conforme a significaçãõ natural da palavra, & Lingua Grega, em q' escreveu o Evangelista S. Lucas, & a quem dictou o seu Cantico a mesma Virgem Maria. E ser esta a verdadeira intelligencia se confirma com a razaõ; porque o intento da Senhora, como summamente humilde, não foi engrandecer a sua virtude, senão abater a sua indignidade. Assim que a baixeza, & vileza propria da condiçãõ dos Escravos, essa he a que levou apoz sy os olhos de Deos,

Deos, quando a Senhora se chamou Escrava: *Quia respexit humilitatē Ancilla sua.*

175 E para que se veja finalmente o lugar, que tem na estimação da mesma Senhora os Escravos, não obstante a baixeza de sua condição, ainda comparados com o nascimento, & nome dos que se chamaõ seus Senhores; nos irmãos do nosso thema o temos, *Iudam, & fratres ejus.* Vendo Rachel, que a fecundidade de Lia lhe tinha dado quatro filhos, & que ella era esteril, para suprir este defar, que naquelle tempo era afrontoso, pedio a Jacob, que admittisse ao talamo a sua Escrava Bala, para q̄ della ao menos tivesse filhos. Assim como Rachel o traçou, assim succedéo. E como desta substituição nasceffem dous filhos a Bala, hum chamado Dan, outro Nephtali, a mesma Rachel, q̄ a proposito do successo lhe tinha posto os nomes, disse estas notaveis palavras: *Comparavit me Dominus cum sorore mea, & invalui:* ora graças sejaõ dadas a Deos, que me igualou com minha irmã, & eu pre-

valcei. Quem não souberffe, q̄ Lia tinha já quatro filhos, & não adoptivos, senão naturaes, & proprios, faria bem differente conceito desta, que Rachel chamou primeiro igualdade, & depois vitoria. Mas se os filhos de Lia eraõ quatro, & os de Bala sô dous, como diz Rachel, que igualou a tua irmã, & que a vencéo? Para igualar, era necessario que fossẽm tantos os filhos de Bala, como os de Lia, & para vencer, era necessario que fossẽm mais: pois se não erãõ mais, nem tantos, senão ametade menos, como diz Rachel, não sô que igualou, senão, que vencéo: *Comparavit me Dominus cum sorore mea, & invalui?* O pensamento cõ que isto disse Rachel, ella o saberia: Eu sô fei, que a mesma Rachel era figura da Virgem Maria, & que os filhos de Lia eraõ filhos de Senhora, & os de Bala filhos de Escrava: & era tal a conta, & a differença, que Rachel fazia entre os filhos da Escrava, & os filhos da Senhora; que sendo os da Senhora quatro, & os da Escrava dous, estes dous para com ella no nu-

mero eraõ outros tantos, & na estimaçãõ muitos mais: no numero outros tantos; & porisso disse, q̃ Deos a igualára: & na estimaçãõ muitos mais; & porisso disse, que ella prevalecêra. Applicaí vós, que Eu não quero fazer mais largo este primeiro Ponto.

## V.

176 **O** Segundo, & segūda causa da grande distincãõ, que fazem entre sy, & os Escravos, os q̃ se chamaõ Senhores, he, como diziamos, a cor preta. Mas se a cor preta puzera pleito á branca, he certo, que não havia de ser tam facil de averiguar a preferêcia entre as cores, como a que se vé entre os homẽs. Entre os homẽs dominarem os Brancos aos Pretos, he força, & naõ razaõ, ou natureza. Bem se vé, onde não tem lugar esta força, nem a cor he vencida della. Quando os Portuguezes apparecêraõ a primeira vez na Ethiopia, admirando os Ethiopes nelles a policia Européa, diziaõ: Tudo o melhor deu Deos aos Européos, & a nós

sõ a cor preta. Tanto estimãõ mais que a branca a sua cor. Porisso, assim como nós pintamos aos Anjos, brancos, & aos Demonios, negros; assim elles por veneraçãõ aos Anjos pintaõ negros, & aos Demonios por injuria, & aborrecimento, brancos. Deixando porẽm os que podem parecer apaixonados; ninguem haverá, que não reconheça, & venerê na cor preta duas prerogativas muito notaveis. A primeira, que ella encobre melhor os defeitos, os quaes a brãca manifesta, & faz mais feios: a segunda, que sõ ella não se deixa tingir de outra cor, admittindo a branca a variedade de todas: & basta-vaõ sõ estas duas virtudes para a cor preta vencer, & ainda envergonhar a branca. Mas das cores sõ os olhos podem ser juizes. Vejamos o que elles julgaõ, ou exprimentãõ. Os Filosofos buscando as propriedades radicaes, com que se distinguem estas duas cores extremas; dizem, que da cor preta he proprio unir a vista, & da branca disgregalla, & desunilla. Porisso a brancura da neve offende, & cega

cega os olhos. E não he isto mesmo o que com grande louvor dos Pretos, & não menor affronta dos Brancos, se acha em huns, & outros? Dos Pretos he tam propria, & natural a uniaõ, que a todos os que tem a mesma cor, chamaõ Parentes: a todos os que fervem na mesma casa, chamaõ Praceiros: & a todos os que se embarcãõ no mesmo navio, chamaõ Malungos. E os Brancos? Não basta andarem nove mezes juntos no mesmo ventre, como Jacob, & Esaú, para se não aborrecerem: nem basta serem filhos do mesmo pay, & da mesma mãy, como Cain, & Abel, para se não matarem. Que muito logo, que sendo tam disgregativa a cor branca, não caibaõ na mesma Congregaçãõ os Brãcos com os Pretos?

177 E para que vejamos quam differente he a distincãõ, que a Virgem Senhora nossa faz entre huns, & outros; ouçamos tambem neste Ponto a Deos, ao Filho de Deos, & à mesma Mãy de Deos. Havendo Deos criado o primeiro Homem, poz, he

por nome Adam, que quer dizer, *Ruber*, Vermelho, por ser esta a cor do Barro do cãpo Damasceno, de que o formou. Tam importante he à altiveza humana a lembrança de seus humildes principios. Mas se o intento de Deos era formar-lhe o nome da mesma materia, de que o tinha formado, & a materia era o Barro Vermelho, porq̃ lhe não deu o nome do Barro, senão o da cor, *Ruber*? Porque no Barro não havia perigo de se desigualarem os homês; na cor sim. No Barro não; porque todos os filhos de Adam se haviaõ de resolver na mesma terra: na cor sim; porque huns haviaõ de ser de huã cor, & outros de outra. E não quiz Deos, que aquella cor fosse alguã das extremas, quaes saõ a branca, & a preta, senão outra cor meya, & mixta, que se compuzesse de ambas, qual he a vermelha; para que na mesma mistura, & uniaõ da cor se unissem tambem os homês de diversas cores, ainda que fossem tam diversas como a branca, & a preta. Porisso no mesmo nome de

*Auzust.  
trañ.  
9. in  
Ioann.*

Adam lhe distinguio tambẽ Deos as terras, em que segundo a calidade de cadahuã se lhe haviaõ de variar as cores. He advertencia engenhosa de São Agustinho, o qual notou, que as quatro letras, de que se compoem o nome de Adam, saõ as mesmas, que no Texto Grego daõ principio às quatro partes do mundo, Oriente, Occidente, Setentriaõ, Meyodia. E como os homẽs divididos pelas mesmas quatro partes do mundo, os da Europa, os da Africa, os da Asia, & os da America, conforme os diferentes climas haviaõ de nascer de diferentes cores: traçou a Sabedoria do Supremo Artifice, que assim como em todo o nome de Adam, *Ruber*, estava rubricada a memoria do Pay, & sangue commum, de que descendiaõ; assim a cada letra do mesmo nome respondessem os diversos climas do mundo, que lhe haviaõ de variar as cores: para que na variedade da cor se naõ perdesse a irmandade do sangue.

178 Por espaço de dous mil annos foraõ da mesma

cor todos os homẽs, atè que habitando as duas Ethiopias os descendentes do segundo filho de Noé, começáraõ muitos delles a ser pretos. Mas acudindo Deos à differença, que podia causar nos animos esta differença das cores, logo na Ley Escrita, & no mesmo Legislador della honrou com tal igualdade a ambas, que nem os Pretos tivessem que envejar na branca, nem os Brancos que desprezar na preta. Na Ley mãdava Deos, que o Cordeiro, ou Cordeiros, q se lhe offercessem, fosse(m) inviolavelmente immaculados. Assim se presereve em todos os Ritos do Exodo, do Levitico, dos Numeros. E em que consistia o ser immaculado o Cordeiro? Cuidaõ muitos, que consistia em ser tam estremadamente branco, que nem final, nem maacha alguma tivesse de preto. Mas naõ eraõ estas as manchas, ou maculas, q Deos prohibia. Naõ estava a mancha na cor, se naõ no corpo da vittima. Se a inteireza natural do corpo do Cordeiro naõ tinha defeito, ou deformidade alguma, ainda

ainda que fosse em huã só unha, era immaculado. E quanto à cor, ou fosse todo branco, ou todo preto, ou branco com parte de preto, ou preto com parte de branco, igualmente era aceito a Deos, & digno de seus Altarés. *Immaculatus esse debebat, idest, integer, & sine vitio corporis: poterat tamen esse albus, niger, & habere maculas albas, vel nigras:* commenta o Douto A Lapide. Desorte, q̄ por ser brãco, ou preto, ou em todo, ou em parte, não deixava o Cordeiro de ser immaculado, sendo figura do mesmo Deos feito Homem: para q̄ os homẽs se não deshonrassem, ou tivessem por mancha em sy, o que Deos não tinha por mancha no seu retrato. Isto quanto à Ley.

179 Quanto ao Legislador, ainda foi maior o exemplo, não só da providencia, mas da severidade divina, no rigor cõ que castigou o delprezo desta indifferença das cores. Não reparando nella Moysés, como homem de tam sublime juizo, cazouse com a filha de hum Rey da Ethiopia, que elle tinha ven-

cido em batalha, porisso chamada Ethiopiza. Não levãdo porẽm bẽ este cazamẽto Maria irmaã do mesmo Moysés, & murmurando delle cõ Aram, que era o irmão maior; Deos, que costuma acudir pelos q̄ não acodem por sy, como vos parece que emendaria, ou desfaria esta murmuraçã? He caso verdadeiramente notavel! Não tinha bem acabado de murmurar Maria, quando apparecêo de repente cuberta de lepra, & como leprosa, conforme a Ley, foi lançada fõra dos arralaes. As palavras do Texto são estas: *Et ecce Maria apparuit candens lepra,* <sup>12. 19.</sup> *quasi nix:* & subitamente Maria apparecêo cuberta de lepra branca como a neve. Reparai muito nesta brancura, & nesta neve. Bem podéra Deos castigar a murmuração de Maria na lingua, em mudecendoa, ou com outro castigo, & enfermidade maior, & mais perigosa que a lepra: mas porque quiz, que fosse lepra particularmente, & tal lepra, que a fizesse branca como a neve: *Candens quasi nix* Para que respondesse a pena di-

direitamente à culpa, & para que aprendesse Maria na sua brancura a não desprezar a pretidaõ da Ethiopiza. Como se dissera Deos: já que nella desprezais a sua cor, olhai agora para a vossa: nella a sua pretidaõ he natureza, em vós a vossa brancura he lepra. Oh quantas brancuras se prezaõ de müito brancas, q̄ são como a da irmã de Moysés! Quanto melhor lhe fora ser negras sem lepra, que brancas, & leprosas! Assim castigou Deos naquella Maria os desprezos da Ethiopiza: & assim nos ensinou pelo contrario, quanto préza, & quanto estima a todos os Ethiopes a outra Soberana Maria, que como bemditta entre todas as mulheres, nascéo para emendar os erros de todas.

## VI.

180 **D**OS exemplos de Deos, passemos aos de seu Filho, & vejamos, quanto estimou, & estima Christo os Pretos. He observação, em que por ventura não tendes reparado, a que agora direi. Digo, que estima

tanto o Filho de Deos os Pretos, que mil annos antes de tomar o nesso sangue, deu aos Pretos o seu. Vejamos primeiro a verdade do caso, & depois iremos ao computo dos tempos. O Fi ho de Deos tomou o nosso sangue, quando encarnou, & se fez Homem: & deu o seu aos Pretos, quando lhe deu o sangue, que elle havia de tomar, que era o de David. E foi desta maneira. Reynando Salamão filho de David, levada da fama de sua sabedoria, veyo a vello, & ovillo a Rainha Sabá, que era da Ethiopia. E como Salamão tivesse por molheres setecentas Rainhas, recebeu tambem no numero dellas, posto que de cor preta, a mesma Rainha Sabá, de quem houve hum filho, o qual nascéo depois na Ethiopia, & a mãy lhe poz o nome de seu avó, & se chamou David. Sendo já de vinte & dous annos este Princepe, dezejoso de ver, & tomar a benção a seu Pay, veyo a Jerusalem, onde Salamão não só o reconheceo por filho, mas com todas as ceremonias, & insignias reaes o fez ungit no Templo

Da  
mianã  
Goez.  
Fran.  
Alvar.  
Abrah.  
Hortelã.  
Bar-  
riur.  
Gene-  
brard.  
de alij.

por

por Rey da Ethiopia, sendo es ministros desta solennidade, Sadoc, & Joaz, em quẽ estava o Summo Sacerdocio naquelle tempo. Esta he a origem dos Emperadores da Ethiopia, mil annos, como dizia, antes da Encarnação do Filho de Deos; porque o Mysterio altissimo da Encarnação foi obrado no anno Quarêta & hum do Imperio de Augusto Cesar, quando se contavão Quatro mil & sincoenta & hũ annos da Criação do mundo: & a vinda da Rainha Sabá a Jerusalem tinha sido no anno Vinte & quatro do reynado de Salamão, quando o mesmo mundo desde sua Criação contava sômête Tres mil & sincoenta & tres annos. Deforte, que quando o Filho de Deos fazendo-se Homem, tomou o sangue da geração de David, já havia mil annos, que tinha dado o mesmo sangue aos Pretos da Ethiopia no seu primeiro Rey, ou Emperador (porque até então, eraõ governados pelas Rainhas:) em memoria desta descendencia por tradição antiquissima, & sempre continuada

se intitula hoje o mesmo Emperador: *Filius David, filius Salomonis, filius columnæ Sion, filius de semine Iacob, filius magnus Maria.*

181 Esta ultima clausula de grande filho de Maria acrescentáraõ os Emperadores da Ethiopia depois do nascimento de Christo, o qual tantos seculos antes tinha honrado os Ethiopes cõ os mesmos nomes, cu titulos, com que hoje se intitula no Livro de sua geração. Que diz S. Matheus, ou que nome dá ao Livro da geração de Christo? *Liber generationis Iesu Christi filij David, filij Abraham:* Livro da geração de Jesu Christo filho de David, & filho de Abraham. E deste mesmo David, & deste mesmo Abraham, de quem Christo hoje se chama filho, por descender delles por quarenta & duas gerações; destes mesmos, & não de outros se chamavão tambem os Ethiopes, filhos de David, & filhos de Abraham, não por quarêta & duas gerações, senão por quinze sômête, que tantas cõta o mesmo S. Matheus até Salamão. Filhos de David;

por:

Spondan. in  
Anna-  
lib. à  
Creat.  
Mudi.

Hor-  
tel. in  
Theat.  
rabul.  
68.

porque todos os Ethio-  
pess conservárao sempre o nome  
de David, como hereditario  
em seus Principes: & filhos  
de Abraham; porque todos  
tomárao delle a circuncisaõ.

182 E se buscarmos a  
razão, motivo, ou mereci-  
mêto destes tam anticipados  
favores do Filho de Deos  
aos Ethio-  
pess; o mesmo Da-  
vid o tinha já cantado, quan-  
do disse: *Ethiopia prave-*  
*niet manus ejus Deo.* Onde a  
palavra *Praveniet*, he o mes-  
mo que *Prima veniet*; por-  
que a Ethiopia, & os Ethio-  
pess seriaõ os primeiros en-  
tre todos os Gentios, que  
receberiaõ a Fé do verda-  
deiro Deos. E declara o Pro-  
feta com excellente proprie-  
dade, & energia este reco-  
nhecimento, & aceitação  
da Fé, dizendo, como se lé  
no Hebréo, que estenderiaõ a  
Deos as suas mãos, porque  
este he o estílo, ou acção na-  
tural, como vemos, com que  
os mesmos Ethio-  
pess nova-  
mente trazidos das suas ter-  
ras reconhecem o dominio  
dos que tem por Senhores,  
estendêdo para elles as mãos,  
& batendoas. Grande prero-

gativa, & singular por certo  
desta nação, que quando to-  
das as outras adoravão mui-  
tos Deoses (chegando esta  
multidaõ em todo o mundo  
a numero de trinta mil, como  
refere Hesiodo) ella só reco-  
nhecesse a unidade em Deos,  
sem a qual não pôde haver  
Divindade. E que direi da  
mesma Divindade unida à  
Humanidade em Christo, em  
cuja noticia, & pregação se  
anticipáraõ os Ethio-  
pess aos  
mesmos Apostolos? Quando  
os Apostolos repartiraõ en-  
tre sy o mundo, coube a S.  
Mattheus a Ethiopia; mas  
quando lá chegou S. Mat-  
theus, que foi no anno Qua-  
renta & quatro do Nascimê-  
to de Christo, já havia nove  
annos q o Eunucho da Rai-  
nha Candaces, Guarda mór  
do seu Erario, convertido, &  
bautizado por S. Felippe, lhe  
tinha levado, & mostrado os  
thesouros do Evangelho: sen-  
do elle o primeiro Apostolo  
da sua Patria, da mesma na-  
ção, da mesma lingua, & da  
mesma cor, que os outros E-  
thio-  
pess.

183 Mas não foi esta a  
inda a primeira, & mais anti-  
cipada

*Psal.*  
67. 32.  
*Cornel.*  
*At.* 8.  
27.

*Hesio-*  
*du* re-  
*lar.* à  
*Ravisto*  
*in The-*  
*atr.*  
*Phil.*  
*lib. I.*  
*cap. 9.*

*Baron.*  
*eo anno*

cipada diligencia, com que os Pretos se adiantárao a prégar a Fé, & veneração de Christo, & sua Santíssima Mãe. Os tres Reis Orientaes, que vieraõ adorar o Filho de Deos, rezem nascido em Belem, he tradição da Igreja, que hum era Preto. Mas de que terra, ou nação fosse, andou em opinioes muitos seculos, até que no anno de Mil quatrocentos & noventa & nove descobrião os nossos Argonautas da India, que tinha sido o Rey de Cranganor. Este Rey pois tam preto como o pintaõ, mudando o nome que dantes tinha, se chamou Cheriperimale, que quer dizer, Terceiro, por ser elle o terceiro que seguindo a Estrella se ajuntou aos dous naquella prodigiosa viagem. Chegáraõ, acháraõ o Rey, que buscavaõ, & como a Rey, como a Deos, & como a Homem, lhe offerreceraõ prostrados a seus pés os mysteriosos tributos. Voltado para suas terras, & Reynos, o q̄ fez o de Cranganor, foi, edificar logo hũ Templo, & no meyo delle huã Capella, a que se subia

por muitos degráos, na qual collocou huã Imagem da Virgem Maria com o Miniño Deos nos braços, como refere S. Matheus, que o acháraõ: *Invenerunt puerum cum Maria matre ejus.* A este monumento de Religião acrescentou por Ley, ou Rito perpetuamente estabelecido, que todas as vezes que se nomeasse o Santissimo nome de Maria, todos se prostrassem por terra: & assim o fizeraõ os Sacerdotes do mesmo Templo em presença do nosso Gama, & de todos os que com elle desembarcáraõ na mesma Cidade. Agora vedê, se tenho Eu razaõ, para dizer, q̄ no culto, & veneração publica de Christo, & sua Santissima Mãe, se adiantáraõ os Pretos aos mesmos Apostolos. O primeiro Templo, que os Apostolos levantáraõ à Virgem Maria em sua vida, foi o do Pilar de Saragoça pelo Apostolo Santiago. Mas quando No anno Vinte do Império de Tiberio, que era o anno Trinta & seis do Nascimento de Christo. Demaneira, que quando o primeiro Apostolo à instancia da mesma

*Matth. 2. 11.*

*Ita Bonther. in Chron. Hispan. cap. 27.*

*Osorius lib. 5. de gest. Emman. Navar. lib. 21. de Orat. & Hor. Canon. Maf-fens lib. 2. Hist. Indic.*

mesma Mãy de Deos lhe edificou a primeira Capella em Hespanha, já o Rey Preto, cõ seus Vassallos da mesma cor, lhe tinhaõ edificado Templo na India. Para que se veja, se esta anticipada devaçãõ dos Pretos merecêo tam anticipados favores de Christo: & se à vista delles merecem ser desprezados dos que se chamaõ seus Senhores. E senaõ, digaõme os mesmos Portuguezes, qual era a sua Religiaõ naquelle tempo, & muitos annos depois? O que se acha em pedras, & inscripçoẽs antigas, he, que dedicãõ Templo a Octaviano Augusto, Templo a Trajano, & a todos os Deoses, Templo a Isis, Templo, & Estatuas a Tiberio, & sua Mãy Livia, Templo, & Estatuas a Nero, & sua Mãy Agripina. E quando os Portuguezes sem se lhe fazerem as faces vermelhas na sua brancura, reconheciaõ Divindade nestes Monstros da ambiçãõ, & de todos os vicios, os Pretos nos seus Altares adoravaõ o verdadeiro Filho de Deos, & a verdadeira Mãy do mesmo Filho.

*Sousa,  
& Faria ab  
August.  
usque  
ad Trajanum.*

VII.  
184 **M**As ouçamos por fim a estimaçãõ, que faz da cor preta, naõ sõ nelles, mas em sy, a mesma Mãy de Deos: *Nigra sum, sed Cant. i. formosa, Filia Ierusalem, sicut s. tabernacula Cedar, sicut pelles Salomonis.* Nestas palavras se defende a Pastora dos Cãtares, respondendo ás Filhas de Jerusaleem, as quaes como criadas na Corte, & ella no campo, & como prezadas de muito brancas, a notavaõ de preta. Diz pois, q̃ ainda q̃ preta, nem porisso deixa de ser fermosa: & o prova principalmente cõ as famosas Tendadas de Salamaõ, quando sahindo da Corte morava no campo: *Sicut pelles Salomonis.* Assim como as pelles, que cobrem as Tendadas de Salamaõ, saõ pretas, & muito fermosas, assim pôde haver fermosura, & grande fermosura em couros pretos. E se este dote da natureza, Filhas de Jerusaleem, naõ está vinculado à cor branca, de que tanto vos prezais, notai me embora de preta, mas não de fea, porque ainda que sou preta,

preta, sou fermosa: *Nigra sum, sed formosa*. Atè aqui a que em trajo pastoril representava a Virgem Senhora nossa, a qual com as mesmas palavras confessa ser a cor preta natural da sua Patria, & sua; porque a Palestina, como visinha ao Egypto, & à Africa, por razão do Clima mais exposto aos ardores do Sol, participa da cor, com que elle costuma tostar, & escurecer a brancura, como logo acrescentou a mesma Pastora: *Nolite me considerare, quod fusca sum, quia decoloravit me Sol*. Assim lemos em Nicephoro, que aquelle soberano rosto, em que Dionysio Areopagita reconhecéo raios de Divindade, entre as duas cores extremas, propendia mais para a preta. O mesmo diz Santo Epiphanio. E mais claramente o demonstra o Retrato natural da mesma Virgem Maria; pintura da mão de S. Lucas, que hoje se vé, & venera em Roma na Basilica de Santa Maria Maior, como hum dos mais preciosos thesouros daquelle famosissimo Santuario.

185. Coufa he porèm

muito digna de reparo, que neste Epitalamio, eferito pela Sabedoria de Salamaõ, nunca a Senhora se chamasse fermosa, senão depois de se chamar preta. Catorze vezes por diversos modos, & com diversos encarecimentos celebra o Esposo a sua fermosura, & lhe chama fermosa: mas a Senhora não se attribuo este louvor, de que tão se gloriaõ, ainda as que o não merecem, senão huã só vez, & quando juntamente disse, q̄ era preta: *Nigra sum, sed formosa*. Seria por ventura para escurecer com estas sombras a mesma fermosura? Não, diz Santo Ambrosio; senão para a engrãdecere, & realçar mais:

*Promisit nigram, ut augetet decoram*. E se buscarmos a razão desta consequencia, que não parece facil; na semelhança das mesmas Tendas de Salamaõ a temos excellentemente declarada. Porque sendo por sôra lavradas com todos os primores da arte na cor preta, & por isso muito fermosas à vista; por dentro eraõ recamadas de ouro, pedras, & diamantes, cujos reflexos na opposiçãõ daquelle

*Ambrosio  
in Psal.  
118.  
Serm.  
13.*

cor brilhavaõ mais, & fa-  
ziaõ hum admiravel com-  
posto de maior graça, & fer-  
mosura. E desta maneira sen-  
do o preto esmalte do bran-  
co, & o escuro realce do cla-  
ro, se pareciaõ muito vistõ-  
sas, no que mostravaõ por fõ-  
ra, muito mais fermosas, &  
preciosas eraõ, no q̄ cobriaõ  
por dentro: *Pramisit nigram,  
ut augetet decoram.*

186 Notem isto as Pre-  
tas, & os Pretos, para que os  
nãõ desconsolte, ou desanime  
a sua cor: & notem tambem  
o mesmo as Brancas, & os  
Branços, para sua confusaõ,  
se tendo a brancura sò por  
fõra, forem negros por den-  
tro. Mandava Deos no Le-  
vitico, que o Cisne, como ave  
immunda, se lhe naõ sacrifi-  
casse, nem ainda se comesse. E  
em que defeito se fundava es-  
ta Ley, se o Cisne, cantor de  
suas brancas exequias, he  
tam branco como a mesma  
neve? Porque por fõra tem as  
pennas brancas, & por dentro  
a carne negra: *Cujus pluma  
licet alba sint, & molles, caro  
tamen est dura, nervosa, & ni-  
gra.* Olhe para sy a brancura,  
& veja, se responde ao inte-

rior, ou se he hypocresia. O  
carvaõ cuberto de neve, nem  
porisso deixa de ser carvaõ:  
antes junto della he mais ne-  
gro. Porisso Christo Senhor  
nosso cõparava os Escribas,  
& Farisêos às sepulturas brã-  
queadas: *Va vobis scriba, &  
Pharisei hypocrita: quia simi-  
les estis sepulchris dealbatis.* E  
em que consistia a hypocresia  
daquellas sepulturas vivas?  
Em que a brancura de fõra  
lhe dava apparencias de fer-  
mosura, & por dentro estavaõ  
cheias de corrupçaõ, & hor-  
rores: *Qua à foris parent ho-  
minibus speciosa; intus verò  
plena sunt ossibus mortuorum,  
& omni spurcitiâ.* Vede ago-  
ra, se a Mãe de Deos para  
estimar mais os Brancos que  
os Pretos, se deixará enganar  
das apparencias, ou hypocre-  
sias da cor?

187 Là disse Deos a Sa-  
muel, que elle não era como  
os homês; porque os homês  
olhaõ para o rosto, & Deos  
para os coraçõs: *Homo videt  
ea, quae parent, Dominus autem  
intuetur cor.* Pois assim como  
nos olhos de Deos, assim tã-  
bem nos de sua Mãe, cada hu  
he da cor do seu coraçãõ. E

Matth.  
23. 27.

Ibidem.

Levit.  
11. 18.

Corne-  
lius ibi.

1. Reg.  
16. 7.

para

para que vejamos, quam pouco importa, para maior estimação da Senhora, a cor, ou apparencia do rosto, na Historia do nosso Thema o temos. Vendo Lia, que Rachel tinha filhos da sua Escrava Bila, quiz ella tambem ter filhos da sua Escrava Raspha: & parece, q̄ sem razão. Que Rachel vendose esteril, busque esta consolação, ou alivio à sua infecūdidade, perdaõ merece a sua dor: mas q̄ Lia achandose com quatro filhos legitimos de Jacob, os queira tambem ter da sua Escrava Raspha, appetite parece alheo de todo o bom juizo. Quanto mais, que as cores, & feições do rosto de Raspha eraõ tam pouco para estimar, como significa o seu proprio nome, que quer dizer, *Contemptum oris*, desprezo do rosto. Pois de huã Escrava, que na cara, & na cor trazia o proprio desprezo, quer Lia ter filhos? Sim. Porque entendéo, & esperou, que os filhos da Escrava, posto q̄ de tam desprezada cor, podiaõ fazer mais ditosa a sua casa, que os da mesma Senhora. E assim foi. Nascéo o

Tom. 6.

primeiro filho a Raspha, & pozlhe Lia por nome Felicidade, chamandolhe Dan: *Dixit feliciter: & appellavit nomen ejus Dan.* Nascéo o segundo filho à mesma Raspha, & pozlhe a mesma Lia por nome Bemaventurança, chamandolhe Aser: *Dixit: Hoc pro beatitudine mea: Beatam quippe me dicent mulieres. Propterea appellavit cum Aser.* Comparaime agora os quatro filhos de Lia Senhora, com os dous de Raspha Escrava, & Escrava de cor, & rosto tam desprezado. Os quatro filhos de Lia Senhora, eraõ Ruben, Simeao, Levi, & Judas: & destes quatro os primeiros tres foraõ amaldiçoados de teu Pay, & privados do morgado: & os dous de Raspha Escrava nasceraõ com tam differente estrella, q̄ o primeiro a fez felice, & o segundo bemaventurada entre as molheres: *Hoc pro beatitudine mea: Beatam quippe me dicent mulieres.* E parou aqui o encarecimento desta grande differença? Naõ. O que depois delle se seguiu dahi a muitos seculos, he a mais forte, & apertada conclusaõ,

com que se pô de rematar este ponto. Porque quando a Virgem Senhora nossa no seu Cântico disse, que pelo Filho, de q̄ Deos a tinha feito Mãy, lhe chamariaõ todas as gerações Bemaventurada, foi tomando da boca de Lia as mesmas palavras, com que ella se chamou bemaventurada pelos filhos da sua Escrava Ráspha. *Huc allusit Beata Virgo Deipara, cum cecinit: Beatam me dicent omnes generationes:* diz o doutíssimo Cornelio. E se a mesma Mãy de Deos medío os seus louvores pelos da Escrava Ráspha, desprezada pelo rosto, & pela cor, bem claramente se deixa ver, se pela differença das cores estimará mais os Brancos, & menos os Pretos.

Cornel.  
ibi.

## VIII.

188 **S**Oresta a ultima razão, ou semrazão, porque os Senhores desprezão os Escravos, que hea vilzeza, & miseria da sua fortuna. Oh Fortuna! E que mal considera a cegueira humana as voltas da tua roda? Virá

tempo, & não tardará muito, em que esta roda dé volta, & então se verá, qual he melhor fortuna, se a vil, & desprezada dos Escravos, ou a nobre, & hõrada dos Senhores. Muitas vezes tendes ouvido a Historia daquelle Rico sem nome, & do Pobre chamado Lazaro. O Rico vivia em Palacios dourados, & Lazaro ao Sol, & à chuva jazia na rua: o Rico vestia Purpuras, & Hollãdas, & Lazaro, se estava cuberto, era de chagas: o Rico banquetevase esplendidamente todos os dias, & Lazaro para matar a fome, não alcançava as migalhas, q̄ cahiaõ da sua mesa. Põde haver maior differença de fortunas? Todos os que passavão, & viaõ as delicias do Rico, envejavão a sua felicidade; & todos os q̄ não tinhaõ asco de pôr os olhos em Lazaro, tinhaõ compaixão da sua miseria. Senão quando chegou alli de repête a morte, deu hum pontapé na roda da Fortuna, & foi tal a volta em hum momento, que Lazaro se achou descançado no Seio de Abraham, & o Rico ardendo no Inferno. Clamava

va o triste por remedio, quãdo já não era tempo de remedio, & pedia huã gota de agua, a quem não tinha dado huã migalha de pão. Mas que resposta tiverão os seus clamores? Respondéolhe Abraham com este ultimo desengano, & tam justa, como tremenda sentença: *Fili, recordare, quia recepisti bona in vita tua, & Lazarus similiter mala: nunc autem hic consolatur, tu verò cruciaris*: Lembrete, filho, do outro tempo, & do outro mundo, & não estranharás, que na tua fortuna, & na de Lazaro, vejas huã tam grande mudança: tu na tua vida gozaste os bens, & Lazaro padecéo os males; agora tu padeces os males, & elle logra os bens: *Fili, recordare*. Oh se os Ricos, & os Lazaros, não esperáraõ pela outra vida, para se lembrarẽ do que agora são, & do que podem ser depois!

189 Digaõme os Ricos, quem foi este Rico, & os Pobres, quẽ foi este Lazaro? O Rico, foi o q̃ são hoje os q̃ se chamaõ Senhores: & Lazaro, foi o que são hoje os Pobres Escravos. Não são os

Senhores, os que vivem descançados, & em delicias, & os Escravos em perpetua afflicção, & trabalhos? Os Senhores vestindo Hollãdas, & rasgando sedas, & os Escravos nus, & despídos? Os Senhores em banquetes, & regalos; & os Escravos morrendo à fome? Que muito logo, que acabada a Comedia desta vida, a Fortuna troque as mãos, & que os que neste mudo logrãraõ os bens, no outro padeçaõ os males; & os que agora padecem os males, depois tambẽ elles vão lograr os bens? E se alguem me disser, que os Escravos, que nesta vida padecem os males, tambem tem peccados, & os Senhores, que lograõ os bẽs, tambem tẽ boas obras? Respondo, que taes podem ser as boas obras de hũs, & os muitos peccados dos outros, que huns, & outros sejaõ a exceiçaõ desta regra. Mas geralmente fallando, a sentença de Abraham he fundada no que ordinariamente succede. Dã a razãõ muito adequada S. Gregorio Papa: *Mala Lazari purgavit ignis inopia: bona Divitis remuneravit felicitas*,

D. Grez.  
Homil.  
40.

*transientis vita* Lazaro tam-  
bem teria alguns peccados,  
como tem os Escravos; mas  
esses purgáraõse pela sua po-  
breza, pela sua miseria, pelos  
seus trabalhos: & o Rico  
tambem teria algũas boas o-  
bras, como hoje tem os Se-  
nhores; mas essas pagoulhas  
Deos com os bens, que lo-  
graõ nesta vida. Desorte, que  
os Ricos, & os Senhores tem  
nesta vida o seu Paraíso, & os  
Lazaros, & os Escravos, o seu  
Purgatorio. Enõberbeçaõse  
agora os Senhores com a sua  
fortuna, & desprezem a dos  
seus Escravos.

190 Qual destas fortu-  
nas haja de ter mais de sua  
parte o favor, & amparo da  
Virgẽ Senhora nossa, a mes-  
ma Senhora o declarou ca-  
nora, & canonicamente, quã-  
do disse: *Dispersit superbos*  
*mente cordis sui. Deposuit po-*  
*tentes de sede, & exaltavit hu-*  
*miles. Esurientes implevit bo-*  
*nis: & divites dimisit inanes.*  
A razãõ manifesta desta dif-  
ferença, & que não tem re-  
plica, he: porque a Virgem  
Maria he Mãe de Misericor-  
dia: o objecto da Misericor-  
dia he a miseria: logo para a

parte da miseria, & dos que  
a padecẽ, ha de propender a  
Mãe da Misericordia. Cada-  
hum dos outros dous pontos  
provámolos com Deos, com  
o Filho de Deos, & com a  
mesma Mãe de Deos: & tam-  
bẽ o faremos neste; mas bre-  
vissimamente, pois não per-  
mitte mais o tempo.

191 Peccou o Anjo no  
Ceo, & o Homem no Paraí-  
so: & que resolvéo Deos nes-  
tes dous casos tam semelhan-  
tes? Aos Homẽs remio, & aos  
Anjos não: Aos Homẽs, co-  
mo diz Zacharias, abrio as  
entranhas de sua misericor-  
dia, & com os Anjos execu-  
tou toda a severidade de sua  
justiça. Pois se os Anjos saõ  
as mais nobres de todas as  
criaturas, & os Homẽs for-  
mados de barro: os Anjos de  
tam sublime entendimento,  
& os Homẽs ignorantes: os  
Anjos por natureza immor-  
taes, & os Homẽs sogetos a  
todas as misérias da mortali-  
dade: Porque se compadecéo  
Deos da cahida dos Homẽs,  
& não reparou a ruina dos  
Anjos? Porisso mesmo. Porq̃  
a vilieza, a ignorãcia, & a mi-  
seria estava tã da parte dos  
Ho-

Luc. I.  
51. 52.  
53.

Homēs, como cã da parte dos Escravos, & para onde carregou o pezo da miseria, para alli inclinou a balança da misericordia: *Propter misericordiam inopum, & gemitũ pauperum, nunc exurgam, dicit Dominus.* Isto he o que fez Deos Padre sem perdoar ao Sangue de seu proprio Filho.

192 E o Filho do mesmo Deos, que fez? Elle (bem-dito seja) o escreveu com a penna do Profeta Isaias: *Spiritus Domini super me, cõ quod unxerit Dominus me.* O Filho de Deos feito Homẽ he Christo, que quer dizer Ungido: & diz que o ungio o Espirito do mesmo Deos: & para que?

*Ut mederer contritis corde, & predicarem captivis indulgentiam, ut consolarer omnes lugentes:* para remediar, para livrar, para consolar a todos os affigidos, a todos os cativos, & a todos os que choraõ suas miserias. Bem estã. Mas os que não tem miserias, nem trabalhos, nem cativeiros, nẽ afflicções que chorar, não veyo o Filho de Deos ao mudo tambem para elles? Sim veyo: mas como o seu Espirito he de piedade, de cõpai-

xaõ, & de misericordia, os tristes, os affigidos, os cativos, & os miseraveis, saõ os q̃ mais lhe movem, & levãõ o coração, como se sõ para elles viera. E se esta he a inclinação, & propensaõ do Filho de Deos, qual podemos considerar, que será a da Mãy do mesmo Filho?

193 Gerson, aquelle famoso Cancellario de Pariz, mais Santo ainda que Politico, diz, que a Mãy de Deos se chama Mãy de misericordia; porque he propriedade particular, que a Senhora tomou para sy, favorecer os miseraveis: *Maria Mater ideo dicitur misericordia, quia quodammodo sibi proprium est misereri miseris.* E acrescenta, que a figura, que a elle lhe parece mais propria desta misericordia da Virgem Maria, he, a que pintou o Poeta Estacio na descripção do Templo, q̃ os Athenienses dedicãõ à mesma Misericordia: *Tu ipsa Idem. es verum Templum Misericordiae in Templo Misericordiae figuratũ, de quo loquitur Statius Poeta.* E que diz Estacio? Diz, que naquelle Templo poz seu assento a Cle-

M 3 mencia,

*Psalm.*  
11.6.

*Isai. 61.*  
5.

*Ibid. 1.*  
3.

*Gerson*  
*tract.*  
6. *in*  
*Magn.*

Suavius  
The-  
baid.  
12.

mencia, & que os miseraveis  
saõ, os que lho consagrãõ:  
————— *Posuit Clementia*

*sedem,*  
*Et miseri fecere sacram.*

Diz mais, que de dia, & de  
noite tem as portas abertas,  
& que as queixas, & periçoẽs  
de todos os que a elle con-  
correm, saõ ouvidas:

*Auditi quicumque rogant, no-*  
*etesque, diesque*  
*ire datum, & solis Numen pla-*  
*care querelis.*

Diz mais, que naõ se vem alli  
fumos de incenso, nem san-  
gue de viçimas, porque os sa-  
crificios, que se offerecem,  
saõ sòmente lagrimas, & ge-  
midos:

————— *Non thurea flam-*  
*ma, nec altus*  
*Accipitur sanguis, lachry-*  
*mis altaria sudant.*

Finalmente conclue, que o  
Templo da Misericordia estã  
sempre cheio de pobres, &  
miseraveis, todos tremendo:  
& que sãõ os felices, & bem a-  
fortunados naõ conhecem a-  
quelles Altars:

*Semper habet trepidos, semper*  
*locus horret egenis*  
*Cætibus, ignota tantum felici-*  
*buss ara.*

Oh se os que se tem por feli-  
ces, & bem afortunados, repa-  
rassem bẽ nesta ultima clau-  
sula! Os miseraveis saõ, os q̃  
consagrãõ o Templo à Mi-  
sericordia: os miseraveis, os  
que tem nelle sempre as por-  
tas abertas: os miseraveis, os  
que alli offerecem seus gemi-  
dos, & sacrificãõ suas lagri-  
mas: os miseraveis, saõ aquel-  
les, cujas queixas, & depreca-  
çoẽs sempre saõ ouvidas; &  
sãõ os felices, & bem afortu-  
nados, os que naõ saõ admit-  
tidos áquelles Altars, nem  
os conhecem: *Ignota tantum*  
*felicibus ara.*

194 Tal he, Senhores,  
os que assim vos chamais, a  
vossa fortuna, & tal a q̃ des-  
prezais nos vossos Escravos:  
elles por miseraveis tem sem-  
pre abertas as portas da Mi-  
sericordia da Mãe de Deos,  
& abertos, & promptos a suas  
queixas seus piedosos ouvi-  
dos: & vós cõ as vossas for-  
tunas, pôde ser, que nem ou-  
vidos, nem conhecidos seiais  
em seus Altars. E se me dis-  
serdes, que isto saõ encareci-  
mentos poeticos; praza a  
Deos, que o exprimenteis as-  
sim, quando a morte der a vol-  
ta

ta à roda da Fortuna. Mas Eu tenho outra figura mais verdadeira que a de Estacio, & outra applicação mais certa que a de Gerson, a qual tam admiravel, como temerosamente, concorda com ella. A passagem do Egypto para a Terra de Promissão significa a deste Mudo para o Ceo: os filhos de Israel todos eraõ Escravos dos Egyptios: Faráó, & os Egyptios eraõ os Senhores destes Escravos: & na passagem do Mar Vermelho, qual foi o successo? Os Senhores, todos ficaraõ afogados; os Escravos, todos passaraõ a salvamento: & quem celebrou este triunfo, foi Maria irmã de Moysés, figura da Virgem Maria. Eu confesso, q̃ não reconheço nos Escravos geralmente taes virtudes, às quaes se possa prometter huã segunda fortuna tam notavel como esta; mas tambem sei, que he tam poderosa a misericordia da Mãe de Deos, que compadecida das misérias, que elles padecem em toda a vida, lhe pôde converter as mesmas misérias em virtudes. E para que tambem neste ultimo ponto nos naõ

falte a Historia do nosso Thema, ouçamos o q̃ ella nos diz. 195 O primeiro nos confirmaraõ os dous filhos de Bala Escrava de Rachel: o segundo os dous filhos de Raípha Escrava de Lia: & este ultimo nos confirmaraõ todos quatro. Chegado à hora da morte Jacob, lançou a benção a todos os seus filhos, a qual benção juntamente foi profecia do que elles haviaõ de ser. E se bem notarmos a benção, & profecia de cada hum, acharemos, que nestes quatro filhos das Escravas repartio Deos aquellas quatro virtudes, a que os Filosofos chamaõ Moraes, porque compoẽ os costumes; & os Theologos, Cardeaes; porque saõ os quatro pólos, de que depende toda a vida racional, & felicidade humana. *In his* D. Greg.  
*quatuor virtutibus tota boni*  
*operis instructura consurgit:* Moral.  
 diz S. Gregorio Papa. A primeira he a Prudencia, & esta coube a Nephtali: *Nephtali* Genes,  
*cervus emissus, & dans eloquia* 49. 2. I.  
*pulchritudinis.* A segunda he a Justiça, & esta coube a Dan: *Dan* *judicabit.* A terceira he a Fortaleza, & esta coube a 16.

*Ibid.* 19 Gad: *Gad accinētus praelibitur.* A quarta, & ultima he a Temperança, & esta coube a

*Ibid.* 20 Afer: *Afer pinguis panis ejus.*

Comparaimo agora aquelles filhos das Senhoras com estes das Escravas: & naquelles achareis imprudencias, & ignorancias, nestes a Prudencia: naquelles injustiças, & tyrannias, nestes a Justiça: naquelles fraquezas, & inconstancias, nestes a Fortaleza: naquelles intemperanças, & graves excessos, nestes a Temperança. Não ha duvida, que o Senhorio, & liberdade he mais aparelhada para os vicios, & a obediencia, & sujeição mais disposta para as virtudes. E se aquella he a condição, & fortuna dos Senhores, & esta a dos Escravos; por certo, que se alguns Irmãos se deviaõ desprezar da Irmandade dos outros, antes haviaõ de ser os filhos de Bala, & Respha, que os de Rachel, & Lia. Porisso o Evangelista, não só não distinguio os irmãos por esta differença, mas igualmente contou os da fortuna mais baixa, que eraõ os Escravos, com os da mais nobre, & mais alta, qual era a

Real de Judas: *Judam, & fratres ejus.*

## IX.

196 **T**Emos visto como os motivos, ou semrazões, porque os Senhores desestimaõ, & desprezaõ o nome, a cor, & a fortuna de seus Escravos, saõ as mesmas razões, porque a Virgem Senhora nossa mais os estima, favorece, & ama. E pois o mesmo desprezo entre os desprezadores, & desprezados, foi causa da separação de hũs, & outros, dividindose Brancos, & Pretos em duas Irmãdades do Rosario; muito temo, que a mesma Senhora em castigo deste agravo da natureza, & seu, tenha approvado a mesma separação, & que nella fiquem de peor partido os Brancos. No Capitulo Quarto dos Canticos diz o Autor delles Salamaõ, que a Virgem Maria foi ao seu jardim, & mandou ao vento Aquilo, que se apartasse delle, & ao vento Austro, que viesse, para que o mesmo jardim exhalasse com maior abundancia a fragancia, & sua.

suavidade de seus aromas: *Surge Aquilo, & veni Auster, perfla hortum meum, & fluant aromata.* O jardim da Virgẽ Maria já se sabe, que he o seu Rosario: & tambem não he difficultoso entender quaes sejaõ neste Texto os dous ṽetos, Aquilo, & Austro. Na Sagrada Escritura pelos quatro Ṽetos principaes se entendẽ as quatro partes do mundo, & pelas mesmas partes, ou regioẽs do mundo, os habitadores dellas. Quem saõ pois os habitadores do Aquilo, & quem os do Austro? Não ha duvida, que os do Aquilo, q̃ he o Norte, saõ os Europeos mais Brancos de todos: & os do Austro, que em respeito da Palestina era a Ethiopia, saõ os Ethiopes, & os Pretos, que porisso a Rainha Sabá no Evangelho se chama *Regina Austri*. Diremos logo, que a mesma Senhora do Rosario manda separar delle os Brãcos, & admite, & chama os Pretos? E mais a fim de lhe communicar com maior abundancia os seus aromas, isto he, a suavidade de seus favores, & graças? Verdadeiramente o sentido mais com-

mum, & literal do Texto, assim o significa. E não seria maravilha, que a Mãe de misericordia, que tanto favorece os miseraveis, fizesse esta justiça. Como se dissera: Já que vós (ó Brancos) tanto desprezais o nome de Escravos, tendome Eu chamado Escrava, & tanto abateis a cor preta, tendome Eu honrado da mesma cor, & tam pouco vos compadeceis da fortuna dos miseraveis, sendo Eu sua Protecçõra; venhaõ os miseraveis, venhaõ os Escravos, venhaõ os Pretos, para o jardim do meu Rosario, & separemse delle os Brancos.

197 Isto he o que significa naturalmente, & com grãde propriedade o Texto no primeiro, & mais communi sentir dos Interpretes. Mas porque Bêda, Cassiodoro, Justo Urgelitano, Aponio, Ruperto, & outros, dizem, q̃ nas palavras, *Surge Aquilo, & veni Auster*, igualmente se chama o Austro, & se esperta o Aquilo, a que cada hum segundo suas calidades com o calor, & movimento das Rosas excitem nellas maior fragancia:

Cant. 4.  
16.

Matth.  
12. 42.

Beda.  
Cassiod.  
Iustur  
Urgel.  
Aponius.  
Rupert.  
& alij  
ibi.

gancia: seguindo este segun-  
do fêrido mais cõforme à be-  
nignidade universal da Mãe  
de misericordia, que a nenhũ  
exclue, & a todos abraça; digo  
por ultima conclusãõ , que  
assim aos Brancos, significa-  
dos no Aquilo, como aos  
Pretos, no Austro, a huns, &  
outros convida , & excita a  
Senhora , a que venhaõ ao  
seu jardim do Rosario, pos-  
to que de partes oppostas : &  
que essa mesma opposiçãõ sir-  
va sô de contenderem entre  
sy, a quem com maior affecto,  
devaçãõ, & fervor, se ha de  
esmerar em seu serviço. Lã  
disse S. Paulo, que dividio  
Deos o genero humano em  
dous Povos, Gentilico, & Ju-  
daico, para que o Gentio por  
emulaçãõ do Hebréo, & o  
Hebréo por emulaçãõ do  
Gentio, se animassem, & pro-  
vocassem reciprocãmẽte, nãõ  
sõ a receber, & conservar a

Rom. Io.  
19.

Fé do verdadeiro Deos, mas  
a se vencer à portia no exer-  
cicio mais perfeito da Reli-  
giãõ, & Culto Divino. Seja  
este pois o fim desta separa-  
çãõ de Irmandades entre Brã-  
cos, & Pretos Os Brancos, &  
Senhores, nãõ se deixem ven-  
cer dos Pretos, que seria grã-  
de afronta da sua devaçãõ: os  
Pretos, & Escravos procurem  
de tal maneira imitar os Brã-  
cos, & os Senhores, q̃ de ne-  
nhum modo consintãõ ser  
vencidos delles. E desta sorte,  
procedendo todos como fi-  
lhos igualmente da Mãe de  
Deos, posto que diferentes  
na cor, nãõ sô conservarãõ  
a Irmandade natural, em que  
Deos os criou, mas alcança-  
rãõ a sobrenatural, & adop-  
tiva de seu Filho, Herdeiro  
emquanto Homem do Cetro  
de Juda: *Iudam, & fratres  
ejus.*

FINIS.

SER-



# S E R M A M

## X X I.

*Beatus venter, qui te portavit. Luc. II.*

I.

198



**TITULO**  
de que mais  
se gloria, &  
de que mais

se deve gloriar a Virgẽ Maria Senhora nossa, he o que lhe dá a Igreja, de Mãy admiravel, *Mater admirabilis*. Assim o revelou já a mesma Senhora. E se examinarmos profundamente os fundamentos deste gloriosissimo titulo, que maior admiração huã vez, que ser huã molher Mãy, & Virgem? Que maior admiração outra vez, que ser Filho desta molher o mesmo Filho de Deos? E que maior admiração, outra, & mil ve-

zes, que o mesmo Filho, que eternamente he concebido, & gerado na Mente do Pay, seja tambem concebido temporalmente, & gerado no Ventre da Mãy? Isto he o q̃ quer dizer: *Beatus venter, qui te* Luc. II  
*portavit.* E quer dizer mais <sup>27.</sup>  
alguã cousa? Sim quer, mas não pôde. Descrevendo S. João Evangelista a geração eterna do Filho de Deos, he reparo digno de summa observação, que ao Filho tres vezes lhe chamou Verbo, & nunca lhe chamou Filho: & ao Padre tres vezes lhe chamou Deos, & nunca lhe chamou Padre. Cõrai bem huãs, & outras: *In principio erat* Ioan. I.  
*Verbum: & Verbum erat apud*  
*Deum:*

*Deum: & Deus erat Verbum. Hoc erat in principio apud Deū.* Pois se o Verbo he Filho de Deos Padre, & o Padre he Pay do Verbo: o Verbo porq̃ se não chama Filho, & o Padre porq̃ se não chama Pay? Aqui fica suspensa a admiração no principio do Evangelho, mas no fim delle ainda se suspende mais: *Verbum caro factum est: fez se o Verbo Homem: Et vidimus gloriam eius quasi Unigeniti à Patre: & vimos a sua gloria como de Filho Unigenito do Padre.* Pois agora depois que o Verbo se fez Homem, já Deos se chama Pay, & já o Verbo se chama Filho, *Unigeniti à Patre?* Assim o escreveu, & diz o Evangelista, que voou mais alto que todos. Deforte, que antes de o Verbo ser Filho de Maria, nem o Verbo no Evangelho se chama Filho de Deos, nẽ Deos se chama Pay do Verbo; mas tanto que Maria foi sua Mãy, logo o Filho se chamou Filho, & o Pay se chamou Pay: como se a geração eterna, & passiva do Filho, esperára pela geração da Mãy, para se denominar Filho; ou a geração eter-

na, & activa do Pay esperára pela correlação da Mãy, para se denominar Pay. Isto porém nem he, nem pôde ser. E nin- guẽ houve até hoje que alcançasse o mysterio, nem achasse o fundo ao modo tam exquisito desta narraçãõ. O devello dos Interpretes, o estudo dos Theologos, & a curiosa especulaçãõ dos mais agudos, & tenazes Engenhos, toda se cança, toda se léca, toda se suspende, & não tira de quanto cuida, ou discorre neste reparo, mais que a summa admiraçãõ. Mas esta mesma admiraçãõ para comigo, se não he todo o mysterio, ao menos he grande parte delle, para que assim se conheça cõ assombro, quam altamente quadra à Maternidade da Virgem Maria o gloriosissimo titulo de Mãy admiravel. Admiravel em sy, admiravel no Filho, & sobre todos os limites da admiraçãõ, até no mesmo Pay, admiravel; pois antes de a Mãy de seu Filho ser Mãy, não quiz elle que o Evangelista lhe chamasse Pay. E já pôde ser, que essa foi a razaõ porq̃ a Oradora do Evangelho no seu breve

*Ibidem:*  
14.

breve Panegirico não disse, Bemaventurado o Pay de tal Filho, senão que todo o louvor do Filho referio, & applicou à Mãy: *Beatus Venter, qui te portavit.*

199 Isto he o que diz o Evangelho. Mas com dizer tanto, parece, que não diz cõ o que Eu tenho obrigação de dizer. A minha obrigação hoje he prégar do Rosario, q foi o segundo parto da Virgem Senhora nossa. E comparando hum parto com outro parto, que posso Eu dizer? Se posso; digo, que se a Mãy de Deos foi Mãy admiravel, porque concebéo o Verbo, não foi menos admiravel, porque concebéo o Rosario. Isto digo, se posso dizer tanto. E se posso dizer mais; digo, que mais admiravel foi a Senhora em conceber o Rosario, que em conceber o Verbo. Para examinar estas duas possibilidades, ou estes dous impossiveis; peçamos à mesma Senhora do Rosario nos alcance a Graça. *Ave Maria, &c.*

## II

200 **D**UAS cousas podem parecer estranhas, & quãdo menos, duvidosas no Assumpto, que propuz: huã como muito nova, & outra como totalmente impossivel. A primeira, & muito nova, chamar ao Rosario segundo parto da Virgem Senhora nossa. A segunda, & totalmente impossivel, admitir, ou pôr em questã, que pôde haver outro parto mais admiravel q o do Verbo. Mas ambas estas supposições não sã as temos fundadas, senão provadas no nosso Evangelho.

201 Quando a mulher, que levãtou a voz, disse, *Beatus Venter, qui te portavit*, canonizando por Bemaventurada a Mãy, que trouxe em suas entranhas a Christo, cõ quem fallava; respondéo o mesmo Senhor: *Quinto Luc. 32. Beati, qui audiunt verbũ Dei, & custodiant illud:* antes te digo, que mais bemaventurados sã, os que ouvem a palavra de Deos, & a guardaõ. Mais bemaventurados, diz Christo,

Christo, & mais bemaventurados, quando se falla da Mãy, que o cõcebéo, & trouxe dentro em suas entranhas: *Beatus Venter, quate portavit?* Sim. Logo tomada a Maternidade da Virgem Santissima precifamente, emquanto como Mãy natural concebéo em suas purissimas entranhas o Verbo Eterno; bem pôde haver outra prerogativa na mesma Senhora, q̄ seja mais excellente, & maior, & porisso mais admiravel. Assim o dizem commumente os Santos Padres, & o concedem, & ensinaõ todos os Theologos sem discrepância. Desorte, que aquella supposiçãõ, que parecia impossivel, naõ sô se colhe das palavras de Christo com evidência Theologica, mas he dogma infallivel com certeza de Fé.

202 Quãto à outra supposiçãõ de chamar ao Rosario segundo parto da mesma Virgem, que pela novidade, ou estranheza do nome parecia difficultosa; examinando os mesmos Theologos a razãõ, & fundamento das palavras de Christo, *Quinimo beati, qui audiunt verbum Dei, te-*

solvẽ duas cousas: a primeira, que nellas naõ excluio o Senhor a sua Mãy. A segunda, que antes lhe acrescentou outro segundo, & maior louvor, outra segunda, & maior excellencia, outra segunda, & maior bemaventurança. E qual he? He, que naõ sô concebéo a Senhora o Verbo Eterno no Ventre, como disse a molher do Evangelho, se naõ tambem na Mente: & conceber a Deos na Mente, foi muito maior felicidade, & muito maior bemaventurança, q̄ concebello no Ventre. *Beatior fuit Maria concipiendi Mente, quam Ventre:* diz São Agustinho, & cõ elle toda a Theologia. Demaneira, que a Virgem Maria cõcebéo, & pario o Verbo por dous modos de conceiçãõ, & de parto, naõ sô diversos, mas hum mais excellente que outro; hum corporal no Ventre, & outro intellectual na Mente: & este segundo foi o modo, com que a mesma Senhora primeiro concebéo, & depois sahio a luz com o parto do Rosario. Toda a materia do Rosario naõ he outra que o mesmo Verbo Encarnado, naõ

Augu-  
stinus  
ibi.

naõ em huã sò acção, ou My-  
sterio, senão em todos os de  
sua Vida, Morte, & Resurrei-  
ção. A idéa, com que a Virgẽ  
os concebéo, & comprehen-  
deo todos, & os ordenou, &  
dispoz na Mente, foi a con-  
ceição: & a luz por tantos se-  
culos escondida, com que fi-  
nalmente os manifestou ao  
mundo para tanto bem do  
mesmo mundo, foi o felicis-  
simo parto do Rosario.

203 Tirados pois estes  
dous escrúpulos, & sossega-  
do o reparo, ou admiração  
delles com as duas supposi-  
ções certas, & literaes do nos-  
so mesmo Evangelho; passe-  
mos à comparação de hum,  
& outro parto, & vejamos  
em qual delles foi a Senhora  
mais admiravel Mãe, se no  
parto, com que concebéo o  
Verbo, ou no parto, com que  
concebéo o Rosario.

## III

204 **E** Começando pela  
diferença de San-  
to Agostinho, ou pela justa  
preferencia, com que elle an-  
tepoem o parto da Mente ao  
do Vêtre; não ha duvida, que

nesta cõsideração excede co-  
nhedamênte o parto do Ro-  
sario ao do Verbo, quanto  
vay da Alma ao corpo. E naõ  
sõ, porque a cõceição do Ro-  
sario foi intellectual na Mãe  
da Virgẽ, & a do Verbo, cor-  
poral no Vêtre Sacratissimo:  
mas porque mais? Porque  
na cõceição, & parto do Ver-  
bo foi a Senhora semelhante  
às outras mãs: & na concei-  
ção, & parto do Rosario, foi  
semelhante ao Eterno Padre?

Quando o Anjo disse à Vir-  
gem, que conceberia em suas  
entranhas, & pariria hum Fi-  
lho, ao qual chamaria Jesu:  
*Ecce concipies in utero, & pa-* Luc. I.  
*ries Filium: & vocabis nomen* 31.

*ejus Iesum:* foi em prova, &  
confirmação do que o mes-  
mo Anjo acabava de dizer,  
que a Senhora seria Bemditta  
entre as molheres: *Benedicta. Ibidem*  
*tu in mulieribus.* Mas se esta 28.

benção era tam singular, &  
inaudita, & tam infinitamen-  
te superior à de todas as mo-  
lheres, que o Filho havia de  
ser Deos, & a Mãe Virgem;  
porque a naõ encarece o An-  
jo com os excessos da alteza,  
& maravilha, que a materia  
merecia, & sòmente diz, que  
seria

seria Bemditta entre as mulheres: *In mulieribus?* Porque ainda que aquella cõceiçãõ, & aq uelle parto foi milagroso, & o maior de todos os milagres: comtudo como foi parto do Ventre, posto que virginal, *Ecce concipies in utero;* sempre a Senhora ficou dentro da esfera das outras mulheres, & das outras mães: & assim era necessario, para que fosse Mãy natural, & verdadeira Mãy do Filho de Deos. E este foi o modo, com que a Virgẽ foi Mãy no Mysterio da Encarnaçãõ do Verbo. Porém no Rosario, & seus Mysterios não foi Mãy como as outras mulheres sãõ mães, senãõ Mãy como o Eterno Padre he Pay; porque concebéo o mesmo Verbo Encarnado, não no Ventre, senãõ na Mente. O modo, cõ que o Eterno Padre gera o Verbo, & a razãõ porque o Verbo he Filho, & o Espirito Sãto não, he, porque o Padre o concebe na Mente, como imagem de sua propria substancia. E assim como o Verbo antes, & depois de encarnar, sempre he parto do entendimento do l'ay, assim

depois de encarnado, concebido no Rosario, he parto do entendimento da Mãy. Na Encarnaçãõ como parto das outras mães, no Rosario como parto do mesmo Padre.

205 Daqui se entenderá a razãõ, & o conselho altissimo, porque o mesmo Padre antes da Encarnaçãõ do Verbo a mandou anunciar à Virgem cõ huã tam solenne embaixada. Assim como Deos formou a Eva do lado de Adam sem consentimento seu, nem ainda sentimento, porque estava dormindo, pelo mesmo modo pudéra tirar das purissimas entranhas da Virgem Maria a nova tela da Humanidade, de que queria vestir a seu Filho: & sem fazer agravo como Supremo Senhor à mesma Mãy, a qual quando a deu, se confessou por Escrava. Pois porque o não ordenou assim Deos, mas quiz q̄ primeiro fosse a Virgem informada, não sò da substancia da Encarnaçãõ do Verbo, senãõ de todas as circunstancias della, & que a mesma Senhora antes de dar seu consentimento as examinasse, & inquirisse: *Quomodo* Luc. 1.  
fics 34.

fiet istud? A razão altíssima foi, porque quiz Deos, que a Mãe de seu Filho fosse semelhante a seu proprio Pay. E assim como a geração, & parto do Verbo se concebe na Mente do Padre, assim a Mãe antes de o conceber no Ventre, o concebesse também na Mente. He advertencia singular de S. Bernardino sobre

na Mente já encarnado, nascido, morto, & resuscitado, para formar o Rosario.

206 Oh Entendimento altíssimo, ó Mente soberana de Maria, que bem disse de vossas idéas com dourada eloquência Chryfologo: *Quis sit Deus, satis ignorat ille, qui hujus Virginis Mente non stupet, animum non miratur.*

Chrysol.  
Serm.  
140.

Quer dizer, que quem não admira, & pasma do Entendimento, & Mente de Maria, não conhece bastantemente a Deos. Conhecelloha como Criador do mundo, como só era conhecido antigamente, mas não o conhece como Pay do Verbo, Filho igual a sy mesmo em tudo: o qual na Mente concebe, & na Mente gera. Porém quem chegou a conhecer, & admirar a Mente de Maria, esse conhecéo perfeitamente a Deos, não só como Criador do mundo, senão como Pay do Verbo; porque assim o Pay, como a Mãe, ambos concebem na Mente o mesmo Filho.

207 E pois fallamos em Deos como Criador, & como Pay; dous partes reconhece a Fé em Deos, hum ad

as palavras *Fiat mihi secundum verbum tuum* da mesma Virgem: *Quod in aure mea factum est per Angelicam salutationem, & in Mente mea per Fidei conceptionem: fiat mihi, id est, in Utero meo, per Divini Verbi incarnationem.* Desorte, que antes de se obrar a Encarnação do Verbo no Sacrario Virginal do Ventre Santissimo, já a mesma Mãe por modo semelhãte ao Pay, o tinha concebido todo no interior da Mente: *In Mente mea per Fidei conceptionem.* Pois assim como a Virgem antes da Encarnação do Verbo cõcebéo na Mente o mesmo Verbo, & havia de encarnar, & nascer de suas entranhas, para se parecer com o Padre: assim depois da Encarnação o concebéo também

*intra* emquanto Pay, que he o Verbo, & outro *ad extra* emquanto Criador, que he o mundo. E a mesma differença de partos com verdadeira propriedade podemos, & devemos considerar na Virgem Santissima. O parto *ad intra* foi o do Verbo Encarnado, q̄ concebéo dentro em suas entranhas, & o parto *ad extra* foi o Rosario, com que depois de concebido na Mente, sahio em seu tempo à luz do mundo. E se este segūdo parto, por ser concebido na Mente, foi mais admiravel que o primeiro, tambem considero Eu, & naõ duvido dizer, que foi mais admiravel que o segūdo parto de Deos na criação do Universo. E porque? Porque na criação do Universo, Deos foi o Artifice, a materia o nada, & a fôrma as criaturas: porẽm na instituição do Rosario, o Artifice foi a Virgem, a fôrma foi o Rosario, & a materia Deos. A materia Deos, torno a dizer; porque Deos humanado em todas suas açõs, & Mysterios, saõ a materia, de que se fôrma o Rosario. Naõ se pôde dizer aqui, *Materiam sup-*

*rabat opus*: mas pôde se affirmar do Rosario, o que S. Jeronimo disse da soberana Authora delle: *Si formam Deite appellem, digna existis*: porque Deos he a materia, & o Rosario a fôrma.

## III.

208 **A** Segunda razaõ, ou excellência, porque foi mais admiravel o parto do Rosario que o do Verbo, he, porque na Encarnação concebéo a Virgem o Verbo na terra, no Rosario concebéo o no Ceo. O parto do Verbo na Encarnação foi parto de Maria chea de graça, o parto do mesmo Verbo no Rosario foi parto de Maria chea de gloria. Muito diz esta grande proposição, mas ainda suppoem mais do que diz. Suppoem, que a Virgem Senhora nossa ainda no Ceo gera a seu Filho: mas isto (dirão os Doutos, & Doutissimos) como pôde ser? Primeiro diremos, que pôde, & depois declararemos como. Santo Illesonso fallando da Encarnação, disse huã sentença, que todos os Doutores ad-

admiraõ, & cor fellaõ, que  
naõ entendem. As palavras  
laõ estas: *In praterito munda*  
*Deo, in presenti plena Homi-*  
*ne, & Deo, in futuro generans*  
*Hominem, & Deum.* No passa-  
do antes da Encarnaçaõ esta-  
va Maria pura para Deos:  
*In praterito munda Deo:* no  
presente da Encarnaçaõ este-  
ve chea do Homem Deos:  
*In presenti plena Homine, &*  
*Deo:* & no futuro depois da  
Encarnaçaõ está gerando ao  
mesmo Homem, & Deos: *In*  
*futuro generans Hominem, &*  
*Deum.* O mesmo tinha já dit-  
to Santo Athanasio, cujas pa-  
lavras logo citarei. Mas co-  
mo pôde isto ser? Pôde ser,  
& he na Mãy, como sempre  
foi, & he, & será no Pay. O  
Eterno Padre naõ sô gerou  
ao Eterno Verbo seu Filho,  
mas sempre o está gerando.  
Assim o diz elle mesmo: *Fi-*  
*lius meus es tu: ego hodie genui*  
*te:* Vós sois meu Filho, ao  
qual Eu hoje, & ab eterno ge-  
rei, & sempre, & por toda a  
Eternidade estarei gerando.  
E isto que faz, & fez sem prin-  
cipio, & fará sem fim a Men-  
te do Padre, isto he o que tã-  
bem fez depois da Encarna-

çaõ, & faz hoje, & fará por to-  
da a Eternidade a Mente da  
Mãy: *In futuro generans Deū,*  
*& Hominem.* Agora entraõ  
em seu lugar as palavras, tam-  
bem difficultosas, & naõ en-  
tendidas, do grande Athana-  
sio, o qual sobre as do An-  
jo, *Virtus Altissimi obumbrat*  
*tibi*, acrescenta assim: 35.  
*Quam virtutem per omnia*  
*tempora conceptus eam habuif-*  
*se confido, & post conceptum e-*  
*tiam retinuisse: nec enim id*  
*temporarium in Virgine acci-*  
*diffe opinor, sed per omnia tē-*  
*pora hoc illi datū fuisse, quem*  
*admodum nunc in presentia,*  
*& in aeternum usque, habet*  
*hac Virgo.* Naõ se pudéra di-  
zer, nẽ mais clara, nem mais  
illustremente. E como a Mẽ-  
te da Virgem Mãy com glo-  
riosa emulaçaõ, & imitaçaõ  
do Pay depois de concebido,  
& encarnado o Verbo na ter-  
ra, sempre o está concében-  
do, & gerando no Ceo; desta  
continuada geraçaõ foi se-  
gundo, & novo, & mais ad-  
miravel parto o do Rosario,  
com que depois de estar no  
Ceo tantos seculos, final-  
mente sahio à luz.

209 - Vamos agora à Es-  
critura,

Udefon-  
sus de  
Virgi-  
nit. cap.  
10.

Psal. 27.

Luc. I.  
35.

Atha-  
nas. Sermon.  
de Dei-  
para.

Adde  
Lacer-  
dam E-  
piscop.  
Alme-  
riesen,  
qui se-  
quutus  
eodem  
P. &  
Ambros.  
Post-  
quam,  
inquit,  
Verbū  
genuit  
in car-  
ne Ma-  
ria, nō  
cessavit  
gignere  
mente,  
& quasi  
repetit  
cum  
factum  
educere,  
a-

eervũ-  
 que ef-  
 fecit  
 gemi-  
 natis  
 vicibus  
 produ-  
 ctionis,  
 quòd  
 granũ  
 in utero  
 gene-  
 ravit.  
 Apocal.  
 12.1.

Ibidem.  
 2. & 5.

critura, & ella nos dirá como  
 foi mais admiravel este se-  
 gundo parto: *Signum mag-  
 num apparuit in celo: Mulier  
 amicta Sole.* Diz S. Joã nas  
 Revelaçõs do seu Apoca-  
 lypse, que vio hum grande  
 sinal, & hum grande milagre  
 no Ceo, o qual era huã Mo-  
 lher vestida do Sol com todo  
 o outro aparato, & ornato  
 de luzes, que tantas vezes  
 ouvistes: Vay por diante, &  
 diz, que esta mesma Molher  
 no Ceo com grandes dores,  
 & clamores parira huã Filho  
 dominador do mundo: *Et  
 in utero habens, clamabat par-  
 turient, & cruciabat ut pa-  
 riat. Et peperit filium masculũ,  
 qui rectorus erat omnes Gen-  
 tes.* Esta Molher vestida de  
 Sol he a Virgem Maria, o Fi-  
 lho dominador do mundo  
 he Christo, de que ninguem  
 duvida. Mas se a Senhora cõ-  
 cebéo, & pario este Filho na  
 terra, como vio S. Joã tanto  
 depois, que o havia de parir,  
 & pario no Ceo? Porque estes  
 sãõ os dous partos da Virgẽ  
 Santissima, de que himos fal-  
 lando. Hum parto na terra, q̃  
 foi concebido em Nazareth,  
 & nascéo em Belem, que he

o parto do Verbo Encarna-  
 do: & outro parto no Ceo, q̃  
 là foi concebido, & de là nas-  
 cido, que he o parto do mes-  
 mo Verbo, do qual, & dos  
 seus Mysterios se compoem  
 o Rosario.

zio Mas como diz o  
 mesmo Evangelista, que neste  
 segundo parto houve dores,  
 & clamores, effeitos ambos,  
 ou accidentes tam alheos da  
 Mãe Virgem, como do Ceo  
 onde estava? Houve dores:  
*Cruciabatur ut pariat:* houve  
 clamores: *Clamabat partu-  
 riens:* E notay, que as dores  
 foraõ antecedentes ao parto:  
*Ut pariat:* & os clamores fo-  
 raõ juntamente com elle:  
*Parturiens:* Que dores foraõ  
 logo estas, & que clamores  
 no segundo parto da Virgem  
 Senhora nossa no Ceo? Tudo  
 assim como está notado, ou  
 difficultado, he admiravel  
 prova, & confirmação de ser  
 o parto do seu Rosario. Va-  
 mos à Historia Ecclesiastica,  
 & saibamos qual foi a occa-  
 sião porque, & qual o modo,  
 com que sahio a mesma Se-  
 nhora com o seu Rosario ao  
 mundo. A occasião foi a He-  
 resia dos Albigẽses, os quaes  
 im.

impia, & blasfemamente negavaõ a Pureza Virginal da Mãe de Deos. E daqui nasce-  
 raõ as dores, que, sem embar-  
 go de estar no Ceo, atormentavaõ a Virgem: *Cruciabatur ut pariat*: assim como se diz do mesmo Deos na occasiõ  
 do Diluvio: *Tactus dolore cordis intrinsecus*. E porque nin-  
 guem o duvide, naõ temos me-  
 nenos testimunha, que vinda do mesmo Ceo. Quando São to Illesonfo defendeo a Pureza Virginal da mesma Senhora, & convencio os Heresjes, que em seu tempo a negavaõ, descio do Ceo Santa Leocadia, & saindo da sepultura, lhe disse publicamente na Sé de Toledo: *Ildefonse, per te vivit Domina mea, quae caliculmina tenet*: Illesonfo, por vós vive a minha Senhora, que tem o mais alto trono do Ceo. Demaneira, que teve tanta occasiõ de dor, & lhe doeu tanto a Soberana Virgem aquella blasfemia, como se os que lhe negavaõ a Pureza Virginal, lhe tiráraõ a vida. E estas foraõ as dores, que deraõ occasiõ, & apresentáraõ o parto, como diz o Texto: *Cruciabatur ut pariat*.

E os clamores quats foraõ: *Clamabat parturiens*? Foraõ as vozes dos Prégadores, diz Alcaçar, que prégáraõ pelo mundo o mesmo parto: *ido Alcaçar nec referuntur clamores ad ibi. ad E clamores predicationis*. E assim foi, naõ no seu, senaõ no nosso sentido. Porq̃ ensinãdo, & ditãdo a Senhora o seu Rosario a S. Domingos, elle, & os Prégadores Apostolicos de toda a sua Religiaõ, o publicáraõ, & apregoáraõ pelo mundo, consutando principalmente aquella heresia, & fazendo emmudecer as linguas blasfemas dos que a seguiaõ. Em summa, que as dores como disposiçãõ, & motivo, precederaõ ao parto: *Cruciabatur ut pariat*: & as vozes, & clamores sahiraõ, & se ouviraõ juntamente com elle: *Clamabat parturiens*: porque entaõ nasceu, & se manifestou no mundo o Rosario. Finalmente, que este segundo parto da Virgem Maria no Ceo, seja mais admiravel que o primeiro do Verbo Encarnaço na terra; o mesmo Texto o diz na primeira palavra: *Signum magnum apparuit in calo*. E senaõ,

combinemos este Texto cõ o mais expresso da Encarnação do Verbo. O mais expresso Texto da Encarnação do Verbo he o do Profeta

*Isai. 7. 14.* *Isaias: Ecce, Virgo concipiet, & pariet filium, & vocabitur nomen ejus Emmanuel: que huã Virgem conceberia, & pariria hum filho, o qual seria Deos. E com que prefação entra o mais eloquente de todos os Profetas a anunciar ao mundo esta nunca vista, nem imaginada novidade.*

*Ibidem.* *Propter hoc dabit Dominus ipse vobis signũ: Ecce, Virgo concipiet: &c.* Notay agora a differença, com que hum, & outro Profeta falla em humi, & outro parto. Ao primeiro parto da Virgẽ na terra chama-lhe Isaias sòmẽte *Signum: Dabit Dominus ipse vobis signum*: ao segundo parto da mesma Virgem no Ceo chama-lhe S. Joaõ, *Signum magnum: Signum magnum apparuit in calo. Signum* quer dizer sinal, prodigio, milagre: *Signum magnum*: Sinal grande, prodigio grande, milagre grande. Pois porque razãõ o parto, com que a Virgem cõcebéo o Verbo na Encarnação, se chama sòmẽte milagre; & o parto, com que cõcebéo o mesmo Verbo no Rosario, se chama milagre grande: *Signũ magnum*: Porque mais admiravel foi este segundo parto da Virgem, qõ o primeiro. O parto da Encarnação foi obrado na terra, o do Rosario no Ceo: o parto da Encarnação formado em nove mezes, o do Rosario em doze seculos: o da Encarnação com quatorze annos de Graça, o do Rosario com mil & duzentos annos de Gloria: o da Encarnação sê merecimẽto de Christo; porque a naõ merecéo, nem podia merecer, o do Rosario com todos os merecimentos de sua vida, & morte: emfim, na Encarnação concebido o mesmo Christo Muiño; no Rosario concebido Varaõ, & em todas as idades.

212 **E** Porque nesta ultima differença se encerraõ todos os Mysterios do Rosario, justo será, qõ nos detenhamos hum pouco na ponderação della, & seja esta

a ter.

a terceira excellencia , que faz este segundo parto mais admiravel. Outra vez temos encontrado a Isaias, não já cõ S. Joaõ, Profeta da Ley da Graça, mas com Jeremias, Profeta tambem da Ley Escrita. Isaias acabando de falar do parto do Verbo Encarnado, logo lhe chama Minino : *Antequam sciat puer reprobare malum, & eligere bonum.* E depois de encarnado fallando do mesmo Verbo já nascido, outra vez lhe torna a chamar Minino: *Parvulus natus est nobis, & filius datus est nobis.* Pelo contrario, o Profeta Jeremias dalli a muitos annos profetizando da mesma Mãy, & do mesmo Filho, diz: *Creavit Dominus novum super terram: Femina circumdabit virum:* que viria tẽpo, em que Deos criaria huã confa nova sobre a terra, & huã Molher cercaria hũ Varaõ. Que falle este Profeta da mesma Virgem Maria, & do mesmo Filho Christo, como dizia, he sentença commum dos Santos, & Doutores, com discrepancia de poucos. Mas se o parto foi o mesmo, que tinha pro-

fetizado Isaias, que novidade he esta, que Jeremias tanto encarece: *Novum creavit Dominus super terram?* Isaias profetizou trezentos annos antes de Jeremias, & se a maravilha do parto era a mesma, já não era novidade, pois havia tãtos seculos, que estava escrita, & celebrada. Quanto mais, que essa mesma maravilha profetizada por Isaias consistia em ser a Mãy Virgem: *Ecce, Virgo concipiet: & Jeremias não usa do nome de Virgem, senaõ de Molher: Femina.* Com que mostra, q não consiste neste milagre a novidade, que elle profetiza. Em que consiste logo?

213 Consiste, em que o parto profetizado por Isaias foi de Christo emquanto Minino, & o profetizado por Jeremias foi do mesmo Christo emquanto Varaõ: *Femina circumdabit virum.* A pessoa foi a mesma, mas as idades diversas. E porisso tambem diversos os partos, diversos os tempos, & diversas as novidades. A novidade, & maravilha de Isaias consistia em ser a Mãy Virgem, & não em ser o parto Minino, que

isso não he novidade. Porém a novidade, & maravilha de Jeremias consistio em ser o parto Varaõ, que era coufa nova, & inaudita: *Novum creavit Dominus super terram: Femina circumdabit virum.* Christo na Encarnação precisamente não teve idade, nem dia, nem tempo, porque foi concebido em instante. Mas todos os dias, & annos, que depois teve de vida, assim mortal, como immortal, & gloriosa, & todas as idades dessa vida, ou vidas, a Infancia, a Puericia, a Adolescencia, a Juventud, & a de perfeito Varaõ, desde Nazareth até Jerusaleim, desde o Presépio até a Cruz, & desde a Sepultura até a Dextra do Padre, todas, & com todas suas acções, & Mysterios, as comprehendéo, & reproduzio a Senhora com mais admiravel parto no circulo do seu Rosario. Porisso Jeremias não disse como Iaias, *Concipiet, senuõ, Circundabit:* & com tanto maior sentido, como energia: *Femina circumdabit virũ.* Toda a vida de Christo, como bem notou David, foi hũ perfectissimo circulo: *A sum:*

*Psal.*  
18. 7.

*mo calo egresso ejus, & occur-*  
*sus ejus usque ad summum e-*  
*jus:* sahio do mais alto do Ceo, vivéo na baixeza deste mundo, & tornou ao mesmo lugar do Ceo, donde tinha sahido. O mesmo Profeta declara este circulo com a comparação do Sol: *In Sole posuit tabernaculum suum.* Assim como o Sol sahe no Oriente do Ceo, dá volta ao mudo allumiando, & torna a apparecer no mesmo lugar do Oriente: assim Christo sahio do Ceo pela Encarnação, vivéo na terra obrando, ensinando, padecendo, allumiando, remindo, & depois pela Ascensão tornou para o mesmo tronco do Ceo, donde sahira, onde tambem coroou a sua Mãy. E a mesma Mãy, que fez? Assim como o Filho começando Minino, & chegando á idade de Varaõ, fez hum circulo de toda sua vida: assim a Senhora fez outro circulo, que foi o do seu Rosario, em que comprehendéo toda essa vida, & cercou esse mesmo circulo: *Gyrum caeli circui vi sola:* diz a mesma Senhora: Circulo de Ceo a Ceo. E desta maneira metendo

*Eccles.*  
24. 8.

do hum circulo dentro de outro circulo, & o circulo da Vida do Filho dentro do circulo do Rosario, assim verificou gloriosamente o novo, & prodigioso parto da Molher, que havia de cercar o Varaõ: *Famina circumdabit virum.*

214. E posto que esta exposição do Texto de Jeremias he tam medida com todas as circumstancias delle; combinemos, para maior evidencia, o mesmo Texto com as palavras antecedentes, que següdo a doutrina de São Agostinho, & de todos os Theologos, he a prova mais segura, & mais certa do sentido das Escrituras. Quando o Profeta disse: *Quia creavit Dominus novum super terram: Famina circumdabit virum:* as palavras immediatamēte antecedentes, q̄ se atãõ com aquella *Quia*, sãõ estas. *Usquequãdò delicijs dissolveris, filia vaga?* Atẽ quando, ò Natureza humana (chamalhe Deos filha, porq̄ a criou, & porq̄ a ama, & porque a quer trazer a sy) atẽ quando, ò Natureza humana, ha de durar a tua dissoluçãõ nas delicias: A-

tẽ quãdo has de seguir os errados caminhos da Heresia? Isto quer dizer *Filia vaga:* como a filha viciosa, que deixa a casa, & doutrina do pay, & anda vagabunda por outras. Assim o declarou a mesma filha, temerosa do q̄ lhe podia acontecer, quando disse:

*Indica mihi, ubi pascas in meridie, ne vagari incipiam* Cant. 2.

*post greges sodalium tuorum.*

Pede ao Supremo, & Verdadeiro Pastor, lhe mostre onde assiste com a luz clara da Fé, porque vagando defencaminhada naõ siga os rebanhos dos Pastores falsos, que ensinãõ doutrina heretica, & cõ nome de companheiros, & Christãõs, sãõ inimigos de Christo. Isto he o que significa, *Ne vagari incipiam post greges sodalium tuorum:* como declaraõ S. Bernardo, Sãto Anselmo, Cassiodõro, & todos: & como jã muito antes dellas o tinha ensinado S. Paulo: *Ut non circumferamur omni vento doctina:* Desor. 4. 14. Ephes. 4. te, que naquella novo invento, com que Deos havia de sair ao mundo, *Novum creavit Dominus super terram:* naõ teve a Providencia Divi-

na hum sò fim, senão dous juntamente. O primeiro reformar a dissolução das delicias: *Usquequò delictijs dissolueris?* O segundo reduzir à verdade, & firmeza da Fé os erros da heresia sempre errada, & sempre errante: *Filia vaga*. E estes dous fins (Cousa verdadeiramente maravilhosa!) estes dous fins, pontualmente os mesmos, forão os q̄ Deos teve na instituiçãõ do Rosario de sua Mãy. Assim o refere na Bulla da Canonizaçãõ de S. Domingos o Papa Gregorio Nono pelas mesmas palavras: *Dominico sagittante delicias carnis* (Eis aqui as delicias) *& fulgurante mentes lapideas impiorum, omnis Hæreticorum secta contremuit*. (Eis aqui as Heresias.) Logo não s̄õ de todas as circunstâncias do Texto de Jeremias, que nenhũa discrepa, mas das mesmas palavras antecedentes, & dos fins porque foi concebido nas idéas de Deos, & de sua Mãy este novo parto, & finalmente dos effeitos maravilhosos, que produzio no mundo, consta ser elle claramente o do Rosario.

Acrescêto para maior confirmaçãõ (como em materia tam grave, & tam nova) a Versãõ dos Setenta Interpretes, a qual parecendo totalmente diversa, declara com novas propriedades quanto temos ditto sobre o mesmo Texto. O seu he este: *Creavit te Dominus salutem in phantationem novam, in salute tua circuibunt homines.* LXX.  
Quer dizer, que para a saude da Alma criará Deos huã planta nova, & que os homês para conseguirem essa saude, hãõ de fazer circulos. E que planta nova he esta, que Deos havia de criar, & que circulos sãõ estes, que os homês haviaõ de fazer? Nem o nome, nem a fórma do Rosario se poderá pintar, ou descrever melhor. A planta nova he a das Rosas, que deraõ o nome ao Rosario: *In phantationem novam*: & os circulos, q̄ haviaõ de fazer os homês, sãõ os circulos, que fazem os que rézaõ o Rosario, quando vaõ repassando as Contas, tornando a acabar onde começáraõ: *In salute circuibunt homines*. O primeiro circulo fello a Senhora, quando formou,

mou, & ensinou o Rosario: *Femina circumdabit virum:* Os outros circulos fazemnos os homês, porque para a saude de suas Almas foi o mesmo Rosario instituido: *In salute circuibunt homines.* E como nestes circulos se abraça, & comprehêde, não sò o Mysterio da Encarnação do Verbo, senão todos os Mysterios da Vida, & idades de Christo; bem se vé, quanto mais admiravel foi a Mãe do mesmo Senhor neste segundo, & tam numerozo parto. No primeiro concebéo sòmente o Verbo humanado, no segundo concebéo-o humanado na Encarnação, peregrino na Visitação, nascido no Presépio, apresentado no Templo, & no mesmo Templo perdido, & achado. No segundo outra vez concebéo-o no Horto suando sangue, no Pretorio cuberto de açoutes, & coroadado de espinhos, nas ruas de Jerusaleem com a Cruz aos hõbros, & no Calvariõ crucificado, & morto. No segundo terceira vez concebéo-o no Sepulchro resuscitado, no Monte Oliveté subindo ao Ceo, no Ceo mandando de

lã o Espirito Santo, no Valle de Jozafat levando em triunfo a sua Mãe, & no trono da Gloria coroando por Rainha dos Anjos. Em fim, na Encarnação concebido huã vez, & no Rosario quinze vezes.

## VI.

216 **A** Tègora temos visto o parto do Rosario mais maravilhoso em sy por tres respeitos: agora o veremos mais maravilhoso fõra de sy por outros tres. Mais maravilhoso atègora em sy, por ser mental, & não corporeo, por ser no Ceo, & não na terra, por ser, não de hum sò Mysterio, ou idade de Christo, senão de todos seus Mysterios, & idades. Agora o veremos mais maravilhoso tambem fõra de sy: & como? Para com Deos, para conosco, & para cõ nossos inimigos: para com Deos, pelo maior agrado: para conosco, pela maior efficacia: para com nossos inimigos, pelo maior poder.

217 Quanto ao maior agrado de Deos, parece, que por

por comprehender o Rosario todos os Mysterios de Christo, nem porisso lhe pôdem agradar mais todos juntos, que o da Encarnação do Verbo por sy só. Porque onde o valor, & preço he infinito, tanto encerra em sy hum só Mysterio, como todos: & posto que em todos cresça o numero, não cresce a razão de agradar mais. Comtudo digo, que esta mesma razão de estarem juntos no Rosario todos os Mysterios de Christo, he huã tal circunstancia, que ainda onde não cabe mais, acrescenta muito. Esta he a quarta maravilha do segūdo parto da Virgem, que o faz mais admiravel que o primeiro. Vede, se se prova bem?

218 Criou Deos esta grande, & fermosa machina do Universo em seis dias: & a cada obra, que hia saindo de suas poderosas mãos, ou da voz de sua Divina Sabedoria, diz a Escritura Sagrada, que olhava o Senhor para ella, & que via que era boa: *Genes. I. 25. vidit Deus quod esset bonum.* Com estas repetidas acções, & approvações do Supremo

Artifeze foi crescendo a fabrica cadadia mais vistosa, mais ornada, & mais povoada de variedade de criaturas, até que acabada já, & posta em sua perfeição no ultimo dia, diz o mesmo Texto, que olhando Deos para todas as cousas, que fizera, todas lhe parecêrao muito boas: *Vidit Deus cuncta, quae fecerat: & erat valde bona.* Neste reparou muito Santo Agostinho, & depois d'elle todos: E com muita razão. As cousas, que Deos vio no dia ultimo, erao as mesmas, que tinha feito, & visto em cadaũ dos outros dias: pois se entaõ lhe parecêrao sōmente boas: *Vidit Deus quod esset bonum:* como agora, não sō lhe parecem boas, senaõ muito boas: *Valde bona?* Este *Valde,* & este muito, dōde lhe veyo? Por ventura acrescentoulhe Deos no ultimo dia alguã perfeição, ou esmalte, que dantes não tivessem? Não. A Luz do primeiro dia era a mesma sem augmento de outra calidade: o Firmamento do segundo dia tinha a mesma sustileza, & o Mar a mesma grandeza, & vastidão: as Plantas do

do terceiro, nem estavaõ mais verdes, nem mais floridas, nẽ mais carregadas de frutos: o Sol, a Lua, & as Estrellas do quarto naõ resplandeciaõ agora mais: os Peixes, & as Aves do quinto, nem estavaõ armados de mais prateadas escamas, nẽ vestidas de mais pintadas pennas: finalmente os Animaes terrestes nem tinhaõ recebido novas fórmas, nem maiores forças, nẽ mais engenhosas habilidades. Pois se todas estas criaturas eraõ as mesmas, & com a mesma bondade que dantes, porque razaõ nos olhos de Deos, q se naõ cegaõ, nem enganaõ, dantes sã pareciaõ boas, & agora muito boas: *Valde bona?* Se naõ tinhaõ nada demais, donde lhe acrescẽo este muito?

219 He, que dantes foraõ vistas cadahuã por sy, agora estavaõ todas juntas. O mesmo Santo Agustinho: *Cũ de singulis ageret, dicebat tantũ, Vidit Deus quia bonum est: cũ autem de omnibus diceretur, parũ fuit dicere bona, nisi adderetur, Et valde.* Quando Deos olhava para cadahuã das suas obras por

sy, sõmente a louvava por boa: mas quando as vio todas juntas, naõ lhe chamou sã boas, senaõ muito boas; porque lhes daria menor approvaçãõ do que mereciaõ, se a louvor de boas naõ acrescẽtasse o de muito. E se perguntarmos ao grande Doutor, donde lhe veyo este muito, se naõ tinhaõ recebido nada demais? Respõde, q da uniaõ: *Tanta est vis, & potentia integritatis, & unitatis, ut quæ bona sunt, tunc multũ etiam placeant cum in univẽsum aliquod conveniunt, atque concurrunt.* Porque he tal a força, & virtude da uniaõ, que as mesmas cousas, que divididas sã boas, se se ajuntaõ, & unẽ entre sy para compor algum todo, esse todo, sem acrescẽr maior bondade às partes, fica muito melhor que cadahuã dellas. Porisso quando divididas, sã boas: *Vidit quod esset bonum:* mas quando juntas, muito boas: *Et erant valde bona.* Tal he o todo do Rosario composto dos Mysterios de Christo comparado com cadahum dellas. Cadahum dos Mysterios, que sã as partes, de que se compõem este todo.

todo, he tam divina, & infinitamente perfeita, que não admite maior perfeição: mas foy tal o artificio da Virgem Senhora nossa nesta maravilhosa fabrica, que onde não cabia o mais, soube introduzir o muito. Divididos os mesmos Mysterios, não cabia o mais na perfeição de cada hum, mas juntos, & unidos entre sy, como estão no Rosario, coube o muito na uniaõ de todos. Cadahum por sy: *Vidit Deus quòd esset bonũ*: todos juntos, ainda nos olhos de Deos: *Erant walde bona*.

220 Santo Thomás declarando theologica mēte este ver, & approvar de Deos: *Vidit Deus quòd esset bonum*: diz, que significa a complacencia divina em cadahuã de suas obras, segundo a perfeição dellas. E assim como esta complacencia, & agrado de Deos he proporcionado à perfeição de cadahuã de suas criaturas, ao mesmo modo, mas em grão infinitamente superior, se agrada de cada hum dos Mysterios, & soberanas acções de seu Filho. Isto quiz significar no Mysterio da Transfiguração a voz

do Padre, dizendo: *Hic est Filius meus dilectus, in quo mihi benè complacui*. Mas se na vista de hum sò Mysterio de Christo, diz a complacencia divina: *Benè complacui*: segue-se, que na vista, & representação de todos juntos, não sò ha de dizer, *Benè*; mas, *Valde bene*. E esta he a cõplacencia, & agrado (ou se chame maior, ou muito) com que Deos aceita da nossa memoria, & affecto a meditação dos mesmos Mysterios, quando juntos no Rosario lhos offerecemos. E para que hum privilegio tam sublime deste mesmo offercimento não ficasse duvidoso na conjectura do nosso discurso sòmente; o mesmo Deos se dignou de o declarar assim, & nos exhorta a que lhe façamos este obsequio no Rosario, não sò com a declaração de bom, como em cadahuã das obras da criação, mas de bom, & muito bõ, como na uniaõ de todas. He Texto milagroso.

221 No Capitulo trinta & nove do Ecclesiastico *Eccles.* diz assim o Espirito Santo: *39 17.*  
*Obaudite me divini fructus: usque*  
*21.*

*Quasi Rosa plantata super rivos aquarum fructificat. Quasi Libanus odorem suavitatis habere. Flo: ete flores, quasi liliū, & date odorem, & frondete in gratiam, & collaudate canticum; & benedicite Dominum in operibus suis. Date nomini ejus magnificentiam, & confitemini illi in voce labiorum vestrorū, & in canticis labiorū, & citharis: & sic dicetis in confessione: Opera Domini universa bona valde.*

O Texto he dilatado, mas não se podia dizer tudo em poucas palavras. Em summa, exhorta Deos aos homēs à devaçãõ do Rosario com o mesmo nome de Rosa: *Quasi Rosa plātata super rivos aquarum fructificat.* E não sò exhorta, mas manda por obediencia: *Obaudite me.* Logo passando aos Mysterios, que o Rosario comprehende, & medita, sendo a Rosa huã sò flor, diz, que elles haõ de ser muitos, igualando na variedade, & no cheiro os de todo o monte Libano, famoso pelos Jardins de Salamaõ: *Quasi Libanus odorem suavitatis habere.* E para que se não duvidasse, que estes Mysterios

saõ de Christo, o qual entre as flores tomou o nome de Lirio: *Ego flos campi, & liliū Cant. 2. convallium:* declara, que a graça, & a fragãcia deste Lirio, he a que haõ de exhalar as Rosas: *Floret flores quasi liliū, & date odorem, & frondete in gratiam.* Finalmente porque o Rosario naõ sò cõta de Mysterios meditados, mas de oraçoẽs pronunciadas com a boca, duas vezes faz mençaõ dellas. Huã vez: *Collaudate canticum, & benedicite Dominum:* & outra vez: *Confitemini illi in voce labiorum vestrorum.* E de tudo isto que conclusãõ tira, cu nos manda tirar o Texto? Cõ razãõ lhe chamei milagroso; porque he admiravel ao intento: *Sic dicetis in confessione: Opera Domini universa bona valde.* Haveis de confessar, & dizer a Deos (como se diz delle quando vio juntamente tudo o que tinha criado) que todas as suas obras, naõ sò saõ boas, senaõ muito boas: *Universa bona valde.*

222 Todos os Expositores, & a mesma Sagrada Biblia à margem, nota, que estas saõ as mesmas palavras, q se

Apud  
Cornelium  
libri.

se dizem de Deos depois da criação do mundo, quando olhou, & vio juntas todas as cousas, que tinha criado. Pois se agora falla tam claramente do Rosario ( como tambem tem advertido alguns Autores) porque diz, que no Rosario havemos de fazer o mesmo conceito do juizo, & complacencia de Deos, qual foi o que elle teve nas obras da criação? Porque assim como Deos nas obras da criação teve maior complacencia, & se agradou mais de todas juntas, que de cadahuã por sy, sem haver nellas de novo mais que a uniaõ; assim na criação do Rosario, obra de sua Santissima Mãe, ainda que cadahum dos Mysterios seja perfeitissimo em sy, antes infinitamente perfeito: unidos porèm, & juntos diante dos olhos divinos, a mesma uniaõ, q̄ não pôde dar mais a cadahum, acrescētou muito a todos. Cadahum pela sua propria bondade infinitamente bom; mas todos juntos, porque juntos, naõ s̄o bons, mas muito bons: *Universa bona valde*. Julgue agora, ou a rigorosa censura, ou quan-

do menos a devaçõ, & a piedade, se foi mais admiravel Mãe a Virgem neste segundo parto, em que unio todos os Mysterios do Verbo Encarnado, ou na Encarnaçõ do primeiro. Lã disse em boa filosofia Seneca, que aquella s̄o merece o nome de perfeita fermosura, que sendo cadahuã das partes, de que se cõpoem, admiravel, o todo lhe tira a admiraçõ: *Cujus universa facies admirationē singulis partibus ademit*. Admiravel foi aquelle primeiro Mysterio, & admiravel cadahum dos que a elle se segulraõ em toda a vida de Christo; mas a uniaõ de todos esses Mysterios juntos, sem acrescentar nada a cadahum, foi tam multiplicadamente admiravel no mesmo todo, q̄ delles se compoz, que se naõ tirou a admiraçõ a cadahuã das partes, ao menos por multiplicada as vencēo. E isto basta (quando naõ sobeje) para que tambem nesta circumstancia a Authora deste soberano invento, & a Mãe deste novo parto fosse nelle mais admiravel.

## VII.

223 **D**Esta uniaõ dos Mysterios de Christo no Rosario se segue a quinta differença, ou prerogativa, que he a de sua maior efficaçia, com que obra em nós os excellentes effeitos, para que foi instituido. Vulgar he já na experiencia aquelle antigo axioma da Filosofia, que a virtude das mesmas causas, posto que iguaes, unida obra mais fortemente. Tam fogo he huã faisca, como hum incendio: mas huã faisca não pôde queimar huã pedra, hũ incendio abraza Cidades inteiras, & no fim ha de abraçar todo o mûdo. O mesmo succede por nossa dureza aos Mysterios de Christo, ou separados cadahum por sy, ou juntos como no Rosario.

224 He prova singular desta efficaçia hum Texto celebre dos Cantares, muitas vezes ponderado, mas posso dizer confiadamente, q̃ nunca atêgora bastantemente entendido. *Fasciculus myrrhae dilectus meus mihi, inter aberra mea commorabitur.* O meu

Amado (diz a Alma Santa) he hum ramallete, ou hum feixezinho de myrrha, o qual Eu sempre hey de trazer entre os meus peitos. Este Amado he aquelle, que sô o deve ser, Christo Senhor, & unico bem nosso. Cõparase à myrrha, <sup>prerogativa</sup> da corrupção da morte, porque a immortalidade, que perdemos pelo primeiro Adam, pelo segundo a recuperamos. Mas porque não comipara a Esposa o seu Amado simplesmente à myrrha, senão a hum ramallete, ou feixezinho della? O ramallete compoemse de muitas flores, & o feixe de muitos lenhos atados: & neste atado consiste a energia da comparaçãõ, como exprimẽ os dous Originaes, Hebraico, & Grego, dizendo: *Alligamentũ myrrhae.* Pois se Christo he hum sô, que atou a Esposa nelle, ou de que compoz este seu atado? Não ha duvida, que dos Mysterios do mesmo Christo, o qual nelles, sendo hum, se considera como muitos: Christo encarnado, Christo nascido, Christo morto, Christo resuscitado, & assim dos outros

*prerogativa*

Origenes in  
comment.  
hujus  
lecti.

Mysterios. E a razão porque os atou, & ajuntou a Esposa, he, porque a myrrha (diz Origenes) ainda que dividida tẽ o mesmo cheiro, & virtude: unida obra mais fortemente, & com maior efficacia: *Non diffusam, neque ut libet dispersam, sed colligatam, & contractam, quò scilicet odor suus densior reddatur, & vehementior.* Assim tambem cada Mysterio de Christo, ou Christo em cada Mysterio, tem a mesma, & igual virtude, mas unida esta virtude, & unidos esses Mysterios, como estaõ no Rosario, não sendo maior a virtude de cadahum divididos, he muito maior a força de todos juntos para render, & penetrar corações.

225 O mesmo Christo diz por Isaias, que elle he a Setta escolhida, que Deos meteo na sua aljava: *Posuit me sicut sagittam electam: in pharetra sua abscondit me.* Demaneira, que não he Christo o que nos atira as settas, mas elle he a Setta, com que Deos nos atira. Pois na aljava de Deos não ha mais q̃ huã setta escolhida? Huã sô, mas tantas vezes multiplicada, &

de tantos modos armada, quantos saõ os Mysterios da Vida, da Morte, & da Resurreiçãõ do mesmo Christo. Nos Mysterios Gozofos armada de brandura, nos Dolorofos armada de temor, nos Gloriosos armada de esperança. Quando pois consideramos cadahum destes Mysterios divididos, atiranos Deos setta a setta, & porisso lhe resistimos; mas se bem, & verdadeiramente os considerarmos juntos, como estaõ no Rosario; enraõ não ha coraçãõ, que resista; porque descartega Deos nelle toda a aljava: *Sagittas meas com-plebo in eis.*

Deut.  
32.23.

226 E se buscarmos a razão desta efficacia; os tres Padres de Theodoro to a de- raõ, excitando, & respondendo à mesma questãõ da myrrha, não desunida, mas junta: *Quid est quòd Dilectum suum Spõsa, non myrrham, sed fasciculũ myrrha nominat: nisi quòd dum Sancta meus, Christi vitam ex omni parte considerat, contra omnia vitia ex ejus imitatione repugnantes virtutes congregat.* A razão porque a Esposa comparou a Christo

Tres  
PP. ibi-  
dem.

Christo à myrrha, não definida, & solta, senão atada; foi, porq̃ considerando a Alma, a Vida, & Mysterios de Christo, não divididos, & por partes, senão todos juntos, nenhuma virtude ha, que não possa achar nelles para imitar, senão todas, & em grão perfectissimo, para impugnar, & vencer todos os vicios contra nós. Assim o definio o Triunvirato dos Padres Gregos com tam alto, como solido fundamento. E qual he? A Theologia o ensina. Porque ainda que Christo desde o instante de sua conceição teve todas as virtudes infusas em grão perfectissimo, & heroico, não teve comtudo o exercicio, & actos de todas em todos os Passos, & Mysterios de sua Vida; senão aquellas, que eraõ convenientes, & proporecionadas aos mesmos Mysterios. Logo para q̃ a nossa imitação tivesse em Christo hum exemplar commum, & adequado, ou hum exemplo universal de todas as virtudes, & seus actos, não bastava hum só Mysterio, ou cada hum delles sòmente, se não todos juntos. Isto he: *Dñs*

*Christi vitam ex omni parte considerat, contra omnia vitia ex ejus imitatione repugnantes virtutes congregat.* Notemse muito as palavras, *Christi vitam ex omni parte.* Não bastava considerar a Vida de Christo em huã sò parte, ou em hum só Mysterio, senão em todas as partes, & em todos os Mysterios, *Ex omni parte:* & porisso a Esposa os ajuntou todos no seu Rosario.

227 E digo no seu Rosario; porque isso quer dizer: *Fasciculus myrrhe Dilectus meus mihi, inter ubera mea commorabitur.* Bem sey, que o não disseraõ os mais diligentes Expositores deste Texto, devendo reparar muito em huã grande difficuldade delles. A myrrha, como diz Plinio, & os outros Autores da Historia Natural, saõ huãs gottas odoríferas, as quaes na Arabia, ou espontaneamente sua, ou picada, lança de sy a arvore do mesmo nome. Porisso os Setêta Interpretes em lugar de *Fasciculus myrrhe*, vertêraõ, *Alligamentū guttae.* Mas se a myrrha eraõ gottas; como se podia fazer

de gottas este fezezinho, ou este atado: *Alligamentum*? As gottas por ventura podem-se atar? Parece que não. E se acaso podem: de que modo? Eu o direy. As gottas depois de congeladas, & solidas, quaes aquellas eraõ, podem-se atar enfiandose, como se enfião as Contas do Rosario. Este he pois o modo, com q a Esposa dizia, que havia de atar as gottas da myrrha: *Alligamentum myrrha*: & assim como as molheres Catholicas lanção o Rosario ao peccosão, & o trazem entre os peitos; assim dizia ella, que havia de fazer: *Inter ubera mea commorabitur.*

228 Nesta fórma explicava Eu a difficuldade deste Texto vulgar, não sem recção da novidade, quando fui achar, que o pensamento não era novo, nem meu, senão do grande S. Gregorio Niseno na Homilia terceira sobre os Canticos: *Fraternus meus est Alligamentum gutta, quod è collo suspendo supra pectus.* O meu Amado he hã atado, ou ajuntameto de gottas de myrrha, o qual pendente do pescosão trago so-

bre o peito. Põde haver explicação mais natural, mais propria, & mais expressa? Não pôde. E o exemplo, & exemplos a confirmação muito mais. Tambem o balsamo, & o alambre, são gottas suadas das arvores, & assim como de hum, & outro se fazem Rosarios, assim fez o seu a Esposa, das gottas da myrrha. Mas se este era o seu Rosario, como diz a mesma Esposa, que este mesmo Rosario he o seu Amado: *Fasciculus myrrha, alligamentum gutta, Dilectus meus mihi*: Sõ isto faltava à sua elegancia para fechar com chave de ouro o conceito. O seu Amado he Christo, & diz, que o seu Rosario he o seu mesmo Amado, porque o Rosario, & toda a materia do Rosario, não he outra, senão o mesmo Christo. Christo multiplicado nos seus Mystérios, & os Mystérios de Christo ordenados no Rosario.

## VIII.

229 **D**Aqui se segue a ultima excellencia, ou maravilha, com que a  
Vir-

Virgem Senhora nossa foi mais admiravel no parto do Rosario, que no da Encarnação do Verbo. E porque? Porque o Myfterio da Encarnação, sendo hum só, não podia ter divisão, nem ordem: porém os Myfterios do mesmo Christo multiplicados no Rosario, como nelle estão repartidos, & ordenados, esta mesma disposição, & ordem, os arma de maiores forças, & de maior, & mais invencivel poder contra nossos inimigos. Ainda estamos nos Canticos de Salamão, onde a principal Esposa he a Virgem Maria, a qual fallando do mesmo Amado (que para todas he Christo) diz assim:

*Cant. 6. Dilectus meus descendit in hortum suum ad arcolum aromaticum, ut pascatur in hortis, & lilia colligat.* O meu Amado descéo ao seu jardim dos aromas, para nos jardins se recrear, ou apascetar do cheiro, & colher Rosas. Rosas quer dizer a palavra, *Lilia*, como noutra parte provamos largamente. Mas se o Amado descéo ahũ só jardim: *Descendit in hortum suum:* como diz a Senhora, que foi

a colher Rosas nos jardins: *Ut pascatur in hortis, & lilia colligat?* Era hum jardim, & muitos jardins? Sim: diz S. D. Greg. Gregorio, de quem he o reparo. E daõ a razão literal, Simmacho, & Pagnino, trasladando, *Arcolas, & lineas sulcorum*: porque o mesmo jardim por suas linhas estava repartido em diversas quadras, & cadahuã dellas em outras menores com proporcionada correspondencia, & ordem. Assim havia de ser, pois era o jardim das Rosas, segundo o dezenho, & arte, com que a Senhora traçou o seu Rosario, com tantas repartições, & divisões, todas tam medidas, & ajustadas. E porisso o Amado em hum só jardim, qual he o Rosario, achou sem implicação muitos jardins, em que passear, & se recrear, & de todos colher Rosas: *Descendit in hortum suum, ut pascatur in hortis, & lilia colligat.*

230 Vio pois Christo estes jardins de Rosas reduzidos a hum só jardim do Rosario, podendo se então dizer do mesmo Senhor com muito propriedade: *Cũt aque mi-*

*Ovidius in Nat. cis.*

*ratur, quibus est mirabilis ipse:* *pacus.* Mas para a campanha, & para a guerra, que semelhança tem hum jardim com hum exercito? O jardim do Rosario, de que se fallava, muita. Naõ sò porque he jardim de Rosas, que saõ flores armadas, como disse Boe. *Boetius.* *Armat spina Rosam;* mas pela divisaõ, proporçaõ, disposiçaõ, & ordem, de que he composto. A força de hum exercito, como ensina *Vege-* *tius.* *Vege-* *tius.* naõ consiste tanto na multidãõ dos Soldados, quanto na boa repartiçaõ das armas, & dos combatentes, & na disposiçaõ, & ordem de todo aquelle corpo militar, & guerreiro, o qual desordenado, desunido, & roto, he facilmente vencido; porẽm composto, ordenado, & unido, he forte, impenetravel, & invencivel. Tal he a fórma regular, & perfeita de hum Rosario, repartido primeiro em tres Terços, cada Terço em cinco Esquadroẽs, cada Esquadraõ em suas Fileiras, cada Fileira em huã Decuria cõ seu Cabo, & tudo junto com tal disposiçaõ, & tal ordem, & proporçaõ de numeros, que a naõ

Cant. 6.  
3.

*lem: Decora sicut Jerusalem:* a segunda, de terrivel, como hum exercito bem ordenado: *Terribilis ut castrorum acies ordinata.* A comparação de hum Jardim com huã Cidade, & tal como Jerusalem, posto que Salamaõ, cuja he, a entendesse melhor, não tem difficullosa applicaçãõ. Os corredores, ou passeos do jardim, saõ as ruas: as quadras muradas de murtas, os palacios: os aciprestes, as torres, ou piramides: os vazios com as fontes no meyo, os pateos: a repartiçaõ das areolas, os apozentos: & os moradores, as flores. Tudo isto para a vista da paz, que isto quer dizer Jerusalem, *Viso*

naõ pôde haver, nem imaginar-se maior. E porque esta distincão, & ordem a naõ pôde haver em hum sò Mysterio, qual he o da Encarnaçãõ; porisso foi mais admiravel a Virgem no parto do seu Rosario, que no da Encarnaçãõ do Verbo. Naõ sou Eu o que o digo, senaõ os que viraõ, & notáraõ a differença, & como mais admiravel a admiráraõ.

231 Viraõ os Anjos caminhar a Virgem Senhora nossa, ou marchar com este seu exercito do Rosario, & admirados diziaõ entre sy:

Cam. 6. *Qua est ista, qua progreditur quasi Aurora consurgens, pulchra ut Luna, electa ut Sol, terribilis ut castrorum Acies ordinata?* Estas ultimas palavras saõ as mesmas do Espofo, repetidas pelos Anjos. E que fallem da Virgẽ Maria, emquanto Senhora do Rosario, elles mesmos o dizem, distinguindo a divisaõ, & repartiçãõ dos Terços, & a differença dos Mysterios por sua propria ordem. Porisso comparaõ a Senhora primeiro à Aurora, depois à Lua, & ultimamente ao Sol. Nos

primeiros Mysterios, & Gozozos, foi a Virgẽ como Aurora, da qual nasceu o verdadeiro Sol Christo: nos legundos, & Dolorosos, foi como Lua, cheia das dores, & eclipses da sua Paixãõ: nos terceiros, & Gloriosos, foi como o Sol; porque nos respiaõdores da mesma Gloria venceu a de todos os Bemaventurados. Mas em toda a consideraçãõ destes Mysterios, que he o que admiraõ os Anjos, quando perguntaõ admirados: *Qua est ista?* Notay agora, & notay muito, porque o reparo he digno de toda a ponderaçãõ. Naõ admiraõ o principio dos mesmos Mysterios, senaõ o progresso delles: porisso dizem: *Qua est ista, qua progreditur?* E qual foi o principio, & quaes os progressos de todos estes Mysterios? O principio foi o primeiro Mysterio, em que a Senhora como Aurora concebéo, & sahio à luz com o Verbo: os progressos foraõ todos os outros Mysterios da Vida, Morte, & Resurreiçãõ do mesmo Christo, dos quaes, & naõ sò do primeiro, se compoz, distinguio, & ordenou

denou o Rosario. E estes progressos assim distintos, & ordenados, são os que os Anjos admiram na Virgem Maria, quando dizem admirados: *Qua est ista, quae progreditur?* Porque entederaõ, que mais admiravel foi a Senhora no parto, em que sahio à luz com o Rosario, que no do mesmo Verbo.

232 E parou aqui a admiração dos Espiritos Angelicos: Não: porque ainda restavaõ os effeitos, & poderes do mesmo Rosario, como exercito bem ordenado, formidavel, & terrivel contra os inimigos. Os Inimigos da nossa Alma, que tambem se puderaõ chamar do corpo, são tres: o Mundo, a Carne, o Demonio. E vede, como os tres Terços do Rosario neste Exercito bem ordenado se ordenaõ forte, & poderosamente contra elles. Foraõ estes tres Inimigos figurados nos tres Capitaes, cada hum de cincoenta Soldados, que o perfido Rey Ochofias mandou armados contra o Profeta Elias, sobre dous dos quaes elle fez descer fogo do Ceo, que os abraçou, & a todos os

seus, dizendo: *Si Hemo Dei sum, descendat ignis de calo, & devoret te, & quinquaginta tuos:* Se sou Homem de Deos, como tu me chamas, desça fogo do Ceo, que te abraze ati, & aos teus cincoenta. Contra estes tres Inimigos pois, igualando numero a numero, ordenou a Senhora os tres Terços do seu Rosario, composto tambem de cincoenta, como outros tantos rayos, não sò para abraçar dous delles, como o Homem de Deos, senão todos tres, como Mãe de Deos. Os Mysterios Gozozos são ordenados contra o Mundo; porque a Humildade de Nazareth, a Aspereza das montanhas, o Desemparo de Belem, a Pobreza das Offertas no Templo, & o Cuidado ancioso pelo Minino Deos perdido: que outra cousa contrariaõ, & confundem, senão as Soberbas, as Vaidades, o Luxo, & Pompas do Mudo, cõ perpetuo descuidõ de perder a Deos, nem dor de o ter perdido: Os Mysterios Dolorozos são ordenados contra a Carne; porque os Suores de sangue no Horto, os Açoutes

contados a milhares no Pretorio, a Purpura vil, & Coroa de espinhos, o Pezo da Cruz, os Cravos, o Fel, & a Morte nella: que outra cousa contrariaõ, & abominaõ, senão os Gostos, os Regalos, as Delicias, & Intêperanças da Carne, inimiga da mortificação dos sentidos, & totalmête esquecida da penitencia? Finalmête os Mysterios Gloriosos são ordenados contra o Demonio; porque a Resurreiçãõ, & Ascençãõ do Filho de Deos, o Trono que tem à dextra do Padre, & Assumpçãõ, & Coroaçãõ de sua Mãy sobre todas as Gerarchias: que outra cousa contrariaõ, & estão fulminando desde o Ceo, senão o Demonio, que cahio por hum sô peccado, & as Tentações de peccar, cõ que nos incita, & engana, a que por hum momento de appetite percamos tambem, como elle, a Eternidade da Gloria? Assim he terrivel, & formidavel ao Mundo, Carne, & Demonio o Exercito do Rosario: & assim distinguio, & ordenou a Soberana Autora delle todos os Mysterios da Divindade, & Huma-

nidade de seu Filho, repartidos, & oppostos de frente a frente, contra o poder sempre forte, & armado dos tres Inimigos communs. E porque esta repartiçãõ, & ordem, como tenho ditto, não cabia em hum sô Mysterio, qual foi o da Encarnaçãõ; porisso, a juizo dos mesmos Anjos, foi máis admiravel o parto do Rosario cõcebido na Mente da Virgem, que o do mesmo Verbo Eterno concebido em seu sacratissimo Ventre: *Beatus Venter, qui te portavit.*

## IX.

233 **T**enho concluido, se me não enganar, & feito provavel o que parecia impossivel; & claro, & manifesto, o que se representava difficuloso no meu argumento. Delle quizera por fim, que não tirassemos sô admirações, senão doutrina, & exemplo. Se a ordem, & disposiçãõ do Rosario para os Anjos he admiravel, para nós seja terrivel: *Terribilis ut castrorum acies ordinata.* Com tal ordem dispoz a Mãy de Deos

Deos os tres Terços deste seu Exercito do Rosario, que na Vanguarda poz os Gozofos, na Batalha os Dolorofos, & na Retaguarda os Gloriosos. Para que entendamos, que todos os gostos vem a parar em penas, & que sô depois das penas se seguem as glorias. Oh que terrivel ordem, & que temerosa consideração! Se os gostos purissimos, & santissimos do Filho de Deos, & de sua Mãy, vem a parar nesta vida em penas, & dores: & se a gloria, que era propria do Filho, & tam merecida da Mãy, a não alcanção na outra vida, senão depois de tantas dores, & tormentos: Que será, ou que esperança podem ter, os que tanto fogem das penas, & cõ tanta ancia buscaõ sô os gostos falsos, & glorias vaãs deste mundo?

234 Virgem Sãtissima, Mãy sempre admiravel, huã vez Mãy admiravel no parto do Verbo, quinze vezes Mãy admiravel no parto do Rosario, & Mãy admiravel sem conto, nas maravilhas que obraes, & mercês que fazeis, aos que nelle, & com elle vos

veneraõ, & servem. Allumay, Mãy admiravel, a admiravel cegueira, desfazey o admiravel engano, espartay o admiravel descuido, & esquecimento da salvação, & resuscitay a Fé morta, em q̃ vivemos. Sendo tantos os titulos, pelos quaes o nome de Mãy admiravel vos he devido, ainda vos hey de allegar outro mais admiravel. Se fois Mãy admiravel por Mãy de Deos, muito mais admiravel Mãy fois, po:que sendo Mãy de Deos, vos não dedignais de ser Mãy de Peccadores. Não sejaõ pois parte nossos peccados, ó Mãy mais que admiravel, para que aparteis delles vossos misericordiosos olhos. Alcançay nos para os passados perdaõ; para os presentes arrependimento, & para os futuros preservação, & cautella: de tal modo, que perseverando na Graça de vossõ Filho, vos mereçamos ver com elle eternamente no Ceo, onde o louvemos, & vos louvemos sem fim na perpetua admiração da sua, & vossa Gloria. Amen.

SER-



# SERMAM

## XXII.

*Extollens vocem quadam mulier de turba, dixit illi: Beatus venter, qui te portavit, & ubera, qua suxisti. Luc. II.*

I.

235



SSIM exclamou em louvor de Christo, & sua

Mã, levantando a voz em lingua vulgar huã molher do vulgo: *Quadam mulier de turba.* E he para mim singular maravilha, que naõ tenha bastado esta dobrada vulgaridade, para que despreze as mesmas palavras a altiveza de certos Espiritos, que atẽ nas materias da Religiaõ, & Culto Divino, se naõ quẽrem parecer com o vulgo. Altiveza chamey a este abuso, & mais propriamente lhe deve-

ra chamar fraqueza, porque he proprio do sexo mais fraco. Naõ cabe aqui o *De turba*, porque he vicio das mehores calidades; nẽ o *Quadam*, porque he de muitas; mas o *Mulier* sim, & muito em seu proprio lugar, porque he mais proprio das filhas de Eva, que dos filhos de Adam. Vejamos huã, & outra cousa em dous exemplos encontrados no mesmo caso, & na mesma casa: mas o forte em hum homem, & o fraco em huã molher, posto que ambos igualmente illustissimos.

236 Quando foi treslada a Arca do Testamento, &

& levada com solennissima procissão desde a casa de Obededon para a Cidade de David; ao som de varios instrumentos hia o Povo muito festiual, & alegre, dançando diante da Arca. E que fez então o mesmo David? Não esquecido de ser Rey, mas lembrado, & reconhecido de que o Deos, que adorava na Arca, lhe tinha dado a Coroa, despido da Purpura, & das Insignias Reaes, se meteo entre os do Povo, & não só dançava como os demais, senão que o fazia, como nota a Escriitura, com todas as suas

2. Reg.  
6. 14.

forças: *Et David saltabat totis viribus ante Dominum.* Chegada pois a procissão à Cidade, estava em huã janelia de Palacio Michol, filha d'El Rey Saul, & mulher do mesmo David: & vendo, que elle hia dançando diante da Arca de mistura com o vulgo, como vos parece que ficaria edificada? Parecêolhe grãde defauthoridade aquella, & indigna da Magestade de hum Rey; & logo então, diz o Texto, o desprezou, & se desprezou delle: *Despexit eum in corde suo:* & depois lhe

Ibidem.  
16.

estranhou muito a acção cõ palavras do mesmo sentimento, & desprezo; & do baixo conceito, em que por ella o tivera: *Quam gloriosus fuit hodie Rex Israel, discooperiens se, quasi unus de scurris.*

237 O resto, & conclusão de toda a historia, fique entre tanto para seu lugar; agora sò noto a differença de David a Michol. David como homem religioso, & se-zudo, não duvidou de festejar, & celebrar a Arca de Deos com as mesmas demonstrações do Povo, metendose entre elles, & como qualquer diante de Deos o maior, & o menor, todos são iguaes, & q̃ nas materias do Obsequio, & Culto Divino, o exercicio mais authorizado, he o mais vulgar, & humilde. Isto he o que fez, & julgou David, como homem, & tam grande homem: porèm Michol, como mulher vaã, & altiva, tinha metido no pensamẽto, que era defauthoridade da Pessoa seguir a devaçãõ popular, & que a soberania da dignidade, ou sangue illustre, se deslustrava, & abatia, se a-  
inda

inda diante de Deos, & nas coufas de feu culto não deixasse o vulgar ao vulgo, & se distinguisse tanto delle nos actos de Religiaõ, como no demais. Assim o entendéo, assim o disse, & assim o ostentou a presuçaõ daquella molher, que por seu pay, & por seu marido tâtas obrigações devia a Deos. E provéa ao mesmo Deos, que não tivera tantas imitadoras no mundo. Perdoemme as Senhoras da nossa terra, não todas (q̄ as mais são dignas de grande veneraçãõ) mas algũas: nas quaes não sô se tem introduzido o abuso dos trajos tam alheos da antiiga modestia, & composura; mas he tal a reformaçãõ do novo Ceremonial da Fidalguia, que o serem Christaãs, como suas avós, já toca em defauthoridade.

238 *O tempora! O mores!*  
Antigamente o maior lustre das Igrejas, & a parte mais authorizada dos concursos, eraõ as Senhoras Portuguezas, onde vinhaõ adorar a Deos com todo o rosto descuberto. Na Igreja se confessavaõ, na Igreja commun-

gavaõ, na Igreja ouviaõ Missa, & Sermaõ. Mas o que entãõ sô se permittia à extrema enfermidade, se concede hoje à extrema vaidade. Ha de ir o Confessor a suas casas (perdoe Deos aos que vaõ) là se cõfessaõ, là ouvem Missa, là cõmungaõ. Vede, se he maior defauthoridade quere-rem que vã Deos a suas casas, ou viremno buscar à sua. Se a Igreja pudéra là ir, tambem haviaõ de esperar que fosse; mas porque não pôde ir a Igreja, querem que vaõ os Sacramentos. O demais, ou o de menos, he para as molheres do vulgo. Com grande providencia ordenou o Autor dos mesmos Sacramentos, Christo, que a materia delles fosse certa, & determinada; porque doutra sorte nem os filhos se haviaõ de bautizar em agua, nem as mãys commungar de baixo de especies de paõ. Mas estas, & outras Fidalguias, siquem para os Prégadores de mais perto, & para aquelles (se ha algum) a quem os ares da Corte não tiverem pegado o contagio.

239 Eu recolhendome ao meu Rosario, sô me quei-

xo por parte delle, que tam-  
bem tẽ perdido, se não mui-  
to grandes devotas, muitas  
devotas grandes. Entre as Sen-  
niores mais illustres, mais  
sabias, & de maior idade (em  
que he mais perigoso o exẽ-  
plo) se tem introduzido em  
lugar do Rosario a Reza do  
Officio Divino, como nas  
Cathedraes: sendo já a Estan-  
te, & o Breviario, huã das al-  
fayas do estrado, como se fo-  
raõ do Coro. E sou Eu por  
ventura tam apaixonado do  
Rosario, que por elle haja de  
reprovar hum uso, posto que  
novo, tam pio, tam califica-  
do, tam universal de toda a  
Igreja, & tam proprio da Ca-  
beça della? Não he este o meu  
intento, nem o meu caso. Eu  
não fallo com o Breviario,  
fenaõ com as devotas delle,  
& que pela sua devaçãõ dei-  
xaõ a do Rosario. Se nesta  
troca, & eleiçãõ fazem acer-  
tadamente, ou se enganaõ, se-  
rá a nova, & ainda não dispu-  
tada controversia, que hoje  
determino tratar. E porque  
nem por huã hora, que pôde  
durar o Discurso, quero que  
esteja duvidosa a resoluçãõ: a  
que havemos de ouvir, será

esta. Que assim como a mo-  
lher do Evangelho, sendo el-  
la do vulgo, & vulgar a lin-  
gua, em que fallava, levan-  
tou a voz sobre todos: *Extol-  
lens vocem quadam mulier de  
turba*: assim todas as molhe-  
res, que rezarem o Rosario,  
posto que elle seja tam vul-  
gar, & vulgar tambem a lin-  
gua, em q o rezarem: os seus  
Padre-nossos, & Ave-Ma-  
rias, feraõ mais bem ouvidos  
de Deos na Lingua Pertugue-  
za, que todo o Officio Eccle-  
siastico na Latina. Bem vejo,  
que o Assumpto me arrisca  
a perder a Illustrissima Gra-  
ça das interessadas, mas Eu  
a darey por bem perdida, se  
me ajudardes a alcançar a da  
Senhora das Senhoras.

*Ave Maria, &c.*

II.

240 **Q**Uadam mulier de  
*turba*. Comece-  
mos pelo fim da historia de  
David, & Michol, cujo re-  
mate deixey reservado para  
este lugar. A Arca do Testa-  
mento, que metido entre o  
vulgo festejava David, foi fi-  
gura da Virgẽ Senhora nossa,  
&

& no mesmo estado, em que a considerou a Oradora do nosso Evangelho, porque assim como a Arca levava dentro em sy a Deos, assim a Virgem em suas entranhas: *Beatus venter, qui te portavit.* David saltando diante da Arca foi figura do Bautista, que visitado da mesma Senhora, & do Filho Deos, que levava dentro em sy, tambem celebrou, & festejou sua vinda a saltos: *Exultavit in gaudio infans in utero mco.* Finalmente Michol desprezando a devaçãõ, & obsequios de David, por serem semelhantes aos do vulgo, he figura das que estimaõ menos o exercicio do Rosario por vulgar, & lhe antepoem, ou preferem outros, como menos autorizados. Não deixarey porẽm de caminho de referir a pena, com que Deos castigou a altiveza deste baixo conceito, a qual foi de perpetua esterilidade, & que Michol já mais tivesse filhos: *Igitur Michol non est natus filius usque in diem mortis sua.* Vemos em Portugal tantas casas illustres sem herdeiros: & se se correr a folha às que puderaõ

ser mãys, não sey se se achãõ raõ culpadas contra o Rosario. O certo he, que não tendo herdeiro a Rainha de França Dona Branca, S. Domingos lhe aconselhou, q̃ rezasse o Rosario, & logo teve hum tal filho, como S. Luis.

241 Vindo pois ao nosso intento, para proceder cõ maior clareza, he necessario distinguir nelle dous casos. As pessoas do genero, em que fallamos, ou antepoem, & preferem o Officio Ecclesiastico ao Rosario, por estimaçãõ, & authoridade propria, ou por pura, & sincera devaçãõ: por estimaçãõ, & authoridade propria, tendo aquelle exercicio por mais nobre, & levantado, como de nenhũ modo vulgar: ou por pura, & sincera devaçãõ, entendendo que aquellas Preces, & Orações, como saõ mais varias, & dilatadas, seraõ tambem mais gratas, & aceitas a Deos. E em qualquer destes casos, ou supposições, o que digo resolutamente, he, que sempre deve preferir o Rosario.

242 Quanto ao primeiro caso ( de que me expedirey muito brevemẽte) he cer-

to, & bem, que se advirta, & saiba; q̄ se na eleição, & preferencia do Officio Ecclesiastico entra a presunção, & authoridade propria, posto que racita, & occulta, não pôde ser sem peccado, q̄ destrua a mesma oração. No Psalmo Cêto & oito fallando o Profeta de Judas, como declara o Apóstolo S. Pedro, diz, que a sua oração se converteria

*Psal.*

108. 7.

em peccado: *Oratio ejus fiat in peccatum.* E que oração de Judas foi esta tam enganosa, & tam enganada como elle? Em todo o Texto Sagrado não lemos outras palavras de Judas, que possaõ ter nome de oração, senão aquellas, com q̄ saudou a Christo no Horto, dizêdo: *Ave Rabbi.* Assim

*Matth.*

26. 49.

como nós saudando a Virgẽ Senhora nossa no Rosario, dizemos: *Ave Maria*: assim Judas saudãdo a Christo, disse: *Ave Rabbi.* E posto que estas palavras eraõ santas, & usadas dos outros Apóstolos, quando saudavaõ reverentemente a seu Divino Mestre, viciadas porẽm com a occulta tenção de Judas, vinhaõ a ser peccado, & gravissimo peccado: *Oratio ejus fiat in*

*peccatum.* Não quero dizer com isto, que o peccado da presunção, ou jaçtancia, que se mistura com as orações, ou eleição dellas, seja tam grave como a falsa saudação de Judas; mas quanto Deos se offenda, & desagrade de semelhante presunção nas orações; do que o mesmo Christo ensinou, o entenderemos.

243

Foraõ dous homẽs orar ao Templo, diz Christo, hum delles Religioso de profissaõ, & outro Publicano. Este com grande humildade sem se atrever a levantar os olhos ao Ceo, pedia perdaõ de seus peccadõs. E o outro, que fazia, ou dizia? *Deus, gratias ago tibi, quia non sum sicut caeteri hominum:* Senhor, douvos muitas graças, porq̄ não sou como os outros homẽs. Não orava, diz Santo Agostinho, para rogar a Deos, senão para se engrandecer a sy, & se antepor aos outros: *Ascendens orare, noluit Deum rogare, sed se laudare.* E isto mesmo he o que fazem as presumidas do seu modo de orar. O outro dizia dentro em sy (*Apud se*): Senhor, douvos muitas graças, porq̄ não sou como

*D. Aug. ibi.*

como os outros homẽs: & ellas, tambem dentro em sy, estaõ dizendo com a sua presunção: Senhor, douvos muitas graças, porque não sou como as outras mulheres. Ellas rézaõ pelas Contas, Eu rezo pelo Breviario: ellas rézaõ Padre nossos, & Ave-Marias, Eu rezo Hymnos, & Psalmos: ellas com o vulgo rézaõ em linguagem, & Eu rezo em Latim: & em tam bõ Latim, & tam bem pronunciado, que melhor pudéraõ dizer, que rézaõ em Grego. Mas como sahiraõ das suas oraçoẽs os dous Oradores? O q̃ rogou por seus peccados, sahio com perdaõ delles: & o que se quiz estremar dos outros, & levantar-se sobre todos, sahio com hum peccado de mais, que foi o da sua presunção, & altiveza. Miséria verdadeiramente grande, que sendo a oraçaõ o meyo de aplacar, & conciliar a Deos, se cõverta em motivo de o desagradar, & offender; & em vez de diminuir os peccados, os acrefcente: *Oratio ejus fiat in peccatum.*

244 A este peccado, que queira Deos seja hum sò, a-

Tom. 6.

juntã a presunção no nosso caso outros dous erros, hum contra a virtude, outro contra a verdade Os que estimaõ menos o Rosario, fundaõ este seu conceito em ser huã devaçaõ vulgar em sy, vulgar na Lingua, & vulgar no exercicio, & uso commum. E este erro he tam contrario à virtude da Oraçaõ, como a soberba à humildade. Senhora era, & grande Senhora, Judith, & o motivo, que allegou a Deos para que a ouvisse, & ajudasse em huã empresa tam difficultosa, como a que intentava, foi a humildade da sua oraçaõ: *Nec su-* *Judith;*  
*perbi ab initio placuerunt tibi:* 9.16.  
*sed humilium, & mansuetorũ*  
*semper tibi placuit deprecatio.*  
Quer dizer: que Deos nunca se agradou de oraçoẽs misturadas com soberba, & que a oraçaõ, que sò estima, & ouve, he a dos humildes, & q̃ se accommodaõ aos demais, & não se querem preferir aos outros, que isso he o que significa, *Humilium, & mansuetorum.* Tambem era grande Senhora Lia, mulher do Patriarcha Jacob, & mãy de seis Patriarchas: & vede o q̃ disse,

P &

& os nomes, que poz ao primeiro, & segundo filho, quando Deos lhos deu. Ao primeiro poz por nome Ruben, dizendo, que Deos vira a sua humildade: *Vocavit nomen eius Ruben, dicens: Vidit Dominus humilitatem meam:* & ao segundo poz por nome Simeon, dizendo, que ouvira Deos a sua oração: *Quoniam audivit me Dominus, vocavitque nomen eius Simeon.* E por q̄ diz Lia, que primeiro vio Deos, & depois ouviu: & primeiro vio a sua humildade, & depois ouviu a sua oração? Porque para nossas orações chegarem aos ouvidos de Deos, primeiro haõ de ser registadas no Tribunal de seus olhos. Se os olhos de Deos vem, que levaõ alguã mistura de altiveza, ou soberba, allí paraõ, & naõ saõ admittidas, nem passaõ ao Tribunal dos seus ouvidos: porẽm se vé, & consta, que saõ humildes, entraõ he que as ouve, & as despacha, & concede quanto lhe pedimos. Primeiro, *Vidit humilitatem meam,* & depois, *Audivit me Dominus.* Para q̄ vejaõ as que oraõ, ou rézaõ com alguã mistura de jaetan-

Genes.  
29. 32.

Ibidem.  
33.

cia, ou menos humildade, se pôde Deos ouvir suas orações, nem olhar para ellas.

245 Tudo isto se entende, ou devia entender, quando as orações do Rosario pela vulgaridade da Lingua, & do uso merecessẽm nome de vulgares: mas este he o segũdo erro, que dizia, contra a verdade; porque verdadeiramente naõ ha orações mais altas, mais levantadas, mais sublimes, assim nas palavras, como no sentido, que as do Rosario. Da Sagrada Escriitura disse discretissimamente S. Gregorio Papa, que he hũ Rio muito plaino, & muito alto: tam plaino, que o pôde vadear hum Cordeiro; tam alto, que naõ toma nelle pé hum Elefante: *Est fluvius planus, & altus, in quo & Agnus ambulet, & Elephas nater.* Tal he a altura chaã, & a profundidade altissima das orações do Rosario: para os Cordeiros pequenos, & simples, facéis de entender; mas para os Elefantes grandes, & sabios, naõ sãõ difficultosas, mas impossiveis de vadear. O primeiro, que se engolfou neste pégo commentando a primeira

D Gre-  
gor.  
pref. in  
Lib.  
Moral.  
cap. 4.

meira Oraçãõ do Rosario, o Padre-nosso, foi Tertulliano; o segundo, S. Cypriano, ambos em Livros particulares, & depois delles Santo Agustinho em quatro Tratados diversos. Tertulliano, Cypriano, & Agustinho, todos tres eraõ Elefantes Africanos; mas posto que passáraõ felizmente o Rio, todos nadáraõ, nenhum chegou a lhe achar fundo. He a Oraçãõ do Padre-nosso como seu Autor, que atè os mininos o conhecem, mas nem os Serafins o comprehendem. E contentáraõse por ventura os que vieraõ depois, com ler, & admirar o que estas tam insignes pennas tinhaõ escrito? De nenhum modo. Todos os Padres, todos os Theologos, todos os Expositores, trabalháraõ depois, & trabalhaõ ainda hoje por descobrir, & descobrindo o que elles naõ alcançáraõ. Dos Santos Padres, assim Gregos, como Latinos, S. Gregorio Nisseno, S. Cyrillo, S. Joãõ Chrysofotomo, S. Pedro Chrysologo, Cassiano, Theoflasto, Euthimio: Dos Theologos depois de Santo Thomás, os Caietã-

nos, os Albertos Magnos, os Canisios, os Soares, os Belarminos: Dos Expositores, os Carthusianos, os Hugos, os Abulenses, os Maldonados, os Toledos, os dous Cornelios: & finalmente todos. E verdadeiramente sendo esta primeira Oraçãõ do Rosario o Assumpção dos maiores homẽs, que tem tido a Igreja de Deos em Mil & seiscentos annos; presunçãõ he mais que monstruosa haver molheres na nossa idade, que como vulgar a deixem para o vulgo, & para se estremarẽ, & distinguirem delle, troquem o Rosario pelo Breviario.

246 Mas para que conheçaõ o seu Breviario qual deve ser, de todos os Autores, que citey, ouçaõ o primeiro. Fallando Tertulliano do Padre-nosso, diz assim: *Quantum substringitur verbis, tantum diffunditur sensibus. Neque enim propria tantum orationis officia complexa est, venerationem Dei, aut hominis petitionem: sed omnem penè sermonem Domini, omnè comemorationem disciplina, ut re veram oratione Breviarii*

philos.  
Eu-  
thim.  
D. Tb.  
Caietan.  
Albert.  
Mag.  
Canis.  
Soares.  
Bel-  
larm.  
Carthu-  
sian.  
Hugo.  
Abulens.  
Maldonad.  
Tolet.  
Cornel.

Tertul.  
Cyprian.  
August.

Greg.  
Nissen.  
Cyrill.  
Chry-  
sost.  
Chrysol.  
Cassian.  
Theo-

*totius Evangelij comprehen-*  
*datur.* Para quem réza pelo  
 Breviario, parece, que não era  
 necessario romãcear estas pa-  
 lavras; mas porque me não  
 fio tanto da sua Grammatica,  
 o que querem dizer em  
 Portuguez, he isto: Que a O-  
 ração do Padre-nosso, ainda-  
 que breve, & estreita em pa-  
 lavras, he muito larga, & di-  
 latada em sentidos: porque  
 não sô abraça as duas partes  
 da Oração, que consistem em  
 venerar a Deos, & lhe repre-  
 sentar nossas petições; mas  
 comprehende juntamête to-  
 da a doutrina, que a Sabedô-  
 ria de Deos veyo do Ceo en-  
 sinar ao mundo, & he hum  
 Breviario de todo o Evange-  
 lho: *Totius Evangelij Brevia-*  
*rium.* Querem saber as Sen-  
 horas, & não Senhoras, qual  
 he, & deve ser o Breviario das  
 molheres? O Padre-nosso  
 muito bem rezado: adver-  
 tindo, q̄ o outro Breviario o  
 rézaõ quãdo muito hnã vez  
 no anno, & este Breviario no  
 Rosario quinze vezes cada-  
 dia. E se querem parecer dou-  
 tas, ou Doutoras, o mesmo  
 documento tem na Ave-Ma-  
 ria. Sendo minino São Tho-

más, tinha nas mãos hum pa-  
 pel, em que estava escrita a  
 Ave-Maria: & como lho  
 quizeffem tirar das mãos, o  
 minino cõ instincto do Ceo  
 o metéo na boca, & o masti-  
 gou, & o engulio. Mastiguê  
 bem no Rosario a Ave-Ma-  
 ria, & seraõ tam Doutoras  
 como Santo Thomás.

## III.

247 **T**udo o que atèquẽ  
 tenho ditto, se en-  
 tende sô de algum defvaneci-  
 mento feminino, se por ven-  
 tura o houvesse em quem por  
 presunção, authoridade, ou  
 jaçtancia antepuzesse o Bre-  
 viario ao Rosario. Mas porq̄  
 esta supposiçaõ offende mui-  
 to a Piedade, & Christanda-  
 de Portugueza, & mais na-  
 quellas illustres calidades,  
 em que a devaçãõ he tam pu-  
 ra, sincêra, & exemplar; pas-  
 sando ao segundo, & verda-  
 deiro caso, ponhamos na  
 mais recta, & fiel balança de  
 huã parte o Breviario, & da  
 outra o Rosario, & vejamos,  
 qual deve ser preferido.

248 Huã muito impor-  
 tante doutrina de Christo,  
 Mestre

Matth.  
24. 15.

Mestre Divino, & Senhor  
nosso, he aquella breve sen-  
tença, *Qui legit, intelligat:*  
Quem lê, entenda. Muitos  
naõ entendem o que lem, &  
ler sem entender, he como se  
naõ léraõ. O titulo da Cruz  
de Christo foi escrito nas tres  
Linguas principaes do mun-  
do, Hebraica, Grega, & Lati-  
na: *Erat scriptum Hebraicè,*  
*Græcè, & Latinè.* E porque ra-  
zaõ em tâtas Linguas? Para q̃  
todos entendessem o que liaõ  
no titulo da Cruz. Se estives-  
se sò escrito em Hebraico, en-  
tendelohiaõ os Hebréos, mas  
naõ o entêderiaõ os Gregos,  
nem os Latinos: se sò em Gre-  
go, entendelohiaõ os Gre-  
gos, mas naõ os Latinos, nê  
os Hebréos: se sò em Latim,  
entendelohiaõ os Latinos,  
mas naõ os Hebréos, nem os  
Gregos. Pois para que todos  
entendaõ o que lerem, esteja  
escrito na Lingua propria, &  
natural de cadahum. Isto sup-  
posto: pergũto agora às nos-  
sas Matronas Portuguezas, se  
quando lem o Breviario en-  
tendem o que lem, ou naõ?  
Põde ser que haja muitas, q̃  
digãõ que sim o entendem. E  
naõ será maravilha, que on-

de os entendimentos se enga-  
naõ com o espelho, se enga-  
nem tambem com o Brevia-  
rio.

249 Mas contra esta re-  
posta está muito à flor da ter-  
ra a instancia, que os da terra,  
& patria de Christo oppuze-  
raõ às suas letras. Quando  
Christo começou a prégar, &  
allegar, & Interpretar Escri-  
turas, diziaõ os de Nazareth,  
que o tinhaõ conhecido des-  
de Minino: *Quomodo hic litte-* *Ican. 73*  
*ras scit, cum non didicerit?* *15.* Se  
este nosso patricio nunca es-  
tudou, nem aprendéo, como  
sabe letras? Cõ a mesma ad-  
miração podemos nós dizer  
das nossas devotas do Brevia-  
rio: Se ellas naõ estudáraõ,  
nem aprendéraõ, & o mais q̃  
chegáraõ a saber, he ler por  
letra redonda, dõde lhe veyo  
esta Latinidade, & estas letras?  
Christo, alê m de outros prin-  
cipios mais altos, sabia o que  
fallava, por sciencia infusa:  
mas estas infusões de letras  
naõ as costuma Deos comu-  
nicar a molheres, a homês  
sim. Sára ao principio cha-  
mava-se Saray, & Abraham  
chamava-se Abram: & que  
fez Deos em ambos? A Sára

tiroulhe huã letra do nome, & a Abraham acrescentoulhe outra: porque aos homẽs acrescenta Deos as letras, às molheres naõ lhas acrescenta, antes lhas tira. A razãõ desta differença he a mesma, porque o Espirito Santo infundio a sciencia das Linguas aos Discipulos de Christo, & naõ às Discipulas: & porque? Porque àquelles homẽs fellos Mestres do mundo, & às molheres prohibiolhe que o

1. Ti-  
moth. 2.  
12.

fosse[m]: *Docere autem mulieri non permitto.* Mas dado, & concedido sem controversia, que ou por infusaõ do Ceo, ou por diligencia, & estudo proprio haja molheres, que tenhaõ tal pratica da Lingua Latina, que entendaõ o Breviario, estas ficaõ fora da nosa questãõ: & louvando, & venerando a sua sciencia, sãõ fallamos com as que a naõ tem.

250 Supposto pois que as que lem (bem, ou mal) o Breviario, naõ entendem os Psalms, nem os Hymnos, nẽ as Lições do Velho, & Novo Testamento, nem as Lendas, & Vidas dos Santos, nem as Exposições dos Padres, nem as Antifonas, Versos, Ora-

çoẽs, & todas as outras partes, de que o Officio Ecclesiastico he composto: quem pôde negar, nem duvidar, q̃ seja melhor conselho, & exercicio mais grato a Deos, rezar no Rosario os Padrenossos & Ave-Marias na Lingua vulgar, & Portugueza, que todos entendem, & naõ o Breviario na Latina, em q̃ naõ sabem o que dizem? Se alguem neste mũdo era mais interessado, & pudera ser mais apaixonado pelo Officio Ecclesiastico, era David, por duas grandes razões: a primeira, porque a principal materia do Officio Ecclesiastico saõ os Psalms do mesmo David: a segunda, porque a fôrma do mesmo Officio dividido nas Sete Horas Canonicas, tambem foi tomada delle, & à sua imitaçãõ (como confessa Baronio: ) *Septies in die laudem dixi tibi.* Porisso tambem o Psalterio de David se divide, & reparte todo pelos sete dias da Semana. E comtudo o mesmo David no Psalmo Quarenta & seis (como observaõ Ruffino, Hugo Cardeal, Ludolpho, & outros) nos exhorta a que

*Psalm.*  
118.  
64.

*Ruffin.*  
*Hugo.*  
*Ludolph.*

fal-

*Pfalm.* salmeemos, não sete, senão  
46.7.8. cinco vezes: *Pfallite Deo nostro, pfallite: pfallite Regi nostro, pfallite. Quoniam Rex omnis terra Deus: pfallite sapienter.* Pois se David salmeava sete vezes no dia, & no Officio Ecclesiastico se repetem os mesmos Psalmos sete vezes, & em sete Horas distintas. Que razão teve o mesmo Profeta, para neste Psalmo variar o numero, & o trocar de sete em cinco.

251 Já dissemos muitas vezes, que o Psalterio antigamente era hum, & depois foraõ dous. O antigo, he o Psalterio de David; o moderno, he o Psalterio da Virgem Senhora nossa: que este foi o primeiro nome, que teve o seu Rosario. Saibamos agora, qual he a materia deste Psalmo Quarenta & seis, em que o Profeta fez huã tam grande mudança. A primeira, & principal materia do ditto Psalmo, he a Subida de Christo ao Ceo, que foi o cõplemento dos Mysterios do

*Ibid.* 6. Rosario: *Ascendit Deus in júbilo, & Dominus in voce tubæ. Pfallite Deo nostro, pfallite: pfallite Regi nostro, pfallite: a*

segunda, foi a Fé, & Christandade universal, & o Reyno do mesmo Christo em todo o mundo: *Quoniam Rex omnis terra Deus: pfallite sapienter.* *Supra.* Na Ley Antiga, ainda q̄ Deos era Deos, & Rey de toda a terra, por dominio; por Fé sò era Deos, & Rey da terra de Judéa, & de Jacob: *Tu es ipse Rex meus, & Deus meus: 43. 5. qui mandas salutes Iacob:* porèm na Ley da Graça, em que a Fé se prégou a todo o mundo, & a todas as Nações: *Euntes in mundum universum, Marc. predicare omni creatura: & 16. 15.* depois que Christo se assentou à dextra do Padre, como diz o mesmo Psalmo: *Deus sedet super sedem sanctam suam: 46. 9.* entã ficou Deos, & Rey de toda a terra: *Quoniam Rex omnis terra Deus.* Neste diferente tempo pois, & neste diferente estado, exhorta particularmente David a que se salmee, & reze cinco vezes; que he o numero, em que se dividem as orações do Rosario, segundo a repartição dos seus Mysterios: & porque razão? Elle mesmo o diz nas ultimas palavras: *Pfallite sapienter: salmeay sabendo, &*

entendendo o que dizeis: assim está mais claro no mesmo Original Hebréo, em q̄ fallou o Profeta: *Pfallite in intelligentia*: salmeay, & rezay com intelligencia. Porque no Psalterio da Virgem, como se réza em vulgar, & na Lingua propria, he muito facil a intelligencia do que se diz, & no Psalterio de David, não; como elle mesmo advertio, & quiz que advertissemos.

252 O Psalmo Sincoenta & quatro tem por titulo, *In carminibus intellectus David*: Nos versos de David entendimento. O mesmo titulo se refere em muitos outros Psalms, advertindonos David em todos, que a sua intelligencia não he facil, mas muito difficultosa. E se isto se verifica, & exprimenta nos que sabem a Lingua Hebréa, em que forão escritos, & a Grega, & Latina, em que estão traduzidos: Que conceito farão os que são os pronunciaõ, & verdadeiramente não chegam a dizellos, por ignorancia da Lingua? Logo muita razãõ teve David, depois que conheceu como Profeta

os Mysterios de Christo, & q̄ sobre elles se havia de fundar outro Psalterio differente do seu: muita razãõ teve, digo, não para estimar menos o Officio Ecclesiastico, em que o seu Psalterio se repete, & reparte nas Sete Horas Canonicas; mas para que este se trocasse pelo Psalterio da Virgem, cujos Psalms, que são as oraçoẽs, de que consta, se repetem, & reparam de cinco em cinco, conforme a divisaõ dos Mysterios: sendo todo, ou o principal motivo de o preferir, a intelligencia delle: *Pfallite in intelligentia*.

253 Eu não quero, nem posso negar, que as Sete Horas Canonicas, em que se reparte o Psalterio de David, sejaõ muito mais dilatadas, & que porisso dem mais tempo a Deos, que as cinco Decadas de oraçoẽs, em que se reparte o Psalterio, ou Rosario da Senhora: mas reduzindo este mesmo numero, não a Decadas, ou oraçoẽs inteiras, senão a palavras somente; digo, que bastaõ só cinco palavras das oraçoẽs do Rosario rezadas com intelligencia do que

que significaõ, para serem preferidas a todo o Officio Ecclesiastico sem ella. Ouçamos neste mesmo caso, naõ a outro Autor, ou Autores, senaõ ao Apostolo S. Paulo, cujas definições saõ de Fé. No tempo da Primitiva Igreja, em que era muy frequente o dom das Linguas, nem todos os que as fallavaõ, as entendiaõ. Assim o notáraõ, & endinaõ, Santo Agustinho, Santo Thomás, Santo Ambrosio, S. Chrystomo, & outros Padres, & o declara Caetano com o exemplo da Jumenta de Balam. E como algũs destes, que fallavaõ em Linguas estranhas sem as entender, se prezassem de crar nas mesmas Linguas; reprovando S. Paulo este abuso, & allegando consigo mesmo, diz assim: *In Ecclesia volo quinque*

poem cinco palavras, na Lingua que se entende, a dez mil na que se naõ entende: *Quinque verba in sensu meo, quam decem millia in lingua: id est, peregrina*. No Breviario he verdade que rezais, ou pronunciais dez mil palavras; mas tambem he verdade, que as naõ entendeis: logo melhor he no Rosario naõ sã rezar cinco Decadas, ou cinco oraçoẽs inteiras, mas cinco palavras sãmente do Padre-nosso, & Ave-Maria; porque he na voõa Lingua, em que entendeis o q̃ dizeis a Deos.

## III.

254 **P**ARA que se conheça pois quanto importa esta intelligencia da Lingua propria em quem reza, & quanto se perde, & impede por falta della, vejamos as razões de utilidade, que na mesma intelligencia se encerraõ, as quaes Eu para maior brevidade, & comprehensãõ reduzo a tres: & saõ estas. Primeira, porque assim se reza com maior gosto: segunda, com maior fructo: terceira, com maior merecimẽ.

August.  
D. Tho-  
mas.  
Am-  
bros.  
Chry-  
stom.  
Caie-  
tan.

1. Cor.  
14. 19.

to, & agrado de Deos.

255 Quanto ao gosto, ainda sensivelmente, he sem duvida, porque o sabôr de quem falla, ou reza, he saber o que diz. Porisso o nome de sabedoria se derivou do sabôr, & huã, & outra cousa he *Sapere*. Tanto assim, que S. Basilio, S. Bernardo, Dionysio Carthusiano, & outros graves Autores, declarando as palavras de David: *Psallite sapienter*: dizem, que a quelle *Sapienter* val o mesmo que *Sapide*, saborosamente. E fundase esta interpretação no mesmo Original Hebréo, *Psallite in intelligentia*; porq̃ só quem ora com intelligencia do que diz, ora com sabôr. As palavras de S. Basilio são estas: *Si quis ad vim verbi cuiusque animo etiam ita afficiatur, quemadmodum gustatu ad qualitatem cuiusq. cibi, prorsus hic mandato illi satis facit, Psallite sapienter.* Aquelle que rezando entende as palavras que pronuncia, & percebe o sabôr de cada huã dellas, assim como o sentido do gosto o sabôr do que come; este tal he sômente o que satisfaz ao preceito de

Bernard.  
Dionysius.

Basiliius  
in Regulis  
brevior.  
Respons.  
276.

David, *Psallite sapienter*; porque ora saborosamente. Atê qui o grande Basilio

256 E que diz S. Bernardo como Doutor sempre melifluo? *Cibus in ore, Psalmus in corde sapit: mel in cera, devotio in litera est.* O comer sabe na boca, o Psalmo, & a oração naõ tem o sabôr na boca, em que se pronunciaõ as palavras, lenaõ no entendimento, com que se diz a Deos o que ellas dizem. Porisso a David lhe eraõ mais doces que hum favo de mel:

*Et dulciora super mel, & favum.* Psalm. 18. 11. Confidêra pois S. Bernardo, que no favo ha mel, & Psalm. 118. cera; & com a differença desta comparação distingue a oração saborosa da que naõ tem sabôr. *Mel in cera, devotio in litera est*: assim como o mel está na cera, assim a devotaõ está na letra: se entendeis a letra do que rezais, gozais o mel; se a naõ entendeis, mastigais a cera. Isto he o que succede às que rezãõ o Breviario, na Lingua que naõ entendem: mastigaõ a cera sem nenhum sabôr, quando pudêraõ gostar o mel, rezando na sua Lingua.

Ou.

257. Oração ao mesmo Christo, o qual também falava com mulher, quando *Cant. 4. II.* disse: *Favus distillans labia tua, Sponsa: mel, & lac sub lingua tua.* A vossa boca, Espôsa minha, he hũ favo, não seco, que entã seria somente cera, mas cheo, & redundante de suavissimo licor, q̄ debaixo da vossa lingua he mel, & leite. O leite no nosso caso he a parte de suavidade, que acrescenta às orações do Rosario a meditação dos Mystérios de Christo, & da Beatissima Mãe, que o trouxe em suas entranhas, & alimentou a seus peitos: *Beatus venter, qui te portavit, & ubera que suxisti.* Mas porque razão esta doçura não diz o Espôso, que estava na lingua, senão debaixo da lingua: *Sub lingua tua?* Porque o sabôr da oração não está no q̄ se pronuncia com a lingua, senão no sentido, & significação do que se pronuncia: não está no que soã as palavras, senão no que se entende debaixo dellas: *Sub lingua tua.* E se fizermos particular reflexão no *Tua*, acharemos huã nova energia, ou discreto equivo-

co, com que o Espôso quiz significar à Espôsa, que a doçura, & suavidade do que se diz, não a pôde sentir, nem gostar huã mulher orando na Lingua estranha, senão na sua: *Sub lingua tua.*

258. O mesmo se entende dos homês, que rézã o Breviario, se para elles for estranha a Lingua Latina. Ao Profeta Ezechiel, que era homem & grande homem, appareceo a mão de hum Anjo com hum livro, mandando-lhe que o comesse: *Comede Ezech. volumen istud: comeu-o elle, 3. 1.* & diz que o achou na boca tam doce como o mel: *Comedi: ibidem, di: & factum est in ore meo sicut mel dulce. 3.* Se o Texto parára aqui, & não declarára mais, bastava dizer que o Profeta achára doce o livro, para se collegir, que estava escrito em Lingua, que elle entendia; porque se a não entendera, não lhe havia de achar sabôr. Mas assim o declarou logo o Anjo, dizendo: *Non enim ad populum ignota lingua tu mitteris. Ibid. 5.* E como o livro não era de Lingua estranha, senão sabida, & a propria, & vulgar da sua Nação, por-

porisso o achou doce como o mel. Soubelhe ao que sabia, porque entendia o que significava. Tal he o Breviario para os que o entendem. E para as que o não entendê, como será? Parece-me a mim, que será como o Maná antes de gostado. Quando a primeira vez chovéo o Maná, começaram a dizer os que não sabião o q' aquillo era, *Manhú? Quid est hoc?* Que he isto? Gostado, era Maná, não gostado, era Manhú. Para os que o entendem, & o gostãõ, he o Breviario hũ Maná do Ceo, que tem todos os sabôres: para os que o não entendem, nẽ podem gostar, he hum perpetuo Manhú; porque a quãto lem, estaõ dizendo: *Quid est hoc?* Que he isto? Porque não sabem o que quer dizer. Rezem logo pelo Rosario, cujas Orações entendem, & são muito sabôrosas, que o de mais he huã devaçãõ muito sem sabôr.

## V.

259 **E** SE rezar sem entender he orar sê gosto, ainda he peor defeito

o segundo, que he orar sem fruto. Não sou Eu o que o digo, senãõ o Apostolo S. Paulo, impugnando, & condenando (como a sima disse) aos que em seu tempo oravaõ em Lingua, q' não entrẽdãõ: *Si orem lingua, spiritus meus* 1. Cor. orat, mens autem mea sine fru. 14. 14. *Estu est.* Se Eu orar em Lingua, que não entendo, o meu Espirito he o que ora, & a minha Alma fica sem fruto. Estas palavras não sãõ tem dado occasiãõ a varias interpretações, mas parece, que entendidas assim como soãõ, contém huã implicação manifesta. O Espirito, & a Alma he a mesma cousa: & se tem algũa differença, he que a palavra Espirito significa a parte superior da mesma Alma. Pois se quando S. Paulo oraf: se em Lingua estranha, cõfessa que ora o seu Espirito: *Si orem lingua, spiritus meus orat:* como diz, que orando deste modo, a sua Alma fica sem fruto: *Mens autem mea sine fructu est?* Bem apertada estava a instancia, & bem se seguia a implicação, se a palavra Espirito significasse neste lugar a parte superior da Alma,

Luc. I.  
46.

Alma, como quando a Virgẽ Senhora nossa disse: *Magnificat anima mea Dominum, & exultavit spiritus meus in Deo salutari meo.* Porém *Spiritus* neste Texto significa o ar da respiraçaõ, com que a lingua faz a voz, & fórma a palavra, & he o mesmo que

Primasius.  
Cornelius.

*Halitus. Spiritus hęc sermo intelligendus est:* diz Primasio: & Cornelio ainda mais propriamente: *Spiritus meus, id est, vox mea spiritu vitali, & vocali prolata.* De forte, q̃ fallou aqui S. Paulo como altissimo Filosofo, & eloquentissimo Orador: como Filosofo, porque segundo a definiçaõ de Aristoteles, a voz naõ he mais que o ar da respiraçaõ movido com a lingua: *Vox est icctus aeris respiracione attracti:* & como eloquentissimo Orador, porque para atenuar o pouco que faõ, & valẽ as palavras, quando quem as pronuncia, naõ entende o sentido dellas, nem lhe quiza chamar vozes, nem palavras, senaõ hum pouco de ar. E assim vem a ser a sentença do Apostolo esta: Se Eu oro (ou orasse) em Lingua, q̃ naõ entendo: *Si orem linguas*

Aristoteles.

quem ora nõ tal caso, naõ he a minha Alma, senaõ hum pouco de vento, porque he o ar da minha respiraçaõ: *Spiritus meus orat:* & como a minha Alma naõ he a q̃ ora, porisso fica sem fruto: *Mens autem mea sine fructu est.* O exemplo, com que confirma esta sua doutrina o Apostolo, he muito como seu: *Nunc autem, fratres, si venero ad vos linguis loquens: Quid vobis prodero?* Pergunto, meus Irmaõs (diz Paulo) se Eu usando do dõ de Linguas, q̃ tenho, vos prégar em Lingua, que naõ entendeis, aproveytarvosheis, ou farey algum fruto em vós? Claro está que naõ. Pois assim como Eu prégando em Lingua, que naõ entendeis, vos naõ posso aproveitar a vós; assim tambẽ se orar em Lingua, q̃ Eu naõ entendo, naõ me posso aproveitar a mim: *Mens autem mea sine fructu est.*

I. Cor.  
14.6.

260 E qual he a razãõ, porque as palavras, com que oramos, se naõ entendemos o que significaõ, ainda que fossemos tam Santos como S. Paulo, naõ produzem fruto? A razãõ he; porque o fruto da

da Oração consiste nos affectos da nossa Alma para com Deos, & para com nosco, & as palavras, cujo sentido não entendemos, não podem excitar, nem produzir estes affectos. O mesmo S. Paulo o declarou em outro lugar, como se fallasse finaladamente com os que rezão o Breviario: *Loquentes vobis metipsis in Psalmis, & Hymnis, & Canticis spiritualibus, cantantes, & psallentes in cordibus vestris Domino.* Quando rezais Hymnos, & Psalmos, & Canticos (que he o que se faz no Breviario) ha de ser demaneira, que com as palavras vos falleis a vós mesmos, & com o coração louveis a Deos: eõ as palavras a vós mesmos: *Loquentes vobis metipsis: & com o coração a Deos: in cordibus vestris Domino.* Mas quando Eu não entendo o q̄ diz o Hymno, nem o Psalmo, nem o Cantico, como pôde esse Hymno, esse Psalmo, & esse Cantico excitar em mim os affectos, que significão as suas palavras, se para mim, que sômente as pronuncio com a lingua, são hum mero som formado no

Ephes.  
5.19.

ar sem significação alguma? Ore Eu em Lingua, q̄ entendo (& melhor, se for na propria) & logo o sentido das palavras se fará sentir nos affectos; & a mesma lingua, como se fosse de fogo, o pegará ao coração. Não affirmo, q̄ isto quizesse dizer David, mas querendo, ou não querendo, as suas palavras o dizê: *Concaluit cor meum intra me: & in meditatione mea exardescit ignis. Locutus sum in lingua mea.* O meu coração concebéo tal calor dentro em mim, que na minha oração se abrozou em fogo. E donde lhe vieraõ ao coração, tam ardentes affectos? *Locutus sum in lingua mea:* porque fallay na minha Lingua. Se isto quiz dizer David, basta que elle o diga; & se não foi esse o seu pensamento, seja a prova a vossa experiencia. Vós, que não entêdeis o Breviario por ser em outra Lingua, rezay o Rosario na vossa, & vede, se ha palavra nas suas orações, que da lingua ao coração não excite ardentissimos affectos? 261 Se digo, Padre nosso, esta palavra me excita a amar hum Deos, q̄ me criou, &

Psalm.  
38.4.5.

& de nada me deu o ser, que tenho, & a não degenerar de filho de tam soberano Pay. Se digo, Que estás no Ceo, esta palavra me lembra, q' o Ceo, & não a terra, he a minha patria, & que viva na passagem deste mundo, como quem ha de viver là eternamente. Se digo, Sâtificado seja o teu nome, esta palavra me ensina a veneraçã, com que devo tomar na boca o nome de Deos, & a verdade, com que, sendo necessario, hey de jurar por elle. Se digo, Venha a nós o teu Reyno, esta palavra verdadeiramente saudosa me amoesa do fim, para que fui criado, & que se agora sirvo neste cativoiro entre os homês, he para depois reynar entre os Anjos. Se digo, Seja feita a tua vontade, assim na terra, como no Ceo, esta palavra confôrma a minha vontade com a divina, para q' querendo o que elle quer, tudo o que se faz, ou succede, seja tambem o que Eu quero. Se digo, O paõ nosso de cada dia nos dá hoje, nesta palavra me livro de todos os cuidados da vida, & com os seguros thesouros de não dezer-

jar o superfluo, sou mais rico que todos os ambiciosos do mundo. Se digo, Perdoanos as nossas dividas, assim como nós perdoamos, com este pequeno cabedal de perdoar o pouco que me devem, pago as infinitas dividas de quanto devo a Deos, pelo que delle recebi, & o tenho offendido. Se digo, Não nos deixes cair em tentaçã, nesta palavra reconheço, para a cautella, a propria fraqueza, & me ponho naquellas poderosas mãos, de quem sô me pôde ter maõ, para que não caya. Se digo finalmente, Mas livranos de mal, nesta ultima palavra confesso, que muitos dos que tenho por bens, verdadeiramente são males, & que sô me pôde livrar delles, quem sô os antevé, & conhece.

262 As palavras da Ave-Maria não são menos excellentes os affectos a que nos excitaõ. Se digo, Ave Maria, nesta palavra faudo aquellá Senhora, que o he de toda a faude, & sem cujo patrocínio ninguem alcançou a eterna. Se digo, Chea de Graça, nesta palavra me persuado, que a Graça

Graça foi a sua maior felicidade, & que todas as felicidades sê Graça saõ a summa miseria. Se digo, O Senhor he contigo, esta palavra me anima a estar sempre com Deos por amor, & obediencia, & já mais por nenhum caso me apartar delle. Se digo, Benta es tu entre as molheres, esta palavra me traz à memoria a maldiçaõ de Eva, & a de quantos por causa de suas filhas tem sido malditos. Se digo, Bento he o fruto do teu Ventre, JESU, esta palavra me avisa, que assim como aquella fruto bemditto foi o Salvador, assim o de todas as minhas obras deve ser a salvaçaõ. Se digo, Santa Maria Mãe de Deos, esta palavra fiado em sua benignidade me postra a seus soberanos pés para perpetuo escravo de tal Senhora, & filho de tal Mãe. Se digo, Roga por nós peccadores, esta palavra me préga, que o que sobre tudo devo procurar com maior ancia, & com maior contriçaõ, he o perdaõ dos peccados. E se finalmente digo, Agora, & na hora da nossa morte, esta palavra acaba de me defenga.

nar, que despreze, & não faça caso de quanto acaba com a vida, & que a minha vida seja tal, como quizera ter vivido na morte, & que esta pôde ser nesta mesma hora. Estes saõ parte dos affectos, a que nos excitaõ as oraçoẽs, & palavras do Rosario, por serem rezadas, & entêdidas na nossa Lingua vulgar: para q̄ vejaõ as devotas do Brevariario, se saõ tantos, & tam proveitosos, os que delle tiraõ em Latim, como estes em Portuguez.

263 Oh queira Deos, q̄ isto que parece devaçaõ, não seja castigo! Quiz Deos castigar severamente os filhos de Israel, & o castigo, que fulminou contra elles, foi, que lendo as Escrituras, não as entêdessem. Denunciou ao Povo esta sentença de Deos o Profeta Isaias, & para lha dar bê a entender, foi com este exemplo. Se mostrarem hum livro fechado a hum homê, que sabe ler, & lhe perguntarem o que diz aquelle livro, responderá, que não sabe, porq̄ está fechado. E se mostrarem o mesmo livro aberto a outro homem, que não saiba

faiba ler, perguntado do mesmo modo, que diz o livro, responderá, que não sabe, porque não apredéo letras. Pois desta mesma sorte (diz o Profeta) te castigará Deos, ò Povo cogo, porque ou lendo, ou não lendo as Escrituras, não entenderás o que dizem:

*Isai. 29. Et erit vobis visio omnium sicut verba libri signati: quem cum dederint scienti literas, dicent: Lege istum: & respondebit: Non possum, signatus est enim. Et dabitur liber nescienti literas, diceturque ei: Lege: & respondebit: Nescio literas.*

Em summa, que o castigo, que Deos mādou àquelle Povo, foi, que ou abrissem, ou não abrissem o livro das Escrituras, ou o lessem, ou o não lessem, não o entenderião. E tal he o Breviario para quem o não entende. Se não entendeis o que diz, ou o leais, ou não leais, ou rezeis, ou não rezeis, tanto importa o vosso Breviario fechado, como aberto. Deixay agora o Rosario por esse livro.

Tom. 6.

## VI.

264 **E** PARA que vejais o pouco que Deos

se agrada de semelhantes leituras, lidas, mas não entendidas: (que era o terceiro defeito;) consideray, que assim como Deos se agrada muito da oração que he oração, assim se não pôde agradar da que o não he. Não sou Eu o que lhe nego este attributo, senão o mesmo Mestre Divino da Oração, Christo Senhor nosso, em huas notaveis palavras: *Quicumque orantes petitis, credite quia accipietis.* tudo o que pedirdes a Deos orando, crede que o recebereis. Orar, he pedir a Deos: pois como distingue Christo o pedir orando do pedir não orando? Porque o pedir orando, ou não orando, são duas cousas tam distintas, como pedir entendendo, ou não entendendo o que peço. Porisso S. João Damasceno, a quem se guem todos os Theologos, definiu a Oração, *Ascensio mentis in Deum:* o orar he levantar a Deos: & diz a Mente; porque esta he. na

Q Alma

D. Damascenus lib. 3 de Fide cap. 24.

Alma a parte intellectual, & com que entendemos. Se entendendo o que peço, o meu pedir he orar; & se não entendo o que peço, nem o meu pedir he orar, nem o meu orar he pedir. Como pôde logo Deos agrada-se de hũa voz vaãs, & sem alma, que só tem nome de orações, & não são orações.

265. Direis, que ainda que não entendais o que dizeis, Deos, com quem fallais, o entende: que menos entendem as suas vozes as aves, & comtudo louvaõ a Deos com seu canto: que atè o som dos instrumentos mortos, & sem sentido, lhe he tam aceito, & agradavel, como bem significou David cõ aquelle seu Laudate tam. Inculcado, & repetido: *Laudate eum in sono tubæ: laudate eum in psalterio, & cithara. Laudate eum in tympano, & choro: laudate eum in chordis, & organo. Laudate eum in cymbalis bene sonantibus, laudate eum in cymbalis jubilationis.* Logo injustamente se desaprovão as vozes humanas, & racionais, por não serem entendidas de quem as pronuncia, se atè as

*Pfalm.*  
150. 3.  
4.5.

sensitivas, & insensíveis louvãõ, & gloriaõ a Deos. Respondendo em gèral, que tam fora estaõ todas estas replicas, ou contraditas, de provar o contrario do que vou dizendo, que antes são novas razões, que mais o confirmãõ. E assim as irey desfazendo por huã parte, & por outra estabelecendo esta mesma proposição, em que estamos.

266. Primeiramente, dizer que Deos entẽde o que vós rezais, quando vós o não entendeis, he falso. Ouvi ao mesmo David, que acabastes de allegar: *Verba mea auribus percipe, Domine: intellige clamorem meum: percebe, Senhor* (diz David) as minhas palavras, & entendey os meus clamores. Por certo, que se outrem fizera esta petição, não sò pareceria efuzada, mas muito indisereta. Deos tudo percebe, tudo entende, & não pôde deixar de oentẽder, ainda que nós queiramos, & lho roguemos. Pois como pede David a Deos neste Psalmo, que entenda as suas palavras? Porque assim este Psalmo, como os demais, não o fez David sò para sy, senão.

senão gèralmente para todos os que o haviaõ de rezar: & entre elles havia de haver alguns, cujas palavras Deos não havia de entender, posto que fõsem as mesmas. E quem são estes, cujas palavras Deos não havia de entender? São aquelles, que as dizem sem elles entender o que significãõ. A razão he manifesta, & fundada na mesma excellencia do Entendimento Divino. Porque Deos não entende, nem pôde entender as cousas, senão como ellas são. E como as palavras são significativas dos conceitos, & Eu, quando pronuncio as palavras, que não entendo, não faço conceito do que ellas significãõ: como pôde Deos entender o que lhe digo, se Eu lho não digo? Dizey, & braday a Deos quanto quizerdes, que elle nem ha de entender as vossas palavras, nem os vossos clamores, porque quanto vós dizéis, & bradais, tambem vós o não entendeis. Entẽdey primeiro o que lhe quereis dizer, & entãõ entenderá elle o que vós lhe disserdes. Notay finalmente o que notou a

gudamẽte Asterio neste mesmo verso de David, advertindo que não disse, *Sermonem meum*, senão, *Verba mea*; porque palavras desatadas não fazem oraçaõ, nem tem sentido. E taes são todas as do Breviario, para quem as não entende, que neste caso não he sò o que réza, senão tambem Deos.

267 E porque esta filosofia por muito delgada não pareça menos solida, ouvi a S. Paulo escrevendo aos Filipenses: *In omni oratione, & obsecratione cum gratiarum actione petitiones vestrae innotescant apud Deum.* Quando orais, seja de tal modo, que em toda a vossa oraçaõ, & em todos os actos della, cheguem as vossas petiçoẽs à noticia de Deos. Aa noticia de Deos? *Innotescant apud Deum?* E pôde haver oraçoẽs, que não cheguem à noticia de Deos, que tudo conhece, tudo entende, tudo sabe, & nada se lhe esconde? Sim: diz o maior Letrado de todos os Apostolos, ou assim o suppoem. E posto que os Interpretes declarando estas mesmas palavras, apontão varios modos,

em que nas orações humanas se verifica o não chegarem à noticia de Deos; nenhum he mais proprio, & rigoroso que o do nosso caso, quando que faz oração a Deos, não entende o q' lhe diz. Logo mal fundada he a vossa replica, em dizer, que se vós não entendeis o que rezais, basta q' Deos o entenda. Accommodayvos pois a trocar o Breuiario pelo Rosario, & em lugar dos tres Nocturnos, q' são muito escuros, rezay os tres Terços, que são muito claros, & em lugar das Sete Horas Canonicas, as Sete Pétições do Padre-nosso.

268 A outra replica era, que se as vozes das aves, que ellas não entendem, louvaõ a Deos, quanto mais as racionais, & humanas? Tambẽ esta supposiçãõ he falsa; porq' as vozes, que o homem pronuncia, & não entende, rigorosamente não são humanas, posto que o pareçaõ. Porisso Caietano comparou as do Animal de Balam as dos Corinthios, que S. Paulo reprehendéo, porque oravaõ em Lingua, que não entendiaõ. As vozes, que a Natureza

deu aos animaes, todãs tem suas significaçoẽs; porque de hum modo declaraõ a fome, doutro modo a ira, doutro modo a dor, & assim das outras paixões, appetites, ou instinctos, ainda que irracionais, & brutos. E se estas significaçoẽs do seu mugir, ballar, rinchar, uyvar, & bramir, se achãõ nos animaes sem razãõ; não he grande afronta dos que tem uso della, fallarem sem entender o que dizem? O exemplo do canto das aves, posto q' tenha mais harmonia, não he menos ignominioso. Porque me hey de contẽtar de louvar a Deos como hum Rouxinol, se posso louvar como hum Anjo? Porque me hey de contẽtar de lhe dar a alvorada como hum Canario, ou Pintacilgo, se o posso fazer como hum Serafim? Ainda posso voar mais alto rezãdo o Rosario. Se digo, Ave Maria, fallo como S. Gabriel: se digo, Padre nosso, fallo como Christo. E porque a censura desta replica não seja sò minha, ouvi a de S. Boaventura: *Qui sola voce precatur se ne mètis applicacione, nesciens quid*

D. Bo-  
naven-  
tura.

quid dicat, quis non videt, hunc Pfitaco similem esse? Aquelle q̄ ora, ou cuyda que ora, sem entender, nem saber o que diz, quem não vé, que he semelhante ao Papagayo? Sò quem tiver o juizo tam verde como elles, não verá a verdade desta semelhança, & muito mais a deformidade della.

269 Sò resta a replica dos instrumentos, a qual, para melhor vos cõfutar, vos concedo. Nem vós entendeis o que dizeis, nem elles o que soaõ: & he muito honrada consolação, que tomeis o Breviario nas maõs para louvar a Deos como as harpas, como os orgaõs, & como os sinos. Mas destes meismos instrumentos insensiveis fórma hum valentissimo argumento o tantas vezes allegado S.

I. Cor.  
14. 7.

Paulo: *Quæ sine anima sunt vocem dantia, sive tibia, sive ciithara: nisi distinctionem sonituum dederint, quomodo scietur id, quod canitur, aut quod ciitharizatur?* Os instrumentos, que não tem alma, & tẽ voz, se não distinguirem os sons, como se ha de entender o que significaõ? Desorte, q̄ atẽ nos instrumentos inani-

mados saõ necessarias três cousas: o som, a significação do que soaõ, & a intelligencia do que significaõ; porque se faltar esta significação, & esta intelligencia, os instrumentos por sy sós de nada servem. Poem o exemplo o mesmo Apostolo na trombeta: *Etenim si incertam vocem ibidem; det tuba: quis se parabit ad bellum?* A trombeta toca a marchar, a fazer alto, a acometer, a retirar, & a todos os outros movimentos militares: mas estas distincões, & intelligencias, não as faz a trombeta, senaõ o Trombeta. O homem que a governa, he o que a anima; porque a voz do instrumento he a voz sem alma: *Sine anima sunt vocem dantia.* E como a alma da voz he a significação, & a intelligencia, ainda nos instrumentos, com que se allegava: bem se prova dellas, & com elles, quam pouco val o som das vozes em quem ora, se lhe faltar a intelligencia do que significaõ.

270 Nem o Texto, ou Textos de David citados, persuadem o contrario, antes declaraõ, & confirmaõ mais

esta mesma verdade. Nenhū daquelles Textos ( coufa muito digna de se notar ) diz, que os instrumentos louvem a Deos, senaõ, que os homēs louvem a Deos com elles.

*Psal. 150.3. Laudate eum in sono tubæ: laudate eum in psalterio, & cithara:*

Naõ diz, que louvem a Deos as trombetas, os psalterios, & as citharas, senaõ, q̄ os homēs o louvem com as citharas, com os psalterios, &

*Ibid. 4. Laudate eum in tympano, & choro: laudate eum in chordis, & organo:*

Naõ diz, que louvem a Deos os atabales, as cordas, & os orgaõs; senaõ, que os homēs o louvem com os orgaõs, cõ as cordas, & com os atabales.

*Ibid. 5. Laudate eum in cymbalis bene sonantibus: laudate eum in cymbalis jubilationis:*

Naõ diz, que louvem a Deos os sinos bemsoantes, nem os repiques alegres; senaõ, que os homēs o louvem com o som dos sinos, & dos repiques. E porque naõ diz David, que louvem os instrumentos a Deos, senaõ, que louvem a Deos os homēs cõ os instrumentos? Porque nos instrumentos estaõ as vozes, nos

homēs esta a intelligencia: & os louvores de Deos naõ se compoem s̄o das vozes sem intelligencia, que estaõ nos instrumentos; senaõ, da intelligencia junta co n as vozes, que esta nos homēs.

## VII.

271 **D**E tudo o que a-tèqui temos disputado, & discorrido, parece, que jà fica resoluto, & fõra de controversia a nossa questãõ dentro dos termos, em que a propuzemos: naõ entre o Breviario, & o Rosario absolutamente, & para todos; mas em respeito daquellas pessoas s̄omente, a quem falta a noticia, & pratica da Lingua Latina, bastante a entender o Officio Ecclesiastico. E para que o devoto femineo sexo conheça quam recta, & desinteressada he a tençaõ, cõ que tenho avogado pela justica desta causa: & naõ pareça, que dissimulo, & passo em silencio o argumêto, & exemplo, que mais favorece a sua parte; quero acabar, pondo em campo por ella, vestidas de differêtes habitos, & insignias,

nias, todas as Religioſas de todas as Nações Catholicas, as quaes tambem geralmente não ſabê mais que a ſua Lingua, & comtudo uſaõ do Breviario Romano, & rézaõ o Officio Eccleſiaſtico na Lingua Latina. Logo ſe por preceito da Igreja univerſal, & pelos Eſtatutos particulares das ſuas Religioes ſaõ obrigadas às meſmas Horas Canonicas na meſma Lingua Latina, que não entendem (& não ſe pôde dizer que eſte uſo não ſeja muito ſanto, ou cõtenha algũa imperfeição:) ſegueſe, que o meſmo podem fazer, & tam louvavelmente, como ellas, todas as que não ſaõ Regulares. A conſequecia parece forçoſa; mas reſpondo, que nem ſe ſegue, nem ſeria tam louvavel.

272 As muitas razoês, que a Igreja Catholica tem, & teve deſde ſeu principio, para no Officio Eccleſiaſtico, como tambem nas Eſcrituras Divinas, na Miſſa, & nas Fórmãs dos Sacrametos não uſar das Linguas vulgares, ſe não da Latina, ſe reduzem principalmente a duas. A primeira, pela mageſtade das

couſas Sagradas, & Culto Divino, que nos ouvidos, & entendimentos dos rudes podia perder parte da reverencia, & eſtimação, & ficar expoſto a muitas interpretações, não ſõ indignas, mas erradas. A ſegũda, porque ſendo a Igreja Catholica huã ſõ, tambem convinha, que a Lingua, de q̄ uſaſſe em todas as partes do mundo, foſſe aſſim meſmo huã, & eſſa a mais commum, & univerſal, qual he a Latina. E poſto que no Officio Eccleſiaſtico tenhaõ obrigação de a ſaber os homês, a quem he mais facil, & não as molheres; comtudo, para que em todos os Coros publicos ſe guardaſſe a meſma uniformidade, foi mais conveniente, que tambẽ ellas rezafſem na meſma Lingua. De nenhũ modo porẽm ſe ſegue, que ſeria igualmente louvavel eſte uſo nas que não ſaõ Regulares. Porque eſta he a differença, que ha entre as couſas, que ſe fazem por obrigação, & preceito, em que o Legislador attende ao bem commum, ou por eleição propria, & livre, em que cadahum deve attende ao bem, & con-

*larm.  
lib. 2. de  
verbo  
Dei cap.  
ult.  
Soar. de  
Relig.  
tom. 2.  
lib. 2.  
cap. 5.*

veniencia particular. E desta mesma differença se conclue, que nunca as que não são Regulares rezãdo o mesmo Officio igualariaõ o merecimeyto das Regulares; porque nestas supre a obrigaçãõ, & obediencia, o que naquellas perde a propria vontade, & eleiçãõ, quando he melhor o que deixaõ, que o que escolhem.

273 He doutrina de S. Paulo, que sempre se deve escolher o melhor: *Emulamini charismata meliora*. E não era necessario para isso a sua authoridade, porque assim o ensina a prudencia, & dirame natural da razaõ. Quando a escolha he entre o mal, & o bem, ha-se de escolher o bem, & deixar-se o mal: mas quando he entre o bom, & o melhor (como a nossa) ha-se de escolher o melhor, & deixar-se o bom. Esta verdade ditada pela Natureza, & canonizada pela Fé, he a que Eu perdi persuaadir em todo este Discurso. Rezar o Breviario, ainda que se não entêda, sempre he bom, porque he acto de Religiãõ, & Culto Divino, & modogéral de honrar,

venerar, & louvar a Deos. Rezar porêem o mesmo Breviario entendendo, he melhor, & muito melhor; porq̃ alêem deste Culto géral, logras as ventagês do sabôr, do fruto, & dos affectos particulares, que estaõ encerrados na intelligencia das palavras, a que Santo Thomás, & todos os Theologos, assim Escolasticos, como Asceticos, chamaõ Pasto Espiritual da Alma, do qual em proprios termos dizia David: *Sicut adipe, & pinguedine repleatur anima mea: & labijs exultationis laudabit os meum*. E como entre o bom, & melhor do Breviario rezado cõ intelligencia, ou sem ella, ha tam grande differença: que fará huã molher, que o não entende, para conseguir o melhor? Aqui se vem os grandes privilegios da Religiãõ. Se he Religiosa, não pôde deixar o Breviario, nem o deve trocar: mas se não he Religiosa, deveo deixar, & trocalle pelo Rosario. E porque? Porq̃ na Religiosa o que por sy he sômente bom, por virtude da obediencia sobe a ser o melhor: & na que não he Religiosa,

*Psalm.*  
62. 6.

giosa, que obra por propria eleiçãõ, & não por obediencia, o que he sômente bom, não pôde passar a ser melhor, senão trocandose. E a troca deve ser do Breviario em Rosario, porque he trocar o que não entende pelo que entende, como tam largamente deixamos provado.

274 Por fim, pôde haver algũa devota tam devota, que reze, ou queira rezar huã, & outra cousa, o Breviario, & mais o Rosario. Mas tambem não aprovo esta cõcordata, porque seria abarcar muito, & apertar pouco. He o improprio, que o Profeta Aggéo lançava em rosto aos que de grande seára colhem pouco graõ: *Seminastis multum, & intulistis parum.* Hum sô Mysterio de Christo, & huã sô clausula do Padre-nosso basta para meditar toda a vida, quanto mais o Rosario inteiro. Em nossos dias houve dous Varoẽs Santos, hum Secular, outro Religioso, nesta America: hum, que gästou tres annos em dizer a cada respiraçaõ, *Fiat voluntas tua*: & outro, que Eu conheci, & tratey, o qual desde

a Meya noite até o sair do Sol, tinha seis horas de Oraçaõ de juelhos, meditando em huã sô Chaga de Christo crucificado.

275 E se o meu pouco espirito não tem bastado para mostrar bem este melhor, & persuadir esta troca; espero por fim, que baste a authoridade da mesma Senhora do Rosario, & que não haverá devaçãõ algũa tam pertináz, ou juizo tam teimoso, que se atreva a resistir á força de suas divinas palavras. O segundo Prégador depois do Patriarcha S. Domingos, escolhido pela mesma Virgem Santissima para Restaurador da devaçãõ do seu Rosario, que, como todas as cousas boas, com o tempo se hia esfriando, & diminuindo; foi o Beato Alano, tam filho do mesmo Santo Patriarcha no espirito, como imitador do zelo. Apareceõlhe pois a Soberana Rainha dos Anjos, & encarregãdolhe, que para remedio, & reformaçaõ do mundo tornasse de novo a prégar, & promulgar o Rosario, as razoẽs, que acrefçetu por sua boca Sacratissima,

da Cõ-  
panhia  
na Ba-  
hia.

*Andra*

Agg. e.  
I. b.

Grego-  
rio Lo-  
pes, Se-  
cular  
em Me-  
xico.  
Joaõ  
Adria-  
no, Re-  
ligioso

lima, para que elle em seu nome as inculcasse a todos, fóraõ estas: *Siquidem hoc genus orandi promptum, ac facile, est mihi gratissimum, ad imperandam Divinam misericordiam accommodatissimum, populis salutare, & contra quavis adversa præsens auxilium.* Porque este genero de orar prompto, & facil, he para mim (diz a Senhora) o mais agradavel de todos, para alcançar a misericordia Divina o mais accommodado, & para os Povos o mais util, & faudavel, porque nelle tem o mais efficaz remedio, & socorro contra todas as adversidades. Todas estas prerogativas da devaçãõ do Rosario, & pronunciadas por tam Divino Oraculo, a fazem digna de summa estimaçãõ. Mas a que no nosso caso se deve pôderar, & venerar sobre todas, he dizer a mesma Senhora do Rosario, que este modo de orar, por ser prompto, & facil, lhe he, não só agrada-vel, mas em grão superlativo

gratissimo: *Siquidem hoc genus orandi promptum, & facile, est mihi gratissimum.* Que quer dizer, *Promptum, & facile*, senõ, ordinario, vulgar, & de grande facilidade, sem machina de rubricas para o ordenar, & acertar, nem outra Lingua mais q̃ a propria para o entender? Isto he o que nota, & préza a Senhora das Senhoras no seu Rosario, para que se emẽdem do seu juizo, & da sua eleiçãõ, as que por ordinario, & vulgar, trocãõ este genero de orar por outro. Não sejaõ como Na-  
 aman Syro, que sobrelevado  
 da sua qualidade, & grandeza,  
 desprezou o remedio do Jor-  
 daõ, por facil, & vulgar a to-  
 dos. E se querem agradecer à  
 Rainha do Ceo, como affec-  
 taõ às da terra, conformem-  
 se com o modo de orar, que  
 lhe he gratissimo: repetindo  
 muitas vezes em vulgar, *Ave  
 Maria chea de Graça*, como a  
 Oradora do Evangelho lhe  
 disse tambem em vulgar: *Bea-  
 tus venter, qui te portavit.*

4.Reg. 5.  
 II. 5.  
 seqq.

FINIS.

SER-



# S E R M A M

## X X I I I .

COM O SANTISSIMO

### SACRAMENTO EXPOSTO.

*Booz autem genuit Obed ex Ruth. Matth. 1.*

I.

276



VIRGEM  
Maria, Se-  
nhora nossa,  
no seu Divi-

no Cantico da Magnificat  
affirma de presente, & profe-  
tiza de futuro, que aos po-  
bres enche Deos de bens, &  
aos ricos deixa vafios: *Efu-  
rientes implevit bonis: & di-  
vites dimisit inanes.* Na roda  
do hortellaõ, & nos vafios de  
barro, que com ella vaõ dan-  
do a mesma volta, naõ vedes,  
como os vafios defcem, & os

cheos sobem, & logo os va-  
fios se enchem, & os cheos fi-  
caõ vafios? Pois isto mesmo  
he o que faz (diz a Senhora)  
naõ a Roda, que vós chamaes  
da Fortuna, mas a constante  
Disposiçaõ da Providencia  
Divina: *Efuriens implevit. Ibidem.  
Divites dimisit inanes.*

277 Em muitos exem-  
plos dos seus Alcêdentes nos  
pudéra provar a Virgem  
Maria a variedade, ou provi-  
dencia desta mesma Roda;  
mas em nenhum melhor que  
na historia de Ruth, que to-  
mey por Thema: *Booz autem*

*Matth.  
1. 5.*

ge:

Ruth. I.  
21.

genuit Obed ex Ruth. Era Ruth nora de Noemi (naõ cuys deis que o digo por equivo-co) & assim como Noemi disse de sy: *Egressa sum plena, & vacuam reduxit me Dominus*: que he o *Divites dimisit inanes*: assim Ruth com os termos, & a Fortuna trocada, estando pobre, & faminta, & verdadeiramente *Vacua*, Deos a enchéo de tantos bẽs, & de tanta abundancia, & fartura, que com maior verdade se pôde chamar *Plena*: *Esurientes implevit bonis*.

278 Os bens, de que falla neste lugar a Soberana Rainha, como Mãe de misericordia, sãõ os bens temporaes, & da terra, necessarios ao sustento da vida humana. E destes, como remedio da pobreza, & fartura dos que padecem fome, determino Eu tratar hoje: para que se naõ queixe, ou cuide o corpo, q̄ sô sobre os espirituaes, & da Alma, tem virtude, & poder o Rosario.

279 Quando a Providencia, & Benignidade Divina lança a bẽçaõ sobre a terra, & he fertil, & abũdãte a novidade, chama David à fertilidade

dos câpos Coroa do anno: *Benedicentes Corona anni benignitatis tuae: & campi tui replentur ubertate*. He a mesma figura, com que os Poetas elegantemente pintaõ a Primavera coroadada de flores, & o Veraõ coroado de espigas. Assim pintou estas duas partes do anno o mais engenheiro de todos os Poetas na descriçaõ do Palacio do Sol. O Veraõ coroado de espigas:

*Stabat nuda Aestas, & spicula ferta gerebat:*

a Primavera coroadada de flores:

*Verque novum stabat circumflorete corona.*

E estas duas coroas, com que o anno se coroa em diferentes mezes, temos hoje juntas em o mesmo dia. No Evangelho com Ruth coroadada de espigas: na Festa com o Rosario coroadado de flores.

280 Enaõ he isto mesmo a Solennidade da Senhora do Rosario com o Santissimo Sacramento exposto? Sim he. No dia, em q̄ Christo nascéo em Belem (q̄ quer dizer Casa de paõ) appareceo no Ceo hum Sol coroado de Espigas: & no dia, em que a Virgem

Ovidius  
Metam.  
lib. 2.

Virgem Santíssima o concebéo em Nazareth (que quer dizer Florida) appareceo a Aurora do mesmo Sol coroada de Rosas. Tudo isto se vio entao dentro naquelle mesmo anno, em que a benignidade do Ceo mais que nunca chovéo bençoês sobre a terra: *Benedices corona anni benignitatis tuae: & tudo* (porque tudo tambẽ era profecia) se vé junto hoje nos dous Mysterios Santissimos, em que se encerraõ tantos Mysterios, o Rosario, & o Sacramento.

281 E se agora me perguntais, ou esperais ver o fim desta tam natural combinaçãõ daquelle anno com este dia; digo, que não he para o fim géral da correspondencia de ambos os Mysterios, que por tantos modos temos declarado, & ainda declararemos mais. Mas, como disse ao principio, para remedio da necessidade dos pobres, & para fatura dos que padecem fome. Ruth antes de ser molher de Boóz recolhendo as espigas, que cahiaõ das mãos aos seus segadores, foi a pobre, & a faminta: & a mesma

Ruth depois de tam altas, & tam opulentas vodas, por beneficio das mesmas espigas, não só se coróou a sy, mas deu coroas a seus descendentes: *Booz autem genuit Obed ex Ruth. Obed autem genuit Jesse. Jesse autem genuit David Regem.*

282 Comparando pois as Rosas do Rosario com as Espigas de Ruth: o que havemos de ver, he: que assim como Ruth em figura remediou a sua pobreza pela devaçãõ do Sacramento; assim todos os que forem pobres, remediaraõ em realidade as suas pela devaçãõ do Rosario. E sendo certo, como nos ensinou a Mãe de Deos, que a misericordia do mesmo Deos, *Esurientes implevit bonis: & a sua justiça, Divites dimisit inanes:* não só pertence esta virtude do Rosario aos pobres, senão tambem aos ricos. Aos pobres, porque são pobres; & aos ricos, porque o podem ser. Não peço attençaõ para este Discurso; porque sendo dos bens temporaes, he materia a que todos sempre estaõ muy attentos. *Ave Maria, &c.*

## II.

283 **N**O Palacio d'El-Rey Dario, emquanto elle dormia, tres Guardas móres da Pessoa Real, q̄ lhe vigiavaõ o sono, filosofando, ao que parece, sobre o fofego, com que descançava aquelle grande Monarcha, sem o desvellar o governo de Cento & dezoito Reynos, de que era Senhor, excitáraõ entre sy aquella famosa questãõ, que refere Esdras: Qual fosse a mais poderosa cousa do mudo? Despertou o Rey, & lendo a questãõ, q̄ os mesmos Autores della lhe tinhaõ posto escrita debaixo dos travessieiros, promettéo grandes premios a quem melhor a resolvesse. Hum disse, que a mais poderosa cousa do mudo he o Rey; porque os Reys podem quanto querem, & ainda que queiraõ o que naõ podem, ninguem ha que lhe resista, tudo executaõ, & cõseguem. Outro disse, q̄ mais poderoso he o Vinho; porq̄ a força laborosa deste licor se rendem muitas Cabeças coroadas: & o pudéra provar

com a de Noé, da qual fiou Deos o governo, & restauraçãõ do mundo, & naõ areando na maior tempestade, que foi a do Diluvio, o Vinho o derrubou. O terceiro finalmente, que era Zorobabel, disse, que mais poderosa he a Molher, & o provou com hum notavel exêplo de certa molher chamada Apemen, bastando o primeiro de todos, que foi o de Eva. Mas naõ contente com esta resoluçãõ, em que manifestamente vencéo as dos companheiros, acrecentou, & concluiu, que a mais poderosa cousa do mundo he a Verdade: *Veritas magna, & fortior prae omnibus.* 3. Esdræ 4. 35.

284 Esta ultima sentença approvou o Rey: esta foi applaudida de todos com publicas aclamaçoẽs: *Et omnes populi clamaverunt, & dixerunt: Magna est Veritas, & pravales:* & esta segui Eu, & tive por certa muitos annos; porque com este grande conceito da verdade na cabeça me nascéraõ, & creseáraõ nella as cans em todas as partes da Europa. Porẽm depois q̄ passãdo a este Mudo Novo vejo

vejo de mais longe o Velho; tenho achado por experiêcia, q̃ muitas vezes mais poderosa he a mentira que a verdade. Não se pôde isto dizer sem escandalo da razaõ, & horror da meſma natureza; mas não se pôde negar. E porque? Porque a mentira he crida, & acreditada, & a verdade não tem fé, nem credito: a mentira escusa os culpados, & a verdade não pôde defender os innocentes: a mentira he absoluta sobre ſua palavra, & a verdade condenada ſem ſer ouvida: a mentira profana ſacrilegamente a Religiaõ, & o Sacerdocio, & a verdade não lhe val Sagrado: em fim, a mentira, que devêta ſer pizada, traz debaixo dos pés a verdade; & a verdade, de que ſe diz que nãda ſobre tudo, ſe vé tam ſoſobrada, & afogada da violencia, que nem respirar pôde. E poſto que os Juizes ſejaõ rectos, ou o queiraõ parecer, he tal o enredo dos testemunhos falſos, induzidos, & ſobornados, ou com o dinheiro, ou com o odio, ou com o temor, ou com a dependencia, ou com a lizonja, ou com tudo, que a mentira

he a que vence, & a falſidade a que triunfa. Affim que muitas vezes a mentira hoje no mūdo he mais poderosa que a verdade: Aſſumpto que Eu pudêra provar com exquiſitos, & formidaveis exemplos, ſe não fora outro o meu intento:

285. Suppoſto pois que na noſſa experiencia, por abuſo, ſeja mais poderosa a mentira que a verdade; & na ſentença de Zorobabel, por razaõ, ſeja mais poderosa a verdade que todo outro poder: ſegueſe por ventura daqui, q̃ a couſa mais poderosa do mundo, ou bem, ou mal governado, ſeja qualquer dellas? Não. Porque ainda ha no mundo outra couſa mais poderosa: E qual he? A Neceſſidade: A neceſſidade, a pobreza, a fome, a falta do neceſſario para o ſuſtento da vida, he o mais forte, o mais poderoso, o mais absoluto imperio, que deſporicamente domina ſobre todos os que vivem. Não ha couſa tam difficuloſa, tam ardua, tam repugnante à natureza, a que a não obrigue, a que a não renda, a que a não ſegeite, não

naõ por vontade, mas por força, & violencia, a duríssima, & inviolavel Ley da Necessidade. A necessidade he que leva o Soldado à guerra, & a escallar as muralhas, onde vendo cair huns a ferro, & vòar outros a fogo, avança cõ tudo, & naõ desfama. A necessidade he a que engolfa o Marinheiro nas ondas do Oceano: ellas com os naufragios à vista, & elle com talouzadia, que metido dentro em quatro raboas, se atreve a pelear, naõ sò com os Ventos, & Tempestades, mas cõ todos os Elementos. A necessidade he a q̃ mete, ou precipita o Mineiro ao mais profundo das entranhas da terra, & sem temor, que as mesmas montanhas, que tem sobre sy, cayaõ, & o sepultem, elle lhe vay cavando as raizes, & sangrando as veas. Finalmente com mais ordinario, & gèral desprezo da vida, & da saudade, quem faz que o Lavrador naõ tema os regèlos do Inverno, nem o Segador as calmas ardentes do Estio, nẽ o Pastor os dentes do Lobo, & do Ufso, & em muitas partes as unhas do Leão, & do

Tigre, senaõ a necessidade? E posto que huns, & outros tantas vezes perecẽ em tam conhecidos perigos; a mesma necessidade com implicação manifesta da propria conservação, he a que para sustentar a vida os obriga a perder a mesma vida. Atẽ o pobre, & atrevido Ladram, q̃ desde o primeiro passo, com que salteou os caminhos, começou a caminhar para a força, se ao pé della lhe perguntaõ, quem o trouxe a tam miseravel estado, responde com o laço na garganta, que a necessidade. E parã que ninguem se admire deste grande poder da necessidade sobre todos, a razãõ he, diz o Proverbio, porque todos os outros poderes saõ sogeitos às Leys, & sò a Necessidade naõ tẽ Ley: *Necessitas caret lege.*

236 Assim como os Sabios dos Persas, & Médos derãõ o principado do poder à Verdade, assim os Gregos, & Latinos, mais sabios que elles, sobre a mesma contraversia, o derãõ ao Amor. Estes disserãõ: *Omnia vincit Amor*: & naõ houve Naçaõ tam dura, & barbara, que se naõ

naõ affinasse, ou alistasse de-  
baixo desta sentença. Mas se  
no mesmo caso concorrer o  
amor, & a necessidade, quem  
vos parece, que ha de ven-  
cer? Claudiano disse:

*Paupertas me seava premit,  
blandusque Cupido:*

*Sed toleranda fames, non to-  
lerandus amor.*

Quer dizer, que apertado hũ  
homem por huã parte da fo-  
me, & por outra do amor, cõ  
a fome ser cruel, & o amor  
brando, a fome he toleravel,  
o amor naõ. Eu creyo, que  
quando este Poeta isto escre-  
véo, devia de ter bem comi-  
do, & tambem bebido. Em  
dizer, *Sed toleranda fames,  
non tolerandus amor*, naõ sou-  
be o que disse. Havia de di-  
zer pelo contrario, *Sed tole-  
randus amor, non toleranda  
fames*. Porque quando con-  
correm juntos o amor, & a  
fome, a fome triunfa do a-  
mor, & vence o que tudo vê-  
ce. E senaõ, ponhamos am-  
bos em campo, & vejamos,  
qual leva a vitoria.

287 Padecia se grãde fo-  
me nas terras de Canaan,  
quando Jacob para remedio  
della, de onze filhos, que ti-

nha, mandou os dez ao E-  
gypto. Trouxeraõ paõ para  
alguns dias, mas com obri-  
gação de levarem tambem o  
filho un decimo, que era Ben-  
jamin, quando fossem buscar  
mais. Era Benjamin o mimo,  
& amor de Jacob: & naõ se  
podem crer os extremos, que  
elle fez, para naõ apartar de  
sy o filho, que unicamente a-  
mava. Instavaõ os Irmaõs, &  
a todas as instancias respon-  
dia, & satisfazia o Pay: atè q̃  
finalmente o apertáraõ com  
huã, a que naõ teve soluçãõ,  
nem reposta, & se deu por vè-  
cido. E qual foi esta? A da  
necessidade. Emquanto du-  
rou o paõ, esteve forte Jacob:  
mas tanto que se foi acabã-  
do aquelle fiador da vida, &  
lhes differaõ os filhos, que el-  
les, & seus netos morreriaõ  
todos à fome, se naõ levassem  
a Benjamin; cedéo o amor à  
necessidade, & vencéo a ne-  
cessidade o amor. Assim o  
disse em proprios termos o  
mesmo Jacob: *Si sic necesse Genes.  
est, facite quod vultis: jã que 41. 11.*  
assim o pede a necessidade, fa-  
zey o que quizerdes. O que  
quizerdes, diz, & naõ o que  
eu quero; porque eu naõ qui-

zera a partir de mim o unico  
filho, que tanto amo: mas a  
minha vontade, & o meu a-  
mor, he força, que se deixe vê-  
cer da necessidade. He pon-  
deração de S João Chrysol-  
tomo, o qual nos encomen-  
da, que reparemos nella: *Vide*  
*sest. ibi. nunc, quomodo necessitas patris*  
*amorem vincit*: Reparay nes-  
te caso, & vede, como a neces-  
sidade vence o amor do pay.  
O amor dos pays he o mais  
forte de todos: & nenhum  
pay amou mais que Jacob,  
nem houve filho mais ama-  
do que Benjamin. Porém à  
vista da necessidade, & da fo-  
me, apartese o pay do filho,  
& o filho do pay, rompaõse  
os coraçõs de ambos com  
dor, chore a ausencia, suspi-  
rem as saudades, renda-se vio-  
lento o amor, & a neces-  
sidade triunfe: *Si sic necesse est,*  
*facite quod vultis*. Mas que  
muito he, q̃ ao amor do pay,  
para dar de comer aos filhos,  
venesse a necessidade, & fo-  
me de Canaan, se na fome de  
Samaría, & de Jerusalem, vê-  
cêo tanto a necessidade o a-  
mor das mãys, que chegáão  
a comer seus proprios filhos?

4. Reg.

6. 25. &amp;

Segg.

Ibrenor.

2. 20.

## III.

288 **E**STES ultimos  
exemplos poucas  
vezes vistos, saõ o que cõ ma-  
ior horror da natureza enca-  
recem o poder, & violencia  
da necessidade: mas os que  
cada dia acontecem, naõ saõ  
menos feyos, menos tristes,  
nem menos para temer. O  
primeiro effeito, ou conse-  
quencia da necessidade, he  
o desprezo da honra, o segũ-  
do a destruição da virtude. E  
ponho em segundo lugar a  
destruição da virtude; porq̃  
o muro da virtude he a hon-  
ra, & derrubado este muro, a  
virtude, que elle defendia, fa-  
cilmente se rende. Quem se  
naõ envergonha dos homẽs,  
que vé, facilmente perde o  
respeito a Deos, que naõ vé.  
Os Romanos, para a emula-  
ção, de tal sorte edificáão os  
Templos da Honra, & da  
Virtude, que pelo da Virtude  
se entrava ao da Honra: & o  
Demonio, para a tẽtaçãõ, pri-  
meiro bate o da Honra, para  
derrubar o da Virtude. Por-  
isso sendo todo o peccadõ  
offensa de Deos, & crime de  
Lesa

Lesa Magestade Divina; introduzio o mesmo Demonio no mundo, que alguns peccados não fossem infames, para que tirado o temor da deshonra, ficasse facilitado o precipicio da culpa. Aberta pois a primeira brecha no muro da Honra, apenas se achava virtude tam constante, q̄ fuzada da necessidade, & a pertada da fome, pela triste condiçãõ sòmente de ter com que sustentar a vida, não renda a consciencia, & a Alma a tam infame partido. Esta he a razaõ, conhecida atè dos Gentios, porque Virgilio, quando descreveo o Portico, & Entrada do Inferno, adornado feamente daquelles Monstros horrendos, collocou tambem entre elles a Pobreza, & a Fome:

Virg. 6. ————— *Malesuada Fames, & turpis Egestas.*

Aa Fome chamou, *Malesuada*, & à Pobreza, *Turpis*; porque não ha vicio, nem maldade, que a Fome não persuada, nem torpeza, ou infamia, que a Necessidade, & Pobreza não facili e.

289 Vamos à Escritura Sagrada, em que no Ve-

lho, & Novo Testamêto, desta mesma Fome; & desta mesma Pobreza temos dous admiraveis reparos, & ambos em dous descêdentes da nossa Ruth, David, & o Filho de David, Christo. Jejuou Christo no Deserto quarenta dias, & em todo este tempo não o tentou o Demonio. No fim do jejum teve o Senhor fome: *Postea esuriit*; & no mesmo ponto diz o Evangelista, <sup>4.º</sup> que o Demonio se chegou a elle, & o tentou: *Et accedens tentator*. Pois se o tentador, que não sò era Demonio, senão o maior de todos os Demonios, em quarenta dias se não atrevéo a chegar a Christo, antes o temia, & fugia del-le, & retirado, estava observando sòmente a prodigiosa abstinencia daquelle Homẽ: como agora, & logo no mesmo ponto, em que reconheceo, que tinha fome, se atrevéo ao accometter, & tentar? Porque he tam natural effeito da fome o enfraquecer a virtude, que atè hum Santo tam forte, tam constante, & tam milagroso, que pode passar sem comer quarenta dias, entendéo o Demonio, que a

R. 2 pertado

D. Basilius in hunc locum.

pertado da fome não poderia resistir à tentação. S. Basilio: *Sentiens Diabolus, quia ubi fames, ibi imbecillitas, agreditur ad tentandum.* Fez o Demonio, diz S. Basilio, este discurso: Onde ha fome, ha fraqueza; pois agora he o tempo de tentar este Homem, posto que tam milagroso; porq̃ se a fome o tem meyo rendido, a tentação o acabará de vencer. Elle bem deve de conhecer, que sou eu o Demonio; mas hum homem com fome, & sem remedio, ainda que o comer, que se lhe offerece, seja dado pelo Demonio, ha-o de aceitar.

290 Assim animado o tentador, fez descubertamente o tiro, & o q̃ disse a Christo, foi: *Si Filius Dei es, dic ut lapides isti panes fiant.* Com muita razão argue aqui S. Pedro Chrysologo ao Demonio, de que quiz tentar, & não soube: *Cupis tentare, sed nescis.* A primeira cousa, que o Demonio disse, foi a primeira que havia de callar. Vê cá, Demonio ignorante, que res render, & derrubar a este mesmo Homem, a quem tentas, & trazeslhe à memoria o

Chrysol. Serm de Tentat. II.

fer Filho de Deos: *Si Filius Dei es!* Não sabes, que o maior brio, & o maior empenho de hum homem de alto nascimento, para não comer indignidades, nã villezas, he lembrar-se da nobreza de seus pays, & não querer pôr mancha na sua geração? Assim he (diz o Demonio) mas isso se entende, quando o filho de bons pays tem que comer. Porém quando está com fome, & se vê apertado da necessidade, nem faz caso de pays, nem se lembra de gerações, nem olha para as manchas da honra, nem para o credito, & reputação da pessoa, a tudo fecha os olhos, com tanto que tenha com q̃ sustentar a boca. Assim o cuidou o Demonio de Christo: & se nelle se enganou, não se enganou em Elaú, nem em Jonatas, nem no Prodigio, & infinitos outros. A regra geral he: *Ubi fames, ibi imbecillitas:* & assim como à fome se segue a fraqueza, assim à fome de muitos dias, muitas fraquezas.

291 O outro descendente, & mais chegado de Ruth, foi David. E que nos dirá de  
ly

Psalm.  
30. II.

sy aquelle valente de Deos, que com as maõs defarmadas espedaçava Leoës, & com huã pedra derrubava Gigãtes? Diz, o que ninguem pudéra imaginar, porque diz assim: *Infirmata est in paupertate virtus mea, & ossa mea conturbata sunt*: na minha pobreza enfraqueccêose a minha virtude: & chegou a fraqueza a tanto, que atè os mesmos ossos me derrocou. Quê pudéra imaginar de David duas taes cousas, pobreza, & fraqueza? Nem a pobreza diz bem com hum Rey, nem a fraqueza com hum homem tam valente. Mas em tudo fallou David como quem bẽ se conhecia como homem, & muito melhor ainda como Rey. Sò estranhará o nome de pobreza nos Reys, quem naõ sabe, q̃ os Reys saõ mais pobres que os vassallos. Naõ he mais pobre quẽ tem menos, senaõ quem necessita de mais. E ninguem tem mais necessidade, nem maiores necessidades, que os Reys. Necessidade de fabricar Armadas, necessidade de fornecer Exercitos, necessidade de fortificar Praças, & presidiar Fortale-

zas, necessidade de salarear Ministros nos Reynos proprios, necessidade de manter, & authorizar Embaixadores nos estranhos, necessidade de sustentar com decencia, aparato, & magnificẽcia Real a propria Magêstade, & mil necessidades outras publicas, & occultas, das quaes pedia o mesmo Rey a Deos o livrasse: *De necessitatibus meis Psal. erue me: & cercada, antes op. 24. 17.* primida de tantas, & tam forçosas necessidades a falsa potencia, & verdadeira pobreza dos Reys: Vede a quantas quebras de consciencia, & a quantas fraquezas de virtude estará exposta: *Infirmata est in paupertate virtus mea?* Fraqueza nos mesmos tributos, & subsidios necessarios, tolerando que carreguem sobre os pequenos, & miseraveis, & fique izentos os grandes: fraqueza nas doações inofficiosas, & individas, naõ se pagando no mesmo tempo, o que se deve aos legitimos acredores: fraqueza nas chamadas graças feitas prodigamente aos que a lograõ de perto, esquecidos os que servem, & trabalhaõ ao lon-

ge: fraqueza na observancia, & dissimulação das Leys cō os poderosos : fraqueza na igualdade da justiça : fraqueza no verdadeiro, & desinteressado exame das causas: fraqueza na attençaõ ao luxo, & regalo, para que tudo sobeja: fraqueza no descuido da conservação do que se perde, para que tudo falta: & tantas outras fraquezas de virtude, que ainda nos Reys, que parecem timoratos, mais se podem chorar, que dizer.

292 Isto confessava David de sy no tempo em que era Rey. Mas antes de cingir a Coroa, & depois que seu proprio filho lha tirou da cabeça, em que a sua pobreza foi mais manifesta; tambem não faltáraõ fraquezas à sua virtude. No tempo em que servia a El Rey Achis faltando à fé da hospitalidade, roubava os vassallos do mesmo Rey, & para que se não subesse, matava a todos; o que não podia fazer licitamente, porque a sua auctoridade ainda era privada. No tempo, em que andava escondido de Saul, porq̃ Nabal Carmello, lavrador grosso, o não quiz

focorrer, deliberou, & jurou, que a elle, & a todos os de sua casa havia de tirar a vida, & pôr o fogo a quanto possuia. No tempo em que fugia de Absalaõ, por hum presente, com que Siba criado do Principe Isbozeth lhe sahio ao caminho, sem mais informaçãõ que a sua, lhe deu todos os bens de seu Senhor. E o peor, & mais he, que depois de lhe constar da innocencia de Isbozeth, devendo mandar enforcar a Siba como ladraõ, & falsario, para não emendar de todo o que tinha feito, mandou, que o ladraõ, & o roubado, partissem entre sy os bens. Não consta das Escrituras a restituição desta injustiça; mas como notaõ todos os Theologos, & Expositores, he certo, que depois a fez David; porq̃ doutro modo não se salvaria. Tanta razaõ, & tantas razoẽs teve este Heroe, por tantas outras calidades grande, para dizer, & confessar, que na sua pobreza enfraquecêra a sua virtude: *Infirmata est in pauperzate virtus mea.*

I. Reg.  
27. 8.  
& segg.

I. Reg.  
25. 22.

## III.

293 **E** Se a força da ne-  
cessidade, & da po-  
breza, como acrescenta o  
mesmo David, lhe quebran-  
tou, & derrocou até os ossos:  
*Et ossa mea conturbata sunt:*  
se os ossos, que são a parte  
mais dura, & mais forte do  
corpo, não podem resistir à  
força da necessidade, sem que  
ella os quebrante, & descom-  
ponha: que se pôde esperar da  
carne fraca? Se hum homem  
tam valente como David, &  
tam forte, como significa o  
seu proprio nome, opprimido  
da pobreza, & apertado  
da necessidade, cae em tantas,  
& taes fraquezas: que fará a  
triste molherzinha, que con-  
fessando as suas com infinitas  
lagrimas, & desculpendo mi-  
serias com miserias, juntamē-  
te se accusa a sy, & a sua po-  
breza? Que fará (digo outra  
vez) a triste molher, que per-  
dida a honra, & a consciencia,  
& amoeitada do perigo  
da sua Alma, & reconhecida  
delle, protesta, que dezeja le-  
vantarse do lodo, em que está  
cabitada; mas que não tem re-  
medio, porque o pezo da ne-

cessidade lho não permitte:  
Isto dizem as mãys, isto as fi-  
lhas, & sô lhes falta dizer cõ  
Cassiodoro, que a mãy de to-  
das as culpas he a necessida-  
de: *Mater criminũ necessitas.* *Cassiod*  
Tambem ha homēs, & não  
poucos, que indigna, & co-  
vardemente se valem da mes-  
ma desculpa. Mas esta, que  
homēs, & molheres chamaõ  
falta de remedio, não he fal-  
ta de remedio, senão de Fé.  
*Iustus meus ex fide vivit.* Diz *Hebr.*  
o Espirito Santo: Tende Fé, *10. 38.*  
& não vos faltará com que  
viver. Nos mesmos Myste-  
rios da Fé, em que a Provi-  
dência Divina nos deu os me-  
yos para conseguír a vida e-  
terna, nos deixou tambem os  
remedios para sustentar a tẽ-  
poral. Ouçãõ agora os po-  
bres, & as pobres, os necessi-  
tados, & as necessitadas: &  
assim como virãõ os effei-  
tos da pobreza, & da ne-  
cessidade (que porisso me de-  
tive tanto em os ponderar)  
assim verãõ a efficacia, & fa-  
cilidade dos remedios, & que  
não por falta, ou difficulda-  
de delles, mas por falta de Fé,  
& por sua culpa, padecem a  
pobreza, a necessidade, & a

fome, com que se desculpaõ. E que remedios saõ estes? Já disse, & prometti no principio, que eraõ o Sacramento, & o Rosario. Isto he o que agora havemos de ver, & de novo peço a Deos, & à Virgem Santíssima, me assistaõ cõ sua Graça, naõ tanto para declarar esta verdade tam certa, & tam importante, quanto para a persuadir.

## V.

294. **O** Primeiro remedio pois da pobreza, da necessidade, & da fome, he o Diviníssimo Sacramento, que temos presente, o qual tambem porisso se expoem aos nossos olhos debaixo de especies de paõ. Para abundantíssima prova desta verdade nos deixou o mesmo Christo o primeiro exemplo em Ruth, avõ de David, de quem se dignou tomar a mesma carne, & sangue, com que nos sustenta no Sacramento. Ruth quer dizer, *Satiata*, a Farta. E se lermos o principio da sua historia, antes parece, que se havia de chamar a Faminta. Era tam pobre

Ruth, que naõ tendo com q̄ sustentar a vida, & como dizemos, com que matar a fome, quando os segadores de Booz hiaõ segando a sua seara, ella os seguia detràs recolhendo as espigas, que ficavaõ; porq̄ era Ley de Deos, que as podessẽm tomar para sy os pobres. E que espigas eraõ estas, ou que significavaõ? Os Expositores allegoricos dizem, que eraõ figura do Santíssimo Sacramento. E para que ninguẽ duvide da exposiçaõ, o mesmo Christo quiz ser o Expositor, & a declarou milagrosamente. No anno de nossa Redempçaõ de Quinhentos & treze, durava ainda em alguãs partes o uso da Primitiva Igreja, em que os Christaõs levavaõ para casa o Santíssimo Sacramento, & o tinhaõ, ou publica, ou occultamente, nos seus Otorios, para se encommendar a elle, & o commungarem. E como hum Catholico criado de hũ Herege deixasse assim encerradas as Sagradas Particulas indo o Herege, ou com má tençaõ, ou sò por curiosidade, a reconhecer o que o criado adora-

va:

va: *Invenit* ( diz o Cardeal Baronio) *omnes illas species in spicas, & aristas triticeas germinasse*: achou, que todas aquellas especies se tinhaõ convertido em espigas de trigo, com que tambem o Herege se convertéo. Elle mesmo deu conta do milagre ao Bispo, & foraõ levadas as milagrosas espigas em procissão como Triunfo da Fé, com mil vivas, & applausos dos Catholicos, assombro, & confusaõ dos Hereges, que naquelle tempo eraõ os Severianos.

295. Taes foraõ em figura as espigas, que colhia a pobre Ruth. Espigas, que naõ tocadas da fouce, nem das maõs dos segadores, & tomadas nas suas, representavaõ maravilhosamente o mysterio, & segredo altissimo, com que Christo se deixou no Sacramento. A mesma Ruth, se bem se penetra o que disse, o declarou com notavel propriedade. Quando ella pedio licença a sua sogra Noemí, para ir recolher as espigas, o que disse com frase particular, & estranha, foi: *Et colligam spicas, quæ fuerint manus mesentium*: & colherey as espi-

gas, que fugirẽ das maõs dos segadores. Demaneira, que sendo a seára a mesma, a messe a mesma, & o trigo o mesmo, huãs espigas ficáraõ sogetas à fouce, & às maõs dos segadores, & as outras fugiraõ das suas maõs: *Quæ fuerint manus metentium*. Vamos agora à propriedade do Mysterio, que he admiravel. Christo Senhor nosso, como notou, & ponderou S. Paulo, na mesma noite, em que se entregou a seus inimigos, instituiu o Santissimo Sacramento, & debaixo das especies de paõ se deu a seus Discipulos: *In qua nocte tradebatur, accepit panem: & gratias agens, fregit, & dixit: Accipite, & manducate: Hoc est corpus meum*. E com o mesmo reparo, & advertencia, quando o Senhor disse: *Hoc est corpus meum*: acresentou: *Quod pro vobis tradetur*: o qual se rá entregue por vós: declarando, que o corpo, que lhe dava a comer encuberto cõ as especies de paõ, era o mesmo que naquella mesma noite havia de entregar nas maõs de seus inimigos. E porque foi necessaria esta declaraçãõ feita

1. Cor.

11. 23.

24.

Ruth. 2.  
2.

feita por S. Paulo a nós, & por Christo aos Discipulos? Para que elles, & nós, soubermos, que o mesmo corpo natural, & visível, que o Senhor havia de entregar nas mãos de seus inimigos, esse mesmo sacramentado, & invisível, escondendo debaixo das especies de pão, o livrava juntamente de suas mãos. Em summa, que o mesmo Christo na mesma noite se entregou a seus inimigos, & fugio delles. Entregou-se, quando no Horto dizendo: *Ego sum*: se metéo voluntariamēte nas suas mãos: *Et manus iniecerunt in Iesum*: & fugio delles, & de suas mãos na Cea, quando escondēdo-se debaixo das especies de pão, se poz em estado de o não poderem ver, nem prender. E como o corpo de Christo sacramentado, & sacramentando-se debaixo das especies de pão, por este modo se escondéo, & fugio das mãos de seus inimigos; estas são as espigas, que Ruth colhéo da seára, dizendo, que recolheria sòmente as que fugissem das mãos dos segadores: *Quae fugerint manus merentiam*: sendo propriissima-

mente os segadores aquelles q̄ no corpo natural do mesmo Christo, começando pelo abraço de Judas, lhe cortárao a vida.

296 Provado pois, que estas primeiras, & poucas espigas, que recolhéo Ruth, foraõ figura tam propria, & tam expressa do Santissimo Sacramento; vejamos como a ellas se seguiu naturalmente o augmento do pão, & teve logo a pobre, & faminta Ruth, com q̄ remediar, sem outra diligencia, a sua pobreza, & satisfazer abundantemente à fome. Acudio ella à messe pela manhaã (que são as horas, em que se recebe o Santissimo Sacramento) & não eraõ chegadas as do Meyo dia, quando Booz, Senhor da seára, veyo visitar os seus segadores. E que succedéo? Vio a modestia, & cõpostura (como refere Lyrano) com que Ruth recolhia aquellas poucas espigas, & movido, não sò de piedade, mas de respeito, & affeição natural, disse aos segadores, q̄ de industria deixassem ficar, & cair outras das q̄ já tinhaõ segado, & levayaõ nas mãos, para

Ioan.  
18.5.

Matth.  
26.50.

Ruth. 2.  
16.

para que ella sem pejo aspo-  
desse colher: *De vestris quo-  
que manupulis projecite de in-  
dustria, ut absque rubore colligat.* Oh admiravel efficacia  
daquelle Divino Paõ ainda  
em sombras! De sorte, que  
para socorrer abundantemente  
a pobreza, & fartar a  
fome dos que o buscaõ, naõ  
espera o nosso trabalho, nem  
a nossa industria, mas sendo a  
necessidade propria, a supre  
com a industria alhea: *Proji-  
cite de industria, ut absque ru-  
bore colligat.* Reparay muito  
tambem no *Absque rubore.*  
Aos outros pobres sustêtaos  
a Providencia Divina, mas  
com aquella dura pensaõ, q̃  
traz consigo o pejo natural  
de chegar a pedir. Mas aos  
pobres, que se valê das miga-  
lhas daquelle Soberana Me-  
sa, tambem desta pensaõ os  
livra, & lhe dá o paõ sem el-  
la: *Ut absque rubore colligat.*  
Chegou em fim a tarde, naõ  
de outro, senaõ do mesmo  
dia, batéo Ruth, & aliapou  
das arellas o graõ, que tinha  
colhido; & medido, eraõ tres  
alqueires daquelle terra: *Col-  
legit ergo usque ad vesperam:  
& invenit tres modios.* Quem

cuidára o que nem a mesma  
Ruth imaginou, que o paõ  
naõ semeado havia de crescer  
tanto em hum sò dia, que a  
mesma pobre, & faminta, que  
pela manhaã o colhia espiga  
a espiga, à tarde o medisse aos  
alqueires. Mas assim cresce,  
& se augmenta o paõ da ter-  
ra, a quem se val do Paõ do  
Ceo.

## VI.

297 **C**OM muita razaõ  
se chamou esta  
molher Ruth (que, como já  
dissimos, quer dizer, *Satiata*,  
a Farta) sendo este nome  
tam contrario à sua pobre-  
za, & à sua fome; porque as-  
sim como ella achou a far-  
tura, & a abũdancia na som-  
bra, & figura sòmente daquel-  
le Divino Paõ; assim profeti-  
zou Isaias trezêtos annos de-  
pois, que a teriaõ mais certa,  
& mais abundante, na Ley da  
Graça, os que recorressem,  
naõ sò á realidade, mas à  
Realeza do liberalissimo Au-  
tor de todos os bens, que na-  
quella mesma figura se repre-  
sentava. No Capitulo trinta  
diz duas cousas notaveis o  
Profeta

Ibidem  
17.

Profeta Isaias, & tam differētes, & oppostas, que ou elle, ou ellas, parece, se contradizem. A primeira he, que na Ley da Graça nos daria Deos o paõ muito estreito, & apertado: *Dabit vobis Dominus panem arctum*: a segunda, & que logo se segue, que o paõ seria abundantissimo, & fertilissimo: *Et panis frugum terra erit uberrimus, & pinguis*. Pois se da mesma maõ de Deos nos havia de vir este paõ duas vezes prometido: Como o primeiro, que se nos promete, he tam estreito, & apertado, & o segundo, tam largo, & abundante? Porque o primeiro paõ, he o Paõ do Ceo, que Christo nos deu para alimento das Almas; & o segundo, he o paõ da terra, q̄ o mesmo Senhor nos dá para remedio, & sustento dos corpos. Porisso este segundo se chama nomeadamēte paõ da terra, & o primeiro naõ: *Et panis frugum terra erit uberrimus*. Mas se o Paõ do Ceo he tão largo, que toda a liberalidade Divina na sua maior largueza naõ tem mais q̄ dar: se a sua esfera he tam ampla, & tam capaz, que com-

prehende, & encerra em sy toda a immensidade de Deos: Como se chama paõ estreito, & apertado: *Panem arctum*? Porisso mesmo. Porque como todo Deos (que he o que se come no Sacramento) sendo infinito, & immenso, está reduzido àquelle breve Circulo de Paõ, & a qualquer parte delle; sò alli está Deos estreitado, & coarctado, & porisso: *Panem arctum. Panis arctus est Eucharistia, vel Christus in ea*: diz Cornelio. Naõ he logo contradicção de huã, & outra promessa, senaõ consequencia natural, & effeito proprio da primeira, q̄ depois de Deos nos prometter a estreiteza do primeiro paõ, nos assegura logo a largueza do segūdo. Naõ he maior maravilha estreitar Deos a sua immensidade, que alargar a sua liberalidade? Pois esta he a abundancia do paõ da terra, que Deos nos promette, depois que nos deu o Paõ do Ceo: para que todos os que padecem necessidade, pobreza, & fome, recorraõ a buscar a fartura, onde o Paõ está convertido em Deos, & Deos naõ mostra aos olhos mais que Paõ. Deos

Isai. 30.  
20.

Ibidem  
23.

Cornelius  
ibi.

298 Deos no Sacramēto dáse igualmente a pobres, & ricos; mas aos pobres com huã grãde differença; porque aos ricos dáse debaixo dos accidentes de paõ sòmente: porẽm aos pobres, naõ sò se dá debaixo dos accidentes de paõ, mas dálhe tambem a sustancia, senaõ em sy, nos effeitos. Excellentemente conheceo, & declarou esta differença o Real Profeta no Psalmo Vinte & hum, que todo he de Christo (& naõ sò o mesmo Psalmo, senaõ tambem esta intelligencia delle he de Fé) fallando o Profeta do mesmo. Senhor emquanto sacramentado, diz, que os ricos o comerãõ, & adorãõ: *Manducaverunt, & adoraverunt omnes pingues terra:* & que os pobres o comerãõ, & se fartarãõ: *Edent pauperes, & saturabuntur.* A differença naõ pôde ser mais clara, nem tambem a duvida. Se os ricos, & os pobres comem o mesmo Christo sacramentado debaixo dos accidentes de paõ: porque diz, que os ricos comerãõ, & adorãõ, & q os pobres comerãõ, & se fartarãõ, o que naõ

diz dos ricos? A razaõ he, porque os ricos comẽ a Christo no Sacramento com huã fome, & os pobres com duas. Os ricos levaõ sò a fome da Graça, & naõ a fome do paõ, porquẽ saõ ricos: os pobres, naõ sò levaõ a fome da Graça, senaõ tambem a fome do paõ, porque saõ pobres: & como a fome da Graça, que he espiritual, se satisfaz com a mesma Graça, & a fome do paõ, que he corporal, se naõ satisfaz sò cõ a Graça, senaõ tambem cõ a fartura; porisso se diz sò dos pobres, que se fartarãõ, & naõ dos ricos: *Edent pauperes, & saturabuntur.* Naõ he a explicaçãõ minha, senaõ da agudeza de Sãto Agostinho em outro lugar dos mesmos Psalmos.

299 Diz allí o Profeta, que Deos dá de comer a todos os que tem fome: *Qui Psalms. dat escam esurientibus.* E re. 145. 7 para muito na generalidade desta proposiçãõ Santo Agostinho; porque a Providencia <sup>August. in eod.</sup> Divina, posta que gẽral para <sup>Psalm.</sup> todos, he recta, & justa, & segundo esta justiça, sendo o merecimento dos he mẽs ram differente, tambem o deve ser

Psalm.  
21. 30.

Ibidem.  
27.

o comer, com que Deos os sustenta. Assim he, responde o Santo, & se quereis saber a differença do sustento, olhay para a differença da fome: *Si habent aliam famem, habent & aliam escam: queramus famem ipsorum, & inuenimus escam ipsorum.* Assim como a Providência Divina tem diferentes remedios para diferentes necessidades, assim tem differente pão para diferentes fomes: reconhecey pois a fome de cada hum, diz Agustinho, & conhecereis o pão, com que Deos a farta. Se a fome he só do Ceo, farta-a Deos com o Pão do Ceo, que he o Sacramêto, por sy mesmo: & se a fome he juntamente do pão da terra, farta-a Deos tambem com o pão da terra, que he segũdo effeito do mesmo Sacramento: *Si habent aliam famem, habent & aliam escam.*

300 Daqui se entenderá huã bem advertida difficuldade de S. Pedro Chrysologo, fundada sobre dous passos do Evangelho, hum da Oraçãõ do Padre-nosso, & outro do famoso Sermão da Providencia. No Sermão da

Providencia diz Christo, que naõ tenhamos, ou naõ nos dé cuidado o que havemos de comer: *Nolite solliciti esse in crastinum, quid manducetis:* Matth. 6. 34. 25. & logo na Oraçãõ do Padre-nosso ensina o mesmo Mestre Divino, que peçamos a Deos como Pay o pão de cada dia: *Panem nostrum quotidianum da nobis.* Instã agora elegantemente Chrysologo: *Tam bonus, tam pius, tam largus Pater, panem filijs non nisi postulatus indulget?* Luc. 11. 3. Chrysol. Serm. 67. He possível, que hum Pay tam bom, tam piedoso, tam rico, & tam liberal, para dar o pão aos filhos, ha de esperar que lho peçãõ? *Et ubi est illud, Nolite solliciti esse in crastinum, quid manducetis?* E onde está agora, ou como cõcorda com este Texto o outro, em que o mesmo Senhor nos manda, q̃ naõ tenhamos cuidado do que havemos de comer? Mais apertadamente ainda. *Hoc peccare jubet, quod prohibet cogitare?* Basta, que nos manda Christo pedir aquillo mesmo, em que nos prohihe o cuidar? Sim, & naõ: diz divinamente Chrysologo. Porq̃ o pão, que nos manda pedir, he  
o Pão

o Paõ sobrenatural do Sacra-  
 mento: o paõ, em q̄ nos pro-  
 hibee o cuidar, he o paõ natu-  
 ral, necessario ao sustêto hu-  
 mano: & quem alcança o pri-  
 meiro, naõ tem necessidade  
 de cuidar no segundo, porque  
 o tem seguro: *Hoc petere ju-  
 bet, quod prohibet postulare,  
 quatenus Cælestis Pater, Cæles-  
 tem Panem, Cælestes filij ut  
 postulemus, hortatur.* O Pay,  
 a quem pedimos, he o Pay  
 Celestial, o paõ, que pedimos,  
 he o Paõ Celestial, os filhos,  
 que o pedimos, tambem de-  
 vemos ser Celestiaes: & quẽ  
 pede, & alcança o Paõ espiri-  
 tual, & do Ceo, naõ lhe pôde  
 faltar o corporal, & da terra:  
 301 Oh se naõ foramos  
 tam da terra, & se tiveramos  
 viva Fé, que he o que nos  
 falta, como todo o nosso cui-  
 dado, todo o nosso dezejo, &  
 toda a nossa fome se havia de  
 empregar naquella Divino  
 Paõ, seguros, & sem receo, de  
 que o Paõ da vida eterna, nos  
 naõ faltaria com o da vida  
 temporal, que tam pouco ha  
 mister. & tam pouco dura:  
 Que pôde negar Deos, a quẽ  
 deu seu proprio Filho, dizia  
 S. Paulo: & que pôde negar o

Filho de Deos, a quem se dá  
 a sy mesmo? Dânos o Corpo,  
 dânos o Sangue, dânos a Al-  
 ma, dânos a Divindade, &  
 negarnos ha o paõ? Oh me-  
 de, & covardia, indigna de  
 quem tem Fé! Ainda Deos  
 se naõ tinha dado em mãjar,  
 & só tinha revelado este My-  
 sterio ao mesmo David, que  
 tanto tinha fraqueado nas  
 suas pobrezaas, quando elle  
 zombando de todas, disse por  
 nós, o que nós naõ sabemos  
 dizer. E que disse? *Dominus Psalmi  
 pascit me, & nihil mihi de-<sup>22.1.</sup>  
 erit.* Assim se lê no Texto ori-  
 ginal. Deos he o meu susten-  
 to: *Dominus pascit me.* Logo  
 nenhuma cousa me pôde fal-  
 tar: *Nihil mihi deerit.* Faltará  
 aos ricos, que poem a sua  
 confiança nos bens inconstã-  
 tes, que hoje se possuem, à  
 manhaã se perdem: mas o po-  
 bre, que chega àquelle Sen-  
 hor, que he Senhor de tudo,  
 tudo lhe ha de sobejar, como  
 diz o mesmo Profeta: *Di. Psalmi  
 vites eguerūt, & esurierūt: in-<sup>33.11.</sup>  
 quirentes autem Dominum non  
 minuētur omni bono.* Notay a  
 palavra, *Non minuentur;* por-  
 que os bens, que vem da mãõ  
 de Deos, naõ diminuem, mas  
 cres-

3. Reg.  
17. 14.  
& 16.  
10 ann.  
6. 11 &  
seg.

crefceráõ. Assim crefcéo o punhado de farinha da Sa- reptana: assim crefcéraõ os cinco Paês do Deserto: & assim crefcéo o de Ruth, não fõ como vimos, mas muito mais.

Booz era do Tribu, & Sangue Real de Juda, & Ruth de geraçãõ humilde, & desprezada. Mas como Ruth nesta Comedia, ou Acto Sacramental, fazia a figura dos que na sua neceffidade, na sua pobreza, & na fua fome, fe loccorrem à Mefta franca do Santiffimo Sacramento; não fõ na primeira jornada teve logo o remedio neceffario, mas na ultima, & em poucos dias com tantos augmentos, que chegou a fer opulencia.

VII.

302 **V**ltes aquella pobre Ruth, que recolhia as espigas, que acasofocapavaõ da fouce, & depois as que de industria deixavaõ cair os segadores? Pois esta mefma dentro em poucos dias foi Senhora de toda a feára. Era o Senhor della Booz, homem muito poderoso, & de grandes riquezas, como diz o Texto Sagrado:

Ruth. 2. *Homo potens, & magnarum opum, nomine Booz*: & de todas estas riquezas veyo a fer Senhora, & Herdeira Ruth, recebendoa Booz por molher. Tudo o que podia difficultar a uniaõ deste parentefco concorria entre os dous contrahentes; porque Booz era muito rico, & Ruth extremamente pobre: Booz era Hebréo, natural de Belem, & Ruth Gentia, & Moabita:

303 Os dous effeitos, ou confequencias, que fazem a neceffidade mais miseravel, & mais para temer, fãõ como ao principio difsemos, que a pobreza, & a fome, primeiro desprezaõ a honra, & depois deftruem a virtude, perdendofe no mefmo naufragio a fama, & a consciência, que fãõ os maiores bens desta, & da outra vida. Mas vede a facilidade, & felicidade, com que Ruth salvou a ambos, confevando a virtude, & augmentando a honra pelo mefmo meyo, com que remediou a fome. O meyo, cõ que Ruth remediou a fome, bem vemos, que foi recolher como

po:

pobre as espigas mysteriosas, que fugião às mãos dos segadores. Continuou assim em

Ruth 2. todo o tempo da messe: *Donc horrea, & triticum in horreis conderentur*: & conhecidos já seus procedimentos; ouvi as palavras, que lhe disse Booz, que não podem ser mais proprias do intento, que

Ruth 3. seguimos: *Benedicta es à Domino, filia*: vós, filha, sois abençoada de Deos. E por-

Ibidem. que? *Quia non es sequuta juvenes pauperes, sive divites*:

porque não seguistes, nê vos arrimastes aos moços da vossa idade, pobres, ou ricos (q̄ he o que fazem as que se vem em pobreza:)

Ibidem II. *Scit enim omnis populus, qui habitat intra portas urbis mee, mulierem te esse virtutis*: & porque sabe todo o Povo, & toda a Cidade, que sois molher de virtude. Eisaquí quam contrarias foraõ em Ruth as consequências, & effeitos da sua pobreza, & da sua fome. As outras perdem a honra, & a virtude, porque buscaõ o remedio da pobreza, & da fome no arri-mo dos homêes, que he o que não fez Ruth: *Quia non es sequuta juvenes pauperes, sive*

*divites*: & Ruth conservou a virtude, & a honra, a cõsciencia, & a fama, sendo famosa por sua virtude: *Scit enim omnis Populus, mulierem te esse virtutis*; porque pobre, & faminta, sô se valéo dõ paõ, que podia comer em graça, & cõ a benção de Deos, & em figura recorreo mais altamente ao Paõ, em que Deos tem depositado todas as suas graças, & todas as suas bençoês: *Benedicta es à Domino, filia*.

## VIII.

304 **J**A temos a Ruth coroada de Espigas, porque na sua pobreza, & na sua fome recorreo, & se acolheo às sombras do Sacramento. Vejamos agora coroadas de Rosas, as que na mesma, ou maior necessidade, se valéaõ da devaçõ do Rosario. A prova não ha de ser tirada de semelhanças, ou metáforas, q̄ podem ter diferente interpretação, mas da experiência manifesta, publica, & vista cõ os olhos. Refere o caso o Bispo Monopolitano, Escritor de grande auctoridade: & foi desta

*Nota*

desta maneira. Inviuou (diz elle) huã Molher, mais illustre que nobre, & no dia, em que enrrerrou a seu marido, sepultou juntamente cõ elle todo o remedio da sua casa, a qual por carecer de bens patrimoniaes, sô se sustentava na sua vida, & com sua presêça, & industria. Deixou por sua morte duas Filhas, ricas dos dotes, & graças da natureza, quam pobres dos bens da fortuna: & por estes dous motivos (que juntos são mais perigosos) havia muitas pessoas poderosas, que tratavaõ, & esperavaõ de conquistar sua honestidade. Trabalhavaõ as pobres Donzellas sobre a sua almofada todo o dia, & grande parte da noite, & o que ganhavaõ era tam pouco, que apenas bastava para o paõ da boca, & de nenhũ modo chegava a lhe dar com que se vestir. Bem se deixa ver, qual seria neste aperto a afflicçaõ, & pena de huã Mãy, & Mãy, q nascêra cõ obrigações de honrada. Via a necessidade extrema, que padeciaõ suas Filhas; via o pouco, que montava o trabalho de suas mãos; via, que cada

dia hiaõ crescendo em idade, & naõ tinha com que lhe dar estado; via, que os ardís do Demonio são muy futis, & as violencias dos homẽs muito porfiadas; via, que a maior firmeza de huã molher nunca he segura, & que a pobreza, & necessidade, quando naõ haja outras tentaçoẽs, ella por sy he a maior tentaçaõ. Lã diz a Escritura Sagrada, que a pobreza, quando a comette, he como hum salteador armado: *Veniet tibi quasi viator egestas, & pauperes quasi vir armatus.* E que constancia ha tam varonil, naõ digo já de molher, que com o punhal nos peitos se atreva a resistir, & se naõ renda?

305 No meyo desta perplexidade, & afflicçaõ, que faria a pobre Mãy? Determinou descer se hum pouco dos brios, com que nascêra, & esquecerse do sangue, ou validade de seus avõs (que muitas vezes he necessario este esquecimento, para que os homẽs, & molheres, naõ deixem de sy muito differentes memorias:) & resolveose a pôr suas Filhas em casa de alguã

Sc.

Senhora, a quem servissem, & procuraſſem ganhar a vontade, & debaixo de cuja fombra vivêssem honestamente, & eſperassem depois de algũs annos, o estado de vida, que permitia sua pouca fortuna. Naõ tinha bem consentido neste pensamento, quando ſubitamente, como voando, ſe ſentio arrebatado a outro mais alto, o qual lhe estava dizendo ao coraçõ estas palavras: Se queres, que tuas Filhas ſirvaõ a huã Senhora: que Senhora ha, nem pôde haver no mundo, de cujo poder, & de cuja piedade possas fiar melhor o seu remedio, que da quella, que he Senhora do Ceo, & da terra, dos homẽs, & dos Anjos? Naõ disse mais este segundo pensamento. E conformandose com elle a prudente Mãy, pede dous mantos emprestados para as Filhas, levaas consigo à Igreja na tarde do mesmo dia: poemnas junto a ſy diante do Altar da Virgẽ Senhora noſla do Rosario, & com lagrimas disse assim: Senhora, Deos me fez Mãy destas duas criaturas, que aqui estão a vossos santissimos pés. E co-

mo Eu naõ tenho, com que lhe acodir conforme as obrigaçõs de Mãy, desde esta hora me despido deste nome, & naõ quero, q̃ tenhaõ mais os de Filhas minhas, ſenaõ o de Criadas, & Escravas vossas: De hoje por diante, Senhora, ſerá todo o seu cuidado ſervirvos, venerarvos, & procurar fazer vossa vontade em tudo: & o seu ſuſtento, & remedio, correrá tambem, Senhora, por cõta de vossa providencia, & piedade. Isto disse a Mãy: & as Filhas cõ grãde affecto, & humildade fizeram de ſy o mesmo offercímẽto à Senhora, que daquella hora por diante tomaraõ por ſua.

306 Oh Virgem Santissima do Rosario, que aprefadadas ſaõ as vossas misericordias, & que ſeguro tem o remedio da ſua pobreza, todos os que devotamente recorrem aos theſouros de vossa piedade! No mesmo lugar do Ecclesiastico, em q̃ a Senhora ſe compara à Rosa de Jericó: *Quasi plantatio Rose in Iericho.* Ecclesi. 24. 18. exhorta a todos, os que quizerem ſer ſeus devotos, ſe paſſem a ſeu patrocinio: *Trã-*

*Ibidem*  
26.

*sive ad me omnes, qui concupiscitis me.* E que podem esperar deste soberano patrocínio, os que a elle se passarẽ? A mesma Senhora o promete, & declara, dizendo, que de tudo o que houverem mister, serã provídos, & cheos abundantemente: *Transite ad me: &c. & à generationibus meis implemini.* Reparay muito nas palavras, *A generationibus meis.* Parece, que havia de dizer a Senhora: Passayvos a meu patrocínio, & sereis provídos dos meus thesouros. E não diz, dos meus thesouros, senão, das minhas gerações; como se fallára no nosso caso, & dissera: As vossas gerações, porque são fundadas nas inconstancias do mundo, & nas variedades da que lá se chama Fortuna, muitas vezes de illustres, & ricas caem em pobreza, & miseria: porém as minhas, cujos bens são eternos, & firmes, não padecem esses defeitos: pelo que, se quereis remedio, passayvos a mim, & achalheis seguro, & maior que vossos mesmos desejos. Assim lhe succedéo às duas Irmaãs. Tornaráo para casa cheas somente entãõ de

grande confiança na Mãe de Deos: continuaráo o trabalho de suas mãos, tirando delles todos os dias huã hora, a qual gastavaõ em rezar o Rosario com grãde devação: & desde o mesmo dia foraõ crescendo, ou nascẽdo os bẽs naquella casa com tal abundancia, sem saberem, as que dantes eraõ tam pobres, donde lhe vinhaõ; que não sò se sustentavaõ com muita largueza, nem sò tiverãõ com q se vestir, & ornar, conforme a sua antiga calidade, mas com o lustre, & authoridade do seu novo estado, como Criadas de tam grãde Senhora, & Damas de tam Soberana Rainha.

307 Com estes vestidos começáraõ a sair de casa, & vir à Igreja, & quando o Povo, que conhecia sua passada pobreza, visse esta novidade, já vedes o que se diria. Ninguem havia, que duvidasse serem aquellas galas preço da honestidade das duas Irmaãs, & sò se punha em duvida, quem haveria na Cidade de tam grãde cabedal, & prodigalidade, que gastasse com ellas tanto. Em fim, dizia se

lá,

lã, o que cã se ouve cadadia. Grande pensãõ por certo, & grande desgraça desta nossa terra, que naõ possa hum homem melhorar de capa, nem huã mollier de manto, sem q̃ o pague a sua honra! Fizestes hum vestido de melhor estofa q̃ o de voffo visinho; pois havos de custar mais que o voffo dinheiro. Se sois homẽ, logo sois ladraõ; se sois mollier, logo sois mã molher. Onde furtaria aquillo fulano? Quem daria aquillo a fulana? Enãõ lhodaria Deos? Naõ o ganharia com o seu trabalho? Por força lho havia de dar o Diabo? Verdadeiramente vos estã o Diabo em grande obrigaçãõ, pois à força quereis, que seja mais liberal que Deos. Oh malditas, & infernaes linguas! Vendote assim afrontadas as duas Donzellas, soccorraõse outra vez à mesma Senhora, & representaraõlhe a afronta, em que viviaõ. Quam largamẽte remediastes, Senhora, a nossa pobreza, bem o dizem estes vestidos; mas se elles nos haviaõ de tirar a honra, melhor nos estava o nosso antigo encerramento, & melhor nos

cobriaõ os nossos remendos. Se com despir as galas, se remediara esta mancha, de boa vontade as trocamos outra vez pelos trajos da nossa pobreza. Mas a fama huã vez perdida nas linguas dos homens, he mal, que naõ tem remedio, & dor, de que ja mais teremos consolaçãõ. Sõ nos fica o alivio de a havermos perdido em voffo serviço, & por beneficios, & mercês voffas. Sobre estas palavras a crescẽtaraõ muitas lagrimas, & tornaraõ ao seu lavor, & ao seu Rosario, que a prosperidade, em que se viaõ, nem as fez ociosas, nem menos devotas.

308 Amanhecẽo nesta occasiaõ o dia oitavo de Dezembro; & como era a primeira, & mais estimada Festa da sua Rainha, naõ pudẽraõ deixar de assistir as Damas, & com a gala mais luzida. Entraraõ pela Igreja diante da Mãe as duas Irmaõs, & como era maior o concurso da gente, tambem foi maior que nunca a murmuraçãõ. Naõ se olhava para outra parte, nem se fallava em outra cousa por toda a Igreja.

Ellas porêm postas de juelhos diante da Imagẽ da Senhora calavaõ, & oravaõ, bem alhea a sua innocencia, & a sua afeita, de que pudesse emmudecer as linguas de seus calumniadores. Mas a Mãe de Deos, que tam liberalmente as provéo do sustento, atreverame Eu a jurar da sua bõdade, que não havia de consentir, que fosse com perda da honra, nem descredito da virtude. Começou a se entoar o Evangelho, quando súbitamente appareçáraõ no ar duas fermosas Coroas de Rosas. A novidade das Rosas, por ser no maior rigor do Inverno, & o estarem as Coroas no ar suspensas por sy mesmas, provava com evidencia serẽ mandadas do Ceo. Admirados todos de tam prodigiosa maravilha, & não sabendo o que Deos quizesse significar com ella; começáraõ a descer as Coroas pouco a pouco, & aqui se dobrou a admiracão, & o alvoreço, na duvida, & expectaçã do lugar onde iriaõ parar. Chegáraõ em fim aonde vinhaõ encaminhadas, & as mães dos Anjos, de que invisivelmen-

te eraõ movidas, as puzeraõ (Onde vos parece?) sobre as cabeças das duas Irmaãs. Oh pãmo! Oh affombro, não tanto do milagre publico, & manifesto, quanto da soberana, & fiel providencia da Virgem Santissima, & dos poderes do seu Rosario! Com este testemunho do Ceo tam evidente, se trocáraõ em hum momento os enganados juizos de toda aquella multidãõ errada, & temeraria. As murmurações se convertéraõ em louvores, as calumnias em applausos, os escandalos em venerações. Todos davaõ as graças a Deos, todos o parabem à Mãe, todos chamavaõ Santas às Filhas. Tam honradas, & estimadas, as que pouco antes eraõ a fabula, & desprezo de toda a Cidade: que no mesmo ponto, & sem sair da Igreja, os dous mais nobres, & bem herdados mãcebos della, as pediraõ por molheres, & se tiveraõ por muy venturosos de tam honrada sorte. Assim se renovou, & dobrou neste caso a mutaçã da fortuna de Ruth: ella coroada de Espigas em profecia do Sacramento, & ellas

co-

coroadas de Rosas pela devação do Rosário. E por este meyo tam extraordinario, & tam proprio da Mãy do Omnipotente, as que eraõ tam pobres, ficáraõ ricas, as que se fogaivaõ a servir, ficáraõ Senhoras, & as que estavaõ deesperadas de conseguir hũ mediano estado, alcançáraõ o mais nobre, & o mais rico de toda a sua patria.

## IX.

309 **Q**UE dirá agora, ou que elcusa pôde ter a Fé daquella mãy, & daquellas filhas, que debaixo do falso, & infernal pretexto de não terem, com que sustentar a vida, entregaõ a honestidade, infamaõ a honra, & não sò perdê a Alma, mas corrompem, & desbarataõ a mesma vida, & primeiro saõ cadaveres feos, & asquerosos da torpeza, que a terra os acabe de consumir na infame sepultura. Dize, Criatura vil, mais irracional que os brutos: Aquelle Deos (como pôde ra David) que sustenta os corvos, & os filhos dos corvos: aquelle Deos, que susten-

ta as serpentes, & as filhas das serpentes, não te sustentará também a ti, & às tuas filhas? Sees tam cruel mãy para ellas, & tam indigna da piedade deste nome, porque as não ensinas a recorrer à Mãy de Deos? Porque retiradas dos olhos do mũdo as não fogeitas a servir a esta poderosissima Senhora, invocãdo a todos os dias no seu Rosário? Parecete, q̄ pôde faltar o sustento à boca, que tantas vezes pronunciar o docissimo nome de Maria? Ouve o que diz, & promete a mesma Senhora a todos os devotos do seu Rosário: *Flores mei, fructus honoris, & honestatis.* Queres honestidade? Queres honra? Queres vida? Pois tu do isso te darãõ as minhas flores: *Flores mei, fructus honoris, & honestatis.* Não se pudéra pintar, nem fingir huã clausula, que tam adequadamente fechasse tudo o que temos ditto: *Flores mei:* as minhas flores. As flores da Virgem Santissima, não ha duvida, que saõ as Rosas do seu Rosário, & porisso muito differentes das outras. As outras Rosas saõ flores, que não

*Eccles.*  
24. 23.

daõ fruto; porèm as Rosas do Rosario, não sò daõ fruto, mas são frutos: *Flores mei, fructus*. E que frutos? Frutos, que sustentaõ a vida, & frutos, que conservaõ a honra, & a honestidade: *Fructus honoris, & honestatis*. Vede, como responde este epilogo, & satisfaz a tudo o que a pouca Fé toma por escusa. A vossa pobreza, a vossa necessidade, a vossa fome, porque empenna a honestidade, & perde a honra? Dizeis, que para ter cõ que sustentar a vida. Pois tudo isso, diz a Senhora, que tẽdes nas flores do seu Rosario: *Flores mei, fructus honoris, & honestatis*: as flores do meu Rosario são frutos, porque sustentaõ a vida: & são frutos de honra, & de honestidade; porque não sustentaõ a vida à custa da honestidade, & da honra, senão conservando a honestidade, & conservando, & augmẽtando a honra, tam abundante, & tam illustremente, como acabamos de ver.

310 Seguros pois os temores da pobreza, & os apertos da necessidade, & da fome, com os refens, & pe-

nhoes de huã experiẽcia tam prodigiosa, manifesta aos olhos de todos, & mais seguros ainda com a palavra, & promessa da mesma Mãe de Deos; já supponho, que não haverá Fé tam apoucada, & tam incredula, que na mais rigorosa, & apertada pobreza, prostrada humildemente aos pés da Virgem Santissima, & invocando cõ o Rosario nas mãos a sua piedade, se não fie de seus poderẽs. E porque he certo, & infallivel, que no tal caso, por mais perigoso, & desesperado que pareça, não sò vos não ha de faltar o socorro, mas crescer, & sobejar o remedio com grande largueza, & abundancia: quero acabar este Discurso, que foi do remedio das faltas, com hum novo documẽto, de como haveis de empregar os sobejos. Hum Homem, que tinha sido muito rico, veyo a cair em tal miseria, que pedia esmola pelas portas. Pedio a huã vez ao Beato Alãno de Rupe, famoso Prégador do Rosario. E como lhe respondeu com S. Pedro: *Argentũ, Ab. 3. 6. & aurum non est mihi: quod autem habeo, hoc tibi do*: disse-lhe

lhe o Santo, que rezasse o Rosario todos os dias, & que a Virgẽ Senhora nossa o socorria. Fello assim: & a Senhora desempenhou a palavra do seu Prégador, com tanta largueza, que o que pouco antes pedia esmola, se vio quasi derepente com tanta abundancia de bens, que despendendo em esmolos, o que lhe sobejava, elle era o remedio de todos os pobres daquella terra. Este he o segundo conselho, com que acabo: no qual tambem nos naõ falta o exemplo da nossa Ruth. Diz o Texto Sagrado, que no mesmo dia, em que Ruth se applicou a remediar a sua fome, pelo modo que sò lhe era licito, com a confiança posta em Deos, teve de comer tam abundantemente, que do que lhe sobejou, pode sustentar a sua sogra Noemi, que era tam pobre como ella. Notay as palavras da Escriitura, que saõ dignas de toda a ponderaçãõ: *Insuper protulit, & dedit ei de reliquijs cibi sui, quo saturata fuerat.* Aqui se começou a cumprir a profecia do nome de Ruth, que quer dizer, *Saturata.* Far-

tonse: digamolo assim, pois que assim o diz a Escriitura: *Quo saturata fuerat:* para que naõ entendessemos, que para levar de comer a sua sogra, & remediar a sua pobreza, tirára, ou defraudára alguã parte do que lhe pedia a propria fome; mas para que saibamos, que no mesmo dia lhe fez Deos o prato com tanta largueza, que satisfeita a mais naõ querer a propria fome, pode remediar a pobreza alhea.

311 Este foi finalmente o glorioso fim, com que as duas Coroas de Espigas, & de Rosas, naõ tanto se competiraõ, & emuláraõ, quanto se enlaçáraõ, & tecéraõ no mesmo triumpho: o Sacramento em Ruth, coroado de Espigas, & o Rosario nas duas Irmaãs coroado de Rosas: pois a estas por serem devotas do Rosario, remediada primeiro a sua pobreza, & conservada a honestidade, & a honra, as dotou a Soberana Rainha sua Senhora com os dous mais nobres, & mais ricos casamentos daquella terra: assim como a Ruth figura das que recorrem à Mesa,

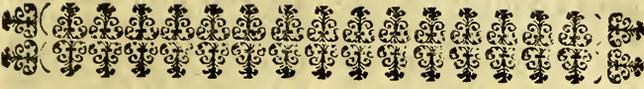
Mesa, que temos exposta, o mesmo Senhor à nobreza, & opulencia das vodas, & mediada tambem a sua pobreza, & conservada a honra, & a virtude, a levantou

za, & geração de Booz : *Booz autem genuit Obed ex Ruth,*

FINIS.



SER-



# SERMAM

## XXIV.

*Joram autem genuit Oziam. Matth. 1.*

I.

312 **M**UITAS vezes, & por muitos modos, tenho pregado neste dia as Excelencias do Rosario, assim pela parte Mental, no que medita, como pela Vocal, no que reza. Mas porque estas mesmas meditações tem o seu numero diverso, & as mesmas orações o seu, ambos certos, & determinados: assim como declarey os Mystérios das orações, & os Mystérios das meditações, assim hey de declarar hoje os Mystérios dos numeros. Atègora vimos o Rosario sem Contas, agora veremos propria-

mente as Contas do Rosario. De quam mysteriosas sejaõ estas contas, & estes numeros, & de quanta conta faça Deos dos grandes Mystérios, que nelles se encerraõ, a maior, & mais encarecida prova, que pôde haver, he, a que nos dá o Evangelho nas palavras, que propnz.

313 *Joram autem genuit Oziam. Matth. 1. 8.*  
 Esta breve proposição de S. Matheos contém huã das maiores difficuldades de toda a Escritura Sagrada. Entre Joram, & Ozias, como consta do Primeiro, & Segundo Livro do Paralip ménon, <sup>1. Para- lip. 3. II.</sup> houve outros tres Reys: por que Joram gerou a Ochozias: <sup>2. Para- lip. 22.</sup> Ochozias gerou a Joáz: <sup>3. seg.</sup> Joáz gerou

gerou a Amazias : & finalmente Amazias gerou a Ozias. Pois se entre Joram, & Ozias houve tres gerações, & tres Reys : & Joram não foi pay, senão terceiro avó de Ozias; porq̃ passa S. Mattheos em silencio estes tres Reys, & estas tres gerações, & diz absolutamente, que Joram gerou a Ozias? A duvida não está na palavra gerou, nem em chamar o Evangelista pay de Ozias a Joram, sendo tam remoto; porque muito mais remotos eraõ de todos os filhos de Israel, Abraham, & Sára, & comtudo delles diz Isaias, que Abraham, & Sára os gerou: *Attēdite ad Abraham patrem vestrum, & ad Saram, quæ peperit vos.* No nosso mesmo Evangelho temos outro exemplo mais adequado. Diz o Evangelista, que David gerou a Salamaõ, & Salamaõ gerou a Roboam, & Roboam gerou a Abias, & Abias gerou a Afa. E mediando entre Afa, & David outras tres gerações, & outros tres Reys; no terceiro Livro dos mesmos Reys diz a Sagrada Escritura, que David foi pay de

Isai. 51.  
2.

Afa: *Fecit Afa rectum ante conspectum Domini, sicut David pater ejus.* Assim, que não está o ponto da difficuldade em dizer S. Mattheos, que Joram gerou a Ozias. Tambem não está a duvida na justiça, que o mesmo Evangelista teve para riscar do seu Evangelho, & do Cathalogo da geração de Christo a estes tres Reys, mais que a outros; porque Joram se tinha cazado com Athalia irmã d'El Rey Achab, cuja posteridade, & da impia Jezabel, tinha Deos jurado de tirar, & apagar do mundo: & a posteridade nos Livros de Deos se estende, & cõputa até a quarta geração, como consta do Capitulo Vinte do Exodo, & do Capitulo Decimo do Quarto Livro dos Reys. Pois em que está, & consiute esta grande difficuldade? Está, em que sendo S. Mattheos Historiador, & Historiador Sagrado, & mais em materia genealogica, & de hũa tal geração, como a de Christo, parece, que a devia continuar, & proseguir inteira, & rigorosamente segundo a successão de todos os Primogenitores, quaes-

3. Reg.  
11. 11.

3. Reg.  
21. 22.  
5. seq.

Exod.  
20. 5.  
4. Reg.  
10. 30.

quaesquer q̄ fossem, & muito mais sendo Reys, sem excluir a nenhum. Qual foi logo a razaõ, que teve S. Matheos para diminuir este numero dos Ascendentes de Christo, & naõ na primeira, nem na terceira parte do seu Cathalogo, senaõ na segunda?

314 S. Jeronimo, Santo Hilario, Santo Thomás, os insignes Commētadores, Jansenio, Salmeiraõ, Abulense, & commumente os demais, tirando a razaõ literal das mesmas palavras do Texto, dizem, que excluiu S. Matheos do seu Cathalogo, & nomeadamente da segunda parte delle, estes tres Ascendentes; porque o seu intento era repartir toda a serie da geraçãõ de Christo em tres Terços. E porque o primeiro Terço desde Abraham até David constava de quatorze Primogenitores: & o terceiro Terço desde a Transmigraçãõ de Babylonia até Christo, de outros quatorze: & pelo contrario o segundo Terço desde David até a Transmigraçãõ de Babylonia tinha dezasete; para que tam-

bem este constasse de quatorze, excluiu os tres Reys, que mediaraõ entre Joram, & Ozias. As palavras de S. Matheos saõ estas: *Omnes itaque generationes, ab Abraham usque ad David, generationes quatuordecim: Et à David usque ad transmigracionem Babylonis, generationes quatuordecim: Et à transmigracione Babylonis usque ad Christum, generationes quatuordecim.* Isto he o que diz expressamente o Texto de S. Matheos, & esta a razaõ, que delle tiraõ todos os Interpretes: a qual porèm antes aperta, do que solta a difficuldade. Pergunto: E he boa razaõ dizerse, q̄ hum Historiador, & Historiador Sagrado, para reparar a geraçãõ, & ascendencia de Christo em tres Terços iguaes, porque em hum sobejaõ tres Ascendentes, os tire, & exclua della? Se a penna de S. Matheos naõ fora governada pelo Espirito Santo, dura razaõ seria esta: mas governou-a assim o Espirito Santo, porque attendeo mais ao mysterio dos numeros, que ao numero das gerações. Na geraçãõ de Melchisedech cal-

lou o mesmo Espírito Santo na penna de S. Paulo toda a sua genealogia, & disse, q̄ não tinha pay, nem mãy: *Melchisedech sine patre, sine matre, sine genealogia.* E porque? Porque Melchisedech era figura de Christo, o qual assim como no Ceo não teve Mãy, assim na terra não teve Pay. Que muito logo, que S. Matheos na genealogia do mesmo Christo attendesse mais aos Mysterios do numero, q̄ ao numero dos Ascendentes? O numero natural dos Ascendentes constava da historia do Testamento Velho: o numero mysterioso, & o mysterio do mesmo numero, segundo a conta, & exclusão divina, sô podia constar do Testamento Novo. E isto he o que fez o Evangelista.

*August. lib. 2. de Doctrin. Christiana.*

315 Santo Agustinho, como tam grande Mestre, no Livro segundo de Doctrina Christiana, ensina, que muitos mysterios, que estaõ encerrados na Sagrada Escritura, se não entendem por ignorancia do que significaõ os numeros: *Numerorum imperitia multa facis non intelligi translata, & mysticè posita in*

*Scripturis.* E depois de propor, & ponderar hum bom exemplo, acrescenta o mesmo Santo, que este, & semelhantes nõs, sô com a sciencia dos numeros se podê desatar: *Cujus actionis figuratus quidam nodus, nisi hujus numeri cognitione, & consideratione non solvitur.* Tanto importa saber, & especular os mysterios dos numeros nas contas de Deos. E isto he o q̄ nós faremos hoje. O nõ, que propuzemos, do Evangelho, he tam apertado, como vimos; mas com o conhecimento dos mysterios dos numeros o soltaremos primeiro nas contas do mesmo Evangelho, & depois nas do Rosario. Sendo pois a materia tam mysteriosa, tam alta, & tam secreta, recorramos à Soberana Inventora do mesmo Rosario, para que assistidos de sua Graça acertemos a dar boa conta dos numeros, & mysterios destas Contas: *Ave Maria, &c.*

## II.

316

**N**Ão he facil dar boa conta, nem ainda

ainda contar o que não tem conto. A Abraham, primeiro trôco desta mesma genealogia, disse Deos, fallando della: *Numeras stellas, si potes: conta as Estrellas, se podes. Se podes, disse; porque nem Abraham, nem algum outro homem as pôde contar. Os Astrologos com Ptolomeo chegáráo a contar mil & vinte duas Estrellas; mas as que elles não contaõ, são em tanto numero, que só Deos as conta, & conhece. Assim o cantou David como exceiçãõ propria da Sabedoria Divina: *Qui numerat multitudinem stellarum: & omnibus eis nomina vocat. E logo acrescenta: Magnus Dominus nos- ter, & magna virtus ejus: & sapientia ejus non est numerus: porque só quem tem sabedoria sem numero pôde contar o numero das Estrellas. O mesmo digo do numero dos mysterios, que a materia do Rosario encerra em sy, verdadeiramente innumeravel. S. Joãõ vio a Senhora coroadade Estrellas, & cõtou, que eraõ doze: *Et in capite ejus corona stellarum duodecim. Podeas contar, porque eraõ***

as que sobre a cabeça da Virgem se mostravaõ por fora; mas se vira as que a coroaõ por dentro nas idéas do seu Rosario, não lhe havia de achar numero. As Estrellas, q̄ daõ materia à Coroa do Rosario, são os Mysterios de Christo, & sua Mãy: & ninguém pôde duvidar serem innumeraveis, pois Jesu, & Maria, são a principal descendência de Abraham, da qual disse Deos, quando lhe mostrou as Estrellas: *Sic eris semen tuum.*

317 Sendo pois innumeravel o numero das Estrellas, que na Coroa do Rosario com hum circulo infinito se comprehendem: porq̄ razaõ as reduzio a Senhora, assim vocal, como mentalmente, ao numero certo, & determinado, com que as cõtamos nas nossas Contas? Por duas razãos. A primeira, para que reduzidas, & determinadas a certos numeros, as podesse comprehender a curta capacidade do nosso entendimento. A segunda, & propria do meu Assumpto, para que conhecidos os mysterios dos mesmos numeros, entendessemos

Genes.  
15. 5.

Genes.  
15. 5.

Psalms.  
146. 4.

Ibidem  
5.

Apoc.  
12. 1.

deffemos quam necessaria, & importante he a todos, os que fomos criados para o Ceo, a devaçã do Rosario. Vamos ao Evangelho, & nos mystérios dos seus numeros veremos, como todos em comum nos ensinaõ esta mesma verdade.

318 O numero das gerações, que se contém neste Evangelho, porisso chamado *Liber generationis Iesu Christi*, como já notou, & pôderou S. Mattheos, foraõ tres vezes quatorze. Teve esta descendencia, como todas as cousas humanas, o seu augmento, o seu estado, & a sua declinaçã. O augmento foi, de Abraham atè David antes de o Povo de Israél ser Reyno: o estado, sendo já Reyno, foi desde David atè a Transmigraçã de Babylo니아: a declinaçã, depois que deixou de ser Reyno, foi, desde a Transmigraçã de Babylo니아 atè Christo. E he cousa verdadeiramente admiravel, & mysteriosa, que no augmento fossẽm quatorze as gerações, no estado, quatorze, & na declinaçã tambem quatorze. Mas com

que mysterio, ou mysterios? Agora o veremos.

319 Estes quatorze, ou se podem considerar partidos, ou inteiros, ou multiplicados: & em qualquer cõsideraçã significa o mesmo numero a nossa Bemaventurança por meyo de Christo.

Tres vezes quatorze partidos fazem seis vezes sete. E o numero de seis, & de sete, que significa? O de seis, diz S. Jeronimo, significa os trabalhos desta vida, porque em seis dias fabricou Deos o mundo: o de sete, significa o descanso da outra; porque ao septimo dia descansou Deos:

*Requievit die septimo. Ita ab initio mundi diebus conditis* Genes. 2. 2. D. Hieron. lib. 2. in A. mos.

*(diz o Santo) ut omnes labores, & molestia septimo numero conquiescant.* De maneira, que Christo, Senhor nosso, como Deos que era antes de ser Homem, ordenou, que a sua geraçã temporal se partisse por estes intervallos, de seis, & de sete, atè chegar ao mesmo Christo; porque elle, & a sua Ley, he sò aquella, em que se acha o descanso

de todos os trabalhos: *Venite ad me omnes, qui laboratis, & inue-* Matth. 11. 28. 29.

*invenietis requiem animabus vestris.* Nem obsta, serem os dias do trabalho seis, & o do descanso, hum sô; porque os dias do trabalho são dias do tempo, que durãõ poucas horas, & o dia do descanso he o dia da Eternidade, que assim como naõ tem noite, naõ ha de ter fim. Este he o felicissimo sete, em que se deslataõ os quatorze partidos.

320 Tomados porèm inteiros, como os tomou, ou somou o Evangelista, tambẽ descobrem por outro modo, naõ outro, senaõ o mesmo mysterio. O numero quatorzeno he critico, & nas enfermidades agudas o mais perigoso, em que para bem, ou para mal, faz termo. Assim succedéo ao corpo da Republica Hebréa nos tres estados do seu governo, primeiro governada por Juizes, depois por Reys, & ultimamente por Sacerdotes. No primeiro quatorzeno, que se terminou em David, ficou a Republica coroada, mas enferma; no segundo quatorzeno, que se terminou na Transmigração de Babilonia, ficou cativa, mas naõ de todo morta: po-

Tom. 6.

rém no terceiro quatorzeno, que se terminou em Jesu, que quer dizer Salvador; entãõ conseguiu a mesma Republica como cativa a perfeita liberdade, & como enferma a inteira saude, que hea da salvação. *Ergo congruè ad naturam hominis, decima quarta quaque generatione una Republica aegrotante, ac deficiente, optima per Christum subrogata est, qua triplicis precedentis defectus, & infirmitates sanaret:* diz, depois de Maldonado, Cornelio.

321 E se esta foi a significação do numero quatorze, ou partido, ou inteiro, naõ he menos mysteriosa, nem cõ differente mysterio, a do mesmo numero multiplicado. Multiplicado tres vezes o numero de quatorze gerações, faz quarenta & duas. E que nos quer significar o Evangelho, em q̃ viesse Christo ao mundo por quarenta & duas gerações, como por outros tantos degrães? Origenes, a quem segue S. Jeronimo, declarou o mysterio cõ grande propriedade: *Intuere mysterij rationem. Constat numerus descensionis Christi per*

Maldon.  
n at. &  
Cornel.  
ib.

Origen.  
Homi.  
27 sup.  
Numer.

I qua.

Hiero-  
nym. E-  
pistol.  
ad Fa-  
biolam  
de 4.  
maison.

*quadraginta duos Patres secū-  
dum carnem, veluti per qua-  
draginta duas mansiones des-  
cendentis usque ad nos: Et per  
totidem mansiones ascensus fi-  
liorum Israel usque ad here-  
ditatis promissa principium.*

Quando os filhos de Israel partiraõ do Egypto, fizeraõ quarêta & duas jornadas atè a Terra de Promissaõ. E he muito de notar, que assim a Terra de Promissaõ, como a geraçaõ de Christo, huã, & outra foraõ prometidas por Deos ao meõmo Abraham. Pois assim como os filhos de Israel chegãraõ à Terra de Promissaõ com quarenta & duas jornadas; assim Christo veyo ao mundo cerrandose nelle quarenta & duas geraçoẽs: para que entendesse-mos na dilaçaõ de hum, & outro caminho, & na proporçaõ de hum, & outro numero, que sã por meyo de Christo podiamos chegar à verdadeira Terra de Promissaõ, que he a Patria do Ceo.

322 Bem sey, que S. Lucas descrevendo a mesma genealogia (a qual naõ deduz de Abraham atè Christo, se naõ de Christo atè Adam,

& atè Deos) variou este numero, & naõ poem quarenta & duas geraçoẽs, senaõ setêta & sete. Mas esta variedade de numero naõ muda, nem en- cõtra o mysterio, antes o cõ- firma, & declara mais. A ra- zaõ he, porque o numero se- tenta & sete, como notãraõ

S. Cypriano, & S. Gregorio, Cy-  
prian.  
Serm.  
de Spi-  
ritu S.  
esta significaçaõ na reposta Grez-  
tib. 32.  
Moral.  
cap. 12.

o Senhor lhe perdoaria os peccados atè sete vezes: & o Senhor lhe respondeo, que naõ sã sete, senaõ setenta ve- zes sete: *Non dico tibi usque* Matth.  
*septies: sed usque septuagies* 18.22.

*septies.* E pois estamos em Sermão de contas, & nume- ros, se alguem me perguntar curiosamête, que proporçaõ tem o numero setenta & sete com os peccados, & perdaõ universal delles; Santo Agu-  
August.  
Serm.  
15. de v.  
Domini.

stinho a descobrio sutilissi- mamente. O peccado he trãf- gressãõ da Ley: a Ley consis- te no numero dez, porque os preceitos sãõ dez: logo a trãf- gressãõ da Ley cõsiste no nu- mero onze, porque o numero

onze

onze he o que passa além dos dez. E porque o mesmo numero onze, sete vezes multiplicado faz seienta & sete; porisso Christo significou o perdaõ universal dos peccados com 'o mesmo numero: *Usque septuagies septies*. Sendo pois certo, que ninguem pôde entrar na Terra de Promissão do Ceo sem o perdaõ universal dos peccados, significado no numero da genealogia de S. Lucas; esta he a razãõ, porq' no numero da genealogia de S. Mattheos, cõ admiravel correspondencia, se significaõ as jornadas da Terra de Promissão, porque sô por meyo de Christo podemos chegar à Patria Bemaventurada. Em summa, que tomado o mesmo numero de tres vezes quatorze, ou partido, ou inteiro, ou multiplicado: partido significa o descanço, inteiro significa a salvação, multiplicado significa a Patria; & sempre, & de todos os modos, a Gloria, & Bemaventurança do Ceo, para que fomos criados.

## III.

323 **I**STO he o que nos diz, & significa o Evangelho em commum no mysterio dos seus numeros, tam exactamente contados, & repartidos. Segue-se agora ver, como o Rosario nos significa, & promete o mesmo nos Mysterios das suas Contas. E para que seja com maior distincão, & clareza, discorreremos em particular por todos, & cadahum dos numeros, de que ellas se cõpoem. Os numeros das Contas do Rosario sãõ, hum, tres, cinco, dez, quinze, sincoenta, & cento & sincoenta, em q' se resume todo. Reduzindo pois todos estes numeros a tres pontos, ou questões: na primeira veremos, porque he o Rosario hum, & se divide em tres partes, ou em tres Terços? Na segunda, porque sãõ os Mysterios quinze, & os Padre-nossos quinze, & se repartem de sinco em sinco? Na terceira, porque sãõ cento & sincoẽta as Ave-Marias, & se dividem em tres vezes sincoenta, & cada sincoenta

T z      de

de dez em dez? Esta he toda a fabrica, & artificio do Rosario, que todos meditaõ, todos rézaõ, & todos trazem nas mãos, & nem todos a entendem. Mas agora com nova Graça da mesma Senhora, que assim repartio estas Contas, as entenderáõ todos.

## III.

324 **O** Primeiro ponto, ou questãõ, era: Porque sendo o Rosario hũ, se divide em tres partes, ou, como vulgarmente dizemos, em tres Terços? Respondo, que consistindo a Bemaventurança do Ceo na visãõ, ou vista clara de Deos, o qual he Hum em Essencia, & Trino em Pessoas; para que o meyo fosse proporcionado ao fim, pedia a conveniencia, & a razãõ, que o Rosario, o qual nos encaminha, & leva à mesma vista de Deos, fosse tambem Hum, & Trino. Huã das cousas mais notaveis na Escriitura Sagrada, como bẽ advertio S. Joãõ Chrysostomo com outros Padres, he, que em todo o Pentateucho, em que se contém a Ley Escrita,

se naõ prometta o Ceo aos q̃ aguardarem. Premios temporaes, como abundancia de frutos, riquezas, larga vida, propagação, & posteridade de filhos, & netos, vitoria contra os inimigos, & outros deste genero, sim; mas todos da terra. Pois se Deos promette tantos bens temporaes, & da terra, aos observadores daquella Ley, porque lhe naõ promettéo tambẽ os do Ceo, & eternos? A primeira razãõ, & geral, foi, porque aquella Ley, ainda q̃ dada por Deos, naõ tinha virtude para levar os homẽs ao Ceo, & porisso os bons, & melhores della, hiaõ todos ao Limbo. Assim o ensina S. Paulo, & com elle todos os Theologos. Mas a segunda razãõ, & mais alta, he, porque na mesma Ley sãõ estava promulgada a Fé da Unidade de Deos, como cõta do mesmo Pentateucho no Capitulo sexto do Deuteronomio: *Audi Israel: Dominus Deus noster, Dominus unus est: Diliges Dominum Deum tuũ ex toto corde tuo: &c.* E porq̃ a abertura das portas do Ceo estava reservada para a Fé da Santissima Trindade, naõ era justo,

justo, que o Ceo se promet-  
tesse, senão na Ley da Graça,  
na qual desde o Bautismo, a-  
inda antes de poder fallar,  
professamos, que Deos não  
só he Hum, mas Hum, &  
Trino.

325 Daqui se entende-  
rá huã grande differença, cõ  
que o Ceo se mostrou anti-  
gamente a Jacob, & depois a  
S. Joãõ no seu Apocalypse.  
Jacob vio em sonhos aquella  
escada, que chegava da terra  
ao Ceo, mas ainda que vio a  
escada, não vio a porta. He  
verdade, que depois, acordã-  
do, disse: *Non est hic aliud,  
nisi domus Dei, & porta cali:*  
arguindo por discurso, que  
onde estava a escada, alli de-  
via de estar a porta: porẽm a  
porta não se lhe mostrou na  
visãõ, da qual sõmente diz o  
Texto: *Vidit scalam stantem  
super terram, & cacumen il-  
lius tangens calum.* Pelo con-  
trario a S. Joãõ mostroulhe  
Deos tambem o Ceo, mas to-  
do aberto em portas: *Ab Ori-  
ente, porta tres: & ab Aquilone,  
porta tres: & ab Austro,  
porta tres: & ab Occasu, porta  
tres:* para o Oriente tres por-  
tas, para o Occidente tres

portas, para o Setentriãõ tres  
portas, para o Meyodia tres  
portas. Pois se a Jacob quan-  
do se lhe mostra o Ceo, não  
se lhe mostra nẽ huã sãõ por-  
ta: a S. Joãõ porque se lhe  
mostra com tãtas portas, não  
sãõ para huã parte do mundo,  
senãõ para todas? Porque Ja-  
cob era do tempo, em que  
geralmente sãõ se conhecia a  
Unidade de Deos; & no tem-  
po de S. Joãõ jã se cria em to-  
do o mundo, não sãõ a Uni-  
dade, senãõ tambem a Trin-  
dade: & porque naquelle tẽ-  
po estava o Ceo fechado, &  
 neste tempo está aberto a to-  
dos; porisso nõ tempo, em q.  
Deos sãõ se conhecia como  
Hum, nem huã sãõ porta do  
Ceo se mostrou a Jacob, & nõ  
tempo, em que se conhece co-  
mo Hum, & Trino, se mostra  
a S. Joãõ com tantas portas.  
No numero das mesmas  
portas está declarado o mys-  
terio. Tres portas para o O-  
riente, tres para o Occiden-  
te, tres para o Setentriãõ,  
tres para o Meyodia, & sem-  
pre tres, & sãõmente tres para  
todas as partes, donde se des-  
cobre o Ceo: porque? Porq.  
no numero de tres estava sig-  
nificado

Genes.  
28. 17.

Eidem  
12.

Apocal.  
21. 13.

Lyrano.  
ibi.  
Bernard.  
rom. I.  
Serm.  
61. cap.  
1.

nificado o Myſterio da Trindade, ſem o qual ſe não entra no Ceo. *Ideo tres portae: nam in fide Trinitatis recipiuntur electi ad Gloriam caeleſtem:* diz Lyrano. O meſmo diz, & com maior expreſſão, S. Bernardo; mas Eu quiz citar antes a Lyrano, cujo teſtimunho, como intereſſado por naſcimẽto, & por Fé, em huã, & outra Ley, he mais ſem ſuſpeita.

Genef.  
28. 12.

Ibidem  
3).

326 Mas tornemos a Jacob, para mais apertar a ponderação. Baſta, Senhor, q̃ mostrais a Jacob a eſcada do Ceo, & não lhe mostrais a porta? Mostraishe a eſcada, & não lhe mandais que ſuba? Mostraishe a eſcada, & não lhe mostrais nella hum homem, ſenaõ ſõmente Anjos: *Angelos ascendentes, & descendentes?* Mais ainda. O que Deos prometteo naquella occaſião a Jacob, foi, que lhe daria toda aquella terra, em que dormia, que era a terra de Canaan: *Terram, in qua dormis, tibi dabo, & ſemini tuo.* E como diz eſta promeſſa com a viſão? Na viſão mostralhe Deos o Ceo, & na promeſſa dáhe a terra? Sim. Por-

que emquanto Deos era conhecido ſõ como Hum, & não como Trino, ſõ podia dar os bens da terra, & não os do Ceo, ainda que os homẽs foſſem tam ſantos como Jacob. Porifſo na eſcada ſõ apparecêraõ Anjos, & no Ceo não apparecia porta, porque ſõ no Myſterio da Trindade ſe abriaõ as portas do Ceo aos homẽs. No Eſvangelho temos manifeſto todo o myſterio, & com todas ſuas circumſtancias. Se algum hora ſe manifeſtou a Santiffima Trindade, não ſõ à Fé, ſenaõ ainda aos ſentidos, foi no Baurifmo de Chriſto, em que ſe ouvio a voz do Padre, & ſe viu o Eſpirito Santo em figura de Pomba. Deſorte, que na Voz ſe manifeſtou o Padre, em Chriſto o Filho, & na Pomba o Eſpirito Santo. E que ſucedeo entãõ? *Aper-* *Matth. 3. 16.*  
*ti ſunt caeli:* Abriraõſe os Ceos. Porque ainda, que ſõ Deos pôde abrir as portas do Ceo, não as abre, conhecido ſõ como Hum, ſenaõ como Trino.

V.

327 **C**OM grande razão logo, & com grande proporção o Rosario, sendo hum, se divide em tres partes, ou em tres Terços, para que na Unidade, & Trindade destes mesmos numeros, nos signifique, & declare o mysterio, com que elle meditando a Christo, ou Christo meditado nelle, não doutro modo, mas como Hū, & Trino, nos abre as portas do Céu. Christo, Senhor nosso, quando para nos levar ao Ceo descéo à terra, não só nos ensinou o altissimo Mysterio da Unidade, & Trindade Divina, mas o trouxe, & representou em sy mesmo, como excellentemente notou S. Bernardo por estas palavras: *Sicut in illa singulari Divinitate Trinitas est in Personis, Unitas in substantia; sic in ista speciali commixtione Trinitas est in substantia, & in Persona Unitas.* Assim como em Deos ha Unidade na substancia, & Trindade nas Pessoas, assim em Christo ha Unidade na Pessoa, & Trin-

dade nas substancias. E de que modo? *Verbum enim, anima, & caro, in unam convenere Personam.* Porque no composto ineffavel de Christo, a Divindade, a Alma, & o Corpo, que são as partes, de que se compoem, são tres substancias diversas, & a Pessoa, em que todas subsistem, & estão suppositadas, que he a Pessoa do Verbo, he huã só, & a mesma. E desta maneira o mesmo Christo sendo Hum, he Trino, & sendo Trino, he Hum: *Et hac Tria Unum, & hoc Unum Tria.* Esta segunda Trindade pois (conclue o Santo) foi a obra mais admiravel de Deos, & a mais singular, não só entre todas as suas obras, senão sobre todas: *Summa illa Trinitas hanc nobis exhibuit Trinitatem, opus mirabile, opus singulare inter omnia, & super omnia opera sua.*

328 Mas sendo tam admiravel esta segunda Trindade, que Deos fez na Encarnação do Verbo, ainda he mais admiravel a terceira Trindade, q a Mãe do mesmo Deos fez no seu Rosario. E porque? Porque reparin-

do o mesmo Rosario em tres Terços, & ao mesmo Christo, de quem elle se cõpoem, em tres estados; hum da Vida, & Mysterios Gozofos, outro da Morte, & Mysterios Dolorofos, & o terceiro, da Resurreiçãõ, & Mysterios Gloriosos; muito melhor representa o mesmo Christo a Trindade de Deos nesta nova composiçãõ do Rosario, que nas tres sustancias diversas, de que he composto. A razãõ, & differença he manifesta. Porque a perfeiçãõ da Trindade Divina consiste, em que sendo Hum sò Deos, & tres Pessoas, todo Deos está na Pessoa do Padre, todo Deos na do Filho, & todo Deos na do Espirito Santo: o que se não acha nas tres sustancias, ou partes, de q̄ Christo he composto. Porque ainda que na Divindade, na Alma, & no Corpo, tomadas juntamente todas estas tres partes, está todo Christo; em cadahuã dellas não está todo. No Corpo não está todo Christo, na Alma não está todo Christo, nem na mesma Divindade todo Christo. Porém nas partes, de que

se compoem o Rosario, ou juntas, ou divididas, em todas, & em cadahuã dellas está todo. Todo Christo nos Mysterios Gozofos, todo Christo nos Dolorofos, & todo Christo nos Gloriosos, assim como todo Deos no Padre, todo no Filho, & todo no Espirito Santo. Finalmente, assim como Christo no Rosario he Hum, & Trino em sy mesmo, assim he Hum, & Trino no mesmo Rosario, emquanto porta, & portas, por onde entramos à Bemaventurança do Ceo.

29 Christo, Senhor nosso, diz, que elle he a porta. pela qual todos os que entraõ, se salvaõ, & ninguem se pôde salvar, senãõ entrando por ella: *Ego sum ostium. Per me s̄* <sup>10.º</sup> *quis introierit, salvabitur.* E <sup>10.º</sup> porque o mesmo Senhor diz, que a porta do Ceo he estreita, a Senhora a abriu, & dividio no seu Rosario em tres portas, como as que vio S. Joãõ no Ceo; huã de gosto nos primeiros Mysterios, outra de compaixãõ nos segundos, & a terceira de gloria nos ultimos: para que todos (cõforme faõ diversos os afecçõs

fectos dos hemēs ) entrem sem horror por ellas. Por estas portas suspirava David, quando dizia : *Aperite mihi*

*Psalm.*  
117. 19. *portas iustitia, ingressus in eas confitebor Domino:* Abrime as portas da justiça, para que entrando por ellas, louve eternamente a Deos. E q̄ portas são estas? O mesmo Pro-

*Ibidem*  
20.

feta o declara logo : *Hæc porta Domini, iusti intrabunt in eam:* Estas portas são huã só porta, pela qual entraõ os justos, que he Christo, de quẽ vay fallãdo. Pois se são muitas portas : *Aperite mihi portas:* como são huã só porta : *Hæc porta Domini?* Porque o mesmo Christo he huã porta, & he muitas portas, as quaes se chamaõ *Portas iustitia,* portas da justiça ; porque toda a justiça, que tem os justos para entrar no Ceo, he fundada nos merecimentos de Christo : *Hæc porta Domini, iusti intrabunt in eam.* Ouçamos ao Abbade Ansberto:

*Ans-*  
*bert. ibi.* *Cum prius plurali numero portas sibi aperiri postulat, deinde numero singulari unam portam se vidisse testatur ; quia quis per illas ingreditur, per unam, que principalis, & sin-*

*gularis est omnium, imò que in omnibus una, & singularis est, ingreditur.* Notay, & peçay bem estas ultimas palavras : *In omnibus una, & singularis.* Porque ainda que as portas do Ceo para qualquer parte do mundo, como as vio S. Joaõ, sejaõ tres ; em todas essas tres portas naõ ha mais que huã porta, que he Christo : *In omnibus una, & singularis.* Assim tambem no Rosário . Dividido Christo em tres partes, & em tres portas, mas em todas tres hum só Christo : Hum, & Trino em sy mesmo, & Hum, & Trino em quanto porta do Ceo. E assim como Christo he Hũ, & Trino no Rosário, assim o Rosário he Hum, & Trino em Christo : & porisso, sendo Hum, dividido em tres partes, & em tres Terços.

## VI

330. **O** Segundo ponto, ou questãõ, era : Porq̄ os Mysterios, que meditamos, & os Padre-nossos, que rezamos no Rosário, são determinadamente quinze, & esses quinze tambem divididos

dos de cinco em cinco? Respondo, que o mysterio, & significação deste numero quinze, assim inteiro, como dividido, he o mesmo que promettemos, & imos seguindo; porque tambem neste numero nos promete Deos, & a Soberana Autora do Rosario a Bemaventurança do Ceo. No Capitulo onze do Ecclesiastês diz assim Salamaõ profundamēte: *Da partem septem, nec non & octo: quia ignoras quid futurum sit mali super terram.* Homem, que não sabes os males, que de futuro estão aparelhados a ti, & ao mundo, dá a Deos os sete, & mais os oito. Enigma temos, & não facil. S. Jeronimo, Santo Agostinho, & os mais Padres, comumente dizem, que estes sete, & oito, se haõ de tomar juntos, com que fazem o numero de quinze. E não era necessaria tanta sciencia como a sua: menos arithmetica bastava para esta soma. Mas que proporção, ou que virtude tem o sete, & o oito, ou o numero quinze composto destas duas partes, para livrar ao homē dos males futuros,

& o levar aos bens eternos, que he o fim, que aqui se promete, como bem declara S. Gregorio: *Us per hac ad bona aeterna veniamus?* As exposições deste Texto são quasi tantas, como os Autores. Mas calculada a proporção do numero quinze com a Bemaventurança do Ceo, que nelle se promete, & não declarando o Texto, que quinze ha de ser este, ou que cousas se jaõ, as que havemos de dar, ou offerrecer a Deos dentro no mesmo numero de quinze: Eu digo, que são os quinze Mysterios do Rosario. A razão, que tenho para assim o dizer, creyo, que he bem fundada. Porque se em cada hum destes quinze Mysterios nos merecêo Christo, Senhor nosso, não sò huã, senaõ infinitas vezes a mesma Bemaventurança: que muito he, que a prometta huã vez aos que quinze vezes cadadia lhos agradecem com a memoria, & lhos offerrecem com a oração?

331 David querendo agradecer, & pagar a Deos a gloria, que lhe tinha preparada no Ceo, não achou outro

*Eccles.*  
11. 2.

*Hieron.*  
*Augu.*

*D Greg.*  
*Homil.*  
6. in E-  
*zech.*

tro preço proporcionado, & equivalente, senão offerecer a Deos na oração o mesmo Sangue, com que elle no lá comprou: *Quid retribuam Domino, pro omnibus que retribuit mihi? Calicem salutarius accipiam: Et nomen Domini invocaba.* Notay o *Retribuit*, & o *Quid retribuam*. Desfor-te, que neste caso havia duas retribuições: huã da parte de Deos, com que Deos havia de premiar a David, & outra da parte de David, com que David havia de pagar a Deos. E não achou David, allumia-do pelo mesmo Deos, outro preço mais proporcionado, & equivalente em paga da gloria, que certamente havia de receber. (que porisso diz *Retribuit*, como se já a tivera recebido:) não achou, digão, outro preço mais proporcio-nado, que offerecer a Deos na oração o mesmo Sangue, com que Deos tinha compra-do a mesma gloria, que lhe havia de dar. *Calicem salutarius accipiam*: Eisahi o preço do mesmo Sangue. *Et nomen Domini invocabo*: Eisahi o of-ferecimento delle na oração. Lançay agora o discurso por

quãtas cousas se podem ima-ginar, & vedê, se ha na terra, nem no Ceo, a'guã, que se possa dar, ou offerecer a Deos, mais proporcionada à Bemaventurança, que nos promette pelo que lhe der-mos em numero de quinze, senão os quinze Mysterios do Rosario? Tudo o demais, que dermos, ou offerecermos a Deos pela Bemaventuran-ça, he infinitamente menos q' o preço, porque elle o com-prou. Logo os quinze, a que promette a mesma Bemavé-turança, não podem ser ou-tros; senão os quinze Myste-rios de sua Vida, de sua Mor-te, & de sua Resurreição, que no Rosario lhe offerecemos: *Da partem septem, nec non & octo; quia ignoras quid futurũ sit.* Todos ignoramos o que ha de ser de nós: todos igno-ramos este grande, & incerto futuro, se havemos de ser Bemaventurados, ou não: pois para segurar esta tam im-portante incerteza, demos outra vez a Deos o que elle nos deu, & offereçamos lhe no Rosario os quinze Myste-rios de nossa mesma Re- dempção: *Da partem septem, nec non & octo.* MAS

*Psalm.*  
115.  
12. 13.

## VII.

332 **M**AS com razaõ perguntará alguem, & todos: Se nestas duas partes de sete, & oito, se contém o numero de quinze: porque não diz Salamaõ, que demos a Deos os quinze, senão os sete, & os oito? Aqui vereis, quam admiraveis são os Mysterios dos numeros, & quam grande proporçaõ tem os sete, & os oito, & sò os sete, & os oito, com a Bemaventuráça. Salamaõ no seu tempo fallava cõ os da Ley Antiga, os quaes entãõ não podiaõ ir ao Ceo, senãõ depois da Redempçaõ, que pertencia à Ley da Graça. Elles dedicavaõ a Deos o dia septimo, que era o Sabbado; nós dedicamos a Deos o dia oitavo, que he o Domingo, em q̃ Christo resuscitou glorioso: & porque não bastava sò aquelle sete, senãõ junto com este oito, para se conseguir a Gloria; porisso Salamaõ exhorta aos seus, & a todos, que não sò dem a Deos o sete, senãõ tambem o oito: *Da partem septem, nec non & octo,*

Excellentemente S. Jeronimo argumentando contra os Judéos, & contra os Herejes Marcionistas, & Manichéos:

*Judæi dederunt partem septem credentes Sabbathum, sed non dederunt octo, suscipientes Evangelium, resurrectionē diei Dominica denegantes. E contrario Heretici, Marcion, & Manichæus, dederunt partem octo suscipientes Evangelium, sed eandem septenario numero non tribuunt, Legem Veterem respicientes. Os Judéos daõ a Deos o sete, porq̃ observaõ o Sabbado, mas não daõ a Deos o oito, porq̃ negaõ o Evãgelho, & não crê a Resurreiçaõ de Christo, que foi ao dia oitavo. Os Herejes Marcionistas, & Manichéos, daõ a Deos o oito, porq̃ crem o Evãgelho, & a Resurreiçaõ de Christo, & não daõ a Deos o sete, porque negaõ o Testamento Velho: & assim huns, como os outros, todos se condenaõ, porque não ha salvaçaõ, nem nos sete sò, sem os oito, nem nos oito sò, sem os sete, senãõ nos sete, & nos oito juntos, com que se inteira o numero de quinze, como de suas partes: *Da partem septem,**

Hieronymus in hunc locum.

*septem, nec non & octo.* Assim conclue o Doutor Maximo, & Eu o provo, & demostro com o effeito. *Sabbathū*, quer dizer descanço, & isto sō cōseguiã os da Ley Velha, por Santos que fossem, que porifolho hiaõ descançar ao Seyo de Abraham. Porém esses mefmos naõ conseguiraõ a Bemaventurãça, senaõ depois que ajuntandose o oito ao sete, se aperfeçoou o numero de quinze. Esse foi o Mysterio porque Christo morréo, & remio o mundo ao decimo quinto da Lua, celebrandose a Redempçaõ do Egypto ao decimo quarto. E como naquelle dia ao sete se ajuntou o oito, & se cerrou o numero de quinze: logo aos que atè entaõ descançavaõ às escuras, lhes amanhecéo a nova luz, cõ q̄ começaraõ a ser Bemaventurados na Gloria.

333 Sendo pois tam natural a proporçaõ, que tem este sagrado numero de quinze com a Bemaventurança, ordenada a mefma proporçaõ por aquelle Supremo Autor da Natureza, & da Graça, que tudo fez em numero, pezo, & medida: naõ

he muito, que junto o mefmo numero aos Mysterios de sua Vida, Morte, & Resurreiçaõ, tenha a virtude, & efficaçia de nos fazer Bemaventurados, concorrendo de nossa parte as meditaçoẽs, & oraçoẽs, com que hum por hum os meditamos, & em todos, & cadahum louvamos ao mefmo Senhor. Tudo assim, como Eu o digo, estava ja pintado, & cantado muito antes de haver Rosario, sendo o Pintor Ezechiel, & o Musico David. No Templo de Jerusalem além do Atrio, chamado dos Gentarios, havia outros dous, em que sō entravaõ os fieis, hum, que se chamava Atrio exterior, outro, interior. Ao Atrio exterior, diz Ezechiel, que se subia por sete degrãos: *Et septem graduum erat ascensus ejus*: porém ao interior, que se segnia depois deste, & ficava mais dentro, & mais asima, diz q̄ os degrãos, porque se subia, eraõ oito: *Et in octo gradibus ascensus ejus*. E porque naõ eraõ, huns, & outros degrãos, sete; ou hūs, & outros, oito? Porq̄ esta differença dos degrãos fazia a proporçaõ do numero, & in-

*Ezech.<sup>1</sup>  
40.22.*

*Ibidem  
37.*

interava o mysterio, conformando tudo com o que acabamos de dizer. Demaneira, que os que subiaõ pelos sete degrãos ao Atrio exterior, ficavaõ ainda defõra: porẽm os que subiaõ tambem pelos oito do Atrio interior, em q se cerrava o numero de quinze degrãos, estes sò entravaõ no Templo, & chegavaõ ao Sancta Sanctorum. O Templo significava o Ceo, o Sancta Sanctorum, em que Deos assistia sobre azas de Cherubins, significava a Gloria, os quinze degrãos, porque se subia, significavaõ os quinze Mysterios da Humanidade, & Divindade de Christo, & os que subiaõ por elles, os que meditaõ no Rosario os mesmos Mysterios. E falta ainda mais alguã propriedade? Sim. Porque os que subiaõ por aquelles degrãos, naõ subiaõ mudos, senaõ cantando, ou rezando em cada degrão hũ Psalmo. Estes eraõ os quinze Psalms, a que David chamou Graduaes; porque em cada degrão dos quinze se rezava hum, assim como nós no Rosario a cada Mysterio rezamos hum Padre-nosso,

& huã decada de Ave-Marias. E a significaçã de tudo o que naquella famosa figura se via, & ouvia, era, diz S. Jeronimo, que por quinze degrãos, & por quinze oraçoẽs, em que se contẽm os louvores divinos, sobem os Justos ao Ceo, & a Deos, para là o louvarem eternamẽte: *Quindecim sunt carmina in Psalterio, & quindecim gradus in Ezechiele, per quos ad canendũ lat. Deo, & in Atrijs ejus consistendum, justus ascendit. Quem tam claramente descrevẽo o Rosario, tambem o nomearia, se naõ escrevẽra mil annos antes.*

## VIII.

334 **F**inalmente, estes quinze Mysterios, ou degrãos, os dividio a Virgem, Senhora nossa, de sinco em sinco (que he a segunda parte deste pòto): & aqui, parece, se encontra a architectura do Rosario com a do Templo de Ezechiel, em que com tanta propriedade o vimos retratado atẽgora. Os degrãos, que là eraõ quinze, sòmente se dividiaõ em duas partes:

*Hieron. in cap. I. Epist. ad Ga-*

partes: pois se os mesmos quinze degrãos eraõ figura dos quinze Mysterios do Rosario: porque os divide a Senhora, naõ em duas partes, senaõ em tres: & naõ em partes desiguaes, como là estavaõ repartidos, senaõ todas iguaes, & do mesmo numero, cadahuã de cinco em cinco? Confesso, que quando aqui cheguey, me entristecéo muito esta desproporção, vêdo, que as contas me sahiaõ tam erradas. Mas a mesma Virgem, que naõ pôde falar a quem a serve, & mais em causa sua, em cumprimento da verdade, com que diz de sy: *Ego eruditus inter-*

Prov. 8.  
12.

*sum cogitationibus*: me acudio com huã erudição, naõ nova, mas muito antiga, & me ensinou a grande correspondencia desta sua repartição de cinco em cinco, a qual Eu na lição de muitos livros naõ tinha alcançado. A erudição, que digo, he do insigne Commentador dos Psalmos chamado o Incognito, o qual no primeiro dos Gradaes diz assim: *Per quinde-*

incog-  
12.

*cim gradus ascendebatur ad Templum, qui gradus erant dis-*

*tributi per quinque ter*: Os degrãos, por onde se subia ao Templo, eraõ quinze, mas esses quinze divididos em tres vezes cinco: *Per quinque ter*. Mais elegantemente se pudéra dizer, mas naõ com maior clareza. Vay por diante o mesmo Autor, & diz, q no fim de cada cinco degrãos havia hum espaço maior; porque alli paravaõ, & se detinhaõ, os que subiaõ, rezãdo a cada cinco Psalmos alguãs outras orações, & que isto faziaõ no quinto degrão, no decimo, & no decimo quinto: *In capite quinque graduum erat maius spatium: & quando erant in quinto gradu, aliqualem moram ibi faciendo, post quintum Psalmum dicebant aliquas orationes, consimiliter in decimo, & in decimo quinto*. E esta erudição, ou tradição, he tam certa, & tam antiga, que porisso a Igreja divide os mesmos Psalmos Gradaes em tres partes, cõ pausa, & oraçãõ diversa a cada cinco. Assim que em dividir os quinze Mysterios do Rosario de cinco em cinco, naõ se apartou a Senhora da architectura do Templo, ou para

para o dizer com maior certeza, não se apartou a architectura do Templo do dezenho da mesma Senhora.

335 E, a que fim esta repartição de cinco em cinco? Ao mesmo fim de todos os outros numeros, & Côias do Rosario. E he com altissima providencia, para que o pezo da nossa fraqueza, & a guerra, que nos faz o Demonio pelas portas dos cinco sentidos, nos não impedissem a subida do Ceo. Pergunta

Matth.  
25. 2.

Santo Agustinho, porque razão na Parábola das Virgens se introduzem finaladamente cinco prudentes, que entraráo às vodas, & cinco necias, que ficarão defóra? E responde, que o numero de cinco significa os cinco sentidos, os quies, ou com a continencia nos levaõ à Gloria, ou com a corrupção nos impedem a subida: *In quinario numero intelligitur continentia quinque sensuum carnis: ab his quinque jenuis corruptio nis quicumque se continent, sunt quinque Virgines sapientes, &c.* Saõ os cinco sentidos os cinco Talentos, que entregou Deos a nossas Almas pa-

Matth.  
25. 15.

ra negociarem o Ceo: mas pelo máo uso delles, elles v̄ a ser os maiores inimigos de nossa salvaçãõ. Elles saõ os cinco Reis Amorrhéos, que na cõquista da Terra de Promissaõ resistiraõ, & fizeraõ guerra a Josué. Elles saõ os cinco Satrapas dos Filistéos, com que Deos prohibio aos filhos de Israel, que não tivessem commercio, & porque o tiveraõ, idolatraraõ. Elles saõ os cinco Adulteros da Samaritana, que depois de todos a perderem, todos a desprezaraõ. Elles saõ os cinco Irmaõs do Rico Avarento, que, a não ardendo no Inferno, ou os amava, ou tinha memoria delles. E elles em fim saõ as cinco Juntas de animaes grosseiros, com que o rustico, & descortez Lavrador, se escusou de ir ao Bãquete do Rey. E cõ muita propriedade (como bem notou Salmeiraõ) se chamaõ os sentidos juntas, porque andaõ atados de dous em dous. Dous olhos para a vista, dous ouvidos para ouvir, duas mãos para o tacto, duas entradas para o olfato, & duas, que saõ a boca, & a lingua, para o gosto. *Quinque juga*

10. 5.

Lucic.  
3. 3.

Ioan. 4.  
18.

Luc 15.  
28.

Luc. 14.  
19.

*Salmes. juga bcum sunt quinque sen-*  
*rom. 1. sus, qui omnes geminati sunt.*

*Prologo-* 336 Repartio pois a Se-

*men. 19.* nhora os ~~seis~~ Mysterios do

seu Rosario de cinco em cinco:

para que nos Gozosos, se

os sentidos se deixassem levar

do appetite do gosto, ou nos

Dolorosos, se se retirassem

pelo temor da pena, ou nos

Gloriosos, se os moveisse o

dezejo da gloria vaã; em to-

dos tivesse a Alma cinco Cas-

tellos fortes, com que podesse

se resistir às suggestões dos

mesmos sentidos: ou cinco

remedios presentissimos, com

que curar as fraquezas, em q̄

tivessem cahido. Se a Alma

se vé tentada do Demonio,

aqueles cinco Mysterios saõ

as cinco Pedras de David, cõ

que derrubou o Gigante. Se

se vé enferma, elles saõ os

cinco Porticos da Piscina, em

que se curou o Paralitico,

naõ podendo dizer: *Hominẽ*

*non habeo*: porque em todos

tem a Deos feito Homem. Se

se vé cativa, elles saõ os cinco

Sielos, com que os Primo-

genitos se resgatavaõ no Tẽ-

plo. Se se vé culpada, & de-

linquente, elles saõ as cinco

Cidades de refugio, aonde se

Tom. 6.

acolhiaõ os criminosos, &

logravaõ immuniade. Se se

vé emendada, mas receosa da

recaida, elles saõ as cinco Co-

lunas do Tabernaculo de

materia incorruptivel, & ba-

zes de bronze. Se finalmente

pelos erros da vida passada se

vé desconfiada de perdaõ, cõ

que alcançar a eterna, elles

saõ as cinco Palavras, com q̄

Christo disse ao Ladrão: *Ho-*

*die mecum eris in Paradiso.* 43.

## IX.

337

○ Terceiro ponto,

& ultima duvi-

da, ou questaõ, era: Porque

saõ cento & sincoenta as A-

ve-Marias, que rezamos no

Rosario, & porque estas se

dividẽ em tres vezes sincoenta,

& cada sincoenta de dez

em dez? A resposta ja se sabe,

que ha de ser a mesma. E he,

que todos estes numeros, &

cadahum delles, significavaõ

por diverso mysterio os mo-

dos, cõ que o mesmo Rosa-

rio nos dispoem nesta vida

para a Bemaventurança, &

no fim nos leva a ella. O ma-

ior numero pois do Rosario,

& o ultimo, em que todas as

V. A. Sauda-

1. Reg.  
17. 40.

Ioan. 5.  
2.

Ibid. 7.

Levit.  
27. 6.

Iosue  
21. 37.

Et alibi.

*Exod.*  
26. 37.

*Luc. 23.*  
43.

Saudações Angelicas, ou Ave-Marias, se resumem, he o de cento & sincoenta. E que significa este numero? O Psalterio de David tambẽ se cõpoem de cento & sincoenta Psalmos : & porque naõ ha Psalmo, que naõ esteja cheo de grandes mysterios, nem verso de cada Psalmo, ou palavra de cada verso, que naõ seja mysteriosa: do mysterio, com que o Espirito Santo, Autor dos meismos Psalmos, ordenou, que fossem cento & sincoenta, nem em maior, nẽ em menor numero, tiraremos a significaçã do nosso. Cassiodõro, aquelle famoso Secretario d'El Rey Theodorico, doutissimo em todas as Letras, & depois de deixar a Corte, & se fazer Mõje, illustre Expositor das Divinas, cõbina os cento & sincoenta Psalmos com os cento & sincoenta dias, em que esteve alagado o mundo com o Diluvio, & afirmando, que o mysterio mais evidẽte de hũ, & outro numero he o mesmo, diz assim: *Est etiam ejusdem rei aliud evidentius Sacramentum, quod centum quadraginta diebus diluvio super-*  
*quinotaginta*

Cassiodor. in  
 Prolo-  
 goro.

*ducto criminibus suis terra diluta est: sic & hi Psalmi tali numero producti genus humanum peccatis suis pollutum convenienter reddunt absolutum.* Assim como o mundo alagado cento & sincoenta dias cõ o Diluvio ficou purificado dos peccados, que merecẽ, raõ aquelle castigo; assim ordenou o Espirito Santo ( diz Cassiodõro) que o Psalterio se compuzesse de cẽto & sincoenta Psalmos, para que cõ elle como com hum segundo Diluvio da Graça se purificasse de seus peccados todo o genero humano. Jã difemos em outras occasiões, q' o Rosario desde seu principio pela semelhãça do numero se chamou Psalterio da Virgem : & se ao Psalterio de David se concedeo esta graça universal de purificar as Almas : quanto mais ao Psalterio da Mãe de Deos, cõposto porisso mesmo, & ensinado ao mundo depois do de David? As razões desta ventagem, que são muito mais evidentes, daremos no Sermão seguinte. Agora sõ basta dizer, que naõ podendo as Almas entrar à Bemaventurança,

rança, senão abfoltas, & purificadas de todo peccado: *Sapient. 7. 25.* *Nihil inquinatum in eam incurrit:* esta he a ultima disposição, com que o Rosario nesta vida nos habilita para a eterna: a qual consequem sem exceção, todos os que dignamente se valem, & aproveitaõ delle: & assim estaõ significados no mesmo numero de cento & cincoenta.

338 Depois da Resurreição de Christo foi S. Pedro pescar com outros Discipulos, & por toda a noite, como já outra vez lhe tinha acontecido, nenhuã coisa tomaraõ. Ao amanhecer appareceõ o Senhor na praya, disselhes, que lançassem a rede para a parte direita, & foi tam venturoso o lanço, que sem se romper a rede, trouxeraõ a terra cento & cincoenta & tres peixes, todos grandes:

*Ioan. 1. 11.* *Ascendit Simon Petrus, & traxit rete in terram, plenum magnis piscibus, centum quinquaginta tribus. Et cum tanti essent, non est scissum rete.* O mysterio dos tres, ponderaremos depois; vamos agora aos cento & cincoenta. Santo Agustinho, & S. Gregorio, &

continuummête os Padres, dizem, que neste numero foraõ sõmente significados os escolhidos, & que se salvaõ: & que essa he a razãõ, porque Christo agora mandou aos Apostolos, que lançassem a rede à maõ direita, aonde haõ de estar sò os bons no dia do Juizo: o que o mesmo Senhor lhe naõ disse noutra occasiãõ, em que os mandou pescar, & tomaraõ bons, & máos. Santo Agustinho: *S; D. Aug. in dexteram diceret, solos bonos significaret, si in sinistram, solos malos: ubi autem tacetur dextera, & sinistra, mixti capiuntur, boni, & mali.* E para que se conheça, que este privilegio he proprio do Rosario: saybamos, qual era a rede, & em que tempo se lançou ao mar? A rede, diz Santo Ambrosio, que he a oração: *Qua sunt autem qua la-*

*xari iubentur retia, nisi verborum complexiones, & quasi quidam orationis sinus.* Naõ se pudera melhor descrever o Rosario entre todas as orações. Na techedura he cõposto de palavras todas iguaes, & da mesma proporção: *Verborum complexiones:* & na fi-

gura he estendido, & volta-  
do em fôrma circular, com  
que se faz o seyo, & cerco da  
rede: *Et quasi quidam oratio-  
nis finis.*

339 E basta isto para a  
propriedade da semelhança?  
Naõ: que ainda lhe falta a  
maior de todas, que he o tẽ-  
po, em que se aperfeiçoou, &  
se lançou ao mar a rede do  
Rosario. Ouçamos a S. Gre-  
gorio Papa: *Priusquam Re-  
demptor noster pateretur, &  
resurgeret, mitti quidem retia  
ad piscandum jubet, sed usrum  
in dexteram, an sinistram non  
jubet. Quis vero nesciat bonos  
dexterã, & malos sinistrã figu-  
rari? Hac autem piscatio post  
Domini resurrectionem facta,  
in solam dexteram missa est,  
quia ad videndam claritatis  
gloriam sola Ecclesia electorum  
pertingit.* Antes de Christo  
morrer, & resuscitar, naõ  
mandava, que a rede se lan-  
çasse à maõ direita, ou es-  
querda, & porisso colhia bõs,  
& máos; porẽm depois que  
morréo, & resuscitou, entraõ  
mandou, que se lançasse sò à  
maõ direita, porque sò os da  
maõ direita saõ os bons, &  
os que pertencem ao nume-

Greg. in  
eum lo-  
cum,  
Homil.  
14. in  
Evang.

ro dos escolhidos. Ainda me  
parece, que naõ cahis de todo  
no mysterio. A culpa tem, a  
pouca, & viciosa Rhetorica,  
dos que para dizerem alguã  
coufa, sempre a difficultaõ  
primeiro, & depois a resolvẽ,  
com que sem pergunta, & re-  
posta, naõ ha conceito, nem  
os ouvintes pelo costume  
percebem o que se diz. Sup-  
posto isto, pergunto o que já  
estã ditto. Se Christo antes de  
morrer, & resuscitar, naõ  
mandava lançar a rede à maõ  
direita, nem esquerda, com q̃  
ella tomava bons, & máos:  
porque razaõ depois de morto,  
& resuscitado, a manda  
lançar sò à maõ direita, com  
que recolhe sò os bons? Isto  
he o que disse sem perguntar  
S. Gregorio, & este he mani-  
festamente o mysterio do tẽ-  
po, em que a rede se aperfei-  
çoou, & lançou ao mar. An-  
tes de Christo padecer, & re-  
suscitar: *Priusquam pateretur,  
& resurgeret:* ainda a rede do  
Rosario naõ estava feita, por-  
que lhe faltavaõ os Myste-  
rios Dolorosos, & os Glo-  
riosos; porẽm depois q̃ Chri-  
sto morréo, & resuscitou, en-  
taõ se aperfeiçoou a rede, en-  
taõ

taõ se lançou sõ à mã direita, & entãõ sem haver que lançar fõra, recolhéo sõ os escolhidos: *Hæc autem piscario in selam dexteram missa est, quia ad videndam claritatis gloriam sola pertingit.*

## X.

340 **E**STE he no Rosário o mysterio do numero cento & sincoenta, aõ qual se ajuntou o de tres nos peixes, que recolhéo a rede: *Centum quinquaginta tribus*: mas naõ para variar o mesmo numero, senãõ para o repartir em tres vezes sincoenta, como ensina São Agustinho, & se faz no Rosário: *Numerus ceterum quinquaginta tria ter habet quinquagenarium: Et insuper ipsa tria propter Mysterium Trinitatis: quinquagenarius autem est Iubilans.* Os tres, que se acrescentaõ ao numero cento & sincoenta, significãõ, diz São Agustinho, o Mysterio da Santissima Trindade (que por isso mostrámos ao principio, que o Rosário he Hum, & Trino): & juntamente denotaõ a divisaõ dos mesmos cẽ-

to & sincoenta em tres vezes sincoenta, porque o numero de sincoenta he o numero Jubiléo. Saybamos agora o q era Jubiléo. Jubiléo, como consta de todo o Capitulo vinte & sinco do Levitico, <sup>Levit. 25. per tot.</sup> era hum anno famosissimo no Testamêto Velho, o qual vinha, & se celebrava de sincoenta em sincoenta annos: & pör outro nome se chamava o Anno da Remissaõ; por q nelle naõ tõ concedia Deos grandes remissoes, mas mandava, & obrigava, a que sem execicaõ de peõsa as observassem, & lograssem todos. A primeira, era, que naquelle anno naõ se arava, nem semeava, nem se cultivavaõ os campos, & cessava todo o trabalho. A segunda, que todas as herdades, ainda que se tivessem vendido, & alienado muitas vezes, tornassem a seus primeiros possuidores. A terceira, que se perdoassem todas as dividas. A quarta, q todos os Escravos se libertassem. Põde haver mais ferroso, & mais felice anno? Pois isto he o que aquelle numero de sincoenta significava: entãõ nas cousas temporaes, que

que logo se mudavaõ, & hoje nas espirituaes, & eternas, q̄ duraõ para sempre. As cincoenta Ave-Marias do Rosario, dividido em tres Terços, nos negoceãõ o descanso eterno do Ceo, onde se naõ âra, nê cava a terra, mas se come em sua propria sustancia o Mannâ, sem nenhum trabalho. Ellas nos restituem a herdade, & herança do Paraíso, perdida primeiro pela culpa de Adam, & depois tantas vezes vendida pelas nossas. E porque para esta inteira restituição he necessario, que se ajunte, ou preceda o perdão das dividas, & a liberdade do cativoiro; estas saõ as duas petições, que no Rosario fazemos a Deos nas ultimas do Padre-nosso. O perdão das dividas dos peccados: *Dimitte nobis debita nostra*: & a liberdade do cativoiro do Demonio: *Sed libera nos á malo*. Vede, se nos desparará Deos estas duas petições do Padre-nosso, quando nas cincoenta Ave-Marias de cada Terço rogamos à Mãe do mesmo Deos, que rogue por nós peccadores. E para q̄ se conheça, a grande propor-

*Mat. 6.*  
*12.*

*Ibid. 13.*

ção, & correspondencia, que tem estas cincoenta Ave-Marias com o Padre-nosso, contay as palavras do mesmo Padre-nosso, & achareis, que desde o *Pater* até o *Amen* saõ <sup>*Ibid. 9.*</sup> <sup>*& 13.*</sup> pontualmente cincoenta. Tam medidas, & tam contadas estaõ no Rosario as consonancias do numero, & tam sagrado, & mysterioso he o de cincoenta.

341 O que este numero promettia na Ley Velha, cūprio na Ley da Graça a vinda do Espirito Santo, enchendo de todas as graças ao dia cincoenta, por ser este o numero determinado na Ley para a remissão universal. Assim o conta, & canta a Igreja: *Sacerdotes Ecclesie dierum circulo, quo Lege sit in remisso.* Mas esta conta parece, que naõ está certa, nem proporcionada, nem propria: & que o Espirito Santo naõ havia de descer ao dia cincoenta, senaõ ao dia quarenta & nove. As graças, & doens do Espirito Santo saõ sete, & sete multiplicados por sete, ou sete vezes sete fazem quarenta & nove: logo no dia quarenta & nove parece, que havia de vir o Espirito Santo, & naõ

naõ no dia sincoenta? Assim se representa à primeira vista. Mas ainda deixada a correspondencia da figura, & do Jubiléo da Ley Antiga, naõ podia, nem devia ser a vinda do Espírito Santo ao dia quarenta & nove, por hum grande mysterio dos numeros, q̄ aqui está escondido. O numero de quarêta sempre he significativo de afflicçãõ, & de pena, diz S. Jeronimo, & o prova com muitos exemplos da Escritura, que deixo por brevidade: *Quadragenarius numerus semper afflictionis, & pena est.* Daqui se segue, q̄ o numero quarenta & nove, naõ sô he significativo de afflicçãõ, & pena, senaõ da ultima, & summa afflicçãõ, & da ultima, & summa pena, a q̄ se pôde chegar; porque o numero quarenta sô chega, & se estende a quarenta & nove, & naõ pôde passar dahi: logo trazendo o Jubiléo do Espírito Santo a remissaõ universal dos peccados, & a indulgencia de todas as penas merecidas por elles, & sobre isso os doens, & penhores de sua graça, com que se nos assegura o descanso eterno, &

Bemaventurança da Gloria; naõ podia, nem devia vir, senaõ no dia, em que se fechasse o circulo de sincoenta: *Sacro dierum circulo, quo Lege fit remisso.*

342 Isto mesmo faz o circulo do Rosario, naõ huã, senaõ tres vezes em cada huã das sincoenta Ave-Marias, q̄ nelle contamos. E saybaõ aqui os devotos, o que muitos naõ sabem, & he bem, que conste a todos, que as Indulgencias, que os Summos Pontifeces concedem aos que rezãõ o Rosario, naõ sô se entendem dos que o rezãõ inteiro com cento & sincoenta Ave-Marias, senaõ tambem dos que rezãõ sômente o que chamamos Terço, com as sincoenta que lhe pertencem: & assim o tem declarado nas suas Bullas os mesmos Pontifeces. Vejamos agora em hum fermoso, & temeroso retrato, o que diziamos. Para que fossem lançados no fogo os Mininos de Babylonia, mandou o Rey barbaõ, que a fornalha se acendesse quanto mais fosse possivel, & diz o Texto Sagrado, que a labarêda subia quarenta & no-

- Daniel. 3. 47. *Et effundebatur flamma super fornacem cubitis quadraginta novem.* Bem se vé, que só Deos, que o refere, podia tomar estas medidas ao fogo, & que o numero de quarenta & nove era mysterioso, & significava o maior fogo de todos. Lançados pois os Mininos na fornalha, cõsi Jeremos o q̃ lhe succedéo, quantos eraõ, o que faziaõ, & quem os assistia. O que lhe succedéo, foi, que sustentandose o fogo do aereo, & do humido, como bem filosofa Santo Agustinho, o aereo se convertéo em viraçãõ, & o humido em orvalho, que os recreava: *Quasi ventum voris flantem.* O q̃ faziaõ, era louvar a Deos, chamando-lhe muitas vezes benedito: *Benedictus es Domine Deus Patrum nostrorum.* E porque eraõ tres, todos tres repetiaõ, o mesmo sem mudar huã só palavra:
- Ibid. 51. Hi tres quasi ex uno ore laudabant, & glorificabant, & benedicbant Deum.* F. nalmête, quem os assistia, era hũ semelhante ao Filho de Deos: *Et species quasi similis Filio Dei.* E naõ he isto huã excellentre representaçãõ dos q̃ louvaõ a Deos com o Rosario, & das mercês, q̃ Deos lhe faz por esta devaçãõ? As vozes saõ tres, porq̃ saõ repartidas em tres Terços: & o q̃ se ouve em hũ sem mudar palavra, he o q̃ se diz, & repete no outro. Elles repetiaõ em todas as clausulas: *Benedictus Deus:* & nós em todas as Ave-Marias: *Benedicta tu in mulieribus, & benedictus fructus ventris tui.* A elles assistiaõ em tudo hũ semelhãte ao Filho de Deos, antes de o Filho de Deos encarnar, & se fazer visível, & nós em todos os Mystérios do Rosario o temos presente. Finalmente o effeito da parte de Deos, que principalmente pretendemos mostrar, he, que assim como Deos lhe convertéo o fogo, & labarêdas da fornalha em hum Paraíso de delicias, assim nos livra Deos das penas do Inferno, significadas nos quarẽta & nove covados das labarêdas, como elles mesmos disserãõ: *Quia eruit nos de inferno:* & para nos levar ao descanso, & delicias da Bemaventurança, nos concede a remissãõ universal de todos os peccados, significada no numero

Levit. numero sinecenta: Sanctifi-  
 25. 10. cabis annum quinquagesimum,  
 & vocabis remissionem cunctis  
 habitatoribus terre tuae.

XI.

343 **S**O resta o mysterio  
 do numero dez, re-  
 petido em todas as decadas  
 do Rosario, o qual melhor q̃  
 todos cerra as contas, & aper-  
 feiçoa quanto temos ditto.  
 Philo, chamado o Plataõ dos  
 Hebréos, fallando deste nu-  
 mero, diz assim: *Denarius in-  
 ter omnia est perfectissimus:  
 completitur enim cunctas nu-  
 merorum differentias: item  
 proportiones arithmeticas, &  
 geometricas: quin etiam rerũ  
 genera, quae predicamenta di-  
 cuntur, denario numero com-  
 prehenduntur.* Quer dizer: q̃  
 o numero de dez he o mais  
 perfeito de todos; porq̃ com-  
 prehende todas as differenças  
 dos numeros, & todas as pro-  
 porções arithmeticas, & geo-  
 metricas, & até os generos  
 de todas as cousas, que os Fi-  
 losofos reduzem ao numero  
 de dez. Perfeito he aquillo, a  
 que nada se pôde acrescentar,  
 & tal he a perfeiçãõ deste nu-

mero. Põde-se repetir, mas a-  
 crescentar não se pôde: porq̃  
 o numero de vinte, de trinta,  
 & os demais, que se pôdem  
 multiplicar infinitamête, não  
 são, nẽ signifiçãõ outra cou-  
 sa, senãõ o mesmo dez, mu-  
 ltas vezes repetido. Porisso  
 depois q̃ o lume natural se es-  
 curecêo pelo peccado, que-  
 rendo Deos restituir o Homẽ  
 à perfeiçãõ original, em que  
 o tinha criado no Paraíso, &  
 dar-lhe outro Paraíso melhor;  
 todos os preceitos desta re-  
 formaçãõ reduzio a Divina  
 Sabedoria ao numero de dez.  
 Neste numero de dez se con-  
 tinha virtualmente a Ley da  
 Natureza, nelle se promul-  
 gou expressamente a Escrita,  
 & nelle se continuou, & du-  
 rarã para sempre a da Graça:  
 não sãõ tomando do mesmo  
 numero de dez o nome de  
 Decalogo, mas ficando tam  
 estreitamente atada a elle a  
 salvaçãõ dos homẽs, que nẽ  
 os homẽs a possaõ conseguir,  
 nem o mesmo Deos lha possi-  
 dar, senãõ dentro no mesmo  
 numero. He caso admiravel,  
 o q̃ agora merecia larga pon-  
 deraçãõ, se o tempo a per-  
 mittira.

344 Mandou Deos a dous Anjos, que fossem pôr fogo à Cidade de Pentapolis, mais conhecida pela infâmia de outro nome: & Abraham, q̄ tinha a Deos por seu hospede naquella occasiã, parte rogando, & parte perguntando, quiz saber do mesmo Senhor por quantos justos perdoaria aquelle castigo. Começou pelo numero de sincoenta: *Si fuerint quinquaginta iusti in civitate*: & como Deos respondesse, que por sincoenta justos perdoaria, quatro vezes foi diminuindo Abraham o mesmo numero, achando sempre propicia a Divina Misericordia. Chegou finalmente ao numero de dez: & respondendo Deos, que tambem por dez cõcederia o perdaõ: *Non debeo propter decem*: no mesmo ponto, sem querer mais ouvir, desapparecêo: *Abijt que Dominus*. O mysterio porque Abraham começou pelo numero sincoenta, já está dito: & he, porque elle pedia perdaõ, & misericordia para aquella Cidade, & o numero de sincoenta significa indulgencia, & remissaõ. Mas se tá-

bem achou propicia a Misericordia Divina em quatro numeros menores, & Deos esperou, & ouviu até o numero de dez: porque razaõ não aguardou, nem quiz ouvir mais, & tanto que respondêo, que perdoaria por dez, desapparecêo? Excellentemente Salmeiraõ: *Usque ad decem iustos descendit remissio, quia Deus paratus erat parcere Sodomitis usque ad servantes precepta Decalogi*. Chegou Abraham até o numero dez, quando pedia perdaõ para a Cidade condemnada, porque no numero dez se entende a observancia da Ley, a qual consta de dez preceitos, & por serem dez, se chama Decalogo: & porque abaixo deste numero nem os homẽs podem conseguir o perdaõ final, com que se salvaõ, nem Deos o pôde conceder; por isso Abraham o não pedia, & Deos desapparecêo.

345 Bem está. Mas qual he a razaõ, porque o perdaõ final, & a salvaçã dos homẽs a tem Deos tam determinada ao numero dez, & tam vinculada, & atada a elle, que nẽ o mesmo Deos a pôde conceder

Genes.  
18.24.

Ibidem  
32.

Ibid 33

Salme:  
ron com.  
I.  
Prolo-  
gom. 29.

der abaixo deste numero? A razão he: porque entre o merecimento, & o premio, ha de haver proporção igual, & como o merecimento, que he o Decalogo, consiste no numero dez, & nada menos; tambẽ o premio, que he a salvaçãõ, & a gloria, se naõ pôde conceder, senaõ no mesmo numero, & sem diminuiçãõ, nẽ abatimento d'elle. A prova he manifesta. Chamados os operarios à Vinha do Pay de familias, huns vieraõ mais cedo, outros mais tarde; huns trabalháraõ mais, outros menos; & no fim do dia o Pay de familias, que representava a Deos, mandou pagar a todos, & a todos se deu a mesma moeda. Chamavase esta moeda Denario, com o nome derivado do numero dez, porq̃ no pezo, & no preço, continha o valor de dez moedas menores. Pois se huns vieraõ à Vinha cedo, & outros tarde, se huns trabalháraõ muito, & outros pouco, porque paga Deos a todos igualmente com a mesma moeda, & com o mesmo Denario? Porque o Denario significa a gloria essencial, que nesta Pa-

rabola se declara pela proporção numerica. E posto q̃ na mesma gloria, os que trabalháraõ mais, ou menos, a teraõ maior, ou menor, quanto ao grão, sempre he necessario, que todos a recebaõ igual, quanto ao numero. A razãõ he, como dizia: porque o premio deve ser proporcionado ao merecimento: & como o merecimẽto naõ pôde ser menor que o de todo o Decalogo, tambem o premio naõ pôde ser menor que o de todo o Denario. Mas como no mesmo Decalogo pôde ser mais, ou menos perfeita a observancia, assim no mesmo Denario pôde ser mais, ou menos perfeito o grão da gloria. Sempre porẽm he igual em todos o numero de dez no Denario, porque sempre ha de ser igual em todos o numero de dez no Decalogo: *Usque ad servantes praecepta Decalogi.*

346 Sobre este fundamento tam solido, passemos agora ao nosso intento, & veremos, como dentro no mesmo numero de dez assim como ao Decalogo dos preceitos se promette o Denario da gloria

gloria, assim está prometido o mesmo Denario da gloria às decadas do Rosario. Em cada decada do Rosario pedimos dez vezes à Virgem, Senhora nossa, rogue por nós peccadores, agora, & na hora da nossa morte. E no Psalmo trinta & hū promete Deos o perdaõ final dos peccados, & a Gloria, & Bemaventurãça, que a elle se segue: *Beati quorum remissa sunt iniquitates, & quorum tecta sunt peccata*. Onde muito se deve reparar naquella palavra, *Tecta*, que significa protecção; porque a Bemaventurança, & remissaõ dos peccados, que aqui se promete: *Beati quorū remissa sunt iniquitates*: quer Deos que se attribua, naõ sò à sua misericordia, mas à protecção de quem a alcança, qual he no nosso caso a da Mãe do mesmo Deos, que em cada dez Ave-Marias imploramos. E porque naõ pareça cousa duvidosa, & athea da Divina Justiça, que a mesma Bemaventurança, que he devída à observancia dos dez preceitos do Decalogo, se cõceda a dez oraçoẽs tam breves: foi notar Cassiodoro, q̃

nesse mesmo Psalmo, o qual se compoem, & consta de onze versos, nos primeiros dez fallaõ os homẽs com Deos, & contẽm outras tantas preces, & no ultimo, & undecimo, responde Deos aos homẽs, & lhes concede a todos a indulgencia dos peccados, que no principio lhe pediraõ; & com nome de justos a graça, de q̃ he premio a Gloria: *Letamini in Domino, & exultate justī, & gloriamini omnes recti corde*. E que infere deste seu computo o mesmo Cassiodoro? Infere, que as dez preces, posto q̃ tam breves, daquella decada, tem diante de Deos a mesma virtude dos dez preceitos do Decalogo, com tanto que sejaõ rezadas de todo coraçãõ. *Consideremus modò (diz elle) virtutem Psalmi hujus, quòd decem versibus supplicando, divinum meruerit sine aliqua dilatione responsurum: fortè Decalogi commonens operationẽs; ut sicut ille custoditus vocat ad pramium, ita & hac compuncto corde susa precasio, ad indulgentia nos vota perducatur.* 347 Jã bastava, para boa prova do q̃ digo, a paridade destes

*Psalm.*  
31. I.

*Ibidem*  
II.

*Cassiodor. ibi.*

destes dez versos, computada com as dez Ave-Marias de cada decada do Rosario. Mas não se contentou com isso o Profeta; & cōtinuando o mesmo Psalmo na segunda parte delle (que he o seguinte) diz desta maneira: *Exultate justi in Domino: rectos decet collaudatio. Confitemini Domino in cithara: in Psalterio decem chordarum psalite illi. Cantate ei canticum novum.* Não se podia declarar mais expressamente o Rosario, & muito em particular as decadas, em que se divide. Diz o Profeta, que se alegrem os justos, & louvem a Deos: & que o modo de o louvar seja com hum cantico novo ao som do Psalterio de dez cordas, & da viola, que he de cinco. Primeiramente chamase o Rosario cantico novo, isto he: *Canticum Novi Testamenti*: (como notaráo Hugo, Carthusiano, & Caietano.) Porque o Rosario, assim mental, como vocalmente, he instituto, & modo de orar proprio do Testamento Novo. Mentalmente; porque no Testamēto Velho, como o Verbo ainda não tinha encarna-

do, nem morrera, nem resuscitara, ainda entãõ não havia Mysterios de Christo, nẽ Gozofos, nem Dolorosos, nem Gloriosos. E vocalmente; porque no Testamento Velho rezavaõ se Psalms, & outras oraçoẽs, mas não se rezavaõ Padre-nossos, nem Ave-Marias, havendo começado a Ave-Maria na embaixada do Anjo Gabriel, & o Padre-nosso dahi a trinta & dous annos, quando o ensinou o mesmo Christo. Acrescenta o Profeta, q̃ estes louvores de Deos se haviaõ de cantar ao som, ou ao descante do Psalterio de dez cordas, & da viola de cinco; porque os Mysterios se haviaõ de meditar de sinco em sinco, & as oraçoẽs se haviaõ de rezar de dez em dez: *In cithara, & Psalterio decem chordarũ.* E pãta sãõ na propriedade dos numeros, a harmonia destes dous instrumentos? Não. S. Jeronimo declarando qual fosse a fórma do Psalterio, diz, que era totalmente diversa da viola; porque a viola tem o oco, ou concavidade, onde se fórma o som, na parte inferior; porẽm o Psalterio

Hieron.  
Aug. 8.  
Cassiod.  
& alij.

na parte de cima. E tal he a harmonia do Rosario, assim na parte Mētal, como na Vocal. Na Mental, porque os Mysterios, q̄ o Rosario medita, obrou os Deos descendo elle do Ceo à terra: & na Vocal, porque as oraçoēs, q̄ o Rosario reza, ouveas Deos subindo ellas da terra ao Ceo: os Mysterios fazem a harmonia cã em baixo, & as oraçoēs là em cima: *In cithara, & Psalterio*. Aquelles pois, que deste modo orarem, & louvarem a Deos, & ao som destes dous instrumentos lhe cantarem o cantico proprio do Testamento Novo, que são os que meditaõ, & rézaõ o Rosario; a estes em fim diz o Profeta, que se alegrem como justos, & a estes chama Bemaventurados pela remissaõ dos peccados, & Bemaventurados pela protecção da Graça: *Beati quorum remissa sunt iniquitates, & quorum tecta sunt peccata.*

*Ubi supra.*

## XII.

348 **T**enho acabado o meu Discurso, & declarado, como prometti, o

que significaõ mysteriosamēte todos, & cadahum dos numeros, de que se compoem as Contas do Rosario. E que he o que havemos de colher de todos estes numeros? Cadahum colherá o que lhe ditar a sua devaçãõ, & o seu juizo. O que a mim me acõfelha o meu, & o que Eu quizera persuadir a todos, he, q̄ de todos estes numeros tiremos huã firme resoluçãõ de ser do numero dos Predestinados. Mas antes de declarar o meyo, & o modo, importa, que se entenda primeiro como isto he possivel. A Predestinaçãõ de todos, & cadahu de nós, está decretada abaterno, & conhecida na Presciençia Divina, que he immutavel: logo parece, que, ainda que nós queiramos, nos não podemos fazer do numero dos Predestinados? Digo, que sim podemos. A Theologia mais certa, & mais bem fundada em todas as Eseriturãs Sagradas, he, que Deos nos predestinou *post pravis merita*: quer dizer este termo proprio das Escollas, que previo Deos desde sua Eternidade os merecimentos, & obras de

de cadahum, & conforme as  
 mesmas obras, que são as que  
 agora fazemos, & fizemos  
 até a morte, ou as boas feitas  
 com sua Graça, ou as más fei-  
 tas sem ella por nosso livre  
 alvedrio, decretou o mesmo  
 Deos a salvação de huys, & a  
 cõdenação de outros. Isto he  
 o que definio S. Pedro, quan-  
 do disse: *Satagite, ut per bo-*  
*na opera certam vestram vo-*  
*cationem faciatis*: procuray  
 com todo o cuidado de fazer  
 certa a vossa vocação por  
 meyo das boas obras. E co-  
 mo a nossa Predestinação se  
 funda nas obras de nossa vi-  
 da: daqui se segue, que em-  
 quanto vivemos, se quizer-  
 mos, nos podemos fazer do  
 numero dos Predestinados.  
 Nem encontra esta possibili-  
 dade a presciencia infallivel,  
 que Deos tem dos mesmos  
 Predestinados, & numero del-  
 les; porque as nossas obras  
 não são boas, porque Deos  
 sabe, que nos havemos de  
 salvar; mas sabe Deos, que  
 nos havemos de salvar, porq̃  
 as nossas obras, cooperando  
 com sua Graça, haõ de ser  
 boas, & dignas de salvação.  
 Esta Theologia, como dizia,

he a mais bem fundada, & re-  
 vellada nas Escrituras Divi-  
 nas, as quaes refervo para ou-  
 tra occasião, em que de pro-  
 posito hey de tratar esta ma-  
 teria. Por agora baste saber, q̃  
 assim o ensinaõ, Vasquez,  
 Molina, Valença, & outros  
 gravissimos Theologos, cuja  
 doutrina resume o Doutissi-  
 mo Cornelio A Lapide nes-  
 ta breve, & clarissima conclu-  
 são: *Hac ergo ratione in cujus*  
*que fidelis potestate, & arbitrio*  
*est, facere, ut sit predestinatus,*  
*vel non sit.*

349 Mas ouçamos a to-  
 da a Igreja Catholica, Colu-  
 na da Fé, & da Verdade, a  
 qual no principio da Quares-  
 ma, em que nos exhorta à pe-  
 nitencia, faz a Deos esta no-  
 tavel oração: *Deus, cui soli*  
*cognitus est numerus electorũ*  
*in Superna Felicitate locãdus:*  
*tribue, quasumus, ut omnium*  
*Fidelium nomina beata Pre-*  
*destinationis Liber adscripta*  
*retineat.* Deos, a quem sô he  
 conhecido o numero dos es-  
 colhidos, que haõ de gozar a  
 Eterna Felicidade: conce-  
 deynos, como vos pedimos,  
 que o Livro da bemaventu-  
 rada Predestinação retenha,

&

Vas-  
 quez,  
 Molina,  
 & Va-  
 lenc. ci-  
 tati à  
 Cornel.  
 in lo-  
 cum E-  
 pist.  
 D. Petri

Petr.  
 10.

& conserve em sy os nomes de todos os Fieis, que nelle estão escritos. Até aqui a Igreja Catholica, a qual nestas palavras suppoem huã cousa, & pede outra. Suppoẽ, que sò Deos conhece o numero dos Predestinados, que he a Presciencia Divina immutavel, & infallivel, com q̃ sò a Deos, como diziamos, he reservado o conhecimento, & numero dos que se hão de salvar. Mas o q̃ pede, não obstante este conhecimento, he, que os que estão escritos no Livro da Predestinação, se não mudem, nem risquem, & sejaõ conservados nelle. Pois se já estão escritos no Livro da Predestinação, como se podem mudar, ou riscar, ou tirar do mesmo Livro? Porque as letras, com q̃ os Fieis se escrevem no Livro da Predestinação, são as nossas boas obras. E porque os q̃ hoje obramos bẽ, à manhaã podemos obrar mal, & os q̃ hoje estamos em Graça, à manhaã podemos cair della: porisso assim como as boas obras, & a Graça, nos escrevem naquelle Livro, assim as más obras, & os peccados,

nos riscão delle. He o que disse admiravelmente David, fallando dos que obraõ mal: *Deleantur de Libro viventiu: & cum justis non scribantur.* Psalm. 68. 29. sejaõ riscados do Livro da vida, & não sejaõ escritos com os justos. Porisso muitos Theologos doutamente distinguem o mesmo Livro da Predestinação em duas partes, huã da Predestinação inchoadá, que consiste nas boas obras, & Graça presente, & outra da Predestinação perfeita, & consummada, q̃ consiste nas boas obras, & Graça perseverante até o fim.

350 E que Christão haverá tam sem Fé, & sem juizo, que estando na sua mão o estar, & perseverar escrito no Livro dos Predestinados, por sua propria vontade, & por não querer cooperar cõ a Graça Divina, que sempre está prompta, queira ser riscado delle? Que razão, que motivo, que interesse, ha neste mundo, ou em mil mundos, q̃ Deos criára, pelo qual se houvesse de logear, nem artifar hum homem a ouvir de sy aquella tremenda voz: *Deleatur de Libro viventium?*

Reys foraõ, & grandes Monarchas, aquelles tres, que reynáraõ entre Joram, & Ozias: mas que lhe aproveitou o reynar, que lhe aproveitou o Cetro, & a Coroa, que lhe aproveitou o Imperio, & a doraçaõ dos vassallos, & a reverencia, & temor dos estranhos, que lhe aproveitou a grandeza, a Magestade, a riqueza, a potencia, os exercitos, as vitorias: se no cabo todos tres foraõ riscados dos Livros de Deos, & lançados fóra como reprobos: *Ioram autem genuit Oziam?*

## XIII.

351 **B**Em creyo, que ninguém haverá dos presentes, que não tema ser riscado dos mesmos Livros, & não dezer sobre tudo estar, & perseverar escrito nelles, & ser do numero dos Predestinados. Sõ faltava saber o modo, & meyo efficaz para sermos admittidos, & contrados neste bemaveturado numero: mas este foi o emprego de todo o nosso Discurso, & isto nos mostráraõ, & provaráõ, assim em commum,

Tom. 6.

como em particular, todos os numeros, de que se compoem o Rosario; pois todos elles, sendo tantos, & tam varios, se uniráõ em hũ sò fim, q̃ foi promettermos a Bemaventurança. E posto que os fundamentos foraõ tam diversos, como as significaçõs dos mesmos numeros; nesta peroraçaõ, ou epilogo, como quem no fim das contas tira a soma dellas, acabo com dizer, que todas as do Rosario se resumem a dous sinaes da Predestinaçaõ, os maiores, & mais calificados, que pôde haver, para quantos quizerem ser do numero dos Predestinados.

352 O primeiro sinal da Predestinaçaõ, he a primeira parte do mesmo Rosario, q̃ consiste nos Mystérios da Vida, Morte, & Resurreiçaõ do Filho de Deos, que meditamos. He fundado, & tirado este sinal da mesma formalidade intrinseca da Predestinaçaõ. Como predestinou Deos a todos os homẽs? O mesmo Deos o revellou a S. Paulo, & S. Paulo à Igreja: *Quos presciuit, & predestinavit conformes fieri imaginis* Roman. 8.29.

X

Filij

*Filij sui.* Todos os que Deos predestinou, foraõ aquelles, que antevio abocerno, q se haviaõ de conformar com a imagem de seu Filho, & fazerse semelhantes a elle como exemplar da mesma Predestinação. Porisso a Soberana Mãe do mesmo Filho, como tam allumiada em todos os arcanos divinos, & como aquella, que disse de sy: *Cum eo eram cuncta componens*: a primeira cousa, que fez na composição do Rosario, foi pôrnos diante dos olhos, não huã, senaõ quinze imagens do mesmo Filho de Deos, finco nos Mystérios Gozofos, finco nos Dolorosos, & finco nos Gloriosos: para que contemplando em tam diversas figuras, nos retratassemos por aquella, a que mais se inclinasse o nosso affecto, & imitando na Vida, & na Morte, o seguissimos na Subida ao Ceo, que he o fim glorioso de todos os Predestinados. Là dissemos, que estes quinze Mystérios se representavaõ nos quinze degrãos do Templo, onde se cantavaõ os quinze Psalms, porisso chamados Graduaes. Agora

denovo se deve advertir, que o Texto Grego lhe chama *Gradus ascensionum*; mas com hum tal nome, que significa grãos de subir, & não de descer. A escada de Jacob tinha degrãos, por onde se subia, & detcia: *Ascendentes*, & *descendentes*: porẽm esta he huã escada, por onde sò se tobe, & não se desce, felicidade sò propria dos perfeitamẽte predestinados para a Bemaventurança. *Illa enim ascendentes habuit, & descendentes; istis verò gradibus Beatorum solus ascensus est*: diz, sobre o mesmo Texto Grego, Cassiodoro.

353 O segundo final da Predestinação he a segunda parte do mesmo Rosario, em que tantas vezes, quantas repetimos as mesmas oraçoẽs, saudamos, & louvamos a chea de Graça, & nos metemos debaixo de sua poderosissima protecção. Ser esta protecção da Virgem, Senhora nossa, hum dos mais certos sinaes da Predestinação, cousa seria infinita citar os Autores, que assim o affirmam, & os lugares da Escritura, com que o provaõ. Entre

Prov. 8.  
30.

Ubi su-  
pra.

Cassio-  
dorus  
ibi.

Entre todos são insignemete mysteriosas aquellas palavras do Ecclesiastico, em q̄ Deos fallando com sua Mãe, lhe diz, que lança raizes nos seus Predestinados: *In electis meis mitte radices*. O lançar raizes, he propriedade somente das plantas. E q̄ planta he, ou pôde ser aquella, por meyo da qual a Mãe de Deos lança raizes nos Predestinados, senão a plãta da Rosa: *Quasi plantatio Rose in Iericho?* A Rosa não tem raizes, a Roseira, & o Rosal sim. E o Rosario não tomou o nome da Rosa, senão do Rosal, que isso quer dizer, *Rosarium*: não tomou o nome da flor, senão da planta, que he a que lança as raizes: *In electis meis mitte radices*. Tam sabido, como celebre, he o milagre daquella planta, que nascendo em huã sepultura mostrava escrito em todas as folhas com letras de ouro, *Ave gratia plena*. Caváraõ para ver donde nascia, & acháraõ, que tinha as raizes na boca de hu defunto, o qual havia sido Soldado, tam rude, & de pouca memoria, que nunca soube dizer mais que, Ave Maria

chea de graça, laudando sô com estas poucas palavras, mas muito frequentemente, a Rainha dos Anjos. E se quatro palavras da Ave-Maria lançaõ tam fortes, & maravilhosas raizes: Vede o que faraõ cento & sincoëta Ave-Marias plantadas todos os dias, & todos os dias regadas com a graça da chea de graça. Ditofos, & Bemaventurados aquelles, que tam certas, & tam bem fundadas prendas tem de sua Predestinaçãõ, & Salvaçãõ.

354 Nunca se perdéraõ mais homẽs, nem se salváraõ menos, que no Diluvio. E eses poucos, que se salváraõ, onde tiveraõ segura a salvaçãõ? Na Arca de Noé, a que se recolhéraõ. Pois assim como Noé edificou a Arca, para que se salvassem todos, os que a ella se acolhefsem: assim a Providencia, & Misericordia de Christo nos deu a Maria, figurada na mesma Arca, diz S. Bernardo, para que todos, os que se valerem de seu amparo, se salvem: *Ar. Bern. ca Noe significavit excellentiam Mariæ; sicut enim per illam omnes evaserunt Diluviu,*

*sic per istam peccati naufragium.* Nesta palavra *Naufragium* reparo muito. Para os que se embarcãõ se livrarem dos naufragios, não basta, q̃ a não seja grande, forte, & poderosa. E nenhuã não houve no mundo mais arriscada a naufragar, q̃ a Arca de Noé; porque o mar, em que navegava, era sem comparaçãõ maior que o Oceano, a tempestade não durou hum sô dia, ou tres, ou nove, como costumaõ, senãõ quarenta dias continuos de dia, & de noite, & os baxios, em que podia topar, & fazerse pedaços, eraõ quantos montes, & ferras havia em todo o mundo. Sendo pois tantos os perigos, que ameaçavaõ naufragio à Arca, porque se salvarãõ, todos os que nella se recolherãõ? Porque a Arca no Diluvió, não sô significava a Virgem, Senhora nossa, senãõ a mesma Virgem Senhora com os Mysterios, & numeros do seu Rosario. Sobre todos os montes, onde podia perigar, ou naufragar a Arca, diz o Texto Sagrado, que a agua se levantou quinze covados acima: *Quinde-*

*cim cubitis altior fuit aqua super montes, quos operuerat.* E Genes. 7.  
20.

quando à Arca, que, como vimos, he a Virgem, Senhora nossa, se ajũtaõ os Mysterios, & numeros do seu Rosario, ainda que o mundo todo perigue, & se affogue, todos os que se acolhem a ella, se salvarãõ; porque todos por este meyo se fazem do numero dos Predestinados.

355 Não deyxarey cuidado de advertir por fim, que para que a Senhora do Rosario nos alcance, & segure esta graça, he necessario, q̃ nós rezemos, & meditemos o mesmo Rosario com aquella attençaõ, & applicaçãõ, que elle, & a mesma Senhora requerem. Lã deixamos ditto com Santo Ambrosio, & S. Gregorio, que aquella rede, que se lançou à mãõ direita, & recolheo sômente os escollidos, & predestinados, era o Rosario. Mas diz, & nota o Texto, o que entãõ não ponderarey, & reservey para agora, que sendo tantos, & tam grãdes os peixes, a rede não se rompéo: *Cum tanti essent, non est scissum rete.* A rede rota não pesca. Se o Rosario, ou  
no

no que se reza, ou no que se medita, se rompe, ou interrompe com a vagueação de outros pensamentos, & outros cuidados, & tal vez com a irreverencia de outras conversações: que se pôde esperar de tal devação, que antes offende, do que agrada ao mesmo Senhor, & à mesma Senhora, a quem pedimos, & de quem esperamos a salvação? Rezemos pois o Rosario, & meditemos seus Sobe-

ranos Mysterios com a attenção, applicação, & devação, que he devida a ambas as Magestades, com quem fallamos. E deste modo seremos sem duvida do numero dos Predestinados, & se escreverão nossos nomes nos Livros de Deos, sem perigo de já mais ser riscados delles, como foraõ os dos tres excluidos, que infelizmente reynarão entre Joram, & Ozias:  
*Joram autem genuit Oziam.*

# FINIS.





# S E R M A M

## X X V.

*Beatus venter, qui te portavit, & ubera, qua  
suxisti. Luc. 11.*

### I.

356

**D**

UM dos ti-  
tulos mara-  
vilhosos, cõ  
que nas Sa-

gradas Letras se nomea, &  
celebra a Magestade Divina,  
he o de Deos das vinganças:

*Psalm.*  
*93. I.*

*Deus ultionum.* E porque se  
chama Deos das vinganças, o  
que he Pay das misericordias,  
& fonte de todos os bens?  
Chamase Deos das vinganças,  
porque a vingança he  
Regalia propria da Divin-  
dade: & quem se quer vingar  
por sy mesmo, toma a Deos  
a jurdição, que he sua: *Mea  
est ultio.* Chamase Deos das  
vinganças, porque as injurias,

*Dent.*  
*32. 35.*

que os poderosos fazem aos  
pequenos, de que elles se não  
podem defender, Deos tem  
tomado por sua conta o ving-  
gallas: *Mihi vindicta: Ego re- Rom. 12.  
tribuam.* Chamase finalmen- 19.  
te Deos das vinganças, porq̃  
os homẽs, quando se vingaõ,  
chegaõ, quando muito, a ti-  
rar a vida: & as vinganças  
de Deos duraõ por toda a  
Eternidade, como o mesmo  
Deos: *Quia fortis ultor Do- Ierem.  
minus.* 51. 56.

357 Isto he o que com-  
mummente dizem os Inter-  
pretes. Mas Eu combinando  
a Festa presente com o Evan-  
gelho, que nella nos propõe  
a Igreja, acho outro novo, &  
maior titulo, & mais proprio  
da

da Divindade, & Magestade de Deos, porque elle se quiz chamar Deos das vinganças. E qual he? Ser Deos tam en- deosadamente vingativo, que quando as blasfemias dos ho- mões levantaõ falsos testimu- nhos contra elle, elle em cer- to modo faz verdadeiros os mesmos falsos testemunhos em beneficio dos mesmos ho- mões, para assim se vingar de seus calumniadores. Isto sim, que he ser Deos das vinganças; porque taes vinganças sô se podem achar em Deos. Chamáraõ os homões a Christo Samaritano: & Christo com que se vingou desta in- juria? Fazendose Samaritano seu. *Samaritanus*, quer dizer *Custos*, o Guardador: & havendo nas ovelhas tal ro- nha, Christo se fez guarda- dor dellas. Desprezavaõ os homões a Christo, chamando- lhe Carpinteiro, & filho de outro: & Christo, Filho do Supremo Artifice do Uni- verso, como se vingou deste desprezo? Com lavar em toda a sua vida o lenho da Cruz, & se deixar pregar nelle para os remir. Murmura- vaõ os homões de Christo co-

mer, & beber cõ os peccado- res, condemnando este modo de os ganhar com os nomes da mais vil intemperça: *Ho- mo vorax, & potator vini*: & como se vingou Christo det- ta afronta? Com lhes dar a comer seu Corpo, & a beber seu Sangue. Assim provava Christo ser Deos com se vin- gar assim. E o mesmo temos no Evangelho, & Celebrida- de de hoje cõ maior, & mais admiravel exemplo.

358 Vendo os Escribas, & Fariséos, o famoso mila- gre do Demonio mudo, cha- máraõ a Christo Mago, & Feiticeiro: dizendo, que por Arte Magica, & pacto, que ti- nha com os Demonios, os lançava dos corpos: *In Beel-zebub Principe Daemoniorũ ejũ- cit Dæmonia*. E quando os ho- mões tratáraõ a Christo de Mago, & Feiticeiro: cõ q se vingou o Senhor desta tam sacrilega, & blasfema calu- mnia? Vingouse, como costumava, cõ a fazer verdadeira. Mas de q modo? Fazêdo, co- mo Divino Encãtador, q aco- disse, & refutasse a mesma calumnia, huã boa, & animosa molher, q se achava naquellê

Matth.  
11.19.

Luc. IX.  
15.

ajuntamento, & levantou a voz, dizendo: *Beatus venter, qui te portavit, & ubera, qua suxisti*: Bem avêturada a Mãe, que trouxe em seu ventre a tal Filho, & o criou a seus peitos. E que seria, se Eu agora dissesse, que esta mulher, & nestas mesmas palavras, foi a que deu principio ao Rosário? De quando começasse esta soberana devaçãõ, ha duas opinioes entre os Historiadores Ecclesiasticos. A primeira, & mais commum, refere seu principio aos tempos de S. Domingos: a segunda, & mais antiga, aos da Primitiva Igreja. Mas a minha, que não chamo terceira, por não ser opiniaõ, fenaõ evidencia, he, que começou o Rosário nas palavras desta mulher. Naquelle tépo, como Christo ainda não morrêra, nẽ resuscitara, ainda não havia os Mysterios Dolorosos da Morte, nem os Gloriosos da Resurreiçãõ do Senhor. Sõ havia os Gozofos da sua Infancia: & estes são, os que a devota mulher comprehendéo nas suas palavras: no *Beatus venter* o da Encarnaçãõ, & *Visitaçãõ*: & no *Ubera, qua suxi*:

*sti*, o do Nascimento, & Presentaçãõ do Templo. E ajuntou com grande propriedade a mesma Oradora os louvores da Mãe com os do Filho, & os do Filho com os da Mãe; porque esta he a reccedura reciproca, de que se cõpoem o Rosário. Desorte, que quando os calumniadores de Christo lhe chamaõ Mago, & Feiticeiro, & quando o Senhor se quer vingár desta injuria com a fazer verdadeira, & lhe mostrar que o era: entãõ, & no mesmo ponto, se deu principio ao Rosário. E porque razãõ, ou com que mysterio? Porque o mesmo Rosário havia de ser a Arte, & Instrumento Magico, com que Christo havia de enfeitçar, & encantar aos homẽs: & com que os mesmos homẽs depois enfeitçados, o haviaõ de enfeitçar também a elle, & a sua Mãe. Está ditto em poucas palavras, o que hey de provar em muitas.

• *Ave Maria, &c.*

## II.

359 **N**ÃO ha mentira tam falsa, que se a que-

a quem fazer aparente, ou verisimil, se não funde em alguma supposição verdadeira. Tal foi a calúnia, com que os Escribas, & Fariséos do nosso Evangelho blasfemárao o milagre de Christo, dizendo, que lançára o Demônio mudo em virtude; & com poder de Beelzebub Principe dos Demonios: *In Beelzebub Principe Daemoniorum eicit Dæmonia.* Suppunhaõ, q̄ huns Demonios são mais poderosos que outros: & esta supposição he verdadeira; porque como os Demonios, que se guiraõ a rebelliãõ de Lucifer, tinhaõ sido Anjos de todas as Gerarchias; assim como os Anjos das Gerarchias superiores são mais poderosos que os outros Anjos, assim os Demonios das mesmas Gerarchias são mais poderosos que os outros Demonios. Daqui se segue o que os mesmos Escribas, & Fariséos, igualmente quizeraõ inferir: que se ha huns Demonios mais poderosos que outros Demonios, também ha huns Feiticeiros mais poderosos q̄ outros Feiticeiros. Assim se vio antigamente em muitos

Theatros, principalmente da Germania, onde os Feiticeiros, & Magos (como as Feiras, ou Gladiadores no Amphitheatro de Roma) sahiao a se competir, & ostentar os poderes da sua Arte, & com invenções, não sô estupidas, mas jocosas, huns triunfavaõ com aclamações, & applausos, & outros ficavaõ vencidos. E a razaõ desta tamanavel differença, não era outra, senão a maior, ou menor sabedoria, & sutileza, & o maior, ou menor poder dos Demonios, com que os mesmos Feiticeiros tinhaõ pacto, & dos quaes eraõ instruidos, & governados. Mas se houvesse hum Feiticeiro, hũ Mago, & hum Encantador, o qual se governasse, & obrasse por mais alta sabedoria, & mais absoluto poder, que o de todos os Anjos, & o de todos os Demonios, não ha duvida, que este Feiticeiro venceria a todos os Feiticeiros, este Mago a todos os Magos, & este Encantador a todos os Encantadores.

360 Isto supposto, pergunto agora. E ha no mundo este tal Mago, & este tal Encantador,

*D: Rio,  
& alij.*

*1. 22*

cantador, cujos feitiços ven-  
 ção os de todos os Feiticeiros,  
 & cujos encantos os de  
 todos os Encantadores? Sim  
 ha, diz Santo Ambrosio. E  
 quem he? O mesmo Christo,  
 Deos, & Homem, a quem os  
 Escribas, & Fariseos calu-  
 miárao de Feiticeiro, & Ma-  
 go. As palavras do grande  
 Doutor da Igreja são estas:

*D. Am-  
 brof.* *Multi tentant Ecclesiam, sed  
 Magica Artis carmina ei nocere  
 non possunt. Nihil Incantatores  
 valent, ubi Christi canticum  
 quotidie decantatur. Habet  
 Incantatorem suum Dominum  
 Iesum, per quem Magorum  
 incantantium carmina, &  
 serpētum venena vacuarit, &  
 ipse sicut Serpens exaltatus de-  
 vorat colubros Egyptiorum.*  
 Cuydais, que sō nas Synago-  
 gas do Demonio, que são as  
 Escollas da Arte Magica, ha  
 Feiticeiros, & Encantadores?  
 Enganaivros, diz Ambrosio,  
 porque tambem a Igreja tem  
 o seu Encantador, que he  
 Christo Jesu, contra o qual  
 nenhuma cousa valem todas as  
 Artes Magicas, & Encantos.  
 Bem sabeis o que fez Moysés  
*Exod. 7.  
 12. & 8.  
 18. 19.* Moysés não somente vencêo

as serpentes dos Feiticeiros,  
 & Magos de Faraó; mas en-  
 cantou aos mesmos Encanta-  
 dores, tirandolhe toda a arte,  
 & toda a força: assim o nosso  
 Divino Encantador Christo  
 com mais poderosos, & in-  
 venciveis encantos, não sō  
 desfaz todos os feitiços, mas  
 enfeitiça, & encanta os mes-  
 mos Encantadores.

361 Em prova destes  
 encantos contra encantos, &  
 destes feitiços cōtra feitiços,  
 he tam raro, como proprijs-  
 simo caso, o que refere S.  
 Gregorio Nazianzeno. Justi-  
 na, Virgē consagrada a Deos,  
 foi sollicitada para as vodas  
 por hum Mancebo rico, &  
 nobre, ao qual como não a  
 proveitasse nada todos a  
 quelles meyo, & extremos,  
 de que o amor ardentemen-  
 te empenhado se costuma va-  
 ler, comprou a hum insigne  
 Mago, chamado Cypriano,  
 para que com os mais pode-  
 rosos, & efficazes feitiços o a-  
 judasse a conquistar a vontade,  
 que não podia rēder. Fel-  
 lo assim Cypriano, toman-  
 do por instrumento, não al-  
 guã velha (diz o Santo) que  
 costumão ser as mais destras  
 neste

*Nazianzeno.  
 Orat. 18.  
 in laudem  
 S. Cypriani.  
 Adversus  
 Leuctorem  
 Cyprianum  
 istum non  
 esse illud  
 Carthaginensem  
 Episcopum,  
 quantum  
 vis id  
 ex falsa  
 historia  
 supponatur,  
 sed Magum  
 ejustum non  
 minus.*

neste exercicio; mas hum De-  
 monio dos que tem a seu car-  
 go, & por officio, excitar nos  
 coraçõs o amor profano, o  
 mais industriofo, & astuto de  
 todo o Inferno. Sentio a in-  
 nocente Virgem o infernal  
 incendio, & não bastando pa-  
 ra o apagar, os jejuns, as pe-  
 nirencias, & as outras armas  
 da Milicia Espiritual, com q̃  
 a rebeldia dos appetites se so-  
 jecta ao imperio da razaõ:  
 que faria? Invoca por ultimo  
 remedio o foccorro de seu  
 Esposo Christo, & da Virgem  
 Maria Defensora da Castida-  
 de: mas com que successo?  
 Com o mais admiravel, & ex-  
 quisito, que nem imaginar se  
 podia. Desfeita subitamente  
 por virtude de Christo a for-  
 ça dos feitiços, & defencanta-  
 dos os encantos, o Demonio,  
 que affoprava o fogo, não sò  
 fugio, & deixou livre a Justi-  
 na, mas entrando no mesmo  
 Mago Cypriano, que o cha-  
 mára, & atormentandoo for-  
 temente, se vingava nelle da  
 empreza, em que o tinha me-  
 tido. E já temos encantado o  
 Encantador.

362 Falta agora, que o  
 amor do inferno, que o Ma-

go queria acender em Justina,  
 se transforme em amor do  
 Ceo, que abraze a elle: & que  
 o fogo, que havia de quei-  
 mar a innocente, queime as  
 mesmas Artes Magicas, que  
 eraõ as culpadas. E tudo suc-  
 cedéo assim. Reconhecendo  
 Cypriano, que havia outro  
 Encantador mais poderoso,  
 & que este era o Deos dos  
 Christaõs, assim como Saul  
 se valia de David, & da sua  
 harpa contra o Demonio, q̃  
 o infestava: assim elle (prose-  
 gue Nazianzeno) se valéo de  
 Christo, & de sua Santissima  
 Mãe contra o mesmo Demo-  
 nio, que tinha invocado, &  
 agora o atormentava: o qual  
 tambem logo fugio delle: &  
 elle pondo o fogo a todos os  
 livros, & instrumentos da Ar-  
 te Magica, trocou o amor,  
 para que o tinhaõ comprado,  
 em amor do mesmo Christo,  
 & ficou tam enfeitado dos  
 seus encantos, que não sò re-  
 cebéo a sua Fé, fazendose  
 Christaõ, mas deu por elle a  
 vida, sendo Martyr. Até aqui  
 o grande Doutor, entre todos  
 os da Igreja por antonomasia  
 o Theologo, em huã eloquẽ-  
 tissima Oração, em que con-  
 clue

clue toda a narraçãõ do caso com esta sentença : *Divina enim Sapientia contraria per contraria procurare novit, ut maiorem sui admirationē mortalibus excitet* : porque Deos para maior admiraçãõ de sua sabedoria mostra, que sabe curar huns contrarios cõ outros contrarios ; isto he, huns feitiços com outros feitiços, huns encantos com outros encantos, & huã arte cõ outra arte. *Ut ars arte, veneficium veneficio, & incantatio incantatione vinceretur* : com-

*Velasquez in Maria Advocata nostra lib. 4. adnot. 3.*

menta hum douto Expositor do mesmo Nazianzeno.

## III.

363 **E**M summa, que por sentença, & authoridade dos dous grandes Doutores da Igreja, Ambrosio da Latina, & Nazianzeno da Grega, naõ sò temos a Christo no nome, & no exercicio Encantador, como lhe chamáraõ os Escribas, & Fariséos; mas tam sabio, tam poderoso, & tam excellente Encantador, que com seus feitiços desfaz todos os feitiços da Arte Magica, & com

os seus encantos enfeitiça, & encanta os mesmos Encantadores. Segue-se agora ver, quaes sejaõ os instrumentos, de que o mesmo Encantador Soberano se ajuda, ou mais verdadeiramente se serve, para assim enfeitiçar os que enfeitiça, & encantar os que encanta. E posto que os mesmos Sãros naõ pudéraõ dizer nomeadamente que he o Rosario, porque ainda em seu tempo o naõ havia; das suas mesmas palavras se colhe, naõ sò sem violencia, mas com grande propriedade, & clareza.

364 Santo Ambrosio diz, que Christo foi figurado Encantador em Moysés, qua- <sup>Vbi supra.</sup> do vencéo, & confundio os Magos do Egypto. S. Gregorio Nazianzeno, q̄ foi figurado em David, quando lançava o Demonio do corpo de Saul. E quaes foraõ os instrumentos, com que Moysés, & David, alcançáraõ estas victorias contra a Arte Magica, & contra o Autor della? O instrumento de Moysés foi a Vara, o de David foi a Harpa: & em hum, & outro instrumento, maravilhosamente se representáraõ as duas partes,

partes, de que he composto o Rosario. A Vara, era instrumento mudo; a Harpa, era instrumento com vozes: & tal he propriissimamente o Rosario nas partes, Mental, & Vocal, de que se compoem. Na parte Mental he instrumento mudo, porque mudamente mediramos os Mysterios: na parte Vocal he instrumento com vozes, porque com vozes rezamos as orações. Mais disserão ambos os mesmos Doutores. Ambrosio diz: *Nihil Incantatores valent, ubi Christi canticum quotidie decantatur*: nenhuma cousa valem os feitiços de todos os Encantadores, quando todos os dias se canta o cantico de Christo. E que cantico de Christo he este, que se canta todos os dias, senão o Rosario? Cantico de Christo; porque todo he formado, & composto dos Mysterios de Christo: & cantico de todos os dias; porque todos os dias se reza, & se repete sem mudança, nem variedade, o mesmo. Nazianzeno diz: *Contraria per contraria procurare novit*: que os instrumentos, de que usa o Divino En-

cantador Christo, são totalmente contrarios aos encantos dos Magos: & não ha instrumento mais contrario, nê mais opposto, ou contraposto em tudo às superstições da Arte Magica, que o mesmo Rosario, assim na sustancia, como no modo.

365 Quanto à sustancia. Os Magicos, & Feiticeiros (para o Demonio, que os governa, melhor enganar aos homês, & mais offender a Deos) a materia, de que costumão usar em seus encantos, são commumente cousas sagradas, & palavras santas. Quantas vezes se tem visto, q̄ instigados do mesmo Demonio tem chegado a roubar occultamente Hostias consagradas, para abusarem dellas em seus encantos: permitindo Deos estes horrendos sacrilegios, não sô em castigo dos grandes peccados, que a Divina Justiça costuma castigar com a permissão de outros maiores; mas para que o mesmo Demonio ensine aos Hereges, que os commettem, que debaixo daquelles accidentes se occulta o verdadeiro Corpo de Christo, a quem

os Demonios tem tão odio, que antes quizeraõ cair do Ceo, que adoralo. E que palavras são, as que se lem, ou não entendem nos caracteres, ou Hebraicos, ou Gregos, ou Latinos, das suas invocações Magicas, senão as palavras, ou sentenças mais sagradas, & divinas, ou expressas da Escritura, ou compostas della? E como a materia, de que a Arte Magica usa em seus encantos, são coufas no exterior, & palavras santas; para q̄ o artificio do Rosario fosse com toda a proporção contrario, & opposto, contrapondo coufas a coufas, & palavras a palavras (mas huãs, & outras de superior, & invencivel virtude;) nem as coufas podiaõ ser mais sagradas, que os Mysterios da Vida, Morte, & Resurreição de Christo, nẽ as palavras mais santas, & as invocações mais poderosas, que as do Padre-nosso, & Saudação Angelica. Isto quanto à sustancia.

366 Quanto ao modo. He preceito inviolavel, & superstição propria da Arte Magica, que quanto fazem, ou dizem em seus encantos,

seja sem pre em numero desigual. Balaam, como lhe chama a Eseritura, era Feiticeiro: *Balaam filium Beor ariolũ.* Numer. 22. 5. Peitou-o El Rey Barac, para q̄ com seus feitiços, & encãtos, enfraquecesse as forças do exercito de Israel, que tinha à vista; & elle ordenou primeiramente, que se levantassem sete altares, & logo que para o sacrificio se lhe tivessẽ preparados sete bezeros, & outros tantos carneiros, nomeadamente do mesmo numero: *Edifica mihi hũc septem aras, & para totidem vitulos, ejusdemque numeri arietes.* Numer. 23. 29. Neste numero, sinalado sempre o mesmo, declarou bem o Feiticeiro, quanto importava para o effeito dos feitiços o mysterio, ou superstição do numero. Sete altares, sete bezeros, sete carneiros: & porque não seis, nem oito, senão sete? Porque a Arte Magica de nenhum modo se serve de numeros iguaes, ou pares, senão sempre de numero desigual, ou impar. Assim o vemos em Ovidio nos feitiços de Medea, em Lucano nos feitiços de Eristho, & em Virgilio, nos de Maga, q̄ encanteiçou

Ovidius.  
Lucanus.  
Virgilius.

feitiço a Daphnis. Dá a razão o mesmo Príncipe dos Poetas, dizendo:

*Terna tibi hac primùm triplici diversa colore*

*Licia circundo: terque hac altaria circum*

*Effigiem duco. Numero Deus impari gaudet.*

Onde debaixo do nome, Deus, se entendia o mesmo Autor desta superstiçaõ, o Demonio, a quem os Gentes adoravaõ como Deos nos simulacros dos Idolos. Era tanta a fé, que todos tinhaõ nesta desigualdade do numero, para conseguir o que dezejavaõ, que naõ sò os Pastores nos rebanhos observavaõ, que as rezes nunca fossem pares; mas atè os Soldados, como refere Vegecio, quando abriaõ o fosso aos muros, ou trincheiras dos arrayaes, segundo o maior, ou menor numero dos inimigos, ou o faziãõ de nove pés, ou de onze, ou de treze, ou de dezafete: *Fossam aperium la-*

*tam, aut novem, aut undecim, aut tredecim pedibus; vel, si maior adversariorum numerus metuitur, pedibus decem & septem: impari enim nu-*

*merum observare moris est.*

Sendo pois a superstiçaõ do numero desigual tam propria da Arte Magica, & o Rosario o instrumento, com qõ o Divino Encantador Christo a havia de destruir; para que tambem de numero a numero fosse proporcionada a opposiçaõ de hum feitiço a outro feitiço, & de hum encanto a outro encanto; esta he a propriedade maravilhosa, cõ que foi, naõ sò conveniente, mas necessario, que tambem o Rosario, assim nos Mystérios, como nas oraçoẽs, de qõ he cõposto, guardasse a mesma desigualdade dos numeros. As partes, em que se divide, tres: os Mystérios, naõ quatorze, nem dezafeteis, senaõ quinze: & desses Mystérios os Gozofos cinco, os Dolorofos cinco, os Gloriosos cinco: & que atè às decadas das Ave-Marias se acrescentasse hũ Padre-nosso, para que as oraçoẽs fossem onze.

367 Nem deve parecer esta observaçaõ demaziadamente especulativa, ou nova, ou inventada livremête; porque antes seria defeituoso o artificio do Rosario, se a ar-

te do segundo Encantador se não oppuzesse em tudo à do primeiro. O primeiro Encantador, que houve no mundo, foi o Demonio, transformado primeiro na Serpente, para encantar a Eva, & depois transformado em Eva para encantar a Adam. E que fez o segundo Encantador Christo, para desfazer o que tinha feito, ou enfeitado o primeiro? Notou tudo, & decretou consigo, não de o vencer de poder a poder (q̄ fora pouca gloria) mas de o enganar, & encantar de arte a arte.

*Eccles.* Assim o cãta a Igreja: *Multi-formis proditoris ars ut artem falleret.* Pois assim como Christo se figurou na Serpente do Deserto para cõtrapor Serpente a Serpente: & assim como morréo em huã Cruz para cõtrapor a vore a vore: & assim como foi pregado nella ao meyo dia para cõtrapor hora a hora ( porque ao meyo dia foi vécido Adam, como se colhe do Texto: *De ambulantis in paradiso ad auram post meridiem*: assim foi conveniente, & necessario, q̄ no ultimo instrumẽto, & encanto universal do Rosario,

ordenado para desfazer todos os feitiços do Demonio, o numero tambem se contrapuzesse ao numero, & o desigual ao desigual, & por este modo se correspondessem, & contrariassem em tudo huã arte com outra arte: *Ars ut artem falleret.*

## III.

368 **T**emos visto em commum, não só a Christo Soberano Encantador; mas quam proprias são, segundo a arte, assim na materia, como na disposiçãõ, todas as proporções, que cõcorrem no Rosario para ser o instrumento dos seus encantos. Agora vejamos em particular por todos os Mystérios do mesmo Rosario, quam maravilhoso he o mesmo Encantador na pratica, & exercicio delles; & quam effeaz, & poderosamente enfeitça, & encanta.

369 Começando pelos Mystérios Gozofos, que são os da Infancia de Christo, falando da mesma Infancia o Profeta Isaias, diz assim: *Delectabitur Infans ab ubere suo* per

*Genes. 3. 1. & seqq.*

*Eccles. 8.*

*Isai. 8.*

*per foramine aspidis.* Não ha duvida, que falla o Profeta do Nascimento de Christo, como se vé claramente de to-  
*Ibid.* 1. do o Texto, que começa: *E-  
 gredietur virga de radice Ies-  
 se:* & diz, que o bello Infante desde os peitos de sua Mãy meterá a maõ nas covas, & cavernas dos aspides, & os domará, & fará tam mansos, que brincará cõ elles. Quam proprio effeito seja da Arte Magica encantar, & amansar as serpentes, não he neces-  
 sario citar Autores, pois nenhum ha, q̃ o não diga. Mas porque razaõ neste caso entre todas as serpentes faz mençaõ Isaias do aspid, mais que de outra: *Delectabitur Infans super foramine aspidis:* Porq̃ he o maior encarecimento, cõ que podia exagerar quam grande Encantador he Christo Minino sobre todos os Encantadores mais sabios. David lhe tinha dado o argumento, quando disse: *Sicut aspidis surda, & obturantis aures suas, qua non exaudiet vocem venefici incantantis sapienter.* Todos os Santos, & Expositores, seguindo a tradiçaõ cõmum,

que val mais que a authoridade de Plinio, & Eliano, dizem, que alludio o Profeta nesta sentença ao instinto natural do aspid, o qual presentindo a efficacia das palayras magicas, com que os Feiti-  
 ceiros encantaõ, & amansaõ as serpentes; elle achandose sem maõs com que tapar os ouvidos (como os Compa-  
 ñheiros de Ulysses contra o encãto das Seréas) prega fortemente hum ouvido na terra, & cerra o outro com a põta da cauda, & fazendose por este modo totalmente surdo, vence com a sua arte natural a Arte Magica do Feiti-  
 ceiro, & se livra dos seus encantos. Porisso diz David, q̃ por muito sabio que seja o Encantador, não pôde encantar o aspid: *Sicut aspidis surda, & obturantis aures suas, qua non exaudiet vocem venefici incantantis sapienter.* De sorte, que os Encantadores muito sabios sabem, & podẽ encantar as outras serpentes: o aspid para não ser encantado, sabe, & pôde mais que os Encantadores: porẽm o nosso Minino Encãtador, sabe, & pôde mais que os aspi-  
 des:

*Homer.  
 Odys.  
 lib. 12.*

*Salm.  
 7.5.6.*

des: *Delectabitur Infans super foramine aspidis.* O que para os outros Encantadores he impossível, para o nosso Encantador he jogo.

370 Já agora se não admirará o mundo de ver appear ao Portal de Belem os tres Reys Magos com todas as suas tropas, adorando no Presépio, & entre as palhas, o Divino Encantador recém nascido. Santo Agustinho, S. Jeronimo, S. Chrysofomo, Santo Ambrosio, & Santo Thomás, dizem, que estes Magos, não só eraõ Astrologos, senão verdadeiramente Feiticeiros, & Encantadores. Mas muito mais sabio, & muito mais poderoso Encantador he que elles, o que mundo, & sem fallar palavra, por huã Estrella tambem muda, os trouxe desde o Oriente, & os poz a seus pés rēdidos. Esta foi a razão, porque o Evāgelista, sendo Reys, lhe não chamou Reys, senão Magos; porque maior gloria foi para Christo Infante a vitoria da sua Arte, que a sojeição das suas Coroas.

371 Passando aos Mysterios Dolorosos. Disse Chri-

sto em sua vida, que quando fosse levantado na Cruz atrahiria tudo a sy: *Si exaltatus fuero à terra, omnia traham ad me ipsum.* Esta he ou-

tra grãde maravilha dos poderes da Arte Magica, com q̃ Amphion, famoso Mago, deu tam celebrada materia às Fabelas dos Poetas. Dizem elles, que com a consonancia, & harmonia dos versos, que cantava, levava apoz sy espenhascos, & os bosques. A verdade he, que Amphion arrancava de seu lugar as arvores, & abalava, & movia as pedras; porẽm não era como Musico com as vozes do seu cante, senão como valentissimo Feiticeiro com a força dos seus encantos. Mas que tem isto que ver com os do nosso Encantador crucificado, ou exaltado na Cruz? Tudo disse, que entãõ havia de atrahir a sy: *Omnia traham ad me ipsum.* E assim foi, diz

Ruperto: porque trouxe a sy o Ceo, trouxe a sy a Terra, & trouxe a sy o Inferno. O Ceo, ecclypsandose, & vestindose de luto o Sol, & cobrindo o mundo de trevas: o Inferno, saindo do Seyo de Abraham

August.  
Hieron.  
Chrysof.  
Ambros.  
Thom.

Matth.  
2. I.

Ioan. 12.  
32.  
Textor  
in Offic.  
tom. 2.  
verb.  
Venefici.

Rupert.  
Matth.  
27. 45.  
51. 52.

braham muitos dos que là esperavaõ aquelle dia, & apparecendo resuscitados em Jerusalem: a Terra, tremêdo toda, & quebrandose de dor as partes mais insensiveis, & duras della, q̄ saõ as pedras. Mas naõ foi isto sô o q̄ trouxe, ou attrahio a sy, como bẽ ponderaõ Santo Agustinho, & S. Cyrillo. Com as quatro pontas, ou cabos da Cruz, desde o Oriente ao Poente, & desde o Setentrião ao Meyodia, trouxe a sy as quatro partes do mundo: & com os caracteres Hebraicos, Gregos, & Latinos do Titulo, trouxe a sy todas as Linguas, todas as Naçoẽs, & todas as Gentes do Universo.

372 Com outro intento lhe puzeraõ de hum, & outro lado na Cruz outros dous Crucificados: mas este mesmo foi hum novo mysterio, & o maior dos seus encãtos. Circe, famosa Encantadora, transformava os homẽs em brutos: & estes effeitos, posto que apparentes, bem mostravaõ ser da arte do Demonio, que assim o tinha feito no primeiro Homem: *Hommo cum in honore esset, com-*

*paratus est jumentis, & similibus factus est illis.* Porẽm o nosso Divino Encantador quiz morrer entre dous homẽs, havendo nascido entre dous brutos, para que conhecêssemos, que os seus encantos, & transformaçõs, naõ eraõ para fazer de homẽs brutos, senaõ de brutos homẽs. Nabucodonozor, primeiro transformado em bruto, & depois reformado em homem, foi obra da mesma maõ, primeiro justa, & depois piedosamente Omnipotente: mas no genero humano naõ foi assim. O Homem transformado em bruto, foi obra da Magia do Demonio, & o bruto reformado em Homem, vitoria dos encantos de Christo.

373 Estes saõ os feitiços da sua Cruz, & de todos os outros instrumentos dos Mystérios Dolorosos. Lembre a este proposito, que accusado de Feiticeiro hum Lavrador Romano, pela excessiva fertilidade com que as suas lavouras se aventejavaõ às de todos; confesou elle ingenuamente o crime em presença do Senado:

August.  
Cyrill.

Dan. 4.

30. 5.

segq.

11.

11.

11.

Homr.  
Odyss.  
16. 10.

Salm.  
13. 13.

& perguntado, quaes eraõ os seus feitiços, pedio de espaço aquella noite para responder. A o outro dia appareceo no mesmo lugar, carregado de arados, de grades, de enfiños, de enxadas, de podoades, de fouces, & de todos os outros instrumentos rusticos, & lançandoos diãte dos Senadores, disse: *Veneficia mea, Quirites, hæc sunt*: Padres Confriptos, estes saõ os meus feitiços. Isto mesmo faz o Rosario nos Mysterios Dolorosos. Poemnos diante dos olhos a Christo carregado cõ a Cruz, com a Coluna, com a Lança, com os Açoutes, cõ os Cravos, com os Espinhos, & com todos os outros instrumentos, & tormentos de sua Paixaõ: & dizendonos o mesmo Senhor com a boca amargada de fel, & o coração aberto: *Veneficia mea hæc sunt*: estes saõ os meus feitiços: Que coração haverá tam duro, & tam de aspid, que se não deixe enfeitiçar, & encantar delles?

374 Finalmente, os Mysterios Gloriosos, em q̄ vemos a Christo subindo ao Ceo, a quem não arrebatam

rão, & darão azas. Os Feiteiros quando querem voar, tem certos unguentos, com que se untaõ, & voaõ. Assim voou à vista de toda Roma Simaõ o Mago Samaritano: assim voou, & desappareceo em presença do Emperador Domiciano Apolonio Tyanéo, que succedeo na Arte, & na Escola a Simaõ: assim voou de Thessalia para Athenas, & de Athenas para Asia a antiga Medea: & assim voaõ as modernas mais culpadas, & indignas de perdaõ na fé do tempo presente, pois aprendem a Arte do Encantador do Inferno, quando poderão seguir o do Ceo, *Trabe me post te, curremus in odorem unguentorum tuorum*: dizia a Christo a Esposa dos Cantares. E quando o disse? S. Bernardo: *Anima Sancta contemplanus Christum in Calum ascendentem, clamat: Trabe me post te: ut tecum è valle lacrymarum in montes aternitatis, & aterna voluptatis ascendam*. Quando Christo subio ao Ceo, contemplando a Esposa Santa sua Ascensão gloriosa, entãõ he que lhe pedio, que a levasse apoz sy, para q̄

Plin.  
Secund.  
Histor.  
Mund.  
lib. 18.  
cap. 6.

Histor.  
Põific.  
part. 1.  
c. 3. pag.  
20. vers.  
Textor  
in Offic.  
tom. 2.  
verb.  
Veneficia,  
& verb.  
Magi.

Cant. 1.  
me post te, curremus in odorem unguentorum tuorum: 3.  
Ber-  
nard.  
ibi.

ella tambem subisse deste valle de lagrimas aos montes eternos da Gloria. Mas porq̃ faz menção a Christo dos seus unguentos, quando lhe pede, que a leve apoz sy ao Ceo: *Trabe me post te, curremus in odorem unguentorum tuorum?* Porque Christo como Soberano Encantador tambem na sua Divina Magia tem outros unguentos, com que ungidos os que o querẽ seguir, voaõ apoz elle, que he a Graça, & Unção do Espirito São, que com sua Vida, & Morte nos mereceo: diz o mesmo S. Bernardo. Assim ungião voou, & foi arrebatado S. Paulo ao terceiro Ceo: assim ungiã subia a Madalena sete vezes no dia a ouvir as musicas dos Anjos: assim ungidos os Hyeroteos, os Dionysios, os Franciscos, as Brigidas, as Getrudas, as Theresas, & tantos outros Espiritos extaticos enfeitçados das saudades, & amor do mesmo Espofo, ou no corpo, ou fóra do corpo, voavaõ frequentemente ao Ceo, onde mais viviaõ, que na terra. Na terra eraõ huns corpos encantados, & appa-

rentes, mais verdadeiramente mortos, que vivos; porque a sua vida naõ apparecia onde eraõ vistos, mas estava escondida no Ceo em Deos, & com Christo. Tudo saõ palavras do Apostolo S. Paulo: *Mortui estis, & vita vestra est abscondita cum Christo in Deo.* 3. 3.

## V.

375

**A**SSIM enfeitça, & encanta Christo aos homẽs em todos os Mysterios do Rosario. Mas debaixo deste modo de enfeitçar, que todos entendem, se occultaõ nos mesmos Mysterios outros encantos mais alijtos, naõ entendidos, & por vëtura nem imaginados. Huã enfeitçaría tam usada, como effectiva, he tomar o Feiticeiro a imagem da pessoa, que quer enfeitçar, & ir executando na mesma imagem, tudo o que pretende, que a pessoa enfeitçada faça, ou padeça. A este modo de enfeitçar allude a Maga Virgilliana, quando diz da imagem de Daphnis, que havia de ser o enfeitçado:

Terque hæc al-<sup>Virg.</sup>  
Y3 taria <sup>Eclog. 8.</sup>

*varia circum  
Effigiem duco.*

Isto posto, vamos ao encãto, que com ração chamey naõ imaginado. Para o Demonio derrubado do Ceo se vingar de Deos ( Quem tal imaginára!) intentou enfeiticar ao mesmo Deos. E que fez? Como Adam era a imagem de Deos: *Creavit Deus hominem ad imaginem, & similitudinem suam:* arca com Adam, & apertandoo com toda a força dos seus encantos, forão taes os effeitos, & se naõ forão os effeitos, foi tal o successo, que tudo o que o Demonio executou na imagem de Deos, exprimentou, & padecéo Deos em sua propria Pessoa. Vedeo claramente. Assim como Adam, que no estado da innocencia era impassivel, ficou passivel: assim Deos, que era impassivel, por este mesmo successo se fez passivel. Adam, que por privilegio do seu estado era immortal, ficou mortal, & Deos, que por natureza era immortal, se fez tambẽ mortal. Adam, que tinha por Patria bemaventurada o Paraíso, foi lançado do Paraíso, &

Deos, que tinha por Corte o Ceo, descéo do Ceo, & se defferrou a este mundo. Finalmente, Adam ficou sojeito a todas estas penas, por causa do peccado, & Deos por occasiã do mesmo peccado se sojeitou às mesmas penalidades, naõ commettẽdo (que naõ podia) o peccado, mas tomandoo sobre sy, & pagando por elle, como se o comettéra: *Eum, qui non novit peccatum, pro nobis peccatum fecit.* Que diremos neste grande caso? Que obrãrãõ os feitiços do Demonio em Deos, tudo o que executou na sua imagem, & que ficou Deos verdadeiramente enfeiticado? Digo, que enfeiticado sim, mas naõ por força dos encantos do Demonio, senãõ pelos encantos do seu amor, pelo qual permittio, & dispensou em sy mesmo, tudo o que a Magica do Demonio havia de obrar, se pudéra, posto que naõ podia. Fallo com Santo Agostinho, & com Santo Thomás.

376 Pedio El Rey Saul a huã Feiticeira, q por Arte Magica (a qual neste caso he propriamente Nieromancia) I. Reg. 28. II. & seqq. lhe

Genes. I.  
27.

Ihe refuscitasse a Samuel, porque o queria consultar. E assim se fez. Apareceu Samuel nos mesmos trajos, em que andava neste mundo, & fallou com Saul, & satisfez às suas duvidas. Mas, ou fosse Samuel verdadeiramente refuscitado em seu proprio corpo, ou fosse a Alma de Samuel somente em corpo fantastico, & aparente, nenhuma destas cousas podia fazer a Arte Magica: porque nem o Demonio pôde refuscitar mortos, nem pôde tirar as Almas dos lugares, onde Deos as tem, ou prezas, ou depositadas, como a Alma de Samuel estava no Seyo de Abraham. Pois se nem a Feiticeira, nem o Demonio por nenhuma arte podia fazer o que intentava, como succedeu tudo assim, & do mesmo modo, que ella, & elle o tinha procurado por meyo de seus encantos? Porque ainda que a Feiticeira, & o Demonio não podia refuscitar a Samuel, nem tirar a sua Alma do lugar, onde estava, & trazella à presença de Saul, & eõ effeito nenhuma destas cousas fizeraõ; não obsta, que nõ

mesmo tempo, em que elles applicavaõ os seus encantos, obrasse Deos por sy mesmo, & por outros motivos, o mesmo que elles não podiaõ, & haviaõ de fazer, se podessem. Assim o diz Santo Agostinho na Epistola a Simplicio: *Non est absurdum credere aliqua dispensatione permisso fuisse, ut non dominante Arte Magica, vel potentia, sed dispensatione occulta, qua Phytomissam, & Saulem latibat, se ostenderet Spiritus justi aspectibus Regis divina eum sententia percussurus.* E Santo Thomás na Questão Cento & setenta & quatro da Secunda secundæ: *Nec obstat, quod arte Damonum hoc dicitur factum: quia & si Dæmones animam alicujus Sæcti evocare non possunt, neque cogere ad aliquid agendum: potest tamen hoc fieri divina virtute, ut dum Damon consulitur, ipse Deus per suum nuntium veritatem enuntiat.* Assim pois, como o Demonio com a mesma soberba, & ignorancia, com que quiz ser como Deos, quizesse tambem enfeitigar a Deos, & succedesse com effeito em huã das PESSOAS DIVINAS, o que elle

August.  
Epist.  
ad Simplicium

D. Tb.  
q. 174.  
2.2.

elle executou na sua imagẽ; não foraõ com tudo artes, nem poderes do Demonio, senaõ misericordias, & finezas do mesmo Deos, que enfeitiçado do seu proprio amor, quiz pelos mesmos me-yos reformar a sua imagem, & confundir, & encantar o Encantador della.

377 Ainda estaõ occultos maiores mysterios, & encãtes nos mesmos Mysterios do Rosario. Já não he o Demonio o que quer enfeitiçar a Deos cõ a sua imagem humana, mas he o mesmo Deos, que quer enfeitiçar aos homẽs com sua Imagem Divina. Agora vos peço maior atençaõ. A Imagem Divina de Deos he o Verbo Eterno: *Qui est imago Dei, & figura substantia eius*. Encarnou o Verbo Eterno, não sò sojeito a todas as pensoẽs da natureza, senaõ a todos os rigores da fortuna. O nascer, & morrer, foraõ pensoẽs da natureza; o nascer em huã mãgedoura sem casa, & o morrer em huã Cruz sem cama, foraõ rigores da fortuna. Quem o obrigou a todas estas sojeiçoẽs, tam alheas de

quem era, foi seu proprio Pay: *Qui proprio Filio suo non peperci*. Mas a que fim? Aqui está a profundidade do mysterio, & do encanto. A que fim, sendo o Filho imagẽ natural do Padre, tam immorttal, impassivel, & invisivel como elle, a fez Deos passivel, mortal, & visivel, vestindoa da natureza humana? E a que fim, depois de visivel, mortal, & passivel, a tratou tam aspera, tam dura, & tam rigorosamente, assim na Vida, como na Morte? O fim foi para Deos enfeitiçar os homẽs, por amor dos quaes o fizera Homem. O Demonio enfeitiça o homem, pondo os feitiços na imagem do homem; porẽm Deos enfeitiçou o homem pondo os feitiços, não na imagem do homem, senaõ na sua. E assim como nos feitiços do Demonio tudo o que o Demonio faz, & executa na imagẽ, padece o enfeitiçado em sy: assim neste modo de enfeitiçar tam diferente, & que sò podia ser invetado por Deos, o fim altissimo de sua sabedoria foi, que tudo o que elle fazia, & executava na sua imagem,

2. Cor.  
4.4.  
Hebr. I.  
3.

imagem, fizesse tambem, & executasse o homem em sy mesmo, não por encãto violento, senão voluntario, conformandose a imitação humana com a Imagem Divina. Isto he o que chamou S. Paulo: *Conformes fieri imaginis Filij sui*: & isto he o que fizeraõ como homẽs verdadeiramente enfeitçados, & encantados, todos aquelles, que excedendo os limites da paciencia, & as façanhas do amor, imitáraõ tam forte, como amorosamente, a mesma imagem, & se conformáraõ com ella.

378 A imagem, que fez a Maga, de que já fallámos, para enfeitçar a Daphnis, não só foi de huã materia, senão de duas, huã de barro, outra de cera, & ambas com futilissimo engenho. Poz huã, & outra junto do fogo, & no mesmo tempo, & com o mesmo calor, a de cera derretia-se, & a de barro endurecia-se mais. E estes dous effectos eraõ os mesmos, que com aquelle feitiço se pertendiaõ no coração de Daphnis; a saber, que para quem não amava se abrandasse, & para quem

amava se endurecesse. Assim o diz cõ tam admiravel brevidade, como propriedade, a Poesia do grande Filosofo: *Limus ut hic durefcit, & hæc ut cera liquefcit,* *Uno, eodemque igni: sic nostro Daphnis amore.*

379 Ponde agora os olhos na mesma imagem de Deos, ou no Presépio, ou na Cruz. O fogo do amor he o mesmo, & a imagem a mesma; mas no Presépio derretida, & porisso abranda os corações, q̃ enfeitça: na Cruz endurecida, & porisso fortalece os que encanta. Porque cuidais, que houve tantos Santos Confessores, & ha ainda hoje tantos Varoẽs moços, & mulheres, de heroico, & generoso Espirito, que renunciando as riquezas, & pizandõ as dignidades, & ainda os Cetros, & as Coroas, ou se retiráraõ aos desertos, ou se sepultáraõ vivos em huã covã? Sem duvida; porque a humildade, a pobreza, o desempaço, o rigor do tempo, & do lugar, & todas as outras penalidades, com que Deos no Presépio apertava, & affligia a sua imagem, enfeitçandolhe

Virg.  
Eclog. 8.

çandolhe os entendimentos, & as vontades, & derretendo-lhe os corações, obravaõ nelles os mesmos effeitos. Para que percaõ já o nome nas Historias, & a fama nas Fabelas, as Verbenas, os Myrtos, & os Lauros Magicos, & todas as outras hervas, flores, & succos, ou nascidas no Ponto, ou colhidas na Arcadia, ou arrancadas, & espremidas do Ossa, do Pindo, & do Olimpo: pois hum Minino sem mãos, & sem voz, sò com huãs palhinhas seccas faz tanto maiores encantos. E passando do Presepio ao Calvario: Porque cuidais, q̃ houve, & ha ainda em nossos dias, tantos Martyres de tam estranha, & invencivel fortaleza, tam duros, como se fossem de marmore, ou de bronze, contra as feras, contra o ferro, contra o fogo, & contra a ira, & rayva dos Tyrannos, mais feros que as mesmas feras: senaõ porque vendo as dores, & os tormentos, com que Deos martyrizava a sua Imagem encravada, & agonizante na Cruz, encantados da paciencia, & constancia, & enfeitçados do cora-

ção, & amor, com que os padecia, a sua mesma dureza os abrandava para os abraçar, & a sua mesma brandura os endurecia para os naõ sentir? Pa'smem pois, & emmudeçaõ tambem aqui, & fiquem já indignas de toda a admirançaõ, & memoria, ou as espadas encantadas dos Achilles, ou as armas fabulosas forjadas nas fornalhas do Ethna, & temperadas na Lagoa Estigia, pois hum Homem com as mãos pregadas, & morto, sò com dous lenhos atravessados pode encantar, sojeitar, & dominar o mundo: *Domuit orbem, non ferro, sed Ligno.*

380 Aas duas imagens, huã de barro, outra de cera, acrescenta Grillando a terceira, feita tambem de pedras preciosas para os mesmos feitiços amatorios. *Vel ex terra* <sup>Grillã</sup> (diz elle) *velex cera, vel ex* <sup>du: in</sup> *gemmis.* E esta he a que fo <sup>sua Ma-</sup> <sup>gia.</sup> nos faltava para complemento dos tres Mysterios do Rosario. Hum de cera nos Gozofos, brando pelas ternuras da Infancia: outro de barro nos Dolorosos, duro pelos tormentos da Cruz: & o terceiro

ceiro de pedras preciosas nos  
Gloriosos pelos resplandores  
da Ressurreição: & tudo por  
virtude do mesmo fogo: *Uno,*  
*eodemque igne.* Porque o fim,  
para que Deos nos quiz en-  
feitiçar com a sua imagem,  
conformãdonos com ella na  
imitação suave da Vida, & na  
forte, & dura da Morte, que  
são os Mysterios Gozofos,  
& Dolorosos, foi para que  
por meyo delles o merecesse-  
mos acompanhar eternamē-  
te nos Gloriosos, para os  
quaes nos tinha predestinado:  
*Quos præscivit, & prædesti-*  
*navit, cõformes fieri imaginis*  
*Eilij sui.*

## VI.

381 **T**emos visto, como  
Christo, Soberano  
Encantador, nos enfeitiça, &  
encanta em todos os Myste-  
rios do Rosário, não só por  
hum, senão por dous modos,  
ambos maravilhosos; mas o  
segundo mais alto ainda, &  
mais admiravel que o pri-  
meiro. Agora se segue o que  
Plinio affirma de certos fei-  
tiços, que he tal a sua calida-  
de, & efficacia, que aquelles, a

quem tocaõ, não sò ficam en-  
feitiçados, senão també Fei-  
ticeiros: *Tantum remanet vi-*  
*rus excepto semel malo, ut ve-*  
*nesfici fiant venena passí.* Mas  
se Christo he o que nos en-  
feitiça com os Mysterios do  
Rosário, & nós por enfeitiça-  
dos ficamos tambem Feiti-  
ceiros, a quem enfeitiçamos?  
Não menos, nem a outrem,  
senão ao mesmo Christo. El-  
le a nós com os Mysterios, &  
nós a elle com as oraçoẽs: elle  
a nós na parte Mètal do Ro-  
sário, como Vara de Moy-  
sés muda, & nós a elle na par-  
te Vocal, como Harpa de  
David com vozes.

382 Não he cousa no-  
va, posto que grande, que as  
oraçoẽs dos homẽs tenhaõ  
força de encantar a Deos. Af-  
sim o disserão os Setenta In-  
terpretes, declarando a virtu-  
de das mesmas vozes da Har-  
pa de David. David diz: *Præ-*  
*cinite Dominio:* & os Setenta: *Psalm.*  
*Excantate Dominum.* Não *146. 7.*  
são dous Oráculos, senão hũ  
sò, & o mesmo. Em David  
diz: Oray a Deos: & nos Se-  
tenta diz: Encantay a Deos:  
porque Deos he tam bom, &  
se deixa enfeitiçar, & as nos-  
sas

Plinius  
lib. 28.  
cap. 31

Genebr.  
ibi.

fas orações tam poderosas, q̄  
o enfeitição. *Excantatur Do-*  
*minus, quando sanctis carmi-*  
*nibus, & precationibus ab ira*  
*in peccatorem concepta, avellit-*  
*tur:* diz, commentando o  
mesmo verso, Genebrardo, &  
concordado o Texto de Da-  
vid com a Versão dos Setē-  
ta. Esta he a razão fundada  
na verdade do mesmo Deos;  
porque quando a sua justiça  
decreta absolutamente. algu-  
castigo, antes de proceder à  
execução, prohibe primeiro  
a nossa oração. Ao Profeta  
Jeremias prohibio Deos, que  
naõ orasse pelo Povo: *Noli*  
*orare pro populo isto.* Do mes-  
mo modo a Loth, que naõ o-  
rassse pelas Cidades infames:  
a Josué, que naõ orasse por  
Achan: & a Samuel, que naõ  
orasse por Saul. E todas estas  
prevenções anticipava Deos;  
porque no Tribunal de sua  
Justiça estavaõ sentenciados  
os castigos com decreto ab-  
soluto, & irrevocavel. Mas se  
os decretos eraõ absolutos, &  
naõ podiaõ deixar de se ex-  
ecutar, que importa, q̄ oras-  
sem, ou naõ orassem os ho-  
mēs, ou de q̄ se temia Deos?  
Assim difficulta o caso o

Jerem.  
14. 11.  
Genes.  
19. 21.  
Josue 7.  
10.  
I. Reg.  
16. 1.

doutissimo Comentador dos  
Livros dos Reis Mendoça.  
E perguntando: *Cur, quæso,*  
*Deus orari se prohibet?* Res-  
ponde: *Planè, quia timet ex-*  
*cantari.* Sabeis porque prohi-  
be Deos com tanta preven-  
ção o ser orado? He, porque  
teme o ser encantado: *Planè,*  
*quia timet excantari.* E se as  
outras orações encantaõ, &  
enfeitição a Deos, quanto  
mais as do Rosario?

383 Definindo Isaias as  
invocações, & imprecções  
Magicas, com que os Encan-  
tadores enfeitição, chamou-  
lhe em huã palavra equivo-  
lente a duas, eloquio mystico.  
Assim cõsta do Capitulo ter-  
ceiro do mesmo Profeta: por-  
que onde o Original Hebréo  
tem, *Prudentem incantatorem,*  
lé a nossa Vulgata, *Pruden-*  
*tēm eloquij mystici.* Transfe-  
rindo pois esta mesma defini-  
ção das invocações Magi-  
cas, & applicandoa às ora-  
ções Christãas, com que en-  
cantamos a Deos; a nenhuã  
quadra mais inteiramente, &  
com maior propriedade, que  
ao Rosario. E porque? Porq̄  
toda a essencia do Rosario,  
por seu genero, & por sua dif-

Mendoça  
sa ibi  
in an-  
notat.

Isai. 3.  
3.

differença, se comprehende, & declara nesta definição. Todas as outras orações são eloquio, porq̃ em todas fallamos com Deos; mas eloquio mystico, só o Rosário propriíssimamente. Eloquio; porque na parte Vocal todo consta de vozes: mystico; porque na parte Mētal todo consta de Mystérios. Assim que o verdadeiro devoto do Rosário, q̃ medita os seus Mystérios, & reza as suas orações, este he o sabio, & prudente Encantador, que encanta a Deos: *Prudentem incantatorem. Prudentem eloquij mystici.*

384. Não quero outro Expositor, senão o mesmo Profeta, & no mesmo Texto Hebréo. No Capitulo vinte & seis diz assim Hajas, fallando com Deos: *Effundunt incantationem, quando castigatio tua eis.* Quer dizer. Quando vós, Senhor, quereis castigar, ou ameaçais castigos aos homens, o que fazem os sabios, ou prudentes do eloquio mystico, he derramar contra vós os seus encantos, para que como enfeitado, ou encantado, vos quebrem as forças,

& se defendaõ da vossa ira. Mas que encantos são estes tão poderosos com Deos, ou contra elle? O nosso Portuguez Foreyro, peritissimo na Lingua Hebréa, cuja he a Versão, o declara: *Effundunt incantationes, hoc est, orationes arte compositas, & aptè concinnatas.* Os encantos, que derramaõ contra Deos estes sabios Encantadores, são huás orações compostas por tal arte, que são aptas, & tem força para o encantar. Não chegou a dizer expressamente, & por seu proprio nome, que são as orações do Rosário.

Mas que orações ha outras, por muitas, & repetidas, às quaes convenha tam naturalmente a propriedade de derramadas? Ou que Arte ha, ou pôde haver, tam sobrehumana, & verdadeiramente Divina, que lhe dêste energia, & forças, para encantar a Deos: senão a Arte, com que o mesmo Rosário foi composto, & ordenado pelo Filho, & pela Mãe do mesmo Deos? *Effundunt incantationes, hoc est, orationes arte compositas, & aptè concinnatas.*

385. Está provado o encanto.

canto. Mas o entendimento ainda dezeja saber duas cousas, que necessitaõ de declaração. Primeira: Em que consiste este encantamento de Deos? Segunda: Donde tem virtude o Rosario para o encantar? Quanto à primeira, respondo, que o encantamento de Deos consiste em ficar o mesmo Deos como ligado, & atado por força das nossas orações, & dominado, sojeito, & obediente a ellas, sem lhe poder resistir. Tudo disse Santo Antonino: *Oratio, ut ita dicam, valet contra Deū, quasi teneat eum ligatum: est enim fortis, & efficax, ut omnia vincat, & omnibus dominetur, etiam Deo.* Estar Deos como ligado, & atado, prova-se da oração de Moysés, a quem disse o mesmo Deos:

Antoninus.

Exod. 32.10.

Iosue. 10.14.

*Dimitte me, ut irascatur super meus.* E o estar dominado, sojeito, & obediente, prova-se da oração de Josué, de quem diz a Escritura: *Obediente Domino voci hominis.* E q̄ vem a ser Deos ligado, Deos dominado, Deos obediente, & sojeito, senão o mesmo Deos, & o mesmo Omnipotente encantado?

386 Já deixamos prova-do, & resolutivo cõ Santo Agostinho, & Santo Thomás, q̄ a Pythonissa, ou Maga, de que se valéo Saul, não tinha poder por força das Artes Mágicas, nem para resuscitar a Samuel, nem para o tirar do Seyo de Abraham, onde estava. Leaõse porẽm as Historias Ecclesiasticas, & achar-sehaõ mais de sincoenta resuscitados, q̄ depois de mortos, & alguns delles já sepultados, tornáõ a viver pela devação do Rosario. E quasi sãõ outros tantos exemplos, os daquelles que estando já condenados ao Inferno, por morrerem em peccado, lhe concedéo Deos novo espaço de penitencia, com que a fizeram, & se salváõ. Desorte, que nem como Autor da Natureza, nem como Autor da Graça, resiste Deos aos poderes do Rosario, deixando-se vencer, & atar da força de suas orações, ou de seus encantos. Como Autor da Natureza, não; porque quebra as leys universaes de morrer o homem huã sõ vez: & tambem não como Autor da Graça; porque tendoselhe acabado

Ubi supra.

cabado o tempo de merecer, ou desmerecer, ou como dizem os Theologos, estando já *extra viam*, lhe concede que tornem a ella, & emendem os máos passos, com que a correraõ. E esta he a resposta da primeira duvida.

387 A segunda, & não menor pergunta : Donde tẽ virtude o Rosário para obrar estes encantos, & encantar a Deos? Alguns quizeraõ, que a tivesse *ex opere operato*. E se este privilegio se houvesse de conceder a alguã orações, nenhuãs ha, que mais digna, & altamente o merecessem, q̃ a Divina do Padre-nosso, & a Angelica da Ave-Maria. Mas porque isto não sô he incerto, mas improvavel: digo, q̃ toda a virtude, que tem o Rosário para encantar a Deos, não he pela efficacia das palavras, posto que tenhaõ muita, senão pela promessa, obrigação, & fidelidade do pacto. A força dos outros feitiços, & encantos, não está nas palavras Magicas, q̃ nenhuã tem, mas he toda, & sô do Demonio invocado, & do pacto, com que se obrigou a acudir a ellas, & cumprir o

que promettéo. E se esta põtualidade se exprimenta nos pactos, & promessas do Pacto da Mentira, quanto mais nos de Deos, que he a Summa Verdade? Assim o declara Santo Athanasio com a mesma palavra de pacto sobre a promessa de Christo: *Ubi sũt duo, vel tres*: cuja oração de fine, que não pôde deixar de ter effeito, não por força das palavras da mesma oração, senão, *Pro ipsius Salvatoris pacto*. Este mesmo pacto allega David a Deos, quando orava, dizendo: *Secundum eloquium tuum eripe me*: livray-me, Senhor, não segundo as minhas palavras, com que o peço, se não segundo a vossa, com que o promettestes.

388 Mas estas promessas, ou pactos do Rosário, donde constaõ? Todos os pactos de Deos, tantas vezes repetidos na Sagrada Escritura, constaõ da Arca do Testamento, onde estavaõ guardados, que porisso se chama *Arca faderis*. E do mesmo modo constaõ os pactos do Rosário da verdadeira Arca do Testamento a Virgem Senhora nossa, por cuja sacra-

*Matth. 18.20. Athanas. in Apolog. ad Imperat. Const. tinum.*

*Psal. 118.170.*

*Num. 10.33.*

tissima

níssima boca não menos vezes foraõ reperidos, & revelados. A S. Domingos, ao Beato Aláno, seu Successor, & a muitos outros Prégadores, & devotos do Rosario, promettéo a mesma Mãe da Verdade Divina humanada, tudo o que delle temos ditto: sendo os mesmos effeitos a maior, & mais segura prova de serem todos pactos expressos. Assim que ninguem pôde duvidar, que sendo Deos invocado pelos merecimentos infinitos de seu Filho, & intercessão de sua Santíssima Mãe, nas orações de ambos, que saõ as do Rosario, deixará o mesmo Deos de obrar por virtude extraordinaria, tudo o que lhe pedirmos, sendo elle, com novo modo de encanto, o invocado juntamente, & o encantado. Esta he a obrigaçã de justiça, cõ que David em outro lugar suppunha, que Deos invocado por elle não podia faltar a suas petições; porque o mesmo, que sem pacto seria liberalidade, em supposiçã do pacto já era justiça: *Invocantem exaudivit me Deus iustitia mea.* Assim declara Psalmo,

*Psalm.*  
*42. 2.*

Padre Grego, a virtude da palavra, *Cum invocarem*, argumentando das invocações Magicas para as Divinas.

*Quoniam invocatio (diz elle) est virtutis cujusdam prastantioris occulta quaedam attractio, adductioque; siquidem Græcæ incantationibus, ac invocationibus quasdam ad se pravorum Spirituum virtutes attraherant, quin & ipsi eorum personis cum iisdem conversando vim afferbant.*

*Psellus in Catenâ PP. Græcorum.*

## VII.

389 **D**Esta maneira encantados nós por virtude do Rosario, encantamos tambem cõ elle a Christo: & sò resta, como prometti, vermos igualmente encantada pelo mesmo modo a Mãe do Soberano Encantador. O primeiro caso, com q̃ isto se prova, tem tanto de admiravel, como de lepido. Encommendavaõ se a huã Imagem da Senhora do Rosario duas Molheres, huã casada, & outra amiga, ou mal amiga com o marido. Esta como culpada pedia misericordia, & a outra como offendida

da pedia justiça. Continuáraõ  
ambas na sua oraçaõ hum an-  
no inteiro: ao cabo do qual,  
fallou a Senhora por boca da  
sua Imagem, à que pedia ju-  
stiça, & lhe disse estas nota-  
veis palavras: *Quere alium,*  
*mulier, qui tibi justitiam fa-*  
*ciat: Ego nullo modo facere pos-*  
*sum, que tam grata salutatio-*  
*ne ab illa meretrice afficior.*  
Mulher, busca quem te faça  
justiça; porque Eu de nenhũ  
modo ta posso fazer, vendo-  
me obrigada das Saudaçõs  
tam agradaveis (isto he, das  
Ave-Marias) com que a mes-  
ma, que ati te offende, a mim  
me'affeiçoa. Que faria com  
este defengano huã mulher,  
sobre zelosa, desesperada?  
Sahese da Igreja enfurecida, &  
encontrando na rua a mes-  
ma, contra quem tinha pedi-  
do justiça, começa a brádar, q̃  
a prendãõ como Feiticeira,  
& Encantadora, porque com  
as suas Artes Magicas tinha  
enfeitiçado a Mãe de Deos.  
Sãõ palayras do mesmo Au-  
tor da Historia: *Existimans*  
*Matrem Domini delusam in-*  
*cantationibus meretricis.* E  
nós, que diremos? Diremos,  
que foi imaginaçaõ, como a  
Tom. 6.

da mulher, que assim o cui-  
dou, & o disse? Naõ por cer-  
to. Com a mesma verdade,  
com que as Escrituras dizẽ,  
que as nossas oraçoẽs encan-  
taõ a Deos, com essa have-  
mos de crer, que aquellas A-  
ve-Marias da devota pecca-  
dora encantáraõ a Mãe de  
Deos. O effeito o mostrou;  
porque os encantos, & feiti-  
ços, foraõ reciprocos. Assim  
como a mulher enfeitiçou a  
Senhora cõ as suas oraçoẽs,  
assim a Senhora enfeitiçada a  
enfeitiçou tambem a ella cõ  
as suas palavras; porque tã-  
to que soube, que a Imagem  
tinha ditto, que naõ podia fa-  
zer justiça contra ella: ella no  
mesmo põto a fez em sy mes-  
ma, & emendando a vida, a  
sepultou para sêpre em huã  
estreita cela, onde nunca ces-  
sou de repetir em aççaõ de  
graças, as gratíssimas Sauda-  
çoẽs do Rosário, a que tanto  
devia.

390 Deixo de ponderar,  
que hum dos grandes prodi-  
gios, ou prestigios da-Arte  
Magica, he fazer fallar as Es-  
tatuas, como a Imagem da  
Senhora fallou no nosso ca-  
te; porque passo a outros ma-  
Z iores,

iores, & mais frequentes, em que os encantos do Rosario, não sô vencem os da Magia verdadeiros, senão também os mais fabulosos. Os encantos magicos mais decantados nas Fabulas dos Poetas, he serem tam poderosos, que chegaram a tirar a Lua do Ceo, & trazella à terra.

Virg. E. *Carmina vel Calo possunt decolor.* 8. *ducere Lunam:*

diz Virgilio: & o mesmo celebraõ Ovidio, Horacio, Tibullo, Catullo, Seneca, Lucano, Estacio, & todos, assim Latinos, como Gregos. Mas isto mesmo, que elles sô souberaõ fabular, & fingir, tẽ obrado muitas vezes verdadeiramente os encantos do Rosario em outra mais alta, & melhor Lua, que a do primeiro Ceo. Fallando o Profeta Habacuc da Ascençaõ de Christo, & da Assumpçaõ de sua Gloriosissima Mãy, diz, que no dia da Ascençaõ se elevou o Sol, & no dia da Assumpçaõ se poz a seu lado a Lua: *Elevatus est Sol, & Luna fecit.* He o que tinha dito David: *Astitit Regina à dextris tuis.* Sendo pois a Rainha dos Anjos a Lua, do

Haba-  
cuc. 3.  
II.  
Ex  
Græco.  
Psalm.  
44. 10.

Ceo Emyreo, vede agora quam poderosos saõ os encantos do Rosario para a trazer do Ceo à terra: *Calo ducere Lunam.*

391 Hum Capitaõ Catholico pelejando com poucos Soldados contra muitos Hereges, de q se vio em grande aperto: porque era devoto do Rosario, o mesmo Rosario lhe trouxe a Lua do Ceo à cãpanha: & sendo socorrido da Mãy de Deos, a mesma Senhora tomou a vãguarda, & lhe deu vitoria: Huã Senhora Espanhola, sendo cativa pelos Mouros de Granada, que a mããraõ servir em huã cavalherica: porque era devota do Rosario, o mesmo Rosario lhe trouxe a Lua do Ceo áquelle humilde lugar, onde no dia do nascimento de Christo pario hum filho, a quem chamou Mariano, em memoria da Virgem Maria, que a assistio no parto, & ella, & o filho se acháraõ derepente livres na Igreja de Santiago de Galiza, donde eraõ naturaes. Hum Eclesiastico descõfiado dos Medicos, por huã chaga na garganta, que lhe impedia a

*Nota*

*Nota*

*Nota*

rel.

respiração: porque era devoto do Rosário, o mesmo Rosário lhe trouxe a Lua do Ceo junto ao leito, onde jazia, & a mesma Mãe de Deos com hum rayo de leite de seus sagrados peitos, que lhe instillou na boca, o farou em hū instãte. Huã Molher Portugueza cõdennada à morte, & enforcada em Lisboa: porque era devota do Rosário, o mesmo Rosário lhe trouxe a Lua do Ceo áquelle sitio, que tam indigoo parecia de tam soberano Planeta: & apparecendolhe a Senhora na mesma forma, lhe sustentou a respiração, & a vida por muitas horas; atè que levada à sepultura se levantou della, não resuscitada, mas viva. Hū Religioso moço, tentado, & resoluta a deixar o Habito: porque era devoto do Rosário, o mesmo Rosário lhe trouxe a Lua do Ceo à cela, & mostrandolhe a Rainha dos Anjos com hum vestido meyo bordado de Ave-Marias de ouro, lhe mandou, q̄ perseverasse atè o acabar, & que entã iria vestir o que tãbem se lhe preparava na Gloria. Huã Pastorinha pobre

estando já agonizante: porque era devota do Rosário, o mesmo Rosário lhe trouxe a Lua do Ceo à sua choupana: & a mesma Mãe de Deos a afflitio atè espirar, & com hū luzidissimo acompanhamento de Virgēs, & Coros de Anjos, lhe foi dar sepultura na mesma Ermida, onde rezava. Hum Moço Francez muito dado a outros vicios, mas casto: porq̄ era devoto do Rosário, o mesmo Rosário lhe trouxe a Lua do Ceo a casa no dia das vodas; as quaes porèm lhe impedio a Soberana Virgẽ cõ hū accidente mortal, dizêdolhe, que por casto queria por Bispo seu, & não de outrẽ. Finalmẽte, porq̄ seria materia infinita, se a houvessemos de profeguir, bastẽ os Exemplos referidos em todo o genero de pessoas, estados, & perigos, para que conste quanto mais poderosos sãõ os encantos verdadeiros do Rosário, que os fabulosos da Arte Magica.

392 Mas porque os Professores della para suas feitiçarias, não sõ se costumãõ valer dos despojos dos mortos, mas muito particularmente

*Plin.* mente dos enforcados, como já em seu tempo notou Plinio: para que até esta propriedade não falte aos feitiços do Rosario, quero acabar com hum successo por todas suas circunstancias tam maravilhoso, como grãde. No Reyno de Valença houve hum Fidalgo rico, & moço: com que já está ditto quaes seriaõ os seus pensamentos. Deu em festejar com passeos publicos huã Senhora cazada, de igual, ou maior calidade; mas tam honesta, como illustre. Chegou a noticia ao Marido: & não tã para dissimular o seu agravo, mas para o vingar, com pretexto de passar os calores do Estio no campo, se passou com toda a familia a huã quinta. Andados alguns dias, entrõu em hum apozẽto, onde estava sã a Molher, deu volta à chave, & tirando de hum punhal, lhe mandou que eferevesse o que lhe ditasse. Respondéo a Senhora, muito segura, que nem para a sua obediencia eraõ necessarios punhaes, nem para a sua innocẽcia havia temores. Escrevéo: & o que continha o papel ditado, era estranhar

ella ao Fidalgo dos passeos o descuido de a não ver naquella retiro: avisandoo, q se era por falta de occasiaõ, naquella noite a tinhaõ boa, por estar o Marido ausente. Que fosse sã, como o pedia o segredo: que acharia a porta do jardim aberta, & huã escada arrimada a huã janela: que subisse por ella, & seria bem recebido.

293 Mandada, & entregue esta carta, com as cautelas necessarias, já se vé, qual seria o contentamento do Moço, tam facil de enganar, como cego. Deu o parabem à sua fortuna, vestiofe da melhor galla: & tanto que foraõ horas, montando no cavallo, de que mais se fiava, se poz a caminho. Lembrouse nelle (que não foi pouco em tal occasiaõ) que ainda naquele dia não tinha rezado o Rosario, como costumava: & ao mesmo tempo, em que o acabava de rezar, ouvio huã voz, q lhe dizia: Cavalleiro, pâra. Olhou, & como não visse pessoa alguã, proseguiu. E a voz outra vez: Cavalleiro, pâra, chegate aqui. Era este lugar da estrada junto à forca

força publica, donde, segundo as Leys daquelle Reyno, se não tiraõ os justicados em todo hum anno. E parecendo-lhe, que dentro do cercado estava quem lhe fallava; apeouse, tirou pela espada, & entrou a reconhecer quem seria. Entaõ lhe disse hum dos Enforcados, que por piedade Christã lhe cortasse o barço. Fello assim: cahio o Enforcado em pé: & em agradecimento do beneficio, q̃ tinha recebido, lhe pedio, que o tomasse nas ancas, porque o havia de acompanhar naquella jornada. Resistio o Cavalleiro, respondendo, que não podia ser, por quanto lhe importava ir só: mas foraõ tam vivas as razoës, que lhe deu o morto, que houve de condescender com ellas: & foraõ ambos.

394 Chegados ao jardim, acháraõ a porta aberta, & a escada arrimada: & indo o Fidalgo para subir, teve maõ nelle o Enforcado. E pedindo-lhe a capa, & o chapeo: Eu sou, disse, o primeiro, que hey de provar esta aventura, para que se faça com toda a segurança. Subio: & não ti-

nha bem entrado pela janella, quando se ouviu o ruido das armas, com que o Marido, & os Criados, o esperavaõ de maõ posta: & foraõ tantas as estocadas, com que o passáraõ de parte a parte, q̃ como morto, & mais q̃ morto, o lançaõ pela mesma janella. Cahio outra vez em pé, & tornáraõ a montar ambos no mesmo cavallo. Desceraõ os de casa a enterrar secretamente o corpo, para que se não soubesse o caso: & como o não achassem, entenderaõ, que não tinha vindo só, & q̃ os criados o haviaõ retirado: & sem haver homicidio, se homiziáraõ todos. Quem vio já mais semelhantes encantos? Mas o morto, que caminhava nas ancas do vivo, lhe declarou quem era a Encantadora, & qual o instrumẽto.

395 Eu, Senhor (disse o Enforcado ao Cavalleiro) sou, & estou tam morto, como vós haveis de estar a esta hora, se a Mãe de Deos vos não livrára: & livrouvos, porque todos os dias rezaveis o seu Rosário. Esta, que em mim parece vida, & esta voz, que ouvis, tudo he fantico:

tafico: por isso me não matádo com tantas feridas, & espadas, que para a vossa morte estavaõ aparelhados. Se vós subireis pela escada, vós haveis de ser o morto; & não sò no corpo, mas na Alma: porque a porta, que vos esperava aberta, não era sò a do jardim, senão a do Inferno, donde vos não podiaõ livrar os passos, & tẽçaõ, que levaveis. Agradecey a vida, & a salvaçaõ, a quem a deveis, & a mim ( porque já tinhaõ chegado ao posto da força) me restitui ao lugar, donde me tirastes. Com estas palavras nos ouvidos, & com esta declaraçaõ, do que sem o entender tinha visto, confuso, & assombrado, se retirou o Eidalgo moço a sua casa; mas tam outro, & com tam differente juizo, como se naquellas poucas horas se tiveraõ passado muitos annos. Deu tal volta à vida, que a todos, & a si mesmo, mais parecia encantado, que convertido. Os que õ tinhaõ conhecido escandalos da Cidade, pasmavaõ de o ver o maior exemplo della: os que imaginavaõ, que o tinhaõ mor-

to, criaõ que resuscitára: & elle, que sò sabia o que passára, vendose com Alma por meyo de hum cadaver, vivo por meyo de hum morto, & tirado do Inferno, por meyo de hum fantasma cahido da força, & depois pendurado nella: tudo isto, que mais pareciaõ sonhos, julgava haverem sido encantamentos. E verdadeiramente assim eraõ; porq̃ elle por meyo do Rosario tinha encantado a Mãe de Deos, & a Senhora pelo merecimento do mesmo Rosario o tinha transformado, & encantado a elle.

to, criaõ que resuscitára: & elle, que sò sabia o que passára, vendose com Alma por meyo de hum cadaver, vivo por meyo de hum morto, & tirado do Inferno, por meyo de hum fantasma cahido da força, & depois pendurado nella: tudo isto, que mais pareciaõ sonhos, julgava haverem sido encantamentos. E verdadeiramente assim eraõ; porq̃ elle por meyo do Rosario tinha encantado a Mãe de Deos, & a Senhora pelo merecimento do mesmo Rosario o tinha transformado, & encantado a elle.

396 E haverá à vista de hum tam prodigioso acontecimento, quem não exclame com as vozes do Evangelho: *Beatus venter, qui te portavit* Haverá, quem se não sinta enfeitigado destes encantos da Senhora do Rosario? Os Escribas, & Fariseos, que attribuaõ o milagre a Arte Magica, diziaõ, que fora obra do *In Beelzebub Principe Demoniorum*. E se ha tantos, q̃ se deixem enfeitigar pelo Principe dos Demonios: Não he melhor a cada hum, ser enfeitigado da Rainha dos Anjos?

Luc. II.  
15.

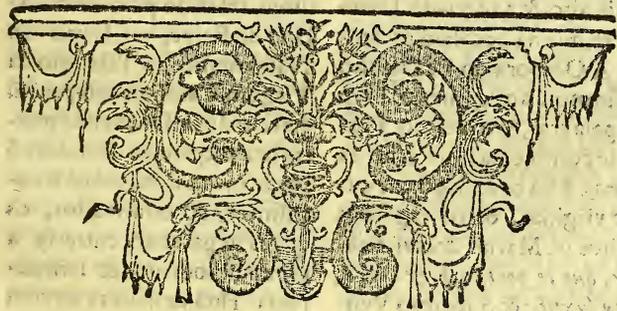
jos? Desfazer huns feitiços  
 com outros feitiços, posto  
 que muitos Juristas o renhaõ  
 por licito, he erro' condemnã-  
 do, & deñido pelo Direito  
 Canonico. Mis aquella Al-  
 ma, que tam enfeitiçada an-  
 dava do amor profano, os  
 feitiços do Rosario a defen-  
 feitiçaráõ. Porisso S. Joãõ  
 Damasceno em nome dos  
 que assim andaõ, naõ a ou-  
 trem, senaõ à Virgem Maria,  
 pedia desefeitiçasse o seu co-  
 raçaõ: *Cor meum malefico Ser-*

*pentis veneno inficionatum po-  
 tenti pharmaco tuo conserva.*  
 Isto he o que devem pedir  
 à mesma Senhora, todos os  
 que se sentirem inficionados,  
 do mesmo veneno: esperan-  
 do da poderosissima virtude  
 dos seus encantos, que por el-  
 les seraõ livres, naõ sò dos  
 perigos da vida, mas restitui-  
 dos do peccado à Graça, &  
 perseverando na devaçãõ do  
 seu Rosario, até a morte,  
 tresladados à Eternidade da  
 Gloria. Amen. I

Mancis  
 qde 3.  
 & 4. de  
 B.Virg.

D4-  
 mase.in

# FINIS.



SER-



# S E R M A M

## X X V I.

*Beatus venter, qui te portavit, & ubera, que  
suxisti. Luc. 11.*

I.

397



**E**STE Texto, tantas vezes repetido, & por tãtos modos ponderado, nunca teve mais alto, & adequado Interprete, que na occasiã presente. A Oradora do Evangelho o formou antigamente com as palavras, & o mesmo Texto se commenta hoje com as obras. Ella beatificou o Ventre virginal, & os sagrados peitos de Maria: *Beatus venter, qui te portavit, & ubera, que suxisti:* & o mesmo Ventre, & os mesmos peitos de Maria se canonizaraõ hoje pela virtude, & milagres do

Luc. 11  
27.

seu Rosario; porque o Ventre virginal suprio outro ventre, & os peitos sagrados supriã outros peitos.

398 He caso singular, & por todas suas circunstancias admiravel, o que agora direy, referido pelo Beato Alãno de Rupe, no Livro do Nascimento do Psalterio da Virgem. Caminhavaõ por hũ deserto duas Donzellas mõtanhizas, quando lhe sahiraõ ao encontro dous lobos ferocissimos, & esfaimados, os quaes repartiraõ entre sy a preza innocente, & sem defenta. Huã dellas era devota do Rosario, que rezava todos os dias: a outra naõ. A esta se avançou hum dos lobos,

Beat.  
Alan. de  
Rupe.

bos, & lançandolhe os dentes à garganta, a degolou, & cahio morta. O que succedéo à outra, quero referir pelas palavras do mesmo Autor, q̄ são estas: *Qua Rosarium Beatissima Virginis recitare consueverat (mirares!) lupus ejus ubera abruptit, ventrem discerpit, viscera voravit. Et adhuc triduo vixit, in quo syncere confietur, devotè communicat, fiducialiter moritur. A Maria in extremitis visitatur, & ad calorum gaudia perducitur. Quer dizer: Aà Dõzella, que rezava o Rosario, arremetéo o outro lobo, arañeoulhe os peitos, rasgoulhe o ventre, & lhe coméo, & devorou todas as entranhas. Emorréo tambem esta logo, como a companheira? Assim havia de ser naturalmente. Mas porque era devota do Rosario, a Virgem Senhora nossa, sem coraçã, nem entranhas, a cõservou viva tres dias: nos quaes se confessou maito devagar, & commungou devotamente: & no cabo delles a visitou a mesma Senhora: & como se o lobo fora tyranno, & ella martyr, a levou direita ao Cco. Lembre:*

monos agor a daquellas palavras, que saõ o mais glorioso comment o do nosso Texto: *Ejus ubera abruptit, ventrem discerpit.* E vendo a esta Donzella sem peitos, & sem ventre, viva comtudo, quem haverá, que naõ repita muitas vezes à Soberana Obradora de tam singular, & estupendo prodigio: *Beatus venter, qui se portavit, & ubera, qua suxisti?* Bemaventurado o Vêtre virginal: *Beatus venter*; porque suprio o outro ventre: *Ventre discerpit:* & bemaventurados os peitos sagrados: *Beata ubera*; porque suprião os outros peitos: *Ubera abruptit.*

399 Este caso particular como commento tam proprio do Thema, que prepuz, será o fundamento do meu Discurso: o qual porèm do particular se estêderá ao commum, para que sirva a todos. Veremos pois com a Divina Graça, que assim como a Virgem Senhora nossa em premio da devaçã do Rosario suprio nesta sua devota a falta do que tam necessario lhe era para esta vida, & para a outra: assim supre, & suprirá em todos os que tiverem a  
mesma

mesma devaçãõ, toda a falta do conveniente para a vida temporal, & toda a falta do importante para a eterna.

*Ave Maria, &c.*

## II.

400 **Q**UE havia de ser deste miseravel mundo, tam defeituoso, & necessitado, depois que pelo peccado, & corrupçãõ do primeiro Homem cahio da perfeiçãõ, & abundancia, com q̃ Deos o tinha criado, & enriquecido; se a Providencia, & Misericordia Divina o não provêsse de hum remedio igual à mesma necessidade, que fosse o suprimento universal de todas as nossas faltas? Este suprimento, Devotos, he a Virgem poderosissima, Senhora nossa, a qual não sò desde seu nascimento por inclinaçãõ, & natural piedade, mas ab æterno desde sua predestinaçãõ, & por força della, foi escolhida, & destinada por Deos para este gloriosissimo fim. Perguntaõ os Theologos, no caso em que Adam não peccára, se havia de encarnar, ou não, o Filho

de Deos? E a sentença mais bem fundada nos secretos do mesmo Deos, que elle nos revelou nas Sagradas Escrituras, he, que seu Filho o Verbo Eterno no tal caso não havia de encarnar, & q̃ por conseguinte não havia de ter Mãy, nem havia de haver no mundo a Virgem Maria. Mas como Adam peccou, ou havia de peccar; representada na previsaõ da Sciência Divina aquella culpa, que justamente se chama felice: *O felix culpa*: esta foi a razão, & motivo, porque Deos predestinou a Humanidade de seu Filho, para q̃ como infinito reparador daquelle peccado dêsse justa, & adequada satisfaçãõ à Divindade ofendida.

401 Se o mesmo Verbo porèm se podia fazer Homem sem ter Mãy, como Adam: porque ordenou tambẽ Deos ab æterno, que natcesse de mulher com segunda predestinaçãõ, ou segunda parte della, tambẽ não necessaria, mas livre? A razão foi, dizem todos os Santos, para que assim como huã mulher fora a que metéo no mundo a falta da  
obc.

obediencia, & da graça; assim fosse outra mulher o reparo, & suprimimento della: a falta por Eva, & o suprimimento por Maria. Desorte, que ab eterno, & por força de sua propria predestinação foi concebida, escolhida, & destinada a Virgem Senhora nossa, primeiro para reparar, & suprir as faltas da primeira Mãe no Paraiso, & depois as do genero humano em todo o mundo. Tudo nos dirá a mesma Virgem antes de seu nascimento em figura: & depois de nascida, em Pessoa.

402. Quem mais desemparrado nesta vida, & mais faltado de tudo o necessario para ella, que o Minino Moyses, quando seus pays, não podendo já esconder à ira de Faraó, porque elle chorando se descobria, para o não affogarem com suas proprias mãos, o lançaraõ à corrente do Rio em huã cestinha de juncos, que só tinha de barquinha o fer cateferada. Faltaraõ lhe ao Minino no Rio o pay, & a mãy, que ficavaõ em terra; faltayaõ lhe na barquinha os remos, a vella, & o piloto; faltayaõ sobre tu-

do o mantimento, despedido já dos peitos, que lhe davaõ o leite: finalmente faltavaõ elle a sy mesmo, porque não tinha braços para nadar, nem juizo para conhecer o seu perigo, nem voz para pedir o remedio. Assim hia navegando dentro do seu proprio naufragio, amortalhado nas faixas, & metido na cestinha de juncos o pequeno Aragonauro do Nilo, quando apparece na ribeyra, Maria sua irmã, encaminhada pelos pays a explorar o successo. Oh venturoso infante, no meyo dessa que parece a tua maior desgraça! E Maria assistea Moyses? Pois ainda q̃ faltado de tudo, ella lhe supria quanto lhe faltava. Ninguem queira à barquinha melhor guia, nem melhor piloto, que os olhos, que Maria levava postos nella. Bem mostrou aqui, que já figurava no nome, & nas acções, aquella que depois se chamou Senhora da Guia, & da Boa Viagẽ. Os olhos pois de Maria (q̃ nesta occasião verdadeiramente exaõ espiras) contra a vella, & força da corrente, feroõ alando a barquinha à praya, & r-  
mon

Exod  
3. 5  
199.

199.

mou porto o Minino , não menos q̄ nos braços da Princesa do Egypto. Buscase ama para lhe enxugar as lagrimas, & lhe dar leite: offerece-se Maria para a ir buscar. E quem vos parece q̄ traria? Sò o engenho de quẽ tinha tal nome podia dar em tal traça. A q̄ trouxe para ama, foi a mesma mãy de Moysés: à qual o entregou a Princesa com grandes recommendações de que o criasse como filho, & com promessa Real, de que lhe seria muy bem pago aquelle cuidado. Agora pergunto: Se lhe falta já a Moysés alguma de tantas cousas, quantas ainda agora lhe faltavaõ? Já tem mãy, já tem pay, já tẽ sustento, já tem terra, já tem vida: & já tem o que lhe não faltava, nem esperava ter, que he ter filho adoptivo do mesmo Rey do Egypto, que o tinha mãdado lançar aos Crocodillos do Nilo. Assim sabe suprir Maria as faltas dos q̄ se encommendaõ a ella, ainda que não sejaõ elles os que se encommendem. E que será, se forem seus irmaõs, como Maria era irmaã de Moysés, & o saõ da Virgem Ma-

ria os Irmaõs do seu Rosario? Mas ainda là não chegamos.

403 Passando ao Testamento Novo. Celebraraõ-se em Canã de Galiléa huãsvodas, & diz o Evangelista, q̄ a Mãy de Jesu se achou alli: *Et erat Mater Iesu ibi.* Não Ioan. 2. faltará quẽ estranhe, ou quãdo menos se admire, de que a Virgem Maria se achasse alli, & assistisse a semelhantes convites, & festas de vodas. Não como Virgem; porque o estado virginal, posto que tam sublime, não despreza, nem cõdenna o do Matrimonio; mas como Mãy do Salvador: *Mater Iesu.* Como Mãy do Salvador estava, & parecia muito bem a Senhora ao pé da Cruz: *Stabat juxta crucem Iesu Mater ejus:* Ioan. 19. 25. acompanhando seus desemparos, padecendo as mesmas dores, & cooperando à mesma redempção. Alli he que parecia muito bem a Mãy de Jesu: Mas em vodas, & banquetes: *Erat Mater Iesu ibi?* Sim. Estava, & assistia ao banquete, & às vodas, para suprir o que nellas faltasse: & onde ha, ou ha de haver falta, alli he

he, que não pôde saltar a Minha hora de fazer milagres ainda não he chegada. *Erat Mater Iesu ibi.* Christo, Mas nem porisso desistio a Senhora de proseguir o remedio daquella falta, dizendo aos que serviaõ, que fizessem o que seu Filho lhe mandasse: como se lhe differa a elle: Se a vossa hora de fazer milagres não he chegada, o meu cuidado, & obrigaçãõ de suprir o que falta, não tem horas: a mesma hora, em que as cousas faltaõ, como agora, essa he a minha hora. *Mãdoudo emfim o Senhor, que as jarras, em que tinha faltado o vinho, se encheffem de agua, a qual logo se converteo com abundancia, & melhoría, no mesmo licor, que faltava.* Deste modo suprio a piadosissima remediadora naquella falta, não huã só, senão muitas faltas, & faltas de muitos. Ao Archireclino, ou Mordomo, suprio a falta da advertencia, aos desposados a falta da prevençãõ, à mesa a falta de bebida, & até ao mesmo Christo a falta da hora, fazendo que se anticipasse a que não era chegada. Finalmente, de todos os que estavaõ presentes, só a Senhora

ad-

*Ioan. 2. 2.*  
que vieraõ convidados: *Vocatus est Iesus, & Discipuli ejus.*

Porém da Senhora não se diz que a convidassem; porque ella mesma, & a sua providencia, & a sua obrigaçãõ, a convidou, & trouxe alli, para que se à pobreza, ou negligência dos desposados faltasse alguma cousa, ella com sua charidade, & advertencia a suprisse. O effeito o mostrou, & assim foi, suprimdo milagrosamente a falta que houve: *Deficiente vino.*

*idem* 404 Mas ouçamos a replica de Christo, em que mais resplandece esta providencia, & poderes da Soberana Mãe. Representou a Senhora a seu Filho, como Criador de todas as cousas, a falta, que havia: *Vinum non habent:* & o Senhor como estranhando a proposta, respôdeó: *Quid mihi, & tibi?* E que vos pertence a vós, nem a mim, na casa, & na mesa alhea, o que falta? *Nondum venit hora mea:* a

advertio a falta: porque no Mordomo era para se condemnar, nos desposados para a sentir, nos convidados para a estranhar, & sô na Senhora para a suprir.

## III.

405 **A**SSIM foi escolhida desde sua predestinação a Virgem Maria, & assim he propensa, & applicada desde seu nascimento neste mundo tam defeituoso, a remediar, & suprir todas as faltas, q̄ nelle se padecê; mas muito mais depois da instituiçã do seu Rosario, em socorro, & em premio dos devotos d'elle. Agora entra em seu proprio lugar a memoria do prodigioso caso, que representey ao principio, no qual naõ he facil ponderar, nem ainda comprehender, as muitas, & varias faltas, & sobre difficultosas, implicadas, que a Senhora alli suprio, & por modo sobre toda a admiração admiravel.

406 Suprio a vida na falta de todos os meyo, & instrumentos da mesma vi-

da: & contra todas as disposições, & causas da morte, fez, que por aquella grande porta (que he pequeno o nome de ferida) se naõ sahisse derepente a Alma, mas ficasse alli detida. Sô quem bem comprehêder a anatomia do corpo humano, a dependencia, & harmonia de todas as suas partes, & o artificio admiravel, com que occulta, & insensivelmente na officina das nossas entranhas estaõ continuamente trabalhando os instrumentos, que o sustentaõ (por onde disse David ao mesmo Artifice Divino desta fabrica: *Mirabilis facta est scientia tua ex me:*) sô quem tudo isto souber comprehender, & ponderar, poderã dignamente conhecer quantas maravilhas se encerraõ em se naõ separar a Alma daquelle corpo, tam desbaratado, & vasio, & se conservar nelle viva huã molher, tendo lhe arrancado, & comido huã fera todo o interior das entranhas. Faltavaõ lhe sem ellas o sangue, faltavaõ lhe as vevas, faltavaõ lhe as arterias, faltavaõ lhe os espiritos animaes, & vitæ, faltavaõ lhe sobre

bre tudo o coração, principio, & fonte da vida : & que neste estado vivesse, fallasse, entendesse, & exercitasse inteiramente todas as operações da vida sensitiva, & racional, lembrando-se, com a memoria, de seus peccados, arrependendo-se delles com a vontade, & confessandoos com a lingua, & só não batendo nos peitos, porque os não tinha? Oh maravilha sobre todas as maravilhas, em que a Mãe do mesmo Soberano Artífice, parece, que competio com elle, & o venceu na mesma obra. Se vissemos, que rotas as rodas de hum Relógio; cahidos os pezos, & parado o movimento de todas as outras partes daquelle abreviado Laberinto, na campainha comtudo foassem regularmente as horas, & o braço por fóra as fosse apontando com o mesmo compasso, & ordem: não seria hum prodigio estupendo, & já mais visto? Pois este he o nosso caso. E tanto mais admiravel, & portentoso, quanto vay de hum Relógio artificial, que soube inventar a industria dos homens, ao natural, & sobre-

humano, de que dependem as horas, & annos de nossa vida, que só pode traçar a Sabedoria, & fabricar a Omnipotencia de Deos.

407 E para que se veja, quam notavel maravilha foi, que não só descomposta, mas perdida toda a fabrica interior daquelle corpo sem coração, nem entranhas; a Alma comtudo o não deixasse, & continuasse a obrar na falta dos mesmos instrumentos, o que fazia com elles: lembrem os estes ossos desconjuntados, que vio Ezechiel em outro deserto. Chamou por elles o Profeta, prometendolhes, que lhes daria Alma, & vivirão: *Ecce, ego intromittam in vos spiritum, & vivitis*: mas essa Alma, quando se introduzio nelles, & quanto foi necessario, antes que chegassem a viver? Primeiro que tudo diz Ezechiel, que os ossos se ajuntarão, & unirão cada hum em seu lugar, & à sua juntura: logo, que se atarão entre sy com os nervos: depois que se encherão de carne com todas as differenças della: ultimamente, que se vestirão, & cobrirão de pelles:

Ezechiel  
37.5.

pelle: porém, que com todas estas disposições de vida, ainda estavaõ morto, & não se lhe tinha introduzido a Alma: *Accesserunt ossa ad ossa, unumquodque ad juncturam suam. Et vidi, & ecce super ea nervi, & carnes ascenderunt: & extenta est in eis cutis desuper, & spiritum non habebant.* Pois se aquelles corpos estavaõ já organizados, & perfeitos, & com todas as disposições necessarias para a introdução da Alma: porq se lhe não introduzio logo, como o Profeta tinha prometido: *Intromittam in vos spiritum, & vivetis?* Porque as disposições do corpo são obra das causas segundas, & a introdução da Alma, como a sua criação, pertence só à primeira. Porisso mandou Deos segunda vez a Ezechiel, que em seu nome mandasse ás Almas, que se introduzissem naquelles corpos: *Vaticinare ad spiritum, & dices: Hac dicit Dominus Deus: A quatuor ventis veni spiritus: & insuffla super interfectos istos. Et ingressus est in ea spiritus, & vixerunt.*

*Ibidem*  
 7.8.

*Ibidem*  
 9. 10.

entrarem as Almas nos corpos, não bastou, que elles estivessem organizados, & com todas as disposições naturaes para ser animados; mas foi necessario, que depois dessas disposições Deos as criasse, & unisse como acção, & obra propria da sua Omnipotencia. Onde se vê huã notavel differença, com que as Almas entraõ, ou saem dos corpos. Para entrar nelles, não basta terem as disposições: para sairem, basta, que lhe falem. E a razão desta segunda parte he, porque a Alma se define: *Actus corporis organici potentia vitam habentis.* E faltando ao corpo a organização, & instrumentos, cõ que a Alma exercita todas as suas operações vitaes, natural, & necessariamente deve deixar, & apartarse do mesmo corpo, porque estando nelle ociosa, não seria Acto. Esta separação pois naturalmente necessaria, he a que impedio no nosso caso a poderosa mão da Senhora do Rosario, detendo aquella Alma, & mandandolhe, que não desamparasse o corpo, posto que tam desbaratado, destituido,

408 Demaneira, que para

tuido, & falto de todas as disposições, & instrumentos necessarios às operações da mesma Alma. E se me perguntarem curiosamente os Filosofos: Se esta Alma assim impedida, & detida, ficou violada? Digo, que não; antes mais privilegiada, & enobrecida pela mesma Senhora, q̄ não sabe fazer mercês a huns com violencia de outros. E ficou mais enobrecida, & privilegiada, como digo, porque obrando sem instrumentos, onde todos faltavaõ, o que as outras Almas não podem sem elles, foi levantada a hũ grão quasi divino, como Deos, que tudo o que obra juntamente com as causas segundas, pôde obrar por sy mesmo.

## III.

409 **O** Modo, com que a Mãe do mesmo Deos suprio quanto faltava naquelle corpo quasi cada-ver, mas verdadeiramente vivo, já disse, que foi sobre toda a admiração admiravel; porque não substituiu os peitos arrancados com outros

Tom.6.

peitos, nem o coração com outro coração, nem o ventre, & entranhas, com outras; mas com a mesma privação das cousas, que lhe faltavaõ, ou com o nada dellas suprio todas. He fineza de suprimimento já mais visto, nem nas obras do mesmo Deos, desde o principio do mundo. Nos tres primeiros dias da criação, porque ainda não havia Sol, que foi criado ao quarto, suprio Deos a falta do Sol com a luz, & ella fez os dias: *Fiat lux, & facta est lux. Appellavitque lucē diem.* Genes. 1. 5. Depois de criada Eva, faltavalhe a Adam a costa, de que fora formada, & suprio Deos a falta da mesma costa com outra tanta carne: *Replevit carnem pro ea.* Matou Caim a Abel, & suprio Deos à mãe a falta daquelle filho com outro, chamado Seth, como ella mesma disse: *Posuit mihi Deus semen aliud pro Abel.* Era tamudo Moysés, & impedido da lingua, & suprio lhe Deos a falta da lingua com a boca, & lingua de Aram: *Ipse loquetur pro te ad populum, & erit os tuum* No Deserto falou o paõ ao Povo, & suprio

Aa

Deos

*Numer.* Deos com o Mannâ : faltou  
 20. 2.  
 II. a agua, & suprio com huã fô-  
 I. *Ad* te, que os seguia : faltou a  
*Corinth.* carne, & suprioa com bandos  
 10. 4. de aves: faltou finalmente o  
*Numer.* mesmo Moyfés, & suprio  
 II. 13. Deos a sua falta com Josué.  
 31. 32. Desorte, que sempre Deos  
*Iosue* I. suprio a falta de huã cousa  
 I. 2. com outra: mas suprir a falta  
 cõ a mesma falta, ou a cousa  
 com a privaçãõ, & o nada  
 della? Esta fineza de suprir  
 guardou Deos para sua Mãy.

4.º Na criaçãõ do Mũ-  
*Genes.* do, criando Deos de nada,  
 I. 1. suprio o nada com o mesmo  
 Mundo: & naquelle corpo  
 humano (que tambẽ se cha-  
 ma Mundo pequeno ) tam  
 desbaratado, suprio a Senho-  
 ra o Mũdo com o nada. Mas  
 este nada foi mais maravi-  
 lhofo, suprido , que o da  
 criaçãõ suprido . Excíta S.  
 Joãõ Chryfostomo huã que-  
 staõ, em materia que parece  
 a naõ tem, & pergunta: Se he  
 Deos mais maravilhoso nas  
 obras da criaçãõ, ou da con-  
 servaçãõ? Todes dizem, que  
 a maravilha he igual, porque  
 a obra, ou a açãõ he a mes-  
 ma. Porém Chryfostomo fi-  
 losofando mais alta, & sutil-

mente, diz, que mais mara-  
 vilhofo he Deos na conserva-  
 çãõ das cousas, do que foi na  
 criaçãõ dellas. E porq? Por-  
 que o nada, de q? Deos criou  
 o Mundo, naõ repugnava,  
 nem resistio à criaçãõ: porẽm  
 depois das cousas criadas, co-  
 mo ellas saõ corruptiveis, &  
 de sua natureza propendem,  
 & correm para o nada, este se-  
 gundo nada repugna, & re-  
 siste à conservaçãõ. As pala-  
 vras de Chryfostomo, para os  
 que as entendem, saõ estas:

*Siquidem cadentia, & ad ni-*  
*hilum tendentia continent, non*  
*minus est continere mundum,*  
*quam fecisse. Sed si oportet alii-*  
*quid, quod admireris, dicere;*  
*adhuc amplius est: nam in fa-*  
*ciendo quidem ex nullis extan-*  
*tibus rerum essentia producta*  
*sunt; in continendo verò que*  
*facta sunt, ne ad nihilum re-*  
*deant, continentur. Hæc ergo*  
*dum reguntur, & ad invicem*  
*compugnãtia coaptantur, mag-*  
*num, & valde mirabile, & plu-*  
*rima virtutis indicium decla-*  
*rant.* Desorte, que como o  
 nada, de que Deos criou to-  
 das as cousas deste Mundo,  
 naõ repugnava, nem resistio  
 à criaçãõ dellas, & pelo con-  
 trario

*D. Chry-*  
*ost. in*  
*cap. 1.*  
*ad He-*  
*br. v. 3.*

trario o nada, a que ellas depois de criadas por sua natural corruptibilidade propendem, ajuda, & chama a sy a mesma corrupçãõ, & deste modo refite a que se sustentem, & conservem: muito mais maravilhoso, & poderoso se mostra Deos hoje em fazer, que não tornem a ser nada, do que se mostrou no principio em as fazer, & criar de nada. E quai destes nada foi aquelle, cõ que a Senhora do Rosario suprio na sua devota a falta de todos os instrumentos da conservaçãõ, & da vida? Não ha duvida, que foi este segundo nada, & tanto mais admiravel, quanto as partes principaes, & mais virtaes do mesmo corpo, não só não estavaõ já no estado da corruptibilidade, mas tinhaõ passado ao da corrupçãõ, para que bastavaõ poucas horas, se a mesma Senhora a não impedira.

V.

411 **M**AS antes que concluamos este Discurso, & as maravilhas do caso, quero satisfazer a

huã objecçãõ, que há muito estou vendo tem todos no pensamento. Assim como a Senhora do Rosario por virtude do mesmo Rosario, & em premio de o rezar todos os dias, fez esta tam notavel mercé à sua devota, não era mais facil conservalla totalmente sem danno, & não cõsentir que o lobo lhe tocasse? Pois porque permittio, que tam cruelmente a ferisse, e pedaçasse, & comesse? Se a q não rezava o Rosario, a matasse, como matou, hum dos lobos, & à outra a venerasse ambos, & a deixassem livre, & intacta; parece, que entãõ campeava com maior lustre, & se manifestava melhor a virtude do Rosario, como a mesma Senhora tem feito outras vezes.

412 Dous Estudantes de Filosofia na Universidade de Lovaina, companheiros, & amigos, & nas inclinações viciosas (como ordinariamente succede) muito semelhantes, tendo passado o dia em huã casa, ou covil da sensualidade, com todas as intemperanças da gula, & da torpeza, continuavaõ tambem a

Aa 2                      noite,

noite. Soando porèm as onze horas, hum delles, que tinha por devaçãõ rezar todos os dias o Rosario, lembrado que ainda não tinha satisfeito àquella obrigaçãõ, contra a vontade, & instancias do cõpanheiro (o qual ficou, & o exhortava a ficar) se despedio d'elle, & se recolheo a sua casa, onde se poz a rezar, bẽ alheo do q̃ no mesmo tempo succedia. Não tinha bem acabado o Rosario, quando o mesmo companheiro, de q̃ se apartara, lhe appareceo feyo, & medonho, ardendo todo em labarédas de fogo: & lhe disse, que os peccados daquelle dia tinhaõ sido os q̃ acabaráõ de encher a medida dos seus, & que por elles o cõdannára a Justiça Divina à morte repentina, & ao Inferno, onde já estava ardendo, & arderia por toda a Eternidade. Pois se eu (replicou attonito o amigo) se eu vos acompanhey tambem nos mesmos peccados, como me não condemnou a mesma Justiça? Porque vós (respõdeo) rivestes valedora, & eu não: & esse Rosario, que tendes nas mãos, & a Senhora d'elle,

vos livrou, instando, & allegando os Demonios, que também devieis ser cõdannado. Em summa, que aqui se cõprio a predicçãõ de Christo Senhor nosso: *Duo erunt in a-* Luc. 17.  
*gro: unus assumetur, & alter* 35.  
*relinquetur*. E assim como dos dous Ladroẽs, que o mesmo Senhor no Calvario tinha aos lados da Cruz, sendo ambos igualmente malfeitores, hum porque orou, & se encomendou a elle, se sal- Luc. 23.  
vou; & o outro, porque não 42.  
fez o mesmo, se perdéo: assim sendo iguaes nos peccados estes dous companheiros, o que era devoto do Rosario, & o antepoz à continuaçãõ do depravado appetite, escapou da morte, & do Inferno, & o outro morréo improvissamente, & se condemnou.

413 Poderá agora negar alguẽ, que nesta mesma differença se acreditou grandemente o Rosario à vista de dous effectos tam encontrados, em sojeitos tam semelhantes, hum livre, & salvo, porque todos os dias offerrecia este tributo à Mãe de Deos, & o outro condemnado para sempre, porque a  
não

naõ servia com elle? Pois do mesmo modo parece, que se manifestaria mais a virtude desta soberana devaçãõ, & a gloria da mesma Senhora, se hum dos lobos mataffe, como marou, a montanheza, q̃ naõ rezava o Rosario, & o outro se naõ atrevesse a tocar a que o rezava? Acrefcento, que tambem esta abstinencia, & respeito na fereza, & voracidade do lobo, naõ seria o primeiro, nem o maior exemplo do Rosario, quando no nosso caso se exprimentasse assim. O que agora referirey, he verdadeiramente singular, & por proprio da nossa Corte, creyo, naõ será ingrato aos que o lerem. Cahio por desastre de huã janella do Paço huã Minina da Rainha, & cahio para maior desgraça em hum pateo, onde se guardava encerrado hum Leaõ, em cujas gattras a lamentaçãõ todos por morta, quando escapasse da quẽda. Levava a Minina o seu Rosario por gala ( que eraõ os collares das Senhoras naquelle tempo) & tambem o rezava, porque assim se ensinavaõ as filhas, & o faziaõ as

Damas. Acodto logo o Mestre da Leoneira, & gente, & o que viraõ, & ouviraõ, foi, que tendo o Leaõ arremetido à Minina, ella lhe tinha lançado o seu Rosario ao pescoço, & corredolhe as maõszinhas pela gadelha, o estava afagãdo, como se fora huã cachorrinha de estrado: & lhe dizia com muita graça: Leaõ, naõ me comas, porque hey de ir fer Freira a Castella. O segũdo Autor desta Historia he o Padre Joaõ Antonio Velasquez, Castelhana, & o primeiro o Padre Joaõ de Rho, Milanez, ambos da Companhia de Jesu, & bem conhecidos por seus doutissimos Escritos. Naõ apontaõ o tempo, em que succedẽo; mas dizem, que a Minina de sangue illustrißima se chamava Dona Anna de Almeйда; & que em cumprimento do que tinha allegado ao Leaõ, fora Religiosa em Castella: correspondendo bem na fantidade da vida ao milagre, com q̃ Deos lha tinha guardado. E se a virtude do Rosario pode amansar a fereza, & mitigar a voracidade de huã Leaõ: claro estã, que mais facilmente

*Velasquez de Maria Advocata novara lib. 2. adnot. 20. Relib. var. Hist. de Virtus.*

te, & com menor força, & violencia, faria o mesmo em hum lobo. Pois porque razeão a mesma Senhora do Rosario, que não faz excelção de idades, nem calidades, permittio, que o lobo executasse tal carniceria nesta sua devota, & lhe comesse os peitos, & o coração, & lhe devorasse as entranhas.

## VI.

414 **E**STE mesmo argumento fizeraõ na morte de Lazaro, os que conheceraõ quanto Christo o amava, vendoõ chorar sobre a sua sepultura: *Non poterat hic, qui aperuit oculos cæci nati, facere, ut hic non moreretur?* Este, que deu vista ao cego de seu nascimento, não podia fazer, que Lazaro, a quem tão to amava, não morresse? Elles diziaõ assim, porque duvidavaõ do poder de Christo; & nós, que conhecemos a sua Omnipotencia sem limite de caso, nem tempo, ainda poderos apertar mais a duvida, ou a admiração. Elles diziaõ, porque lhe não impedio a morte; & Eu dando hum pas-

so mais atrás, dissera: porque lhe não impedio a enfermidade? E já que permittio a enfermidade, porque o não farou, antes que morresse? De tudo deu a razeão o mesmo Christo, dizendo, que o fim desta permissão não fora a morte de Lazaro, senão a gloria do Filho de Deos:

*Infirmis hæc non est ad mortem, sed ut glorificetur Filius 4.*

*Dei per eam.* E em que consistio esta gloria do Filho de Deos? Consistio, em que maior, & mais estupendo milagre foi resuscitar a Lazaro morto, do que fora sarallo enfermo. *Distulis sarare, ut posset resuscitare*: diz Santo Agustinho: não o quiz sarar, para o poder resuscitar. De forte, que podendolhe impedir a morte com a vida, & a enfermidade cõ a saude, não quiz fazer o que podia, para mostrar quanto mais podia. E esta mesma razeão, que teve a gloria do Filho de Deos no caso de Lazaro, he a que teve a gloria da Mãe de Deos no nosso. Não quiz fazer o que podia, impedindo que a fera tocasse a devota do seu Rosario, para mostrar quan-

Ioan. II.  
37.

to mais podia, conservando a viva sem coraçãõ, nem entranchas: *Ut glorificetur Mater Dei per eam.*

415 Mas onde acharey Eu hũ paralelo, que me declare esta gloria, & acabe de ponderar a estranheza de tam estupenda maravilha? Daqui por diante he necessario subir ao Ceo, porque não ha semelhanças na terra. Resuscitou, & subio ao Ceo Christo, Redemptor nosso, & lá está cõ as Chagas das mãos, & pés, & com a do Lado, abertas, & não sò vivo, mas immortal. A Chaga do Lado, era, & he tam larga, que coube por ella a mão de Thomé: *Affer manum tuam, & mitte in latus meum:* & he tam profunda, & penetrante, como dada para acabar de segurar a morte, em caso que no corpo verdadeiramente morto se escondessẽ ainda alguãs reliquias da vida. Tẽdo pois bastado para lha tirar as quatro Chagas dos pés, & mãos: que agora com ellas, & com a do Lado, tanto maior, & em partes mais vitaes, viva, & se conserve immortal a sagrada Humanidade, &

assim ferida, & aberta haja de viver sempre? Milagre he natural sòmente do Ceo para admiraçãõ gloriosa, & contemplaçãõ eterna dos remedos com o Sãgue das mesmas Chagas. Mas como este Sangue no mesmo instante divino, foi recebido do Ventre virginal de Maria, & nutrido, & augmentado com o leite de seus sagrados peitos: cousta he, se por huã parte estupenda, por outra de nenhũ modo admiravel: que ao mesmo Ventre virginal, & aos mesmos peitos sagrados communicasse o mesmo Sangue tal virtude, que na terra, que he a patria da corrupçãõ, a hũ corpo aberto cõ tantas Chagas, & tam mortaes, lhe pudessem conservar, & suprir a vida, & não com outro supprimento ( como se vé nas Chagas de Christo ) senãõ a mesma Senhora por sy mesma.

416 Este modo de suprir por sy mesmo, & consigo mesmo ( para que subamos mais alto ) não o faz, ainda no Ceo, a Humanidade sacratissima, senãõ a Divindade do mesmo Deos. Quando nos

pintaõ as felicidades do Ceo, ainda os Autores Canonicos, descrevem Palacios, Jardins, Banquetes, Galas, & todas as outras cousas preciosas, & agradaveis, com que se deleitaõ os nossos sentidos; & se ornaõ os nossos corpos na terra. E posto que muitos creaõ, que tudo isto ha no Ceo, o mais certo he, que saõ sòmente metáforas, & semelhanças, accomodadas à medida da nossa curta capacidade, & que no Ceo não ha, nem fazem falta cousas tam baixas, & rasteiras, & tam inferiores à alteza daquelle sublimissimo, & incomparavel estado. Que ha logõ no Ceo, & cõ que supre Deos, ou cõ que ha de suprir aos nossos corpos tudo isto? Sõ S. Paulo, que o vio, o soube dizer:

1. Cor.  
13. 28.

*Ut sit Deus omnia in omnibus:* tudo isto supre Deos em todos sò por sy mesmo, & sò comsigo mesmo. No Ceo não ha faltas, que suprir: mas para que haja o que ha na terra, & no Ceo não faz falta, tudo isso supre, & sustitue o mesmo Deos por sy mesmo, & comsigo mesmo: *Deus omnia in omnibus.* Tal foi em cõ-

clusãõ o modo sobre todo o encarecimento admiravel, cõ que a Mãe do mesmo Deos suprio no corpo da devota do seu Rosario, tudo o que lhe tinha roubado, & comido a voracidade da fera. Lẽbremonos das palavras do Beato Alano. Rompêolhe o lobo o ventre: *Ventrem discerpit:* & por sy mesma, & comsigo mesma lhe suprio a Senhora esta falta; porq̃ o ventre virginal lhe suprio o ventre: *Beatus Venter, qui te partavit.* Arrancoulhe o lobo os peitos: *Ubera abrumpit:* & por sy mesma, & cõsigo mesma lhe suprio tambem esta falta; porque os peitos sagrados lhe supriãõ os peitos: *Beata ubera, que suscipi.*

417 E para que ninguẽ duvide, que estas maravilhas saõ singularmente proprias da Virgem Maria, emquanto Senhora do Rosario, & pelos merecimentos do mesmo Rosario; o mesmo Filho, que trouxe no mesmo Ventre, & criou aos mesmos peitos, o celebrou, & cantou assim na sua lingua, que he a do Texto Hebréo. Fallando Christo do Sagrado Ventre de

*Cant. 7.* de sua Mãy, diz: *Venter tuus sicut acervus tritici, vallatus rosis*: & fallando dos sagrados peitos, diz do mesmo modo: *Ubera tua, sicut duo hinnuli gemelli caprea, qui pascuntur in rosis*. Logo iremos às rosas. Ponderemos primeiro as duas extraordinarias comparações do Ventre, & dos peitos, que como são bucolicas, & pastoris, ambas são rústicas, & do campo: O Ventre, diz que he como na eyra o monte de trigo: *Venter tuus sicut acervus tritici*. A proporção, que tem o trigo com o Ventre, he, que à quelle se ordena ao sustento deste: logo se o Ventre louvado he como o trigo: *Sicut acervus tritici*: he hum Ventre, que sustêta outro ventre. E este foi o milagre do Ventre virginal, que sustentou depois de ser comido o ventre da devora Pastora. Os peitos, diz que são como dous cabritinhos mōtezes gemeos, que estão mamando: *Sicut duo hinnuli gemelli, qui pascuntur*. Os peitos não são os que se sustentão do leite, se não os que sustentão com elle: logo se os peitos são co-

mo os que os mamaõ: *Sicut hinnuli*: são peitos, que sustentão outros peitos. E estes foram os peitos sagrados, que sustentaraõ os da mesma Pastora depois de serem pasto do lobo. Isto posto, agora entraõ as rosas. E porque diz o mesmo Texto, que as rosas são as que defendem o vêtre: *Vallatus rosis*: & as rosas, as que sustentão os peitos: *Qui pascuntur in rosis*? Porque o milagre do ventre, & peitos da Pastora ( não elles sustentados nella, senão ella sustentada sem elles ) tudo foi por milagre das rosas, que tambem em metaphora do campo, no nome, & na virtude representavaõ o Rosario.

## VII.

418. **D** Este caso particular, tam prodigioso, como de tronco se seguem os frutos universaes, que Eu prometti colher delle: sendo certo, como agora veremos, que assim como a Virgem, Senhora nossa, em premio da devação do Rosario supri nesta sua devota a falta de quão lhe era necessario para esta

esta vida, & para a outra: a-  
sim suprirá em todos, os que  
tiverem a mesma devaçãõ, to-  
da a falta do conveniente pa-  
ra a vida temporal, & impor-  
tante para a eterna. Vaõ ago-  
ra todos, & cadahum, repre-  
sentando o que lhe falta, ou  
põde faltar em hum, & outro  
genero: & Eu lhe mostrarey,  
como tudo supre a Senhora  
por meyo do seu Rosario.

419 Começando pelo  
temporal. Que vos falta? Fal-  
tame, o que supre todas as  
faltas, que he o dinheiro. Isto  
diz hum pobre, & o podem  
dizer todos. Mas Eu lhe digo,  
que se rezarem o Rosario to-  
dos os dias, a Mãy de Deos  
lhe suprirá esta falta, tam  
abundantemente, que naõ sò  
lhe naõ falte o que pedem no  
mesmo Rosario, que he o sus-  
tento de cadadia, mas tenhaõ  
com que sustentar, & reme-  
diar a muitos. Houve em dif-  
ferentes tempos em Frãça hũ  
Homem nobre, & em Ale-  
manha huã Molher de igual  
calidade, os quaes tendo na-  
cido muito bem herdados,  
vieraõ a cair em tam extrema  
pobreza, que viviaõ do que  
pediaõ de esmola. E como a

miseria depois da felicidade  
he maior miseria, & ha mis-  
ter maior paciencia, prégan-  
do por aquellas Provincias o  
Beato Alãno, a ambos recei-  
tou o seu remedio universal,  
q̃ era a devaçãõ do Rosario.  
O Homẽ, & a Molher, o fize-  
raõ assim: & foi coufa mara-  
vilhosa, que dentro em pou-  
co tempo, sem saber como,  
nem por onde, se acháraõ cõ  
tanto cabedal de fazenda, que  
os que dantes pediaõ esmola,  
sustentavaõ com as suas a to-  
dos os pobres da terra, em q̃  
viviaõ. E esta foi (notay) esta  
foi a segunda, & maior mercẽ  
da Rainha dos Anjos; porque  
naõ sò lhe deu as riquezas,  
senaõ o bom uso dellas, sem  
o qual os maiores thesouros,  
antes saõ castigo, que favor  
do Ceo.

420 Ha mais, a quem  
falte alguã coufa? Sim: &  
quem menos se cuida: os Ri-  
cos. Eu, diz algũ delles mu-  
to triste, tenho Morgados, te-  
nho Herdades, tenho Juros,  
tenhos Rendas, tenho Com-  
mendas: mas que importaõ  
todos estes chamados bens da  
fortuna, se me falta a succes-  
saõ, & naõ tenho a quem os  
deixar?

deixar? Acabar-se-ha a minha casa em mim, & ficará sepulrada comigo. Bem parece, que ou naõ sois devoto da Virgẽ Maria, ou naõ rezais o seu Rosario. Os primeiros ascendentes desta Senhora, que forãõ, Abraham, Isaac, & Jacob, tambem naõ tinhaõ filhos, & os alcãçaraõ por oraçoẽs. Rezay o Rosario, & Deos volos darã, tam proprios da sua maõ, que vos naõ arrendais, como muitos, de os haver tido. Este mesmo conselho deu S. Domingos à Rainha de França, estando aquella Coroa sem Herdeiro, & a Senhora do Rosario lhe deu hum tal filho, qual foi, & he, S. Luis. Pela mesma devaçãõ alcançou outro filho huã Senhora illustre dos Paizes de Hollanda, o qual a liberalissima Rainha do Ceo lhe deu duas vezes: porque succedendo morrer em menor idade; assim como lho tinha dado nascido pelo Rosario, assim pelo mesmo Rosario lho tornou a dar resuscitado.

421 Quem mais se queixa de lhe faltar o que ha mister? Hum Soldado. E porque

se queixa? Naõ por falta do Soccorro, Farda, ou Paõ de Muniçãõ, que muitas vezes tarda, ou naõ chega; mas pelos riscos da vida (diz elle) de que os Soldados naõ temos hum momẽto seguro, & sem perigo. Alguns trazem consigo certas Oraçoẽs falsamente acreditadas, as quaes nem lhe valem cõtra os inimigos, nem com os mesmos Cabos, a quem obedecemos: & se houvera outras, com que seguramente se suprisse esta falta, sò entãõ se pudera ser Soldado. Ora tende bom animo; que Eu vos inculcarey quem sò a pòde suprir, & como. Rezay todos os dias o Rosario, & a Virgem, Senhora nossa, vos livrará por meyo delle de ambos esses perigos. Em Flandes, que na nossa Era foi o Theatro de Marte mais sanguinolõto, apertados muitas vezes poucos Soldados Catholicos de hum grande Exercito de Hereges, o remedio, de que se valeraõ, foi rezarem todos o Rosario, o qual traziaõ a tiracolo por banda, como tambem a Imagem da mesma Senhora pintada nas Bandeiras: & com esse

este estratagemas do Ceo, não são se defenderao sempre vivos, mas nunca deixarao de sair vencedores. Isto quanto ao primeiro perigo: em que tambem se exprimetou muitas vezes, que dando as balas nos peitos dos devotos do Rosario, se amassavao, como se fossem de cera. Mas se a hu Soldado não basta são escapar dos inimigos, & tal vez não periga menos nas severissimas Leys da propria Millicia: tambem para estes casos, em que não aproveitaõ valias, a melhor appellação he para a do Rosario. Condennados à morte dous Soldados, por quebrarem hum bando do Duque de Alva: o Confessor, por ser tam inexoravel o General, os desenganou, que haviaõ de morrer sem duvida; mas que se encommendassem à Senhora do Rosario. Hum de bizarro, ou obstinado, não quiz: o outro porèm se poz ao rezar com a devaçõ, & affectos, que o aperto pedia. Sahiraõ em fim ambos ao supplicio, cada hum em seu jumento, como se usa naquellas partes de Hespanha (porq̃ o Exercito marchava contra

Navarra;) & o successo foi, q̃ passando os dous jumentos cercados de Justicas, & Guardas por defrõte de huã Igreja, o que levava o Soldado, q̃ tinha rezado, rompéo pelo meyo de todos com tal furia, que o não puderaõ deter: & entrando pela Igreja, foi parar em huã Capella da Senhora do Rosario, debaixo de cuja immunidade, não só ficou seguro, mas livre.

422 Ao Soldado se segue bem o Pleiteante (que tambem os pleitos são guerras:) E que lhe falta? Ando (diz) arrastado com demandas, & não são me falta o favor, mas temo, que tambem me falte a justiça; porq̃ ambas estas cousas se vendem, & não tenho com que as comprar. Perigo so estado he esse: mas a Virgem, Senhora nossa, costuma tomar a seu cargo os negocios de seus devotos. Rezay o seu Rosario, & se tendes razaõ, não vos faltará justiça; porque o seu favor he taõ superior a tudo, q̃ nenhuã cubiça o pôde prevenir, nem alguã dependencia estorvar. Nesse mesmo perigo se vio huã Viuva, a quem

quem por demanda pertenda tirar o remédio. As partes eraõ ricas, & poderosas, & ella vendose sò, & desemparrada, recorreo ao patrocínio da Mãe de Misericordia, a quem rezava o Rosario todos os dias. Fezse o feito concluso, & vistos os Autos com os olhos postos no poder, & authoridade dos pleiteantes, & naõ no merecimento da causa, o Juiz escrevéo a sentença contra a Viuva: & subindo ao Tribunal, tambem a pronunciou contra ella. Mas, oh maravilhas da soberania maõ, que tudo pôde, & nunca desempara a quem se val do seu patrocínio! As palavras, cõ que o Juiz pronunciou a sentença, se lhe trocarã na boca de tal sorte, que imaginando, que condemnava a Viuva, todos ouviraõ, que condemnou as partes contrarias: & indose reconhecer os Autos, na sentença, que elle escrevéra com a mesma formalidade, em que a quiz pronunciar, se acharãõ tambem as letras trocadas, & a causa julgada a favor da devora do Rosario. Assim mudou a Mãe de Deos a lin-

gua, & a penna do injusto Juiz; o qual, posto que tam se meihãte a Pilatos, nem pode dizer: *Quod scripsi, scripsi*: Joan. 19 nem: *Quod dixi, dixi*: porque 22. disse o contrario do que quiz dizer, & se vio escrito o contrario do que escrevéra.

423 Ha alguã outra Mulher, queixosa da sua fortuna? Sim: & naõ Viuva, mas Casada. Queixase como honrada, naõ do seu estado, mas de lhe faltar o agrado de seu Marido, o qual divertido em outra parte, lhe naõ guarda a fé, & lealdade devida. Grande dor, & verdadeiramente desesperada, pois o vinculo, que havia de ser de uniaõ, se trocou em garrote da Alma, & naõ o podendo desfatar senã a morte, he o maior tormento da vida! Mas se para abrandar essa dureza de vosso Marido lhe applicares o remédio do Rosario, vereis como Deos lhe muda o coração. Assim o aconselhou S. Domingos a huã Senhora Francesa, que com ser do Sangue Real, padecia esses mesmos desprezos. Sõ quinze dias havia (numero sagrado nos Mystérios do Rosario) que ella o

rezava por esta tenção; quando o Marido dormindo foi levado em vição ao Inferno, & là lhe foraõ mostradas as penas, que lhe estavaõ aparelhadas, & padecẽ os Adulteros. Eraõ huns leitõs abraçados em fogo, & labarédas escuras, que exhalavaõ de sy huns vapores intoleraveis ao cheiro: & aqui jaziaõ os miseraveis, acompanhados de serpentes feyas, asquerosas, & medonhas; huãs, que lhe rohiaõ os olhos, outras a lingua, outras o coração: & todas enroscadas nelles os cingiaõ, & apertavaõ com tal excessõ de dores, que lançando horrendas maldiçoẽs sobre sy, & sobre seus passados deleites, com gritos, & alaridos desesperados atroavaõ todo o Inferno. Isto vio o Marido assombrado, attonito, & tremendo. E a Molher, que vio? Vio derepẽte o mesmo Marido prostrado a seus pés, pedindo lhe perdaõ com infinitas lagrimas, & tam mudado, & verdadeiramente arrependido, que ella enternecida se compadecia já mais das suas contriçoẽs, do que tinha sentido os seus peccados.

V O U repetindo tantos Exemplos, porque a variedade delles em todos os Estados, & a maravilha, com que a Virgem do Rosario acode a seus devotos, & lhe supre tudo aquillo, de que se vẽ faltos, creyo que vos naõ causará fastio; & mais sendo tam necessario ao Assumpto, que seguimos, que sem elles naõ se pôde provar, nem persuadir. Quem mais temos queixoso, & desconsolado de sua vida? Elle o dirá. Sou hum Homem do mar, que agora vim de Argel, onde dey por meu resgate, & perdi em huã viagem, quanto tinha ganhado em muitas: q̃ como se diz entre nós, A agua o dá, & a agua o leva. Nem posso deixar o officio, porque naõ tenho outro, nem este se pôde aturar por falta de remedio a dous males, que o naõ tem. E quaes são? Tempestades, & Mouros: porque os outros Costarios, se roubaõ, naõ cativaõ. Ora sabey, que naõ ha mal sem remedio, & Eu vos darey hũ para elles

estes dous males, que he o Rosario, se foreis devoto del- le. Quanto aos Mouros, já teréis ouvido, que passando da Africa à Contracosta de Hespanha, se emboseão alli para cativar os caminhan- tes. Fazia pois o mesmo cami- nho hũ Religioso Leigo Por- tuguez, quando se vio cerca- do de huã tropa delles. E q̄ faria? Tirou o seu Rosario, que todos os dias rezava, mo- stroulho, & como se de cada Conta sahisse hum rayo, su- bitamente ficaraõ todos ce- gos. Deu graças à Senhora, & rindose delles, continuou seu caminho. Contra as Tempes- tades vos posso provar a mes- ma efficacia do Rosario com a propria experiencia. Nave- gando Eu do Maranhãõ para Portugal, se virou o navio de- tal sorte, que a quilha ficou fõra da agua, & o resto dentro do mar atè às escotilhas. Era- mos quarenta & hum os que nele vinhamos, & passados todos ao costado, emquanto totalmẽte se naõ hia apique, fizemos voto em voz alta de rezar todos os dias da vida o Terço do Rosario (como ti- nhamos feito em toda a via-

gem) se à Senhora nos livra- va das gargantãs da morte, em que todos nos imagina- vamos dentro de poucos inf- antes. Mas nem poucos se puderaõ contar: porque no mesmo p̄to se tornou a vol- tar, & endireitar o navio: & nós como resuscitados tor- nãmos a entrar nelle. E porq̄ naõ estava capaz de fazer via- gem por falta de mastos, & vellas, appareceo logo outro, que nos tomou, & lançou em terra. Nesta mesma carreira do Brasil cahio hum Mari- nheiro ao mar, a quem naõ puderaõ recoher os do na- vio. Era devoto do Rosario, encommendou se à Senhora, & no cabo de quatro dias hũ grande peixe o trouxe a bor- do sobre o espinhaço: & elle subindo ao convez com as- sombro de toda a Cõpanha, tornou a encher o numero, & lugar, em que tinha faltado. Maior maravilha ainda. O Capitaõ Alãno famoso nas Hiistorias do Rosario, de que era devotissimo, indose ao fũ- do no meyo do mar hum na- vio, em que navegava, & af- fogandose todos, sô elle no mesmo lugar se achou em huã

*Nota*

*Nota*

huã praya: & caminhádo por terra, a qual era desigual em pequenos oiteryros, & alguns montes, no fim delles advertio (porque os hia contando) que os montes eraõ quinze, & os oiteiros cento & sincoenta; porq̃ do mesmo Rosario, que rezava, lhe tinha feito a Senhora sobre as ondas do mar huã ponte de terra firme.

425 E porque entre tanta variedade de estados, & exercicios, se não queixem os Professores das Letras, de os não metermos neste numero, diganos hum Estudante o que lhe falta, que não he facil confessar em gente desta profissão. Faltame, pôde dizer algum, a memoria, & a habilidade, & por mais que estudo, & queimo as pestanas, não posso suprir estes dous defeitos. Tal era hum sojeito, chamado Alberto, q̃ depois foi tam insigne nas letras, que merecéo o nome de Magno; porque lhe suprio huã, & outra falta, a Virgem Senhora nossa. Rezaylhe vós o seu Rosario, & logo experimentareis o mesmo favor, como se vio com prodigio.

so exemplo em hum Minho sem estudo. Não tinha outra livraria mais que hum Livro do Rosario, o qual lia, & meditava com grande applicação todos os dias: & cõ esta sã lição aprédéo, & soube tanto, que em todas as faculdades era consultado, & ouvido com admiração de todos os homẽs mais doutos. *Quomodo hic (diziaõ) litteras scit, cum non didicerit?* Ioan. 7. 15.

Mas se Deos ensinou quanto sabia em huã sã palavra, que he o Verbo: que muito he, q̃ a Mãe de Deos ensinasse tanto nos quinze Mysterios do mesmo Verbo, que são outros tantos Capitulos daquelle Livro? Outro Estudante, a quem não faltava memoria, nem habilidade, era tam rude para a Poesia, que não sabia ajuntar tres sylabas, que corresse em verso: mas ensinado, não de seu Mestre, senão de sua Mãe, que rezasse o Rosario, elle lhe abriu a veyra com tal fecundidade, que não sã excedéo logo a todos os condiscipulos com grandes ventagẽs, mas igualou os Poetas de maior fama.

426 Ha ainda quem pa-  
deça

deça alguã falta, que haja de suprir a Soberana Mãe de Misericordia? Ainda; mas porque se não acha, nem pôde achar neste auditorio, falará por interposta pessoa. Que vos falta? Faltame a liberdade; porque estou prezo. Não vos pergunto, se estais innocente, ou culpado, porq̃ ainda não está averiguado na Escola das dores, se he maior a dor na culpa, ou na innocencia. De qualquer sorte porrẽm que seja, sede devoto da Virgem Senhora nossa, & tẽde confiança, que o seu Rosario vos defatará as prizoẽs; & vos porá em liberdade. *Nota* Añado estava a huã forte corrente com os pés metidos em grilhoẽs, & as mãos em algemas, esperando pela sentença, que o mesmo rigor da prizaõ prometia ser de morte, hum Homem verdadeiramente delinquente, o qual melhor aconselhado para aquella trance, do que o tinha sido nos passos, que a tal estado o trouxeraõ, fez voto à Virgem Maria, se o livrava, de rezar o seu Rosario todos os dias, que lhe restassem de vida. Fulminou se finalmente

Tom. 6.

a sentença, & na noite da manhã, em que havia de sair a ser justicado, rotos milagrosamente todos os ferros, que o prendiaõ, se achou fóra do carcere, & tam longe, que só deixou às Justicas a admiracaõ, de quanto mais poderosas saõ as misericordias da Senhora do Rosario. Mas não paráraõ aqui. Com este exemplo se começou a rezar o Rosario publicamente em todo o carcere: & não se pásáraõ muitos dias, que todo elle (como o Limbo dos Padres no dia da Resurreiçaõ) amanheceo vazio, & despojado; porque abertas sem violencia, nem outra industria, as portas, todos se purzeraõ em salvo.

427 Em fim, pois fallamos dos ausentes, infinitos saõ aquellos, a quem falta a saude, que he o fundamento de todos os bens, & gostos da vida. E se as enfermidades, q̃ ou molestaõ a mesma saude, ou a tiraõ totalmente, não tem numero; tambem o não tem os milagres de cada dia, com que a Virgem Senhora nossa por meyo do seu Rosario supre, & restitue esta fal-

ta inteiramête. Se estais doente de febres, ou sejaõ chronicas, ou agudas, ou sejaõ ethicas, ou tizicas; de todas sãra a devaçãõ do Rosario. Se padeceis nos olhos, nos ouvidos, na lingua: muitos Cegos, muitos Surdos, muitos Mudos recuperãraõ o uso destes sentidos pela mesma davaçãõ. Ella he o mais presente remedio contra a Pedra, contra a Gotta, contra a Hydropezia, & contra a mesma Peste gèral, de que tem livrado Cidades, & Reynos inteiros. Que direy de chagas encanceradas, de feridas penetrantes nas partes mais vitaes, & de accidentes subitos, & apopletricos? Que direy de Mancos, Alejados, & Tolhidos, sem movimento, nem sentido, & totalmente baldados? Que direy dos Eneergumenos, aos quaes não valêraõ medicamentos, nem Exorcismos, livres pela virtude deste soberano remedio, unívèrsal sem exceiçãõ? Até de doudice confirmada, de q̃ os milagres de Christo nos não deixãraõ exemplo, são muitos, os que pela mesma virtude se tem restituído a

perfeito juizo. Assim, que não ha falta alguã de quanto pertencea esta vida, ou sejaõ bẽs da natureza, ou da fortuna; em qualquer estado, que a Senhora do Rosario por meyo delle não supra, & remedee tam liberal, & misericordiosamente, como temos visto.

## IX.

428 **D**Epois do que he conveniente, & necessario à vida temporal, segue-se o que importa à eterna, q̃ he a q̃ sò importa. Quatro cousas podem faltar a quem a dezeja conseguir. Resistencia contra as tentações, Contriçãõ para os peccados, Graça, & Perseverança nella. E todas estas faltas, como da maior, ou unica importancia, supre a Mãe da mesma Graça pela devaçãõ do seu Rosario.

429 Quanto à resistencia das tentações, huã Mulher, tam bem parecida, como mal intencionada, tentou em Mexico a hum Moço, o qual se rendeo facilmente a consentir na tentaçãõ. E saindose ambos, por conselho della, a hum

hum lugar fóra da Cidade, accomodado à execuçõ do que tinhaõ concertado, a Molher lhe disse, que primeiro havia de apartar de sy hum Rosario, que trazia ao peçoço debaixo do vestido. Admirado o Moço, de que ella viffe o que trazia tam occulto, começou a suspeitar mal, tanto da vista, como da condiçãõ, que lhe punha: & respondéo, que por nenhum a contecimento, nem por todos os interesses do mundo apartaria de sy o Rosario, q todos os dias rezava à Mãe de Deos. Tam fortemente tinha arraigada na Alma a devaçãõ, o mesmo que tam facilmente se tinha rendido a consentir no peccado. E que fez a Molher, ouvida esta resistencia? Subitamente deixou de parecer o que parecia, & se manifestou o que era; porque debaixo daquelle disfarce era o Demonio, o qual transformado em hum monstro de figura feissima, & horrenda, lhe disse: Esse Rosario te valha, & as muitas vezes, q o tens rezado; porque se o apartáras de ti, eu te havia de levar logo ao Inferno. Ficou

o Moço tam penetrado do q vira, & ouvira, & tam desenganado, & arrepedido da fraqueza, em que tinha cahido; que por mais diligencias, que depois fez o Demonio, representandofelhẽ em outras figuras, com que õ impotunava a peccar, invocãdo sempre o patrocínio da Senhora do Rosario, a nehuã tentaçãõ se rendéo já mais.

430 Outro Moço em Pariz tendo sollicitado huã Molher casada, & naõ a podendo reduzir, se valéo para isso de huns Nigromantes, os quaes, & os Demonios com elles, o ajudassẽ. A tão chega a temeridade furiosa do amor cego. Mas aqui se mostrou o Rosario em dous diferentes casos singularmente maravilhoso. O primeiro foi, que naõ podendo os Demonios vencer a Molher em todos os dias, em que rezava o Rosario, fizeraõ taes perturbacoẽs na casa, que hum dia o naõ pode rezar, & logo se rendéo à tentaçãõ. O segundo, que rendida já, & saindo de noite a buscar o Moço, q a pertedia, a Senhora do Rosario tocou, & trocou o co-

*Nota*

ração do mesmo. Moço com huã inspiração tam efficaç: que chegando a Mulher à sua presença, o que lhe disse, foi, q̄ fizesse o sinal da Cruz contra os Demonios, que a traziaõ enganada: & a acompanhou outra vez para sua casa, tam honrada como della sahira, convertidos igualmente o tentador, & a tentada.

431. Passando à segunda falta de contrição, & arrependimẽto no peccado, naõ pôde haver maior oblição nelle, que a que agora direy. Andava muito triste hum pobre Homem, naõ por outra causa, senaõ por se ver pobre, & sem remedio: quando o Demonio, que o vio tam disposto, se lhe offerrecó para o remediar muito abundantemente, debaixo porẽm de tres condições: primeira, que renunciasse o Bautismo: segunda, que arrenegasse de Deos: terceira, que lhe dẽsse hum escrito firmado com seu sangue de ser perpetuamente seu Escravo. A todas estas condições tam horrendas se sujeitou o miseravel: que tanto pôde a força da necessidade,

em quem naõ poem a confiança em Deos. Assim passou muitos dias cõ a sua pobreza remediada, mas naõ porisso menos triste: porque os bens, que dá o Diabo, mal podem alegrar, a quem se vé cativo delles, & delle. Succedeo pois, que andando neste estado, entrou a outro fim em huã Igreja, a tempo que se estava prégando do Rosario, por ser o dia da sua Festa. Naõ era o Sermaõ, como os que ordinariamente se costumã ouvir naquelle dia, empregada toda a Rhetorica, na descripção da Rainha das flores, & excellencias da Rosa, sem mais sustancia, que a apparencia da metaphora, & osom do nome; mas era o discursõ solido, & util (como verdadeiramente devem ser) fundado na virtude, & poderes da mesma devação, & seus Mysterios, & tudo confirmado com Exemplos autenticos, & exprimẽtados, que saõ os que sãõ provaõ, & persuadẽ. E como o Prégador provasse com evidencia, que por meyo do Rosario se convertem a Deos, & Deos recebe em sua Graça os peccadores,

por

por mais perversos, & obtinados que sejaõ; ficou persuadido o Eseravo do Demonio, que sem embargo de o seu escrito estar firmado cõ o proprio sangue, o Sãgue de Christo, que remio o genero humano do cativeiro do mesmo Demonio, o livraria tambem a elle. No mesmo dia se resolvéo a rezar o Rosario, tomando por Avogada, & Intercessora a Virgem, Senhora nossa, & assim o fazia todos os dias com a maior devaçãõ, que lhe era possível. O Demonio porèm não se descuidava em procurar dissuadillo, zombando da sua nova esperança: & quando estava rezando lhe apparecia, & lhe mostrava o escrito, & a firma, dizêdo, que debalde se cançava; porque era seu, & o havia de ser sempre. Mas como podem prevalecer as astucias da Serpente infernal contra aquella Senhora, que a tem debaixo do pé, & lhe quebrou sempre a cabeça? E que importa a fraqueza, ou pertinacia dos peccados passados, se a verdadeira contriçãõ, & arrependimento, os detesta, & pede a

Deos perdaõ delles? Assim se desfazia em lagrimas o Eseravo, não já do Demonio, senão da Rainha dos Anjos: até que hum dia postrado diante de huã Imagem da Senhora do Rosario, lhe vio cair da mão hum papel. Levantou-o, & pela letra, & pela firma reconheço que era o mesmo, com que se tinha entregue, ou vendido ao Demonio. Mas não parou aqui a maravilha. Tornou a olhar, & não vio final de letra, ou escriptura, porque tudo estava apagado. E isto he o que pôde, & faz a virtude do Rosario, communicando primeiro a verdadeira contriçãõ, & por meyo da contriçãõ apagando, & aniquilando os peccados, como se nunca foraõ commetidos.

432 Não ha perdaõ de peccados sem Graça, cuja falta he a terceira, como diziamos, & a principal, & total, que sò pôde impedir a Vida Eterna. E posto que para prova de quam pontualmente a supre a devaçãõ do Rosario, bastava o successo referido; quero, que ouçais outro, ainda por suas circuns-

*Costa*  
 tancias mais prodigioso. Ha-  
 via em Italia hum famoso  
 Salteador de caminhos, o  
 qual não só despojava aos  
 caminhantes, mas era tam  
 barbaro, & cruel, que tam-  
 bem lhe tirava a vida. Encô-  
 trouse com este Ladrão S.  
 Domingos, & tendo empe-  
 nhado com elle todo o seu  
 zelo, espirito, & eloquencia,  
 para o converter, não foi  
 possível. Por fim lhe disse: Ao  
 menos vos peço me conce-  
 dais, & promettais huã só  
 cousa muito facil, que he re-  
 zar todos os dias o Rosario  
 da Virgem Senhora nossa.  
 Aceitou elle, & rezava; mas  
 sem nenhuã emenda na vida,  
 continuando como dantes os  
 mesmos roubos, & insultos.  
 Neste estado adoeceó mor-  
 talmente sem aucto algum de  
 Christão, & os companhei-  
 ros da sua quadrilha o enter-  
 rãrao junto a huã daquellas  
 estradas, tam impia, & bru-  
 talmente, como tinha vivi-  
 do. Dous annos havia, que  
 estava alli sepultado, quando  
 tornando a passar pelo mes-  
 mo caminho S. Domingos,  
 se ouviraõ huãs vozes con-  
 fusas, & lastimosas, sem se

ver donde sahiaõ, ou cujas  
 eraõ; atè que chegando ao  
 mesmo lugar da sepultura,  
 se conheceo distintamente,  
 que de dentro della sahiaõ.  
 E o que diziaõ, era: Padre  
 Frey Domingos, Servo de  
 Deos, cõpadeceyvos de mim.  
 Aberta a sepultura sahio de  
 dentro, com assombro de to-  
 dos os que acompanhavaõ o  
 Santo, hum Homem vivo.  
 Perguntado quem era: Eu sou  
 (disse) Padre, aquelle grande  
 Ladrão, a quem procurastes  
 persuadir, que se convertesse,  
 & não quiz: & só aceitou de  
 vossos conselhos o rezar o  
 Rosario. Aqui me sepultã-  
 raõ vivo meus companhei-  
 ros, rendome por morto por  
 occasiaõ de hum largo para-  
 cisimo. Sepultado, & cuberto  
 de terra, naturalmente havia  
 de morrer logo, & ir padecer  
 no Inferno as penas, a que es-  
 tava condemnado por minha  
 vida; porèm a Soberana Vir-  
 gem me alcãçou de seu Bem-  
 dito Filho, que não morref-  
 se, & que estes dous annos,  
 em que padeci terribilissimas  
 penas, me servissem de Pur-  
 gatorio. Isto disse em publi-  
 co. E confessandose logo ao  
 mesmo

mesmo Santo de todos seus peccados, no ponto em que recebeu a Absolução, o corpo cahio morto, & a Alma com a Graça do Sacramento, que só lhe faltava, subio a gozar da Gloria. Assim acabou Santo, o que tinha vivido Ladrão. E tanto importa para conseguir a Graça final a devação do Rosario.

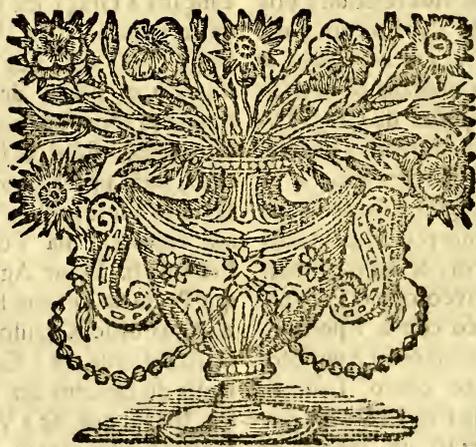
433 Sô resta para os que vivem bem a perseverança, cuja falta supre a Mãe da mesma Graça tam conaturalmente, que não são necessários exemplos, onde não ha milagre. Com ser regra geral, que a boa vida respôde a boa morte, & a má morte a má vida; he tal a inconstancia, & fraqueza humana, & tam superior o poder da Graça Divina, que tambem a generalidade desta regra padece as suas exceções. Dimas vivéo mal, & morréo bem: Judas vivéo bem, & morréo mal: Dimas vivéo como Ladrão, & morréo como Apostolo: Judas vivéo como Apostolo, & morréo como Ladrão. Mas de quatro Ladrões, que concorrérao na morte de Christo, hum se salvou, &

tres se perdérao: & de doze Apostolos, que seguiraõ ao mesmo Christo, hum só se perdéo, & onze se salvárao. Com tal differença porêm, q se esse mesmo, que se perdéo, recorresse à piedade da Soberana Mãe do mesmo Filho, que tinha vendido, não só recuperaria a Graça perdida, mas depois de recuperada, perseveraria nella até o fim, como os demais. Isto pois, que elle não soube fazer, he o meyo, que devem tomar todos, os que reconhecidos da sua fraqueza, & inconstancia, temem, que depois de alcançada a Graça lhe falte a perseverança nella. Maravilhosa cousa foi, que caminhando os filhos de Israel quarenta annos por hum Deserto seco, esteril, & falto de agua, huã pedra do mesmo Deserto lhe suprisse esta falta até entrarem na Terra de Promissão. E que Agua, & que Pedra do Deserto he esta? A Agua disse Christo à Samaritana, que era a Graça: a Pedra do Deserto diz o Profeta Haías, que he a Virgem Maria: *Emitte agnum, Domi Isai. 16. ne, dominatorem terra, de Pe. 1.*

*tra deferti.* Se queremos pois chegar á Terra de Promissão da Gloria, & temos, que a Agua da Graça perseverante nos falte, recorramos à fecundissima Pedra, de que nasceu a Fôte da mesma Graça, & recorramos com firme, & certa confiança, que assim como na Pastora devota do Rosário suprio a mesma Senhora tudo o que lhe faltava para esta vida, & para a outra;

assim suprirá em nós por meyo do mesmo Rosário, tudo o que nos for conveniente para a vida temporal, & necessario para a eterna. Onde com perpetuos louvores da Mãe, & do Filho, lhe cantemos sem fim, o que a voz do Evangelho entoou no principio: *Beatus ventur, qui te portavit, & ubera, qua suxisti.*

FINIS.



SER-



# S E R M A M

## X X V I I .

COM O SANTISSIMO

SACRAMENTO EXPOSTO.

*Iosias autem genuit Iechoniam, & fratres ejus in transmigratione Babylonis. Et post transmigrationem Babylonis, Iechonias genuit Salathiel. Matth. 1.*

I.

434



**M**UMA das grandes cou-  
tas, que se vê  
hoje no mun-  
do, & nós pelo costume de  
cada dia não admiramos, he  
a transmigração immensa de  
Gentes, & Nações Ethiopes,  
que da Africa continuamen-  
te estaõ passando a esta Ame-  
rica. A Armada de Eneas,  
disse o Principe dos Poetas,  
que levava Troya a Italia:

*Nium in Italiam portans.*  
& das naos, que dos Portos <sup>neid. 11</sup>  
do Mar Atlantico estaõ suc-  
cessivamente entrando nestes  
nostros, com maior razaõ po-  
demos dizer, que trazem a  
Ethiopia ao Brasil. Entra por  
esta Barra hũ cardume mon-  
truoso de Baléas, salvando  
com tiros, & fumos de agua  
as nossas Fortalezas, & cada  
huã pare hum Baléato: entra  
huã nao de Angôla, & desôva  
no mesmo dia quinhentos,  
seiscentos, & tal vez, mil. Es-  
cravos.

Maf-  
seus.

cravos. Os Israelitas atravessaram o Mar Vermelho, & passaram da Africa à Asia, fugindo do cativoiro: estes atravessam o Mar Oceano na sua maior largura, & passam da mesma Africa à America para viver, & morrer cativos. *Infelix genus hominum* (disse bem delles Mafféo) *et ad servitutem natum*. Os outros nascem para viver, estes para servir. Nas outras terras, do que são os homens, & do que são, & tecem as mulheres, se fazem os commercios: naquella o que gerao os pays, & o que criaõ a seus peitos as mãys, he o que se vende, & se compra. Oh trato deshumano, em que a mercancia são homens! Oh mercancia diabolica, em que os interesses se tirão das Almas alheas, & os riscos são das proprias!

435 Já se depois de chegados olharmos para estes miseraveis, & para os que se chamaõ seus Senhores: o que se vio nos dous estados de Job, he o que aqui representa a fortuna, pondo juntas a felicidade, & a miseria no mesmo theatro. Os Senhores poucos, os Escravos muitos:

os Senhores rompendo galas, os Escravos despidos, & nus: os Senhores banquetecendo, os Escravos perecendo à fome: os Senhores nadando em ouro, & prata, os Escravos carregados de ferros: os Senhores tratãdoos como brutos, os Escravos adorãdoos, & temendoos, como Deoses: os Senhores em pé apontando para o açoute, como Estatuas da soberba, & da tyrannia, os Escravos prostrados com as mãos atadas atrás como Imagens vilissimas da servidaõ, & Espectaculos da extrema miseria. Oh Deos! Quantas graças devemos à Fé, que nos destes, porque ella são nos cativa o entendimento, para que à vista destas desigualdades, reconheçamos com tudo vossa justiça, & providencia. Estes homens não são filhos do mesmo Adam, & da mesma Eva? Estas Almas não foraõ resgatadas com o Sangue do mesmo Christo? Estes corpos não nascem, & morrem, como os nossos? Não respiraõ com o mesmo ar? Não os cobre o mesmo Ceo? Não os aquenta o mesmo Sol? Que estrella he

he logo aquella, que os domina, tam triste, tam inimiga, tam cruel?

436 É se as influencias da sua estrella são tam contrarias, & nocivas, como se não communicão ao menos aos trabalhos de suas mãos, & como maldição de Adam, às terras que cultivão? Quem pudéra cuidar, que as plantas regadas com tanto sangue innocente houvessem de medrar, nem crescer, & não produzir, senão espinhos, & abrôlhos? Mas são tam copiosas as bençoês de doçura, que sobre ellas derrama o Ceo; que as mesmas plantas são o fruto, & o fruto tam precioso, abundante, & suave, q̄ elle só carrega grandes Frotas, elle enriquece de thesouros o Brasil, & enche de delicias o mundo. Algum grande mysterio se encerra logo nesta transmigração: & mais se notarmos ser tam singularmente favorecida, & assistida de Deos, que não havendo em todo o Oceano navegação sem perigo, & contrariedade de ventos, só a q̄ tira de suas patrias a estas Gentes, & as traz ao exercicio do cativai-

ro, he sempre com vento à popa, & sem mudar vella.

437 Estas são as considerações, que Eu faço, & era bem, que fizessem todos, sobre os juizos occultos desta tam notavel transmigração, & seus effectos. Não ha Escravo no Brasil, & mais quando vejo os mais miseraveis, que não seja materia para mim de huã profunda meditação. Comparo o presente com o futuro, o tempo com a eternidade, o que vejo, com o que creyo, & não posso entender, que Deos, que criou estes homêes tanto à sua imagem, & semelhança, como os demais, os predestinasse para dous Infernos, hum nesta vida, outro na outra. Mas quando hoje os vejo tam devotos, & festivaes diante dos Altares da Senhora do Rosario, todos Irmaões entre sy, como Filhos da mesma Senhora; já me persuado sem duvida, que o cativoiro da primeira transmigração he ordenado por sua misericordia para a liberdade da segunda.

438 De duas transmigrações faz menção o nosso Evangelho: huã, em que so-

- raõ levados os filhos de Israel da sua patria para o cativoiteiro de Babylonia: *In trãsmigratione Babylonis*: & outra, em que foraõ trazidos do cativoiteiro de Babylonia para a sua patria: *Et post trãsmigrationem Babylonis*. A primeira trãsmigraçaõ, & do cativoiteiro, durou setenta annos: a segunda, & da liberdade, não teve fim, porque chegou até Christo: E como ordenou Deos a primeira trãsmigraçaõ para a segunda? Assim como ordenou, que de Jofias nasceffe Jeconias: *Iofias autem genuit Iechoniam, & fratres ejus*. Em todo este Evangelho, quando elle historialmente diz, que hum Patriarcha gerou outro Patriarcha, quer dizer no sentido mystico, que da significaçãõ do nome do pay nascéo a significaçãõ do nome do filho. Baste por exemplo o primeiro, que se nomea no mesmo Evangelho, q̃ he David. David diz a serie das mesmas gerações, q̃ gerou a Salamaõ: *David autem Rex genuit Salomonem*. E que quer dizer, q̃ David gerou a Salamaõ? David significa o Guerreiro, Salamaõ significa o Pacifico: & nascer Salamaõ de David, quer dizer, que da guerra havia de nascer a paz: & assim foi. Do mesmo modo diz o Evangelho, que Jofias gerou a Jeconias no cativoiteiro de Babylonia: *Iofias autem genuit Iechoniam in trãsmigratione Babylonis*. Saybamos agora, qual he a significaçãõ destes dous nomes, Jofias do pay, & Jeconias do filho. Jofias significa, *Ignis Domini*, o fogo de Deos: Jeconias significa, *Præparatio Domini*, a preparaçaõ de Deos. Diz pois o Texto, ou quer dizer, que na trãsmigraçaõ de Babylonia o fogo de Deos gerou a preparaçaõ de Deos. Porque? Porque o fogo queima, & allumia: & no cativoiteiro de Babylonia, não sô queimou Deos, & castigou os Israelitas, mas tambẽ os allumiou: & porque os castigou, & allumiou no cativoiteiro da primeira trãsmigraçaõ: *In trãsmigratione Babylonis*: por isso, & com isso, os dispoz, & preparou para a liberdade da segunda: *Et post trãsmigrationem Babylonis*.

Rosario Pretos (que sô em vós se verificaõ estas significações) eisaqui o voffo presente estado, & a esperança, q̄ elle vos dá do futuro: *Iofias autem genuit Iechoniam, & fratres eius.* Vós fois os Irmaõs da preparaçaõ de Deos, & os Filhos do fogo de Deos. Filhos do fogo de Deos na transmigraçaõ presente do cativeiro, porque o fogo de Deos neste estado vós imprimo a marca de Cativos: & posto que esta seja de opprefsaõ; tambem como fogo vos allumiou juntamête, porque vos trouxe à luz da Fé, & conhecimento dos Myfterios de Christo, que saõ os que professais no Rosario. Mas neste mesmo estado da primeira transmigraçaõ, que he a do cativeiro temporal, vos estaõ Deos, & sua Santissima Mãe, dispondo, & preparando para a segūda transmigraçaõ, que he a da liberdade eterna. Isto he o q̄ vos hey de prégar hoje para voffa conso-laçaõ. E reduzido a poucas palavras, será este o meu Assumpto: Que a voffa Irmandade da Senhora do Rosario vos promette a todos huã

Carta de Alfortia: com que naõ sô gozeis a liberdade eterna na segūda transmigraçaõ da outra vida; mas tambem vos livreis nesta do maior cativeiro da primeira. Em lugar das alviças, que vos devera pedir por esta boa nova, vos peço me ajudeis a alcançar a Graça, com que vos possa persuadir a verdade della. *Ave Maria: &c.*

## II.

440 **E**M quanto dester-rados filhos de E-va, todos temos, ou nos espera, huã universal transmigraçaõ, que he de Babylonia para Jerusalem, & do Desterro deste mundo para a Patria do Céo. Vós porêm, que vistes, ou fostes trazidos das voffas patrias para estes desterros; a-lêm da segunda, & universal transmigraçaõ, tendes outra, que he a da Babylonia, em q̄ mais, ou menos moderada, continuais o voffo cativeiro. E para que saybais como vos deveis portar nelle, & naõ se-jais vós mesmos, os que o a-crecenteis; vos quero, pri-meiro q̄ tudo, explicar, qual elle:

elle he, & em que consiste. Procurarey, que seja com tal clareza, que todos me entendais. Mas quando assim não succeda ( porque a materia pede maior capacidade da q̄ podeis ter todos ) ao menos, como dizia Santo Agustinho na vossa Africa, contentar-mehey, que me entêdaõ vossos Senhores, & Senhoras: para que elles mais devagar vos ensinem, o que a vós, & tambem a elles, muito importa saber.

441 Sabey pois, todos os que fois chamados Escravos, que não he escravo tudo o q̄ fois. Todo o homê he composto de corpo, & Alma; mas o que he, & se chama Escravo, não he todo o homem; senão sô ametade delle. Atè os Gentios, que tinhaõ pouco conhecimêto das Almas, conhecêraõ esta verdade, & fizeraõ esta distincão. Homêro referido por Clemente Alexandrino, diz assim: *Alii-tonans Iupiter viro, quem alij servire necesse est, aufert dimidium*. Quer dizer, que aquelles homês, a quem Jupiter fez Escravos, os partio pelo meyo, & não lhe deixou

mais que huã ametade, que fosse sua; porque a outra ametade he do Senhor, a quem servem. E qual he esta ametade escrava, & que tem Senhor, ao qual he obrigada a servir? Não ha duvida, que he a ametade mais vil, o corpo. Excellentemente Seneca:

*Errat, si quis existimat servitutem in totum hominem descendere: pars melior ejus excepta est.* Quem cuida, que

*Seneca. lib. 3. de Benef. cap. 20.*

o que se chama Escravo, he o homem todo, erra, & não sabe o que diz: a melhor parte do homem, que he a Alma, he izenta de todo o dominio alheo, & não pôde ser cativa. O corpo, & sômente o corpo, sim: *Corpus itaque est, quod domino fortuna tradidit. Hoc emit, hoc vendit: interior illa pars mancipio dari non potest.* Sô o corpo do Escravo (diz o grande Filosofo) he o que deu a fortuna ao Senhor: este comprou, & este he o que pôde vender. E nota sapientissimamente, que o dominio, que tem sobre o corpo, não lho deu a natureza, senão a fortuna: *Quod domino fortuna tradidit*; porque a natureza, como Mãy, desde o Rey

Home-  
rus.  
Clemens  
Alex.  
Strom.  
lib. 4.

o Rey ao Escravo, a todos fez iguaes, a todos livres. Fallando S. Paulo dos Escravos, & com os Escravos, diz, que obedeçaõ aos Senhores carnaes: *Obedite dominis carnalibus.* E que Senhores carnaes saõ estes? Todos os Interpretes declaraõ, q̄ saõ os Senhores temporaes, como os vossos, aos quaes servis por todo o tempo da vida: & chame o Apóstolo Senhores carnaes; porque o Escravo, como qualquer outro homẽ, he composto de carne, & espirito, & o dominio do Senhor sobre o Escravo sãõ tem jurdiçaõ sobre a carne, q̄ he o corpo, & naõ se estende ao espirito, que he a Alma.

442 Esta he a razaõ, porq̄ os Escravos entre os Gregos se chamavaõ corpos. Assim o refere Santo Epiphanyo, & que o uso commum de fallar entre elles era; naõ, que tal, ou tal Senhor, tinha tantos Escravos, senaõ, que tinha tantos corpos. O mesmo diz Seneca, que se ufava entre os Romanos. E he erudiçaõ, que elle ensina a seu discipulo Lucilio: porque ainda que a noticia dos vocabulos he de

todos, saber a origem delles he sãõ dos que sabem as cousas, & mais as causas: *Quando quidem dominium corporibus dominatur, & non animis, propterea servos corpora vocaverunt, ut usum corporum ostenderent.* Sabes, Lucilio, porq̄ os nossos Maiores chamaõ aos Escravos corpos; porque o dominio de hum homem sobre outro homem sãõ pôde ser no corpo, & naõ na Alma. Mas naõ he necessario ir tam longe como a Roma, & a Grecia. Pergunto: Neste vosso mesmo Brasil quando quereis dizer, que fulano têm muitos, ou poucos Escravos, porque dizeis, q̄tem tantas, ou tâtas Pessas? Porque os primeiros, que lhe puzeraõ este nome, quizeraõ significar sãbia, & christaãmente, que a sojeiçaõ, que o Escravo tem ao Senhor, & o dominio, que o Senhor tem sobre o Escravo, sãõ consiste no corpo. Os homẽs naõ saõ feitos de huã sãõ pessa, como os Anjos, & os brutos. Os Anjos, & os brutos (para que nos expliquemos assim) saõ inteiriços; o Anjo, porque todo he espirito; o bruto, porque todo

Ephes.  
6.5.

Epiphanyo.

Seneca  
Epi.  
47

todo he corpo. O homem não. He feito de duas peſſas, Alma, & corpo. E porque o Senhor do Eſcravo ſò he Senhor de huã deſtas peſſas, & a capaz de dominio, que he o corpo; poriſſo chamais aos vossos Eſcravos, Peſſas. E ſe eſta dirivação vos não contenta: digamos, que chamais Peſſas aos vossos Eſcravos, aſſim como dizemos, huã peſſa de ouro, huã peſſa de prata, huã peſſa de ſeda, ou de qualquer outra couſa das que não tem Alma. E por eſte modo ainda fica mais claramente provado, que o nome de Peſſa não comprehende a Alma do Eſcravo, & ſòmente ſe entende, & ſe eſtende a ſignificar o corpo. Eſte he o que ſò ſe cativa, eſte o que ſò ſe cõpra, & vende, eſte o que ſò tẽ debaixo de ſua jurdição a fortuna, & eſte em ſim o que levou de Jeruſalem a Babilonia a tranſmigração dos filhos de Iſrael, & eſte o que traz da Ethiopia ao Braſil a tranſmigração dos que aqui ſe chamaõ Eſcravos, & aqui continuaõ ſeu cativoiro.

## III.

443 **D**Emancira, Irmaõs Pretos, que o cativoiro, que padeceis, por mais duro, & aſpero que ſeja, ou vos pareça; não he cativoiro total, ou de tudo o que ſois, ſenaõ meyo cativoiro. Sois Cativos naquella ametade exterior, & mais vil de vós meſmos, que he o corpo; porẽm na outra ametade interior, & nobiliſſima, que he a Alma, principalmente no que a eſta pertence, não ſois Cativos, mas livres. E ſuppoſto eſte primeiro ponto, ſegueſe agora, que ſaybais o ſegundo, & muito mais importante, & q̃ Eu vos declare, ſe eſta parte, ou ametade livre, que he a Alma, pôde tambem por algum modo ſer cativa, & que a pôde cativar. Digo pois, que tambem a voſſa Alma, como as dos mais, pôde ſer cativa: & quem a pôde cativar, não ſaõ vossos Senhores, nem o meſmo Rey, nem outro algũ poder humano, ſenaõ vós meſmos, & por voſſa livre vontade. Ditofos de vós, aquelles que de tal modo ſe

com.

compuzerem com a sorte do seu meyo cativoiro, que se firvaõ da sua propria servidaõ, & se saybaõ aproveitar do que nella, & com ella podem merecer! Mas o mal, & a miseria, que totalmente vos fará miseraveis, he, que fazẽdovos a vossa fortuna Cativos sò no corpo, vós muito por vossa vontade cativeis tambem a Alma. Dous casos notaveis se viraõ na transmigraçãõ de Babylonia. Houve huns daquelles Cativos, & desferrados, que tendo licença, & liberdade para tornar para a patria, quizeraõ antes ficar no seu cativoiro: & houve outros, & quasi todos, q̃ sendo aquelle cativoiro sò do corpo, elles se naõ contentãraõ com ser meyo cativos, mas para o ser inteira, & totalmente, cativãraõ tambem as Almas. Com grande fundamẽto se pôde pôr em questãõ: Se para a natureza humana se sojeitar, & precipitar aos vicios, he maior tentaçãõ a liberdade, ou o cativoiro? O certo he, que nesta mesma occasiaõ mostrou por experiencia o cativoiro, naõ sò ter maiores forças para

tentar, senaõ tambem para vencer. Porque entre todos os Cativos, que foraõ muitos mil, sò hũ Tobias se achou, que naõ cativasse a sua Alma. Assim o diz, & celebra delle por grande maravilha a Escritura Sagrada: *In capti. Tob. I. 2*  
*vitate tamen posius, viam veritatis non deseruit.* Tam ordinaria, & universal miseria he, que os Meyo cativos naõ sejaõ sò Cativos de meyas, senaõ totalmente, & em huã, & outra ametade Cativos: Cativos no corpo, & Cativos juntamente na Alma.

444 E se me perguntades, como deveis perguntar, de que modo se cativaõ as Almas: quem saõ os q̃ as vendem, & a quem as vendem, & porque preço? Respõdo, que os que as vendem, he cada hum a sua: a quem as vendẽ, he ao Demonio: o preço porque as vendem, he o peccado. E porque a Alma he invisivel, & o Demonio tambem invisivel, & estas vendas naõ se vem: para que naõ cuideis, que saõ encarecimẽtos, & modos de fallar, senaõ verdades de Fé, sabey, que assim está definido por Deos,

Cc &

& repetido muitas vezes em todas as Escrituras Sagradas. S. Paulo, aquelle grande Apóstolo, que foi levado em vida ao Ceo, & depois tornou do Ceo à terra, para ensinar aos homêes o que lá vira, & aprendêra, fallando desta venda da Alma, diz assim: *Lex spiritualis est: Ego autem carnalis sum, venundatus sub peccato.* Sabeis, diz S. Paulo, como os homêes vendem a sua Alma? Ouvime com attenção, Eu volo direy: *Lex spiritualis est:* a Ley he espiritual: *Ego autem carnalis sum:* & o homem he carnal. A Ley he espiritual; porque ordena o que convem ao espirito, & à Alma: o homem he carnal; porque naturalmente appetee o q̄ pede a carne, & o corpo. Da parte da Ley esta Deos mandando que seja obedecido, & prometendo que aos que a guardarem dará depois o Ceo: da parte da carne está o Demonio aconselhando, q̄ se não guarde a Ley, & prometendo ao homem, que logo, & de contado, lhe dará o gofsto, ou interesse, que pede o seu appetite. Posta pois a Alma, como em leilão, entre Deos, & o Demonio, entre a Ley, & o peccado: que faz a vontade, & o livre alvedrio, que he o Senhor de todas nossas acçoês, & resoluçoês? Em vez de receber o lanço de Deos, aceita o do Demonio, & tanto que cõsentio no peccado, ficou a Alma cativa, & rematada a venda: *Venundatus sub peccato.* He o que diz Santo Agustinho na exposiçãõ deste mesmo Texto: *U-<sup>August.</sup> nusquisque peccando, animam<sup>ibi.</sup> suam Diabolo vendit, accepta, tanquam pretio, dulcedine temporalis voluptatis.* A primeira venda, & o primeiro leilão de Almas, q̄ se fez neste mundo, foi no Paraiso terreal. De <sup>Genef.</sup> huã parte estava Deos, <sup>2. 16.</sup> mandando que se não comesse da fruta vedada: da outra parte <sup>Genef.</sup> estava a Serpente instigando <sup>3. 1.</sup> que se comesse: E que succedeo? Eva, que representava a carne, inclinou à parte do Demonio; & porque Adam, que fazia as partes do alvedrio, em vez de obedecer o preceito de Deos, seguiu o appetite da carne; alli ficaraõ vèdidas ao Demonio as duas primeiras Almas, & dalli trouxe sua origem a vèda das demais. Di-

Rom. 7.  
14.

445 Dizeyme, Brancos, & Pretos, naõ condennamos todos a Adam, & Eva? Naõ conhecemos, que foraõ ignorantes, & mais que ignorantes; loucos, & mais que loucos; cegos, & mais que cegos? Naõ somos nós os mesmos, que lhe lançamos pragas, & maldiçoës, pelo que fizeraõ? Pois porque fazemos o mesmo, & vendemos as nossas Almas, como elles as vendêraõ? Ouçaõ primeiro os Brancos hum exemplo, em que vejaõ a sua deformidade, & logo mostraremos outro aos Pretos, em que vejaõ a sua. De El Rey Achab affirmã a Historia Sagrada, que foi o mais mau Rey que houve entre todos os de Israel; porque peccando, & para peccar, se vendéo: *Non fuit alter talis sicut Achab, qui vendatus est, ut faceret malũ.* O mesmo lhe disse o Profeta Elias na cara. Perguntoulhe o Rey: *Num invenisti me inimicum tibi?* Por ventura, Elias, achaste em mim alguã cousa, pela qual tenhas para ti, que sou teu inimigo? Sim achey, respondéo o Profeta: porque achey, que es tal, que

re vendes para offender a Deos: *Inveni, eò quòd vendatus sis, ut faceres malum in cõspectu Domini.* Naõ se queixou Elias das offensas, que lhe tinha feito Achab, mas das que fazia contra Deos: nem se queixou de naõ ser o Rey amigo do seu Profeta, senaõ de que sendo Rey, se vendia, & fazia Escravo: *Eò quòd vendatus sis, ut faceres malum.*

446 E que males, & peccados eraõ aquelles, em que Achab se vendia? Dous principalmente refere a Escritura: hum gèral, com que obrigava os subditos a que adorassem os Idolos de ouro de Jeroboaõ, prohibindo, que naõ fossem ao Templo do verdadeiro Deos: & outro particular, em que naquella occasiã tinha consentido, q̃ fallamente fosse condemnado à morte Naboth, para lhe confiscar, & tomar a sua vinha. Vede, se he bom exemplo este para os Regulos do nosso Recõcavo. He possivel, que por acrescentar mais huã braça de terra ao Canaveal, & meya tarefa mais ao Engenho em cada somanã; haveis

*Ibidem.**Ibid. 26**Ibid. 19*3. Reg.  
21. 25.*Ibidem*  
20.

de vender a vossa Alma ao Diabo? Mas a vossa, já que o he, vendeylha, ou revendeylha embora. Porém as dos vossos Escravos, porque lhas haveis de vender tambem, antepôdo a sua salvação aos Idolos de ouro, que são os vossos malditos, & sempre mallogrados interesses? Porisso os vossos Escravos não tem doutrina: porisso vivem, & morrem sem Sacramentos: & porisso, se lhe não prohibis a Igreja, com sutileza de cubiça, que só podia inventar o Diabo (para que o diga na frase do vulgo) não quereis, que vão à porta da Igreja. Consentis, que os Escravos, & Escravas, andem em peccado, & não lhe permittis, que se casem, porque dizeis, que casados servem menos bem. Oh razaõ (quando assim fora) tam digna do vosso entendimento, como da vossa Christandade! Prevaleça o meu serviço ao serviço de Deos, & com tanto, que os meus Escravos me sirvão melhor, vivaõ, & morraõ em serviço do Diabo. Espero Eu no mesmo Deos, que terá misericordia da sua miseria, &

das suas Almas: mas das vossas Almas, & desta vossa, que tambem he miseria, não tenho em que fundar tam boas esperanças.

447 Passemos ao exemplo mais proprio dos Escravos, os quaes por nenhum respeito devem vender a sua Alma, ainda que lhe houvesse de custar a vida. Depois q̃ El Rey Antiocho, por sobre nome o Illustre, saindo da Grecia com poderoso exercito, dominou a Jêrusalem, & com ella a todas as reliquias, que tinhaõ escapado da trãsmigração de Babylonia (que nem sempre os homẽs levaõ consigo o cativoiro aos desertos, mas tal vez o mesmo cativoiro os vem buscar a sua casa) mandou o barbaço, & insõ'ente Rey, que em toda Judéa se não guardasse a Ley de Deos, senaõ sòmente as suas, & que os Deoses, a que se offerecessẽ os sacrificios, fossem os da Gentilidade, que elle adorava. Quo vos parece, que fariaõ em hum tam apertado caso os miseraveis Cativos? Mal fiz em lhe chamar miseraveis indistintamente. Huns foraõ miseraveis,

fracos,

I. Ma-  
chab. I.  
II.

2. J. 5  
1. 1. 2

1. 1. 1  
1. 1. 1

F. Ma.  
obab. I.  
16.

fracos, & vis, outros fortes, constantes, & gloriosos. Os miseraveis, fracos, & vis, diz o Texto, que por ganhar a graça dos Senhores, obedecerão, & fazendo Gentios, venderão as suas Almas: *Et iudicati sunt, ut facerent malum*: pelo contrario os fortes, constantes, & gloriosos, por não venderem as Almas, perderão animosamente as vidas, que da graça dos Senhores nenhum caso fizerao. Bem se vio aqui, que os corpos somente são cativos, as Almas não. Erao os Senhores tam tyrannos, que lhe cortavao os dedos das maos, & dos pés: que lhe arrancavao os olhos, & as linguas: que os frigiao, & torravao vivos em certaas ardentes: & com outros exquisitos tormentos lhe tiravao as innocentes vidas: mas elles, antes queriao padecer, & morrer, que vender as Almas. Julgay agora vós, que vos achais na mesma fortuna de Escravos, quaes destes obrárao melhor: Se os que venderão as Almas para agradar aos Senhores, ou os que quizerao antes perder a vida, que

cativar a Alma? Não estais dizendo todos, que o valor, & constancia destes, he digna de eternos louvores? Sim: Pois a estes vos digo, que imiteis. Por graça, & mercê grãde de Deos, ainda que Escravos, & Cativos, não estais em terra, onde vossos Senhores vos hajaõ de obrigar a deixar a Fé. Mas he certo, que sem se perder, nem arriscar a Fé, se pôde perder, & vender a Alma. E no tal caso (que pôde acontecer muitas vezes) tende bẽ na memoria o exemplo, que acabastes de ouvir, para que não falteis à vossa obrigaçãõ: Se o Senhor mandasse ao Escravo, ou quizesse da Escrava, cousa que offenda gravemente a Alma, & a consciencia; assim como elle o não pôde querer, nem mandar, assim o Escravo he obrigado a não obedecer. Dizey constantemente, que não haveis de offender a Deos: & se por isso vos ameaçarem, & castigarem, sofrey animosa, & christãmente, ainda que seja por toda a vida, que esses castigos são martyrios.

## III.

448 **T**emos visto, que assim como o homem se compoem de duas partes, ou de duas ametades, que são corpo, & Alma, assim o cativo se divide em dous cativeiros: hum cativo do corpo, em que os corpos involuntariamente são cativos, & escravos dos homê: outro cativo da Alma, em que as Almas por propria vontade se vendem, & se fazem cativas, & escravas do Demonio. E porque Eu vos prometti, que a Virgem, Senhora nossa do Rosario, vos ha de libertar, ou forrar, como dizeis, do maior cativo; para que conheçais bem quanto deveis estimar esta alforria, importa, que saybais, & entẽdais primeiro, qual destes dous cativeiros he o maior. A Alma he melhor que o corpo, o Demonio he peor Senhor que o homem, por mais tyranno que seja; o cativo do homê he temporal, o do Demonio eterno: logo nenhum entendimẽto pôde haver, tam rude, & tam ce-

go, que naõ conheça, que o maior, & peor cativo he o da Alma. Mas como a Alma, o Demonio, & este mesmo cativo, como já disse, são cousas, que se naõ vem com os olhos: Onde acharey Eu hum meyo proporcionado à vossa capacidade, com que vos faça visivel esta demonstração? Fundemola no mesmo vosso cativo, que he a cousa para vós mais sensivel. Pergunto. Se Deos nesta mesma hora vos libertára a todo o cativo, em que estais, & derepente vos visseis todos livres, & forros: naõ seria huã estranha, & admiravel mercê, que Deos vos faria? Pois muito maior he, & de muito maior, & mais subido valor, a mercê, que a Senhora do Rosario vos fará, em livrar vossas Almas do cativo do Demonio, & do peccado. No nosso Evangelho o temos.

449 Faz repetida menção o Evangelho do cativo de Babilonia, & do cativo do Egipto nenhuã memoria faz. O cativo de Babilonia succedéo no tempo de Jeconias, o do Egipto

no tempo de Judas : pois assim como diz o Evangelista: *Iechoniam, & fratres ejus in transmigratione Babylonis*: porque não diz também: *Iudam, & fratres ejus in captivitate Aegypti?* O reparo, & a resposta, he de S. Chryostomo, por estas palavras: *Cur sicut captivitatis Babylonicae meminit, non autem descensus in Aegyptum? Quia illuc non propter peccata abducti fuerant; huc verò ob scelera transfati sunt.* No tempo dos mesmos Patriarchas, que se referem na genealogia de Christo, succedeo o cativoiro do Egypto, & também o de Babilonia: & se quereis saber, porque o Evangelista na mesma genealogia faz menção do cativoiro de Babilonia, & passa em silencio o cativoiro do Egypto. A razão he, diz Chryostomo, porque os do cativoiro de Babilonia foraõ lã levados por peccados, em castigo das grandes maldades, que tinhaõ commettido na sua Patria; porẽm os do cativoiro do Egypto não foraõ ao Egypto por peccados, senaõ chamados por seu Irmaõ Joseph, & depois cati-

vos pela tyrannia de Faraõ. E como o cativoiro do Egypto foi sò temporal, & dos corpos; Cativos, não por peccados proprios, senaõ pela tyrannia alhea: & o cativoiro de Babilonia pelo contrario foi cativoiro espirital, & das Almas, cujos peccados as tinhaõ feito escravas do mesmo peccado, & do Demonio; porisso este sò cativoiro se refere na genealogia de Christo, o qual não veyo libertar os homẽs do cativoiro temporal, & do corpo, senaõ do espirital, & da Alma. Excellentemente por certo assim ponderado, como respondi do.

450 E se buscarmos o principio fundamental, porque Christo sendo Redemptor do genero humano, sò veyo remir, & libertar os homẽs do cativoiro das Almas, & não da servidaõ dos corpos, o fundamento claro, & manifesto, he; porque para libertar do cativoiro dos homẽs, bastavaõ homẽs: para libertar do cativoiro do Demonio, & do peccado, he necessario todo o poder de Deos. Estes mesmos filhos de

Israel, de que fallamos, forão deste mesmo cativoiro, & de  
 muitas outras vezes Cativos sta mesma liberdade.  
 de diversas Nações : Cati- 451 *Verè tu es Deus abs-* *Isai. 45.*  
 vos logo em seu nascimento *conditus, Deus Israel Salva-*  
 dos Egypcios : Cativos de- *tor: Verdadeiramente, ò Rey*  
 pois dos Mesopotamios: Ca- *Cyro, em ti está escondido*  
 tivos dos Amonitas: Cativos *Deos, & não sò escondido co-*  
 dos Cananéos: Cativos dos *mo Deos, senão como Salva-*  
 Madianitas: Cativos dos Fi- *dor, & Libertador de Israel.*  
 listéos. E de todos estes cari- *Pois se Isaias falla da liberda-*  
 veiros os livrou sempre Deos *de do cativoiro de Babylonia,*  
 por meyo de homẽs. Do cati- *& Cyro, como Rey da mes-*  
 veiro dos Egypcios por *ma Babylonia, foi o que li-*  
 Moysés: do cativoiro dos *bertou aos filhos de Israel*  
 Mesopotamios por Othoniel: *daquelle cativoiro: porque*  
 do cativoiro dos Amonitas *diz, que Deos como Liberta-*  
 por Aod: do cativoiro dos *dor de Israel estava escondi-*  
 Cananéos por Barac: do cati- *do no mesmo Cyro? Porque*  
 veiro dos Madianitas por *no cativoiro de Babylonia ha-*  
 Gedeão: do cativoiro dos Fi- *via juntamente dous cativei-*  
 listéos por Jephth. Assim, que *ros, pelos quaes os mesmos*  
 para libertar do cativoiro de *filhos de Israel eraõ dobrada-*  
 homẽs, bastaõ homẽs. E se me *mente Escravos: hum cati-*  
 instardes, que os Cativos da *veiro temporal, & dos cor-*  
 transmigração de Babylonia *pos, pelo qual eraõ Cativos*  
 não sò eraõ Cativos dos Ba- *d'El Rey Cyro, & outro es-*  
 bylonios, senão tambem Ca- *piritual, & das Almas, pelo*  
 tivos do Demonio, & do pec- *qual eraõ Cativos do Demo-*  
 cado, como acabamos de *nio, & do peccado: do cati-*  
 ver, & que comtudo os liber- *veiro dos corpos libertouos*  
 tou hum homem, que foi *o Rey homẽ, que como ho-*  
 El Rey Cyro; agora entende- *mem bastava para os libertar,*  
 reis o mysterio, por ventura *& como Rey podia: do cati-*  
 atègora não entendido, das *veiro do Demonio, & do pec-*  
 palavras de Isaias, fallando *cado, como es não podia li-*  
 bertar

Exod. 1.  
 10.  
 Judic. 3.  
 8.  
 Judic. 3.  
 14  
 Judic. 4.  
 2.  
 Judic. 6.  
 1.  
 Judic.  
 10. 7.  
 Psalm.  
 76. 21.  
 Judic. 3.  
 9.  
 Judic. 3.  
 15.  
 Judic. 4.  
 6. &  
 segg.  
 Judic. 7.  
 20. &  
 segg.  
 Judic.  
 11. 32.  
 & segg

August.  
Hieron.  
Hilar.

bertar nenhum homem, foi necessario, que concorresse tambem Deos como Libertador: *Deus Israel Salvator*: porque só Deos os podia libertar daquelle cativoiro. E porque acrescenta o Profeta, que Deos estava escondido em Cyro: *Verè tu es Deus absconditus?* Porque assim como hum cativoiro era occulto, & o outro publico, assim foraõ os dous Libertadores, hũ publico, outro escondido. O cativoiro dos corpos era publico, & como publico libertou Cyro os Cativos publicamente: porèm o cativoiro das Almas, & do Demonio, era occulto, & invisivel; & como occulto, & invisivel, es libertou tambem Deos occulta, & invisivelmente, & porisso escondido: *Verè tu es Deus absconditus, Deus Israel Salvator.*

452 Em summa, que he tal, & tam immensamete maior que toda a infelicidade o cativoiro das Almas escravas do Demonio, & do peccado, que só Deos por sy mesmo as pôde resgatar, & libertar de tal cativoiro. E isto he, como dizem Santo Agustinho,

S. Jeronimo, Santo Hilario, & os mais Padres, o que Isaias quiz exprimar historialmente no cativoiro de Babylonia, & profeticamete no de todo o genero humano; resgatado, & libertado, naõ por outrem, senaõ pelo mesmo Filho de Deos em Pessoa, quãdo cõ o preço infinito de seu Sangue nos remio na Cruz. Os Discipulos de Emaús, & os outros mais rudes da Escola de Christo, cuidavaõ, q̃ a sua vinda ao mundo fora para libertar os filhos de Israel da sojeiçaõ, & cativoiro dos Romanos:

*Nos autem sperabamus, quia ipse esset redempturus Israel:* Luc. 24. 21. mas porisso merecẽraõ o nome de homẽs nescios, & de tardo, & baixo coraçã: *O Ibidem stulti, & tardi corde.* 25.

Por ventura para libertar os filhos de Israel do jugo dos Romanos, faltavalhe a Deos huã vara de Moysès, huã queixada de Samãam, huã sũda de David, huã espada do Machabéo? Mas estas armas, & estes braços, só bastaõ para libertar do cativoiro dos corpos; porèm para o cativoiro das Almas, & para as libertar do jugo do Demonio; & do peccado,

cado, sô tem forças, & poder, o mesmo Deos, & esse com ambos os braços estendidos em huã Cruz. Vede, vede bẽ, quãto vay de cativo a cativo, de resgate a resgate, & de preço a preço. Cõ admiravel energia o ponderou S. Pedro, como se fallára com volco, vendidos, & comprados por dinheiro.

I. Petr. 1.18.19  
 453 *Sciētes, quòd non corruptibilibus, auro, vel argēto redempti estis: sed pretioso Sanguine quasi agni immaculati Christi.* Exhorta o Apostolo a todos a que tratem da salvação de suas Almas, & de as conservar em graça: & para isso diz, que consideremos, q̃ não fomos resgatados com ouro, nem com prata, senão com o preço infinito do Sanguine do Filho de Deos. Nas quaes palavras he muito digno de ponderar, que não sô nos manda S. Pedro considerar o preço, porque fomos resgatados, senão tambem o preço, porque não fomos resgatados. O preço porque não fomos resgatados, que he o ouro, & a prata: *Non corruptibilibus, auro, vel argēto:* & o preço porque fomos resga-

tados, que he o Sanguine do Filho de Deos: *Sed pretioso Sanguine quasi agni immaculati Christi.* Pois se para tratarmos com todo o cuidado, & vigilancia, da Salvação de nossas Almas, o unico, & maior motivo he a cõsideraçõ, de que Deos as resgatou cõ o Sanguine de seu proprio Filho: porque ajunta o Apostolo na mesma cõsideraçõ o preço, cõ que não foraõ resgatadas, que he o ouro, & a prata? Porque o seu principal intento nestes dous preços, que nos manda considerar, foi, para que da differença dos resgates conhecessemos a differença dos cativos. Para resgatar do cativo do corpo, basta dar outro tanto ouro, ou prata, quanto custou o Escravo vendido. Mas para resgatar do cativo da Alma, quanto ouro, ou prata será bastante? Bastará hum Milhaõ? Bastará dous Milhoês? Bastará todo o ouro de Sofalla, & toda a prata do Potofsi? Oh vileza, & ignorancia das apprehensões humanas! Se todo o mar se convertéra em prata, & toda a terra em ouro: Se Deos criára

criára outro mundo, & mil mundos, de mais preciosa materia que o ouro, & mais subidos quilates que os diamantes; todo este preço não seria bastante para libertar do cativoiro do Demonio, & do peccado, huã só Alma por huã só momento. Porisso foi necessario, que o Filho de Deos se fizesse Homem, & morresse em huã Cruz, para que cõ o preço infinito de seu Sangue podesse resgatar, & resgataste as Almas do cativoiro do Demonio, & do peccado. E deste cativoiro tam difficuloso, & tam temeroso, & tam immenso, he, que Eu vos prometto a Carta de alforria pela devaçã do Rosario da Mãy do mesmo Deos.

V.

454 **P**ARA prova desta Carta de alforria me perguntareis vós com razão, & tambem os que tem mais letras que vós, como pôde isto ser? Respondo, que pelo mesmo modo, com que o Filho da mesma Senhora, Christo, libertou do mesmo

cativoiro do Demonio, & do peccado, a todo o genero humano. E se me instar des ainda, q̃ vos diga mais declaradamente qual he este modo? Digo, que não he dando a Senhora aos Escravos a Escritura da liberdade, senão tirando das mãos do Demonio a Escritura do cativoiro. Ovi hum Texto, tam grãde como o mesmo Assumpto: *De Coloss. 2. chirographum decreti; quod erat contrarium nobis, & ipsum tulit de medio, affigens illud Cruci: & expolians principatus, & potestates.* São palavras de S. Paulo: nas quaes diz, q̃ quando Christo morréo na Cruz, despojou os Demônios, tirãdohe das mãos a Escritura, q̃ tinhaõ contra nós, & que depois de apagar quãto nella estava escrito, a fixou na mesma Cruz. Agora resta saber, que Escritura era esta? E posso que os Santos Padres, & Interpretes declarã variamente o literal della, todos uniformemente vem a dizer, que era a Escritura de vendã, pela qual o homem pelo peccado entrega a sua Alma ao Demonio, & fica obrigado

obrigado por ella às penas eternas, que a Justiça Divina lhe tem decretadas. E assim como paga a divida, nenhuma força, nem vigor tem já a Escritura, que o acredor tinha em sua mão: assim Christo morrendo na Cruz, com o mesmo Sangue, com que pagou a divida do peccado, apagou juntamente a Escritura, pela qual o homem tinha vendido a sua Alma ao Demonio, & setinha feito seu Escravo: *Delens quod adversus nos erat chirographum.* Demancira, que para Christo libertar o homem do cativo do Demonio, não deu ao homem nova Escritura de liberdade, mas tirou ao Demonio a Escritura de cativoiro, pela qual o mesmo homẽ se lhe tinha vendido. E isto he o que a Virgem Senhora nossa faz, como agora veremos.

455 Os peccados, pelos quaes os homẽs se vendem ao Demonio, como notou S. Joaõ, são tres, em que se comprehendem todos: Soberba, Cubiça, Sensualidade. E em todos tres temos a prova das Escrituras de cativoiro, que

1. Joann.  
2.16.

a Mãy de Deos; como seu Filho, tira das mãos do Demonio, para pôr em liberdade os que lhe vendêraõ as Almas. He famoso, & celebrado de todos os Padres Antigos, o caso de hum chamado Theofilo, o qual vendose afrontado por hum falso testimunho, & não achando meyo licito, com que se restituir à opiniaõ, & honra perdida, por intervenção de hũ Feiticeiro se valéo do Demonio; & depois de renegar de Deos, & da Virgem Maria, lhe passou hum escrito de sua letra, & final, em que se lhe entregava por perpetuo Escravo. Tanto pôde com os soberbos a vã estimaçã da propria honra. Outro, que refere o Beato Alano, vendose em grande miseria de pobreza, & não lhe aproveitando nenhuma industria para ser rico, como insanamente decajava, recorreo tambem ao Demonio, & depois da mesma cerimonia heretica, & blasfema, com que renunciou a Deos, & a sua Mãy, lhe passou na mesma fórma escrito de perpetua servidaõ. A que sacrilegios não precipita

Parr.  
Aniq.

Ulla

Beat. Alan.

Ulla

pita

plta os animos mortaes a execrada fome da cubiça? Finalmente, outro referido por Torfelino, depois de em-  
*Torfe- lin.* *Voffe* pregar, & empenhar sem effeito na conquista de huã molher honesta, & constante, todos aquelles extremos, de que se costuma servir em semelhan-  
 te dezatino a cegueira, & locura do amor profano, acodio por ultimo remedio, ou por ultimo precipicio, aos poderes do Demonio, ao qual com as mesmas clausulas do seu Formulario infernal, se vendéo, & cativou para sempre. Ainda fizera mais, se mais lhe pudéra pedir hu Escravo da sensualidade.  
 456 Todos estes Escravos do Demonio em confirmação do pacto, com que se tinhaõ vendido, conseguiraõ o que o mesmo Demonio lhe promettéra: o Soberbo o credito perdido: o Cubiçoso a riqueza dezejada: o Sensual a torpeza resistida. Mas depois que o ardor do appetite esteve em todos satisfeito, & porisso já menos cego: que fariaõ as tristes Almas vendose vendidas? Maior era agora a força do arrendime-

to, do que tinha sido a furia do mesmo appetite. E não se descuidando o Demonio em mostrar a cadahum a sua firma, & o seu escrito, pouco faltou, que daquelle infelicissimo estado não cahissem todos no ultimo da desesperação. Recorrendo porẽm todos por extraordinaria luz, & mercê do Ceo, ao unico patrocínio da Mãe de misericordia, com gemidos, lagrimas, penitências, & continuas orações: ainda assim era justo, que a chassem fechadas as portas da misericordia em Deos, & na Mãe de Deos, os que tinhaõ negado a ambos. Mas qual vos parece, que seria o fim, não de hum, senão de tres casos, tam difficilto-  
 sos, & horrendos? De dous Ladroes na Cruz, hum se salvou para exemplo da Misericordia, & outro se condemnou para exemplo da Justiça. Porẽm onde entra vossa soberana mão, ò Virgem piadossissima, não ha estas exceções, nem piedade de meyas. A todos tres restituio a poderossissima Senhora as suas Escrituras, tirandoas por força das mãos do Demonio, &

entregandoas outra vez aos mesmos, que as tinhaõ escrito, para que metessem, & apagassem no fogo as letras, com que elles se tinhaõ cõdennado ao fogo, que se não apaga. He o que fez Christo ãa Cruz: *Delens quod adversus nos erat chirographum*: & he, a proporçãõ, que achou entre Christo, & sua Mãy, o antigo Geometra, quando elegantemente chamou à mesma Senhora, *Spongiam nequivera. via nostra, adversus. Diaboli Scripturam.* missi libes sup. p. 457 Este foi o modo, cõ que a Virgem Senhora nossa à imitaçãõ de seu Filho, não fazendo, senãõ desfazendõ Escrituras, deu Carta de liberdade a estes tres Escravos do Demonio. E elles, que fizeraõ? Todo o resto da vida empregáraõ em louvar, & dar graças por tam singular, & extraordinario beneficio à Soberana Autora delle. O Escravo da Cubiça, que foi em tempo de S. Domingos, rezava o Rosario: o Escravo da Soberba, que foi muito antes de haver Rosario, sem essa ordem, mas com perpetuas repetiçoẽs saudava a Senhora

com a Ave-Maria: o Escravo da Sensualidade, que recebeu o seu escrito na mesma casa sagrada (hoje chamada do Loreto) onde o Anjo começou a sua embaixada, dizendo: *Ave gratia plena*: repetia o mesmo infinitas vezes. Desorte, que todos tres rezavaõ o Rosario, sò com huã differença: que no primeiro era o Rosario enfiado, nos outros defenfiado. E este exemplo devem tomar os Pretos, para quando a força da occupaçãõ, ou do trabalho, lhe não permittir enfiarem as suas Ave-Marias pela ordem dos Mysterios: invocando porẽm sempre a mesma Senhora, para que os ajude no seu trabalho. E tẽ mais alguã cousa que imitar? Sim, & a maior. Pela Carta de liberdade, que recebẽraõ os tres Escravos do Demonio, não se tratãraõ como Forros, senãõ como Cativos de quem os libertou. Assim fizeraõ, & assim o deviaõ fazer: porque este he, não sò o primor, senãõ a obrigaçãõ de todos aquelles, a quem Deos livra do cativeiro do Demonio, & do peccado.

Quando

458 Quando Christo morréo na Cruz, já vimos como nella apagou as Escrituras de todos os que em Adam, & depois d'elle, se tinhaõ vendido ao Demonio. Agora notay, que depois de resuscitado, quando subio triunfante ao Ceo, ao modo dos Triunfadores Romanos, levou diante de sy todos os que até entãõ tinha tirado das marmoras do mesmo cativoiro. Assim o canta David, mas por termos, em que, parece, nega o que celebra, & desdiz o que quer dizer. No Texto da Vulgata diz, que quando Christo subio ao Ceo, cativou o cativoiro: *Ascendisti in altum, cepisti captivitatem*: na Versão de S. Paulo diz, que levou os Cativos cativos: *Ascēdens in altum, captivam duxit captivitatem*. Pois se o Senhor não levou no seu triunfo, senão os que tinha libertado: & porque os tinha libertado, elle foraõ todo o despojo das suas vitórias, & elles a maior pompa, ostentaçaõ, & magestade do mesmo triunfo: como diz David, que entãõ cativou o cativoiro, & levou diante de sy os Cativos, não li-

vres, senão cativos? Porque a mesma liberdade, com que Christo os libertou, foi novo cativoiro, com que os tornou a cativar: & porque os levava libertados, & livres, os levou novamente cativos. A liberdade he hum estado de izençaõ, que huã vez perdido, nunca mais se recupera: quẽ foi Cativo huã vez, sempre ficou Cativo: porque, ou o libertaõ do cativoiro, ou não: se o não libertaõ, continúa a ser Cativo do Tyranno: se o libertaõ, passa a ser Cativo do libertador. E isto he o que succedeo a todos os q̃ Christo libertou na Cruz apagadas as Escrituras do seu cativoiro. Antes da liberdade Cativos, & depois da liberdade também Cativos: antes da liberdade Cativos do Demonio, a quem se venderaõ, depois da liberdade Cativos de Christo, que os resgatou: antes da liberdade Cativos do peccado, depois da liberdade Cativos de Deos, como diz o Apostolo: *Liberati à peccato, servi autem facti Deo.*

Rom. 6.  
12.

459 Desta maneira se mostrãõ agradecidos à sua Carta

Carta de alfortia, aquelles tres Cativos, cativandose de novo, & fazendose Escravos da mesma Senhora, que os libertára. E o mesmo devem fazer todos, os que se achão ainda no cativeiro de Babilonia, & querem sair delle. Cativemse, para se libertarẽ; & façãse Escravos da Senhora do Rosario, para não serem Escravos do Demônio, se ainda o são; ou para se conservarem livres, se já estão fora do cativeiro. Apaguem a marca do Demonio; que he marca de Cativos, & ponhão em seu lugar a marca do Rosario, que he marca de livres. E se quereis saber, qual he a figura desta marca, digo, que huã Rosa. Conta-se no Segundo Livro dos Machabéos, que aos Cativos de Jerusalem mandou o Tyranno marcar com huã folha de Hera, para se professarem Escravos do Deos Bacho, a que era dedicada aquella planta. E q̃ marca mais propria dos Escravos do Rosario, que huã Rosa, não sô como ferrete glorioso do seu novo cativeiro, mas como publico sinal, & sello, da sua Carta de

2. Machab. 6.  
7.

alfortia? Os que sois, ou fostes marcados, trazeis huã marca no peito, outra no braço. Assim quer que tragais a sua marca a Senhora do Rosario: *Pone me ut signaculum super cor tuum, ut signaculum super brachium tuum.* As voltas de Contas, que trazeis nos pulsos, & ao pescoço (sallo com as Pretas) sejaõ todas das Contas do Rosario. As do pescoço cahidas sobre os peitos, seraõ a marca do peito: *Pone me ut signaculum super cor tuum:* & as dos pulsos como bracelletes, seraõ a marca do braço: *Ut signaculum super brachium tuum:* & huã, & outra marca, assim no coração, como nas obras, seraõ huã testemunho, & desenganano publico para todos, de que já estão livres vossas Almas do cativeiro do Demonio, & do peccado, para nunca mais o servir: *Et post transmigracionem Babylonis.*

## VI.

460 **L**ivres por este modo do maior, & mais pezado cativeiro, que he o das Almas, ainda ficais

Es-

Escravos do segundo, que he o dos corpos. Mas nem por isso deveis imaginar, que he menos inteira a mercé, que a Senhora do Rosario vos faz. Que seja poderosa a Senhora do Rosario para livrar do cativo do corpo, se tem visto em innumeraveis exemplos em que estando Cativos em terra de Infeis por meyo da devaçã do Rosario se acháraõ livres, & depois de offerecerem aos Altares da mesma Senhora os grilhoes, & cadeas do seu cativo quebradas, como trofeos do seu poder, & misericordia, as penduráraõ nos Templos. Quando Deos descéo a libertar o seu Povo do cativo do Egypto, porque cuidals q̄ apparecéo a Moyses na Carça? Porque a Carça, como dizem todos os Santos, era figura da Virgem Senhora nossa: & quiz Deos já entã fazer manifesto ao mundo, que a mesma Virgem Santissima, naõ sô era o instrumẽto mais proporcionado, & efficaz, da Divina Omnipotencia, para libertar os homẽs do cativo das Almas (que porisso a escolhéo por

Tom. 6.

Mã, quando veyo remir o genero humano ) senão tambem para os libertar do cativo dos corpos, qual era aquella, que padecia o Povo no Egypto debaixo do jugo de Faraõ. Assim que poderosa era a Mã do Redemptor para vos livrar tambem deste segundo, & menor cativo. Mas he particular providencia de Deos, & sua, que vivais de presente Escravos, & Cativos, para que por meyo do mesmo cativo temporal consigais muito facilmente a liberdade eterna.

461 Somos chegados à segunda parte da Alforria, que vos prometti, & a hum ponto, no qual sô vos falta o conhecimento, & bom uso do vosso estado, para serdes nelle os mais venturosos homẽs do mundo. Sobre esta materia sô vos hey de allegar com os dous Principes dos Apostolos, S. Pedro, & S. Paulo, os quaes a tratáraõ muito de proposito em varios lugares, fallando com os Escravos tam seriamente, como se falláraõ com os Emperadores de Roma, & tam alta, & profundamente, como se fal-

Dd lãraõ

láraõ com os Sabios da Grecia. Para que naõ euident os que desprezaõ os Escravos, q̃ este Aflumpto (& mais em terra onde ha tantos) seja menos digno de se empregarem nelle com todas as forças da Eloquencia, & com toda a efficacia do Espirito, os maiores Prégadores do Evangelho. Falla pois o Apostolo S. Paulo com os Escravos, & diz assim em dous lugares:

Coloss. 3. *Servi, obedite per omnia Dominis carnalibus, non ad oculum servientes, quasi hominibus placentes, sed in simplicitate cordis timentes Deum.*

*Quodcumque facitis, ex animo operamini, sicut Domino, & non hominibus: scientes quod à Domino accipietis retributionem hereditatis. Domino Christo servite.* Escravos (diz S. Paulo) obedecey em tudo a vossos Senhores, naõ os servindo sõmente aos olhos, & quando elles vos vem, como quem serve a homẽs; mas muito de coraçãõ, & quando naõ fois vistos, como quem serve a Deos. Tudo o que fizerdes, naõ seja por força, senaõ por vontade: advertindo outra vez, que servis a

Deos, o qual vos ha de pagar o vosso trabalho, fazendovos seus herdeiros. Em fim, servi a Christo: *Domino Christo servite.*

462 Deixando esta ultima palavra para depois; sõ pondéro agora aquellas: *Sciẽtes quod à Domino accipietis retributionẽ hereditatis.* Duas cousas promete Deos aos Escravos pelo serviço, que fazem a seus Senhores, ambas naõ sõ desusadas, mas Inauditas: que saõ paga, & herança: *Retributionem hereditatis.* Notay muito isto. Quando servis a vossos Senhores, nem vós fois seus herdeiros, nem elles vos pagãõ o vosso trabalho. Naõ fois seus herdeiros, porque a herança he dos filhos, & naõ dos Escravos: & naõ vos pagãõ o vosso trabalho, porque o Escravo serve por obrigaçãõ, & naõ por estipendio: Triste, & miseravel estado, servir sem esperança de premio em toda a vida, & trabalhar sem esperança de descãço, senaõ na sepultura! Mas bom remedio, diz o Apostolo (& isto naõ saõ encarecimentos, senaõ Fé Catholica.)

O remedio he, que quando servis a vossos Senhores, naõ os sirvais, como quem serve a homẽs, senaõ como quem serve a Deos: *Sicut Domino, & non hominibus*: porque entraõ naõ servis como Cativos, senaõ como livres, nem obedeeis como Escravos, senaõ como filhos. Naõ servis como Cativos, senaõ como livres; porque Deos vos ha de pagar o vosso trabalho: *Scientes quod accipietis retributionem*: & naõ obedeeis como Escravos, senaõ como filhos; porque Deos, com quẽ vos conformais nessa fortuna, que elle vos deu, vós ha de fazer seus herdeiros: *Retributionem hereditatis*. Dizeyme: Se servisseis a vossos Senhores por jornal, & se houvesseis de ser herdeiros da sua fazenda, naõ os servis com grande vontade? Pois servi a esse mesmo, que chamais Senhor, servi a esse mesmo homem, como se servisseis a Deos: & nesse mesmo trabalho, que he forçoso, bastará a voluntaria applicação deste como: *Sicut Domino*: como a Deos: para que Deos vos pague como a

livres, & vos faça herdeiros como a filhos: *Scientes quod accipietis retributionem hereditatis*.

463 Isto diz S. Paulo. E S. Pedro, que diz? Ain da levanta, & aperta mais o ponto. E depois de fallar com os Christaõs de todos os estados em géral, se dilata mais com os Escravos, & os anima a suportarem o da sua fortuna com toda esta magestade de razoẽs: *Servi, subditi stote in omni timore Domini, non tantum bonis, & modestis, sed etiam dyscolis*. Escravos, estay sojeitos, & obedientes em tudo a vossos Senhores, naõ só aos bons, & modestos, senaõ tambem aos máos, & injustos. Esta he a summa do preceito, & conselho, que lhes dá o Principe dos Apostolos, & logo ajunta as razoẽs, dignas de se darem aos mais nobres, & generosos Espiritos. Primeira: porque a gloria da paciencia he padecer sem culpa: *Quae ibidem enim est gloria: si peccantes, & colaphizati suffertis*: Segunda: porque essa he a graça, cõ que os homẽs se fazem mais açeitos a Deos: *Sed si bene*

I. Petri  
2. 18.

Ibidem  
20.

Ibidem

*facientes patienter sustinetis: haec est gratia apud Deum. Tercera, & verdadeiramente estupenda: porque nesse estado, em que Deos vos poz, he a vossa vocação semelhante à de seu Filho, o qual padecéo por nós, deixandovos o exemplo, que haveis de imitar: In hoc enim vocati estis: quia & Christus passus est pro nobis, vobis relinquens exemplum, ut sequamini vestigia ejus.* Justifimamente chamey a esta razão estupenda; porque quem haverá, que não páise à vista da baixeza dos sojeitos, com quem falla S. Pedro, & da alteza da cóparação altíssima, a que os levanta? Não compara a vocação dos Escravos a outro grão, ou estado da Igreja, senão ao mesmo Christo: *In hoc enim vocati estis, quia & Christus passus est.* Mais ainda. Não pára aqui o Apóstolo; mas acrescenta outra nova, & maior prerogativa dos Escravos, declarando por quem padecéo Christo, & para que: *Quia & Christus passus est pro nobis, vobis relinquens exemplum.* Sempre reparey muito na differença daquelle *Nobis*, & daquelle

Vobis. A Paixaõ de Christo teve dous fins: o remedio, & o exemplo. O remedio foi universal para todos nós: *Passus est pro nobis*: mas o exemplo não duvida S. Pedro afirmar, que foi particularmente para os Escravos, com quem fallava: *Vobis relinquens exemplum.* E porque? Porque nenhum estado ha entre todos mais aparelhado no que naturalmente padece, para imitar a paciencia de Christo, & para seguir as pizadas do seu exemplo: *Vobis relinquens exemplum, ut sequamini vestigia ejus.*

464. Oh ditozos vós, outra, & mil vezes, como dizia, se assim como Deos vos deu a graça do Estado, vos der também o conhecimêto, & bom uso delle! Sabeis, qual he o estado do vosso cativo, se usardes bem dos meyo, que elle traz consigo, sem acrescentardes nenhum outro? He hum estado, não sò de Religião, mas huã das Religioes mais austéras de toda a Igreja. He Religião segundo o Instituto Apostolico, & Divino, porque se facis o que sois obrigados, não servis a ho-

*Ibidem*  
21.

Ephef. 6.7.

homẽs, senaõ a Deos, & com titulo nomcada mẽte de Servos de Christo: *Ut servi Christi, facientes voluntatem Dei ex animo, cum bona voluntate servientes, sicut Domino, & non hominibus.* Notay muito aquella palavra, *Cum bona voluntate servientes.* Se servis por força, & de má vontade, sois apõstatas da vossa Religiaõ: mas se servis com boa vontade, cõformando a vossa com a divina, sois verdadeiros Servos de Christo: *Domino Christo servite.* Assim como na Igreja ha duas Religioẽs da Redempçaõ de Cativos, assim a vossa he de Cativos sem Redempçaõ. Paraque tambem lhe naõ faltasse a perpetuidade, que he a perfeiçaõ do estado. Huãs Religioẽs saõ de Descalços, outras de Calçados: a vossa he de Descalços, & Despídos. O vosso Habito he da vossa mesma cor; porque naõ vos vestem as pelles das ovelhas, & camelos, como a Elias; mas aquellas, com que vos cobrio, ou defeobrio, a natureza, expostos aos calores do Sol. & frios das chuvas. A vossa pobreza he mais pobre

que a dos Menores, & a vossa obediência mais sojeita que a dos q̃ nós chamamos Minimos. As vossas abstinências mais merecem nome de fome, que de jejum, & as vossas vigílias naõ saõ de huã hora à meya noite, mas de toda a noite sem meyo. A vossa Regra he huã, ou muitas, porq̃ he a vontade, & vontades, de vossos Senhores. Vós estais obrigados a elles, porque naõ podeis deixar o seu cativeiro, & elles naõ estaõ obrigados a vós; porque vos podem vender a outro, quando quizerem. Em huã sã Religiaõ se acha este contrato, para que tambem a vossa seja nisto singular. Nos nomes do vosso tratamento naõ fallo, porque naõ saõ de Reverencia, nem de Caridade; mas de Desprezo, & Afronta. Em fim, toda a Religiaõ tem fim, & vocação, & graça particular. A graça da vossa, saõ Açoutes, & Castigos: *Hec est gratia apud Deum.* A Vocação he a imitação da paciencia de Christo: *In hoc vocati estis, quia & Christus passus est: & o fim he a herança eterna por premio: *Scientes quod accipietis retri-**

*butionem hereditatis. Domino Christo servite.* E como o Estado, ou Religião do vosso cativoiro, sem outras asperezas, ou penitencias, mais que as que elle traz consigo, tẽ seguro, por promessa do mesmo Deos, naõ sò o premio de Bemaventurados, senaõ tambem a herança de Filhos: favor, & providencia muito particular he da Virgem Maria, que vos conserveis no mesmo estado, & grandes merecimentos delle: para que por meyo do cativoiro temporal configais, como vos prometti, a Liberdade, ou Alforria Eterna.

## VII.

465 **C**Rede, crede tudo o que vos tenho dito, que tudo, como já vos adverti, he de Fé, & sobre esta Fé levantay vossas esperanças, naõ sò ao Ceo, senaõ ao que agora ouvireis, que lá vos está aparelhado. Oh que mudança de fortuna será entaõ a vossa, & que pasmo, & confusão para os que hoje tem tam pouca humanidade, que a desprezaõ, & tam pouco

entendimento, que a naõ envejaõ! Dizeyme: Se assim como vós nesta vida servis a vossos Senhores, elles na outra vida vos houveraõ de servir a vós, naõ seria huã mudança muito notavel, & huã gloria para vós nũca imaginada? Pois sabey, que naõ ha de ser assim, porq̃ seria muito pouco. Naõ vos diz Deos, que quando servis a vossos Senhores, naõ sirvais como quem serve a homẽs, senaõ como quem serve a Deos: *Sicut Domino, & non hominibus?* Pois esta grande mudança de fortuna, que digo, naõ ha de ser entre vós, & elles, senaõ entre vós, & Deos, q̃ vos haõ de servir no Ceo, naõ haõ de ser vossos Senhores: que muitos pòde ser que naõ vaõ là: mas quem vos ha de servir, he o mesmo Deos em Pessoa. Deos he o que vos ha de servir no Ceo, porque vós o servistes na terra. Ouvi agora com atençaõ.

466 Antigamente entre os Deoses dos Gentios havia Macro- *bruius* Satur- *nal. lib.* hum, que se chamava Saturno, o qual era Deos dos Escravos, & quando vinhaõ as Festas de Saturno, que porisso se

se chamavaõ Saturnaes, huã das Solennidades era, que os Escravos naquelles dias eraõ os Senhores, que estavaõ assentados, & os Senhores os Escravos, que os serviaõ em pé. Mas acabada a Festa, também se acabava a representaçã daquella Comedia, & cadahum ficava como dantes era. No Ceo não he assim; porque tudo là he eterno, & as Festas não tem fim. E quaes seraõ no Ceo as Festas dos Escravos? Muito melhores q̃ as Saturnaes. Porque todos aquelles Escravos, que neste mundo servirem a seus Senhores como a Deos, não saõ os Senhores da terra, os que os haõ de servir no Ceo, se não o mesmo Deos em Pessoa, o que os ha de servir. Quem se atrevéra a dizer, nẽ imaginar, tal cousa, se o mesmo Christo o não differa?

*Luc. 12. Beati servi illi, quos, cum venerit Dominus, invenerit vigilantes: Bemaventurados aquelles Escravos, a quem o Senhor no fim da vida achar que foraõ vigilantes em fazer sua obrigaçã. E como lhe pagará o mesmo Senhor? Elle mesmo o diz, & affirmã*

com juramento: *Amen dico vobis, quod praeinget se, & faciet illos discumbere, & transiens ministrabit illis.* Mandará assentar os Escravos à mesa, & elle como Escravo cingirá o avental, & os servirá a ella. Por este excesso de honra declara Christo, quanto Deos ha de honrar aos Escravos no Ceo, se elles servirẽ a seus Senhores, como se servissem a Deos. Servistes a vossos Senhores na terra, como amim? Pois Eu, que sou o Senhor de vossos Senhores, vos servirey no Ceo, como vós a elles. S. Pedro Chryso-  
logo: *En pavenda conversio servitutis: quia parumper servus astitit in Domini sui expectatione succinctus: & cui ut Talionem redderet, dissimulat se in ipsa Divinitate Divinitas!* Oh mudança de servidaõ (diz Chrysologo) não sã admiravel, & estupenda, mas tremenda! Que porq̃ o Escravo servio, & esperou a Deos hum pouco de tempo, se dissimule a Divindade dentro em sy mesma, & o mesmo Deos no Ceo sirva ao Escravo! E isto faz Deos (diz elegante, & discretamente o Sã-

to) porque assim como na terra ha Ley de Taliaõ para os delitos, assim no Ceo tem Deos Ley de Taliaõ para os premios: *Ut Talionem redderet.*

467 Mas porque não pareça, que excede os termos da rigorosa Theologia, dizer que servirá Deos como Escravo no Ceo aos Escravos, que servirão a Deos na terra; ouvi ao Principe dos Theologos, Santo Thomás, sobre este mesmo Texto do Evan-

*D. Tho- mas o- pulculo 63. S. 3.* *gelho: Deus Omnipotens Sanctis omnibus in tantum se subijci, quasi sit Servus empirius singulorum, quilibet verò ipso- rum sit Deus suus.* O Deos

Omnipotente de tal maneira se sojeita a todos os que santamente o servirão, como se Deos fora Escravo comprado de cadahum, & cadahum dos que assim o servirão fora Deos do mesmo Deos. Vede, vede, se vos está melhor servir a vossos Senhores, como a Deos, ou servilos, como a homês. Depois de os servires toda a vida como a homês, o mais que podeis esperar delles na terra, he huã esteira de Tabúa por mortalha: & se os

servires como a Deos, o que haveis de alcançar delle no Ceo, he, que vos servirá, & honrará por toda a Eternidade, como se vós, aqui miseravel Escravo, fosseis seu Deos, & elle vosso Escravo comprado: *Quasi sit Servus empirius singulorum, quilibet verò ipso- rum sit Deus suus.*

468 E para que do mesmo, que experimentais, & gozais na terra, julgueis o que será no Ceo, ponde os olhos naquelle Altar. O mesmo benignissimo Senhor, que no desterro, & no cativoiro, vos poem consigo à mesa, que muito he que no Ceo vos sirva a ella? Foi questaõ entre os Filozofos antigos: Se era justo, & decente, que os Senhores admittissem consigo à mesa, & puzessem a ella os seus Escravos? Os Estoicos, q. era a Seita mais racional, & entre os Gêtios a mais Christã, ensinava, que os Senhores deviaõ admittir os Escravos à sua mesa, & louvavaõ a humanidade dos que isto faziaõ, & se riaõ da soberba dos que se desprezavaõ de o fazer. *Servi sumi* (dizia o maior Mestre da mesma Seita).

*Servi*

Seneca  
lib. 6.  
Epi. 2.  
17.

*Servi sunt? Imò homines. Servi sunt? Imò contubernales. Servi sunt? Imò humiles amici. Servi sunt? Imò conserui. Ideoque rideo istos, qui turpe existimant cum servo suo canare.* Todas estas razões de Seneca se reduzem a huã, que he, serem tambem homẽs os que são Escravos. Se a fortuna os fez Escravos, a natureza felos homẽs: & porque ha de poder mais a desigualdade da fortuna para o desprezo, q̃ a igualdade da natureza para a estimaçaõ? Quando os desprezo a elles, mais me desprezo a mim; porque nelles desprezo o que he por desgraça, & em mim o que sou por natureza. A esta razãõ forçosa em toda a parte se acrecenta outra nõ Brasil, q̃ convence a injustiça, & exagéra a ingratiãõ. Quem vos sustenta no Brasil, senãõ os vossos Escravos? Pois se elles sãõ, os que vos daõ de comer, porque lhe haveis de negar a mesa, que mais he sua, q̃ vossa? Com tudo a magestade, ou deshumanidade da opiniaõ contraria, he a que prevalece, & nõ sãõ admittidos os Escravos à mesa,

mas nem ainda às migalhas della, tendo melhor a fortuna dos caẽs, que a sua, posto que sejaõ tratados cõ o mesmo nome. Que importa porẽm, que os Senhores os nõ admitraõ à sua mesa, se Deos os convída, & regála com a sua? *O res mirabilis* (exclama Santo Thomás, & com elle toda a Igreja) *O res mirabilis; manducat Dominum pauper; servus, & humilis!* O Escravo pobre, & humilde, nõ sãõ come à mesa cõ seu Senhor, mas come ao mesmo Senhor. Comparay agora mesa com mesa, & Senhor com Senhor, & ridevos com Seneca dos q̃ ainda neste ponto se nõ descem da authoridade de Senhores: *Rideo istos, qui turpe existimant cum servo suo canare.*

469 E se Deos, sendo Escravos, vos poem à sua mesa na terra: que muito he, que tendoo promettido, & estando vós já livres do cativoiro, vos haja de servir à mesa no Ceo, sendo a mesa, nõ outra, senãõ a mesma? Todos os réparos, que podia ter esta admiraçaõ, já Christo os deixou desfeitos na Instituiçaõ  
do

do mesmo Sacramento. Antes de Christo instituir o Soberano Mysterio do Santissimo Sacramento, preparou-se a sy, & preparou os Discipulos. E quaes foraõ as preparaçõs? Duas em huã só acção, que foi o Lavatorio dos pés. A sua, servindoos como Escravo; & a dos Discipulos, obrigandoos a que se deixassem servir como Senhores. E se Christo servio aos homẽs como Escravo, porque os havia de pôr à sua mesa na terra, que muito haja de servir aos Escravos já livres, quando os tiver à sua mesa no Ceo: *Faciet illos discumbere, & transiens ministrabit illis?* Esta he a mudança sobre toda a admiração estu- penda, com que entãõ vereis trocada a vossa fortuna, cã servindo aos homẽs, & lã sendo servidos do mesmo Deos. Mas o que agora importa, he, que de nenhum modo falteis à obrigaçãõ, com que sãõ se promete a felicidade desta mudança à presente miseria de vossa fortuna. E qual he, senãõ estais bem lembrados? He, que vós tambem mudeis a intençaõ, & troqueis os fins

do vosso mesmo trabalho, fazendo de forçoço a vossos Senhores como a Christo, & debaixo dos homẽs a Deos: *Sicut Domino, & non hominibus. Domino Christo servite.* Desta maneira ficateis duas vezes forros, & livres: livres do cativoiro do Demonio pela liberdade das Almas, & livres do cativoiro temporal pela liberdade eterna: que sãõ os dous cativoiros da primeira transmigraçãõ de Babilonia, & as duas liberdades da segunda: *In transmigratio- ne Babylonis. Et post transmigratiõem Babylonis.*

## VIII.

470 **T**enho acabado o meu Discurso, & parece-me, que naõ faltado ao que vos prometti. E porque esta he a ultima vez, que hey de fallar com vosco, quero acabar com hum documento, tirado das mesmas palavras, se muito necessario para vós, muito mais para vossos Senhores. *Iechoniam, & fratres ejus in transmigratiõem Babylonis.* Este Jeconias, & estes seus

seus irmãos, quem foram? Todos foram Reys, & filhos de Reys, & Reys do Reyno de Juda, fundado pelo mesmo Deos, & o mais famoso do mundo: & nada disto bastou, para que não fossem levados cativos a Babilonia, & lá tratados como vilíssimos Escravos; hum carregado de cadeas, outro com grilhões nos pés, outro com os olhos arrancados, depois de ver com elles matar em sua presença os próprios filhos. Em significação deste cativo andava o Profeta Jeremias pelas ruas, & praças de Jerusaleem com huã grossa cadea ao peçoço. E a esta acrescentou depois outras sinco, as quaes mandou aos Reynos, & Reys confinantes, pelos seus Embaixadores, que residiaõ naquelle Corte. Huã ao Rey de Edom, outra ao Rey de Moab, outra ao Rey de Ammon, outra ao Rey de Tyro, outra ao Rey de Sidonia; porque todos no mesmo tempo haviaõ de ser cativos, como foram, pelos Exercitos dos Chaldéos. Pois se os Centros, & Coroas, não livraráõ do cativo a tantos Reys,

& depois de adorados dos seus vassallos, se viráõ Escravos dos estranhos; estas voltas tam notaveis da roda da fortuna vos devem consolar tambem na vossa. Se isto succede aos Leões, & aos Elefantes, que razaõ podem ter de se queixar as Formigas? Se estes nascidos em Palacios dourados, & emballados em berços de prata, se viráõ Cativos, & carregados de ferros: vós nascidos, & criados nas brenhas da Ethiopia, consideray as grandes razoës, que tendes, para vos compor com a vossa fortuna, tanto mais leve, & levar com bom coração os descontos della. O que haveis de fazer, he consolarvos muito com estes exemplos: sofrer com muita paciencia os trabalhos do vosso estado: dar muitas graças a Deos pela moderação do cativo, a que vos trouxe: & sobre tudo aproveitarvos delle para o trocar pela liberdade, & felicidade da outra vida, que não passa, como esta, mas ha de durar para sempre.

471 Este foi o documento dos Escravos. E os Senho-

resterão também alguma cousa, que tirar, deste cativoiro de Babylonia? Parece q̄ não. Eu ( está dizendo cadahum consigo ) eu por graça de Deos sou Branco, & não Preto: sou livre, & não Cativo: sou Senhor, & não Escravo: antes tenho muitos. E aquelles, que se virão Cativos em Babylonia, eraõ Pretos, ou Brancos? Eraõ Cativos, ou livres? Eraõ Escravos, ou Senhores? Nem na cor, nem na liberdade, nem no senhorio, vos eraõ inferiores, Pois se elles se virão abatidos ao cativoiro, sendo necessario para isso descer tâtos degrãos, vós, que com a mudança de hum pé vos podeis ver no mesmo estado, porque não temeis o vosso perigo? Se sois moço, muitos annos tendes para poder experimentar esta mudança; & se velho, poucos bastaõ.

Macro-  
br. co-  
dem lib.  
1.

Introduz Macrobrío em hũ dialogo dous interlocutores, hum chamado Pretextato, grande desprezador dos Escravos, & outro, que os defendia, chamado Evangelo. Este pois, que sô huã letra lhe faltava para Evangelho, disse assim a Pretextato: *Si cogita-*

*veris tantumdem in utroque licere fortuna; tam tu illum videre liberum potes, quàm ille te servum.* Se considerares, o Pretextato, que tanto poder tem a fortuna sobre os Escravos, como sobre os livres; acharás, que este, que tu hoje vés Escravo, à manhaã o podes ver livre: & que elle, que hoje te vé livre, à manhaã te pôde ver Escravo. E tenão dizem, de que idade era Hecuba, Cresso, & a Mãe de Dario, & Diogenes, & Plataõ, quando se virão Cativos? *Nescis qua atate Hecuba servire capit, qua Crassus, qua Darij Mater, qua Diogenes, qua Plato ipse?*

472 Senhores, que hoje vos chamais assim, consideray, que para passar da liberdade ao cativoiro, não he necessaria a transmigração de Babylonia, & que na vossa mesma terra pôde succeder esta mudança, & que nenhũa ha no mundo, que mais a mereça, & esteja clamando por ella à Divina Justiça. Ovi hum pregaõ da mesma Justiça Divina por boca do Evangelista S. Joãõ: *Si quis habet Apocal. 13.9. aurem, audiat: quem tem ou-*  
vidos,

Ibidem  
10.

vidos, & naõ he furdo aos avidos de Deos, ouça. E que ha de ouvir? Poucas palavras, mas tremendas: *Qui in captivitatē duxerit, in captivitatē vadet*: todo aquelle que cativar, será Cativo. Olhay para os dous pólos do Brasil, o do Norte, & o do Sul, & vede, se houve já mais Babilonia, nẽ Egypto no mundo, em que tantos milhares de Cativeiros se fizessem, cativandose os que fez livres a Natureza, sem mais Direito, que a violencia, nem mais causa, que a cubiça, & vendēdose por Escravos. Hum sò homem livre cativáraõ os Irmãos de Joseph, quando o vèdéraõ aos Ismaelitas para o Egypto: & em pena deste sò cativeiro, cativou Deos no mesmo Egypto a toda a geraçãõ, & descendentes dos que o cativáraõ, em numero de Seis centos mil, & por espaço de quatro centos annos. Mas para que he ir buscar os exemplos fõra de casa, & tam longe, se os temos em todas as nossas Conquistas. Pelos cativeiros da Africa cativou Deos a Mina, São Thomé, Angóla, & Benguella: pelos

cativeiros da Asia cativou Deos Maláca, Ceilam, Ormuz, Mascate, & Cochim: pelos cativeiros da America cativou a Bahia, o Maranhãõ, & debaixo do nome de Pernambuco quatro centas legoas de Costa por vinte & quatro annos. E porque os nossos cativeiros começáraõ, onde começa a Africa, allí permittio Deos a perda d' El Rey Dom Sebastiaõ, a q se seguiu o cativeiro de Seisenta annos no mesmo Reyno.

473 Bem sey, que algũs destes cativeiros saõ justos, os quaes sò permittem as Leys, & que taes se suppoem, os q no Brasil se compraõ, & vendem, naõ dos naturaes, senãõ dos trazidos de outras partes: mas que Theologia ha, ou pôde haver, que justifique a deshumanidade, & sevicia dos exorbitantes castigos, cõ que os mesmos Escravos saõ maltratados? Maltratados disse, mas he muito curta esta palavra para a significaçãõ do que encerra, ou encobre. Tyrannizados devera dizer, ou martyrizados; porque serem os miseraveis, pingados, la-

lacrados, retalhados, salmourados, & os outros excessos maiores, que callo, mais merecem nome de martyrios, q̄ de castigos. Pois estay certos, que vos não deveis temer menos da injustiça destas oppressões, q̄ dos mesmos cativeiros, quando são injustos: antes vos digo, que muito mais vos deveis temer dellas, porque he muito mais o que Deos as sente. Emquanto os Egypcios somente cativavaõ os filhos de Israel, dissimulou Deos com o cativeiro; mas finalmente não pode a Divina Justiça sofrer a sua mesma dissimulação, & depois das dez pragas, com que forraõ açoutados os mesmos Egypcios, acabou de huã vez com elles, & os destruiu, & assolou totalmẽte. E porque? O mesmo Deos o disse.

Exod.  
3.7.

474 *Vidi afflictionem populi mei in Agypto, & clamorem ejus audivi propter duritiam eorum, qui presunt operibus.* Vi, diz Deos, a afflicção do meu Povo, & ouvi os seus clamores pela dureza das oppressões, com que os carregaõ, & rigores, com que os castigaõ, os que presidem

às obras, em que trabalhaõ. Notay duas cousas: a primeira, que se não queixa Deos de Faraõ, senaõ dos seus Feitores: *Propter duritiam eorum, qui presunt operibus*: porque os Feitores muitas vezes saõ, os que mais cruelmente opprimem os Escravos. A segunda, que não dá por motivo da sua justiça o cativeiro, senaõ as oppressões, & rigores, com que sobre Cativos o affligiaõ: *Vidi afflictionem populi mei*. E a crescenta o Senhor, que ouviu os seus clamores: *Et clamorem ejus audivi*: que he para mim hum reparo de grande lastima, & para Deos deve ser huã circumstancia, que grãdemente provoque a sua ira. Estaõ açoutando cruelmente o miseravel Escravo, & elle gritando a cada açoute, Jesu, Maria, Jesu, Maria; sem bastar a reverencia destes dous nomes, para moverem a piedade hum homem, que se chama Christaõ. E como queres, que te oução na hora da morte estes dous nomes, quando chamares por elles? Mas estes clamores, que vós não ouvis, sabey, q̄ Deos

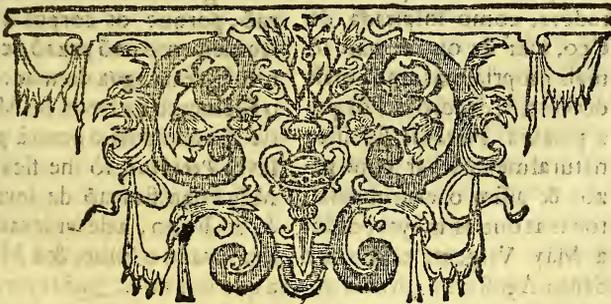
os ouye: & já que não tem valia para com o vosso coração, a teráõ sem duvida sem remedio para vosso castigo.

475 Oh como temo, q o Oceano seja para vós Mar Vermelho, as vossas casas como a de Faraó, & todo o Brasil como o Egypto! Ao ultimo castigo dos Egyptios precederão as pragas, & as pragas já as vemos, tam repetidas huãs sobre outras, & alguãs tam novas, & desufadas, quaes nunca se viraõ na clemência deste Clima. Se ellas bastarem para nos abrandar os coraçãoes, razaõ teremos para esperar misericordia na emenda: mas se os coraçãoes,

como o de Faraó, se endurceré mais, ainda mal, porque sobre ellas não pôde faltar o ultimo castigo. Queira Deos, que Eu me engane neste triste pensamêto, que sempre aqui, & na nossa Corte, os mais alegres saõ os mais cridos. Sabey porêm, que he certo (& fiquevos isto na memoria) que se Jeconias, & seus Irmaõs, créraõ a Jeremias, não seriaõ Cativos: mas porque deraõ mais credito aos Profetas falsos, que os adula-vaõ, assim elle, como seus Irmaõs, todos acabaráõ no cativeiro de Babylonia: *Iechoniam, & fratres ejus in transmigracione Babylonis.*

*Jeremi  
37.2.18*

FINIS.



SER-



# S E R M A M

## X X V I I I.

*Beatus Venter, qui se portavit.* Luc. 11

I.

476 **H**AVENDO  
pôderado por  
tãtos modos,  
& tam varios,

as poucas clausulas deste bre-  
vissimo Evãgelho, ainda não  
fizemos particular advertẽ-  
cia sobre a palavra *Portavit*.  
Bem pudẽra a eloquente O-  
radora, como inspirada do  
Ceo, usar de outra, não sô  
mais propria, mas ainda mais  
decente, & decoróla. Porque  
a palavra *Portavit* significa  
naturalmente levar com pe-  
zo; & assim o exprimentaõ  
todas as outras mãys: porẽm  
à Mãy Virgem, como diz  
Santo Agustinho: *Nulla po-  
terat fieri gravado parturien-*

*ti:* de nenhum modo lhe po-  
dia ser pezado dentro em suas  
entranhas o Filho, que sen-  
do seu, era tambem de Deos.  
Assim o ensina a razaõ, & o  
tinha já mostrado a experiẽ-  
cia. A experiẽcia, nos Le-  
vitas, que levavaõ a Arca do  
Testamento, os quaes nenhũ  
pezo sentiaõ nella, porque  
era figura de Christo. A ra-  
zaõ, porque os corpos em  
seu elemento não pezaõ, co-  
mo se vé na agua do mar: &  
o Elemento de Deos he Ma-  
ria. Tirado pois o pezo à pa-  
lavra *Portavit*, sô lhe fica à  
Mãya significação de levar,  
& ao Filho, a de ser levado.  
Era levado o Filho, & a Mãy  
a que o levava: *Qui se porta-  
vit:* & este movimento sô ac-  
tivo

*Nari-  
vit. Do-  
mini.*

*Mendo-  
fa tom.  
2. Reg.  
lib. 1.  
cap. 4.  
num. 4.*

*August.  
Sermon.  
1. de*

tivo na Mãe; & só passivo no Filho, he hum grande, & naõ advertido mysterio, em que Eu faço todo o meu repáro, & que só tem lugar no Sagrado Ventre, & só no tempo, em que Christo esteve encerrado nelle.

477 Pergũta Hugo Cardinal: porque naõ disse a Mulher do Evangelho, Bemaventurada a Mãe, senaõ, Bemaventurado o Ventre? *Quare non dixit mulier illa: Beata Mater, quate portavit, potius quam, Beatus Venter?* A razãõ, & o mysterio foi; porq̃ no nome da Mãe era muito menor o louvor, & muito menor o sentido da palavra *Portavit*, que no nome do Ventre. A Virgem Senhora nossa tendo a Christo dentro do Sagrado Ventre, ou fõra delle, sempre era Mãe: mas levando dentro, ou fõra, como o levou em seus braços ao Egypto, & pela maõ ao Templo, era com grande differença de levar a levar. Porque sendo o Filho levado dentro do Ventre, naõ tinha outro movimento mais que o da Mãe; & sendo levado fõra, ou mais, ou menos

Tom. 6.

crecido, sempre tinha o seu proprio movimento. Muito mais diz logo a palavra *Portavit* junta com o *Beatus Venter*, que com o *Beata Mater*; porque neste segundo caso naõ lhe estavaõ sojeitos todos os movimentos do Filho de Deos, & no primeiro, sim. De Deos diz o Apostolo S. Paulo por grande excellencia, que nelle somos, nelle vivemos, & nelle nos movemos: *In ipso enim vivimus, & movemur, & sumus.* Et al foi a excellencia do Ventre Virginal em respeito do mesmo Deos emquanto o concebéo, & teve dentro em sy; porque nelle, *In ipso*, deu a Senhora ao mesmo Deos o ser, *Sumus*; deu ao mesmo Deos a vida, *Vivimus*; & deu ao mesmo Deos o movimento, *Movemur.*

478 Tres jornadas maiores fez a Virgem Santissima levando dentro em sy a seu Filho: de Nazareth às Montanhas, das Montanhas a Nazareth, & de Nazareth a Bellem. Mas assim nas jornadas de mais tempo, & de maior caminho, como nos passos domesticos, & de cada dia;

Ee grande

grande prerogativa he da Virgem, que foyse tam Senhora de todos os movimentos do Filho Deos, que ella o levasse, & elle se deixasse levar sempre, para onde a mesma Senhora queria: *Qui te portavit.* Arias Montano em lugar de *Te portavit*, treslada do original, *Te portans*: reduzindo o tempo passado ao presente, ou indefinito. E com este fundamento (ou tambem sem elle) questao he digna de se examinar, & saber: Se este privilegio de levar a Senhora a seu Filho, & elle se deixar levar para onde a Mãe queria, acabou com os nove mezes, que viveo encerrado no Sagrado Ventre, ou se continuou, & continúa ainda hoje no Ceo, onde o Filho está à dextra do Padre, & a Mãe à dextra do Filho? O que determino ver se posso provar, he, que a palavra *Te portavit*, que escolhi do Evangelho, não só se verificou daquelle tempo, & na terra, senão que tambem hoje tem a mesma significação no Ceo. O argumento pois do meu Discurso será este: Que assim como entao a Se-

*Arias Montan.*

nhora levava a Deos, & Deos se deixava levar da Senhora para onde ella queria: assim hoje estando ambos no Ceo, ella o leva, & elle se deixa levar para onde a mesma Senhora quer. E porque já se entende, que isto ha de ser em beneficio, & gloria do seu Rosario, peçamos a Graça. *Ave Maria: &c.*

## II.

*Beatus Venter, qui te portavit.*

479 **E** Ntre as famosas fabricas de Salamao, he celebre hum Trono portatil, chamado Ferculo, no qual o grande Monarcha costumava sair em publico, quando se queria mostrar aos vassallos com toda a ostentação de pompa, & magestade. A materia desta fabrica era dos Cedros do Libano: tinha columnas, que erao de prata; sobre as columnas do cel, que era de purpura; & no espaldar cadeira, que era de ouro: *Ferculum fecit sibi Rex Cant 3. Salomon de lignis Libani. Columnas ejus fecit argenteas; & A-reclinatorium aurum, ascen-sum*

vertunt in te- gumẽ- tum, seu velamẽ purpu- re. Ita Gine- brar- dus, Sã- chez, & alij.

sum (hoc est, velamen) purpu- reum. Assim lemos no tercei- ro Capitulo dos Canticos. E porque naquelle Livro enig- matico, todo o material he metaphorico, & todo o literal mystico: para intelligencia do mysterio, que encerraõ as palavras referidas; he neces- sario saber duas cousas: pri- meira, qual era a significa- ção daquella fabrica: segun- da, porque se chamava Fer- culo.

480 Quanto à significa- ção da fabrica, assim como Salãmõ significava a Chris- to, assim a fabrica significava a Virgẽ Senhora nossa, Mãy do mesmo Christo, a qual elle fez, & criou, dotada de to- das as perfeições, como quẽ a fazia para sy, & para Mãy sua. Este he o sentido com- mum de todos os Interpretes, o qual elles explicaõ, & ap- plicaõ por differentes allego- rias: mas Eu o provo das partes da mesma fabrica, & argumento assim. A materia de toda ella, era o Cedro do Libano, que he o melhor de todos os lenhos: a do docel, era a purpura, que he a mel- hor de todas as lãs, & de to-

das as cores: a das colunas, & da cadeira, era a prata, & o ouro, que sãõ os melhores de todos os metaes: logo o todo composto destas partes naõ significava, nem podia significar a outrem, senãõ a Virgem Maria; porque nella unicamente ajutou o Supre- mo Artifice, naõ sãõ o melhor de todas as criaturas, senãõ o melhor do melhor. A mesma Senhora õ disse assim, naõ por sy mesma, como tam hu- milde, mas por outra boca inspirada pelo Espirito San- to com authoridade de De.

481 *Quasi Cedrus exal- tata sum in Libano: & quasi Cypressus in monte Sion: quasi Palma exaltata sum in Cades, & quasi plantatio Rosa in Iericho. Quasi Oliva speciosa in campis, & quasi Platanus exal- tata sum juxta aquam in pla- teis.* Ecclef. 24. 17. 18. 19. Comparese aqui a Se- nhora às arvores, & plantas mais insignes, & mais bem dotadas da natureza: ao Ce- dro, ao Cipreste, à Palma, à Rosa, à Oliveira, ao Plata- no: mas he muito de notar, q̃ a todos estes nomes commũs acrescenta, como por sobre- nomes, as terras, ou sitios, de

que era, ou havia de ser cada huã. Ao Cedro, sim; mas não a qualquer Cedro, senão ao do monte Libano: ao Cipreste, sim; mas não a qualquer Cipreste, senão ao do Monte Sion: & por esse modo às demais arvores. Pois se estas arvores, & plantas, como dizimos, eraõ as mais insignes, & estimadas, & as melhores, q̄ criou a natureza: porque razão lhe acrescenta a Senhora dentro na propria especie aquella differença, ou preferencia, com que as distingue, & singulariza das outras? Porque ainda que pela primeira differença eraõ as melhores entre todas as arvores, pela segunda eraõ as melhores entre todas as melhores. O Cedro pelo incorruptivel, & odorifero, era o melhor entre todos os lenhos cheirosos, & q̄ preservaõ da corrupção; mas o Cedro do Libano melhor que todos os Cedros: *Quasi Cedrus exaltata sum in Libano*. O Cipreste, por ser huã piramide verde, que sobe direita ao Ceo, era melhor que todas as arvores consagradas ao Culto Divino; mas o Cipreste do

Monte Sion melhor que todos os Ciprestes: *Et quasi Cypressus in monte Sion*. A Palma pela prerogativa triumphal de seus ramos, era melhor q̄ todas as outras, de que se tecem Coroas aos vencedores; mas a Palma de Cadez melhor que todas as Palmas: *Quasi Palma exaltata sum in Cades*. A Rosa como Rainha, sem controversia era a melhor de todas as flores; mas a Rosa de Jerichó melhor que todas as Rosas: *Quasi plantatio Rosa in Jericho*. A Oliveira pingue, & doce, era melhor que todas as que se destilaõ em oleos; mas a Oliveira, não do monte, senão dos campos, melhor que todas as Oliveiras: *Quasi Oliva speciosa in campis*. Finalmente, o Platano copado, & fresco, era melhor que todas as que fazem sombra, & defendem do calor do Sol; mas o Platano plantado nas estradas, & junto à corrente das aguas, era melhor que todos os Platanos: *Quasi Platanus exaltata sum juxta aquam in plateis*. E como as perfeições da Virgem Maria, não sãõ comparadas ao melhor de todas

todas as criaturas, senão ao melhor do melhor: por isso no cedro, na purpura, na prata, & no ouro, que eraõ as partes, de que se compunha o Ferculo de Salamaõ, não podia ser significada outra, senão a Mãe do verdadeiro Salamaõ, a mesma Virgem Maria.

482 Declarada a significação daquella famosa, & famosa fabrica do Rey mais poderoso, & mais sabio: saybamos agora, porque razão elle lhe chamou Ferculo; nome, que só esta vez, & só neste lugar, se lê em toda a Escritura Sagrada. Todos os Autores, Latinos, Gregos, & Hebraicos, derivaõ a palavra *Ferculum* do verbo *Fero*, que significa levar. E não lhe chamou Salamaõ, ou carroça, ou liteira, ou andor, senão Ferculo; para que não só o effeito, senão o mesmo nome mostrasse, que o intento, com que fora fabricado, era para o Ferculo o levar, & elle ser levado, que não tem outra differença a singularidade do nome. Ajuntando pois a propriedade desta significação com a significação da mesma

fabrica: que outra cousa vem a ser a palavra *Ferculum* dos Canticos, & a palavra *Portavit* do Evãgelho, senão dous admiraveis synonymos, como que Salamaõ profetizou no *Ferculum* o sentido do *Portavit*, & o Evangelho declarou no *Portavit* o mysterio, & sentido do *Ferculum*? O sentido do *Portavit*, em quanto Christo esteve encerrado no sagrado Ventre: *Beatus Venter, qui te portavit*: era (como vimos) para que o movimento activo, & o levar, pertencesse só à Mãe, & o movimento passivo, & o ser levado, ao Filho: & o mesmo sentido, & mysterio, como diz Alberto Magno, he o do Ferculo: *Per Ferculum signatur Uterus Virginalis, quia Ferculum dicitur quasi vehiculum à Fero fers. Salomon er- go, scilicet Christus, fecit, idest, preparavit sibi, idest, ad honorem suum, Ferculum, idest, Beate Virginis Uterum*. E para que não pareça cousa nova, ou menos decente em Christo o ser levado, sendo Deos; tam antigo he no mesmo Deos o ser levado, como o haver de ter a Mãe, que se chamasse Ma-

ria.

Ec 3

No

483 No principio da Criação do mundo diz o Texto Sagrado, que o Espírito de Deos era levado sobre as aguas: *Spiritus Dei ferebatur super aquas: & logo diz mais, que à congregação das aguas deu o mesmo Deos por nome Mãria: Congregationes aquarum appellavit Maria. E com que mysterio este nome? Com mysterio, & significação, diz Santo Antonio, que aquella purissima, & immensa criatura, em q̄ Deos congregasse, & ajuntasse todas as graças, se havia de chamar Mãria: Congregationes aquarum appellavit Maria: Congregationes gratiarum appellavit Maria. Mas nas mesmas palavras do Texto *Spiritus Dei ferebatur super aquas*, da palavra *Spiritus*, & da palavra *Ferebatur*, & da palavra *Aguas*, parece, q̄ resulta huã implicação manifesta contra a ordem da mesma natureza, que então nascia. Porque *Spiritus* na significação natural, quer dizer vento, & as aguas naturalmente são levadas do vento, & não o vento levado das aguas: como diz logo o Texto, que o Espi-*

Genes.  
I. 2.

Ibidem  
Io.

D. An-  
tonin.

to de Deos era o levado das aguas: *Ferebatur super aquas?* Porque as aguas, como acabamos de dizer, significavaõ o Mar das graças Mãria, & não em outro estado, ou tempo (como notou Santo Ambrosio) senão no Mysterio da Encarnação, do qual disse o Anjo: *Spiritus Sanctus super veniet in te.* E como então he que Deos entrou no Ventre Virginal da Senhora, desde então no mesmo Sagrado Ventre começou a ser proprio da mesma Senhora, o levar a Deos, & proprio do mesmo Filho Deos, o ser levado: *Qui te portavit.*

Luc. I.  
35.

### III.

484 ISTO he o que passou na terra em todo aquelle tempo, em que o Filho de Deos esteve encerrado no claustro virginal do Ventre Sacratissimo, sendo a Soberana Mãe a que o levava, & elle o que era levado a qualquer parte, onde ambos hiaõ. E posto que o mesmo Senhor desde o instante de sua conceição não teve as potencias da Alma impedidas, como

como os outros recem gerados, senão perfeitissimamente livres; nunca porém quiz usar da propria vontade, sojeito em tudo à da Mãe, sendo elle o que era levado, & a Senhora a que o levava para onde queria. Mas porque o argumento, que Eu propuz, & dezejo provar, he, que estes mesmos poderes, ou privilegios, tem, & goza, a Virgem Maria no Ceo: & que assim como nos nove mezes, que teve a Deos dentro em sy, o levava cã na terra para onde queria; assim o leva hoje no Ceo para onde quer. Esta he a grande difficuldade desta nova, & inaudita proposição.

485 Deixando pois a terra, & pondonos no Ceo, diganos S. Joaõ o que là vio em huã das revelações do seu Apocalypse. Chama elle ao Ceo Mõte de Sion (cõforme a frase de Dávid: *Videbitur Deus Deorum in Sion*: porq̃ ò no Ceo se vé a Deos) & diz, que vio no Ceo hum grande numero de Bemaventurados, os quaes tinhaõ escrito na testa o nome do Cordeiro, que he Christo, & todos lhe cantavaõ huã letra, q̃

nenhum outro podia cantar. E declarando quem fossem estes, & que privilegio particular tinhaõ entre os demais; diz, que eraõ os Virgẽs, & que sò elles seguiaõ o Cordeiro para qualquer parte. q̃

*Virgines enim sunt. Et sequuntur Agnum quocumque ierit.* Entra agora S. Bernardo, & comparando as outras Virgẽs com a Virgem das Virgẽs, dános occasião para duvidar com grande fundamento: Se a Virgem das Virgẽs no Ceo tem este mesmo privilegio das outras Virgẽs, ou outro maior? Ter o mesmo sòmente, he pouco: ter outro maior, he muito devído: mas qual he, ou pôde ser? O mesmo Santo o resolve por estas excellentes pala-

avras: *In laudibus Virginum singulariter canitur, quòd sequuntur Agnum quocumque ierit: quibus verò laudibus dignam judicas, qua etiam prait?* Se he grande louvor das Virgẽs, dizerse dellas, q̃ no Ceo seguem o Cordeiro para qualquer parte que vay: qual será o louvor da Virgẽ das Virgẽs, a qual no Ceo não sò segue o Cordeiro, mas

Ec4 o Cor-

*Apoec. 14. 4.*

*D. Bern. Serm. I super Missus est.*

o Cordeiro a segue a ella? todos os resplandores da Divindade, se mostra aos Bemaventurados, deixando-se ver como he em sy mesmo, & cõ esta mesma vista apascenta o Cordeiro para onde vay o Cordeiro: mas a Virgem das Virgões no mesmo Ceo, não sô segue o Cordeiro para onde vay o Cordeiro; mas o Cordeiro he o que segue a Virgem para onde vay a Virgem: *Quæ etiam præt.* Ella he a que vay diante, & o Cordeiro o que a segue.

486 Mas porque não basta, que hum privilegio tam singular se funde sô na authoridade de S. Bernardo, ouçamolo da boca do mesmo Cordeiro no Ceo. Falla com elle á mesma Mãe em figura de Pastora na parabola dos Canticos, & diz assim:

*Cã. I. 7. Indica mihi quem diligit anima mea, ubi pascas, ubi cubes in meridie.* Dizey-me, Amado meu, onde apascentais as vossas ovelhas, & descansais ao Meyo dia. O Meyo dia, como diz Santo Agustinho, & todos os Padres, significa o tempo sem tempo da lternidade da Glória; onde Deos, não já em sombras, como nesta vida, mas claramente, & com

todos os resplandores da Divindade, se mostra aos Bemaventurados, deixando-se ver como he em sy mesmo, & cõ esta mesma vista apascenta todos aquelles, que como ovelhas da mão direita predestinou para o descanso do Ceo. Deste tempo, & deste lugar, falla a pergunta da Mãe: à qual respondéo o Filho, & a resposta, tam notavel como sua, foi esta: *Si ignoras te, ubi ibid. 8. post vestigia gregum tuorum:* Se ignorais, ou não sabeis de vós, segui as pizadas do vosso Rebanho. Cõ razão chamei notavel a esta resposta. Mas examinemos primeiro a pergunta, que também tem difficuldade naquelle *Ubi* duas vezes repetido. Deos não tem *Ubi*, ao menos duvidoso; porque por sua immensidade, nem muda, nem pôde mudar lugar. Pois se não muda, nem pôde mudar lugar, nem ha *Ubi*, ou Onde, onde não esteja: Como lhe pergunta a Senhora: *Ubi pascas, ubi cubes?* Daqui se vé claramente, que não falla com Deos, emquanto Deos, senão cõ Christo, emquanto Homem. Porque Christo no Ceo sem de-

xar

*Cã. I. 7.*  
*Indica mihi quem diligit anima mea, ubi pascas, ubi cubes in meridie.*  
 D. Augustin.

xar a dextra do Padre, pôde mudar, & muda lugares: que porisso, & diz do Cordeiro: *Quocumque ierit:* para qualquer parte que vá. Pois se o Cordeiro no Ceo muda lugares, & a Mãy lhe pergunta aonde está: porque lhe responde elle: *Si ignoras te:* quando parece, q̄ havia de dizer, *Si ignoras me?* Mas respondeu assim discretissimamente, como se differa: Se Eu no Ceo, Mãy minha, vos sigo sempre, & não vou senão para onde vós me levais, perguntar-me agora aonde estou, mais he não saber de vós, que não saber de mim: *Si ignoras te.* E se quereis saber por outra via o que me perguntais: *Abi post vestigia gregum tuorum:* Segui as pizadas do vosso Rebanho, & logo o fareis. Mas pelas pizadas do seu Rebanho, de que modo? Porq̄ assim como o Rebanho segue a Pastora, assim o Cordeiro segue a Mãy: & como vós souberes onde está a Mãy, logo fareis onde está o Cordeiro. Tam certo he, que não dá passo o Cordeiro, senão para onde he levado de sua Mãy: & isto não na terra,

senão no Ceo: *In Meridie.* Vede, como se correspondẽ bem o Meyo dia da Gloria com a manhaã da Encarnação. No primeiro Horizonte da vida, quando Deos se vestio de Encarnado na Guardaroupa do Vêtre purissimo, a Aurora não seguia ao Sol, senão o Sol a Aurora? Pois assim como cã o Sol seguia a Aurora, assim là o Cordeiro segue a Mãy: *Qua etiam prait.*

487 E para que se veja, que nesta confirmação das palavras de S. Bernardo me não aparto do seu pensamento; tornemos a ouvir ao mesmo S. Bernardo sobre o mesmo S. Joã no mesmo Apocalypse. *Signum magnum apparuit in calo: Mulier amicta Sole.* Bem conhecido he o Texto: Aparecêo no Ceo hum sinal maravilhoso, & nunca visto: huã Molher vestida do Sol. O Sol he Christo, a Molher he a Virgẽ Maria Senhora nossa: & porisso mesmo parece, que não havia de estar a Molher vestida do Sol, senão o Sol vestido da Molher. He instância bem arguida do grande Comenador

Apoç.

12. 3.

12. 3.

Anj. Bern.  
ibi.

tador do Apocalypse An-  
berto : *Fortasse magis conse-*  
*quens fuisset dicere, non quòd*  
*Mulier fuisset circumdata So-*  
*le; sed quòd circumdedisset po-*  
*tius Solem in Utero inclusum.*  
Quando a Senhora trouxe a  
Deos no Sagrado Ventre, en-  
taõ o vestio da tela de suas  
proprias entranhas, dando the  
a Humanidade: logo o Sol he  
o que havia de estar vestido  
da Molher, & naõ a Molher  
vestida do Sol. Antes por isso  
mesmo, replica S. Bernardo;  
porque agora o Sol, & a Mo-  
lher, estavaõ no Ceo: *Signum*  
*magnum apparuit in celo.* E es-  
ta foi a justa, & condigna re-  
muneraçaõ, com que o Filho  
quiz pagar à Mãy no Ceo, o  
que della tinha recebido na  
terra: *Et vestis eum, & vesti-*  
*ris ab eo: vestis eum substantiã*  
*carnis, & vestit ille se gloriã*  
*sua maiestatis.* Porque a Mo-  
lher vestio ao Sol na terra,  
por isso o Sol veste a Molher  
no Ceo: ella na terra vestioõ  
com a sustancia da Human-  
idade, & elle no Ceo veste cõ  
a gloria da sua propria Ma-  
gestade. E isto he confirmar  
S. Bernardo o seu pensamen-  
to, de que o Cordeiro seguia

D. Bern.  
nard.

a sua Mãy para qualquer  
parte que fosse: *Quocumque*  
*ierit?* Sim. Porque assim co-  
mo a Virgem na terra levava  
a Deos para onde queria, por-  
que o tinha dentro do sagra-  
do Ventre; assim agora, que  
Deos está fora delle no Ceo,  
quer o Senhor, que o leve tã-  
bem para onde quizer; & pa-  
ra isso a vestio de sy mesmo.  
O vestido naõ tem outro mo-  
vimento, senaõ o da pessoa a-  
quem veste: & como Deos  
veste no Ceo a Mãy, que o  
vestio na terra; assim como  
na terra seguia os seus movi-  
mentos, porque o tinha den-  
tro em sy, assim naõ póde dei-  
xar de os seguir tambem no  
Ceo, porq̃ está vestida delle:  
*Amicta Sole.* E a razã desta  
justa, & reciproca recompêsa,  
he, porq̃ naõ fora a paga igual  
á divida, se o privilegio, que a  
Senhora tinha na terra, levã-  
do a Deos para onde queria,  
o naõ tivesse igualmente no  
Ceo, deixando se Deos tambẽ  
levar para onde a Senhora  
quize se. Na terra, onde ella  
o vestio, levado pela nature-  
za da Maternidade; & no  
Ceo, onde elle a veste, tambẽ  
levado pela gloria da Magestade;

tade: *Vestis eum substantiã carnis, & vestis ille te gloria sua maiestatis*. E se queremos exemplo mais claro, & mais breve: Deos não só era levado na Arca, & da Arca, na peregrinação do Deserto, senão também na terra de Promissão. E porque? Porque o Deserto significava este mundo, a Terra de Promissão o Ceo, & a Arca a Virgem Maria: & Maria não só neste mundo levou a Deos, se não também no Ceo o leva, & elle he levado: *Qui te portavit*.

III.

488 **T**emos provado em géral o nosso Assumpto. E para q̄ se entenda o modo, cõ que Deos no mesmo Ceo, que he o Trono da sua Grandeza, & Magestade, se sojeita a ser levado de hũa criatura sua, posto que a maior de todas, para onde ella quer, ou quizer: desçamos em particular às razões desta voluntaria sojeição, que não podem deixar de ser grandes. Digo pois, que leva a Virgem Maria a Deos, & Deos se deixa levar da mesma Se-

nhora para onde ella quer, por tres razões, ou tres modos: por amor, por obediencia, & por força. Por amor, como Esposa: por obediencia, como Mãe: por força, como (ao parecer) mais poderosa. Sēpre porẽm por vontade do mesmo Deos, & não sō por vontade, quando elle quer, senão também por vontade, quando pareceffe que não quer: que este he sō o sentido, em que prẽgo este Discurso. Tanta he a significação daquella grande palavra, & tanto o respeito, que deve Deos áquelle, *Te portavit*, em que tudo se funda.

489 Primeiramente sojeitate Deos a ser levado da Senhora para onde ella quer, por amor, como Esposa: & o mesmo Senhor o confessa assim com este mesmo nome:

*Vulnerasti cor meum, Soror Cant. 4. mea sponsa, vulnerasti cor meum*. Depois veremos quando se celebraráõ estes desposorios, & onde: agora vejamos o q̄ diz o Esposo Deos. Diz, que a Virgem Maria sua Esposa lhe ferio duas vezes o coração: *Vulnerasti cor meum, vulnerasti cor meum*. E para que

que duas feridas? O Original Hebréo o declara profunda, & admiravelmente. O primeiro *Vulnerasti* quer dizer, *Abstulisti mihi cor*: désteme a primeira ferida para me tirar o meu coração: & o segundo *Vulnerasti*, quer dizer, *Indidisti mihi cor*: désteme a segunda ferida para me dar o vosso coração. Demaneira, q̄ para esta troca foi necessario, que as feridas fossem duas, & ambas no mesmo tempo, porque não ficasse o Esposo sem coração: hũa ferida por onde sahisse o seu, & outra, por onde entrasse o da Esposa em seu lugar. E que se seguiu desta amorosa troca? Seguiu-se, que dalli por diante já o Esposo não queria, o que queria pelo seu coração, senão pelo coração da Esposa: & como queria pelo coração da Esposa, não podia querer senão o que ella quizesse. Assim declara literalmente os effectos desta troca de corações, o Doutissimo A Lapide:

Cornelius ibi.

*Quasi diceret: Cor tuum mihi inseruisti, ut illud in me operetur: & Ego omne id faciam, quod cor tuum desiderat.* Tiraste-me do peito o meu co-

ração, & introduziste-me em seu lugar o vosso, para q̄ Eu daqui por diante não possa querer, nem fazer, senão o q̄ vós quizerdes. Isto disse, não outrê, senão o mesmo Deos, nem a outrem, senão a sua Mãe, emquanto Esposa: *Soror mea Sponsa*. E não se podia, nem melhor explicar, nê mais encarecer, quanto a Vontade Divina, não em parte, senão em tudo, se conforma cõ a vontade da Virgem, não querendo, nem tendo coração para querer, senão o que ella quer.

490 Mas se acaso com o coração, que a Esposa tirou a Deos: *Abstulisti mihi cor* tivesse Deos querido alguma cousa contraria à vontade da Esposa: que havíamos de dizer neste caso? O que havíamos dizer, he, que sempre se ha de fazer o que a Esposa quizer, ainda que parecesse que o Esposo o não tivesse querido, ou não quizesse. O caso he já succedido em proprios termos, & com o mesmo effecto, que digo. Quiz Isaac dar a benção, & o morgado, a seu filho Esaú, que era o Primogenito: & Rebecca, Esposa

Esposa de Isaac, queria pelo contrario, que a bençaõ, & o morgado, fosse de Jacob, que era o filho segundo, a quem ella mais amava. Fez as diligencias tam extraordinarias, que todos sabemos: & tambẽ sabemos, que Jacob por meyo dellas effectivamente cõfeguio a bençaõ. Mas naõ está aqui o reparo. O que muito se deve reparar, & admirar, he, que sendo aquella doação, naõ só involuntaria, & subrepticia, senaõ expressamente contra a tençaõ de Isaac, & nomeadamente dada debaixo do nome de Esaú: nẽ Isaac a revogasse, nem a tirasse a Jacob, nem a restituisse a Esaú, nem estranhasse a Rebecca as diligencias, que tinha feito, & que em tudo se conformasse com a sua vontade, & se conseguisse o que ella quiz contra o que elle queria. Santo Agustinho diz, q̃ em toda esta historia naõ houve engano, senaõ mysterio: *Non fuit mendacium, sed mysterium.* E supposto que foi mysterio: que mysterio foi? Excellentemente S. Pedro Damiaõ: *Et illic ergo carnalis uxor (Rebecca) & hic spiri-*

*tualis sponsa (Maria) uirivis Sermon. suis in sententia diverfitate 27. prevaluit.* O mysterio foi, q̃ assim como a vontade de Rebecca, molher de Isaac, prevalecêo contra a vontade de seu marido; & naõ se conseguiu o que queria Isaac, senaõ o que quiz Rebecca: assim no caso, em que a Esposa de Deos, Maria, & o mesmo Deos, quizessem confas contrarias, a vontade da Esposa (no sentido que já disse) havia de prevalecer contra a vontade do Esposo: & naõ se havia de cõseguir o que quizesse, ou tivesse querido Deos, senaõ o que quizesse Maria. Quem podia imaginar, que prevalecesse Jacob contra Esaú, tendo Esaú da sua parte a vontade do Pay? Mas como a vontade da Esposa estava da parte de Jacob, esta he a que prevalecêo, & conseguiu quanto queria: representandose estaõ na terra entre Isaac, & Rebecca, o que hoje passa no Ceo entre Deos, & Maria. Deos como Esposo, & Maria como Esposa: *Soror mea sponsa.*

491 E agora he, que havemos

vemos de saber, como dei-  
xey prometido, quando se ce-  
lebráraõ estes desposorios, &  
onde. O tempo foi o dia da  
Encarnação, o lugar o tala-  
mo virginal do Sigrado Vê-  
tre, que he o fundamento de  
quanto temos ditto, & have-  
mos de dizer. Chama Deos  
à Virgem Irmãa, & Esposa:  
*Soror mea Sponsa*. Irmãa; porq̃  
entaõ tomou Deos a Nature-  
za Humana: Esposa; porq̃ na  
uniaõ da Natureza Humana  
com a Divina consistiraõ os  
desposorios: & aqui he que  
fez aquella troca dos cora-  
çoẽs, & uniaõ, ou sojeiçaõ  
das vontades. Qual vos pare-  
ce que foi a razaõ, porque  
tendo Deos decretado de u-  
nir a sy a Natureza Hu-  
mana, & podendoa tomar dou-  
tro modo, & doutra parte, a  
tomou das entranhas da Vir-  
gem Maria? A razaõ foi, diz  
altissimamente S. Bernardo,  
porque pedia a convenien-  
cia, & proporçaõ natural, q̃  
onde se achava a maior uniaõ  
das vontades, se fizesse tambẽ  
a maior uniaõ das naturezas:

Bernar-  
d Hom.  
3. Super  
Missus  
est.

*Cum Deus sit in omnibus Sãc-  
tis propter concordiam volun-  
tatis, specialiter tamen cum*

*Maria, cum qua utique tanta  
ei consensio fuit, ut illius non  
solum voluntatem, sed etiam  
carnem sibi conjungeret, ac sic  
de sua, Virginisque substantia  
Christum efficeret, vel potius  
unus Christus foret. Deos est,  
tã em todos os Santos por  
concordia da vontade; mas  
foi tam superior sobre todos  
a uniaõ, que a vontade de  
Deos tinha com a vontade da  
Virgem, que o fim, porque o  
mesmo Deos encarnou nel-  
la, & della, foi, para que assim  
como da vontade de Deos, &  
da vontade da Virgem, se cõ-  
punha hũa sò vontade, assim  
da sustancia do mesmo Deos,  
& da sustancia da mesma Vir-  
gem, se compuzesse huã sò  
Pessoa, que foi a de seu Filho.  
Oh maravilha sobre todas as  
maravilhas, que as consequẽ-  
cias da natureza, & vontade,  
que sò se achavaõ na Divin-  
dade de Deos, com huã tro-  
ca naõ menos admiravel se  
achem tambem na natureza,  
& vontade da Virgem! Entre  
o Padre, & o Filho, porque  
he huã sò a sustancia, he huã  
sò a vontade: & entre Deos,  
& a Virgem, porque era huã  
sò a vontade, fez elle, que se*

se unissem em huã sô subsistencia. Là dous suppostos unidos em huã sô vontade, eã duas vontades unidas em huã sô supposto. E como a uniaõ da vontade de Deos com a da Virgem he tam grande, q̃ della resultou a do mesmo Verbo, Encarnado no beatissimo Ventre: que muito he, q̃ a vontade da Virgem leve apoz sy a vôtade de Deos no Ceo, assim como levava ao mesmo Deos na terra, quando o tinha em sy: *Qui te paravit?*

## V.

492. **A**O titulo de Espôsa, & por amor, se segue o de Mãy, & por obediencia, naõ menos poderoso para se deixar levar delle no Ceo, a quelle Senhor, a quẽ no mesmo Ceo, & com nome de Deos, & de obediencia, a voz de Josué fez parar ao Sol. Bem sey o que neste ponto disputaõ os Theologos, & a distincão que fazem de jure, ou de facto: mas nós deixadas as argucias da especulacão, ouçamos o que conformemente, & sem es-

crupulo escrevêraõ, & pré-garaõ todos os Santos Padres.

493. Santo Illesonso sobre as palavras da mesma Virgem, *Fecit mihi magna* Luc. 1. *qui potens est*, diz assim: *Hec magnum fecit in Virgine, ut per hãc Deus fieret Homo, Verbum fieret caro, & Filius Dei factor omnium fieret Filius Matris, quam ipse formaverat, essetque Dominator nascendo subditus Ancilla, quam ipse condiderat.* E mais brevemente noutro lugar: *Habuit Ancilla Dominum in subdito, Ancillam Dominus in pralato.* Nas quaes palavras sem clausula algũa de moderaçãõ no imperio, ou exceicãõ na obediencia, pela activa da parte da Mãy, & pela passiva da parte do Filho, nella aprehoa Illesonso com expresso nome de Superiora a jurdiçãõ de mandar: & nelle reconhece com nome tambem expresso de subdito a sojeiçãõ de obedecer: *Ancilla Dominum in subdito, Ancillam Dominus in pralato.*

494. Toda esta jurdiçãõ, todo este poder, & todo este imperio, legra hoje no Ceo a Se-

*ildefons. lib. de Virginit. cap. 8o.*

a Senhora a titulo de Mãy, assim como o teve na terra, onde seu Filho não era menos Deos do que he no Ceo. E esta he a energia, com que estando hoje, como está, no Ceo, lhe canta toda a Igreja: *Monstra te esse Matrem* Cuydamos communmente, quando repetimos este verso, que pedimos à Senhora rogue por nós, assim como dizemos na Ave-Maria: *Mater Dei, ora pro nobis*. Mas como bem notou Ricardo Laurentino, não he isso o que queremos dizer, senão muito mais. *Monstra te esse Matrem*, he dizer à Senhora, que exercite a authoridade da sua jurdição, & que mostre, que he Mãy, não rogando, senão mandando a seu Filho: *Non solum potest Filio supplicare, sed etiam potest auctoritate materna eadem imperare: unde sic oramus eam, Monstra te esse Matrem*. Nos dous versos, que se seguem, *Qui pro nobis natus, sicut esse tuus*, a dureza da palavra *Tulit*, com que o ser Filho da Senhora se chama sofrimento, confirma com nova enfasi o mesmo sentido. Como se disseramos: Já que

sofréo, & se sojeitou a ser Filho, sofra rambem, & sojeite-se a ser mandado.

495 Mas ouçamos a S. Bernardo, que nos louvores da Mãy, que a elle lhe deu o leite, sempre he singular. Cõsidera a Deos obedecendo a huã Molher, & a huã Molher mandando a Deos: & suspenso na comparaçõ infinita de hum, & outro prodigio, rompe eloquentissimamente nesta apostrofe: *Mirare utrumlibet, & elige, quod amplius mireris: sive Filij Dei benignissimam dignationem, sive Matris excellentissimam dignitatem. Utrinque stupor: id, quod Deus Famina obtemperet, humilitas sine exemplo: & quod Deo Femina principetur, sublimitas sine socio*. Admiray destes dous prodigios qual quizerdes, & escolhey de ambos qual mais deveis admirar: ou do Filho de Deos a profundissima benignidade, ou da Mãy de Deos a altissima dignidade. *Utrinque stupor*: de huã, & outra parte não ha senão pasmar: porque obedecer Deos a huã Molher, he humildade sem exemplo: & mãdar huã Molher a Deos, he

Richard.  
à Sanct.  
Laurent.

Ber:  
nard.  
Serm. 2.  
Super  
Missus  
est.

he sublimidade sem companhia.

496 Se alguã mãy pudéra fazer companhia à Senhora, era Bethsabé; & se algum filho pudéra imitar o exemplo de Deos, era Salamaõ. Mas nem elle, sendo tam sabio, soube ser filho: nem ella, tendo tam obrigado, chegou à ventura de ser obedecida de tal Rey como mãy. Vindo Bethsabé a Palacio, mandoulhe pôr Salamaõ huã cadeira à sua mãõ direita, em que se assentasse. Entãõ lhe disse Bethsabé, que trazia huã petiçãõ que lhe fazer: & Salamaõ respondéo, q̃ sendo sua mãy, lhe naõ podia negar quanto pedisse: *Pete, mater mea: neque enim fas est, ut avertam faciem tuam.* Arẽqui disse bem: mas ainda pudéra dizer melhor. Havia de responder: que ella como mãy o podia mandar; & elle como filho a devia obedecer. Mas a verdade daquelles cõprimẽtos, posto que tam curtos, qual foi? Disse Salamaõ menos do que havia de dizer, mas naõ chegou a fazer o que disse: chamoulhé mãy, mas naõ lhe obedecéo como

filho: deulhe a cadeira, mas negoulhe a petiçãõ. Este recebimento de Salamaõ a Bethsabé em Palacio, dizem as Allegorias, q̃ foi figura do q̃ Deos fez a sua Mãy no Ceo. Mas se foi figura, foi mal representada. A cerimonia no Ceo, como terra da verdade, foi menor: mas a realidade, & a realza, foi a que havia de ser. Foi menor a cerimonia; porque diz David, que a Senhora esteve em pé à mãõ direita do Filho: *Asiit Regina à dextris tuis:* mas a realidade foi, a que devia ser, ou mais do que devia. Porque se a Mãy estã em pé reconhecẽdo a Divindade do Filho: o Filho faz tudo o que a Senhora quer, reverencandoa como Mãy. Ella naõ tomou a cadeira, mas elle deulhe a vontade: ella mandou; & elle obedece.

497 Expressa, & animosamente o grande Cardeal S. Pedro Damiaõ, fallando cõ a mesma Senhora no Ceo: *Accedis ad aureum illud Divinae Severitatis Tribunal, non rogans, sed imperans, Domina, non Ancilla.* Vós, Soberana Rainha do Ceo, quando là

*Psalm.*  
44.10.

*Petr.*  
*Damian.*

representais a Deos, vosso Filho, que faça o que vós quereis, cheguis ao Trono de ouro, & ao Tribunal tremendo, não só de sua Divina Magestade, mas de sua Severidade, & alli não como Subdita, senão como Senhora, não rogais, ou pedis por favor, mas mãais, & ordenais com imperio, o que quereis que se faça: & assim se executa. E dando a razão o mesmo Santo, & Douíssimo Padre, porq̃ isto he no Cco, & não pôde deixar de ser; conclue com estas invenciveis palavras:

*Quomodo enim potestati tua obviare potest potestas illa, quae de tuis visceribus traxit originem:* porque não pôde ser, que encontre os vossos poderes, aquelle poder, que de vossas mesmas entranhas tomou o ser. Grande, & forte razão! Tudo pôde o poder de Deos, mas só huã couza, parece, não pôde, q̃ he deixar de seguir a vontade de sua Mãy, lêbrado q̃ della recebeu o ser naquellas entranhas, nas quaes o levava entã para onde queria: *Qui te portavit.*

## VI.

498 **S** Omos chegados ao ultimo titulo, & modo, com que a Senhora obriga a vontade de Deos, a que não possa resistir à sua, q̃ he por força, como mais poderosa, no modo que já dissemos. A proposição parece arrojada, mas tam certa, como grande. Hã noite inteira lutou Jacob com Deos a braço partido, & o fim da batalha foi, que Deos se confesou por vencido, & que Jacob pudera mais, & prevalecera contra elle: *Contra Deum fortis fuisti.* Pois Deos todo poderoso pôde ser vencido por força, & haver quem possa mais que elle? Naquelle estado, sim. Deos abraçado com Jacob, & Jacob abraçado com Deos, significavaõ o mysterio, q̃ depois se obreuro Sagrado Ventre da Virgẽ purissima, quando a Natureza Divina se abraçou com a Humana, & a Humana com a Divina. E neste abraço foraõ taes as forças, que os braços de Deos communicaraõ aos de Jacob, não na sua pessoa,

Genf.  
32.28.

se-

fenaõ na sua descendencia; q̄ della nascéo finalmente huã Filha, a qual porque trouxe a Deos nos braços, lhos apertou com tanta força, que podia mais que elles. Com razão se comparaõ as forças de Deos feito Homẽ às do Rhinocerotote: *Cornua Rhinocerotis cornua illius*. Emquanto o Rhinocerotote andava Senhor do campo, livre, & solto, era tam formidavel, como forte: mas depois que aquella animosa, & fermosissima Donzella, a Virgem, lhe apertou os laços, assim como lhe dominou as forças, lhe atou tambem a liberdade.

499 Começa David o Píalmo Noventa & três, bradando, & repetindo a grandes vozes: *Deus ultionum Dominus: Deus ultionũ liberè egit*. Homẽs, que naõ temeis a Deos, adverti huã, & outra vez, que Deos he o Senhor dos castigos: *Deus ultionum Dominus: Deus ultionum: & sabbey*, que o mesmo Deos obra livremente, se.n haver quem o possa impedir, quando quer castigar: *Deus ultionum liberè egit*. E de que dúvida nos tira David, em dizer que Deos

obra livremente? Houve por ventura alguem, que atasse a Liberdade Divina, ou podesse mais q̄ sua Omnipotencia? Naõ houve, mas havia de haver. David como Profeta, & o maior dos Profetas, estava vendo todos os tempos, presentes, passados, futuros: & que via? Via o Paraíso terreal perdido por hum peccado: via o mundo todo alagado, & todo o genero humano afogado no Diluvio: via a sua Nação desterrada, & cativa no Egypto; desterrada, & cativa em Babilonia; desterrada, & cativa nos Assirios: via a sua mesma Corte de Jerusaleml tantas vezes sitiada, destruida, & abrazada; & infinitas outras affolações de Cidades, Reynos, Provincias, cõ que Deos vingava as suas injurias, & justamente se chamava Deos das vinganças. Isto he o que via David por muitos annos, & seculos, antes de chegar o tempo da Encarnação do Verbo. Mas depois que o mesmo Deos se fez Homem, & teve Máy, via pelo contrario, que todos aquellos castigos extraordinarios tinhaõ cessado, & que já

naõ era Deos das vinganças, senaõ Pay das misericordias. Combinando pois o Profeta tempos com tempos, & ao mesmo Deos comsigo mesmo, que conceito, ou juizo faria, de huã tam notavel mudança? O conceito, & juizo, que fez, foi, q̃ antes de Deos ter Mãy, obrava livremente: *Deus ultionum liberè egit:* porèm depois que teve Mãy, teve tambem quem lhe atasse as maõs, & porisso obrava já como sem liberdade, porque a tinha sojeita a outro querer. E isto he o que pôde hoje no Ceo a Mãy do todo poderoso. Tanto assim, que naõ duvidou dizer S. Bernardino, que a mesma Senhora por nós faz de Deos o que quer: *Cum de Deo pro nobis facias quidquid tuæ placuerit chari-*

Bernard.  
tom. I.  
Sermos.  
52. pap.  
2.

500 Parece, que se naõ podia dizer mais, nem tanto. Mas Eu acrescento, ou declaro, que aquelle fazer de Deos quanto quer, naõ sò se entende de quãdo Deos quer, senaõ tambem, de quando, a nosso parecer, repugnasse, ou naõ quizesse. Caso foi notavel na Bretanha, que dizê-

do Missa S. Domingos, a Imagem da Senhora, que tinha a seu Filho nos braços, lhe disse em voz, que todos ouviraõ, que fosse elle o que lançasse a bençaõ ao Povo. Viraõ tambem todos, que o Minino Jesu retirava o braço, como quem naõ queria; porèm a Senhora lançando-lhe a maõ à sua, o obrigou a que com ella lançasse a bençaõ. *Eadem Domina pietatis, manu Filij accepta, etiam renitentis, populum signo Crucis consignavit.* Saõ palavras do Beatõ Alãno, referindo o caso. Onde se devẽ notar muito aquellas, *Etiam renitentis.* O Filho repugnava, & naõ queria, mas a Senhora o obrigou, como por força, a que quizesse, dobrando-lhe a maõ com a sua. Considerayme agora a maõ da Senhora pegada na maõ do Filho: a do Filho resistindo, & a da Senhora prevalecendo: & se vos admirais da força de huã maõ, & do rendimento da outra, ouvi a razaõ. Fez David a Deos huã petiçaõ notavel, & foi esta: *Fiat manus tua, ut salvet me:* Faça-se, Senhor, a vossa maõ, para que me ajude, & me

Beat.  
Alan.

Psalm.  
118.  
173.

me

me salve. E que mysterio, ou sentido, pôde ter, dizer a Deos que a sua mão se faça? A mão de Deos, que foi a que fez o mundo, necessitava de ser feita, ou podia se fazer? Sim podia, diz S. Gregorio; & assim foi: *Manus quippe Dei, quæ per Divinitatem non est facta, genita per Humanitatem facta est.* A mão de Deos quanto à Divindade não podia ser feita, porque he mão increada; porém a mão do mesmo Deos quanto à Humanidade podia ser feita, & foi feita, & quem a fez, & formou em suas entranhas, foi a Virgem Maria. E como ella foi a que fez aquella mão, porisso tinha tanta mão com ella, & tanta força sobre ella. Tanta mão com ella, que não duvidou de a querer dobrar, & tanta força sobre ella, que repugnando a trouxe ao que queria.

401 E para que se veja, que render o Filho de Deos o seu braço a esta força não era forçada, senão voluntariamente; saybamos por fim de todo o Discurso, que então tem o mesmo Filho por mais gloriosas, & mais suas as ac-

ções do seu braço, quando elle não só as governa pelos proprios movimentos, senão levado também pelos impulsos de sua Mãe. Estando para nascer de Thamar dous filhos gemeos, hū, que se chamou Zaran, outro Faréz: Zaran lançou primeiro fora hū braço, o qual a parteira lhe atou com hum fio de escarlata. E que fez o minino vendose com o braço atado? Desistio do movimento natural, com que hia nascendo, & tornou a recolher o braço para o ventre da mãe: *Illo vero retrahente manum.* Esta foi a breve, mas prodigiosa historia, em que a profecia escreveu, ou rubricou, o grande mysterio, que digo. Zaran, cujo nome significa *Oriens*, foi figura do Filho de Deos, & da Virgẽ, de quem disse Zacharias: *Vir oriens nomen ejus.* A escarlata atada no braço, como diz S. Bernardo, denotava a obra da Redempção, da qual cantou a mesma Virgem: *Fecit potentiam in brachio suo.* E como o Filho de Deos vio empenhado o seu braço na maior empreza, que nunca houve, nem haverá no

Ef; mundo:

mundo: tornou a recolher o braço para o mesmo Ventre, donde sahira; porque entendia, & queria, que entendesse sem todos, que a maior honra, & gloria das acções do seu braço, não era serem só governadas pelos proprios movimentos, senão também pelos impulsos de sua Mãe. Que muito logo, que ainda quando nos primeiros movimentos, & como naturaes, mostra Deos querer o contrario, seja tam poderosa a vontade da Soberana Virgem, que ou voluntariamente forçado, ou forçosamente voluntario, se deixe levar para onde a mesma Senhora quer, como se denovo se tivesse recolhido ao mesmo Vêtre Santissimo, de que era levado: *Qui se portavit.*

## VII.

302 **P**osto que atêgora não tenho nomeado o Rosario, sempre falley nelle: porque assim como a Senhora levava a Deos, quando o tinha dentro do Sacratissimo Ventre, & o leva hoje para onde quer; assim nós

por meyo do Rosario levaremos a Mãe, & o Filho, para onde quizermos, fazendo nossa a sua vontade. Naquelle Texto tam repetido, *Venter tuus sicut acervus tritici, & vallatus lilijis*, são certas duas cousas. A primeira, que falla literalmente do Ventre Virginal, como dizem todos os Interpretes. A segunda, que debaixo da palavra *Lilijis* se entendem Rosas, como se lê no Original do mesmo Texto, *Vallatus Rosis*. Desorte, que temos aqui dous circulos, & dous cercos: o circulo do Sagrado Vêtre, cõ que a Senhora cercava ao Filho Deos, que tinha dentro em sy: & por fóra deste circulo outro circulo de Rosas, com que as Rosas cercavaõ o mesmo Ventre: *Venter tuus vallatus Rosis*. Que o circulo das Rosas signifique o Rosario, & o circulo, de que o mesmo Rosario he formado, seria negarlhe o nome, & a figura, se alguem se atrevesse ao negar. Sendo pois este circulo o do Rosario, qual he a razaõ, porque está cercado com elle o circulo do Ventre Sacratissimo? A razaõ he, porque faz hum

hum circulo o que fazia o outro. Assim como com o circulo do Sacratissimo Ventre porque cercava a Deos, q̄ tinha dentro em sy, levava a Senhora a Deos para onde queria; assim nós cō o circulo do Rosario, de que está cercado o mesmo Ventre, levaremos a Mãy, & o Filho, para onde quizermos. Digao a mesma Mãy, que he a que melhor conhece a vontade do Filho.

503 Falla a Senhora de cadahum dos seus devotos, & diz, que estes tem cuidado de assistir cadadia fõra de suas portas: *Qui vigilat ad fores meas quotidie, & observat ad postes ostij mei.* O não entrar, mas estar fõra das portas, he proprio de quem cerca: & o ser esta assistencia cuidado de cadadia, *Quotidie*, tambem he proprio da devaçãõ do Rosario. E que alcançarãõ aquelles, de quem a Senhora se achar assim cercada, & assistida? He maravilhosa a resposta do Texto Original, o qual afirma, & promete, que certamente alcançarãõ de Deos quanto delle quizerem. Assim o dizem confor-

memẽte as Versoẽs de todos. *Text. Varãblo: Affequetur quidquid volet à Domino.* Pagnino: *E. ducet quod voluerit à Domino.* Caietano: *Quidquid voluerit, à Deo facile obtinebit.* Apenas se achará em toda a Escri-  
tura Sagrada promessa tam universal, & tam estabelecida como esta! Mas assim conquistada a võtade do Filho, quẽ primeiro ganha a da Mãy. E porque dissemos dos poderes da mesma Mãy, que não sãõ alcançava de Deos quanto

queria, quãdo o mesmo Deos queria, senãõ ainda no caso, em que elle não quizesse; vejamos o mesmo, com assombro, nos poderes do Rosario.

504 Pelo peccado da Idolatria do Bezzerro determinou Deos acabar de huã vez com aquelle Povo taõ ingrato, & rebelde, & assim o manifestou a Moysés, promettedohe que o faria Governador de outro, não sãõ melhor, mas maior. Porém Moysés, que amava tanto os subditos, como devem fazer, & não fazem, todos os que tem o mãdo, & governo supremo, não sãõ rogou a Deos instantemente, que lhe perdoasse, mas to-

Exod.  
32.13.Ibidem  
10.

mou por terceiros, & valedores, a Abraham, Isaac, & Jacob, dizendo: *Recordare Abraham, Isaac, & Jacob: &c.* Admirable muito neste passo Theodoréto, não da oração de Moysés, senão da intercessão, de que se valéo nella, a qual não só parecia desnecessaria, sendo tam particular, & tam intimo o seu valimento com Deos, mas ainda muito alhea da cõfiança, que o mesmo Deos lhe tinha dado na comminaçõ daquelle castigo. As palavras, que Deos lhe disse, foraõ: *Dimitte me, ut irascatur furor meus cõtra eos, & deleam eos.* Deixame, Moysés, para que execute nelles a minha ira, & Eu os acabe. A palavra, Deixame, bem mostrava, que era bastante Moysés para ir à mão a Deos, & ter mão na sua ira, com que não executasse o que quera. Pois porque não cõfia Moysés tanto da sua oração, & se val das intercessões de Abraham, Isaac, & Jacobi? Porque entendéo, que para conseguir huã cousa tam grande contra o que Deos quera, & tinha determinado, não bastaria qualquer outra oração, a-

inda que fosse a sua, senão fosse acompanhada cõ a força dos Mysterios do Rosario. Ora notay.

505 Naquelles tres grandes Patriarchas estavaõ representados os Mysterios do Rosario, segundo as tres distincções, de que são compostos. Abraham, a quem Deos mandou deixar a patria, & os parentes: *Egredere de terra tua, & de cognatione tua:* representava os primeiros Mysterios, em que o Filho de Deos deixou o Ceo, & a seu Eterno Padre, & veyo peregrino ao múdo para o remir. Isaac, a quem Deos mandou sacrificar em hu monte: *Tolle filium tuum Isaac, & offeres eum in holocaustu super unum montium:* representava os segundos Mysterios, em q o mesmo Filho de Deos levando a Cruz às costas, foi pregado, & sacrificado nella no Monte Calvario. Jacob, a quem Deos mostrou a escada, que chegava da terra ao Ceo: *Vidit scalam stantem super terram, & cacumen illius tangens calum:* representava os terceiros Mysterios, em que o mesmo Filho de Deos depois de

Genes.  
12.1.Genes.  
22.2.Genes.  
28.12.

resuscitado subio Glorioso ao Ceo, & se assentou à dextra do Padre. Pára aqui toda a representação: Não. Ainda he mais expressa, & mais distinta. Porque os primeiros, següdos, & terceiros Mysterios do Rosario, em cada huã das suas distincões se repartem de cinco em cinco. Abraham, quando representou os primeiros, saindo peregrino da sua patria, não se chamava Abraham, senão Abram: *Egressus est itaque Abram, sicut praeceperat ei Dominus*. E como o nome de Abram he composto de cinco letras, & o nome de Isaac de cinco, & o de Jacob também de cinco, não sô representaraõ os tres Patriarchas as tres differenças dos Mysterios do Rosario, senão os numeros de cada differença. Os cinco primeiros, & Gozofos, no nome de Abram: os cinco següdos, & Dolorosos, no nome de Isaac: & os cinco ultimos, & Gloriosos, no nome de Jacob. Junta pois a oraçõ de Moysés com a representação dos Mysterios do Rosario, tam distinta emquanto tres nos tres Patriarchas, & tam

repartida emquanto cinco, nas letras de cada nome, & tam inteira emquanto quinze, na uniaõ de todos juntos; sô entãõ teve cõfiança Moysés para esperar, & suppor, q̃ a vontade de Deos se renderia à sua, & que não levaria por diante o que tinha determinado; & assim foi. *Placatusque est Dominus, ne faceret malum, quod locutus fuerat adversus populum suum*. Rezay, rezay o Rosario, & tende firme cõfiança nos poderes seus, & da Soberana Autora delle: que assim como a Senhora, quando tinha a Deos em suas entranhas, o levava para onde queria, vós tambem levareis a Mãe, & o Filho, para onde quizerdes: & não sô para lhe atares as maõs com o mesmo Rosario na occasiã dos castigos, mas tambem para vos encher de todas as Graças.

## VIII.

506 **L**ã diffemos no principio, que com o Filho Deos em suas entranhas fez a Senhora tres jornadas maiores: a primeira, de

de Nazareth às Montanhas: a segunda, das Montanhas a Nazareth: & a terceira, de Nazareth a Belem. Estes foram os tres lugares santificados com os tres primeiros Mysterios do Rosario, não em figura, ou representação, mas realmente. Em Nazareth se obrou o Mysterio da Encarnação: nas Montanhas o da Visitação: em Belem o do Nascimento. E posto que estes Mysterios não foram, não podiaõ entã ser mais q̄ tres, nestes tres se representaraõ as differenças de todos. Em Nazareth os Gózofos: *Exultavit Spiritus meus in Deo salutari meo*: nas Montanhas os asperos, & Dolorosos: *Abijt in montana cum festinatione*: em Belem os Celestiaes, & Gloriosos: *Gloria in altissimis Deo: & in terra pax hominibus*. Agora vede, como levando a Senhora a Deos em suas entranhas, a todos estes lugares, todos enriqueceo de extraordinarias graças. Indo de Nazareth às Montanhas, santificou nellas ao Bautista, encheo de espirito de profecia a Isabel, restituo a falla a Zacharias mudo, & sobre todos os coraçõs dos Montanhazes derramou jubilos de verdadeira alegria, & os deixou cheos de altas esperanças. Tornando das Montanhas a Nazareth, como S. Joseph dos sinaes de Mãe, que via na Senhora, julgasse, que tinha concebido, alli se lhe tirou a cófusão, & tristeza daquella perplexidade, alli teve a revelação do Anjo, alli conheceo o altissimo Mysterio da Encarnação, & alli soube, o que nem imaginar podia, que era Espoço da Mãe de Deos, & q̄ o mesmo Deos lhe havia de chamar Pay. Indo finalmente de Nazareth a Belem, naquella clarissima noite, em q̄ os Ceos feitos de mel chovêraõ as maiores doçuras sobre a terra, mandando Anjos aos Pastores, & Estrellas aos Reys, aos grandes, & aos pequenos, aos naturaes, & aos estranhos, aos de perto, & aos de longe, a todos encheo de luz, de consolação, de verdade, & de Espiritos de nova vida. Isto obrou maravilhosamente a Senhora do Rosario, quando lhe deu principio nos primeiros tres Mysterios, & nelles significação a todos, le-

Luc. 1.  
47.

Ibidem  
39.

Luc. 2.  
14.

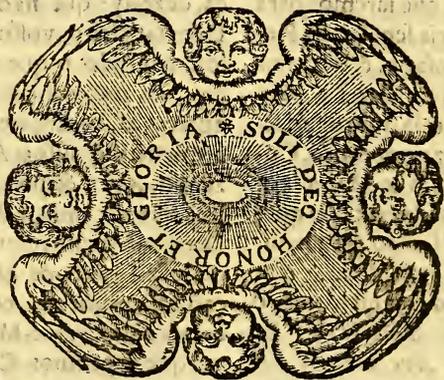
levando sempre a Deos, & deixando Deos levar para onde a mesma Senhora quer; para que nós também entendamos, que por meyo do mesmo Rosario teremos a vontade do mesmo Deos, não só propicia, senão em certo modo, ou por modo certo, sojeita a quanto quizermos, & dezejar-mos.

507 E que faremos, para que assim seja sem falta? Rezem os Rosario, & digamos em cada Ave-Maria à Mãe de Deos, não já que rogue, senão que dezeje por nós. Começamos a Ave-Maria por esta palavra *Ave*: & que quer dizer *Ave*? Disse com natural, & facil explicação, mas com altissimo pensamento, o Doutissimo Salmeirão: *De prima voce Ave adverte dici á verbo Aveo, quod est desiderare: & ita idem est dicere, Ave, ac dicere, desidera. Ave ergo, Beata Virgo, seu desidera, quia quodcumque avebas, & supra quam avebas, obtinebis.* Dezejava a Virgem Senhora nossa ardentissimamente o Mysterio da Encarnação do Filho de Deos, & que che-

gasse já o tempo, em que se cumprisse a promessa de Ilias: *Ecce, Virgo concipiet: naõ* *Isai. 7.* presumindo, nem vindo ao <sup>14.</sup> pensamento de sua humildade, que ella era, ou podia ser, o felicissimo objecto daquelle profecia. Alludindo pois a este dezejo, começou o Anjo a sua embaixada, dizendo, *Ave*, que quer dizer, dezejay. Dezejay, ò chea de graça, dezejay: que não só tem Deos satisfeito vossos dezejos, mas tudo o que quizerdes, & muito mais do que quizerdes, alcançareis sempre delle. Isto disse o Anjo, dizendo, *Ave*: & porisso digo Eu, que peçamos à Mãe de Deos, não já que rogue, senão que dezeje por nós. Esta petição he a primeira, com que começamos a Ave-Maria, esta a que repetimos Cento & sincoenta vezes no Rosario: & podemos estar certos, que nem a Senhora deixará de dezejar por nós, nem o Filho, q̃ quer pelo coração da mesma Mãe, deixará de querer quanto a mesma Senhora dezejar: & assim como enchéo de tantas Graças a todos aquellos, a onde levou a Deos, quando

quando o trazia em seu Sa. & leva, os que della saõ le-  
 cratissimo Ventre; assim nos vados, ao porto do Eterno  
 alcançará aquella ultima, Descanço: *Qui te porta,*  
 que só abre as portas do Ceo, *vit.*

FINIS.



SER-



# SERMAM

## XXIX.

*Et ubera, qua suxisti.* LUC. II.

I.

508



**RICARDO**  
à Sãcto Lau-  
rentio (hum-  
dos Autores

mais devotos, & mais bene-  
meritos da Virgem Maria Se-  
nhora nossa, que com igual  
estudo, & engenho, applicou  
a seus louvores quasi toda a  
Escritura Sagrada ) combi-  
nando dous lugares dos Cã-  
nticos, diz assim: *Christus di-  
cit, Bibi vinum meum cū la-  
cte meo virginali, quod totum  
fuit meum, & de quo nullus al-  
lius bibit. Item cum dicatur  
Beata Virgini, Oleum effusum  
nomen tuum, non tamen dici-  
tur, quod ejus ubera sint effusa.*  
Quer dizer: q̄ ao leite virgi-

nal da Senhora chama Chris-  
to propria, & singularmente  
seu, *Cum lacte meo*; porque de  
tal sorte foi sōmente seu, que  
nenhuã outra pessoa o gos-  
tou, nem participou delle. E  
que sendo comparado o no-  
me da mesma Virgem ao o-  
leo derramado, pela largueza  
com que se communica; dos  
Sacratissimos peitos da Se-  
nhora naõ se diz tal commu-  
nicaçãõ, ou effusaõ: *Non ta-  
men dicitur, quod ejus ubera  
sint effusa*: porque tambem  
naõ foraõ cõmunicados mais  
q̄ ao proprio Filho de Deos,  
& seu: *Et ubera, qua suxisti.* LUC. II.

509 Assim o diz este  
grave Autor, commumente  
applaudido, & allegado de to-  
dos. Porém a mim ( que nos  
peitos

Ri-  
chard. à  
S. Lau-  
rent. ibi.

27.

peitos da Virgem Maria cõsidero duas fontes de misericordia, & a mesma misericordia estillada no seu leite) nã a razãõ, nem a Escritura, nem a experiencia, me consente aprovar estas limitações. A razãõ naõ; porq̃ sendo propriedade do summo bem ser summamẽte communicavel: como podiaõ ser incommunicaveis os peitõs, que criãõ o mesmo summo bem, o qual quando criou todas as cousas, a todas deu virtude de se communicarem? He certo, que com o leite se bebem jũtamente as inclinações, & affectos. Onde se segue, que naõ sò foi conveniente, & decente, mas necessario, que a segunda geraçãõ do Verbo se parecesse com a primeira, & que o mesmo Verbo criado trouxesse dos peitos da Mãy a propensãõ natural de se cõmunicar, que tinhã recebido incriado do seyo do Pay. A mesma Virgem naõ sò foi Mãy de Christo, Cabeça da Igreja, senãõ rãmbem Mãy de todos os mēbros do mesmo Christo, que saõ os Fieis: & se a Senhora nos negasse a nutriçãõ docissima de seus

peitos, naõ seria Mãy inteira nossa, senãõ meya Mãy, como o saõ, diz S. Chrysofo. *Chrysof.* mo, as que geraõ os filhos, & os daõ a criar a outrem. Finalmente, o leite virginal dos mesmos peitos, foi aquelle, que se convertio no mesmo Sangue, o qual se derramou atẽ a ultima gota pela salvaçãõ do genero humano: & se foi nosso, & se derramou por nós emquanto Sangue do Filho: como havia de ser sò seu, & naõ tambẽ nosso, emquãto leite da Mãy?

510 Passando da razãõ à Escritura: a Esposa, ou Pastora principal do mesmo Livro dos Canticos allegado, he a Virgem Senhora nossa. E fallãdo o Divino Esposo dos peitos virginaes, que o criãõ, & alimentãõ Minino, diz, que saõ semelhantes a dous cabritinhos mōtezes, filhos gêmeos da mesma mãy: *Duo ubera tua, sicut duo hincant. 4.*  
*nuli caprea gemelli.* He com. 5.  
paraçãõ pastoril propria daquelle genero de Poesia. E com ser o Autor della Salamaõ, parece, naõ sò pouco accommodada, senãõ contraria ao que quer dizer. Os fi-

filhinhos são os que tomão os peitos, & os peitos como duas fontes, ou esponjas de neve, são os que docemente esprimidos se destillaõ no licor vital, com que os alimētaõ. Da parte dos peitos está o leite, & dá parte dos filhos a fome, ou sede impaciente, com que tiraõ por elles. Pois se os affectos, & os effectos, assim nos peitos da mãy, como nos filhos, que delles se sustentão, são tam diversos, & verdadeiramente contrarios: como diz Salamaõ, que os peitos da Senhora são semelhantes, naõ aos que daõ, & communicãõ o leite, fenaõ aos que o recebem, & se alimentãõ com elle? Naõ se poderá encarecer com maior elegancia, & energia, a liberalidade maternal, com que os peitos da Senhora se nos communicãõ, & o dezejo, & gosto, que tem de se comunicar. Se os filhos sedentos, & famintos, correndo, & saltando (como he proprio daquelles animalinhos, mais q̄ de nenhuns outros) buscaõ os peitos da mãy com fome, & sede ardente, muito maior he a fome, & muito mais ar-

dente a sede, com que os peitos da Mãy de Deos, & nossa, se communicavaõ ao Filho natural, que he Christo, & se dezejaõ comunicar aos adoptivos, q̄ somos nós. Perisso nos mefmos Canticos se compára a mesma Senhora a huã fonte cerrada: *Fons signatus*: porque assim como a agua na fonte fechada está rebentando por sair, & padece violencia, emquanto se naõ desfoga no manãcial da corrente: assim o leite da Virgẽ reprezado nos sagrados peitos está violento: & quando este se comunica, entãõ elles se aliviaõ, & como de huã pezo amorosamente impetuoso se descarregaõ, & descargãõ.

511 Atẽqui a razaõ, & a Escritura; & sãõ resta a experiencia: a qual porẽm se tem visso em muitos casos, & aparições milagrosas, em que a Soberana Virgem se dignou regalar visivelmente a seus devotos cõ o nectar celestial de seus sagrados peitos. Quando S. Bernardo na Igreja de Espira pãstrado por terra entou: *Monstra te esse Matrem*: passando a Imagem da

da Senhora o Minino Jesu de hum braço para o outro, com hum rayo de leite estilado na boca melliflua de Bernardo, bem claramente lhe mostrou, que tambem era Mãe sua. Do Santo Abbade Fulberto refere Baronio, que ainda gozou de mais perto este sobe-rano favor: porque não só lhe concedeo a Virgem, que gósta-se a suavidade do leite, cõ que tinha criado a Deos, como orvalho da Aurora cahido do Ceo; mas apartando a roupa de sobre os peitos, lhe permittio, que o bebesse nas proprias fontes. Quasi espirando estava hum Sacerdote, muito devoto da mesma Rainha dos Anjos, com acerbissimas dores: & conta S. Pedro Damiaõ, que a Senhora lhe appareceo visivelmente, & fazendolhe o linitivo de seu proprio leite, no mesmo instante não só se abrandaraõ, mas cessaraõ totalmente as dores: & restituído à vida, de que já tinha perdido as esperanças, conservou sempre nos beiços a cor do medicamento, com que fora curado. O mesmo refere Vincencio Belvacense de outro tambem Sacerdote, & tambem agonizante, não permitindo a Mãe de misericordia, que a boca, & lingua, com que era louvada, acabasse de comer o cancer, de que já estava emmudecida, & corrupta: & pagado com o leite vital de seus virginaes peitos a devaçãõ, com que o mesmo Sacerdote, todas as vezes que via alguã Imagem da Senhora, a laudava, dizendo: *Beatus venter, qui te portavit, & ubera que suxisti.* Em summa, que não só a razaõ, & a Escritura, senão tambem a experiencia nos ensina, que o leite, com que a Virgem Maria sustentou ao Filho de Deos, não he somente seu, senão também nosso: & tambem nossas as duas fontes suavissimas de seus peitos, as quaes, quando a mesma Senhora he servida, se desfechaõ liberalmente, & manaõ para nosso remedio.

512 Mas porque este soberano favor, como mostraõ as mesmas experiencias referidas, he particular, & de poucos: o meu intento hoje será provar, que tambem pôde ser universal, & de todos,

se

Baron.

Petr.  
Damian.V. B. l.  
V. accresc.

se nós quizermos. E não quero, que me pergunteis o como; porque já se entende, q̄ ha de ser por meyo do Rosario. Digo pois (ou direy) que a todos os devotos do Rosario communica a Virgẽ Senhora nossa o leite celestial de seus piadosissimos peitos, não para a vida, ou saude temporal, que he pouco, mas para a eterna. E porque ? Agora vay o Assump̄to em proprios termos. Porque o Rosario he huã nova Via Lactea, aqual abrio, & regou a Senhora cõ seu proprio leite na terra, para que por ella subamos facilmente ao Ceo. A novidade, & difficuldade da proposta necessita de muita Graça.

*Ave Maria, &c.*

## II.

513 **D**A Via Lactea, famosa entre Filozofos, & Poetas, parte a Filozofia em verso, & parte a Poesia em fabula, dizem elegantemente assim:

*Est via sublimis calo manifestata sereno,  
Lactea nomen habet, candore notabilis ipso.*

Tom. 6.

*Hac iter est Superis ad magni  
teſta Tonantis.*

Vem a dizer na nossa proza: que no Ceo ha hũ Caminho claro, & manifesto, ao qual pela brancura, tomando o nome do leite, chamáraõ Via Lactea: & que esta he a Estrada, por onde os habitadores do Ceo sobem aos altos Palacios do grande Tonante: isto he, gentilicamente, de Jupiter; & christãamente, de Deos. Vamos agora dividindo este pequeno, ou grandissimo Mappa, & veremos, como tudo o que delle differaõ, Filozofos, Mathematicos, & Poetas, se verifica com admiravel propriedade no Rosario.

514 Primeiramente de-  
xando o nome de Via para  
seu lugar; assim como os Gre-  
gos pela cor lhe chamáraõ  
Galaxia, assim todos pela fi-  
gura lhe chamaõ Circulo: &  
com particular razaõ. Porq̄  
sendo onze os Circulos, em  
que os Mathematicos por va-  
rias partes, & com diferentes  
consideraçõs cortaõ, & divi-  
dem o Ceo, os dez, todos saõ  
imaginarios, & sõ o Circulo  
Lacteo, real, & visivel. E tal  
Gz he

Vide Aristotel.  
Conm-  
bricenf.  
Riccom.  
& reli-  
quos in  
Met.

Tolo-  
meus.Thro-  
phra-  
stus.

he o Rosario formado em si-  
gura circular, o qual traze-  
mos nas mãos, não só visível,  
mas palpavel. Toloméo ob-  
servou, que a Via Lactea não  
he simples, senão cõposta de  
duas como ametades sêivel-  
mente divididas, mas sempre  
continuadas, & uniformes. E  
estas são as duas partes, de q̃  
tantas vezes temos ditto se  
compõem o Rosario, huã  
Vocal, outra Mental: de tal  
modo porém diversas, & dis-  
tintas, que sempre se acom-  
panhaõ; porque nem a voz  
sem a meditação, nem a me-  
ditação sem a voz, fazem per-  
feito Rosario. Theophrasto  
cõ opiniaõ singular teve para  
sy, que a Via, ou Circulo  
Lacteo, he a uniaõ, com que  
na Esfera Celeste se ajuntãõ  
os dous Emisferios, superior,  
& inferior: dos quaes assim-  
juntos, & unidos, resulta, & se  
faz huã sò globo. E quem não  
vé nesta semelhança, que tal  
he a materia Mental do Ro-  
sario, disposta toda, & orde-  
nada pelos Mysterios da Vi-  
da, Morte, & Resurreiçãõ de  
Christo, em quem o Emisfe-  
rlo superior, que he a Natu-  
reza Divina, & o inferior, q̃

he a Humana, se ajuntãõ ines-  
favelmente em hum sò sup-  
posto. Aristoteles filosofan-  
do diversamente sobre a mes-  
ma materia, diz, que não he  
outra cousa senão as exhala-  
ções da terra, que subidas, &  
elevadas ao alto, conceben-  
do fogo, se acendem, & deste  
incendio natural, & cõtinuo,  
se diffunde, ou reverbera a  
claridade, que vemos. E que  
outra cousa he com a mes-  
ma propriedade a parte Vo-  
cal do Rosario, cujas ora-  
ções, se as rezamos com a  
quelle fervor, a que as suas  
mesmas palavras nos exci-  
taõ, sobem ao Ceo acezas, &  
ardentes, qual he o estado do  
coraçãõ, donde devem sair?  
Porque se o coraçãõ está frio,  
se convertem em regêlo; se  
distrahido, em fumo; & se  
fervoroso, em fogo. Final-  
mente S. Joã Damasceno cõ,  
a sentença mais recebida nas  
Escolas, diz, que a Via Lac-  
tea he no oitavo Ceo, hum a-  
gregado, ou multidaõ de Es-  
trellas, huãs grandes, que se  
distinguem, & vem; & outras  
pequenas, que por sua meno-  
ridade, numero, & distancia,  
se não podem ver, nem con-  
tar.

Aristo-  
teles.Damas-  
cus.

tar. Nós porèm no Circulo do Rosário, que vemos de mais perto, as distinguimos, & contamos; porque as grandes, & as pequenas, se reduzem nelle a certo numero, sendo as pequenas as Ave-Marias, a que vulgarmente chamamos Contas, & as grãdes os Padre-nossos, a q chamamos Estremos. Desorte, q quanto os Sabios differaõ, ou affirmando com certeza, ou opinando com probabilidade, ou imaginando, & fantasiando sem ella, ou na materia, ou na fórma, ou na figura da Via Láctea, tudo cõ as mesmas propriedades se verifica no Rosário.

## III.

515 **P**Assando agora às causas porque he Via, & porque he Láctea, em ambas veremos o mesmo Rosário, mais naturalmente ainda, & mais illustremente retratado. Alguns Filósofos da Escola de Pitagoras, como refere Aristoteles, dizem, que por aquella parte, onde hoje se mostra o Circulo Lácteo, passou antigamente hum As-

tro, cujos vestigios ficaraõ impressos, & finalados no Ceo, & delles, sem nũca mais se apagarẽ, se formou a Via, ou Estrada, que por sua brancura se chama Láctea. Naõ convem porèm entre sy estes mesmos Filósofos na declaração de que Astro fosse este: porque huns dizem, que foi o Sol, outros que foi nascido do mesmo Sol: & porisso deu occasiaõ à fabula de Fáctonte. As palavras de Aristoteles no seu melhor, & mais claro Parafraste, saõ estas: *Sententia est quorundam Pythagoræorum, qui dixerunt, Galaxiam esse Viam, per quam aliquando suum cursum peregit aliquod Astrum, quod suo transitu hanc celi partem exurens, vel alio modo alterans, lacteo candore signatam reliquit. Verum isti Authores non conveniunt in explicando quodnam Astrum per hanc Viam transierit. Aliqui enim dicunt aliquod novum Astrum ortum ex Sole, quod occasionem dederit fabulæ Phæthontis: alij è contrario asserunt Solem ipsum aliquando per talem Circulum transisse.*

*Aristoteles apud P. Manii.*

516 Demaneira, que na  
Gg 2 sen-

sentença dos Pithagoricos a causa, & origem da Via Lactea, ou foi o Sol, ou o Filho do Sol, o qual passando circularmente por aquella parte, & deixando nella impressos os vestigios de seus passos, estes são os que sinaláraõ, & propriamente fizeraõ, o mesmo Caminho, ou Via. E que he o Sol, & o Filho do Sol, senaõ Christo? Elle o Sol, porque he Deos, & elle o Filho do Sol, porque he Filho do mesmo Deos. Pois assim como a Filosofia Pithagorica, dividida em duas opinioes, diz, que o Sol, ou o Filho do Sol com seus passos fez a Via Lactea: assim a Fé Catholica unida em huã verdade nos ensina, que os passos de Christo Deos, & do mesmo Christo Filho de Deos, são os que formando outra nova Via semelhante àquella, fizeraõ o Rosario. O Circulo da Via Lactea, como diz Manilio, começa na Cassiopéa, & acaba na Cassiopéa: *Orbemque ex illa captum, concludit in illa.* E Christo diz, fallando de sy, que o circulo do seu caminho começou no Padre, & acabou no Padre:

Mani-  
lius.

*Exiui à Patre, & veni in mū.* Ioan. 16. 28.  
*dum: iterum relinquo mundū,*  
*& vado ad Patrem.* Assim pois como o Sol fez aquella Via, deixando nella impressos os vestigios dos seus passos: assim Christo fez a Via do Rosario, edixando nelle expressos os mesmos passos, & os mesmos vestigios: *Vobis* 1. Petr. 2. 21.  
*relinquens exemplum, ut sequamini vestigia eius.*

5:7 Tudo disse admiravelmente David debaixo da mesma metфора do Sol: *In* Psal. 18. 6.  
*Sole posuit tabernaculum suū:*  
*& ipse tanquam Sponsus procedens de thalamo suo.* Assim como o Sol saindo do Oriente começa o seu caminho circular; assim Christo encarnando começou o seu: & começou como Esposo: *Tanquam Sponsus:* porque o primeiro passo, com que deu principio ao Circulo do Rosario, foi o Mysterio da Encarnação, em que se despozou com a Natureza Humana. Depois deste primeiro passo foi continuando a sua carreira: & de que modo, & a que fim? O fim foi com notavel propriedade, até no nome, para fazer outra Via, como aquella

*Ibid.* aquella do Sol: *Ad currendā viam.* E o modo foi tambem como o do mesmo Sol com igual correspondência: *A summo celo egresso ejus, & occurfus ejus usque ad summum ejus.* Assim como o Sol fez a Via Lactea caminhando circularmente até tornar ao mesmo lugar, donde sahira: assim Christo fez a Via do Rosario, começando quando sahio do seyo do Padre, & acabandoa quando se assentou à dextra do mesmo Padre. O Sol passou por differêtes Constellações, que são as que se mostrão na Via Lactea: huãs benignas, & humanas, como Geminis, & Perseo; outras monstruosas, & feras, como o Escorpião, & o Centauro; outras canóras, & sublimes, como o Cisne, & a Aguia: E nos passos, com que Christo fez a Via do Rosario, tambem se vem, & distinguem as mesmas differenças: huãs humanas, & benignas, que são os Mysterios Gozofos; outras monstruosas, & feras, que são os da Paixão, & Dolorofos; outras canóras, & sublimes, que são os da Ascençaõ, & Gloriosos. Mas porque po-

dia causar duvida, & estranheza, que sendo os passos, & Mysterios do Rosario só quinze, bastassem tam poucos passos para fazer huã Via tam comprida. A esta objecção acodio o mesmo David, advertindo, que os passos, cõ que Christo fez este grande Circulo, & correõ esta grande Via, eraõ passos de Gigante: *Exultavit ut Gigas ad currendam viam.*

518 He Gigante Christo, porque não só he Homẽ, senão, Homem, & Deos juntamente. Mas posto que os seus passos, por serem de tam estranha, & agigantada medida, podessem igualar a grandeza do Circulo; comtudo para o sinalarem, & mostrarẽ aos que haviaõ de caminhar por elle, ainda lhe faltava o serem impressos, & estampados, como estaõ no Rosario: porque na mesma Via Lactea assim como foi necessaria a cor para ser Lactea, assim foraõ necessarios os vestigios para ser Via: *Viam, per quam Aristoteli aliquando suum cursum perecelescit, signatam reliquit.* Diz Sa.<sup>Supra</sup> lamaõ, que tres cousas, ou tres vias, lhe são muito difficulto-

Prov.  
30.18.  
19.

fas de entender: a via da Serpente na pedra, a via da Náo no mar, a via da Aguia no ar: *Tria sunt difficilia mihi. Viam Aquila in celo, viam Colubri super petram, viam Navis in medio mari.* E que difficuldade tem estas tres vias, para q̄ a sabedoria do mesmo Salamaõ as não entenda? A difficuldade he huã só, & a mesma em todas tres; porque todas são via sem rasto, nem vestigio. A via da Serpente na pedra, he via sem rasto, nem vestigio; porque a pedra o não admite, por ser dura, & solida: a via da Náo no mar, he via sem rasto, nem vestigio; porque o mar o não contém, por ser inquieto, & confuso: & a via da Aguia no ar, he via sem rasto, nem vestigio; porque o ar o não demonstra, por ser diafano, & invisivel. E tudo isto, que assim havia de succeder naturalmente, se venceu, & trocou na Via do Rosario.

519 Neste mesmo Texto, como commenta Santo Ambrosio em diferentes lugares, Christo he a Serpente, Christo a Náo, & Christo a Aguia. A Serpente: *Sicut*

*Moses exaltavit Serpentem in deserto: a Náo: Navis infertoris de longè portans panem suum: a Aguia: Aquila grandis magnarum alarum.* Serpente nos Mysterios da Encarnação, em que Deos te fez visivel para nos dar vida: *Qui percussus aspexerit Serpẽtem, vivet.* Náo nos Mysterios da Paixãõ, em que a tempestade dos tormentos o meteo no fundo do mar: *Veni in altitudinem maris: & tempestas demersit me.* Aguia nos Mysterios da Resurreiçãõ, & Ascensão, em que subindo nos abriu o caminho do Ceo, & nolo mostrou voando: *Sicut Aquila provocans ad volandũ pullos suos, & super eos volitans, expandit alas.* E porque ha muitos corações, nem Christãõs, nem ainda humanos, huns duros, & rebeldes, como as pedras, outros inquietos, & perturbados, como o mar, outros leves, & inconstantes, como o ar: nos quaes os passos da Vida, Morte, & Resurreiçãõ do Filho de Deos não imprimẽ os vestigios, que na passagem, que fez por este mundo, deixou seu exemplo nelle; para  
aco.

Ioan. 3.

14.

Prov.

31. 14.

Ezech.

17. 3.

Numer.

21. 8.

Psalm.

68. 3.

Deuter.

32. 11.

acudir a este descuido, a este esquecimento, & a esta grãde ingrataidã, a Soberana Mãe do mesmo Senhor, os tornou a estampar pela mesma ordem no seu Rosario: abrindo nelle denovo o Caminho do Ceo, & fazendo daquellas tres Vias cerradas huã Via patente, & manifesta:

*Quid. Est via sublimis Calo manifesta sereno.*

*Viam Aquila in calo, viam Colubri super petram, viam Navis in medio mari.*

## III.

520 **M**AS porque o Apostolo S. Pedro fazendo mençãõ destes mesmos vestigios, insiste mais nos da paciencia, que sãõ os Mysterios Dolorosos, & da Paixaõ: *Passus est pro nobis, vobis relinquens exemplum, ut sequamini vestigia eius*: ainda que no Rosario temos bẽ finalada, & expressa a Via, parece, que esta naõ pôde ser Lactea. Via sim, mas Lactea naõ, senãõ sanguinea; porque os vestigios, que a finalãõ, foraõ estampados em sangue. Se Christo remira o mundo

1. Petr.  
2. 21.

morrendo a maõs de Herodes, quando pendente dos braços, & peitos da Virgem Mãe, se alimentava de seu leite; no tal caso a Via, que juntamente começava, & acabava com a vida, bem se podia chamar Lactea. Mas isto, nem foi, nem havia de ser; porque já estava vedado na Ley, em que Deos mandava, que o Cordeiro se naõ cozesse no leite de sua mãe: *Non coques agnum in lacte matris sue.* No qual preceito, como notaráõ S. Chrystomo, & Santo Agustinho, se declarou o decreto divino, de q̃ Christo naõ morresse na Infancia, senãõ na idade de Varaõ <sup>9. 90. Chry-  
sost. Ho-  
mil. de  
Inno-  
centib;</sup> perfeito. Logo os vestigios, que o mesmo Senhor nos deixou de sua Paixaõ, ainda que nesta parte finalãõ, & demonstraõ bem a Via, como estampados em sangue, com a cor porẽm do mesmo sangue, parece, que lhe tiraõ o nome de Lactea.

521 Assim parece, mas naõ he assim. Ainda na parte, em que o Rosario se compoem dos Mysterios Dolorosos, & da Paixaõ, & Sangue de Christo, digo, que propriissimamente he Via Lactea: & Gg4 porque?

Exod.

23. 19.

LXX.

legunt

Agnum;

August.

9. 90.

Chry-

sost. Ho-

mil. de

Inno-

centib;

porque? Porque assim como todo o leite he sangue branco, por ser sangue convertido em leite: assim o Sangue da Paixão de Christo, por ser Sangue tambem convertido em leite, he propriissimamente sangue branco. Vio S. João no seu Apocalypse huã grãde multidão de todas as Nações, & Gentes do mundo, todos vestidos de estolas, ou

*Apocal.*  
7. 9.

roupas brancas: *Amicti stolis albis*: & a razão desta brãcura dos vestidos lhe disse hũdos Vinte & quatro Anciaõs, que era, porque todos tinhaõ lavado as suas estolas no Sangue do Cordeiro, & as tinhaõ branqueado nelle: *Qui laverunt stolas suas, & dealbaverunt eas in Sanguine Agni*. A duvida, que traz consigo a palavra *Dealbaverunt*, atè os olhos a estaõ vendo. Os vestidos de branco, que S. Joãvio, saõ todos os Bemaventurados, dos quaes se diz com grande propriedade, que lavaraõ as suas estolas no Sangue do Cordeiro: porque o Sangue de Christo nos lavou, & lava das manchas do peccado, com as quaes naõ pôde haver Graça, nem Glo-

ria: mas que se diga, que o mesmo Sangue, tendo vertemelho, as branqueou: *Dealbaverunt eas in Sanguine Agni*? Sim. Porque o Sangue, cõ que Christo nos remio na Cruz, he Sangue convertido em leite. Assim responde Alberto Magno commentando o mesmo Texto: & dá a razão desta sua filosofia: *Quia sanguis per multam decoctionem fit lac, ut patet in naturali generatione lactis, quando generatur ex sanguine in mammillis: & quia sanguis Christi maximè fuit decoctus in Passione, ideo dicitur habere naturam lactis*. O sangue (diz o Grande Alberto) converte-se em leite pela muita decoção, como se vé na geração natural do mesmo leite: & porque o Sangue de Christo teve esta muita, & ultima decoção na Cruz; porisso nella adquirio a natureza, & cor de leite, com que se pode fazer branco. O mesmo pensamento tinha já declarado S. Bernardo (que foi o primeiro Autor desta sutileza) dizendo em mais breves palavras, que aquellas estolas se fizeraõ brancas no Sangue do

Cor:

*Ibidem*  
34.

Cordeiro; porque he Sangue lacteo: *Candidas in sanguine Agni novelli, sanguine lacteo.* E se o Sangue de Christo por virtude do leite, que recebeu dos peitos de sua Mãy, quando recém nascido ( que a isso allude o aditamento de *Agni novelli*) foi sangue cõvertido em leite, & sangue lacteo: os vestigios, que nelle imprimiraõ os Mysterios da Paixãõ, de nenhũ modo impedem a cor, nem o nome de Lactea à Via do Rosario; antes tambem nesta parte a fazem Lactea.

V.

522 **R** Emovido pois este impedimento, & vindo à occasiãõ, & origẽ, porque a Antiguidade deu à Via Lactea hum tal sobrenome, dirivado mais do leite, que da neve, ou açucena, ou de alguã outra especie igualmente branca; mais parece o caso inventado, & fingido por Mim, que referido pelos Autores da mesma Antiguidade, entre os quaes o já allegado Manilio o conta desta sorte:

Manil.  
lib. I.  
cap. 9.  
Astronomie.

*Nec mihi celanda est fama vulgata vetustas  
Mollior, & niveo lactis fluxisse licore  
Pectore Regina Divum, Calumque colore  
Infecisse suo: quapropter Lacteus Orbis  
Dicitur, & nomen causa descendit ab ista.*

Torno a repetir, que mais parece a propriedade do caso, & as mesmas palavras, cõ que se refere, fingidas, & inventadas para o presente Assumpto, que escritas, como foraõ, Mil & quinhentos annos antes. Querem dizer: q̃ a origem da Via Lactea, & occasiãõ de se chamar assim

o Circulo Celeste, de que fallamos, foi, porque a Rainha do Ceo, & dos Santos, a fez, & finalou com o leite dos seus peitos:

— *Lactis fluxisse licore  
Pectore Regina Divum:*

& que este mesmo leite lhe deu o nome de Lactea:

— *Quapropter Lacteus  
Orbis*

*Ætus Orbis*

*Dicitur, & nomen causa descendit ab ista.*

Quem he pois a Rainha do Ceo, & dos Santos, senão a Virgem Maria Senhora nossa? E qual he o Circulo da Via Láctea, senão o do seu Rosario? E qual he, ou foi o leite, com que deu principio a esta Via, senão o que mandando de seus bemitísimos peitos sustentou o Filho de Deos nos gozofos rudimentos de sua Infancia, que foraõ os primeiros Mysterios do mesmo Rosario? Porisso disse judiciosamente Tertulliano, que na crença dos acontecimentos fabulosos dispoz Deos a Gentilidade para a Fé dos Mysterios verdadeiros.

*Tertull.*

523 E para que se veja, quam propriamēte se correspondem no mesmo Rosario a falsa crença com a Fé, o fingimento com a verdade, & a pintura fabulosa com a realidade do caso: ouçamos o que fez a mesma Senhora do Rosario para o tornar a introduzir no mundo, quando o vio quasi esquecido, & apagado da memoria dos

mesmos homēs, que com tanta devação, & applauso, o tinhaõ abraçado em seus principios. Elegéo por Restaurador delle ao Beato Aláno, Religioso da Sagrada Familia dos Prégadores, natural da Baixa Alemanha: & constituindoo por sua propria Pessoa naquella grande dignidade, cuja soberania sò conhecia quem a dava: quaes vos parece, que seriaõ as ceremonias de hum acto tam solenne? Primeiramente tirando a Senhora hum collar, de que vinha adornada, em que as joyas preciosissimas, & o numero dellas, formavaõ hum Rosario de inestimavel valor, o lançou ao peçoço de Aláno, o qual mais postrado, que de juelhos, o recebeu com profundissima humildade. Entaõ abrindo a Rainha dos Anjos, como fahes o Sol de entre as nuvēs, hum, & outro peito sacratissimo, com o mesmo leite, cõ que tinha criado o Criador, copiosamēte estilado de ambos, melhor que o Serafim de Isaias, lhe purificou a boca, & lingua, com que havia de prégar o Rosario. Por fim com

*Isai. 6.7*

com breves palavras, & de grande magestade, lhe declarou, como aquelle era o Caminho do Ceo, & lhe encarregou, que assim o ensinasse a todo mundo. Com isto appareceo a visaõ, & se acabou o acto. Demaneira, que quando a Virgem, Senhora nossa, manda prégar, & apregoar o Rosario em todo mundo, como Via, & Caminho certo do Ceo: não sò dá ao Prégador de sua mão o mesmo Rosario, senão tambem o leite de seus peitos: para q elle, & todos, entendamos, que aquella Via, não sò tem

da mesma Senhora o ser Via sua, senão tambem o ser Via Lactea.

524. E quanto a ser Caminho do Ceo, tambem esta observaço não faltou à Antiguidade, tam fabulosa, como credula. Crião os Antigos, que aquella Deidade entre todas as femininas suprema, a quem elles chamavaõ Rainha dos Deoses, tinha feito a Via Lactea, para que por ella subissem os que fossem dignos do Ceo. Assim, o diz o mesmo Manilio, a crescentados, aos Versos que recitey, estes:

*Hæc fortes anima, dignataque nomina Cælo  
Corporibus resoluta suis, terraque remissa  
Huc migrant ex Orbe.*

He o que disse com a mesma crença Ovidio:

Ovid. *Hæc iter est Superis ad magni  
supr. nitentia Tonantis.*

Mas antes delles o tinha já ditto, & profetizado David eõ o proprio sentido, & quasi com as proprias palavras: *Et illuc iter, quo ostendam illi salutare Dei.* Elles falláraõ do Caminho, & Via fabulosa & David, da verdadeira, & cer-

ta: pela qual sem duvida se sóbe ao Ceo, se consegue a salvaço, & se vay ver a Deos. Mas qual he este Caminho, & Via certa? Ouçamos todo o Texto, & elle nos dirá, que he o Rosario: *Intelligite hæc Ibid. 22  
qui obliviscimini Deum: ne quando rapiat, & non sit qui eripiat. Sacrificium laudis honorificabit me: & illuc iter, quo ostendam illi salutare Dei.*

En-

Manil.  
ubi su-  
pr.

Ovid.  
supr.

Psalms.  
42.23.

Entendey (diz) este grande segredo, vós, que tam esquecidos andais de Deos: para que vos não aconteça ir ao Inferno, donde não haverá quem vos livre. Honray a Deos cō o Sacrificio de seus louvores; porque este he o Caminho, que vos levará ao Ceo. Já no mesmo Psalmo tinha Deos renüciado os Sacrificios de sangue, que eraõ bezertos, & cordeiros mortos, os quaes não tinhaõ virtude de levar ao Ceo. Porém agora que ensina o verdadeiro Caminho do mesmo Ceo: *Et illiciter, quo offendam illi salutare Dei*: cõmuta o mesmo Deos todos aquelles Sacrificios em hum sō Sacrificio, que chama Sacrificio de louvor: *Sacrificium laudis honorificabit me*: o qual Sacrificio consistia: em que? Consistia na memõria de Deos, & dos beneficios divinos (que porisso se queixa do esquecimento: *Qui obliviscimini Deum*:) & no louvor & açcaõ de graças, com que reconhecemos, veneramos, & louvamos a Deos, como Autor dos mesmos beneficios: que saõ os dous actos de Re-

ligiaõ, em que se contêm o proprio, & total instituto, assim Vocal, como Mental, do Rosario.

525 Depois de perdido o genero humano, os beneficios inefaveis, com q̄ Deos o restaurou, & restituiu ao fim altissimo para que o tinha criado, foraõ tres: Fazer se Homem como nós, morrer por nós, & franquearnos por este meyo o Caminho, & portas do Ceo, onde o gozassemos. E na consideraçãõ, & agradecimento destes tres beneficios, se empregãõ, & dividem as tres partes de todo o Rosario. A primeira nos Mysterios Gozosos, que saõ os da Encarnaçãõ: a segunda nos Dolorosos, que saõ os da Paixaõ: a terceira nos Gloriosos, que saõ os da Resurreiçãõ, & Ascençãõ. A cada hum destes beneficios divinos levantou o Rosario sinco Altares, em que se vem historiados os sinco principaes Mysterios, & passos delles. E em cada hum offerece o mesmo Rosario o Sacrificio, que Deos antepoz, & estima sobre todos: mentalmente na memõria, & consideraçãõ

deração de cada Myſterio: & vocalmente no louvor, & acção de graças por cada hum em particular. É porque não parece, que ao menos na parte Vöcal, & exterior das palavras, & vozes, com que em huã, & outra oração do Rosario louvamos a Deos, se não verifica com propriedade o nome de Sacrificio: a estas meſmas palavras chamou o Profeta Oſeas com ſingular energia, & maior do que cabe na noſſa lingua: *Vitulos labiorum*: Viſtimas da boca. Levay com voſco aos Altares ( diz o Profeta ) não bezerros, ou cordeiros, (enaõ palavras ſõmente: *Tollite vobiscum verba* : & estas palavras, nas quaes vos efferceis a vós meſmos ( que por iſſo diz, *Tollite vobiscum* ). ſeraõ as Viſtimas, & Sacrificios, cõ que melhor pagareis a Deos todo o bem, que receberdes de ſua divina mãõ: *Accipe bonum: & reddemus vitulos labiorum noſtrorum*. A ração deſta differença, & ventagem, he manifeſta. Porque nos outros Sacrificios derramaſe o ſangue de animaes ſem alma; & neſtes ( ſegundo o Texto,

*Effundite coram illo corda veſtra*) derramaõſe os corações, & as Almas, em affectos de goſto, de dor, de jubilo, de louvor, & acção de graças, que ſaõ os que mais honraõ a Deos, & de que Deos mais ſe honra: *Sacrificium laudis honorificabit me*. Affim declara a preferencia deſte Sacrificio o Doutor Maximo S. Jeronimo: mas Eu ainda tenho outro Doutor maior que o Maximo, que he S. Paulo, o qual cõ o meſmo Texto de Oſeas declarou o noſſo de David: *Per ipſum ergo offeramus hoſtiam laudis ſemper Deo, id eſt, fructum labiorum*. O *Hoſtiam laudis* he o *Sacrificium laudis* de David: o *Fructum labiorum* he o *Vitulos labiorum* de Oſeas: & hum, & outro, juntos com S. Paulo, nos aſſeguraõ na Via Laõta do Rosario o Caminho certo do Ceo: *Et illic iter, quo oſtendam illi ſalutare Dei*.

## VI.

526 **T**emos moſtrado como o Rosario trazendo ſua origem dos peitos, & leite puriſſimo da ſem-

pre Virgem, he a verdadeira Via Lactea, em que a Rainha dos Anjos nos abriu hum novo Caminho, ou Estrada real, por onde todos, os que quizerem, podem ir ao Ceo. Mas porque o mesmo Ceo, em q̄ S. João vio muitas portas, pôde ter outros Caminhos: agora entra aqui o preceito, ou conselho de Jeremias, em que a todos os que fazem conta de ir ao Ceo, exhorta desta maneira: *State super vias, & videte, & interrogate de semitis antiquis, qua sit Via bona, & ambulare in ea: & inuenietis refrigerium animabus vestris.* Homens Christãos, que tendes Fé, & Esperança, que sabeis, que haveis de morrer, & que depois da morte podeis ir, ou não ir, ao Ceo: vede o Caminho, que levais, & antes que façais eleição do q̄ deveis seguir: *State super vias, & videte:* paray à vista dos Caminhos, que se vos offerrecem, & vede bem quaes são. *Interrogate de semitis antiquis:* perguntay quaes foraõ os Caminhos, que seguirãõ os antigos, que vivêrãõ antes de vós, & qual foi tambẽ a sua vida, & a sua morte. Pergun-

Jerem.  
6. 16.

tay (diz) *Interrogate:* & pôde ser, que não seja necessario perguntar, porque as nossas experiencias, & os nossos olhos nos podem bem informar dos que vimos, se acaso não formos tam cegos como elles. Finalmente examina y bem, *Que sit Via bona;* qual he a boa, & melhor Via: *Et ambulare in ea:* & caminha y por ella: & ella vos levará ao bom fim, & descanso de vossas Almas: *Et inuenietis refrigerium animabus vestris.*

527 Isto he o que Jeremias acõselha a todos os que tem Fé, se tem juizo: & este he o ponto, em que estamos à vista da Via Lactea do Rosario da Virgẽ, Senhora nossa, Caminho muito menos antigo, & muito diverso dos que nos mostrou o próprio Filho de Deos, & seu, Mil & duzentos annos antes. Christo, Redemptor, & Mestre do Mundo, distinguindo os varios Caminhos, por onde todo elle vay, ou he levado, reduziõs a duas Estradas geraes, ou Vias. *Lata porta, & spatiosa Via est, que ducit ad 7. 13. perditionem: & multi sunt, qui intrant per eam. Quàm angus-*

ta porta, & arcta Via est, quae ducit ad vitam: & pauci sunt, qui inveniunt eam. Neste mundo, diz o Senhor, ha duas portas, & duas Vias: huã Via muito larga, & espaçosa, que leva à perdição: & saõ muitos os que entraõ por ella: outra Via muito estreita, & muito apertada, que guia à Vida Eterna: & saõ poucos, os que a achão! Notay, que da Via larga, & da perdição, que he a de muitos, diz o Senhor, q̄ entraõ por ella: *Et multi sunt, qui intrant per eam*: & da Via estreita, & da salvaçõ, que he a de poucos, diz, que a achão: *Et pauci sunt, qui inveniunt eam*; porque o achar he ventura: & estes saõ os venturosos; os outros desventurados. Sendo pois tam grande, & tam clara a differença destes dous Caminhos, & sendo forçoso fazer eleiçõ de hum delles; nenhum homem ha, nem pôde haver, se tem uso de razaõ, que naõ haja de escolher o da Via estreita. Se he Christão; porque assim o resolvéo Christo neste mesmo lugar, dizendo: *Contendite intrare per angustam portam*. Se he Gentio; porque as-

sim o entendéraõ; & ensináraõ os Filósofos, em que he famoso o Bivio de Pitagoras: & se se ama, & naõ se tẽ odio a sy mesmo; porque a Via estreita tẽ por fim a salvaçõ, & a larga a perdiçõ. Pois se os motivos, & razões desta eleiçõ, saõ tam evidentes, & manifestos: como ha tantos, que caminhem pela Via larga, & tam poucos pela estreita? Porque tanto pôde, & tanta he a força, que tem contra a fraqueza humana o presente, & o delectavel. A Fé olha para o futuro, os sentidos para o presente: o delectavel da Fé representa se ao longe, o dos sentidos goza se de perto: & como estes na Via larga se gozão, & na estreita se mortificão ( posto que na Via larga naõ falem peccates, como na estreita consolações) saõ poucos aquelles, em que cõ prudencia, & valor prevaleça o Espirito contra a Carne, & a sojeite aos rigores da Via estreita: & muitos pelo contrario, os fracos, & cegos, em que a Carne prevalece contra o Espirito, & naõ ja cativo, & violento, mas voluntario, & contente, o leva aos falsos gozos

Luc. 13. Contendite intrare per angustam portam. Se he Gentio; porque as-

goños da Via larga.

528 Tudo isto significa aquella grande palavra de Christo, *Contēdite intrare per angustam portam*. Naõ diz, Entray pela Via estreita; mas, Contendey a entrar por ella. E onde se faz esta contenda, & entre quem? Dentro em nós mesmos, & entre a Carne, & o Espirito. Como os Caminhos saõ sòmente dous, sobre a eleiçã de qual se ha de seguir, he que se arma esta contenda, estando o Espirito com o Anjo da Guarda por parte da Via estreita, & a Carne com o Demonio por parte da larga. Mas aqui entrou a Virgem Senhora nossa a partir a contēda com o seu Rosario. Compadecida a Virgem Maria como Mãe de piedade, & misericordia, dos poucos que caminhaõ à salvação pela Via estreita, & dos muitos, que se precipitaõ à perdiçã pela Via larga; fez outra terceira Via, que he a Lãtea do seu Rosario, da qual se pôde fazer nova eleiçã sem os receyos de huã, & outra. Como se dissera a Senhora: *Adhuc excellentior* rem Viam vobis demonstro. He

1. Cor.  
vintb.  
12. 31.

o Rosario huã Via meya entre a larga, & a estreita, a qual abraçando as conveniencias de ambas, naõ padece os inconvenientes de cada huã Na Via larga recease o perigo, na estreita recease o trabalho; & a Via do Rosario tem o util da estreita sem o trabalho, & o facil da larga sem o perigo. Outil da estreita, que he a salvação, sem o trabalho; porque he muito facil: & o facil da larga sem o perigo, que he a perdiçã; porque naõ he trabalhosa, senaõ suave, & porisso melmo Lãtea.

529 Para aceitar esta terceira Via, & entrar por ella, naõ saõ necessarias cõrendas, nem disputas, entre a Carne, & o Espirito; porque cessaõ as razões da Via estreita, & as da larga: & sem discurso, nem ainda uso da razaõ, a podem abraçar atè os mais fraços, & mais mimosos. Notaveis saõ os termos, com que o Principe dos Apostolos S. Pedro exhorta aos novos Christaõs, do Ponto, Galacia, & Capadocia, a abraçar o jugo suave da Ley de Christo, & crescer na perfeiçã della; *Sicut modò*

1. Petr.  
2. 2. 3.

gc-

*geniti infantes, rationale sine dolo lac concupiscite; ut in eo crescatis in salutem: si tamen gustastis quoniam dulcis est Dominus.*

Como infantes recém nascidos appetitey o leite racional da Ley, & Doutrina de Christo, para que cõ ella cresçais, te he que tendes gosto para perceber quam suave he o Senhor. Em duas cousas reparo aqui: a primeira, em chamar ao leite racional, *Rationale lac*: a segunda, em dizer que o appetiteção sendo homẽs adultos, como mininos recém nascidos: *Sicut modò geniti infantes*. Os mininos recém nascidos não tem uso de razão: pois se quer que elles appetiteção o leite sem uso de razão, porq̃ chama ao leite racional: Porque he tam racional o mesmo leite em sy mesmo, que não he necessario uso de razão para o appetitecer. O mesmo digo da Via Lactea do Rosario. As outras duas Vias, larga, & estreita, cadahuã tẽ suas razões para serem, ou não serem appetitecidas; porẽm o Rosario he tam racional em sy mesmo, por abraçar as utilidades, & conve-

Tom. 6.

niencias de ambas, que não he necessario discurso, nem uso de razão, para se appetitecer, & para se antepor na eleição a cadahuã das outras. Não he necessario o discurso, basta o gosto: *Si tamen gustastis*. Si Pedro diz: *Quoniam dulcis est Dominus*: & nós digamos: *Quoniam dulcis est Domina*.

530 E para que isto se julgue com a experiẽcia dos olhos, sendo a Via, q̃ Christo antepoem à estreita, comparemos a Via estreita de Christo com a Lactea de sua Mãe, & vejamos, qual se deve mais seguramente seguir.

O Beato Leão, que foi hum dos Companheiros de S. Frãcisco, teve huã visão, a que assistio o mesmo Patriarcha Serafico, desta maneira. Representou se o grãde Theatro do dia do Juizo, & que de huã, & outra parte, estavaõ arrimadas desde a terra ao Ceo duas escadas, huã vermelha, no alto da qual se via inclinado Christo, & outra branca, & nella do mesmo modo a Virgem Maria: *Alteram purpuream, cui Christus incumbebat, alteram candido colore, cui Maria Virgo Chris-*

Hh ii

*Visão*

*Vouandinus*  
in *Annalib.*  
ad an.  
1232.  
*Plati*  
de *Statu Religioso*  
*lib. I.*  
cap. 14.

*ri Mater innitebatur.* Vendo pois S. Francisco estas duas escadas, como elle sempre fora o mais exacto seguidor da aspereza, & da Cruz, exhortou a todos seus Religiosos, que subissem pela escada vermelha: o que elles tambẽ fizeram com grande resoluçãõ. Mas com que successo? *Alius ex tertio, alius è quarto gradu, alius ex alto miserè decidebant.* Turbados com o aspecto terrivel do Supremo Juiz, que no fim da escada os esperava: huns cahiaõ logo ao terceiro degrao, outros ao quarto, outros tendo subido mais alto tambem cahiaõ, todos miseravelmente. E que fez entãõ a charidade, & prudencia de Francisco à vista desta ruina de seus filhos? Mudou com a experiẽcia de parecer, disselhes, que todos se passassem à escada branca: & foi com tanta felicidade, que recebendoos por ella com grande benignidade a Virgem Santissima; todos, sem nenhum cair, subiraõ ao Ceo: *Qua clade commotus Franciscus eos ad candidam revocat: ubi blandissime à Virgine suscepti ad u-*

*num omnes in cælum evaserunt.* Aqui naõ temos necessidade de entrepor o nosso juizo, pois temos, & tam declarado, o do maior Serafim da terra. A escada vermelha he a Via estreita de Christo, a branca he a Via Lactea de sua Mãy: & na comparaçãõ de huã, & outra, depois de S. Francisco escolher a estreita, convencido da experiencia, o mesmo S. Francisco escolheo a Lactea.

531 O tempo, em que succedeo esta visãõ, foi o mesmo, em que S. Domingos, Irmaõ, & Companheiro de S. Francisco, começava a publicar o Rosario. E que este fosse a Via Lactea da Senhora, se prova por dons argumentos. O primeiro a cor branca da escada: *Alteram candido colore:* que he a que deu o nome de Lactea à mesma Via:

*Lactea nomen habet, candore Ovid. notabilis ipso.*

A segunda, & mais propria, & sem metafora, o modo, cõ que a mesma Senhora encaminhou para o Ceo por outra semelhante escada a Beata Paula Florentina. Era mui-

to devota esta Santa do Minino Jesu aos peitos de sua Santissima Mãy: & pagoulhe a Virgem esta devaçãõ com dous notaveis favores. Naõ sò lhe deu a gostar a suavidade do leite de seus peitos, senaõ, q̃ da boca do mesmo Minino o passasse à sua: & logo lhe disse, que Salustio Camaldulense lhe mostraria o Caminho do Ceo: o qual Caminho foi huã escada, pela qual subiaõ vestidos de branco os Discipulos de S. Romualdo, de que ella tambem se fez Discipula, & subio pela mesma escada. Desorte, q̃ o leite da Senhora foi a disposiçãõ do Caminho do Ceo, & o Caminho do Ceo a consequencia do leite da Senhora: para que ninguem duvide ser esta a verdadeira Via Lactea, & a mais facil, & segura de todas as Vias. Da Via larga nota Santo Ambrosio, q̃ nella, como no mar largo, saõ grandes as tempestades: na Via estreita, como nos estreitos do mar, se levantaõ tambem muitas ondas, & andaõ os mares cruzados: sò pela Via Lactea da Senhora, que he o seu Rosario, se navega

sempre por mar leite, & com maré de rosas.

## VII.

132 **M**AS porque estes dous Exemplos, o do Beato Leão entre os homens, & o da Beata Paula entre as mulheres, por serem ambos de Almas justas, & santas, naõ façãõ algum escrupulo, ou causem alguã desconfiança aos peccadores: saybaõ, que se o estado dá Graça, & do peccado, saõ dous, & tam differentes, os peitos da Mãy de misericordia tambem saõ dous, mas sem differença alguã. *Beata Virgo Ricardus habet duo ubera gemina chari. d. Viti. tatis lac fundentia, quia Reis impetrat veniam, & Iustis Gratiam: diz Ricardo Victorino. Os dous peitos da Virgem purissima saõ duas fontes de piedade, & amor, q̃ igualmente communicãõ o leite a Justos, & Peccadores: aos Peccadores alcançando-lhe o perdaõ, & aos Justos a Graça. E se alguem me perguntar: Donde tem o leite da Senhora esta grande virtude sobre os peccados, os quaes*

*Ricardus habet duo ubera gemina chari. d. Viti. tatis lac fundentia, quia Reis impetrat veniam, & Iustis Gratiam: diz Ricardo Victorino. Os dous peitos da Virgem purissima saõ duas fontes de piedade, & amor, q̃ igualmente communicãõ o leite a Justos, & Peccadores: aos Peccadores alcançando-lhe o perdaõ, & aos Justos a Graça. E se alguem me perguntar: Donde tem o leite da Senhora esta grande virtude sobre os peccados, os quaes*

lô pôde perdoar seu Filho? Respondo, que he calidade natural, & própria do mesmo leite, o qual quando Christo tomava os peitos de sua Mãe, juntamente bebia com elle o esquecimento de nossos peccados. Grande ditto he este, se se provára; mas a prova não he de outra boca, senão da mesma, que gostou o leite, & do mesmo Filho, que se nutrio com elle.

533 No Capitulo quinto dos Canticos, em que se manifestaõ os affectos, & os effeitos mais interiores do amor de Christo, & sua Mãe (que são o Esposo, & a Esposa daquelle Epitalamio) diz Christo, que no tempo, em que se alimētava dos peitos virginaes, com o seu leite bebia juntamente vinho: *Cânt. 5.1. Bibi vinum cum lacte meo.* Estas palavras tam notaveis podem ter dous sentidos: ou q o vinho, & o leite fossẽ dous licores distintos: ou que o leite por sy lô tivesse o sabôr, & effeito de ambos. Esta segunda intelligencia he a mais propria, & natural, & se prova de outros dous Textos dos mesmos Canticos: *Pulchritudo*

*ra sunt ubera tua vino. Memorabuntur ubera tuorum super vinum.* E melhor ainda do recebido: *Ubera tua sicut botri.* Onde os peitos da Senhora com outra semelhança tambem camponeza, se comparaõ a dous racimos de uvas: para significar, que o leite, & o vinho, se espremiaõ, & bebiaõ juntamente das mesmas fontes. Isto posto, que he o certo, & literal, saybamos agora, qual he o mysterio, & porque diz Christo, que os effeitos, que causava nelle o leite de sua Mãe, não lô eraõ de leite, senão tambem de vinho: *Bibi vinũ cum lacte meo.* Porque o leite tem lô por effeito alimentar, & nutrie, & o vinho tem de mais, subira alterar o juizo, & fazer perder a memoria do que dá desgosto, & pena. Assim o diz, & receita o melhor Interprete das calidades naturaes, Salomão: *Date vinum his, qui amaro sunt animo: bibant, & obliviscantur egestatis suae, & doleris sui non recordentur amplius.* Aos que tem desgosto, & pena, daylhe vinho, para q bebendo, se esqueçaõ, & não se lembrem mais da sua dor.

E como nenhuã cousa pôde  
causar dor, & desgostar, &  
dar pena a Deos, senaõ aquel-  
la, que sô o offende, que saõ  
os peccados: porisso diz o  
mesmo Senhor, que quando  
tomava os peitos de sua Mãy,  
o leite, que bebia, tinha para  
com elle os effeitos da doçura  
do vinho: *Bibi vinum cum  
lacte meo*: porque he calida-  
de, & virtude natural daquel-  
le nectar purissimo, causar  
em Deos hum como esque-  
cimento total dos peccados  
dos homẽs, & trocarhe de tal  
modo o juizo, que os naõ ha-  
ja de castigar, como se nun-  
ca foraõ. Naõ he o commen-  
to, & declaraçãõ minha, senaõ  
do Cardeal Hailgrino por es-  
tas excellentes palavras: *Po-  
tentioris, & uberioris efficacitæ  
sunt ubera Maria Virginis,  
quàm vinum. Nam vinum  
inebriare potest hominem, ut  
præteritarum immemor sit in-  
juriarum, & sit facilis ad con-  
donandum, largus ad dandũ.  
Ubera verò Virginis, Deum  
quasi inebriare potuerunt; nam  
postquam de Matris uberibus  
lac suxit, ac si cum lactis dulce-  
dine dulcedinem bibisset mis-  
ericordias; projecit ab oculis suis*

*peccata nostra post tergum, &  
factus est largus ad dandam  
peccatorum veniam, largus ad  
dandam gratiam, & operum  
justitiam.* He o que dos dous  
peitos da Senhora tinha dito  
Ricardo em duas pala-  
vras: *Peccatoribus veniam,  
justis gratiam.*

534 Assim que naõ sô  
os Justos, senaõ igualmente  
os Peccadores, subindo pela  
Via Lactea, que com seu leite  
começou, & com seu leite a-  
perfeiçoou a verdadeira Rai-  
nha do Ceo; seguros podem  
estar de que por graça, &  
merecimento do mesmo lei-  
te, & purificados nelle, chega-  
rãõ a ver, & gozar no mes-  
mo Ceo, a clara, & bemaventu-  
rada vista, que sô se concede  
aos olhos puros. Destes olhos  
(fallando do corpo mystico  
de Christo, que saõ todos os  
Fieis) diz assim o Espirito  
Santo: *Oculi ejus sicut colum-  
be super rivulos aquarum, quæ  
lacte sunt lota.* Os seus olhos  
saõ como as pombas, que so-  
bre as correntes das aguas se  
laváraõ em leite. Desorte, q̃  
estes olhos, semelhantes na  
brancura, & pureza, às pom-  
bas, naõ sô se laváraõ huã  
Hh 3 vez,

Cant. 52

12.

Ibid.

Hailgri-  
nus ibi.

vez, senão duas: huã vez nas correntes das aguas, & outra vez sobre esta, em leite. E que dous lavatorios são estes, hum depois do outro? O primeiro, & de agua, he o do Bautismo, o qual basta para os olhos verem a Deos, mas somente os dos Justos, que depois de bautizados conserváraõ a Graça: o segundo, & de leite, he o dos peitos, & piedade da Virgem Santissima: o qual, como segundo Bautismo, he necessario aos olhos dos Peccadores, para q̃ outra vez purificados, & perdoados, possaõ tambem gozar da mesma vista. Mas ainda resta saber, porque meyo se consegue esta segunda purificação, ou segundo Bautismo do leite da Senhora? Digo, que caminhando pela Via Lactea do seu Rosario. Assim o disse, sem querer, ou sem saber o que dizia, commentando este lugar, o Doutissimo Cornelio. Diz, q̃ o Texto se entende de qualquer Alma: *Qua Uni Deo, orando, & meditando, intendit*. E que Almas são estas, que attendem, & se occupaõ em meditar, & orar a Deos, senão as

*Cornelius ibi.*

dos devotos do Rosario: cujo exercicio propria, & totalmente consiste em orar a Deos, & meditar seus Mystérios? Estes olhos pois, que orando se levantaõ, & meditando se fixaõ em Deos, posto que tenhaõ sido Peccadores, são os que purificados no leite da Senhora, & caminhãdo pela sua Via Lactea, sobem ao ver no Ceo.

## VIII.

535 **E**U bem sey, que os primeiros Interpretes da Via Lactea sãõ cõcederaõ o privilegio desta Estrada aos Heroes, & Varões famosos, que por ella subiaõ a ser Semideoses, como Hercules, os dous Attridas, algũs dos Cesares por lizonja, & õs Scipioes por façanhas. Mas a allegoria desta fabula (da qual fallou mais sizudamente Marco Tullio) muito melhor se vé cumprida, nos que por virtude do Rosario obrãraõ heroicamente maiores maravilhas. He admiravel a este proposito a victoria de Barac contra Sisara por todas suas circumstancias. O nome de

de Barac, Capitaõ do Exercito Israelitico, quer dizer Rayo, no sentido em que disse o Poeta:

Virg. 6. — *Duo fulmina belli,*  
*Scipiadas.*

Mas não lhe bastaria ser Rayo na guerra para alcançar huã tam prodigiosa victoria, se não fosse socorrido, & ajudado do Ceo, & mais da terra, como conta, & canta a Escritura no Epinicio do seu triumpho. Do Ceo diz que pelejaraõ contra os inimigos, as Estrellas postas todas por sua ordem: *De celo dimicatum est*

Iudis. 5. 20. *contra eos: Stella manentes in ordine suo.* Da terra diz que fugindo da batalha Sifara vivo, Jael com o leite, que lhe deu a beber, o matou a seu

Ibidem. 25. 26. *salvo: Aquam petenti lac dedit. Percussitque Sifaram.* Agora saybamos, que Estrellas foraõ aquellas, & quem he esta Jael? Jael, que por meyo do leite acabou de consumir a victoria, he a Virgem, Senhora nossa, diz S. Bernardo. E antes d'elle, & com maior elegancia o tinha já ditto o mesmo Texto, o qual chama a Jael Bemditta entre todas as molheres: *Benedicta*

*inter mulieres Iael.* Donde o Anjo tomou as palavras, cõ que saudou a Senhora no primeiro Mysterio do Rosario: & nós a saudamos em todos. E as Estrellas, que pelejaraõ postas em sua ordem, *Stella manentes in ordine suo,* saõ as Contas, & orações maiores, & menores, ensiadas, & ordenadas no Circulo do mesmo Rosario, com que elle admiravelmente representa a Via Lactea, & se vé na mais certa, & recebida sentença de S. Joã Damasceno: *Lacteus* Da-  
*Circulus magnarum, & splen-  
*didum copia abundat, atque* masc.  
*idcirco tum ob situm, tum ob* Physic.  
*Stellarum earum, qua in ipso* 15. cap.  
*sunt, multitudinem, & magni-* 4.  
*tudinem, lac in ipso effici dic-*  
*titarunt.**

536 Esta he pois a verdadeira Via Lactea, por onde os mais insignes Heroes da Igreja Catholica, tam famosos pelos exemplos de suas virtudes, como admiraveis pelos prodigios de seus milagres, carregados de gloriosos despojos, não sõ subtraõ ao Ceo, mas nos ensinaraõ o facil, & mais seguro Caminho. Quando na morte de al-

Sueton.  
in Iulio  
Cesar.  
cap. 88.

guã notavel' personagem, como se vio na de Julio Cesar, apparecia no Ceo algum novo Metheoro, daquelles finacs inferia a Gentilidade, que estava elle tresladado às Estrellas, & collocado entre os Deoses. E q̃ diremos nós, se advertirmos, como notou o doutissimo Ricciolo, que todas as Estrellas novas, que neste Seculo, & no passado, apparecêraõ no Ceo, foraõ vistas, & nolas mostrou Deos dentro do Circulo da Via

Riccio-  
lus in  
Methe-  
oris.

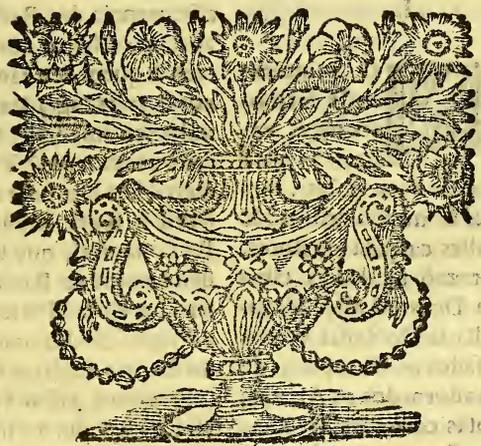
Lactea: *Perinde. (diz elle) ac se Galaxia promptuarium esset, unde lucida hac protenta Deus in inferiora hujus mundi, cum voluerit, destinet.* Como se a mesma Via Lactea fosse o promptuario, ou thesouró, onde Deos tem depositados estes protentos de luz, para os mostrar ao mundo, quando he servido. Isto diz este grande Mathematico, felice Reformador do antigo Almagesto. Mas nós digamos, allegorizando com grande fundamêto estas mesmas novidades, que nellas, & com ellas nos quiz significar o Autor da Natureza, & da Graça, que o Rosario de sua

Santissima Mãe he a verdadeira Via Lactea; pois todos os Santos, que a Igreja pelos infalliveis decretos da Canonizaçãõ collocou no Ceo, & nos mandou venerar, neste mesmo Seculo, & no passado, foraõ sem exceptuar nenhũ, foraõ particulares devotos do Rosario. Meu Santo Patriarcha Ignacio, tendo sete horas de Oraçãõ cadadia, o Rosario era a primeira, por onde começava. S. Francisco Xavier, quando mandava a saude aos enfermes ausentes, com o seu Rosario lha mandava. S. Frãcisco de Borja com tres novos actos de confusaõ, de admiraçãõ, & de açãõ de graças, o meditava, & offercia. Em S. Luis Beltraõ, & Santa Rosa, naõ sãõ era devaçãõ o Rosario, mas profissãõ. A Santa Madre Theresa, como Mestre do mais elevado Espirito, o illustrou com seus Commentarios. S. Felipe Neri, que todo era Oraçãõ, & vivia della, Santo Thomás de Villa Nova, S. Caietano, S. Francisco de Sales, S. Felipe Benisi, devotissimos todos da Santissima Virgem, & seus Myste-  
rios,

rios, todos prégavaõ o Ro-  
 fario com a voz, todes o en-  
 sinavaõ com a penna, todos o  
 persuadiaõ com o exemplo.  
 Mas assim como na Via Lac-  
 tea huãs Estrellas saõ gran-  
 des, & notaveis, que se vem,  
 outras pequenas, & innume-  
 raveis, que se naõ podem ver,  
 nem contar: assim no Ceo,  
 alèm destes grandes Astros  
 Canonizados, que conhece-  
 mos, & veneramos, ha infinitas  
 outras Almas Bemaven-

turadas, que là subiraõ pela  
 Via Láctea do Rosario: as  
 quaes postradas diante do  
 Throno da Soberana Rai-  
 nha dos Anjos, & naõ esque-  
 cidas dos que ainda milita-  
 mos neste Valle de lagrimas,  
 a nós nos dizem: *Hac est Via,* <sup>Isai. 40.</sup>  
*ambulate in ea:* & à mesma <sup>21.</sup>  
 Senhora, & a seu Bemdito Fi-  
 lho, cantaõ, & cantarão eter-  
 namente: *Beata uera, qua su-  
 xisti.*

# FINIS.



SER-



# S E R M A M

## X X X.

COM O SANTISSIMO

### SACRAMENTO EXPOSTO.

*Iacob autem genuit Ioseph virum Mariae: de qua natus est Iesus. Matth. 1.*

I.

337



O principio deste fermoso mez, em que a terta ostentando suas galas, nos montes se mostra vestida, & nos valles calçada de flores, com razão se dedica tambem a Deos a Rainha de todas, a Rosa. De Rosas vemos alcatifados os Templos, de Rosas adornados os Altares, de Rosas coroadas as Imagens dos Santos; & até entre

a fragrancia das Rosas subir ao Ceo o cheiro dos Sacrificios. E quem deu tanto lugar nos lugares sagrados à que só tinha seu imperio, & dignidade nos campos? Tudo isto merecço a Rosa natural, por servir à Rosa Mystica. A Rosa natural, que he a que deu o nome ao Rosario, por servir à Rosa Mystica, que he a Virgem Senhora nossa, que do mesmo Rosario tomou o sobrenome. Assim vem a servir huã Rainha a outra Rainha, & huã Rosa a outra Rosa:

sa: & não sô a servir, senão a receber mercês. Vêse hoje a Rosa natural levantada sobre sua propria natureza; porque se a natureza a tinha dotado de muitas virtudes naturaes, a liberalidade, & poder soberano da Rosa Mystica lhas communica, não sô novas, mas sobrenaturaes, & milagrosas. Vede, que bom pagador he o Rosario. Porq̃ se a Rosa deu ao Rosario o seu nome, communica o Rosario à Rosa os seus poderes. Antes de benta, ou abendiçoada a Rosa natural, era fermosa para a vista, cheirosa para o olfato, & saborosa para o gofsto: mas hoje depois de receber a Benção, com que a santifica o Rosario, levantandose sobre a esfera de todos os sentidos, para as enfermidades he a mesma Rosa faude, para os venenos antidoto, para as dores refrigerio, para os coraçõs tristes alivio, & arê para os Espiritos Infernaes terror, & assombro. Estas, & outras grandes maravilhas, de cujos exemplos estaõ cheas as Historias Ecclesiasticas, são as q̃ obra a Rosa, depois que neste fer-

moso dia, a que tambem deu o nome, se benze. Mas porq̃ o Assumpto deste ultimo Sermão (em que he bem declaremos por fim o Titulo de todos) pertence principalmẽte à Rosa Mystica, & o mystico se funda no natural: o que sô posso prometter nesta breve Proposta, he, que de tal maneira fallarey de ambas as Rosas, comparandoas entre sy, que tudo o que differ da Rosa Mystica, será o que nos ditarem as palavras do Thema. *Ave Maria, &c.*

## II.

*Ioseph virum Mariae: de qua natus est Iesus.* Matth. 1.16.

538 **A**SSIM como a fôrma suppoem a materia, assim como o retrato imita o original, assim como o edificio se levãra sobre os fundamentos: assim tudo aquillo, que se chama mystico, suppoem, imita, & se fûda sobre o natural. Christo neste mundo foi o David mystico; porque a vitoria, com que sem armas triunfou do mesmo mundo, foi representada

I. Reg.  
17. 50.

Ioan. 3.  
14.

Ioann.  
6. 59.

Ecles.  
24. 18.

sentada no desafio, & vitória, com que David triunfou do Gigante. Christo na Cruz he a Serpente de Moysés mystica; porque assim como os mordidos das Serpentes, olhando para a de Moysés sá-ravaõ: assim sáraõ do veneno da Serpente Infernal, os q̃ com Fé, & contraçãõ, poem os olhos em Christo crucificado. Christo no Sacramẽto he o Manná mystico; porque assim como com o Manná descido do Ceo se sustentáraõ no Deserto, os que caminhavaõ para a Terra de Promissãõ: assim com o verdadeiro Paõ do Ceo, Christo Sacramento, se sustentãõ na peregrinaçãõ desta vida, os que caminhaõ para a Gloria, de que o mesmo Sacramento he penhor. Daqui se segue, que sendo a Virgem Maria, Senhora nossa, a Rosa Mystica, como lhe chama a Escritura, & canta a Igreja: pela correspondencia, que tem a Rosa Mystica com a Rosa natural, se deviaõ conhecer as excellencias da mesma Senhora, emquanto Senhora do Rosario. Assim o fizeraõ atègora todos os que tratáraõ

esta grande materia, considerando na fermosura, na fragancia, nas virtudes medicinales, & na mesma Magestade natural, com que a Rosa merecêo o Imperio & Coroa de todas as flores, naõ sô a emnencia suprema, com que a Mãe do Criador se levanta inacessivelmente sobre todas as criaturas; mas os beneficios, & graças, em todo o genero singulares, com que por meyo do seu Rosario socorre, favorece, empara, & livra, assim nos trabalhos, & enfermidades do corpo, como principalmente nas espirituaes, & da Alma, a todos seus devotos. Acste fim se trazem hoje em louvor da Rosa, os versos de Anacreonte, as Descripções de Plinio, os Exemplos de Cleopatra, os Aforismos de Galeno, as Elegancias Gregas, & Latinas, de S. Basilio, & São Ambrosio; & atè as Fabulas de Venus, & Adonis feridos, que sobre a Coroa Real lhe de-raõ à Rosa a Purpura.

539 Eu comtudo de-baixo desta superficie géral, & commum, examinando mais interiormente qual seja o mystico,

o mystico, ou mysterioso da nossa Rosa Mystica; acho, q̄ não consiste tanto na proporção, & semelhança, com que he parecida à Rosa natural, quanto na dessemelhança, & differença, com que se distingue della, & a excede. Naquella serie juntamente pagnirica, & oratoria, com que a Igreja invoca a intercessão da Virgem Maria allegando diversos titulos de suas excellencias, & louvores, & pedindo por cada hum delles à mesma Senhora se digne de rogar por nós: he advertencia digna de todo reparo, que sendo todos aquelles titulos verdadeiramente mysticos; só à Rosa unicamente se dá o nome de Mystica. Chama-se alli a Senhora, Estrella da Alva: *Stella matutina*: chama-se Arca do Testamento: *Arca faderis*: chama-se Torre de David: *Turris Davidica*: chama-se Porta do Ceo: *Ianua Cali*: chama-se finalmente, & he invocada com tantos outros titulos: & sendo a Virgem mysticamente Estrella da Alva; porque ella nascendo como Precursora do Sol nos annunciou o Nascimen-

to de Christo: sendo mysticamente Arca do Testamento; porque ella só como Arca do Testamento encerrou a Deos em sy, & o trouxe em suas entranhas: sendo mysticamente Torre de David; porque nella como de Torre de David estão pendentes todos os escudos, & armas de nossa defença: sendo mysticamente Porta do Ceo; porque por ella entraõ a gozar a Bemaventurança, todos os Predestinados: & sendo finalmente mysticos todos os outros titulos, que naquella larga Ladainha se allegaõ; porque razaõ nenhum delles se chama mystico, senaõ só, & unicamente a Rosa, dizendo a Igreja: *Rosa Mystica: Ora pro nobis?* A razaõ sem duvida he, porque nos outros titulos considera-se sòmente a semelhança, que tem o mystico com o natural: na Rosa Mystica ha se de considerar, não só a semelhança, que tem com a Rosa natural, senaõ tambem a differença, & ventagões, com que a excede. Ha mystico commun, & mystico por excellencia. O mystico commun consiste por modo geral nas

propriedades da semelhança: o mystico por excellencia sobre as propriedades da semelhança acrescenta por modo particular, & mais sublime, as ventagões da differença. E como entre todos os outros titulos da Senhora sô o da Rosa he mystico por excellencia; porisso sô nelle singular, & unicamente se lhe dà o nome de Mystica: *Rosa Mystica*. Mystica, porque imita a Rosa natural, no que he; & mystica, ou sobremystica, porque a excede, no que não he.

540 No Divinissimo Sacramento (que sô a este fim era bem que honrasse a Festa da Rosa com sua presença) no Divinissimo Sacramento, digo, temos maravilhosamente expressa esta distincão, ou excellencia de mystico a mystico. Pouco ha dissemos, que Christo no Sacramento he o Manná mystico: & declarando o mesmo Senhor esta famosa figura do Sacramento, diz assim: *Hic est Panis, qui de*

Ioan. 6.  
52.

*calo descendit. Non sicut manducaverunt Patres vestri Manna: & mortui sunt. Qui manducat hunc Panem, vivet in a-*

*ternum*. Não sey, se reparais, & dividis bem estas palavras. Nas primeiras diz, que o Sacramento he como o Manná: nas segundas, sem desdizer o que tinha ditto, diz que não he como o Manná. Nas primeiras diz, que o Sacramento he como o Manná; porque diz, que o Sacramento he o Paõ, que descéo do Ceo, assim como o Manná descia do Ceo: *Hic est Panis, qui de calo descendit*. Nas segundas diz, que o mesmo Sacramento não he como o Manná: *Non sicut manducaverunt Patres vestri Manna;* porque os q̄ comiaõ o Manná, morriaõ: *Et mortui sunt:* & os que comem o Paõ do Sacramento, vivem eternamente: *Qui manducat hunc Panem, vivet in aeternum*. Pois se Christo quer declarar a virtude do Sacramento como Manná mystico, pelo mesmo Manná natural: porque diz o que era o Manná, & o que não era? Porque o Sacramento não he Manná mystico pelo modo commū, senão Manná mystico por excellencia. E o mystico por excellência, não sô consiste na

se-

semelhança, que tem com o natural, senão nas ventagões, com que o excede. A primeira propriedade, & ordinaria, he ser como elle ; a segunda, & excellente, he não ser como elle: *Non sicut*.

541 No mesmo Sacramento, & neste mesmo lugar distinguio maravilhosamente o mesmo Senhor este como, & não como: o como da semelhança, & o não como da differença. E para que hū, & outro se distinguiffem, & entendeffem melhor divididos em duas comparações, à comparação do Manná a crefcetou outra muito mais excellente, & mais alta. E qual he? *Sicut misit me vivens Pater, & ego vivo propter Patrem: & qui manducat me, & ipse vivet propter me*. Assim como Eu recebi a vida do Padre, & vivo por elle: assim quem me come no Sacramento, recebe a vida de mim, & vive por mim. Combinemos agora estas duas cōparações, & na primeira veremos claramente o como, & na segunda o não como: na primeira o como: *Sicut misit me vivens Pater*: & na segunda o

não como: *Non sicut Pater vestri mortui sunt*. Desorte, que toda a semelhança, & differença do Sacramento com o Manná se reduz a hum *Sicut*, & a hum *Non sicut*: a hū Assim como, & a hum Não assim como. E isto mesmo, que Christo declarou no Sacramento com duas comparações, temos nós em huã só, comparando a Rosa Mystica com a Rosa natural. Porque a Rosa Mystica em muitas propriedades he como a Rosa natural: *Sicut*: mas em outras mais altas, & sublimes, excede muito a Rosa natural, & não he como ella: *Non sicut*.

## III.

542 **S**Upposta pois esta semelhança, & esta differença da mesma Rosa duas vezes, & por dous modos Mystica, não determino tratar hoje do mystico commum, que consiste nas propriedades da semelhança; senão do mystico por excellência, que consiste nas ventagões da differença. O *Sicut*, & a semelhança, que tem a Rosa Mystica

Myſtica com a Roſa natural, como materia muitas vezes tratada, deixoa, porque a ſupponho ſabida: o *Non ſicut*, & a differença, com que a meſma Roſa natural he excedida da Roſa Myſtica, eſſe ſerá o emprego do Diſcurſo preſente, & a razaõ mais alta, & mais ſublime, porque a Virgem Senhora noſſa ſe chama Roſa Myſtica. Digo pois, q̄ excede muito a Roſa Myſtica à Roſa natural: Em que? Em dous defeitos, que tem a Roſa natural, & em duas perfeiçoẽs, que ſõ te achaõ na Roſa Myſtica: em dous defeitos da Rainha das flores, & em duas perfeiçoẽs da Rainha dos Anjos. E quaes ſaõ? Saõ tam viſtas pelos olhos, q̄ quaſi naõ era neceſſario que ſe diſſeſſem. A Roſa natural he huã flor, que naõ dá fruto, & produz eſpinhas: a Roſa Myſtica he Roſa ſem eſpinhas, & Roſa cõ fruto. Naõ he o Aſſumpto meu, ſenaõ do meſmo Thema, que propuz.

Matth.  
I. 16.

543 *Iacob autem genuit Ioseph virum Mariae: de qua natus est Iesus.* Nesta clauſula do Evãgelho tantas vezes, & por tantos modos batida,

& debatida, o que ſempre ſe notou, & ſempre ſe deve notar, he, o que diz o Evangelista, & o que naõ diz. Diz, que de Maria naſcéo Jeſu; mas naõ diz de quem naſcéo Maria: diz de quem he Mãy, mas naõ diz de quem he filha. E naõ ſõ o titulo do meſmo Evangelho, mas todas as grandes perſonagẽs, que nelle ſe nomeaõ com quarêta & duas vozes, eſtaõ brádando contra eſte ſilencio. O titulo do Evangelho he, *Liber generationis Ieſu Chriſti*: & ſe he Livro da geraçaõ de Chriſto, & tudo quanto neſte Livro ſe contém, & deve contér, naõ he mais que huã continuada deſcendência de pays a filhos; porque no fim, onde era mais neceſſaria eſta clareza, o que ſõ ſe refere, he a geraçaõ do Filho, & ſe calla a geraçaõ da Mãy? Deſde o primeiro aſcendente, que he Abraham, atè o ultimo, que he Joſeph; todas eſtas geraçoẽs vaõ encadeadas com aquelle: *Ge. Matth. I. 2.*  
*nuit: Abraham genuit Isaac: Isaac autem genuit Iacob: Iacob autem genuit Iudam:* atè q̄ chegando a outro Jacob, diz do meſmo modo o Evangelista:

Bi su- lista: *Iacob autem genuit Ioseph virum Marie.* Pois se desde Abraham até Joseph chega o continuado, & repetido *Genuit*; porque razão em chegando, & antes de chegar a Maria, se calla totalmente esse *Genuit*, & só se diz, *De qua natus est?* Porque no *Genuit* estavaõ as espinhas, & no *Natus est* está o fruto; & como a Rosa Mystica Maria he Rosa com fruto, & Rosa sem espinhas; porisso em se nomeando Maria se calla o *Genuit*, & só se diz, & apregoa, o *Natus est*.

544 A origem das espinhas he quasi tam antiga como o Homem, & tem a mesma antiguidade, que o Peccado Original. Assim o pronunciou Deos na sentença, q

*Genes. 3. fulminou contra Adam: Male-  
17. 18. dicitur terra in opere tuo. Spin-  
nas, & tribulos germinabit tibi* Eva colheo o fruto, & Adam as espinhas. E como passaraõ estas espinhas do Peccado Original desde o primeiro Homem a todos os outros, & se continuaõ nelles? Por meyo da geraçãõ. Este he aquelle *Autem*, ou aquelle Mas, que em toda a serie das

gerações do nosso Evangelho anda sempre, como espinha, pegado ao *Genuit*. Naõ ha *Genuit* nos filhos de Adam, que naõ traga consigo o seu Mas, & a sua espinha. *Isaac autem genuit Iacob*: Isaac gerou a Jacob; mas ainda q

Isaac foi Santo, de seu pay Abraham trouxe a espinha do Peccado Original: *Isaac autem genuit Iudam*: Jacob gerou a Judas; mas ainda que Jacob foi Santo, de seu pay Isaac trouxe a espinha do Peccado Original: *Iesse autem genuit David*: Jessé gerou a David; mas ainda que Jessé foi Santo, de Obed seu pay trouxe a espinha do Peccado Original: *Iesse autem David autem genuit Salomonem*: David gerou a Salamaõ; mas ainda que David foi Santo, de seu pay Jessé trouxe a espinha do Peccado Original: *David autem*. Assim o confessou em nome de todos o mesmo David: *Eccenim in iniquitatibus conceptus sum: & in peccatis concepit me mater mea.* E como entre todos os filhos de Adam só a Virgem Maria por graça, & privile-

*Psalm. 50. 7.*

gio singular, foi lizenha do Peccado Original; porisso o Evangelista tendo continuado com o mesmo *Genuit*, com o mesmo Mas, & com a mesma espinha. atè Jacob, q̄ gerou a Joseph, Espofo da Virgem: *Jacob autem genuit Joseph virum Mariae*: em chegando, ou antes de chegar a nomear Maria, callou totalmente o *Genuit*, & o *Autem*; porquẽ sò Maria, como Rosa por excellencia Mystica; foi Rosa sem espinha:

## III.

545 **E**STA foi a primeira differença, & singularmente sua, com que a Soberana Rosa Mystica excedéo gloriosamente a Rosa natural. Fallando da mesma Rosa natural S. Basilio, & reconhecendo nella todos os dores, com que sobre as outras flores a enriquecéo a Natureza; diz, que todas as vezes que a via, lhe causava

D. Basilus in Exameron.

tristeza, & dor: *Florida quidem est Rosa, sed mihi tristitiam in fugit: quoties florem hunc video, peccati mei admoncor, propter quod terra, ut*

*spinas, ac tribulos proferret, condemnata est.* A Rosa (diz Basilio) que com a sua ferrosura para todos he alegre, para mim he triste. E porquẽ? Porque todàs as vezes quẽ vejo esta flor, me está trazendo á memoria o peccado, pelo qual a terra foi condemnada a produzir espinhas. E como as espinhas foraõ pena, & effeito do primeiro peccado; sò aquella Soberana Senhora, que unicamente foi izenta delle, he Rosa sem espinhas. Nas sentenças da condemnacão do mesmo peccado temos á prova: Para o primeiro peccado do mundo, q̄ fõi o do Paraiso, concorreraõ tres compleces, a Serpente, Eva, Adam. Pela mesma ordem os condemnou Dêos a todos tres: & nesta ordẽ tem grande mysterio a primeira sentença, & a ultima. Na primeira sentença foi condemnada a Serpente, a que a mulher lhe quebrasse a cabeça: *Inimicitias ponam inter te, & Genes 3 mulierem: ipsa conteret caput tuum.* Na ultima foi condemnado Adam, a que a terra lhe produzisse espinhas: *Maledicta est terra in opere tuo. Spinis, 17. 18.*

*& tribulos germinabit tibi* A mulher, que quebrou a cabeça à Serpente, todos sabemos, que foi a Virgem Maria no instante de sua Conceição, que he o ponto preciso, em que a Serpente morde a todos os filhos de Adam, concebidos por geração natural. Porisso o Texto com os termos admiravelmente trocados, primeiro diz, que a mulher quebraria a cabeça à Serpente, & depois que ella a que-  
 teria morder: *Ipsa conteret caput tuum, & tu insidiaberis calcaneo eius*. Vindo pois à ordem das sentenças, qual foi a razão, & mysterio, porque na primeira quebrou a Mulher a cabeça à Serpente, & na ultima produzio a terra as espinhas a Adam? O Peccado Original não foi o da Serpente, senão o de Adam: pois porque não foi o primeiro condemnado Adam, senão a Serpente? Porque na condenação, & sentença da Serpente venceu a Mulher o peccado: na condemnación, & sentença de Adam produzio a terra as espinhas: & como a Mulher, que venceu a Serpente, foi a Rosa Mystica, Rosa

sem espinhas; porisso as espinhas vierão tanto depois da Mulher, que quando a terra produzio as espinhas, já a Mulher tinha quebrado a cabeça à Serpente. Antes da ultima sentença, ainda na terra não havia espinhas: *Spinās, & tribulos germinabit tibi: &* quando o peccado produzio as espinhas na ultima sentença, já a Rosa Mystica na primeira tinha quebrado a cabeça ao mesmo peccado: *Ipsa conteret caput tuum: &* porisso Rosa sem espinhas.

546 Desta anticipada victoria, com que a Mulher venceu o peccado, & a Serpente, não depois de mordida, senão antes de a poder morder, se entederá o altissimo, & occulto mysterio, com q̄ Christo no dia da Redempção se cotoou de espinhas. A Virgem, Senhora nossa, ainda q̄ izenta de todo peccado, tambem foi remida por meyo da Paixão de seu Filho. Não remida, como curada depois de ferida; nem remida, como levantada depois de cahida; nem remida, como resgatada depois de cativa: mas remida, como preservada da

ferida, como preservada da queda, & como preservada do cativo, que he o mais nobre, & o mais excellente modo de remir, & livrar. No principio deste Evãgelho, q̄ he o Livro da geração de Christo, emquanto Redêptor (q̄ isso quer dizer, *Liber generationis Iesu*) chamase o mesmo Senhor, Filho de David, & Filho de Abraham, os quaes també foraõ Redêptores. Porque David livrou a Saul do Gigãre, & dos Exercitos dos Filistéos: & Abraham livrou a Loth dos quatro Réys Babylonios, q̄ fizeram guerra ao da sua Cidade, & outros. Mas se Abraham, & esta sua vitoria, foi muito primeiro q̄ a de David. porq̄ se dá neste Livro do Redêptor o primeiro lugar a David, & o segũdo a Abraham: *Filij David, filij Abrahami*? Porque Abraham livrou a Loth do cativo, David livrou a Saul do perigo: Abraham livrou a Loth depois de estar vencido, & cativo dos Babylonios, David livrou a Saul de que o vencefsem, nem cativafsem os Filistéos. Ambos remiraõ, & ambos foraõ Redempto-

res; mas sò David anticipadamente, & preservando, *Actu Regem liberavit, & antequam servitium contribules experirentur, depulit*: diz S. Basilio de Seleucia. E porque este modo de redempção anticipada he muito mais nobre, & glorioso, porisso no Livro do Redemptor, sendo Abraham primeiro que David, se dá o primeiro lugar a David, & o segundo a Abraham. Na mesma terra, que produzio as espinhas, temos a primeira parte desta differença com alluzãõ à segunda. A terra, que produzio as espinhas, foi a terra maldita pelo peccado: *Maledicta terra in opere tuo. Vbi Jubi tibi*: & a terra, que sem espinhas produzio o fruto, foi a terra benditta, & sem peccado, na qual, & da qual nasceu o mesmo Deos: *Benedixisti, Domine, terram tuam. Psalm. 54. 2.* Assim o cantou o Real Profeta: & logo acrescenta a differença das duas redempções, eu dos dous modos de remir, hum por resgate depois do cativo, & outro por preservaçãõ antes delle: *Benedixisti, Domine, terram tuam: 3.*

Basil.  
Seleuc.  
orat. 16

Vbi Ju-  
pr.

Psalm.  
54. 2.

Ibidem

avertisti

1. Reg.

17. 50.

Genes.

14. 15.

de segg.

Matth.

1. 1.

*avertisti captivitatem Iacob. Remisisti iniquitatem plebis tue.* Notay a diversidade dos termos . No primeiro diz: Desviasstes o cativoiro: *Avertisti captivitatem*: no segundo diz: Remistestes, & perdoastes o peccado: *Remisisti iniquitatem*. O desviar, he por preservaçã do perigo: o remittir, he por remedio, & perdaõ do peccado. Mas o desviar o perigo, & o remittir por preservaçã, foi privilegio singular concedido a huã sã Pessoa: *Avertisti captivitatem Iacob*. E o perdaõ do peccado, depois de encorrido, foi indulgencia universal, que se estendéo a todos: *Remisisti iniquitatem plebis tuae*.

547 E como o modo de remir por preservaçã he muito mais nobre, & glorioso, & a maior gloria de Christo Redemptor foi preservar a sua Mãe, de que naõ fosse tocada das espinhas do peccado; porisso no dia da Redempçaõ formou dellas a sua Coroa, & se coroou das mesmas espinhas, de que a tinha preservado. Clemente Alexandrino dando a razã, por

que Christo no dia da Redempçaõ se coroou de espinhas, diz, que assim como tinha apparecido entre espinhas, quando remio o Povo de Israel do cativoiro do Egypto; assim se quiz tambem coroar de espinhas, quando remio o genero humano: para mostrar, que huã, & outra Redempçaõ fora obra do mesmo poder: *Quod primum per rubum visum fuerat Verbum, per spinam rursus assumptam ostendit se ejusdem potentiae*.

Naõ me atrevo a censurar hum tam grande, & antiquissimo Mestre da Igreja, de que naõ disse bem: mas digo, que disse pouco, & menos do que de vera, em affirmar, que huã, & outra Redempçaõ fora obra do mesmo poder. Porque na Redempçaõ do Egypto remio Deos os que estavaõ cativos, & feridos das espinhas, que porisso appareceo na Corça: porẽm na Redempçaõ do genero humano, naõ sã remio os feridos das espinhas, que eraõ todos os filhos de Adam; mas preservou a sua Mãe, de que ellas a naõ ferissem: & esta obra naõ foi do

*Exod. 3. 2.*

*Clemens Alex. 2. Pedagog. cap. 8.*

*Ibid.*

mesmo poder, senaõ de muito maior. Curar as feridas, he remedio da arte, & obrar como Medico: preservar dellas, he privilegio do poder, & obrar como Senhor. Porisso quando remio o Povo naõ appareceo coroado das espinhas, & agora, que preservou dellas a sua Mãy, sim. Ha quẽ o diga? Naõ menos que Salamaõ, figurá do mesmo Christo: *Egredimini, & videte, filia Sion, Regem Salomonem in Diademate, quo coronavit illi mater sua.* Sahi, sahi, filhas de Jerusaleum, & vede a Coroa, com que Maria, Mãy de Jesu, coroou a seu Filho, assim como Bersabé, mãy de Salamaõ, coroou o seu. Da Coroa de espinhas entendem o passo São Athanasio, São Iudóro Pelusiota, & outros. Pois Maria Mãy de Jesu, Maria Mãy do Redemptor, he a que coroou a seu Filho cõ a Coroa de espinhas? Sim. Porque quando elle preservou, & livrou a sua Mãy das espinhas, entaõ he que mereceo esta gloriosa Coroa. Quando o Soldado na guerra preservava da morte, & livrava algum Cidadãõ Romano, de

que o naõ matastem, recebia huã Coroa, que porisso se chamava Civica. Assim Christo, porque livrou, & preservou do peccado a sua Mãy, mereceo a Coroa, que porisso se deve chamar Materna: *Coronavit illum mater sua.* E naõ tem menor alluzãõ, nem menor energia, o nome do Diadema: *In diademate.* Vê. <sup>In Justin.</sup> do Alexandre Magno ferido a Lyfimacho, valente Soldado, tirou da cabeça a Diadema, que naquelle tempo era huã faxa, para que cõ ella lhe atassem a ferida. E nunca a Coroa de Alexandre esteve mais gloriosa, que nesta famosa açcaõ, tirada da cabeça do Rey para atar as feridas do Soldado. Se Christo tirára a Diadema para atar as feridas de sua Mãy, nẽ obrára como Rey, nem como Filho; mas porque obrou como Filho, naõ atandolhe as feridas, senaõ preservandoa dellas: porisso com as mesmas espinhas, de que foi preservada, lhe teceo a Mãy a Diadema, com que o coroou como Rey: *In Diademate, quo coronavit illum mater sua.* 548 Finalmente, para q se

Cantic.  
3.11.

D. Athanas.  
tract. de  
Passion.  
& Cruce.  
fidor.  
Pelusiota  
lib. 1.  
Epist.  
95.

Textor  
in Offic.  
tom. 1.  
verb.  
CORONÆ  
Diversæ

In Justin.  
lib. 15.  
cap. 3. in  
fin.

se veja sem replica, que esta Coroa de espinhas lhe foi dada a Christo, & Christo se coroou com ella, porque remio, & preservou a sua Mãy das espinhas do peccado de Adam: ponhamonos no mōte Moria, onde a primeira vez se representou este mesmo acto com as figuras mais vivas, & todas as acçoēs mais proprias. Foi Abraham por mandado de Deos sacrificar seu filho naquelle monte, & quando levantada já a espada, não faltava mais que a execuçãõ do golpe, tevelhe maõ no braço hum Anjo: & para que ficasse o sacrificio perfeito, foi substituido em lugar de Isaac hum grande Cordeiro, o qual alli apparecêo atado, & coroado de espinhas. Digo coroado, porque para o atarem as espinhas, bastava, que lhe enlaçassem os pés, & ellas não o prenderaõ senão pela cabeça, rodeãdoa como coroa. Assim o diz expressamente São Agustinho: acrescentando, que o mesmo Cordeiro foi figura de Christo coroado de espinhas na sua Paixãõ: *Illo ariete, qui cornibus ex frutice tenebatur, Iesus*

August.  
lib. 16.  
de Civitat.

*Christus significabatur, antequam immolaretur, spinis ludæicis coronatus. Mas vamos ao Texto, & acharemos nelle todas as circunstancias, & propriedades do caso: na idade, na coroa, na redempçãõ, & no modo de remir. *Leva. Genes. 22. 13. vit Abraham oculos suos, viditque post tergum arietem inter vepres harentem cornibus, quem assumens obtulit holocaustum pro filio.* Foi o Cordeiro semelhante a Christo na idade: *Arietem*; porque Christo padecêo em idade de varão perfeito: foi semelhante na coroa: *Inter vepres harentem cornibus*; porque Christo foi coroado de espinhas: foi semelhante na redempçãõ: *Quem assumens obtulit holocaustum pro filio*; porque o Cordeiro remio o filho, como Christo a Mãy: sobre tudo foi semelhante no modo de remir; porque Isaac foi remido por preservaçãõ. O pay, como diz S. Paulo, imaginou, que Deos o havia de recusitar: *Arbitrans quia & à mortuis Hebr. 11. 19. suscitare potens est Deus.* Mas elle não foi resuscitado depois de morto, senão preservado da morte, para que não*

morresse. Agora pergunto: E a quem remio Christo por modo de preservaçãõ entre todos os nascidos? Não ha duvida, que sãõ, & unicamẽte, a sua Mãy; porque sãõ ella foi preservada do peccado de Adam, & da maldiçãõ das espinhas, a que por elle foi condemnada a terra. Logo na preservaçãõ de Isaac foi representada a preservaçãõ de Maria. No sacrificio do Cordeiro, o de Christo: & nas espinhas da Coroa, as espinhas, com que o Filho se quiz coroar por ter preservado dellas a sua Mãy. E porque a Virgem, Senhora nossa, por este privilegio singular, & sãõ a ella concedido, foi preservada das espinhas do peccado: porisso sãõ a Rosa Mystica he Rosa sem espinhas: nem teve lugar nella o *Genuit* espinhado, & espinhoso de todos os filhos de Adam: *Iacob autem genuit Ioseph virum Mariae.*

349

**A** Segunda excellencia, não sãõ igual, mas ainda maior, com que a Rosa Mystica excede

gloriosamente a natural; he ser Rosa com fruto. A Rosa natural he fermosa, mas estéril, como Rachel: a Rosa Mystica he fermosa, como Rachel, & fecunda, como Lia. A Rosa natural he Rainha das flores, mas sãõmente flor: a Rosa Mystica, sobre ser a Rainha das Rainhas, he flor com fruto, Mãy com Filho, & Maria com Jesu nos braços: *Maria: de qua natus est Iesus.*

550 Nesta differença de dar fruto, ou não dar fruto, vay tanto de flor a flor, como de ser a não ser. Quando Deos lançou a bençãõ de fecundidade à terra, dandolhe virtude de produzir, & criar, as palavras da bençãõ foraõ estas: *Germinet terra herbam virentem, & lignum pomiferum faciens fructum:* Brotẽ a terra aservas verdes, & as arvores, que produzem fruto. De forte, que na bençãõ de Deos entrãraõ nomeadamente aservas, as arvores, & os frutos: & sãõ das flores, parece, q se não fez mençãõ; mas sim fez. As flores, que produzem fruto, foraõ comprehendidas nos mesmos frutos, que produzem:

duzem: as que não produzem fruto, ficão contadas entre aservas. O Cravo, o Lirio, o Jasmim, a Rosa, & todas as outras flores, que não dão fruto, por mais pintadas, por mais fermosas, por mais mimosas, & afidalgadas que sejaõ, todas pertencem ao predicamento daservas. Este he o lugar, que lhe sinalou David sem outra maior dignidade: *Manè sicut herba transeat, manè floreat, & transeat: vespere decidat, induret, & areseat.* Pelo contrario as flores, que dão fruto, estas são as de que faz todo caso o Soberano Agricultor da natureza. Assim o entendeo a Lavradora das Eglogas de Salamaõ, tam entendida como elle. Exhortava não a oute, senão ao mesmo Agricultor Divino, a que madrugasse:

*Psalm. 89. 6.* *Manè sicut herba transeat, manè floreat, & transeat: vespere decidat, induret, & areseat.*

*Manè surgamus:* & a que, sahisse ao campo: *Egrediamur in agrum.* E para que cõ tanto cuidado, & desvelo? Não para ver se os prados se vestião de flores, senão para laber, se as flores produziao frutos: *Videamus, si flores fructus parturiant.* Os frutos são os partos das flores, & as flo-

*Cant. 7. 12.* *Ibid. 11.* *Manè surgamus: & a que, sahisse ao campo: Egrediamur in agrum.* E para que cõ tanto cuidado, & desvelo?

*Ibid. 12.* *Videamus, si flores fructus parturiant.* Os frutos são os partos das flores, & as flo-

res, que não chegão a este parto, são abortos. São geradas, como diz Plinio, *in diem:* por que no mesmo dia, em que a vida lhe dá a cor, a fragrança lhe exhala a vida. Pela manhã nasce, ao Meyo dia adocem, à tarde morrem: & nem permanecem em sy, nem no fruto, porque o não produzem. Logo não bastava so à Rosa Mystica para exceder cabalmente a Rosa natural a primeira excellencia de ser Rosa sem espinhas, se não tivesse tambem a segunda de ser Rosa com fruto: já muito antes de isto ser, estava pintado affim nas idéas do Testamento Velho.

Querendo Moysés nomear o Tribu, & a Pessoa, a que havia de pertecer o Estado Ecclesiastico, & a Thearado Sũmo Sacerdocio: para evitar os ciumes da emulação, tam perigosa entre iguaes, ordenou, que todos os Principes, & Cabeças de cada Tribu, trouxesse a sua vara ao Tabernaculo, para q possas no Sancta Sanctorum, & na presenca da Arca, aquella, que milagrosamente florescesse, declarasse, qual era a

elei-

eleição de Deos, & a confirmasse. Fezse assim: & na manhã seguinte vindo Moysés, & os demais, a reconhecer as suas varas, acháraõ, que a de Aram reverdecida, naõ sò tinha produzido flores, mas flores, & frutos: *Invenit germinasse virgam Aaron: & turgetibus gemmis eruperat flores, qui, folijs dilatatis, in amygdalas deformati sunt.* Este milagre tevê duas partes, a primeira necessaria, & a segunda parece que naõ. Que a vara floreceffe, era necessario, porque este era o sinal da eleição divina, em q̄ todos se tinhaõ cõprometrido: que além das flores deffe tambem frutos, naõ era necessario; porque nê Moysés, tinha proposto esta condição, nem os demais a esperavaõ. Pois se Deos naõ faz, nem multiplica milagres sem necessidade, porq̄ acrecentou o segundo milagre ao primeiro; & naõ sò fez, que a vara de Aram floreceffe, mas que juntamente com as flores produzisse tambem frutos? S. Bernardo, & Ruperto, seguin-

Bernard.  
Rupertus.  
August.  
Serm. 1.  
de Tempore.

do a Santo Agústinho, respõdem, q̄ aquella vara era huã, & representava outra: era a

vara de Aram, & representava a vara de Jessé, a Virgem Maria Senhora nossa. E para significar Deos, que escolhia a Aram entre todos os homêes para o Summo Sacerdocio, bastava, que a vara, emquanto vara de Aram, floreceffe: porêem para significar, que o mesmo Deos havia de escolher a Virgem Maria entre todas as molheres para Mãe de seu Filho, era necessario, que a mesma vara, emquanto representava a vara de Jessé, naõ sò produzisse flores, senaõ flores, & frutos juntamente. He o que a Igreja canta da mesma Virgem, & da mesma vara: *Virga Jesse floruit: Virgo Dcum, & Hominẽ genuit:* A vara de Jessé floreceo: & a Virgem gerou a Deos Homem. *Virga Jesse floruit: Eis ahi a flor: Virgo Dcũ, & Hominem genuit: Eis ahi o fruto.*

Ecclef.

52 No mesmo mysterio temos tudo, & naõ cõ huã sã, senaõ com dobrada confirmação. O Anjo, que trouxe ao mundo a embaixada, de que Deos se queria fazer Homem, naõ só veyo dirigido à Mãe, senaõ tambem à

Pa-

Luc. I. 26. Patria, de que havia de nascer. Veyo dirigido (diz o Texto) à Patria, que era Nazareth: *Missus est Angelus Gabriel à Deo in Civitatē Galilææ, cui nomen Nazareth: & veyo dirigido à Mãy, que era Maria: Ad Virginem desponsatam viro, &c. Et nomen Virginis Maria.* E porque razaõ, ou com que mysterio, não sô se encaminhou o Embaixador, & a embaixada nomeadamente à Mãy, senão também nomeadamente à Patria? Porq̃ o Filho, que havia de nascer, sendo hum, havia de ser fruto de duas flores: huã flor, q̃ era a Patria, & outra flor, que era a Mãy. Ora vede. Nazareth quer dizer flor: & assim a Cidade de Nazareth, como a Virgem de Nazareth, ambas eraõ flores sem esperança de fruto. A Virgem de Nazareth era flor sem esperança de fruto, pelo voto com que se tinha consagrado a Deos de Virgindade perpetua, no qual renunciou voluntariamente toda a esperança de haver de ter filho: sacrificio em que a Senhora foi a primeira entre todas as molheres, & a unica entre todas as

daquelle tempo, as quaes anciosamente pelo fruto de sua fecundidade esperavaõ ter parte na geraçãõ do Messias. A Cidade de Nazareth também era flor sem esperãça de fruto, & com nota bem particular, ou particularidade bẽ notavel; porque era proverbio antiquissimo em toda Galilæa, que de Nazareth se não podia esperar cousa boa. Esta he a razaõ, porque dizẽdo o Apostolo S. Felippe a Nathanael, que tinha achado o Messias, & que era Jesu de Nazareth; Nathanael, como Letrado tam douto em todas as tradiçõs Hebréas, lhe respondéo: *A Nazareth potest aliquid boni esse?* <sup>Ioan. I. 46.</sup> Por ventura, de Nazareth pôde sair alguã cousa boa? Tal era o estado, em que se achavaõ, a Cidade de Nazareth, & a Virgem de Nazareth, cadahuã dellas flor, & ambas sem esperãça de fruto: quando à Cidade, & à Virgem chegou a embaixada celestial, de que na mesma Cidade, & da mesma Virgem havia de nascer o Filho de Deos. E q̃ se seguiu daquil? Que a Virgem, como Mãy, deu a Christo o nome de Jesu:

Luc. 1. (tu: *Vocabis nomen ejus Iesum:*  
31. & a Cidade, como Patria,  
deu ao mesmo Christo o so-

Matth. brenome de Nazareno: *Quo-*  
2. 23. *niam Nazareus vocabitur.* E  
por este modo, sendo Jesu  
Nazareno hum só fruto, foi  
fruto juntamente de huá, &  
outra flor: fruto da flor Na-  
zareth, emquanto Nazare-  
no; & fruto da flor Maria,  
emquanto Jesu: *De qua natus*  
*est Iesus.*

553 Mas se bem a Vir-  
gem de Nazareth ( como a  
mesma Nazareth) foi flor cõ  
fruto; nesta grande preroga-  
tiva teve a Rosa Mystica, huã  
tam singular excellencia, que  
naõ só excedeo a Rosa natu-  
ral, esteril, & infructifera; mas  
a todas as flores, que daõ fru-  
to, fez perder a cor de corri-  
das. As flores, que produzem  
fruto, todas morrem de par-  
to. Custalhes o parto a vida,  
& o chegar a dar fruto o dei-  
xir de ser flor. He o que disse  
elegantemente em duas pala-  
vras Plinio: *Percunt, ut pariãt.*

Plin.

Saõ as flores, como Rachel,  
que morreo de parto de Ben-  
jamim. Viveo o filho, & mor-  
reo a mãy; nascéo o fruto, &  
perceeo a flor. O principio do

frutificar foi o fim do flore-  
cer: & esta he a triste pensaõ,  
com que todos os filhos das  
flores nascẽ Posthumos; por-  
que nem o fruto vio a flor, de  
que nascéo, nem a flor o fru-  
to, que produzio. Na vara flo-  
recente de Aram he notavel a  
palavra, com que o Texto Sa-  
grado declara, que as flores  
deraõ fruto: *Flores in amyg- vbi su-*  
*dalis deformati sunt.* Naõ pra-  
diz, que as flores produziraõ,  
ou se transformáraõ, senaõ  
que se deformáraõ em fru-  
tos: *Deformati sunt.* O defor-  
mar se he deformidade, porq̃  
he perder a propria fórma.  
Havemos pois de dizer, que  
he deformidade das flores o  
produzir frutos? Sim. Porque  
quando o fruto recebe a fór-  
ma, perde a flor a sua. Por  
mais fermosas que fossem as  
flores, em chegando a produ-  
zir fruto, ja o que era fer-  
mosura, fica deformidade,  
perdida a gala, perdida a cor,  
perdida a fórma, & cahido, &  
perdido tudo o que lhe dava  
o nome, & ser de flor.

554 Naõ assim a flor de  
Nazareth Maria, como fal-  
lando com a mesma Senhora  
argue discretamente S. Pedro  
Chry.

Chrysol. Chryfologo: *In tuo conceptu, in tuo partu crevit pudor, aucta est castitas, integritas roborata est, est solidata virginitas. Virgo, si tibi salva sunt omnia, quid dedisti?* Na vossa conceição, & no vosso parto, Senhora, crefcéo a pureza, augmentouse a castidade, fortificouse a inteireza, & confirmouse a virgindade. Pois, Virgem, se nada perdestes, q̄ he o que dèstes: *Si tibi salva sunt omnia, quid dedisti?* Bem perguntado, & bem arguido, se a obra fora da natureza. A natureza não sabe dar sem tirar: tira, & destrue huã forma, para dar, & introduzir outra. Mas não assim na Chea de graça, em que as Leys da Natureza não tiverão parte. Deu a graça, & recebéo o Filho a forma de fruto, sem tirar, nem perder a Mãe a forma de flor. Se a Rosa natural tivera entendimento, & lhe pergütaßem, porque era flor sem fruto: responderia sem duvida com magestade de Rainha, que antes não que-ria ter fruto, que perder a honestidade, & a honra. O mesmo respondéo a Rosa Mystica, não em outro, senão no

mesmo caso. Quando o Anjo disse à Senhora: *Ecce concipies, & paries Filium*: respõ. Luc. 1. 31. déo a Virgem conforme o voto, & presuppõsto, em que estava firme: *Quomodo fiet istud, quoniam virum non cognosco?* E porque antepoz a hõra, & a honestidade ao fruto; porisso foi flor com fruto, sem perder a honra, & honestidade de flor. Assim o diz a mesma Virgem, & pelas mesmas palavras: *Flores mei fructus honoris, & honestatis*. Eccles. 24. 27. as minhas flores são frutos de honra, & de honestidade. *Etenim in arboribus* (commenta Cornelio) *flores simul cū fructibus existere non possunt, sed erumpente fructu, decidit flos: at verò in sola Deipara super omnem naturam cursum hac duo conjuncta reperuntur*. Diz pois a Virgem, que as suas flores são frutos da honra, & da honestidade; porque se os frutos não fossem da honra, & da honestidade, quando nascessem os frutos, cahiriaõ as flores. E como só o fruto benditto da bendita entre todas as mulheres foi fruto da honra, & da honestidade: só, & unicamête nella se acha o fruto

o fruto junto com a flor, & a flor junta com o fruto: o fruto Jesu, & a flor Maria: *Maria: de qua natus est I. Iesus.*

todos sabemos que he por antonomasia Christo: o seu Jardim tambem temos ditto muitas vezes, que he o Rosario. E quaes saõ os frutos, de que se haõ de colher, ou de q se colhem outros frutos? Saõ os Mysterios do mesmo Rosario, nos quaes está repartido o bemditto fruto do Ventre Sacratissimo; & porisso, sendo hum sò fruto, se chama frutos. Para colher pois agora, ou para recolher estes frutos, & para saber, & comprehendere, quaes, quantos, quam grandes, quam uteis, & maravilhosos sejaõ; basta sò a memoria do que temos tam largamente historiado, & discorrido nestes trinta Sermões, nos quaes reduzidos ao epilogo de huã sò palavra, mostramos, que no Rosario da Virgem, Senhora nossa, tem seguros seus devotos todos os bens. Todos os bens, ou saõ da Natureza, ou da Fortuna, ou da Graça, ou da Gloria. Os da Natureza saõ a vida, & a saude: os da Fortuna, a riqueza, & a honra: os da Graça, o perdaõ dos peccados, & augmento das virtudes: os da Gloria, a Vista de

## VI.

555 **T**emos visto como a Soberana Rosa Mystica he Rosa sem espinhas, & Rosa com fruto. De hum fruto parece que se naõ podem colher outros frutos: & muito menos das espinhas, das quaes disse Christo: *Nunquid colligunt de spinis uvas, aut de tribulis ficus?* Comtudo assim das espinhas, de que carecêo a mesma Rosa Mystica, como do fruto, q produzio, havemos nós de colher, naõ sò copiosos, mas preciosos frutos. *Veniat dilectus meus in hortum suum, & comedat fructum pomorum suorum.* Venha o meu Amado (diz a Virgem Senhora nossa) ao seu Jardim, & colha os frutos de seus frutos, que saõ os mesmos, de que tinha ditto: *Cum pomorum fructibus.* E já temos frutos de frutos, que era a primeira couza, que parecia nova, difficiltoza, ou impropria. O Amado

*Matth.*  
7. 16.

*Cant.* 5  
1.

*Cant.* 4.  
13.

de Deos, & Bemaventurança Eterna. E quantos vimos, q̄ desconfiados de todo o remedio humano por virtude do Rosario recuperáto a saúde: & estando para morrer, ou condemnados à morte, & ainda depois de mortos, tornáto à vida? Quantos, q̄ perdida a fazenda, ou não tendo que perder, da miseria da extrema pobreza surgiraõ subitamente à opulencia de ricos: & abatida na opiniaõ dos homẽs a honra, se viraõ mais honrados do que dantes eraõ? Quantos, que pela continuaçaõ, & enormidade dos peccados, quasi desesperados do perdaõ, se restituiraõ à Graça? Ou tibios, & imperfeitos nas virtudes, subiraõ ao grãõ mais alto da perfeiçaõ? E quantos finalmente, que morrendo impenitentes, & sezando a presente justiça, ou dignos de condemnaçaõ, ou já condemnados, aos quaes atrãdos das unhas do Demônio, & das gargantas do Inferno, se lhe cõcedeo nova vida, com que merecêto a eterna? Elles saõ os frũtos, que se colhem do fruto da Rosa Mystica, em-

quanto Rosa com fruto.

556 E emquanto Rosa sem espinhas, livraõs tambem dellas? Sim. E pelo mesmo modo, & privilegio singular, com que seu Filho a livrou, que he o da preservaçaõ. Todos os males, trabalhos, desgraças, & misérias desta vida, saõ feridas, mais, ou menõs penetrantes, com que nos picaõ, ou trespassaõ as espinhas de Adam. Assim o confessou David: *Conver. Psal. sus sum in arumna mea, dum 31. 4. configitur spina*: Convertime nos meus trabalhos, quando nelles, & com elles, se pigavaõ em mim as espinhas, que nascêto do primeiro peccado. Para evitar estas espinhas, nenhuã prudencia, nenhuã cautella basta; porque os casos subitos, & as desgraças, se levantaõ debaixo dos pés, & não estaõ na mão do homem. Que Lavrador ha de imaginar, que semeando trigo, & plantando vides, da seara, & da vinha lhe haõ de nascer espinhas? Pois isto he o q̄ succede aos homẽs, que deo de tinhaõ razãõ de esperar a conveniencia, lhe nasce a desgraça, & em vez de colher fru-

Jerem. 12.13. *Seminauerunt triticum, & spinas messuerunt:* Semeárao trigo, & colhérao espinhas: & Isaias fallando da planta das vides: *Expectata est ut faceret uvas, fecit autem spinas:* Esperava, que da

Isai. 5.  
2. *secundum*  
dum

LXX.

minha vinha houvesse de colher uvas, & colhi espinhas. Destas espinhas pois nascidas donde menos se podiaõ esperar, ou temer, & destes cafos inopinados, que nenhuã providencia pôde prevenir, & de q̄ nenhuã cautella nos pôde livrar, nos livra a Mãe de Deos por meyo do seu Rosario, preservandonos das mesmas desgraças, & dos mesmos trabalhos, sem nós o sabermos, nem advertirmos.

557 Muitos annos havia, que hum devo:to bem intencionado rezava o Rosario; quando o Demonio o tentou com pretexto de maior serviço de Deos, não a que deixasse a devação, mas a que trocasse esta por outra. Ha tantos annos (dizia consigo) que rezo o Rosario, sem que por este serviço receba

nenhuã mercê, ou favor da Virgem Maria; final certo, q̄ lhe não agrada: & assim patrece, que será mais conveniente, que eu sirva a mesma Senhora, & lhe offereça outro tributo, que lhe seja mais agradável, cõ que mereça alguma remuneração, que em tão to tempo não tenho merecido. Assim estava este homẽ, não deliberado, mas inclinado, & vacilante; quando ouviu huã voz, que o chamou por seu nome. Quem me chama? disse espantado. Chama-te (cõtinuou a voz) quem quer saber de ti, porque te queixas da Senhora do Rosario. Não me queixo, respõdeo, mas descontentame esta devação; porque havẽdo tantos annos, que a continúo, nenhum favor tenho alcançado por ella. Oh ingrato, & desconhecido ( replicou entãõ a mesma voz, & com maior aspereza: ) Já que dizes, q̄ nenhum favor alcançaste pela tua devação: respondeme ao que te quero perguntar. Dizeme: Onde estaõ teus irmãos? Não morrerãõ todos, & tu estás vivo, & saõ? Tal, & tal casa de teus visinhos, não

arderaõ, & a tua estã em pé? Tanto outros não padecerã tantas desgraças, & infortúnios, na fazenda, na honra, na vida, na molher, nos filhos? Pois se a Virgem Maria, como Senhora do Rosario, pelo que tu lhe rezavas, te preservou de tantos trabalhos, defastres, & perigos: como dizes, que te não tem aproveitado esta devaçã, nem a Senhora por ella te tem feito mercês, tendo estas tam grandes? Ouvindo isto, ficou corrido, & confuso o bem intencionado, mas mal entendido devoto do Rosario. Conheceo, que querer trocar esta devaçã por outra, era tentaçã do Demonio: & vio claramente, que as mercês, q̄ sem reparar, nem advertir, tinha recebido, eraõ mais, & maiores, & muito mais singulares, que quantas elle podia dezejar, nem pedir. De sorte, que os bens, que nos faz, & os males, de que nos livra a Virgem Santissima do Rosario, respondem às duas propriedades da Rosa Mystica, Rosa sem espinhas, & Rosa com fruto. Rosa sem espinhas, de que foi preservada, Tom. 6.

preservandonos dos males: & Rosa com fruto, de que foi fecundissima, communicandonos os bens: & em huã, & outra excellencia como Mãe do Autor de todos os bens, & Redemptor: de todos os males, que he Jesu: *Maria: de qua natus est Iesus.*

## VII.

558. **T**enho provado o que prometti, & mostrado em huã, & outra Rosa, não tanto a semelhança da natural, quanto a differença, & ventagões da Mystica. E pois este ultimo Sermão he o fim dos demais, justo será, que tambem nelle, & com elle demos o fim a todos. Mas que direy Eu aos devotos, & não devotos do Rosario, por conclusã, & remate de quanto lhes tenho ditto? Sejaõ por despedida dous defenganos: hum, com que nos amoesta a Rosa natural a brevidade desta vida, & outro, com que nos lembra a Rosa Mystica os riscos, & Eternidade da outra.

559. Estava callado o mais Eloquentemente de todos os

Profetas, Isaias, quando ouviu huã voz do Ceo, aqual lhe mandava que brådasse:

Isai. 40. *Vox dicentis, Clama.* E como  
6.7. o Profeta perguntasse o que

havia de brãdar: *Et dixi, Quid clamabo?* respondéo a voz: *Omnis caro fenum, & omnis gloria ejus quasi flos agri. Exsiccatum est fenum, & cecidit flos.* O que has de brãdar com taes vozes, que todos te ouçaõ, he, que a vida do homem he, como o feno verde, & toda a sua glória; como a flor do campo: sec-

couse a verdura, cahio a flor.

Tal he a brevidade da nossa vida: & não ha flor, que não esteja brãdando: Homens, aprendey de mim. Porisso dizia o mais defenganado de todos: *Homo nasus de muliere, brevis vivens tempore; &c.* <sup>105. 14.</sup>

*Qui quasi flos egreditur, & conteritur.* E se qualquer flor he espeelho para a vida humana, & defengano para a brevidade della, quanto mais a que mais florece, & menos dura quẽ todas, & a que he a flor das flores, a Rosa?

*Quàm longa una dies, etas tam longa Rosarum:  
Una dies aperit, conficit una dies.*

*Aufonius.*

Toda a idade, ou idades da Rosa, não tem mais duraçaõ que de hum só dia, em que nasce, vive, & morre. O mesmo Sol, que a vio de manhaã fresca, & fermosa, de tarde a deixou murcha, & secca. Cõ tam apressado voo passa a Rosa a carreira da vida, sendo nova prégadora cadadia da brevidade da nossa. Tal he o documento, & defengano, que nella cõsideraõ, Poetas, Oradores, & Santos: moralidade que algum dia me

parecéo demaziadamẽte encarecida, & estreita; mas hoje vejo, que ainda he larga. Neste mesmo Mayo de Mil seiscientos, & oitenta & seis, em que escrevo esta regra, & não sey se chegarey a acaballa, mais larga vida he a da Rosa na Europa, que a dos homens na America. Là toda a Rosa tem de vida hum dia inteiro, cã multos homens (que tal he a força do mal presente) não chegaõ a ter ametade do dia, nem duas horas, nem huã, arrebatados

rebatados da faude à morte, sem passar pela enfermidade. Este he o Clima mais benigno, estes os Ares mais puros, esta a Terra mais sadia, esta he hoje a Bahia. Mas que importa, que a Terra, o Ar, & as Influencias dos Astros se mudem, ou naõ mudem, se todos trazemos dentro em nós o veneno da propria mortalidade. As treguas da vida sempre duvidosa, & incerta, poderã durar mais, ou menos; mas finalmente se ha de morrer. Finalmẽte (torno a dizer) se ha de morrer. E se a disposiçãõ mais robusta, & a idade mais florente, naõ tem hum dia, nem huã hora, nem hum momento seguro: que deve fazer cada hum nelle universal defengano da vida, senaõ tratar da eterna.

560 Este he o fruto, & de summa importancia, que da Rosa natural, que naõ dá fruto, devem colher os que tem Fé, & Juizo. E porque dos riscos da Eternidade sò nos pôde livrar a Rosa Mystica, seja a segunda conclusãõ, & ultimo defengano, que sò de baixo do patrocínio da Virgem Maria, Senhora nos-

sa, se pôde esperar, & conseguir a Vida Eterna com firme, & segura confiança. Nella, & por ella se salvaõ, todos os que se salvaõ: & sem ella, & porque sem ella, porisso se perdem, quantos se perdẽ. Ouvi concordos na mesma, & admiravel sentença, a dous insignes Interpretes dos Arcanos Divinos, Santo Anselmo, & S. Boaventura: *Sicut, & à Beatissima, omnis à te aver-* D. Anselm. de laudib. Virg. D. Boavent. in Pharetr.  
*sus, & à te despectus, nec esse est ut intereat: ita omnis ad te conversus, & ad te respectus, impossibile est ut pereat.* Assim como, ò Virgem Beatissima, todo aquelle, que se aparta de vós, & vós apartais delle vossos misericordiosos olhos, necessariamẽte se perde: assim aquelle, que se cõverte a vós, & vós pondes nelle os olhos de vossa misericordia, & piedade, impossivel he, que se naõ salve. As palavras, *Necesse est, & Impossibile est*, saõ as mais apertadas, que se podem dizer, nem imaginar. E estes saõ os termos, porque fallaõ, com a provaçãõ gèral dos Theologos, aquelles grandes Doutores, & tam alumiados do

CEO. Quanto à primeira parte, he notavel a consequencia da terceira, & quarta palavra de Christo na Cruz: a terceira foi: *Mulier, ecce, Filius tuus*: na qual Christo deixou a S. João sua Mãe: a quarta foi: *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquisti me?* na qual se queixou de se ver deixado de Deos. Pois quando Christo deixa sua Mãe, entã se vé deixado de Deos? Sim. Porq̃ Christo na Cruz, como tinha tomado sobre sy nossos peccados, fazia figura de peccador: & segũdo a propriedade desta figura, que representava (nesta representação digo, & segundo a propriedade desta figura, que representava) foi consequencia natural, que se visse deixado de Deos, quando acabava de deixar a sua Mãe: porque todo o peccador, que deixar a Mãe de Deos, necessariamente se verá tambem deixado de Deos: *Necesse est ut percat*. Pelo côtrario (quanto à segunda parte) S. João no mesmo Theatro do Calvario fazia figura dos Predestinados, que porisso nomeadamente se chama alli o A-

mado: *Discipulum, quem diligebat*: & aquelle, a quẽ Deos dá a Virgem Maria por Mãe: *Ecce Mater tua*: & elle a acclama, & serve como tal: *Et ex illa hora accepit eam Discipulus in sua*: assim como os Predestinados naõ podem deixar de se salvar; assim he impossivel, que elle se perca: *Impossibile est ut percat*.

561 Suppostos estes dous desenganos, hum do fim desta vida, que naõ pôde tardar muito: & outro da vida sem fim, que sô se pôde assegurar, ou perder, no patrocínio da Mãe de Deos, ou falta d'elle: o que resta, he, que todos servindo com verdadeira devaçãõ à mesma Senhora, procuremos merecer, & alcançar o patrocínio, & amparo de sua poderosissima Graça. Oh quẽ me dera nesta ultima despedida poder persuadir, & meter na Alma de todos esta resolução! Mas porque naõ fio tanto da fraqueza do meu Espirito: ouvi ao devotissimo, & espiritualissimo Thomás de Kempis, exhortãdo a seus ouvintes em semelhante caso: *Thomas lo: Eligite hanc benignissimã Matrem Iesu in Matrem spiritalem*,

Joan. 19  
26.

Matth.  
27. 46.

Joan. 19  
26.

Ibidem  
27.

Thomas  
à Kempis  
3. p.  
Serm. 2.

cialê, & advocatam ante mortem: & salutate eam Angelica Salutatione frequenter, quia hanc vocem audit valdè libenter. Elegey a benignissima Mãy de Jesu por especial Mãy vossa, & avogada antes da morte, & saudaya frequentemente cõ a Oraçãõ da Ave-Maria, & Saudaçãõ do Anjo, cuja voz sempre ouve com grande vontade, & lhe agrada muito, por mais que se repita muitas vezes, como fazemos no Rosario. *Mariam salutate*: Sauday a Maria: *Mariam invocate*: Invocay a Maria: *Mariam cogitate*: Meditay em Maria: *Mariam nominare*: Nomeay a Maria: *Mariam honorate*: Honray a Maria: *Mariam semper glorificate*: Glorificay sempre a Maria. E porque naõ bastaõ sò as vozes, & louvores da boca; acompanhay a Maria em todos os Passos de sua vida, & de seu Filho: *Cum Maria ambulate*: que he a segunda, & mais interior parte do mesmo Rosario. *Cum Maria Iesum querite*: Com Maria buscay a Jesu: *Cum Maria Iesum in ulnis portate*: Cõ Maria trazey a Jesu nos bra-

ços: *Cum Maria, & Iesu in Nazareth habitate*: E cõ Maria, & Jesu moray em Nazareth: que saõ os Mysterios Gozolos. *Cum Maria in Ierusalem ire*: Com Maria ide a Jerusaleem: *Cum Maria juxta Crucem Iesu stete*: Com Maria estay junto da Cruz de Jesu: *Cum Maria Iesum plorate*: Com Maria lamentay a morte de Jesu: *Cum Maria Iesum sepelire*: E com Maria o sepultay: que saõ os Mysterios Dolorosos. *Cum Maria, & Iesu resurgite*: Cõ Maria, & Jesu resuscitay: *Cum Maria, & Iesu Calos ascendite*: Com Maria, & Jesu subi ao Ceo: *Cum Maria, & Iesu vivere, & mori desiderate*: E cõ Maria, & Jesu dezejay viver, & morrer nesta vida, para os gozar na outra: que saõ os Mysterios Gloriosos.

362 Assim deu fim à sua exhortaçãõ o Espirito extatico de Thomás, sem nomear o Rosario, nem cuidar nelle; porque o Espirito, & Alma desta devaçãõ, naõ consiste no nome, que lhe deu a Rosa natural, senaõ no mystico dos Mysterios, de que he

composto. E esta foi, & he a  
 razaõ, porque no principio  
 offereci, & agora torno a of-  
 ferecer à Soberana sempre  
 Virgem, minha Libertadora,  
 & Senhora, estes dous pe-  
 quenos, & mudos tributos da  
 já cançada penna, debaixo do  
 nome sem voz de Rosa Myf-  
 tica.

## VIII.

563 **T**Res defeitos grã-  
 des reconheço, &  
 confesso nelles, os quaes, po-  
 sto que tarde, como contri-  
 çaõ na hora da morte, me ha  
 de ensinar a emendar a mes-  
 ma Senhora, & Mestre do  
 Rosario. O primeiro defeito  
 he a Largueza dos Sermoẽs:  
 o segundo a Eleiçaõ dos Assump-  
 tos: o terceiro a Indig-  
 nidade do Prégador. A Lar-  
 gueza dos Sermoẽs, que sen-  
 do no numero trinta, na ex-  
 tençaõ são mais de sessenta;  
 & porisso molestos a quem  
 os ler. A Eleiçaõ dos Assump-  
 tos, que para os douts po-  
 deriaõ ser mais levantados,  
 para o vulgo mais claros, &  
 para todos mais uteis. A In-  
 dignidade do Prégador, que

tanto diminue o credito na  
 doutrina, como a Fé em quẽ  
 a ouve. Mas todos estes de-  
 feitos suprirá hum sò Sermão  
 summamente breve, summa-  
 mente util, & de summa au-  
 thoridade, & dignidade. Af-  
 fim como Dcos tendo falla-  
 do primeiro pelos Profetas,  
 depois, como notou S. Pau-  
 lo, fallou por seu proprio  
 Filho: *Olim Dcus loquens in Hebr.  
 Prophetis: novissimè locutus* <sup>I. I. 2.</sup>  
*est nobis in Filio:* assim tam-  
 sendo muitas vezes prégado  
 o Rosario por S. Domingos,  
 & seus Filhos, ultimamente o  
 prégou, & ensinou a prégar  
 por sua propria Mãe: *Novissimè locutus est nobis in Ma-  
 tre.* Quando S. Domingos na  
 Festa de S. Joaõ Evangelista,  
 tendo estudado hum doutis-  
 simo Sermão para prégar na  
 Cathedral de Nostira Dama a  
 toda a Corte, & Univerfida-  
 de de Pariz, lhe mandou a  
 Soberana Virgem, que pré-  
 gasse do Rosario, como já re-  
 ferir: metéolhe na mão a Se-  
 nhora hum Livro, dizendo,  
 que alli estava escrito hũ Ser-  
 mão do Rosario, & q̃ assim  
 lhe mandava, que o pré-gasse,  
 & se devia prégar. Este Ser-  
 mão

maõ pois brevissimo, utilissimo, & dignissimo, reservey, & poupey para este ultimo lugar, naõ como coroa, mas como retractacção, & emenda dos meus, dezejando, quãdo menos, acabar bem.

564 O modo de prégar de Christo, Sabedoria infinita, todo era por parabolâs, & este Sermaõ da Mãy da mesma Sabedoria todo he por supposições, & perguntas, para que nós tiremos as consequências. Fortissimo modo de persuadir, & evidētissimo. Diz pois, ou pergūta assim a Soberana Prégadora do Rosario. Dizyme: Se hum Reyno estivesse falto de successão, por ser a Rainha esteril, & lhe offerecessem huã Pedra preciosa, por virtude da qual ficasse fecunda, naõ a aceitaria com muito gosto? Nesta pergunta alludia a Senhora à Rainha Dona Brãca de França, q̃ por virtude do Rosario, naõ tendo Successor o Reyno, alcançou hum filho, & tal filho, como S. Luis. Agora falla em gēral cõ todos, fazendo pelo mesmo modo differentes perguntas.

565 Dizyme: Quem

ha de passar por terra de inimigos, naõ procura levar hu Salvo conduto, com que lhe dem a passagem livre? E se o caminho he escuro, & denoite, naõ estima muito huã Luz, que vá diante, & o guie? E se he deserto, & despovoadado, naõ deve prevenir, & levar comfigo o Viatico? E se cançado de caminhar acha huã Arvore sombria, & huã Fonte fresca, naõ tem este por hum grande alivio, & regalo?

566 Mais: Se na terra, em que viveis, fossem todos tam pobres, ou tam avarentos, que pedindo vós esmola de porta em porta, ninguem vola desse, & tivesses noticia de hum Principe muito rico, & muito misericordioso, naõ vos chegarieis a elle? E se a mesma terra se abrazasse em peste, & vos inculcasses hum Antidoto, contra o qual naõ tivesse forças o contagio, naõ o comprarieis logo, & trarieis junto ao coração? E se as Sentinellas dessem rebate, & chegassem a bater a Cidade Exercitos inimigos, naõ vos acolherieis ao Castello mais forte?

Fi.

567 Finalmente: Se estivesseis metido, & afeerrolhado em hum carcere sem esperança de liberdade, & vos offerecessẽm huã Chave, cõ que abrir as portas, & sair delle, não bejariẽis a mão de quem vola dẽsse, & vos porriẽis em salvo? Ou se tivessesis offendido o Rey com graves crimes de Lesã Magestade, estando já para ouvir a sentença de morte com confiscação de todos os bens, & perpetua infamia: não sollicitariẽis por todas as vias, & a todo o preço, a graça, & patrocinio da Rainha, para que vos valesse naquelle perigo, & vos alcançasse perdaõ?

568 Isto he o que préga, & estas são as perguntas, que faz a Virgẽ do Rosario, suppondo, que o mesmo Rosario he o Salvo conduto para os inimigos, a Luz para as trevas, o Viatico para o deserto, a Arvore sombria para o Calor, a Fonte fresca para a sede, o Rico misericordioso para a esmola, o Antidoto

para a peste, o Castello forte para a guerra, a Chave para o carcere: & sobre tudo a mesma Senhora, a Rainha sã poderosa, para aplacar, & alcançar perdaõ do Rey offendido, & irado. O que agora resta, he, que cadahum responda a estas perguntas, & sobre estas supposições tire as consequencias. Haverá algum, tam mal entendido, & tam inimigo de sy mesmo, & da sua salvaçã, que não infira daqui, & se persuada, & resolva, a procurar o patrocinio, & amparo da Senhora do Rosario, & por meyo do mesmo Rosario a se introduzir na sua Graça? Ouçãõ todos, & considerem, & meditem devagar, as forças deste fortissimo Sermão, & as evidencias deste inventivel Discurso. E os que responderem, como devem, às perguntas, bem podem ajuntar às supposições, que sem duvida são do numero dos Predestinados para a Gloria: *Quam mihi, & vobis: &c.*

FINIS. LAUS DEO.

INDEX

# I N D E X

## Dos Lugares da Sagrada Escritura.

Os Numeros, significacão as Paginas, & as Colunas.

Ex Lib. Genes.

Cap. 1. v. 1. **I**N principio creavis  
Deus Calum, & ter-  
ram. pag. 368. col. 1.

v. 2. Spiritus Dei ferebatur su-  
per aquas. pag. 436. col. 1.

v. 3. Fiat lux. Et facta est lux.  
pag. 367. col. 2.

v. 5. Appellavitque lucem diem.  
pag. 367. col. 2.

Ibid. Factum est vespere, & ma-  
nè, dies unus. pag. 151. col. 2. in  
fin.

v. 10. Congregationes aquarum  
appellavit maria. pag. 436. col.  
1.

v. 11. Germinet terra herbam  
virentem, & lignum pomiferū  
faciens fructum pag. 502. col. 2.

v. 25. Vidit Deus quod esset bo-  
num. pag. 202. col. 1. in fin. &  
seqq.

v. 27. Creavit Deus hominem ad  
imaginem, & similitudinem  
suam. pag. 340. col. 1.

v. 31. Vidit Deus cuncta, quae fe-  
cerat: & erant valde bona. pag.  
202. col. 2. in med. & seqq.

Cap. 2. v. 2. Requievit die septimo.  
pag. 286. col. 2. in med.

v. 8. Plantaverat autem Domi-  
nus Deus Paradisum volupta-  
tis: in quo posuit hominem.  
pag. 121. col. 1. in princip.

v. 10. Et fluvius egrediebatur de  
loco voluptatis ad irrigandum  
Paradisum. pag. 121. col. 1. in  
med. & seqq.

Ibid. Inde dividitur. in quatuor  
capita pag. 123. col. 1. in princip.

v. 16. Precepitque eis, dicens: Ex  
omni ligno Paradisi comedet:  
&c. pag. 400. col. 2.

v. 21. Replevit carnem pro ea.  
a pag.

- pag. 367. col. 2.
- v. 22. *Alificavit Dominus Deus costam, quam tulerat de Adam, in mulierem: & adduxit eam ad Adam pag. 63. col. 1. in princip. & in fin.*
- Cap. 3. v. 1. *& seqq. Sed & serpens erat callidior: &c. pag. 334. col. 1. & pag. 400. col. 2.*
- v. 8. *Deambulans in Paradiso ad auram post meridiem. pag. 334. col. 1. in fin.*
- v. 15. *Inimicitias ponam inter te, & mulierem. pag. 24. col. 1. in med. & pag. 496. col. 2. in fin. & seqq.*
- Ibid. *Ipsa conteret caput tuum, & tu insidiaberis calcaneo ejus. pag. 24. col. 2. in med. & pag. 496. col. 2. in fin. & seqq.*
- v. 17. *Maledicta terra in opere tuo. pag. 495. col. 1. & seqq.*
- v. 18. *Spinas, & tribulos germinabit tibi. pag. 495. col. 1. & seqq.*
- Cap. 4. v. 25. *Posuit mihi Deus semem aliud pro Abel. pag. 367. col. 2.*
- Cap. 6. v. 6. *Tactus dolore cordis intrinsecus. pag. 195. col. 1. in princip.*
- Cap. 7. v. 18. *Porro Arca ferebatur super aquas. pag. 28. col. 2. in princ.*
- v. 20. *Quindecim cubitis altior fuit aqua: &c. pag. 28. col. 1. in fin. & pag. 322. col. 1. in fin.*
- v. 22. *Cuncta, in quibus spiraculum vitæ est in terra, mortua sunt. pag. 28. col. 2. in med.*
- v. 23. *Remansit autem solus Noe, & qui cum eo erant in Arca. pag. 28. col. 2. in med.*
- v. 24. *Obtinuerunt aqua terram centum quinquaginta diebus. pag. 28. col. 1. in fin.*
- Cap. 12. v. 1. *Egredere de terra tua, & de cognatione tua. pag. 454. col. 2.*
- v. 4. *Egressus est itaque Abram, sicut praeceperat ei Dominus. pag. 455. col. 1.*
- Cap. 14. v. 1. *& cap. 15. & seqq. Factum est in illo tempore: &c. pag. 498. col. 1. in med.*
- Cap. 16. v. 1. *Ancillam Aegyptiam nomine Agar. pag. 154. col. 1.*
- v. 15. *Peperitque Agar Abra filiur. pag. 154. col. 1. in fin.*
- Cap. 18. v. 24. *Si fuerint quinquaginta justi in Civitate. pag. 312. col. 1.*
- v. 32. *Non delibo propter decem. pag. 312. col. 1.*
- v. 33. *Abijtque Dominus. pag. 312. col. 1.*
- Cap. 19. v. 21. *Ecce etiam in hoc suscepi preces tuas: &c. pag. 346. col. 1.*
- Cap. 21. v. 10. *Ejice ancillam hanc, &*

- & filium eius pag. 154. col. 2. in med.  
 Cap. 22. v. 2 Tolle filium tuum Isaac, & offeres eum in holocaustum super unum montium. pag. 454. col. 2.  
 v. 13. Levavit Abraham oculos suos, viditque post tergum arietem inter vepres harentem cornibus: & c. pag. 501. col. 2.  
 Cap. 27. v. 1. & seqq. Seniit autem Isaac, & c. pag. 442. col. 2. in fin. & seqq.  
 Cap. 28. v. 12. Vidit scalam stantem super terram, & cacumen illius tangens calum. pag. 291. col. 1. & pag. 454. col. 2.  
 Ibid. Angelos ascendentes, & descendentes. pag. 292. col. 1. & pag. 320. col. 2.  
 v. 13. Terram, in qua dormis, tibi dabo, & semini tuo. pag. 292. col. 1.  
 v. 17 Non est hic aliud, nisi domus Dei, & porta cali. pag. 291. col. 1. in med.  
 Cap. 29. v. 32. Vocavit nomen eius Ruben, dicens: Vidit Dominus humilitatem meam. pag. 224. col. 1. in princip.  
 v. 33. Quoniam audivit me Dominus, vocavitque nomen eius Simeon. pag. 224. col. 1. in med.  
 Cap. 30. v. 6. Et appellavit nomen eius Dan. pag. 175. col. 2. in princip.  
 v. 8. Comparavit me Dominus cum sorore mea, & invalu. pag. 163. col. 1. in fin.  
 v. 11. Dixit: Feliciter. pag. 175. col. 2. in princip.  
 v. 13. Dixit: Hoc pro beatitudine mea: Beatam quippe me dicent mulieres. Propterea appellavit eum Aser pag. 175. col. 2. & seqq.  
 v. 35. Separavit varios, atque maculosos: cum autem gregem unicolorem; & c. pag. 152. col. 2. in med.  
 Cap. 32. v. 10. Cum duabus turnis. pag. 54. col. 2. in fin.  
 v. 23. Traductis omnibus, quae ad se pertinebant, mansit solus. pag. 54. col. 2. in fin. & pag. 55. & pag. 56. col. 1. in med.  
 v. 24. Et ecce vir luctabatur cum eo pag. 55. col. 1. in med. & col. 2.  
 Ibid. Usque mane pag. 55. col. 2. in med.  
 v. 26. Dimitte me. pag. 55. col. 2. in fin.  
 Ibid. Non dimittam te, nisi benedixeris mihi. pag. 55. col. 2. in fin.  
 v. 28. Si contra Deum fortis fuisti, quanto magis contra homines prevalebis? pag. 56. col. 1. & pag. 448. col. 2. in med.  
 v. 29. Et benedixit ei in eodem loco. pag. 56. col. 1. in princip.

- Cap. 34. v. 1. *Egressa est autē Dina,*  
*&c pag. 65. col. 1. in med. & col. 2*
- Cap. 38. v. 29. *Illo verò retrahente*  
*manum. pag. 451. col. 1.*
- Cap. 41. v. 25. *Somnium Regis unū*  
*est. pag. 129. col. 2. in med.*
- Cap. 43. v. 31. *Si sic necesse est, faci-*  
*te quod vultis. pag. 255. col. 2.*  
*in fin.*
- v. 34. *Maiores pars venit Benja-*  
*min, ita ut quinque partibus*  
*excedat ei pag. 117. col. 2. in fin.*
- Cap. 49. v. 16. *Dan iudicabis. pag.*  
*181. col. 2. in fin.*
- v. 19. *Gad accinctus praeliabitur.*  
*pag. 182. col. 1. in princip.*
- v. 20. *Aser pinguis panis ejus.*  
*pag. 182. col. 1. in princip.*
- v. 21. *Nephtaliceruus emissus,*  
*& datus eloquia pulchritudinis.*  
*pag. 181. col. 2. in fin.*
- Ex Libr. Exodi.
- Cap. 1. v. 10. *Venite, sapiens er oppri-*  
*mamus eum: &c. pag. 406. col. 1.*
- Cap. 2. v. 3. & seqq. *Cumque jam ce-*  
*lare non posset: &c. pag. 361.*  
*col. 1.*
- Cap. 3. v. 2. *Apparuitq. ei Dominus*  
*in flamma ignis de medio rubi:*  
*&c. pag. 415. col. 1. & pag. 499.*  
*col. 2.*
- v. 7. *Vidi afflictionem populi mei*  
*in Agypto, & clamorem ejus*  
*audivi propter duritiam eorū,*  
*qui praesunt operibus. pag. 428.*  
*col. 1. & 2.*
- Cap. 4. v. 16. *Ipse loquatur pro se ad*  
*populum, & erit os iuum. pag.*  
*367. col. 2.*
- Cap. 7. v. 12. *Sed devoravit virga*  
*Aaron virgas eorū: &c. pag. 328*  
*col. 1. in fin. & pag. 330. col. 2.*
- Cap. 8. v. 18. & 19. *Feceruntque si-*  
*militer masculi incantationi-*  
*bus suis: &c. pag. 328. col. 1. in*  
*fin. & pag. 330. col. 2.*
- Cap. 9. v. 29. *Cum egressus fuero de*  
*urbe, extēdam palmas meas ad*  
*Dominum; &c. pag. 61. col. 1.*
- Cap. 16. v. 3. *Cur induxistis nos in*  
*desertum istud, ut occideretis*  
*omnem multitudinē famē? pag.*  
*367. col. 2. in fin.*
- v. 15. *Manhu? Quid est hoc? pag.*  
*124. col. 1. & pag. 367. col. 2. in*  
*fin.*
- Cap. 19. v. 6. *Vos eritis mihi in Reg-*  
*num sacerdotale. pag. 88. col. 1.*  
*in princip.*
- Cap. 20. v. 5. *Visitans iniquitatē pa-*  
*trū in filios, in tertīā, & quartā*  
*generationē: &c. pag. 282. col. 2.*
- Cap. 23. v. 19. *secundū Septua-*  
*ginta. Non coques agnum in la-*  
*te matris sue. pag. 469. col. 2.*
- Cap. 26. v. 37. *Quinque columnas*  
*denurabis; &c. pag. 303. col. 2.*
- Cap. 32. v. 18. *Dimitte me, ut iras-*  
*catur furor meus contra eos, &*  
*deleam eos. pag. 348. col. 1. &*  
*pag. 454. col. 1.*

Lugares da Sagrada Escritura.

v. 13. Recordare Abraham, Isaac,  
& Iacob &c. pag. 454. col. 1.  
v. 14. Placatus est Dominus, ne  
faceret malū: &c. pag. 455. col. 2.  
Cap. 34. v. 23. Tribus temporibus  
anni apparebit omne masculi-  
num tuum in conspectu Omni-  
potētis Domini Dei Israel. pag.  
66. col. 2. in med.

Ex Libr. Levitici.

Cap. 11. v. 18. Et cygnum: &c. pag.  
174. col. 1. in med.  
Cap. 25. v. 1. & seqq. Locutusque est  
Dominus ad Moysen: &c. pag.  
307. col. 2.  
v. 10. Sanctificabis annum quin-  
quagesimum: &c. pag. 311. col. 1.  
Cap. 27. v. 6. Pro masculo dabuntur  
quinque sicti. pag. 303. col. 1.

Ex Libr. Numeri. (col. 2.)

Cap. 10. v. 33. Arca federis. pag. 349  
Cap. 11. v. 13. Unde mihi carnes, ut  
dem tanta multitudini? &c.  
pag. 368. col. 1. in princip.  
v. 31. & 32. Ventus autem egre-  
diens à Domino arreptas trans  
mare coturnices detulit: &c.  
pag. 368. col. 1. in princip.  
Cap. 12. v. 10. Et ecce Maria appa-  
ruit candens lepra, quasi nix.  
pag. 167. col. 2. in med.

Cap. 16. v. 30. Sin autem novam  
rem fecerit Dominus, ut ape-  
riens terra os suum, deglutiat  
eos: &c. pag. 14. col. 2. in med.

Cap. 17. v. 8. Invenit germinasse  
Virgam Aaron: & turgentibus  
gemma eruperant flores, qui,  
folijs dilatatis, in amygdalas de-  
formati sunt pag. 504. col. 1. &  
pag. 506. col. 2.

Cap. 20. v. 1. Veneruntque filij Is-  
rael: &c. pag. 77. col. 1. in fin.  
v. 2. Cumque indigeret aqua popu-  
lus: &c. pag. 368. col. 1. in princ.  
v. 11. Cūq. elevasset Moyses ma-  
nū, &c. pag. 368. col. 1. in princ.  
v. 12. Dixitq. Dominus ad Moy-  
sen, & Aaron: &c. pag. 77. col. 2  
in princip.

Cap. 21. v. 8. Qui percussus aspexe-  
rit serpētē, vivet. pag. 468. col. 2  
Cap. 22. v. 5. Balaam filium Beor  
ariolum pag. 332. col. 2.  
Cap. 23. v. 29. Adifica mihi hīc  
septem aras, & para totidem  
vitulos, ejusdemque numeri  
arientes. pag. 332. col. 2.

Cap. 28. v. 3. Hec sunt sacrificia,  
quæ offerre debetis, Agnos an-  
niculos immaculatos: &c. pag.  
167. col. 1.

Ex Libr. Deuteronomij.

Cap. 6. v. 4 & 5. Audi Israel: Do-  
minus Deus noster, Dominus  
unus est. Diliges Dominum Deū  
tuum ex toto corde tuo: &c. pag.  
290. col. 2. in fin.

Cap. 32. v. 11. Sicut Aquila provo-  
icans ad volādum pullos suos: &c.

- super eos volitans, expandis alas.* pag. 468. col. 2.
- v. 23. *Sagittas meas complebo in eis* pag. 208. col. 2. in med.
- v. 35. *Mea est ultio.* pag. 324. col. 1.
- Cap. 33. v. 17. *Cornua Rhinocerotis, cornua illius.* pag. 449. col. 1.  
Ex Libr. Josue.
- Cap. 1. v. 1. & 2. *Et factum est post mortem Moysi:* &c. pag. 368. col. 1. in princip.
- Cap. 3. v. 17. *Populus autem incedebat contra Iericho: & Sacerdotes, qui portabant Arcam, ::: stabant super siccam humum in medio Iordanis* pag. 87. col. 1. in princip.
- Cap. 10. v. 5. *Quinque Reges Amor-rhaorum.* pag. 302. col. 2.  
v. 14. *Obediente Domino voci hominis.* pag. 348. col. 1.
- Cap. 21. v. 37. *Civitates refugij, Bosor in solitudine:* &c. pag. 303. col. 1. in fin.
- Ex Libr. Judicum.
- Cap. 3. v. 3. *Quinque Sairapas Philistinorum.* pag. 302. col. 2.  
v. 8. *Iratusque contra Israel Dominus:* &c. pag. 406. col. 1.  
v. 9. *Qui suscitavit eis Salvatorem:* &c. pag. 406. col. 1.  
v. 14. *Servieruntque filij Israel,* &c. pag. 406. col. 1.  
v. 15. *Qui suscitavit eis Salva-*

- torcm, vocabulo. Asd.* pag. 406. col. 1.
- Cap. 4. v. 2. *Tradidit illos Dominus in manus Iabin Regis Chananim.* pag. 406. col. 1.  
v. 6. & seqq. *Qua misit, & vocavit Burac:* &c. pag. 406. col. 1.
- Cap. 5. v. 20. *De Caelo dimicatum est contra eos: Stella manentes in ordine suo.* pag. 485. col. 1.  
v. 24. *Benedicta inter mulieres Iael.* pag. 485. col. 1. in fin.  
v. 25. & 26. *Aquam perenti Iael dedit. &c. Percussitque Sisaram.* pag. 485. col. 1.
- Cap. 6. v. 1. *Qui tradidit illos in manu Madian.* pag. 406. col. 1.
- Cap. 7. v. 20. & seqq. *Cumque per gyrum castrorum:* &c. pag. 406. col. 1.
- Cap. 10. v. 7. *Tradidit eos in manus Philisthijm.* pag. 406. col. 1.
- Cap. 11. v. 32. & seqq. *Transiitque Iephthe ad filios Ammon:* &c. pag. 406. col. 1.
- Ex Libro Ruth.
- Cap. 1. v. 21. *Egressa sum plena, & vacuam reduxit me Dominus.* pag. 250. col. 1. in princip.
- Cap. 2. v. 1. *Homo petens, & magnarum opum, nomine Booz.* pag. 270. col. 1.  
v. 2. *Et colligam spicas, qua fuerint manus metetium.* pag. 263. col. 1. in fin.

- v. 16. De vestris quoque manipulis projicite de industria, ut absque rubore colligat. pag. 265. col. 1. in princip.
- v. 17. Collegis ergo usque ad vesperam: & invenit tres modios. pag. 265. col. 1. in fin.
- v. 18. Insuper protulit, & dedit ei de reliquijs cibi sui, quo saturata fuerat. pag. 279. col. 1. in fin.
- v. 23. Donec hordea, & triticum in horreis cõderentur. pag. 271. col. 1.
- Cap. 3. v. 10. Benedicta es á Domino, filia. pag. 271. col. 1.
- Ibid. Quia non es secuta juvenes pauperes, sive divites. pag. 271. col. 1.
- v. 11. Scit enim omnis populus, qui habitat intra portas urbis meae, mulierem te esse virtutis. pag. 271. col. 1.
- Ex Libr. 1. Reg.
- Cap. 1. v. 5. Anna autem dedit partem unam viri tuis, quia Annam diligebat. pag. 117. col. 2.
- Cap. 16. v. 1. & seqq. Usquequo tu lugens Saul? &c. pag. 346. col. 1.
- v. 7. Homo videt ea, quae parent, Dominus autem intuetur cor. pag. 174. col. 2. in fin.
- v. 23. Igitur quaecumque spiritus Domini: &c. pag. 329. col. 2.
- Cap. 17. v. 40. Elegit sibi quinque limpidissimos lapides. pag. 303. col. 1.
- v. 50. Prævaluitque David adversus Philisthaeum: &c. pag. 490. col. 1. & pag. 498. col. 1.
- Cap. 25. v. 22. Haec faciat Deus: &c. pag. 260. col. 1. in fin.
- Cap. 27. v. 8. & seqq. Et ascendit David, & viri ejus, & agebant prædas: &c. pag. 260. col. 1.
- Cap. 28. v. 11. & seqq. Samuelem mihi suscitavit: &c. pag. 340. col. 2. in fin. & seqq. & pag. 348. col. 2.
- Ex Libr. 2. Reg.
- Cap. 6. v. 14. Et David saltabat totis viribus ante Dominum. pag. 218. col. 1. in med.
- v. 16. Despexit eum in corde suo. pag. 218. col. 1. in fin.
- v. 20. Quam gloriosus fuit hodie Rex israel, discooperiens se, quasi unus de scurris. pag. 218. col. 2. in princip.
- v. 23. Igitur Michol non est natus filius usque in diem mortis sua. pag. 221. col. 1. in fin.
- Cap. 16. v. 1. & seqq. Cumque David transisset: &c. pag. 260. col. 2.
- Cap. 19. v. 27. & seqq. Insuper & accusavit me: &c. pag. 260. col. 2.
- Ex Libr. 3. Reg.
- Cap. 2. v. 19. Surrexit Rex in occursum

- sum ejus, admiravitque eam: &c. pag. 25. col. 1. in med.
- v. 20. Pete, mater mea: &c. pag. 25. col. 1. in fin. & pag. 447. col. 1. in med.
- Cap. 15. v. 11. Fecit Asarectum ante conspectum Domini, sicut David pater ejus. pag. 282. col. 2. in princip.
- Cap. 17. v. 14. Hydria farina non deficiet: &c. pag. 270. col. 1. in princip.
- v. 16. Et ex illa die hydria farinae non defecit: &c. pag. 270. col. 1. in princip.
- Cap. 21. v. 19. Occidisti, in super & possidisti: &c. pag. 401. col. 2.
- v. 20. Num invenisti me inimicum tibi? pag. 401. col. 1.
- Ibid. Inveni, eò quòd venundatus sis, ut faceres malum in conspectu Domini. pag. 401. col. 2.
- v. 22. & seqq. Et dabo domum tuam: &c. pag. 282. col. 2. in med.
- v. 25. Non fuit alter talis sicut Achab, qui venundatus est, ut faceret malum. pag. 401. col. 1.
- v. 26. Abominabilis factus est, in tantum ut sequeretur idòla: &c. pag. 401. col. 2.
- Ex Lib. 4. Reg.
- Cap. 1. v. 10. Si Homo Dei sum, descendat ignis de Cælo, & devoret te, & quinquaginta tuos. pag. 214. col. 2. in princip.
- Cap. 5. v. 11. & seqq. Iratus Naaman recedebat: &c. pag. 248. col. 2. in med.
- Cap. 6. v. 25. & seqq. Factaque est fames magna in Samaria: &c. pag. 256. col. 1. in fin.
- Cap. 10. v. 30. Filij tui usque ad quartam generationem sedebunt: &c. pag. 282. col. 2.
- Cap. 19. v. 35. Factum est igitur in nocte illa: &c. pag. 12. col. 1. in med.
- Ex Libr. 1. Paralipom.
- Cap. 3. v. 11. & seqq. Qui Ioram genuit Ochoziam: &c. pag. 281. col. 2. in fin.
- Ex Libr. 2. Paralipom.
- Cap. 22. v. 1. & seqq. Constituerunt autem: &c. pag. 281. col. 2. in fin.
- Ex Libr. 3. Esdrae.
- Cap. 4. v. 35. Veritas magna, & fortior præ omnibus. pag. 252. col. 2. in med.
- v. 41. Et omnes populi clamaverunt, & dixerunt: Magna est Veritas, & prævalet. pag. 252. col. 2. in med.
- Ex Libro Tobie.
- Cap. 1. v. 2. In captivitate tamen positus, viam veritatis non deseruit. pag. 399. col. 2.
- Ex Libr. Judith.
- Cap. 8. v. 5. In superioribus domus sue

- sua fecit sibi secretum cubiculum.* pag. 67. col. 2. circa fin.
- Cap. 9. v. 16. *Nec superbi ab initio placuerunt tibi: sed humiliū, & mansuetorum semper tibi placuit deprecatio.* pag. 223. col. 2. in med.
- Ex Libr. Job.
- Cap. 14. v. 1. & 2. *Homo natus de muliere, breui vivens tempore; &c. Qui quasi flos egreditur, & conteritur.* pag. 512. col. 2.
- Cap. 41. v. 3. *Non parcam ei, & verbis potentibus, & ad deprecandum compositis.* pag. 47. col. 2. in med.
- v. 24. *Non est super terram potestas, quae comparetur ei.* pag. 12. col. 1. in fin.
- Ex Libr. Psalmorum.
- Psal. 2. v. 7. *Filius meus es tu: ego hodie genui te.* pag. 193. col. 1. in fin.
- Psal. 4. v. 2. *secundum Psellum. Invocantē exaudivit me Deus iustitia mea.* pag. 350. col. 1. in fin.
- Psal. 5. v. 2. *Verba mea auribus percipe, Domine: intellige clamorem meum.* pag. 240. col. 2. in med.
- Psal. 11. v. 6. *Propter miseriam inopum, & gemitum pauperum, nunc exurgam, dicit Dominus.* pag. 179. col. 1. in princip.
- Psal. 18. v. 3. *Dies diei cruciat verbum.* pag. 153. col. 1. in fin.
- Ibid. *Et nox nocti indicat scientiam.* pag. 153. col. 1. in fin.
- v. 6. *In Sole posuit tabernaculum suum.* pag. 198. col. 2. & pag. 466. col. 2. & seqq.
- Ibid. *Et ipse tanquam sponsus procedens de thalamo suo.* pag. 466. col. 2. & seqq.
- Ibid. *Exultavit ut Gigas ad currendam viam.* pag. 467. col. 1 & 2.
- Ibid. *A summo caelo egressio ejus.* pag. 198. col. 1. in fin. & pag. 467 col. 1.
- v. 7. *Et occursum ejus usque ad summum ejus.* pag. 198. col. 2. in princip. & pag. 467. col. 1.
- Ibid. *Nec est, qui se abscondat à calore ejus.* pag. 102. col. 1. in med.
- v. 11. *Et dulciora super mel, & favum.* pag. 232. col. 2. in med.
- Psal. 21. v. 10. *Tu es, qui extraxisti me de ventre matris meae.* pag. 122. col. 1. in fin.
- v. 27. *Edent pauperes, & saturabuntur.* pag. 267. col. 1.
- v. 30. *Manducaverunt, & adraverunt omnes pingues terrae.* pag. 267. col. 1.

- Pfalm. 12. v. 1.** Dominus pascit me,  
& nihil mihi deerit pag. 269.  
col. 2.
- Pfalm. 24. v. 17.** De necessitatibus  
meis erue me. pag. 259 col. 2.
- Pfalm. 30. v. 11.** Infirmata est in pau-  
pertate virtus mea, & ossa mea  
conturbata sunt. pag. 259. col. 1.  
& seqq.
- Pfalm. 31. v. 1.** Beati quorum remis-  
sa sunt iniquitates, & quorum  
recta sunt peccata. pag. 314.  
col. 1. & pag. 316. col. 1.
- v. 4. **Conversus sum in arumna  
mea, dum configitur spina.** pag.  
509. col. 2.
- v. 11. **Latamini in Domino, & ex-  
ultate iusti, & gloriamini om-  
nes recti corde.** pag. 314. col. 2.
- Pfalm 32 v. 1 2 & 3.** Exultate ju-  
sti in Domino: rectos decet col-  
laudatio &c. pag. 315. col. 1. &  
seqq.
- Pfalm. 33 v. 11.** Divites eguerunt,  
& esuriunt: inquirentes au-  
tem Dominum non minuentur  
omni bono. pag. 269. col. 2.
- Pfalm. 35 v. 7. & 8.** Humines, & ju-  
mēta salvabis, Domine. Quem  
admodum multiplicasti. &c. pag.  
27. col. 2.
- Pfalm. 38. v. 4. & 5.** Concaluit cor  
meum intra me: & in medita-  
tione mea exarsit ignis. Lo-  
cutus sum in lingua mea, pag.

236. col. 2. in med.

**Pfalm. 43. v. 5.** Tu es ipse Rex meus,  
& Deus meus. pag. 80. col. 1. in  
princip. & pag. 229. col. 2.

**Ibid.** Qui mandas salutes Jacob,  
pag. 229. col. 2. circa med.

**Pfalm. 44. v. 8.** Unxit te Deus,  
Deus tuus oleo latitiae pra con-  
fortibus tuis. pag. 70. col. 1. in  
med.

v. 10. **Astitit Regina à dextris  
tuis.** pag. 25. col. 1. & pag. 352.  
col. 1. in fin. & pag. 447. col. 2. in  
med.

**Pfalm. 46 v. 6.** Ascendit Deus in  
jubilis, Dominus in voce tubae.  
pag. 229. col. 1. in fin.

v. 7. & 8. **Pfallite Deo nostro,  
psalite: psalite Regi nostro,  
psalite. Quoniam Rex: &c.**  
pag. 229. col. 1. in princip. &  
seqq.

v. 9. **Deus sedet super sedem sanc-  
tam suam.** pag. 229. col. 2. in  
med.

**Pfalm. 48. v. 13.** Homo cum in ho-  
nore esset; &c. pag. 337. col. 1. in  
fin.

**Pfalm. 49. v. 22.** Intelligite hæc qui  
obliviscimini Deum: &c. pag.  
473. col. 2. & seqq.

v. 23. **Sacrificium laudis honori-  
ficabis me: & illic iter, quo of-  
tendam illi salutare Dei.** pag.  
473. col. 1. & 2. & seqq.

**Pfalm.**

**Pfalm. 50. v. 3.** Secundum magnam misericordiam tuam: & secundum multitudinem miserationum tuarum. pag. 51. col. 2.

**v. 7.** Ecce enim in iniquitatibus conceptus sum: & in peccatis concepit me mater mea. pag. 495. col. 2. in fin.

**Pfalm. 54. v. 1.** In carminibus intellectus David. pag. 230. col. 1. in med.

**v. 18.** Vespere, mane, & meridie narrabo, & annuntiabo, & exaudiet vocem meam. pag. 37. col. 1. in med.

**Pfalm. 55. v. 10.** In quacumque die invocavero te: ecce cognovi quoniam Deus meus es. pag. 132. col. 2. in fin.

**v. 11.** In Deo laudabo verbum, in Domino laudabo sermonem. pag. 132. col. 2. in fin. & seqq.

**Pfalm. 57. v. 5. & 6.** Sicut aspidis surda, & obturatis aures suas, qua non exaudiet vocem incantantium, & venefici incantantis sapienter. pag. 335. col. 1. in fin. & seqq.

**Pfalm. 61. v. 9.** Effundite coram illo corda vestra. pag. 475. col. 2.

**Pfalm. 62. v. 6.** Sicut adipe, & pinguedine repleatur anima mea: & labijs exultationis laudabis os meum. pag. 246. col. 2. in med.

**Pfalm. 64. v. 12.** Benedices Corona

anni benignitatis tuae: & campi tui replebuntur ubertate. pag. 250. col. 2. in princip. & seqq.

**Pfalm. 67. v. 19.** Ascendisti in altum, cepisti captivitatem. pag. 453. col. 1.

**v. 32.** Ethiopia praeveniet manus ejus Deo. pag. 170. col. 1. in med.

**Pfalm. 68. v. 3.** Veni in altitudinem maris: & tempestas demersit me. pag. 468. col. 2.

**v. 29.** Deleantur de Libro viventium: & cum justis non scribatur. pag. 318. col. 2.

**Pfalm. 76. v. 21.** Deduxisti sicut oves populum tuum in manu Moysi, & Aaron. pag. 406. col. 1.

**Pfalm. 83. v. 8.** Videbitur Deus Deorum in Sion. pag. 437. col. 1.

**Pfalm. 84. v. 2.** Benedixisti, Domine, terram tuam: aueristi captivitatem Iacob. pag. 498. col. 2. & seqq.

**v. 3.** Remisisti iniquitatem plebis tuae. pag. 499. col. 1. in princip.

**Pfalm. 87. v. 3.** Intret in conspectu tuo oratio mea. pag. 50. col. 1. in princ.

**Pfalm. 88. v. 52.** Quod exprobraverunt inimici tui, Domine, quod exprobraverunt, communitationem Christi tui. pag. 37. col. 2.

**Pfalm. 89. v. 6.** Mane sicut herba transeat, mane sicut

- scat: vespere decidat, induret,  
& arefcat. pag. 503. col. 1. in  
med.
- Psalms. 90. v. 10. Non accedet ad te  
malum. pag. 134. col. 1. in med.
- Psalms. 93. v. 1. Deus ultionum Do-  
minus: Deus ultionum liberè  
egit. pag. 324. col. 1. & pag. 449.  
col. 1.
- Psalms. 108. v. 7. Oratio ejus fiat in  
peccatū. pag. 222. col. 1. in med.  
& pag. 223. col. 1. in fin.
- Psalms. 115. v. 12. & 13. Quid re-  
tribuat Domino pro omnibus,  
quæ retribuit mihi? Calicem  
salutaris accipit: &c. pag. 297.  
col. 1.
- Psalms. 117. v. 19. Aperite mihi por-  
tas justitiæ, ingressus in eas cõ-  
ficbor Domino. pag. 295. col. 1.
- v. 20. Hæc porta Domini, justi intra-  
bunt in eam. pag. 295. col. 1.
- Psalms. 118. v. 103. Quam dulcia  
faucibus meis eloquia tua, su-  
per mel ori meo! pag. 232. col. 2.  
in med.
- v. 164. septies in die laudem di-  
xi tibi. pag. 228. col. 2.
- v. 170. Urget postulatio mea in  
cor spectu tuo. pag. 50. col. 1. in  
princip.
- Ibid. Secundum eloquium tuum  
eripe me pag. 349. col. 2.
- v. 173. Fiat manus tua, ut salvet  
me. pag. 450. col. 2. in fin. &  
seqq.
- Psalms. 135. v. 8. Solem in potestate  
dici. pag. 101. col. 2. in fin.
- Psalms. 138. v. 6. Mirabilis facta est  
scientia tua ex me. pag. 364. col.  
2.
- Psalms. 145. v. 7. Qui dat escam  
esurgentibus. pag. 267. col. 2.
- Psalms. 146. v. 7. Precinite Domino.  
pag. 345. col. 2. & seqq.
- v. 9. Qui dat jumentis escam ip-  
sorum: & pullis corvorum in-  
vocantibus eum. pag. 277. col. 1.  
in fin.
- Psalms. 150. v. 3. 4. & 5. Laudate eum  
in sonu tubæ: &c. pag. 240. col. 1.  
in med. & pag. 244. col. 1. in  
princip.
- Ex Libr. Proverbiorum.
- Cap. 6. v. 11. Venit tibi quasi viator  
egestas, & pauperies quasi vir  
armatus. pag. 272. col. 2.
- Cap. 7. v. 11. Quietus impatiens, nec  
valens in domo consistere pedi-  
bus suis. pag. 65. vers. col. 2. in  
princip.
- v. 14. & 15. Victimæ pro salute  
devoti, hodie reddidi vota mea.  
&c. pag. 65. vers. col. 2. in med.  
& pag. seqq.
- Cap. 8. v. 12. Ego eruditiis intersum  
cogitationibus. pag. 301. col. 1.
- v. 30. Cum coeram cuncta com-  
ponens. pag. 320. col. 1.
- v. 34. Qui vigilat ad fores meas  
quotidie, & observat ad postes  
ostij

- ostij mei. pag. 453. col. 1. in med.
- Cap. 30. v. 18. & 19. Tria sunt difficilia mihi: &c. Viam Aquila in Calos: &c. pag. 468. col. 1.
- Cap. 31. v. 6 & 7. Date vinum his, qui amaro sunt animo: bibant, & obliuiscantur cgestatis suae, & doloris sui non recordentur amplius pag. 482. col. 2.
- v. 14. Navis institoris de longè portans panem suum. pag. 468. col. 2.
- Ex Libr. Ecclesiastes.
- Cap. 1. v. 5. & 6. Oritur Sol, & occidit, & ad locum suum revertitur: ibique renascens gyrat per Meridiem. pag. 126. col. 1. circa fin. & col. 2. in med. & seqq.
- Cap. 11. v. 2. Da partem septem, nec non & octo. &c. pag. 296. col. 1. & seqq.
- Ex Libr. Cantic. Canticor.
- Cap. 1. v. 3. Oleum effusum nomen tuum. pag. 459. col. 1.
- Ibid. Trahe me: post te curremus in odorem unguentorum tuorum. pag. 338. col. 2. & seqq.
- v. 4. Memores uberum tuorum super vinum. pag. 482. col. 2. in princ.
- v. 5. Nigra sum, sed formosa, Filia Ierusalem, sicut tabernacula Cedar, sicut pelles Salomonis. pag. 172. col. 2. in princ. & seqq.
- v. 6. Nolite me considerare, quòd fusca sim, quia decoloravit me Sol. pag. 173. col. 1.
- v. 7. Indica mihi, quem diligit anima mea, ubi pascas, ubi cubes in meridie, ne vagari incipiam post greges sodalium. pag. 199. col. 2. in princ. & pag. 438. col. 1. & seqq.
- v. 8. Si ignoras te, abi post vestigia gregum tuorum. pag. 438. col. 2. & seqq.
- v. 13. Fasciculus myrrhae dilectus meus mihi, inter ubera mea commorabitur. pag. 207. col. 1. in fin. & seqq.
- Cap. 2. v. 1. Ego flos campi, & lilium convallium. pag. 205. col. 2. in princip.
- v. 9. En ipse stat post parietem nostrum respiciens per fenestras. pag. 144. col. 1. in med. & seqq.
- Cap. 3. v. 2. Per vicus, & plateas quaram illum. pag. 31. col. 2. in med.
- v. 6. Quae est ista, quae ascendit per desertum, sicut virgula fluminis; &c. pag. 60. col. 2. in med.
- v. 9. & 10. Ferculum fecit sibi Rex Salomon de lignis Libani; &c. pag. 432. col. 2. in fin. & seqq.
- v. 11. Egredimini, & videte, filie.

- filia Sion, Regem Salomonem  
in Diademate, quo coronavit il-  
lum mater sui. pag. 500. col. 1.  
in med. & seqq.
- Cap. 4. v. 4. Mille clypei pendent  
ex ea. pag. 32. col. 1. in med.
- v. 5. Duo ubera tua, sicut duo hin-  
nuli caprea gemelli. pag. 460.  
col. 2. & pag. 481. col. 2.
- v. 6. Donec aspiret dies, & incli-  
nentur umbra pag. 36. col. 1. in  
med.
- v. 8. Veni de Libano, Sponsa mea,  
veni de Libano, veni: coronabe-  
ris. pag. 90. col. 2. in fin. & seqq.
- Ibid. De capite Amara, de ver-  
tice Sanir, & Hermon. pag. 91.  
col. 2. in princ.
- v. 9. Vulnerasti cor meum, Soror  
mea Spōsa, vulnerasti cor meū.  
pag. 441. col. 2. & seqq.
- v. 10. Pulchriora sunt ubera tua  
vino. pag. 482. col. 1. in fin.
- v. 11. Favus distillans labia tua,  
Sponsa: mel, & lac sub lingua  
tua. pag. 233. col. 1. in princip.
- v. 12. Fons signatus. pag. 461. col.  
2.
- v. 13. Cum pomorum fructibus.  
pag. 508. col. 1.
- v. 16. Surge Aquilo, & veni Aus-  
rer, perfla horum meum, &  
fluant aromata. pag. 183. col. 1.  
in princip.
- Cap. 5. v. 1. Veniat dilectus meus in  
hortum suum, & comedat fruc-  
tum pomorum suorum. pag. 508  
col. 1.
- Ibid. Bibi vinum meū cum lacte  
meo. pag. 459. col. 1. & pag. 482.  
col. 1. & seqq.
- v. 12. Oculi ejus sicut columba  
super rivulos aquarum, quae la-  
ete sunt lota. pag. 483. col. 2.
- Cap. 6. v. 1. Dilectus meus d. scen-  
dit in hortum suum ad areolam  
aromatam, ut pascatur in hor-  
tis, & lilia colligat. pag. 211. col.  
1. in med.
- v. 3. Decora sicut Ierusalem. pag.  
212. col. 1. in med.
- Ibid. Terribilis ut castrorum  
acies ordinata. pag. 212. col. 1. in  
med.
- v. 8. Una, & c. Electa. pag. 72. col.  
2. in med. & seqq.
- Ibid. Viderunt eam filiae, & Bea-  
tissimam predicaverunt eam.  
pag. 73. col. 2. in princ.
- v. 9. Quae est ista, quae progressi-  
tur quasi Aurora consurgens,  
pulchra ut Luna, electa ut Sol?  
pag. 73. col. 1. in med. & pag. 151.  
col. 1. in fin. & pag. 213. col. 1. in  
med. & seqq.
- Ibid. Terribilis ut castrorum  
acies ordinata? pag. 213. col. 1.  
in med.
- Cap. 7. v. 2. ex Text. Hebr. Venter  
tuus sicut acervus tritici, val-  
latus

- latus rosis. pag. 375. col. 1. & seqq. & pag. 452. col. 2.
- Ibid. Vallatus lilijis. pag. 452. col. 2.
- v. 3. ex Text. Hebr. Ubera tua sicut duo hinnuli gemelli caprea, qui pascuntur in reſis. pag. 375. col. 1. & seqq.
- v. 8. Ubera cua sicut botri. pag. 482. col. 2. in princ.
- v. 11. Egrediamur in agrū. pag. 503. col. 1.
- v. 12. Manē surgamus. pag. 503. col. 1.
- Ibid. Videamus, si flores fructus parturiunt. pag. 503. col. 1.
- Cap. 8. v. 6. Pone me ut signaculum super cor tuum, ut signaculum super brachium tuum. pag. 414. col. 2.
- Ex Libr. Sapientie.
- Cap. 7. v. 25. Nihil inquinatum in eam incurrit. pag. 305. col. 1.
- Cap. 18. v. 14. & 15. Cum quietum silentium contineret omnia, & nox in suo cursu medium iter haberet: &c. pag. 60. col. 2. in fin.
- Ex Libr. Ecclesiastici.
- Cap. 24. v. 8. Gyrum Cali circuiti sola. pag. 198. col. 2. in fin.
- v. 13. In electis meis mitte radices. pag. 321. col. 1.
- v. 17. Quasi Cedrus exaltata sum in Libano: &c. pag. 433. col. 2. in med. & seqq.
- v. 18. Et quasi Cypressus in monte Sion: quasi Palma exaltata sum in Cades. pag. 433. col. 2. & seqq.
- Ibid. Et quasi plantatio Rosa in Iericho. pag. 87. col. 1. in med. & pag. 273. col. 2. in fin. & pag. 321. col. 1. & pag. 433. col. 2. & seqq. & pag. 490. col. 1.
- v. 19. Quasi Oliva speciosa in cāpis. pag. 433. col. 2. & seqq.
- Ibid. Et quasi Platanus exaltata sum juxta aquam in plateis. pag. 31. col. 2. in princ. & pag. 433. col. 2. & seqq.
- v. 23. Flores mei, fructus honoris, & honestatis. pag. 277. col. 2 & seqq. & pag. 507. col. 2. in med.
- v. 26. Transite ad me omnes, qui concupiscitis me. pag. 273. col. 2. in fin. & seqq.
- Ibid. Et a generationibus meis implemini. pag. 274. col. 1.
- Cap. 31. v. 9. & 10. Quis est hic, & laudabimus eum? Fecit enim mirabilia in vita sua. Qui potuit transgredi: &c. pag. 19. col. 2. in fin.
- Cap. 39. v. 17. & seqq. O baudite me Divini fructus: & quasi Rosa plantata super rivus aquarum fructificate. &c. pag. 204. col. 2. in fin. & seqq.

- Ex Prophet. Isaia.
- Cap. 3 v. 3. Prudentem eloquij mystici. pag. 346 col. 2. & seqq.
- Cap. 5 v. 2. secundum Septuaginta. Expectata est ut faceret uvas, fecit autem spinas. pag. 510. col. 1.
- Cap. 6 v. 5. *Vae mihi, quia tacui, quia vir pollutus labijs ego sum.* pag. 17. col. 1. in fin.
- v. 7. *Et tetigit os meum: &c.* pag. 472. col. 2. in fin.
- Cap. 7 v. 14. Propter hoc dabit Dominus ipse vobis signum. pag. 196 col. 1. in med.
- Ibid. *Ecce, Virgo concipiet, & pariet filium.* pag. 109. col. 1. in med. & pag. 196. col. 1. in princ. & pag. 197. col. 2. in med. & seqq. & pag. 457. col. 2.
- Ibid. *Et vocabitur nomen ejus Emmanuel.* pag. 196. col. 1. in princip.
- v. 16. *Antequam sciat puer reprehendere malum, & eligere bonum.* pag. 197. col. 1.
- Cap. 9 v. 6. *Parvulus natus est nobis, & Filius datus est nobis.* pag. 197. col. 1. in med.
- Cap. 11 v. 1. *Egredietur virga de radice Jesse.* pag. 335 col. 1.
- v. 8. *Delectabitur Infans ab ubere super foramine aspidis.* pag. 334. col. 2. in fin. & seqq.
- Cap. 16 v. 1. *Emitte agnum, Domine, dominatorem terrae, de Petra deserti.* pag. 389. col. 2. in fin.
- Cap. 29 v. 11. & 12. *Et erit vobis visio omnium sicut verba libri signati.* &c. pag. 239. col. 1. in med.
- Cap. 30 v. 20. *Dabit vobis Dominus paucem arctum.* pag. 266. col. 1.
- v. 21. *Hac est via, ambulate in ea.* pag. 487. col. 2.
- v. 23. *Et panis frugum terrae erit uberrimus, & pinguis.* pag. 266. col. 1.
- Cap. 40 v. 6. & 7. *Vox dicentis, Clama. Et dixi, Quid clamabo? Omnis caro fenum, & omnis gloria ejus quasi flos agri. Exsiccatum est fenum, & cecidit flos.* pag. 512. col. 1.
- Cap. 45 v. 15. *Verè tu es Deus absconditus, Deus Israel Salvator.* pag. 406. col. 2.
- Cap. 49 v. 2. *Posuit me sicut sagittam electam: in pharetra sua abscondit me.* pag. 208. col. 1. in fin.
- Cap. 51 v. 2. *Attendite ad Abraham patrem vestrum, & ad Saram, qua peperit vos.* pag. 282. col. 1. in med.
- Cap. 55 v. 7. *Quoniam nullus est ad ignoscendum.* pag. 511. col. 2. in med.

Cap. 60. v. 4. Filij tui de longe ve-  
nient, & filia tua de latere  
surgent. pag. 154. col. 2. in  
princip.

Cap. 61. v. 1. Spiritus Domini su-  
per me, ed quod unxerit Domi-  
nus me. pag. 179. col. 1. circa  
med.

Ibid. Ut mederer contritis cor-  
de, & predicarem captivis in-  
dulgentia. pag. 179. col. 1. in med.  
v. 3. Ut consolaber omnes. luge-  
rent. pag. 179. col. 1. in med.

Ex Prophet. Jeremix.

Cap. 6. v. 16. State super vias, &  
videte, & interrogate de semi-  
nis antiquis. &c. pag. 476. col.

1. & 2. v. 13. Seminauerunt triti-  
cum, & spinas messuerunt. pag.  
510. col. 1. in princip.

Cap. 14. v. 11. Noli orare pro populo  
isto. pag. 346. col. 1.

Cap. 27. v. 2. & 3. Hac dicit Domi-  
nus ad me: Fac tibi vincula,  
& catenas: &c. pag. 425. col.  
1. in med.

Cap. 31. v. 22. Usquequod delicijs dis-  
solveris, filia vaga? pag. 199.  
col. 1. in fin. & seqq.

Ibid. Quia creavi Dominus  
morum super terram: Femina  
circundabis virum. pag. 197.  
col. 1. in med. & seqq. & pag.  
199. col. 1. in med. & seqq.

Cap. 37. v. 2. Et non obediuit ipse:  
&c. pag. 429. col. 2.

v. 18. Ubi sum Propheta vestri?  
&c. pag. 429. col. 2.

Cap. 51. v. 56. Quia foris ullaor Do-  
minus. pag. 324. col. 2.

Threnor. Cap. 2. v. 20. Ergone co-  
modent mulieres fructum lactis  
&c. pag. 256. col. 1. in fin.

Threnor. Cap. 3. v. 28. Sedebit soli-  
tarius, & tacebit: quia leuavit  
se super se. pag. 61. col. 1. in  
princip.

v. 65. Scutum cordis. pag. 146.  
col. 1. in med.

Ex Prophet. Ezechielis.

Cap. 3. v. 1. Comede volumen istud.  
pag. 233. col. 2. in med.

v. 3. Comedi: & factum est in cre-  
scit meo sicut mel dulce. pag. 233.  
col. 2. in med.

v. 5. Non enim ad populum ig-  
nota lingua tu mitteris. pag.  
233. col. 2. in fin.

Cap. 17. v. 3. Aquila grandis mag-  
narum alarum. pag. 468. col. 2.

Cap. 37. v. 8. Ecce, ego introitum  
in vos spirituum, & vivetis.  
pag. 365. col. 2.

v. 7. & 8. Accesserunt ossa ad os-  
sa, unumquodque ad iuncturam  
suam. &c. pag. 366. col. 1.

v. 9. & 10. Vatinare ad spiri-  
tum, & diccs: Haec dicit Do-  
minus Deus: A quatuor ven-

- 213; &c. pag. 366. col. 1.  
 Cap. 40. v. 22. Et septem gradum  
 erat ascensus ejus. pag. 299.  
 col. 2.  
 v. 37. Et in octo gradibus ascen-  
 sus ejus. pag. 299. col. 2.  
 Ex Prophet. Daniel.  
 Cap. 3. v. 47. Et effundebatur flam-  
 ma super fornacem cubitis qua-  
 draginta novem. pag. 310. col. 1.  
 v. 50. Quasi ventum roris slan-  
 tem. pag. 310. col. 1.  
 v. 51. Hi tres quasi ex uno ore  
 laudabant, & glorificabant, &  
 benedicebant Deum. pag. 310.  
 col. 1.  
 Ibid. Benedictus es, Domine  
 Deus Patrum nostrorum. pag.  
 310. col. 1.  
 v. 71. Benedicite noctes, & dies  
 Domino. pag. 153. col. 1. in princ.  
 v. 88. Quia eruit nos de inferno.  
 pag. 310. col. 2.  
 v. 92. Et species quarti similis  
 Filio Dei. pag. 310. col. 1.  
 Cap. 4. v. 30. & seqq. Eadem hora  
 sermo completus est; &c. pag.  
 337. col. 2.  
 Cap. 10. v. 8. Ego autem relictus so-  
 lus vidi visionem quādam hanc.  
 pag. 57. col. 1. in med.  
 Ex Prophet. Osee.  
 Cap. 2. v. 14. Ecce ego lactabo  
 eam, & ducam eam in solitudi-  
 nem: & loquar ad cor ejus. pag.  
 61. col. 1. in med.  
 Cap. 14. v. 3. Tollite vobiscum ver-  
 ba. pag. 475. col. 1. & 2.  
 Ibid. Accipe bonum: & redde-  
 mus vitulos labiorum nostrorum.  
 pag. 475. col. 1. & 2.  
 Ex Prophet. Michæ.  
 Cap. 6. v. 4. Quia eduxi te de Terra  
 Egypti: & misi ante fa-  
 ciem tuam Moysen, & Aaron,  
 & Mariam. pag. 77. col. 1. prope  
 fin. & pag. 78. col. 1. in fin.  
 Ex Prophetia Habacuc.  
 Cap. 3. v. 11. ex Text. Græc. Ele-  
 vatus est Sol, & Luna stetit.  
 pag. 352. col. 1. in fin.  
 Ex Prophetia Aggæi.  
 Cap. 1. v. 6. Seminaftis multum, &  
 intulistis parum. pag. 247. col. 1.  
 in med.  
 Ex Prophetia Zachariæ.  
 Cap. 6. v. 12. Vir oriens nomen ejus.  
 pag. 451. col. 2.  
 Cap. 11. v. 8. Succidi tres Pastores in  
 mense uno. pag. 77. col. 1. in  
 princ. & seqq.  
 Ex Libr. 1. Machabæorum.  
 Cap. 1. v. 11. Et exijt ex eis radix  
 peccatrix, Antiochus Illustris,  
 &c. pag. 402. col. 2.  
 v. 16. Et juncti sunt Nationibus,  
 & venundati sunt, ut facerent  
 malum. pag. 403. col. 1.  
 Ex Libr. 2. Machabæorum.  
 Cap. 6. v. 7. Cogebantur Hederâ co-  
 ronati

ronati Libero circuire . pag.  
414. col. 1.

Ex D. Matthæo.

Cap. 1. v. 1. Liber generationis Iesu  
Christi. pag. 150. col. 1. & pag.

169. col. 2. in med. & pag. 286.  
col. 1. & pag. 494. col. 2. & pag.

498. col. 1.

Ibid. Filij David, filij Abra-  
ham. pag. 169. col. 2. in med. &  
pag. 498. col. 1.

v. 2. Abraham genuit Isaac. I-  
saac autem genuit Iacob: &c.  
pag. 494. col. 2. in fin. & seqq.

Ibid. Iacob autem genuit Iudam,  
& fratres ejus. pag. 149. & se-  
qq. & pag. 494. col. 2. in fin. &  
seqq.

v. 5. Booz autem genuit Obed ex  
Ruth. pag. 249. & seqq.

Ibid. Obed autem genuit Iesse.  
Iesse autem genuit David Re-  
gem. pag. 251. col. 2. & seqq. &  
pag. 495. col. 2.

v. 6. David autem Rex genuit  
Salomonem. pag. 394. col. 1. &  
pag. 495. col. 2.

v. 8. Ioram autem genuit Oziam.  
pag. 281. & seqq.

v. 11. & 12. Iosias autem genuit  
Iechoniam, & fratres ejus in  
transmigratione Babylonis. Et  
post transmigrationem: &c.  
pag. 391. & seqq.

v. 16. Iacob autem genuit Ioseph

virum Maria: de qua natus est  
Iesus, qui vocatur Christus.  
pag. 69. in princip. & seqq. &  
pag. 488. & seqq.

v. 17. Omnes itaque generatio-  
nes, ab Abraham usque ad Da-  
vid, generationes quatuor de-  
cim: &c. pag. 283. col. 2.

v. 20. Quod enim in ea natum  
est, de Spiritu Sancto est. pag.  
108. col. 1. in princ.

Cap. 2. v. 1. Ecce Magi: &c. pag.  
366. col. 1.

v. 11. Invenierunt puerum cum  
Maria Matre ejus. pag. 171.  
col. 2. in princ.

v. 23. Quoniam Nazareus voca-  
bitur. pag. 506. col. 1. in princ.

Cap. 3. v. 16. Aperti sunt cali. pag.  
292. col. 2. in fin.

v. 17. Hic est Filius meus dilec-  
tus. pag. 34. col. 1.

Cap. 4. v. 1. Ductus est Iesus in de-  
sertam: &c. pag. 32. col. 2. in fin.  
& pag. 33. col. 2. in fin.

v. 2. Postea esuriit. pag. 257. col. 2.  
v. 3. Et accedens tentator. pag.  
257. col. 2.

Ibid. Si Filius Dei es. pag. 34. col.  
1. in princip. & pag. 258. col. 1.  
in med.

Ibid. Dic, ut lapides isti panes fi-  
ant. pag. 258. col. 1. in med.

Cap. 6. v. 6. Tu autem cum orave-  
ris, intra in cubiculum tuum,

- & clauso ostio, ora. Patrem tuum  
 in abscondito, pag. 52. col. 2. in  
 princ. & pag. 56. col. 2. in fin.  
 v. 9. Patet. pag. 308. col. 2.  
 Ibid. Sanctificetur nomen tuum.  
 pag. 133. col. 2. in med. & pag.  
 134. col. 2. in princ.  
 v. 10. Adveniat Regnum tuum.  
 pag. 133. col. 2. in fin.  
 v. 12. Dimittite nobis debita nos-  
 tra. pag. 308. col. 1.  
 v. 13. Sed libera nos à malo. pag.  
 308. col. 1.  
 Ibid. Amen. pag. 308. col. 2.  
 v. 25. Ne solliciti sitis quid man-  
 ducatis pag. 268. col. 2.  
 v. 34. Nolite ergo solliciti esse in  
 crastinum. pag. 268. col. 2.  
 Cap. 7. v. 13. Lata porta, & spatiofa  
 via est, qua ducit ad perditio-  
 nem: & c. pag. 31. col. 2. in med.  
 & pag. 476. col. 2. in fin. & seqq  
 v. 14. Arcta via est, qua ducit ad  
 vitam: & c. pag. 31. col. 2. in med.  
 & pag. 294. col. 2. & pag. 476.  
 col. 2. in fin. & seqq.  
 v. 16. Nunquid colligunt de spi-  
 nis uvas, aut de tribulis ficus?  
 pag. 508. col. 1.  
 v. 21. Qui facit voluntatem Pa-  
 tris mei, qui in Calis est. pag.  
 134. col. 1. in princ.  
 Cap. 8. v. 8. Domine, non sum dig-  
 nus, ut intres sub tectum meum:  
 sed tantum dic verbo, & fa-  
 nabitur puer meus. pag. 131. col.  
 2. in med.  
 Cap. 9. v. 12. Non est opus valenti-  
 bus Medicus, sed male habenti-  
 bus. pag. 141. col. 1. propè fin.  
 Cap. 11. v. 19. Homo vorax, & pota-  
 tor vini. pag. 325. col. 2.  
 v. 28. Venite ad me omnes, qui la-  
 boratis. pag. 286. col. 2. in fin.  
 v. 29. Et invenietis requiem ani-  
 mabus vestris. pag. 286. col. 2.  
 in fin.  
 Cap. 12. v. 42. Regina Aethi. pag.  
 183. col. 1. circa fin.  
 Cap. 13. v. 55. Fabii filius. pag. 21.  
 col. 1. in fin.  
 Cap. 14. v. 23. Dimissa turba as-  
 cendit in montem solus orare.  
 pag. 53. col. 1. in med.  
 Cap. 16. v. 19. Tibi dabo claves Reg-  
 ni Calorum. Et quodcumque  
 ligaveris super terram, erit li-  
 gatum. & in Calis: & c. pag. 92.  
 col. 2. in fin. & seqq. & pag. 101.  
 col. 2. in med.  
 Cap. 17. v. 5. Hic est Filius meus di-  
 lectus, in quo mihi bene com-  
 placui. pag. 204. col. 2. in princ.  
 Cap. 18. v. 10. Semper videntur faciè  
 Patris. pag. 54. col. 1. in princ.  
 v. 20. Ubi sunt duo, vel tres. pag.  
 349. col. 2.  
 Ibid. Ibi sum in medio eorum.  
 pag. 59. col. 1. in med.  
 v. 22. Non dico tibi usque septies:  
 sed

- sed usque septuagies septies.*  
pag. 288. col. 2. in med.
- Cap. 20. v. 1. & seqq. *Simile est Regnū Calorum homini patri- familias: &c.* pag. 313. col. 1.
- v. 22. *Nescitis quid petatis.* pag. 132. col. 1. in med.
- Cap. 23. v. 27. *Vae vobis, Scribae, & Pharisei hypocrita: quia similes estis sepulchris dealbatis.* pag. 174. col. 2. in princ.
- Ibid. *Qua à foris parent homi- nibus speciosa, intus verò ple- na sunt ossibus mortuorum, & omni spurcitiâ.* pag. 174. col. 2. in med.
- Cap. 24. v. 15. *Qui legit, intelligat.* pag. 227. col. 1. in princ.
- Cap. 25. v. 2. *Quinque autem ex eis erant fatuae, & quinque prudē- tes.* pag. 302. col. 1.
- v. 15. *Quinque talenta.* pag. 302. col. 1. in fin.
- Cap. 26. v. 15. *Constituerunt ei tri- ginta argenteos.* pag. 158. col. 2. in med.
- v. 26. *Accipite, & comedite: Hoc est Corpus meum.* pag. 114. col. 2. in med.
- v. 38. *Sustinete hic, & vigilate mecum.* pag. 45. col. 2. in fin.
- v. 39. *Pater mi, si possibile est, transeat à me calix iste.* pag. 46. col. 1. in med.
- v. 40. *Sic non potuistis unâ horâ*
- vigilare mecum?* pag. 46. col. 2. in fin.
- v. 41. *Vigilate, & erate.* pag. 47. col. 1. in princ.
- v. 43. *Invenit eos dormientes.* pag. 46. col. 2. circa fin.
- Ibid. *Erant enim oculi eorū gra- vati.* pag. 47. col. 1. in med.
- v. 45. *Ecce appropinquavit hora, & Filius hominis tradetur in manus peccatorum.* pag. 123. col. 2. in fin.
- v. 49. *Ave Rabbi.* pag. 222. col. 1. in med.
- v. 50. *Et manus iniecerunt in Iesum.* pag. 264. col. 1. in med.
- v. 53. *An putas, quia non possum rogare Patrem meum?* &c. pag. 13. col. 2. in princ.
- Cap. 27. v. 45. *A sexta autem hora: &c.* pag. 336. col. 2.
- v. 46. *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquisti me?* pag. 514. col. 1.
- v. 51. 52. & 53. *Et ecce velum Templi: &c.* pag. 336. col. 2.
- Cap. 28. v. 9. *Ille autem accesserūt, & renuerunt pedes ejus.* pag. 45. col. 1.
- v. 18. *Data est mihi omnī potes- tas in Cælo, & in terra.* pag. 93. col. 1. in med.
- v. 20. *Ecce ego vobiscū sum, ::: usque ad consummationem sæ- culi.* pag. 119. col. 2. in fin.

## Ex D. Marco.

- Cap. 1. v. 35. *Egressus abiit in desertum locum, ibique orabat.* pag. 53. col. 1. in med.
- Cap. 5. v. 9. *Legio mihi nomen est, quia multi sumus.* pag. 48. col. 1. in med. & col. 2.
- v. 10. *Et deprecabatur eum.* pag. 48. col. 2. in med.
- Cap. 11. v. 24. *Quicumque orantes petitis, credite quia accipietis.* pag. 239. col. 2. in med.
- Cap. 14. v. 48. *Tanquam ad latro- nem existis, &c. comprehende- re me? quotidie eram apud vos: &c.* pag. 158. col. 2.
- Cap. 15. v. 15. *Flagellis casum.* pag. 158. col. 2. in med.
- Cap. 16. v. 15. *Euntes in mundum uniuersum, predicate omni creaturae.* pag. 229. col. 2. in med.
- Ex D. Luca.
- Cap. 1. v. 26. *Missus est Angelus Gabriel à Deo in Civitatem Galilae, cui nomen Nazareth.* pag. 505. col. 1.
- v. 27. *Ad Virginem desponsatam viro: &c. & nomen Virginis Maria.* pag. 505. col. 1.
- v. 28. *Ave gratia plena, Domi- nus tecum.* pag. 2. col. 1. in med. & pag. 11. col. 1. & pag. 321. col. 1.
- Ibid. *Benedicta tu in mulieribus.* pag. 10. col. 2. in fin. & pag. 189.

col. 2. prope fin. &amp; seqq.

- v. 31. *Ecce concipies in utero, & paries Filium: & vocabis no- men eius Iesum.* pag. 109. col. 1. in med. & pag. 189. col. 2. in med. & pag. 190. col. 1. & pag. 506. col. 1. in princ. & pag. 507. col. 2. in princ.
- v. 32. *Et regnabit in domo Iacob.* pag. 157. col. 1. in princ.
- v. 34. *Quomodo fiet istud? pag. 190. col. 2. in fin. & pag. 507. col. 2.*
- Ibid. *Quoniam virum non cog- nosco? pag. 507. col. 2.*
- v. 35. *Spiritus Sanctus superve- niet in te.* pag. 436. col. 2.
- Ibid. *Virtus Altissimi obumbrabit tibi.* pag. 193. col. 2.
- v. 38. *Ecce ancilla Domini.* pag. 155. col. 2. in princ. & seqq.
- Ibid. *Fiat mihi secundum verbū tuum.* pag. 156. col. 1. in med. & pag. 191. col. 1. in med.
- v. 39. *Abiit in montana cum fes- tinatione.* pag. 456. col. 1.
- v. 44. *Exultavit in gaudio infans in utero meo.* pag. 221. col. 1. in med.
- v. 45. *Beata quae credidi tibi.* pag. 110. col. 1. in princ.
- v. 46. & 47. *Magnificat anima mea Dominum: & exultavit spiritus meus in Deo salutari meo.* pag. 235. col. 1. in princ. & pag.

- pag. 456. col. 1.  
 v. 48. Quia respexit humilitatem ancilla sua: ecce enim ex hoc Beata me dicent omnes generationes. pag. 73. col. 2. in princ. & pag. 110. col. 1. in princ. & pag. 160. col. 2. in med. & seqq.  
 v. 49. Fecit mihi magna qui potens est. pag. 445. col. 2.  
 v. 51. Fecit potentiam in brachio suo. pag. 451. col. 2.  
 v. 51. 52. & 53. Dispersionem superbos mente cordis sui. Deposuit potentes de sede, & exaltavit humiles. &c. pag. 178. col. 1. in fin. & pag. 249. col. 1. & seqq.  
 Cap. 2. v. 14. Gloria in altissimis Deo: & in terra pax hominibus. pag. 456. col. 1.  
 Cap. 3. v. 5. Omnis vallis implebitur: & omnis mons, & collis humiliabitur. pag. 22. col. 1. & 2.  
 Cap. 5. v. 4. & 5. Ut cessavit autem loqui: &c. pag. 305. col. 1.  
 Cap. 6. v. 12. Erat pernoctans in oratione Dei. pag. 59. col. 2. in med.  
 v. 37. Dimitte, & dimittemini. pag. 134. col. 1. post princip.  
 Cap. 7. v. 4. & 5. At illi cum venissent ad Iesum, rogabant eum sollicitè, dicentes ei: Quia dignus est, ut hoc illi praestes: &c. pag. 131. col. 2. ante fin.  
 Cap. 8. v. 30. Iatruerant Dæmonia multa in eum. pag. 48. col. 2. in med.  
 v. 31. Rogabant illum, ne imperaret illis, ut in abyssum iret. pag. 47. col. 2. in fin. & pag. 48. col. 2. in med.  
 v. 32. Et rogabant eum, ut permitteret eis in illos ingredi. pag. 48. col. 1. in princip.  
 Ibid. Et permisit illis. Ibidem.  
 Cap. 9. v. 18. Et factum est, cum solus esset orans. pag. 53. col. 1.  
 v. 28. Ascendit in montem, ut oraret. pag. 53. col. 1. in fin.  
 Cap. 11. v. 1. D. mine, doce nos orare. pag. 2. col. 1. in princip.  
 v. 2. Et ait illis: Cum oratis, dicite: Pater, sanctificetur nomen tuum: Adveniat Regnum tuum. &c. pag. 2. col. 1.  
 v. 3. Panem nostrum quotidianum da nobis. pag. 268. col. 2.  
 v. 14. Erat Iesus ejiciens Dæmonium, & illud erat mutum. pag. 2. col. 2. in med. & pag. 4. col. 1. in fin. & pag. 30. col. 1. in princ.  
 Ibid. Locutus est mutus, & admirate sunt turba. pag. 4. col. 2. in med. & pag. 8. col. 2. in princ. & pag. 21. col. 2.  
 v. 15. In Beelzebub Principe Dæmoniorum ejicit Dæmonia. pag. 225. col. 2. & pag. 327. col. 1. & pag. 356. col. 2.  
 v. 23. Qui non est mecum, contra me

- me est. pag. 16. col. 1. in fin.
- v. 27. Extollens vocem quedam mulier de turba, dixit illi. pag. 8. col. 2. & pag. 21. col. 2. & pag. 40. & seqq. & pag. 106. & seqq. & pag. 217. & seqq.
- Ibid. Beatus venter, qui te portavit, & ubera, que suxisti. pag. 1. in princip. & seqq. & pag. 40. & seqq. & pag. 185. & seqq. & pag. 217. & seqq. & pag. 324. & seqq. & pag. 358. & seqq. & pag. 430. & seqq. & pag. 459. & seqq.
- v. 28. Quinimo Beati, qui audiunt verbum Dei, & custodiunt illud. pag. 187 col. 2. in fin. & pag. 188 col. 1. in fin.
- Cap. 12. v. 37. Beati servi illi, quos, cum venerit Dominus, inveniatis vigilantes. pag. 421. col. 1. & seqq.
- Ibid. Amen dico vobis, quod precinget se, & faciet illos discumbere, & transiens ministrabit illis. pag. 421. col. 2. in princip. & seqq.
- Cap. 13. v. 24. Contendite intrare per angustam portam. pag. 477. col. 1. in fin.
- Cap. 14. v. 19. Iugum enim quingue. pag. 302. col. 2.
- Cap. 16. v. 24. Ut intingat extremum digiti sui in aquam. pag. 139. col. 1. in fin.
- v. 25. Fili, recordare, quia recepitis bema in vita tua, & Laxarus similiter mala: &c. pag. 177. col. 1. in med.
- v. 28. Habeo enim quinque fratres. pag. 302. col. 2.
- Cap. 17. v. 21. Regnum Dei intra vos est. pag. 133. col. 2. in fin.
- v. 35. Duo erunt in agro: unus assumetur, & alter relinquetur. pag. 370 col. 2.
- v. 37. Ubi cumque fuerit corpus. pag. 120. col. 1. in princip.
- Cap. 18. v. 11. Deus, gratias ago tibi, quia non sum sicut ceteri hominum. pag. 222. col. 2. in med.
- Cap. 22. v. 17. Accipite, & dividite inter vos. pag. 118. col. 1. in med.
- Cap. 23. v. 34. Pater, dimitte illis. pag. 142. col. 1. in med.
- v. 42. Domine, memento mei, cum veneris in Regnum tuum. pag. 370. col. 2.
- v. 43. Hodie mecum eris in Paradiso. pag. 303. col. 2.
- Cap. 24. v. 21. Nos autem sperabamus, quia ipse esset redempturus Israel. pag. 407. col. 2.
- v. 25. O stulti, & tardi corde. pag. 407. col. 2.

Ex D. Joanne.

Cap. 1. v. 1. In principio erat Verbum.  
pag.

- pag. 133. col. 1. post princip. &  
pag. 185. col. 2. in fin.
- Ibid. Et Verbum erat apud eum,  
& Deus erat Verbum. pag.  
185. col. 2. in fin.
- vers. 2. Hoc erat in principio  
apud Deum. pag. 186. col. 1. in  
princ.
- vers. 9. Qua illuminat om-  
nem hominem venientem in  
hunc mundum. pag. 126. col. 1.  
in fin.
- vers. 14. Verbum caro factum  
est. pag. 186. col. 1. in med.
- Ibid. Et vidimus gloriam ejus  
quasi Unigeniti à Patre. pag.  
186. col. 1. in med.
- vers. 46. A Nazareth potest  
aliquid boni esse? pag. 505. col.  
2. in med.
- Cap. 2. vers. 1. Et erat Mater  
Iesu ibi. pag. 302. col. 2.
- vers. 2. Vocatus est Iesus, &  
Discipuli ejus. pag. 363. col.  
1.
- vers. 3. Deficiente vino. pag.  
363. col. 1.
- Ibid. Vinum non habent. pag.  
363. col. 1.
- vers. 4. Quid mihi, & tibi?  
pag. 363. col. 1.
- Ibid. Nondum venit hora mea.  
pag. 363. col. 1.
- Cap. 3. vers. 14. Sicut Moyses  
exaltavit Serpentem in de-  
serto. pag. 468. col. 1. in fin.  
& pag. 490. col. 1. in princip.
- Cap. 4. vers. 18. Quinque vi-  
ros habuisti. pag. 302. col. 2.
- Cap. 5. vers. 2. Quinque porticus  
habens. pag. 303. col. 1.
- vers. 7. Hominem non habeo.  
pag. 303. col. 1.
- Cap. 6. vers. 15. Fugit iterum  
in montem ipse solus. pag. 54.  
col. 1. in fin.
- vers. 57. Qui manducat meam  
carnem, & bibit meum san-  
guinem. pag. 120. col. 1. in  
fin.
- Ibid. In me manet, & ego in  
illo. pag. 120. col. 1. in med.  
& pag. 140. col. 1. in med.
- vers. 58. sicut misit me vi-  
vens Pater, & ego vivo prop-  
ter Patrem: &c. pag. 493.  
col. 1.
- vers. 59. Hic est panis, qui de  
Celo descendit. pag. 120.  
col. 2. in princip. & pag. 490.  
col. 1.
- Ibid. Non sicut manducave-  
runt Patres vestri Manna:  
&c. pag. 492. col. 1.
- Ibid. Qui manducat hunc pa-  
nem, vivet in aeternum. pag.  
120. col. 2. post princip. &  
pag. 492. col. 1.
- Cap. 7. vers. 15. Quomodo hic  
litteras scit, cum non didi-  
d
- ccrii?

- cecit? pag. 227. col. 2. in  
 med. & pag. 382. col. 2.  
 vers. 46. Quare non adduxif-  
 tis illum? pag. 20. col. 1.  
 Ibid. Responderunt ministri:  
 Nunquam sic locutus est ho-  
 mo. pag. 20. col. 1.  
 vers. 47. & 48 Nunquid &  
 vos seducti estis? Nunquid ex  
 Principibus? &c. pag. 20. col.  
 2. in princip.  
 Cap. 8. vers. 9. Remansit solus  
 Iesus, & mulier in medio stans,  
 pag. 67. col. 1. in med.  
 vers. 11. Vade, & jam amplius  
 noli peccare. pag. 67. col. 1.  
 in med.  
 Cap. 10. vers. 9. Ego sum osium.  
 Per me si quis introierit, sal-  
 vabitur. pag. 294. col. 2.  
 Cap. 11. vers. 4. Infirmetas hac  
 non est ad mortem, sed ut glo-  
 rificetur Filius Dei per eam.  
 pag. 372. col. 2.  
 vers. 37. Non poterat hic, qui  
 aperuit oculos cæci nati, face-  
 re, ut hic non moreretur? pag.  
 372. col. 1.  
 Cap. 12. vers. 32. Si exaltatus  
 fuero à terra, omnia traham  
 ad me ipsum. pag. 336. col. 2.  
 Cap. 13. vers. 5. Misit aquam in  
 pelviam, & cepit lavare pe-  
 des. pag. 158. col. 2 in princip.  
 Cap. 14. vers. 12. Opera qua ego  
 facio, & ipse faciet: & maio-  
 ra horum faciet. pag. 5. col. 1.  
 ante fin. & pag. 29. col. 2. in  
 fin.  
 Ibid. Quia ego ad Patrem va-  
 do. pag. 5. col. 2. in med. &  
 pag. 6. col. 1. & 2. & pag. 7. col.  
 1. & 2.  
 vers. 13. Et quodcumque pe-  
 tieritis Patrem: &c. pag. 7. col.  
 1. & 2.  
 Cap. 15. vers. 7. Si manseritis in  
 me, & verba mea in vobis  
 manserint. pag. 140. col. 1. in  
 med.  
 Ibid. Quodcumque volueritis,  
 petetis, & fiet vobis. pag.  
 140. col. 1. in med.  
 Cap. 16. vers. 28. Exivi à Patre,  
 & veni in mundum: iterum re-  
 linquo mundum, & vado ad  
 Patrem. pag. 466. col. 2. in  
 princip.  
 Cap. 18. vers. 5. Ego sum. pag.  
 264. col. 1. in med.  
 vers. 24. Misit eum ligatum ad  
 Caipham. pag. 158. col. 2. in  
 med.  
 Cap. 19. vers. 17. Bajulans sibi  
 Crucem. pag. 158. col. 2. in fin.  
 vers. 20. Erat scriptum Hebrai-  
 cè, Græcè, & Latinè. pag. 227.  
 col. 1.  
 vers. 22. Quod scripsi, scripsi  
 pag. 379. col. 2.

- vers. 23. Acceperunt vestimenta ejus. pag. 158. col. 2. in fin.*
- vers. 25. Stabat juxta Crucem Iesu Mater ejus. pag. 362. col. 2.*
- vers. 26. Discipulum, quem diligebat. pag. 514. col. 2. in princip.*
- Ibid. Mulier, ecce filius tuus. pag. 76. col. 2. circa fin. & pag. 514. col. 1.*
- vers. 27. Ecce Mater tua. pag. 514. col. 2. in princip.*
- Ibid. Et ex illa hora accepit eam Discipulus in sua. pag. 514. col. 2. in princip.*
- Cap. 20. vers. 17. Noli me tangere, nondum enim ascendi ad Patrem meum. pag. 44. col. 2. in fin. & pag. 45. col. 1.**
- vers. 27. Affir manum tuam, & mitte in latus meum pag. 373. col. 1.*
- Cap. 21. vers. 11. Ascendit Simon Petrus, & traxit rete in terram: &c. pag. 305. col. 1. & seqq. & pag. 322. col. 2. in fin.**
- vers. 15. Diligis me plus his? pag. 94. col. 1. in med. & seqq.*
- Ex Libro Actuum Apostolor.**
- Cap. 3. vers. 6. Argentum, & aurum non est mihi: quod autem habeo, hec tibi do. pag. 278. col. 2. in fin.**
- Cap. 8. vers. 27. Et ecce, vir Aethiops, &c. pag. 170. col. 1. in med.**
- Cap. 13. v. 48. Et crediderunt, quotquot erant preordinati ad vitam aeternam. pag. 20. col. 2.**
- Cap. 17. vers. 28. In ipso enim vivimus, & movemur, & sumus. pag. 431. col. 2.**
- Cap. 22. vers. 9. Et qui mecum erant, lumen quidem viderunt, vocem autem non audierunt ejus, qui loquebatur mecum. pag. 57. col. 1. circa fin.**
- Ex Epistol. D. Pauli ad Romanos.**
- Cap. 6. vers. 22. Liberati à peccato, servi autem facti Deo. pag. 413. col. 2.**
- Cap. 7. vers. 14. Lex spiritualis est: ego autem carnalis sum, venundatus sub peccato. pag. 400. col. 1. & seqq.**
- Cap. 8. vers. 29. Quos præscivit, & prædestinavit conformes fieri imaginis Filij sui pag. 21. col. 1. & pag. 319. col. 2. & pag. 343. col. 1. & pag. 345. col. 1.**
- vers. 32. Qui proprio Filio suo non peperit. pag. 342. col. 2.*
- Cap. 10. vers. 19. Ego ad emulationem vos adducam in non gentem. pag. 184. col. 1. in med.**
- Cap. 12. vers. 15. Gaudere cum gaudentibus**

- dentibus, flere cum flentibus.  
pag. 125. col. 2. in fin.  
vers. 19. *Mibi vindicta: Ego retribuam.* pag. 324. col. 2.
- Cap. 13. vers. 9. *Nam: Non adulterabis: Non occides: Non furaberis: &c.* pag. 134. col. 2. in med.
- Cap. 15. vers. 30. *Obsecro vos, fratres, per Dominum nostrum Iesum Christum, & per charitatem Sancti Spiritus: &c.* pag. 45. col. 1. in med.
- Ex Epist. 1. ad Corinth.
- Cap. 1. vers. 26. *Videte vocationem vestram, fratres, quia non multi sapientes secundum carnem: &c.* pag. 18. col. 2. in princ. & seqq.
- Cap. 5. vers. 3. & seqq. *Iudicavi, congregatis vobis, & meo spiritu, cum virtute Domini nostri Iesu, tradere huiusmodi Sathanae.* pag. 15. col. 1. in fin.
- Cap. 10. vers. 4. *Consequente eos Petra.* pag. 368. col. 1. in princip.  
vers. 13. *Sed faciet etiam cum tentatione proventum.* pag. 134. col. 1. in med.
- Cap. 11. vers. 23. & 24. *In qua non esse tradebatur, accepit panem: & gratias agens, fregit, & dixit:*
- Accipite, & manducate: Hoc est Corpus meum.* pag. 263. col. 2. in med.
- Ibid. *Quod pro vobis tradetur.* pag. 263. col. 2.  
vers. 25. & 26. *Hoc facite :::: in meam commemorationem. Quotiescunque enim manducabitis panem hunc: &c.* pag. 142. col. 2. in fin. & pag. 143. col. 1. in fin.
- vers. 29. *Iudicium sibi manducet, & bibit.* pag. 141. col. 2. post princip.
- Cap. 12. vers. 31. *Emulamini charismata meliora.* pag. 246. col. 1. in med.
- Ibid. *Adhuc excellentiorē viam vobis demonstro.* pag. 478. col. 1. in fin.
- Cap. 14. vers. 6. *Nunc autem, fratres, si venero ad vos linguis loquens: Quid vobis prodero?* pag. 235. col. 2. in med.
- vers. 7. *Quae sine anima sunt vocem dantia; &c.* pag. 243. col. 1.  
vers. 8. *Etenim si incertam vocem det tuba: quis parabis se ad bellum?* pag. 243. col. 2.  
vers. 14. *Si orem lingua, spiritus meus orat, meus autem mea sine fructu est.* pag. 234. col. 2. in princ. & seqq.  
vers. 19. *In Ecclesia volo quinque*

- que verba sensu meo loqui:  
quàm decem millia verbo-  
rum in lingua. pag. 231. col. 1.
- Cap. 15. vers. 6. *Visus est plus quàm  
quingentis fratribus.* pag. 19.  
col. 1.
- vers. 28. *Ut sit Deus omnia in  
omnibus* pag. 374. col. 1.
- Ex Epistol. 2. ad Corinth.
- Cap. 1. vers. 10. & 11. *Qui de tan-  
tis periculis nos eripuit, &  
eruit: in quem speramus: &c.*  
pag. 43. col. 1.
- Ibid. *Ut ex multorum personis,  
ejus qua in nobis est donatio-  
nis, per multos gratie agantur  
pro nobis.* pag. 44. col. 2.
- Cap. 4. v. 4. *Qui est imago Dei.* pag.  
342. col. 1.
- Cap. 5. v. 21. *Eum, qui non noverat  
peccatum, pro nobis peccatum  
fecit.* pag. 340. col. 2.
- Cap. 12. vers. 8. *Propter quod ter  
Dominum rogavi.* pag. 43. col. 2.  
in fin.
- Ex Epistol. ad Galat.
- Cap. 4. vers. 30. *Ejice ancillam, &  
filium ejus.* pag. 3. col. 2. prope  
fin.
- Ex Epistol. ad Ephesios.
- Cap. 4. vers. 8. *Ascendens in altum,  
captivam duxit captivitatem.*  
pag. 413. col. 1.
- vers. 13. *In mensuram atatis  
plenitudinis Christi.* pag. 120.  
col. 1. in med.
- vers. 14. *Ut non circumfera-  
mur omni vento doctrina* pag.  
199. col. 2. in fin.
- Cap. 5. vers. 19. *Loquentes vobis  
metipsis in Psalmis, & Hym-  
nis: &c.* pag. 236. col. 1. in  
med.
- Cap. 6. vers. 5. & seqq. *Servi obe-  
dite Dominis carnalibus: &c.*  
pag. 397. col. 1. & pag. 416.  
col. 1. & seqq. & pag. 419. col.  
1. & seqq.
- vers. 12. *Quoniam non est nobis  
colluctatio adversus carnem,  
& sanguinem: &c.* pag. 30.  
col. 2.
- Ex Epistol. ad Philippens.
- Cap. 1. vers. 19. *Scio quia hoc mi-  
hi proveniet ad salutem, per  
vestram orationem.* pag. 42. col.  
2. in fin.
- Cap. 2. vers. 6. & 7. *Qui cum  
in forma Dei esset, non ra-  
pinam arbitratus est esse se  
aequalem Deo: &c.* pag. 158.  
col. 1. in princip. & pag. 159.  
col. 1. & 2.
- Cap. 4. vers. 6. *In omni oratio-  
ne, & obsecratione cum gra-  
tiarum*

riarum actione petitiones ve-  
stra innotescant apud Deum.  
pag. 241. col. 2. in med.

Ex Epistol. ad Coloffenses.

Cap. 2. vers. 9. In ipso inhabitat  
omnis plenitudo Divinitatis  
corporaliter. pag. 113. col. 1.  
& 2.

vers. 14. & 15. Delens quod  
adversus nos erat, chirogra-  
phum decreti: &c. pag. 409.  
col. 2. & seqq.

Cap. 3. vers. 3. Mortui estis, &  
vita vestra est abscondita cum  
Christo in Deo. pag. 339 col. 2.  
vers. 9. 13. & 11. Expolian-  
tes vos veterem hominem cum  
actibus suis, & induentes no-  
vum; &c. pagin. 150. col. 1.  
in fin.

vers. 22. & seqq. Servi, obedi-  
te per omnia Dominis carnali-  
bus: &c. pag. 416. col. 1. &  
seqq.

Ex Epistol. I. ad Timoth.

Cap. 2. vers. 12. Docere autem  
mulieri non permitto. pag. 228.  
col. 1. in med.

Ex Epistola ad Hebræos:

Cap. 1. vers. 1 & 2. Olim Deus lo-  
quens in Prophetis: novissime

locutus est nobis in Filio. pag.  
516. col. 2. in med.

vers. 3. Figura substantie ejus.  
pag. 342. col. 1.

Ibid. Purgationem peccatorum  
faciens, sedet ad dexteram  
maiestatis in excelsis. pag. 141.  
col. 2. in fin.

Cap. 7. vers. 14. & seqq. Quia cr-  
go pueri communicaverunt car-  
ni, & sanguini, & ipse simili-  
ter participavit iisdem: &c.  
pag. 79. col. 1. in fin. &  
seqq.

Cap. 5. vers. 1. Omnis nunque Pō-  
tifex ex hominibus assumptus,  
pro hominibus constituitur: &c.  
pag. 72. col. 1. in med. & seqq. &  
pag. 75. col. 2. in princ.

vers. 4. Nec quisquam sumit sibi  
honorem, sed qui vocatur à Deo,  
tanquam Aaron. pag. 74. col. 2.  
in princ.

vers. 5. Christus non semetipsum  
clarificavit, ut Pontifex fieret:  
&c. pag. 74. col. 2. post princ.

vers. 7. Qui in diebus carnis sue,  
preces, supplicationesq. ad eum  
offerens: &c. pag. 74. col. 2.  
in med.

Cap. 6. v. 6. Rursum crucifigentes si-  
bi metipsis Filium Dei, & estē-  
tui habentes. pag. 125. col. 1. in  
med. & col. 2.

Cap. 7. v. 3. Melchisedech sine pa-  
tre,

- tre, sine matre, sine genealogia.  
pag. 284. col. 1. in princ.
- vers. 26. Talis enim decebat, ut  
nobis esset Pontifex, sanctus,  
innocens, &c. pag. 76. col. 1. in  
princ.
- vers. 27. Qui nō habet necessita-  
tem :: quemadmodū Sacerdo-  
tes, prius pro suis delictis ho-  
stias offerre, deinde pro populi.  
pag. 75. col. 2. in med.
- Cap. 10. v. 38. Iustus meus ex Fide  
vixit. pag. 161. col. 2. in med.
- Cap. 11. v. 19. Arbitrans quia & à  
mortuis suscitare potens est  
Deus. pag. 501. col. 2. in fin.
- Cap. 13. v. 15. Per ipsum ergo offera-  
mus hostiā laudis semper Deo,  
id est, fructum labiorum. pag.  
475. col. 2.

## Ex Epistol. 1. D. Petri.

- Cap. 1. v. 18. & 19. Scientes quòd  
non corruptibilibus, auro, vel  
argento redempti estis: &c. pag.  
408 col. 1.
- Cap. 2. v. 2. & 3. Sicut modò geniti  
infantes, rationale sine dolo  
lac concupiscite: &c. pag. 478.  
col. 2. in fin & seqq.
- vers. 9. Vos autem genus electum,  
Regale Sacerdotium. pag. 88.  
col. 1.
- vers. 18. Servi, subditi stote in  
omni timore Dominis, non tan-

tum bonis, & modestis, sed etiā  
dyscolis. pag. 417. col. 2.

vers. 20. Quia enim est gloria: si  
peccantes, & celaphizati suf-  
feritis? pag. 417. col. 2. & seqq.

Ibid. Sed si bene facientes paciē-  
ter sustinetis: hæc gratia apud  
Deum. pag. 417. col. 2. in fin. &  
seqq.

vers. 21. In hoc enim vocati estis:  
quia & Christus passus est pro  
nobis, vobis relinquens exem-  
plū, ut sequamini vestigia eius.  
pag. 418. col. 1. & seqq. & pag.  
446. col. 2. & pag. 469. col. 1.

## Ex Epistol. 2. D. Petri.

Cap. 1. v. 10. Satagite, ut per bona  
opera certam vestram vocatio-  
nem faciatis. pag. 317. col. 1.

## Ex Epistol. 1. D. Joannis.

Cap. 2. v. 16. Quoniam omne, quòd  
est in mundo, &c. pag. 410. col. 1.

## Ex Libr. Apocalypsis.

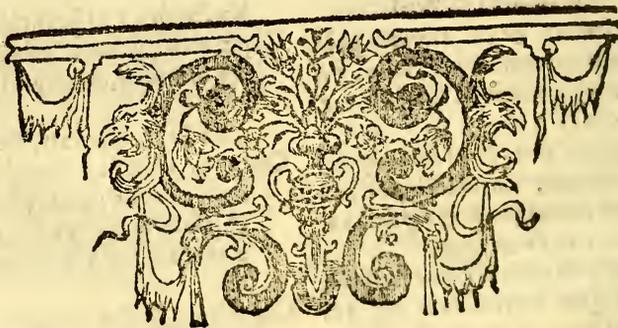
Cap. 1. v. 18. & 19. Ego sum pri-  
mus, & novissimus, & vivus,  
& fui meritius: &c. pag. 93. col.  
2. ante med. & pag. 96. col. 1. &  
2.

Cap. 7. v. 2. Quibus datum est no-  
cere terræ, & mari. pag. 12. col.  
2.

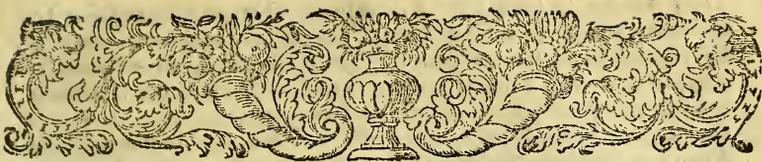
vers. 9. Amicti stolis albis. pag.  
470. col. 1. vers. 14.

- vers. 14. Qui laverunt stolas suas, & dealbaverunt eas in sanguine. Agni. pag. 470. col. 1.*
- Cap. 12. v. 1. *Signum magnum apparuit in Cælo: Mulier amicta Sole. pag. 194. col. 1. in princ. & seqq. & pag. 439. col. 2. & seqq.*
- Ibid. Et in capite ejus corona stellarum duodecim. pag. 285. col. 1. in fin.*
- vers. 2. Et in utero habens, clamabat parturiens, & cruciabitur ut pariat. pag. 194. col. 1. in med & seqq.*
- vers. 5. Et peperit filium masculinum, qui recturus erat omnes Gentes. pag. 194. col. 1. in med.*
- & seqq.*
- Cap. 13. v. 9. *Siquis habet aurem, audiat. pag. 426. col. 2. in fin.*
- vers. 10. Qui in captivitatē duxeris, in captivitatē vadet. pag. 427. col. 1.*
- Cap. 14. v. 4. *Virgines enim sunt. Hi sequuntur Agnum quocumque ierit. pag. 437. col. 2. & seqq.*
- Cap. 20. v. 1. & 2. *Et vidi Angelū descendentem de cælo, habentem :::: catenam magnam. &c. pag. 9. col. 2.*
- Cap. 21. v. 13. *Ab Oriente, porta tres: & ab Aquilone, porta tres: &c. pag. 291. col. 1. in fin.*

FINIS.



INDEX



# I N D E X

DAS COVSAS NOTAVEIS.

OS NVMEROS, SIGNIFICAM  
*as Paginas.*

## A

*Abraham.*



**ABRAHAM** na morte; q̄ queria dar a Isaac, elle mesmo era

o Sacrificio, & o Sacerdote, a Victima, & o Pontifice. pag. 76.

*Adun.* Adam quer dizer vermelho, *Ruber.* E porque razãõ poz Deos a Adam este nome. pag. 165. Se havia de encarnar, ou não, o Filho de Deas, no caso que Adam não peccára. pag. 360. Assim como Adam, & Eva vendêraõ as suas Almas, nós vedemos as nossas. pag. 401.

*Alma.* De seu sacratissimo Corpo fez Christo hum espelho para a Alma. pag. 97. Não he adequada a seme-

lhança, que se considera entre os modos de estar a Alma no corpo, & Christo no Sacramento. pag. 116. Como fica a Alma sem fruto, quando se ora na lingua, que se não entende. pag. 234. O fruto da Oraçõõ consiste nos affectos da Alma: & se se não entendem as palavras, cõ que se ora, não podem excitar estes affectos. pag. 236. De que modo se cativaõ as Almas. pag. 399. 400. Porque razãõ veyo Christo sõ remir aos homês do cativeiro das Almas, & não do cativeiro dos corpos. pag. 405.

*Amor.* Que mal correspondem os homês aos grandes beneficios do Amor de Deos. pag. 37. 38. E como provaõ isto os mesmos Demonios. *Ibid.* Exame do Amor de Maria cõ o de todos os Santos, & Anjos. pag.

94. 95. A maior inclinação do Amor he dar-se todo: & a sua maior mortificação he dar só mente parte. pag. 117 118. Mais toleraveis são os apertos do Amor, que os da fome. pag. 255 Sojeitase Deos por Amor a ser levado da Senhora. para onde ella quer. Pag. 441. 442.
- Anjos.* São Domingos he o Anjo do Apocalypse, que com o Rosario prendéo ao Demonio. pag. 9. Demônios, & n. õ Anjos quiz Deos em hũa occasião, que fellam em defenda do Rosario: & porque. pag. 14. Porque raz. õ o Filho de Deos fez Homem, & não Anjo. pag. 79. E porque razão temio os homês, & os Anjos não. pag. 178. Admirações dos Anjos sobre o Rosario. pag. 213 *usque ad* 215.
- Appetite.* O maior appetite da molher, he andar, & sair. pag. 63.
- Arca.* Propria representação da Virgem Maria na Arca de Noè. pag. 27. O Rosario propriamente representado na Arca de Noè, & no diluvio. pag. 28. Nenhum pezo sentião os Levitas, que levavaõ a Arca do Testamento. pag. 430.
- Arte.* Qual he a materia, assim em substancia, como no modo, de que se val a Arte Magica, para os encantos, & feitiços: & quaes são os me-yos contrarios a essa Arte & a esses encantos. pag. 331. 332. Quanto proprio effeito seja da Arte Magica encantar, & amansar serpentes. pag. 335.
- Aram.* Notavel differença entre o Põ-tificado de Christo, & o de Aram. pag. 87.
- Atterçõ.* Quantas, & quaes são as Atterções da Oração perfeita. pag. 58. Se saltar qualquer dellas na Oração, he injuria, que fazemos a Deos pag. 58. 59.
- Audieris.* São mais bem ouvidos de Deos, es que em Oração retirada trataõ só por só com elle. pag. 56. *usque ad* 61.
- Ave-Maria.* Ainda que o Padre-nosso, & a Ave-Maria sejaõ duas Orações differentes, são hũa só, & a mesma, pelo que significação. pag. 130. Assim a Oração do Padre-nosso, como a d. Ave-Maria, está toda em toda, & toda em qualquer parte. pag. 132. *usque ad* 140. Que ardentissimos affectos excita a Oração da Ave-Maria. pag. 237. Porq̃ são cento & cincoenta as Ave-Marias do Rosario da Senhora. pag. 301. *usque ad* 310. Quando rezamos a Ave Maria, dizemos â Senhora, que dezeje por nós. pag. 457.

## B

*Bemaventurança.* **Q**UAES são os que mais haõ de ir gozar a Bemaventurança. pag. 18. 19. Porque não disse a Molher do Evangelho, quando quiz louvar a Senhora: Bemaventurada a Mãe; senão, Bemaventurado o Ventre. pag. 109. Tres vezes foi chamada neste mundo Bemaventurada a Virgem Maria: & em qual dellas se fallou com maior encarecimento. pag. 110. Conceber a Virgem Ma-  
ria

ria a Deos na Mente, foi maior Bè-aventurança, que concebello no Ventre. pag. 188. No numero dos quinze Myſterios do Roſario ſe nos promette a Bemaventurança. pag. 296.

*Benefícios.* São tres os Benefícios inefaveis, com que Deos reſtauroũ ao mundo, depois de perdido o genero humano. pag. 474.

*Bens.* Não quiz o Autor da natureza, que a Mulher ſe contaffe entre os bens moveis: & porque. pag. 63.

*Blasfemias.* Com quinze mil Demônios caſtigou Deos as blasfemias ditas contra o Roſario. pag. 11. & *ulterius.* E porque. *Ibid.*

*Bondade.* Não ha communidade tão boa, em que ſe não ache hũ máo: né tão má; em q̄ ſe não ache algũ bõ. pag. 40. Quando a eſcolha he entre o mal, & o bem; ha ſe de eſcolher o bem, & deixar o mal. Mas quando he entre o bom, & o melhor; ha ſe de eſcolher o melhor, & deixar o bom. pag. 246.

*Breviario.* As mulheres devem preferir a reza do Roſario à do Breviario. pag. 221. Qual deve ſer preferido, ſe o Roſario, ou o Breviario. pag. 226. & *ulterius.* Tambem he reza ſem fabôr a do Breviario para os honrês ignofâtes da Lingua Latina. pag. 233.

*Brço.* O Filho de Deos tem por mais glorioſas as acções de ſeu Brço, quando tambem he levado pelos impulſos de ſua Mãy. pag. 451.

## C

*Cadea.* **O** ROSARIO he Cadea para ſe prender ao Demônio. pag. 10.

*Caſtigo.* Com quinze mil Demônios caſtigou Deos a hum Blaſfemo do Roſario: & porque. pag. 11. & *ulterius.* Notavel caſtigo de Deos na Irmã de Moyses, porque murmurou de elle ſe ter caſado com hũa mulher preta. pag. 107. Como caſtigou Deos a alveja de Michol deſprezadora dos obſequios de David ao meſmo Deos, por ſerem vulgares. pag. 221. Quando a juſtiça de Deos decreta abſolutamente algum caſtigo, antes de proceder á execuçãõ prohibe primeiro a noſſa Oraçãõ. pag. 346.

*Cativos.* Como ſe cativãõ os corpos, & as Almas. pag. 404. Porque razaõ na genealogia de Chriſto ſe faz mençãõ do Cativoiro de Babilonia, & não do Cativoiro do Egypto. pag. 405. Quantas vezes forãõ cativos es filhos de Iſrael. pag. 406. O primor de todos os que Deos libertou do cativoiro do peccado, deve ſer fazerem ſe cativos de quẽ os libertou. pag. 412. & *ulterius.* O eſtado dos Cativos he como o da Religiaõ: & eſta a mais apertada, pag. 418. *uſque ad* 420. Para paſſar da liberdade ao cativoiro, não he neceſſaria a Transmigraçãõ de Babilonia. pag. 427.

*Chaves.* Qual he a Poſſeſtade das Chaves

ves da Senhora do Rosario . pag. 92. & *ulterius* . Esta Potestade das Chaves de Maria, medida pelo amor, he maior que a de Pedro. pag. 94. 95.

**Ceo.** As ruas estreitas, & apertadas, são as por onde andão os que vão pelo caminho do Ceo. pag. 31. Se a Oração vai acompanhada de muitos, tem francas as portas do Ceo. pag. 49. Ainda que fomos peregrinos na terra; nem por isso as nossas causas são desamparadas no Ceo. pag. 74. Christo não só deu a sua Mãe as chaves do Ceo, como a S. Pedro, senão também as da morte, & as do Inferno, que elle só refervou para ty. pag. 96. *usque ad 102.* A Virgem Senhora Nossa ainda no Ceo gera a seu Filho. pag. 192. O Paõ do Ceo he estreito, & apertado; & o Paõ da terra largo, & abundante; & porque. pag. 266. Porque não promet'o Deos o Ceo aos observadores da Ley Escrita. pag. 290. 291. Os quinze Mysterios do Rosario são as cousas, que havemos de oferecer a Deos, calculados os numeros de sete, & oito, com a Bemaventurança do Ceo. pag. 296. Hoje no Ceo se deixa levar Deos da Senhora, para onde ella quer. pag. 432. Não faltou á Antiguidade ser a Via Lactea caminho do Ceo. pag. 473. Consideração importante dos caminhos do Ceo. pag. 476.

**Christo.** A maior promessa de Christo foi, que es que o seguiaõ, haviaõ fazer maiores maravilhas do que elle. pag. 5. E com que condicoẽ:

pag. 6. 7. Não tentou o Demonio a Christo, senão depois que o vio separado da presenca de sua Santissima Mãe: & porque. pag. 32. 33. 34. Christo ensinou a orar só, & isso fazia sèpre. pag. 52. 53. E para que. *Ibid.* O que faz Christo, quando quer converter moheres. pag. 67. Que differença ha de Christo Pontifice aos outros Pontifices. pag. 74. Se Christo não fosse Filho da Virgem Maria, não seria Pontifice. pag. 80. Como comprehende o Sacramento do Altar o Corpo de Christo; pag. 114. & *ulterius*. Christo Sacramento, ainda que glorioso, & impassivel, também padece: & como. pag. 123. Assim na parte Mental, como na Vocal do Rosario, está todo Christo. pag. 128. 129. Assim como Christo nos deixou seu Corpo no Sacramento: assim a Senhora se deixou como sacramentada conosco na Ave-Maria. pag. 139. Muito mais damos a Christo no Rosario, do que elle nos pediu no Sacramento. pag. 142. Quanto estima Christo aos Pretos. pag. 168. & *ulterius*. Christo na mesma noite se entregou a seus inimigos, & fugio delles. pag. 264. Como diz Christo, sendo Pay, que lhe peçãõ os filhos o paõ, dizendo em outra parte, que não tenhaõ elles cuidado do que heõ de comer. pag. 268. Como he Christo Encantador. pag. 328. & *ulterius*. Com que Mysterios Christo no dia da Redençaõ lhe coroou de espinhas. pag. 497. & *deinceps*.

**Christão.** A Virgem Maria he Ponte segura

segura dos Christãos. pag. 82.  
**Circulo.** Toda a vida de Christo foi hum circulo, pag. 198. Os que rezão o Rosario fazem circulos, pag. 200.  
**Congregação.** Concorrem os Christãos a orar juntos em congregação, porque assim poem a Deos de cerco, para lhes não negar o que lhe pedem, pag. 50.  
**Condennados.** Quaes são os q̄ mais, ou menos se condennão. pag. 16. 17. Nenhum devoto da Virgem, se peffevera na sua devação, se condenna, pag. 26.  
**Contas.** Quanto importa saber os mysterios dos numeros nas contas de Deos, pag. 284. A que fim se dividem nas Contas do Rosario os Mysterios de cinco em cinco. pag. 302. E porque são cento, & sincoenta as Ave-Marias, pag. 303. As sincoenta Ave-Marias do Rosario dividido em tres Terços nos negoceaõ o descanço do Ceo, pag. 308. O numero de dez he o mais perfeito de todos, pag. 311. Todas as Cõtas do Rosario se resumem aos maiores dous linaes da Predestinação, pag. 319.  
**Coroa.** A Tiara, que he insignia dos Summos Pontifices, compoemse de tres Coroas: & porque, pag. 87. 88. Os Emperadores coroaõle tres vezes, & com tres Coroas: & quaes são estas Coroas, pag. 88. De outras tantas Coroas se compoem a Tiara Pontificia, que compete à Virgem Senhora Nossa por Senhora do Rosario, pag. 88. usque ad 92. Porque

chama David à fertilidade dos câpos, Coroa do Anno. pag. 250. A Coroa de espinhas, com que Christo se coroaõ, foihe a elle devida; porque preservou a sua Mãy das espinhas do peccado de Adam, pag. 501.  
**Coração.** Tanto nos olhos de Deos, como nos de sua Mãy, cada hum he filho de seu coração, pag. 174. Se com o coração, que a Esposa tirou a Deos, tivesse Deos querido alguma cousa contra a vontade da Esposa, sempre se ha de fazer o que a Esposa quizer, ainda que parecesse, q̄ o Esposo o não quizesse, pag. 442.  
**Cores.** A Senhora do Rosario igualmente abraça as tres cores, Branco, Preto, & Pardo, pag. 151. Tanto os Pretos, como os Brancos, deviaõ igualmente unirse na mesma Irmãdade do Rosario, pag. 152. Excellências da cor preta preferida à branca, pag. 164. & ultimus.  
**Cruz.** Mais padece Christo no Sacramento, quando o recebem em peccado, do que padeceõ na Cruz, pag. 123. Como Christo foi na Cruz verdadeiro Encantador, pag. 336. 337. Como enfeitiga a Imagem de Deos, ou no Presépio, ou na Cruz, pag. 343. 344.  
**Culto.** Nas materias do Culto Divino, o mais authorizado, he o mais vulgar, & humilde, pag. 118.

**D**  
**N**ENHUMA Oração  
 persegue tanto o De-  
 monio,  
 t. iij monio

monio, como o Rosario. pag. 3. O pacto, cõ que o Demonio serve aos que delle se valem, he odio contra o Rosario. pag. 7. Empenhave o Demonio em emmudecer os homẽs na Oraçãõ do Rosario. pag. 4. Prêgação do Demonio feita pela boca de hum endemoninhado. pag. 5. & *ultimus*. O Rosario he cadea, com que se prende ao Demonio. pag. 10. Confessãõ os Demonios, que nenhum devoto do Rosario se condemnaria. pag. 23. Confirma-se esta confissãõ dos Demonios: & como se ha de entender. pag. 26. 27. Os Demonios, por serem inimigos invisiveis, sãõ os que mais devemos temer. pag. 30. Quanto fogem os Demonios da presença da Virgem Maria. pag. 32. 33. 34. Quẽs sãõ as tres Gerarchias, em que se repartem os Demonios. pag. 35. Atẽ os mesmos Demonios, quando pedem muitos juntamente, alcançaõ mais, do que quando pede hum sò. pag. 47. 48. Na tentaçãõ do Deserto, a primeira cousa, que o Demonio disse a Christo, foi a primeira, q̃ havia de callar. pag. 258. Para o Demonio se vingar de Deos, intentou enfeitiçalo. pag. 340.

**Deos.** Chegou Deos a fazer em defen-  
sa da hõra do Rosario, o q̃ não fez,  
nẽ faria para defender a sua. pag. 13.  
Porque razaõ quiz Deos, que De-  
monios, & não Anjos fossem em  
huã occasiãõ defensores do Rosa-  
rio? pag. 14. Não fora Deos Filho da  
Virgem Maria, se não fizesse prõta-  
mente quanto ella quer. pag. 25.

Como calãmniaõ os Demonios a  
Deos pelos beneficios; que fez aos  
homẽs. pag. 37. 38. A Oraçãõ de  
muitos juntamente he a que mais  
agrada a Deos. pag. 42 *usque ad* 52.  
Mostrase o contrario com diversas,  
& singulares razoẽs. pag. 52. *usque ad*  
61. Tudo o que no Escravo põde  
causar desprezo, coube em Deos.  
pag. 157. 158. Porque motivos esco-  
lhẽo Deos Padre a Virgem Maria  
para Mãe de seu Filho. pag. 150. De  
que maneira acõdio Deos à differ-  
ençã, que podia causar nos homẽs  
a differença das cores. pag. 166. Quiz  
Deos que a Mãe de seu Filho fosse  
semelhante a seu proprio Pay. pag.  
191. Deos no Sacramento dáe aos  
ricos debaixo dos accidentes de paõ  
sõmete: & aos pobres tambem lhe  
dá a sustancia: & como. pag. 267.  
Excellente representaçãõ dos que  
louvaõ a Deos com o Rosario. pag.  
310. Permetio Deos em sy mesmo  
tudo o que a Magia do Demonio  
havia de obrar, se pudera. pag. 340.  
341. O mesmo Deos quer enfeitiçar  
aos homẽs com a sua Imagem  
Divina. pag. 342. Como com o Ro-  
sario se encanta a Deos. pag. 346.  
347. Em que consiste o encanta-  
mento de Deos. pag. 348. Dõnde tẽ  
o Rosario virtude, para encantar  
a Deos. pag. 349. Como supre Deos  
a falta de huãs cousas, com outras.  
pag. 367. Mais maravi-hoso he Deos  
na conservaçãõ das cousas, do que  
foi na criaçãõ dellas. pag. 368. Para  
libertar do cativoiro dos homẽs,  
bastaõ homẽs; mas para libertar  
do

do cativeiro do peccado he necessario Deos. pag. 406. 407. Deos ha de servir como Escravo no Ceo aos Escravos, que o serviraõ na terra. pag. 423. *usque ad* 424.

*Devoção.* Muitas vezes as que se chamaõ devações, são devassidoes, pag. 65. 66.

*Deserto.* Quanto são agradaveis a Deos as Orações do Deserto. pag. 53 *usque ad* 61.

*Dezejo.* Quando rezamos a Ave-Maria, dizemos à Senhora, que dezeje por nós. pag. 457.

*Dias.* Porque razão ao espaço, que se compoem da noite, & do dia, se chama dia, & não noite. pag. 157.

*Differença.* Admiraveis differenças entre os modos de estar o Corpo de Christo no Sacramento do Altar, & no Ventre Sacratissimo da Virgẽ. pag. 115. & *ulterius*. Qual he a maior destas differenças. pag. 120. Como castigou Deos o desprezo da differença das cores dos homẽs. pag. 167.

*Dignidade.* A dignidade Pontifical da Senhora do Rosario não he como a de São Pedro, senão como a de Christo. pag. 96.

*Discurso.* Discorrese sobre qual seja a mais poderosa coufa do mundo. 252. 253.

**E**

*Eliticaõ.* **A** EXCELLENCIA da Eleiçaõ da Mãy de Deos, não está em ser escolhida, senão

em ser escolhida como huã. pag. 73.

*Encarnaçaõ.* O parto do Verbo na Encarnaçaõ foi parto de Maria chea de graça: & o parto do mesmo Verbo no Rosario foi parto de Maria chea de gloria. pag. 192. O Mysterio da Encarnaçaõ, sendo hum sò, não podia ter a divisaõ, & ordem, que no Rosario tem os Mysterios de Christo multiplicados. pag. 211.

*Encantos.* Como encanta Christo aos homẽs com o Rosario. pag. 326. &

*ulterius*. E quaes são os instrumentos, com que encanta. pag. 330 331.

E isto tanto em substancia, como no modo. pag. 332. Tambem o Rosario com o numero desigual de suas

Contas, & Orações desfaz os Encantos da Arte Magica. pag. 333.

Como foi Christo na Cruz verdadeiro Encantador. pag. 336. 337.

Christo, como Encantador, tamẽ tem unguentos na sua Magia. pag.

339. Não he cousa nova, pesto que grande, que as Orações dos homẽs

tenhaõ força de encantar a Deos. pag. 345. Como com o Rosario se

encanta a Deos. pag. 346. 347. Em que consiste o encantamento de

Deos. pag. 348. Donde tem o Rosario vir tude, para encantar a Deos.

pag. 449. Como se vê encantada pelo mesmo modo a Mãy de Deos.

pag. 350. & *ulterius*.

*Entendimento.* Hum sò entendimento ha, que comprehenda o que comprehendeo o Ventre de Maria: &

qual he. pag. 112. 113. Qual foi a perfeiçaõ da Virgem Maria, que

mais encheo o Entendimento Divi-

no, para Deos Padre a escolher por Mãy de seu Filho, pag. 160. He mais grata a Deos a reza do Rosario na Lingua Portuguesa, que todos entendem, do que a do Breviario na Latina, rezado pelas molhãres, que não sabem o que dizem, pag. 228. Como exhorta David a rezar com entendimento, & intelligencia do q̄ se reza, pag. 229. *usque ad 231.* Se se entende o que se pede, o pedir he orar: & se se não entende, nem o pedir he orar, nem o orar he pedir, pag. 240. He falso dizerse, q̄ Deos entende o que rezamos, quando nós o não entendemos. *Ibid.*

*Espelho.* Em cada hum dos Mystetios do Rosario nos deixou Christo hũ espelho, pag. 97.

*Esposo.* Por andar, & sair deixão as molheres a Deos, & aos Esposos peor que deixados, pag. 63.

*Escravos.* Quanto a Virgem Maria ama, & estima os Escravos, pag. 155. *& ulterius.* Porque não quiz o Filho de Deos fazerse do predicamento dos Senhores, senão dos Escravos, pag. 159. A baixeza, & vileza propria da condiçãõ dos Escravos, he a que levou apoz sy os olhos de Deos, pag. 162. Que lugar tem na estimaçãõ da Senhora os Escravos, pag. 163. Porque razãõ quiz Lia tendo já quatro filhos legitimos, ter tambem fithos de sua Escrava Raspha, pag. 175. Maior fortuna he a vil, & desprezada dos Escravos, do que a nobre, & honrada dos Senhores, pag. 176. *& ulterius.* Nos Escravos não he cativo tudo o que são, pag.

396. *usque ad 398.* Tambem a Alrnã dos Escravos pôde ser cativa: & como. *Ibi, & ulterius.* Duas cousas inauditas promete Deos aos Escravos pelo serviço, que fazem a seus Senhores, pag. 416. *usque ad 418.* O que está aparelhado aos Escravos na outra vida, pag. 420. *& ulterius.* Entre os Genticos havia hum Deos dos Escravos: & qual era, pag. 420.

*Estradas.* Porque se compara a Virgẽ Maria ao Platano plantado nas ruas largas, ou estradas, pag. 31. 32.

*Espíritos.* Os espiritos infernaes, por serem inimigos invisiveis, são os que mais devemos temer, pag. 30.

*Evangelho.* Porque he comparado o Evangelho ao Theouro no campo, pag. 1. Em que Evangelho está toda a historia do Rosario literalmente escrita, pag. 1. 2. Porque razãõ a primeira pagina de todos os Evangelhos se compoem dos Varões mais illustres da Profapia de Christo, pag. 70. No Evangelho de São Mattheos se contém hũa das maiores difficuldades de toda a Escritura Sagrada, pag. 281.

*Eva.* Mostrou Eva na sua criaçãõ, que o maior appetite da molher, he andar, & sair, pag. 63. Como foi possivel a Eva fallar com a Serpente, pag. 64.

*Exercito.* Que semelhança tem com o exercito o Rosario, pag. 212. Dizem isto mesmo, & o provaõ os Anjos, pag. 213. *usque ad 215.*

**F**

*Falta.* **S**EMPRE Deos suprio a falta de huã cousa com cutra. pag. 367. 368 Supre a Senhora do Rosario tudo o que nos pôde faltar nesta vjda, & para a outra. pag. 376. & *ulterius.*

*Fé.* Não he a falta do remedio, senão da Fé, a desculpa, que honrês. & molheres daõ de suas fraquezas. pag. 261. Na crença dos contecimentos fabulosos dispoz Deos a Gentilidade para a Fé dos Mysterios verdadeiros. pag. 472.

*Feiticeiro.* Ha Feiticeiro, ou Encantador com mais poder, que todos os Anjos, & que todos os Demonios: & qual he? pag. 327. & *ulterius.* Este Encantador, he Christo. pag. 328. *usque ad.* 330. E quacs são os instrumentos deste soberano Encantador. pag. 330. 331. Os feiticeiros, quando querem voar, untãse com unguentos pag. 338. Para o Demonio se vingar de Deos, intentou enfeitigar ao mesmo Deos. pag. 340. Como Deos enfeitiga aos honrês. pag. 342. *usque ad.* 344. Ha feitiços, que aquelles a quem tocaõ, não só ficaõ enfeitigados, mas tambem feiticeiros. pag. 345. Até a propriedade de se valerem os feiticeiros dos despojos dos enforcados, não falta aos feitiços do Rosario. pag. 354. & *ulterius.*

*Filho.* Não fora Deos Filho da Virgem

Maria, se não fizera prontamente, quanto ella quer. pag. 25. Mais se atrevéo o Demonio a tentar a Christo, emquanto Filho de Deos, do que emquanto Filho de Maria: & porque. pag. 34. Christo emquanto Summo Pontifice, por ser Filho da Virgem Maria, lhe communicou tambem a dignidade Pontifical: & porque. pag. 79. & *ulterius.* O Filho de Deos não podia ser Pontifice sendo Anjo: & porque. pag. 79. Christo veyo ao mundo, para reformar os erros de Adam, & seus filhos, restituindo-os à igualdade, em que os tinha criado. pag. 150. O Filho de Deos, mil annos antes de tomar o nosso sangue, deu aos Pretos o seu. pag. 168. Porque razão quiz Lia ter filhos de sua escrava Respha, tendo já quatro filhos legitimos. pag. 175. Descrevendo o Evangelista a geraçõ do Filho de Deos, tres vezes lhe chamou Verbo, & nunca Filho: & ao Padre tres vezes lhe chamou Deos, & nunca Padre: & porque. pag. 185. A Virgem Senhora Nossa ainda no Ceo gera a seu Filho. pag. 192.

*Fogo.* As Oraçõs dos Christãos são para o Demonio maior fogo que o do Inferno: & porque. pag. 10.

*Fome.* He mais insofrivel o aperto da fome, que o do amor. pag. 255. Não ha maldade, que a fome não persuada. pag. 257. Porque tentou o Demonio a Christo, depois que o vio ter fome? pag. 258. O primeiro remedio contra a fome, he o Sacramento, pag. 262. Para este Divi-

no Paõ nos matar a fome, não espe-  
ra o nosso trabalho. pag. 265. Os ri-  
cos comem a Christo no Sacramen-  
to com huã fome: & os pobres com  
duas. pag. 267.

*Força.* Até por força, como mais po-  
derosa, parece q̃ obriga a Senhora a  
vontade de Deos a fazer o que ella  
quer. pag. 448. & *ulterius*. As for-  
ças comparadas às do Rhinocerote.  
pag. 449.

*Fortuna.* Qual fortuna haja de ter ma-  
is da sua parte o favor da Virgem  
Senhora Nossa: se a dos Escravos, se  
a dos Senhores. pag. 178. & *ulterius*.

*Fraqueza.* A quantos enfraquece a ne-  
cessidade. pag. 254. Até aos mesmos  
Reys enfraquece: & como pag. 255.

*Fruto.* Quam grande defeito he orar  
sem fruto. pag. 274. & *ulterius*.

## G

*Gerarchias.* **Q**UAES, & quãtas são  
as Gerarchias dos De-  
monios. pag. 35.

*Gloria.* Assim como ao Decalogo dos  
preceitos se promete o Denario da  
Gloria; assim está prometido o mes-  
mo Denario da Gloria às Decadas  
do Rosario. pag. 314.

*Gosto.* Quem reza com intelligencia,  
reza com maior gosto. pag. 231. *usque*  
*ad* 234.

*Grandes.* Quem em tudo quer parecer  
maior, não he grande. pag. 5. Os  
grandes vão ao Inferno, porque po-  
dem: & os pequenos vão ao Ceo, a  
mais não poder. pag. 19. Fazem-se os

pequenos grandes, quando se ajun-  
taõ muitos a orar a Deos. pag. 50.  
*Graça.* Poder fazer mal, & não o fazer,  
he milagre da Graça. pag. 19. O que  
o numero sincoenta prometia na  
Ley Velha, cūprio na Ley da Gra-  
ça a Vinda do Espirito Santo. pag.  
308.

## H

*Hercules.* **O** GRANDE Patriarcha  
São Domingos pareceõ  
verdadeiro Hercules em hum ad-  
miravel milagre, que fez com o Ro-  
sario. pag. 29.

*Homens.* Como se ha de entender a  
promessa de Christo, de haverem os  
homens de fazer maiores obras do  
que elle. pag. 5. 6. 7. Enganou-se São  
João B. unta com o que cuidou  
dos homens. pag. 21. Não só os homens  
justos, mas tambem os maiores pec-  
cadores se salvaõ pela protecção  
da Mãy de Deos. pag. 27. E mais  
certamente os devotos do Ro-  
sario. pag. 28. A Christo Senhor Nosso, cõ-  
siderado como Homem, não se  
atrevéo a tentar o Demonio, tenãõ  
vendoo separado de sua Mãy: &  
porque. pag. 32. 33. 34. Como cal-  
umniaõ os Demonios a Deos pe-  
los beneficios, que fez aos homens.  
pag. 37. 38. A Oração de muitos jan-  
tamente he a que mais convem aos  
homens. pag. 42. *usque ad* 52. A fineza,  
com que Christo no Sacramento  
se sojeita a estar no peito dos ho-  
mẽs, consiste no entiar. pag. 121.  
Depois

Depois que o Verbo se fez Homê, entã Deos se chamou Pay, & o Verbo Filho pag. 186. Naõ costuma Deos communicar infusões de letras a molheres, senã aos homês. pag. 227. Tambem he reza sem fãbõ a do Breviario para os homês ignorantas da Lingua Latina. pag. 233. Como faz Deos verdadeiros os testimuhos, que os homês levantãõ contra elle. pag. 325. Como enfeitiga Deos aos homês. pag. 342. *usque ad.* 344. Para libertar do cativoiro dos homês, bastãõ homês: mas para libertar do cativoiro do Demonio, he necessãrio Deos. pag. 406. 407. Os peccados, pelos quaes os homês se vendem ao Demonio, sãõ tres. pag. 410.

*Horto.* Singularissima razaõ, porque ordenou Christo no Horto a seus Discipulos, que o acompanhassẽ na Oraçaõ, & vigiassẽ com elle. pag. 45. 46. 47.

*Humildade.* Os que estimaõ menos o Rosario, por sei reza vulgar, fazem hum erro taõ contrario à virtude da Oraçaõ, como o he a Soberba à Humildade pag. 223.

I

*Imagem.* **T**UDO o que o Demonio executou na Imãgẽ de Deos, experimẽtou Deos em sua Pessoa. pag. 340. O mesmo Deos quer enfeitigar aos homês com a sua Imagem Divina. pag. 342. Que imagem fez a Maga pa-

ra enfeitigar a Daphnis. pag. 343. *Inferno.* De que sorte de gente vãõ mais, ou menos, ao Inferno. pag. 16. 17. Os grandes vãõ ao Inferno, porque podem: & os pequenos vãõ ao Ceo, a mais naõ poder. pag. 19. As ruas largas, sãõ as que levãõ ao Inferno. pag. 31. A Virgem Nossa Senhora foraõ tambem dadas as Chaves da Morte, & do Inferno, como a Senhora do Rosario. pag. 96. *usque ad* 102.

*Inimigos.* Como castiga Deos os inimigos do Rosario. pag. 11. *& ulterius.* Naõ sãõ he inimigo do Rosario, quem o blasfema, senãõ tambẽ quem o naõ reza. pag. 16.

*Injurias.* Faz huã grave injuria a Deos quem ora sem attençaõ devida. pag. 59.

*Instrumentos.* Atẽ nos instrumentos inanimados he necessaria a significaçãõ do que sãõ, & a intelligencia do que significãõ. pag. 243.

*Intelligencia.* Como exhorta David a rezar, & salmear com intelligencia. pag. 229. Sinco palavras do Rosario rezadas com intelligencia bastãõ para serem preferidas a todo o Officio Ecclesiastico sem elle. pag. 230. Quanto importa a intelligencia da Lingua propria em quem reza. pag. 231. *& ulterius.*

*Irmãdade.* A Irmãdade dos Escrãvos he mais grata, & mais favorecida da Mãe de Deos, que a dos Senhores. pag. 53. *& ulterius.* Quanto se deve temer, qã a Virgẽ Senhora Nossa em castigo do aggravo da separaçãõ das Irmãdades dos Brãcos, & Pie-

tos, approvando a mesma separação, fiquem de peor condição os Brancos. pag. 182.

*Justiça.* Quaes são as portas da justiça de Deos. pag. 295.

*Jubiléo.* Que cousa era Jubiléo no Testamento Velho. pag. 307.

## L

*Ley.* **N**EM as maiores Magestades estão izentas da Ley Natural. pag. 25. Sô com os homêz, & não com as mo'heres fallava a Ley, em que Deos mandava, que to dos fossem ao Templo tres vezes no anno: & porque. pag. 66. No numero de dez se entende a observancia da Ley. pag. 312. E porque razão pag. 313.

*Leyte.* O leyte, com que a Virgem Maria sustentou ao Filho de Deos, não sômente he seu, mas tambem nosso: por razão, por Escritura, por experiencia. pag. 459. *usque ad 462.* Qual he a origem, porque a Antiguidade deu o nome á Via Lactea derivado mais do leyte, que da neve, ou açucena. pag. 471. Os dous peitos da Virgem purissima são duas fontes de piedade, & amor, que ignilmête communicão o leyte a justos, & peccadores. pag. 481. *usque ad 484.*

*Liberdade.* A quantos leva ao Inferno a liberdade dos vicios. pag. 19. De que modo a Virgem Maria parece, que tira a liberdade a Deos. pag. 440.

*Lingua.* Porque razão a Igreja Catholica não usa das linguas vulgares, senão da Latina, no Officio Ecclesiastico, Escrituras Divinas, Missa, & Fórmãs dos Sacramentos. pag. 243.

*Louvores.* Se os louvores são das turbas ficão desautorizados, & suspeitosos. pag. 40. He o Rotario, modo, & cantico novo de louvar a Deos. pag. 315.

*Lug. iv.* Nos casos de necessidade orale em qualquer lugar, & tempo. pag. 61.

*Lutas.* Por tres grandes razões he perigosissima a luta com os Demônios. pag. 30. Que se ha de fazer para destas lutas sairmos vencedores. pag. 31. Na Luta de Jacob com Deos no deserto se vê quanto o apertaão as orações de hum só. pag. 355.

## M

*Mãe.* **P**ORQUE razão he admiravel o titulo de Mãe na Virgem Maria. pag. 185. 186. A Mãe de Deos, se foi admiravel, porque concebéo o Verbo, não foi menos admiravel, ou ainda foi mais admiravel, porq' cõcebéo o Rosario. pag. 177. *& ulterius.* Que Mãe no mundo se pudera parecer com a Mãe de Deos. pag. 147.

*Maria.* Confefflãzõ os Demonios, q' a mais poderosa inimiga, que tinhaõ no Ceo, era Maria a Mãe de Deos. pag. 232. 25. Quanto pôde o seu

seu nome sò pronunciado; pag. 29.  
 30. Porque se compára a Virgem  
 Maria ao Platano plantado nas ru-  
 a; pag. 31. 32. Quão fogem os De-  
 monios da presença de Maria. pag.  
 32. 33. Mais se atreueo o Demonio  
 a tentar a Chuilto, emquanto Filho  
 de Deos, do que emquanto Filho  
 de Maria: & porque. pag. 34. Por  
 ser Christo Filho da Virgem Maria  
 emquanto Summo Pontifice, lhe  
 communicou a dignidade Pontifical:  
 & como pag. 72. *& ulterius.* A  
 excellencia da Eleiçãõ da Virgem  
 Maria, não está em ser escolhida, se-  
 não em ser escolhida como huã;  
 pag. 73. Não se oppoem na Virgem  
 Maria o nome de molher, q̃ Chris-  
 to lhe deu na Cruz, á dignidade  
 Pontifical, que lhe comunica, por  
 ser seu Filho. pag. 76. 77. 78. A sen-  
 tença, que Maria der em nosso fa-  
 vor, não pôe se ser revogada. pag. 81.  
 A Virgem Maria he Ponte segura  
 dos Chuiltaõs. pag. 82. Exame do  
 Amor de Maria com o de todos  
 os Santos, & Anjos. pag. 94. 95. Sò o  
 Entendimento do Eterno Padre  
 comprehende o que comprehen-  
 deo o Venue de Maria. pag. 112.  
 113. Por quantas differenças excede  
 o Sacramento do A'tar ao Sacra-  
 mento do Ventre Virginal de Ma-  
 ria. pag. 115. *& ulterius.* Qual destas  
 differenças he a maior. pag. 120. O  
 mesmo, que se pede no Padre-nos-  
 so, he o que se pede na Ave-Maria.  
 pag. 130. Assim a Oraçãõ do Padre-  
 nosso, como a da Ave-Maria está  
 toda em toda, & toda em qualquer

parte. pag. 137. *usque.* 140. Quanto a  
 Virgem Maria ama, & estima aos  
 Escravos. pag. 155. *& ulterius.* Que  
 estimaçãõ faz da cor preta a Virgẽ  
 Maria. pag. 172. *& ulterius.* O Rosa-  
 rio he o segundo parto da Virgem  
 Maria. pag. 187. *& ulterius.* As flores  
 da Virgem Maria saõ juntamente  
 flores, & fruto. pag. 277. Sò a Vir-  
 gem Maria he Rosa sem espinhas.  
 pag. 496. *usque ad* 502. Em ser a Vir-  
 gem Maria Rosa cõ fruto, excede a  
 Rosa natural, por não dar fruto.  
 pag. 502. *& deinceps.* Não sò a Rosa,  
 mas tambem as mais flores, excede  
 a Rosa Mystica, a Virgem Maria.  
 pag. 506. 507. Assim como todo a-  
 quelle, que se aparta da Virgẽ Ma-  
 ria, & ella aparta delle seus olhos,  
 necessariamente se perde: assim a-  
 quelle, que se converte à Virgem  
 Maria, & ella poem nelle seus o-  
 lhos de misericordia, impossivel he  
 que se não salve. pag. 513.

*Materia.* Nas Materias do Culto  
 Divino, o exercicio mais authori-  
 zado, he mais vulgar, & humilde.  
 pag. 218. Com que providencia  
 ordenou Christo, que a materia  
 dos Sacramentos fosse certa, & de-  
 terminada. pag. 219.

*Memoria.* Maior memoria damos a  
 Christo no Rosario, do que elle nos  
 pedio no Sacramento. pag. 143.

*Materia.* As tres Coroas dos Empe-  
 radores, huã he de ferro, outra de  
 prata, outra de ouro. E as da Senho-  
 ra do Rosario tambem puderãõ ser  
 formadas dos mesmos metaes. pag.  
 88.

- Milagres.** Maior foi o milagre de São Domingos, que o de Christo, em hum Demonio mudo: & porque. pag. 8. Neste milagre mostrou Deos, como deve ser reverenciado o Rosario. pag. 11. & *ulterius*. Em hũ grande milagre do Rosario se vê como a Virgem Maria he a Ponte segura dos Christãos: & isso com todas as circumstancias, & propriedades do Rosario. pag. 82. *usque ad* 87. Prorentoso milagre do Rosario. pag. 93. Em que consiste o milagre, q̄ profetizou Jeremias, q̄ ádo disse: *Creatus Dominus novũ super terrã*. pag. 197. Milagres da Senhora do Rosario, que mostraõ como nos supre tudo, o que nos póde faltar. pag. 258. & *ulterius*.
- Mysterios.** Em cada hum dos Mysterios do Rosario nos deixou Christo hum espelho. pag. 97. Qual he o maior Mysterio da natureza. pag. 118. No circulo, que faz o Sol, se descobrem os Mysterios do circulo do Rosario. pag. 126. Succede aos Mysterios do Rosario unidos, e q̄ às partes do fogo tambem unidas. pag. 207. A Esposa Santa ajuntou todos os Mysterios da Vida de Christo no Rosario. pag. 209. Como saõ os Mysterios do Rosario Exercito bem ordenado. pag. 212. & *ulterius*. Quam admiraveis saõ os Mysterios dos numeros. pag. 298. 299. 300. Porque repartio a Senhora os Mysterios do seu Rosario de cinco em cinco. pag. 303. Os Mysterios do Rosario representados em Abraham, Isaac, & Jacob. pag. 454. Tambem se representaõ as primeiras tres jornadas, q̄ fez a Senhora cõ o Filho de Deos em suas entranhas. pag. 455. Em tres beneficios inefaveis, com que Deos restaurou o mũdo, estaõ representados os Mysterios do Rosario. pag. 474. Os Mysterios do Rosario saõ frutos, de que se colhem outros frutos. pag. 508. & *ulterius*.
- Misericordia.** A figura mais propria da Misericordia da Virgem Maria, he a do Templo, que os Athenienses dedicáraõ à mesma Misericordia. pag. 179. Os Escravos, por miseraveis, tem sempre abertas as portas da Misericordia da Mãy de Deos. pag. 180.
- Morte.** O Sacramẽto do Altar he morte para os máos, & vida para os bõs: immortaliza os saõs, & mata os enfermos. pag. 140. 141.
- Molher.** A molher deve rezar o Rosario em casa, & naõ sõra della: & porque. pag. 61. & *ulterius*. Se a molher naõ periga no ver, periga no ser vista. pag. 65. O que faz Christo quando quer converter molheres. pag. 67. O Rosario de sy mesmo, & por sy mesmo obriga as molheres ao retiro. pag. 68. He mais proprio das molheres, atẽ nas materias da Religiaõ, naõ se quererem parecer com o vulgo. pag. 217. *usque ad* 219. As molheres sempre devem preferir a reza do Rosario á do Breviario. pag. 221. & *ulterius*. Porque ordenou Decs ab eterno, q̄ seu Filho nascesse de molher com predestinaçaõ liyre. pag. 360. & *ulterius*.

*Multidão.* Para a multidão das miſericordias de Deos ſe render às noſſas Orações, he neceſſario, que tambẽ as noſſas Orações ſejaõ da multidão. pag. 71.

*Mundo.* Eſte mundo he hum rio: & como. pag. 104. Qual foi a occaſião, & modo, com que ſahio a Senhora com o ſeu Roſario ao mundo. pag. 194. A mentira he a mais poderoſa couſa do mundo. pag. 253. Huã das grandes couſas, que vemos no mundo, & nos não admiramos dellas. pag. 391. São duas as eſtradas geræes, por onde todo o mundo he levado. pag. 476.

**N**

*Natura.* **T**UDO aquillo, que ſe chama myſtico, ſuppoem, imita, & ſe funda ſobre o natural pag. 48.

*Necessidade.* A mais poderoſa couſa do mundo he a neceſſidade. pag. 253. & *ulterius.* O primeiro effeito da neceſſidade he o desprezo da honra: o ſegundo, a deſtruição da virtude. pag. 256. Não ha torpeza, ou infamia, que a neceſſidade não facilite. pag. 277. Não he mais pobre quem tem menos, ſenão, quem neceſſita de mais. pag. 259. O Sacramento he o primeiro remedio da neceſſidade. pag. 262.

*Noé.* Propria representaçõ da Virgem Maria na Arca de Noé. pag. 27. O Roſario propriamente representado na Arca de Noé, & no diluyio. pag. 28.

*Nome.* Porque ſe declara a dignidade do Filho de Deos, & da Virgem, com o nome de Ungido. pag. 69. Ethimologia do nome Pontifice. pag. 81. Entre duas partes iguaes o nome, & a preferencia deve ſer da mais nobre. pag. 15. Porque ſe compara a Senhora às Arvores, & Plantas mais inſignes com as circumſtancias dos nomes das terras das meſmas Arvores, & Plantas. pag. 433. 434.

*Nobreza.* Os Nobres ſão os que menos ſe ſalvaõ. pag. 19. Maior fortuna he a vil, & desprezada dos Eſcravos, do que a nobre, & honrada dos Senhores. pag. 176. & *ulterius.*

*Noticia.* Ha Orações que não chegaõ à noticia de Deos: & quats ſão. pag. 241.

*Numeros.* Quanto importa ſaber os myſterios dos numeros nas contas de Deos. pag. 284. Porque razaõ reduzio a Senhora a numero certo as innumeraveis Eſtrellas do ſeu Roſario. pag. 83. Que ſignificaõ os numeros de ſeis, & de ſete. pag. 86. Na República Hebréa; aſſim como nas enfermidades agudas, foi cirurgico o numero Quatorzeno. pag. 287. O numero ſetenta & ſete ſignifica o perdaõ univerſal dos peccadores. pag. 288. Porque ſendo o Roſario hum, ſe divide em tres Terços. pag. 290. *uſque ad 295.* Porque ſão os Myſterios do Roſario quinze, & divididos de ſinco em ſinco. pag. 295. *uſque ad 303.* E porque ſão cento & ſincoenta as Ave Marias do Roſario. pag. 303. *uſque ad 310.* Quam perfeito ſeja

ja o numero de dez. pag. 311. *Ultimus*. He preceito da Arte Magica, que quanto fazem, ou dizem em seus Encantos, seja sempre em numero desigual. pag. 332. Isto mesmo observavaõ antigamente os Pastores, & os Soldados. pag. 333.

## O

*Obras.* **C**OM que condiçõs se entende, que os que seguiãõ a Christo, haviaõ de fazer maiores obras, do que elle. pag. 6. 7. No Patriarcha Saõ Domingos se praticou esta prerogativa. pag. 9. Porque chamou Deos às obras da Criaçãõ do mundo. *Vale bona* depois de acabada: havendo he parecido dantes sõmente *bonum* cada huã de persey. pag. 202. *usque ad* 206. O remir por resgate, depois do cativoiro, & o remir por preservaçãõ antes delle; naõ sãõ obras do mesmo poder. pag. 499. 500.

*Obediencia.* Deixe Deos levar no Ceo da Senhora para onde ella quer, por obediencia de Mãy. pag. 445. 446.

*Olhos.* Quando a Mãy de Deos poem os olhos, olha pelos olhos de seu Filho. pag. 161. A baixeza propria da condiçãõ dos Escravos, he a que levou apoz sy os olhos de Deos. pag. 161. Tanto nos olhos de Deos, como nos de sua Mãy, cada hum he filho de seu coraçãõ. pag. 174. Para nossas Orações chegarem aos ou-

vidos de Deos, primeiro haõ de ser registadas no Tribunal de seus olhos. pag. 224.

*Orações.* As Orações dos Christãõs sãõ para o Demonio maior fogo que o do Inferno. pag. 10. A Oraçãõ de muitos juntamente he a que mais agrada a Deos. pag. 42. *usque ad* 52. Mostra-se com razoẽs contrarias, que mais lhe agrada a Oraçãõ de hum sõ. pag. 52. *usque ad* 61. Nos casos de necessidade orase em qualquer tempo, & em qualquer lugar. pag. 62. Ainda que o Padre-nosso, & a Ave-Maria sejaõ duas Orações diferentes pelo que sãõ: sãõ cõ-tudo huã sõ, & a mesma, pelo que significaçãõ. pag. 130. Quando o que se pede he o mesmo, ainda q as palavras sejaõ diversas, a Oraçãõ he a mesma. *Ibi*, & pag. 131. Assim a Oraçãõ do Padre-nosso, como a da Ave-Maria, estã toda em todã, & toda em qualquer parte. pag. 152. *usque ad* 140. Oraçãõ feita com presunçãõ, & authoridade propria, naõ pôde ser sem peccado. pag. 222. Naõ ha Orações mais sublimes, assim nas palavras, como no sentido, que as do Rosario. pag. 224. O sabôr da Oraçãõ naõ estã no que se pronuncia, senãõ no sentido, & significaçãõ do que se pronuncia. pag. 233. Os defeitos da Oraçãõ sem frute. pag. 234. *Ultimus*. Como se distingue o pedir orando, do pedir naõ orando. pag. 239. Naõ he cousa nova, que as Orações dos homẽs tenhaõ força para encantar a Deos. pag. 345.

P

**Paõ** O PAÕ do Ceo he estreito, & apertado; & o da terra, largo, & abundante: & porque. pag. 266. Deos no Sacramento dáse aos ricos debaixo dos accidentes de paõ semente, & aos pobres dá tambem a sustancia: & como. pag. 267. A Providencia Divina tem diferente paõ para diferentes fomes. pag. 268.

**Padre nosso** Ainda que o Padre-nosso, & Ave Maria sejeõ duas Orações diferentes, são huã só, & a mesma, pelo que significaõ. pag. 130. Assim a Oração do Padre-nosso, como a da Ave-Maria, está toda em toda, & toda em qualquer parte. pag. 132. usque ad 140. He a Oração do Padre-nosso como seu Autor, que até os mininos o conhecem, mas nem os Serafins o comprehendem. pag. 225. Que ardentissimos affectos excita a Oração do Padre-nosso. pag. 226.

**Pay.** Quiz Deos, que a Mãy de seu Filho fosse semelhante a seu proprio Pay. pag. 191.

**Paraiso.** A Serpente não fallou, nem tentou a Eva dentro no Paraiso, senão fóra. pag. 64. O lugar das delicias do Paraiso da terra he o Ventre purissimo da Virgem Maria. pag. 121. No Paraiso do Ceo sahio o Filho de Deos do Ventre do Pay: & como: & no Paraiso da terra sahio do Ventre da Mãy. pag. 122.

**Palavras.** Bastaõ só cinco palavras das

Orações do Rosario rezadas com intelligencia do que significaõ, para serem preferidas a todo o Officio Ecclesiastico sem ella. pag. 230. A Oração não tem o labdr na boca, em que se pronunciaõ as palavras, senão no entendimento, com que se diz a Deos o que ellas dizem. pag. 232. Quam pouco valem as palavras, quando quem as pronuncia, não entende o sentido dellas. pag. 235. Porque pede David a Deos, que lhe entenda as suas palavras. pag. 240.

**Parto.** Quanto excede no Ventre da Virgem Maria o parto do Rosario ao parto do Verbo. pag. 187. Dous partos reconhece a Fé em Deos: & os mesmos partos podemos considerar na Virgem Maria. pag. 191. Como foi mais admiravel o parto do Rosario, que o do Verbo. pag. 194. usque ad 200. Mais tres admiraveis razoés, que provaõ o mesmo, considerado o Rosario fóra de sy. pag. 201. Outras razoés diversas para o mesmo assumpto. *Ibi & ulterius.*

**Tés.** Porq̃ razão não consentio Christo, que a Madalena lhe tocasse os pés na manhã da Resurreiçãõ, quando se quiz lançar a elle: & dahi a poucas horas lhe concedeo, q̃ com as outras Marias lhos abraçasse. pag. 44.

**Petiçãõ.** Quando Deos despacha as petições dos Santos, he graça: quando despacha as de sua Mãy, he justiça. pag. 25. Não se atreve Deos a negar cousa alguã, quando são

††† muitos

- muitos os que lha pedem . pag. 49.  
 Desfaz no que pede , quem tem a  
 devida attenção pede a Deos . pag.  
 59. Quando o q̄ se pede he o mes-  
 mo , ainda que as palavras sejam di-  
 versas , a Oração he a mesma . pag.  
 130. Todas as sete petições do Pa-  
 dre-nosso se contém em cadahuá :  
 & cadahuá contém todas sete . pag.  
 133. Muito mais damos a Christo  
 no Rosario , do que elle nos pediu  
 no Sacramento . pag. 142. Como es-  
 pera Christo , que lhe peçamos o  
 pão de cada dia dizendo em outra  
 parte , que não tenhamos cuidado  
 do que havemos de comer . pag.  
 268.
- Peccados.** Os que recebem a Christo  
 no Sacramento em peccado , cru-  
 cificação e m sy mesmos : & nelles  
 padece mais , do que padeceo na  
 Cruz . pag. 123. Que proporção té  
 o numero setenta & sete com o per-  
 dao universal dos peccados . pag.  
 288. A origem das espinhas tem a  
 mesma antiguidade que o Pecca-  
 do Original . pag. 495. Para o pri-  
 meiro peccado do mundo concor-  
 tãrão tres complexos . pag. 496.
- Platano.** Quaes são as virtudes , &  
 propriedades do Platano : & como  
 he representação da Virgem Ma-  
 ria . pag. 31.
- Ponte.** A Virgem Maria he Ponte se-  
 gura dos Christãos : he Ponte , que  
 alcança de polo a polo : he Ponte ,  
 pela qual Deos descéo aos homés .  
 pag. 82.
- Pontifice.** Que propriedades , ou ex-  
 cellencias constituem o verdadei-  
 ro Pontifice . pag. 72. *usque ad 75.*  
 Por ser Christo Filho da Virgem  
 Maria , emquanto Summo Ponti-  
 fice , lhe communicou a dignidade  
 Pontifical . pag. 72. & *ulterius.* O Fi-  
 lho de Deos não podia ser Pontifi-  
 ce , sendo Anjo : & porque . pag. 79.  
 Ethimologia do nome Pontifice .  
 pag. 81. E porque se chamão os Pa-  
 pas Pontifices . *ibi.* Notavel diffe-  
 ça entre o Pontificado de Christo ,  
 & o de Aram . pag. 87.
- Pobreza.** Todos os pobres podem re-  
 mediar a sua pobreza pela devação  
 do Rosario . pag. 251. & *ulterius.*
- Pretos.** Dominarem os Homés Bran-  
 cos aos Pretos , he força , & não ra-  
 zão . pag. 164. Que distincão faz a  
 Virgem Maria entre Brancos , &  
 Pretos . pag. 165. Como castigou  
 Deos a Irmaã de Moyses , por se ter  
 elle casado com huã molher preta .  
 pag. 167. Quanto estima Christo  
 aos Pretos . pag. 168. & *ulterius.* Nun-  
 ca a Virgem Senhora Nossa se cha-  
 mou fermosa , senão depois de se  
 chamar preta . pag. 173. He confu-  
 são para os Brancos , que os são por  
 fóra , & forem pretos por dentro .  
 pag. 174. Os Pretos são os Irmaos  
 da Preparação de Deos . pag. 395.  
 Tem os Pretos Carta de Alforria  
 pela devação do Rosario : & como .  
 pag. 409. *usque ad 412.*
- Predestinação.** A impotencia dos pe-  
 quenos , he effeito de sua Predesti-  
 nação . pag. 202. Como he possível  
 a resolução de sermos do numero  
 dos Predestinados . pag. 316. & *ul-  
 terius.* Quaes são os maiores , & mais  
 califica-

calificados finais da Predestinação. pag. 319. 220. A Virgem Maria desde a sua Predestinação foi escolhida para suprimimento universal, & remedio de todas as nossas faltas. pag.

360.

*Prégador.* Prégeação do Demonio feita pela boca de hum endemoninhado. pag. 5. & *ulterius.*

*Priçãõ.* Mais fortemente apertaõ a Deos as Orações de hum sã. pag. 54. 55.

*Profeta.* Ilais encontrãdo com São Joã Evangelista Profeta da Ley da Graça, & com Jeremias Profeta da Ley Escrita: & explicados os seus lugares. pag. 197. *usque ad* 199.

## Q

*Questões.* **Q**UAES foraõ as questões, que São Domingos poz ao Demonio em huã occasião: & quaes as repostas do Demonio. pag. 11. & *ulterius.* Questaõ do Rosario rezado por huã sã pessoa, ou por muitas juntamente. pag. 42. & *ulterius usque ad* 61. Resolve esta questaõ. pag. 62. & *ulterius.* Perguntase, & resolve-se em huã questaõ antiga: Se por Christo Filho da Virgem Maria ser Rey, pertencẽo tambem à Senhora o mesmo titulo, & dignidade Real? pag. 70. Perguntase, & resolve-se em outra questaõ nova: Se podemos dizer, que Christo, por ser tambem Summo Pontifice, communicou à mesma Mãy a dignidade Pontifical?

pag. 71. Questaõ de qual das duas Irmandades da Senhora do Rosario, a dos Brancos, ou a dos Pretos, he mais sua favorecida. pag. 152. & *ulterius.* Provasse a questaõ, de poder haver outro parto mais admiravel que o do Verbo. pag. 187. & *ulterius.* Questaõ de qual deve ser preferido, se o Rosario, se o Breviario. pag. 226. & *ulterius.* Questaõ, que excitariaõ os Vassallos de Dario, sobre qual fosse a mais poderosa conta do mundo. pag. 252.

*Quarenta.* O numero Quarenta, & Quarenta & nove, saõ significativos de afflicção. pag. 309.

*Quaresma.* No principio da Quaresma nos exhorta a Igreja à penitencia com huã Oração, que nos mostra, como nos podemos fazer do numero dos Predestinados. pag. 317.

## R

*Rede.* **P**ORQUE razãõ mandou Christo, depois de resuscitado, aos Apostolos, que lança-se a rede á mão direita. pag. 307. Quando se lançou ao mar a rede do Rosario. pag. 306.

*Redençãõ.* O mais excellente modo de remir, he preservando. pag. 198. & *ulterius.*

*Rey.* A dignidade Real naõ a teve Christo sã de sua Mãy: a Pontifical sim. pag. 80. De que terra era o Rey Preto, que do Oriente veyo a Belẽ com os outros deos Reys a adorar ao Filho de Deos. pag. 171. Mais

††† ij pobres

pobresão os Reys, que os Vassallos, pag. 259. Porque razão o Evangelista não chamou Reys, senão Magos, aos tres Reys do Oriente. pag. 336. Os Cetros, & os Reys também estão sujeitos a cativeiros. pag. 425.

**Recolhimento.** O que mais agrada à Senhora do Rosario, he o recolhimento. pag. 66. 67.

**Remedio.** Pela devação do Rosario podem todos os pobres remediar a sua pobreza. pag. 251. *& ulterius.* E ainda sobejarem-lhe bens. pag. 278.

**Rio.** Qual he o rio, que no Paraiso fahia do lugar das delicias. pag. 121. Divide-se esse rio como em cruz. pag. 123.

**Riquezas.** Quanto devem temer os ricos os bens de suas riquezas. pag. 176. *& ulterius.*

**Rosa.** Porque se compara a Virgem Maria à Rosa. pag. 87. Coroa a Senhora com Rosas, a quem com grande necessidade se valéo da devação do Rosario. pag. 271. A Rosa he a figura da marca do Rosario. pag. 414. O mysterioso da Rosa Mystica, a Virgem Maria, não consiste tanto na proporção, com que he parecida à Rosa natural, quanto na dessemelhança, com que se distingue della, & a excede. pag. 491. *usque ad 493.* A Rosa Mystica excede a Rosa natural em dous defeitos, que té a Rosa natural, & em dous perfeições, que só se achão na Rosa Mystica. pag. 494. *& ulterius.* Sô a Virgem Maria foi Rosa sem espinhas. pag. 496. *usque ad 502.* Em ser a Virgem Maria

Rosa com fruto excede a Rosa natural, por não dar fruto. pag. 502. *& demceps.* Não só à Rosa, mas também às mais flores excede a Rosa Mystica, a Virgem Maria. pag. 506. 507.

**Rosario.** Em que Evangelho está toda a Historia do Rosario literalmente escrita. pag. 1. 2. Nenhua Oração persegue tanto o Demonio, como o Rosario. pag. 3. Nella se empenha em emmudecer aos homêes, pag. 4. A prerogativa de haverem de fazer os homêes maiores obras do q̄ Christo, conforme sua promessa, foi concedida em virtude do Rosario. pag. 5. 6. 7. O Rosario he para os Demonios fogo mais penetrante que o do Inferno. pag. 10. Chegou Deos a fazer em defensão da honra do Rosario, o que não fez, nem faria para defender a sua. pag. 13. Confessárao os Demonios, que nenhum devoto do Rosario se condemnaria. pag. 23. Entre todos os devotos da Senhora, os q̄ o são do Rosario, esses mais certamente se salvão. pag. 28. Propria representação do Rosario na Arca de Noé, & no diluvio. *ibi.* Como se contraoem os tres Terços do Rosario às tres Gerarchias dos Demonios. pag. 35. 36. Como se ha de entender, ser melhor rezar o Rosario huá pessoa só, ou muitas juntamente. pag. 62. *& ulterius.* Depois de a Mãe de Deos ser Senhora do Rosario, se pôde provar, que Christo lhe communicou a dignidade Pontifical, E como: ou porque. pag. 71. *& ulterius.* A Virgem Maria, quando

do instituiu o seu Rosario, fez nelle huã Ponte, pag. 82. *usque ad* 87. Representação dos Mysterios do Rosario nas tres Coroas, de que se cõpoem a Tiara Pontificia, q̃ compete à Virgem, Senhora Nossa, por Senhora do Rosario, pag. 88. *usque ad* 92. Qual he a Potestade das Chaves da Senhora do Rosario, pag. 83. *ulterius.* Em cada huã dos Mysterios do Rosario nos deixou Christo huã Espelho, pag. 97. O Rosario he Sacramento parecido, & semelhante, ao Sacramento do Altar, pag. 124. *ulterius.* A Virgẽ Maria não foi menos Mãy admiravel, ou ainda foi mais admiravel em conceber o Rosario, que em cõceber ao Verbo, pag. 187. *ulterius.* O Rosario rezado pelas mulheres na lingua vulgar ferã mais bẽ ouvido de Deos, q̃ o Officio Ecclesiastico rezado por ellas na Latina, pag. 220. Os Mysterios das Contas do Rosario, pag. 281. *ulter.* Quando começou a devaçãõ do Rosario, pag. 326. He o Rosario Via Lactea, pag. 463. *ulterius.*

*Ruas.* Porq̃ se cõpara a Virgẽ Maria ao Platano plãtado nas ruas, pag. 31. 32.

**S**

*Sacramento.* O Rosario da Senhora he hum Sacramento, pag. 106. Tambẽ he Sacramento, o Ventre virginal da mesma Senhora, pag. 107. O Sacramento do Rosario encerra em ty tudo o que encerra o Sacramento do Altar: & encerra tudo o que encerrou o

Sacramento do Ventre virginal da Senhora: & ainda mais, pag. 108. Como encerra o Sacramento do Altar o Corpo de Christo, pag. 114. *ulterius.* Quantas, & quaes sãõ as admiraveis differenças, com que o Sacramento do Altar se aventaja ao Sacramento do Ventre virginal da Senhora, pag. 115. *usque ad.* 124. O Sacramento do Rosario he semelhante ao Sacramento do Altar. *ibi,* *ulterius.* Qual he a razãõ, porque a Hostia, & o Calix compoem hum sò Sacramento, pag. 129. *ulterius.* Essa mesma he a razãõ, porque a Oraçãõ do Padre-nosso, & a da Ave-Maria compoem o Sacramento do Rosario, pag. 130. E tanto no Sacramento do Altar, como no do Rosario, succede isto ex vi verborum. *ibi.* Assim como Christo nos deixou seu Corpo no Sacramento; assim a Senhora se deixou, como sacrametada, com nosco na Ave-Maria, pag. 139. Que ventagẽs faz o Sacramento do Rosario ao Sacramento do Altar, pag. 140. *ulterius.* Descobre o Rosario o que no Sacramento he invisivel, pag. 144. O Sacramento, & o Rosario sãõ os remedios contra a pobreza, & necessidade, pag. 262. *ulterius.* Como o Sacramento he paõ apertado, pag. 266. E como dá Christo nelle a sustancia de paõ aos pobres, pag. 267.

*Santos.* Sãõ Domingos obrigou ao Demonio a responder a tres questões de summa importancia, pag. 11. 16. 22. Quando Deos despacha as petições dos Santos, he graçã: quando

quando despacha as de sua Mãe, he  
justiça. pag. 25. Os Sãos depois da  
morte, tanta virtude tem em seus  
corpos todos, & inteiros, como em  
qualquer parte delles. pag. 139.

*Saluaõ.* Astres difficuldades de Sa-  
lamaõ representadas, & vécidas no  
Rosario. pag. 468.

*Salvaçãõ.* Grandes, & poderosos, saõ  
os que menos se salvaõ. pag. 18. 19.  
Confessaráõ os Demonios, que to-  
dos os devotos do Rosario se salva-  
riãõ. pag. 23. Confirma-se esta con-  
fissãõ dos Demonios. pag. 26. Assim  
como o merecimento consiste no  
numero dez; assim o premio, que he  
a salvaçãõ, se concede no mesmo  
numero. pag. 313. Para tratarmos cõ  
vigilância da salvaçãõ de nossas Al-  
mas, o maior motivo he a confide-  
raçãõ do preço, com que Deos as  
resgatou. pag. 408.

*Semelhança.* Que semelhança tem cõ  
o exercito o Rosario. pag. 212.

*Sentença.* A sentença, que a Virgem  
Maria der em nosso favor, não pô-  
de ser revogada. pag. 81.

*Sentidos.* Os Cinco Sentidos Corpora-  
es, ou nos levaõ à Gloria, ou nos  
impedê a subida para ella. pag. 302.

*Serpente.* Como foi possível a Eva fal-  
lar com a Serpente. pag. 64.

*Sermaõ.* Pela boca de hum endemoni-  
nhado faz o Demonio hũ Sermaõ;  
& como. pag. 5. & *ulterius.* Sermaõ,  
que a Virgem Nossa Senhora mã-  
dou prégar, para persuadir a deva-  
çãõ do seu Rosario. pag. 516. 517.

*Sol.* O Zodiaco do Sol natural com-  
põe-se de doze Signos; & o do Sol

Divino no Rosario se reparte em  
quinze. pag. 127.

*Solidade.* Saõ mais bẽ ouvidos de Deos,  
os que em Oraçãõ secreta trataõ só  
por só com elle. pag. 55. *usque ad 61.*

## T

*Templo.* **S**com os homês, & nãõ  
com as molheres, fallava a  
Ley, em que Deos mandava, que  
todos fossem ao Templo três vezes  
no anno; & porque. pag. 66. Primei-  
ro levantaráõ Templo à Virgem  
Maria os Pretos, do que os Apolto-  
lo. pag. 171. A figura mais propria  
da Misericordia da Virgem Maria,  
he a do Templo, que os Athenien-  
ses dedicáraõ á mesma Misericordia.  
pag. 179. Como saõ proporcionadas,  
a architectura do Rosario, & a do  
Templo de Ezechiel. pag. 300.

*Tentaçãõ.* Tentou a Serpente a Eva, porq̃  
ella teve appetite de ver qual era o  
mundo cã por fóra, sem se cõterar de  
estar dentro do Paraiso. pag. 64.  
Muitas vezes começa com boa tẽ-  
çãõ, o q̃ acaba em tentaçãõ. pag. 65.  
Porq̃ tẽrou o Demonio a Christo,  
depois q̃ o vio ter fome. pag. 258.

*Terços.* Como se contrapõem os tres  
Terços do Rosario às tres Gerar-  
chias dos Demonios. pag. 35. 36. E  
como os seus tres Terços do Rosa-  
rio se oppõem aos tres Inimigos da  
Alma. pag. 214. As Indulgencias, q̃  
se concedem aos que rézaõ o Ro-  
sario, tambem as lucraõ, os que ré-  
zaõ só o Terço. pag. 309.

*Thesourõ.* Porque he o Evangelho cõ-  
parado

parado ao Thefouro escondido no campo. pag. 1.

**Tiara.** A Tiara, q̄ he insignia dos Sũmos Pontifices, compoemse de tres Coroas: & porque. pag. 87. 88. De outras tantas se compoem a Tiara Pontificia q̄ compete à Virgem Senhora Nossa, por Senhora do Rosario: & quaes são. pag. 87. *usque ad 92.*

**Titulo.** O titulo, de que mais se gloria a Virgem Maria, he o de Mãy admiravel: & porq̄. pag. 185. Porq̄ foi escrito o Titulo da Cruz de Christo em tres Linguas, pag. 227.

**Trindade.** De que maneira he o Rosario Hum, & Trino: & porque. pag. 290. A abertura das Portas do Ceo estava reservada para a Fé da Santissima Trindade. pag. 291. Emquanto Deos era só conhecido, como Hũ, & não como Trino, só podia dar os bẽs da terra, & não os do Ceo. pag. 292. Assim como em Deos ha Unidade na substancia, & Trindade nas PESSOAS: assim em Christo ha Unidade na Pessoa, & Trindade nas substancias. pag. 293. A Trindade, q̄ a Mãy de Deos fez no seu Rosario, ainda he mais admiravel, q̄ a que Deos fez na Encarnação do Verbo. *Ibi*, & pag. 294.

**Trono.** O Trono portatil de Salamaõ, chamado Ferculo, era figura da Virgẽ Maria. pag. 432. *usque ad 434.* E porque razão se chamou aquelle Trono, Ferculo. pag. 435.

V

**Ventre.** O VENTRE virginal da Senhora he Sacramento;

& como. pag. 707. O Ventre purissimo da Senhora comprehende a Deos incomprehensivel. pag. 111. Sõ o Entendimento do Padre Eterno he o que comprehende o que comprehendẽo o Ventre de Maria. pag. 112. 113. Quantas, & quaes são as admiraveis differenças, com que o Sacramento do Altar se aventaja ao Sacramento do Ventre virginal da Senhora. pag. 115. *usque ad 124.* O Ventre da Virgem Maria canonizado pela virtude, & Milagres do Rosario. pag. 358. *usque ad 360.* Excellencias do Ventre da Virgem emquanto trouxe em ty ao Filho de Deos. pag. 431.

**Verbo.** Na Encarnação concebeo a Virgem o Verbo na terra: no Rosario concebeo no Ceo. pag. 192.

**Ventagẽs.** O Sacramento do Rosario faz ventagẽs ao Sacramento do Altar: & quaes são. pag. 140. & *ulterius.*

**Verdade.** Verdades confessadas publicamente pelos Demonios. pag. 23. & *ulterius.* Não ha mentira tao falsa, que se a querem fazer apparente, se não funde em alguã supplicação verdadeira. pag. 327.

**Via.** O que dizem da Via Lactea, Poetas, & Filosofos. pag. 463. Via Lactea he o Rosario. *Ibi*, & pag. 464. E porque causas he Via, & he Lactea. pag. 465. E como em ambas se vê retratado o Rosario. *Ibi*, & *ulterius.* Ainda na parte, em q̄ o Rosario se cõpoem dos Mysterios Dolorosos, he propriissimamente Via Lactea: & porque. pag. 469. *usque ad 471.* Porq̄ razão deu a Antiquidade a Via Lac-

68-342  
R. B. Rosenthal  
3-25-68

itea o nome derivado mais do leyte, que da neve, ou da açucena. *Ibi usque ad pag. 473.* He o Rosario terceira Via, & segura para a salvação. pag. 473. *usque ad 481.* Pela Via Lactea do Rosario subiraõ ao Ceo os mais insignes Varões da Igreja Catholica. pag. 484. & *ulterius.*

**Vícios.** A quantos leva ao Inferno a liberdade dos vícios. pag. 19.

**Vinganças.** O titulo de Deos das Vinganças he o cõ que nas Sagradas Letras se celebra a Magestade Divina. pag. 24. E qual he a razão, & outro novo titulo, porq̃ Deos se quiz assim chamar. pag. 327.

**Virgem.** A protecção da Virgé Maria he hum dos mais certos finaes da Predestinação. pag. 320. 321. No Ceo não só segue a Virgé Maria a Deos, para onde elle vay: mas do mesmo modo Deos segue a Virgem Maria. pag. 417. *usque ad 440.* E isto por tres razões, ou tres modos. pag. 441. & *ulterius.* A Virgem Maria por nós fiz de Deos o que quer: & ainda, quã' to, a nós parecer, Deos não quizesse. pag. 450. 451.

**Virtude.** A virtude da Ave Maria toda, está toda em qualquer parte da Ave-Maria. pag. 135. & *ulterius.* Os Santos depois da morte, tanta virtude té os seus corpos todos, & enteiros, como em qualquer parte delles. pag. 139. Nenhũa virtude ha, que se não possa achar nos Mysterios da Vida de Christo, não divididos, mas juntos. pag. 209.

**Voz.** Ainda naturalmente ouve Deos mais as vozes, & Orações de mu-

tos, que a voz de hum só. pag. 49. As vozes, que o homem pronuncia, & não entende, rigorosamente não são humanas. pag. 212.

**Vontade.** Quanto pôde para com Deos qualquer significação da vontade de sua Santíssima Mãe. pag. 25. Não só por vontade de Deos, quando elle quer, senão tambem, quando parecezse q̃ não quer, leva no Ceo a Virgem Maria a Deos, & Deos se deixa levar da mesma Senhora para onde ella quer: & isso por tres razões. pag. 441. & *ulterius.* Ainda q̃ Deos está em todos os Santos por cõcordia da vórtade, he superior sobre todos a uniaõ da vontade de Deos com a vontade da Virgé. pag. 444. Pelo Rosario levamos a Mãe de Deos, & a seu Filho, para onde queremos, fazendo nossa vontade. pag. 452. E ainda, no caso que Deos não quizesse. pag. 453. *usque ad 455.*

**União.** He tal a virtude da uniaõ, que as mesmas cousas, que divididas são boas, se se ajuntão, & unem entre sy para compor algum todo, fica muito melhor esse todo unido, que cada huã dellas. pag. 203. *usque ad 210.*

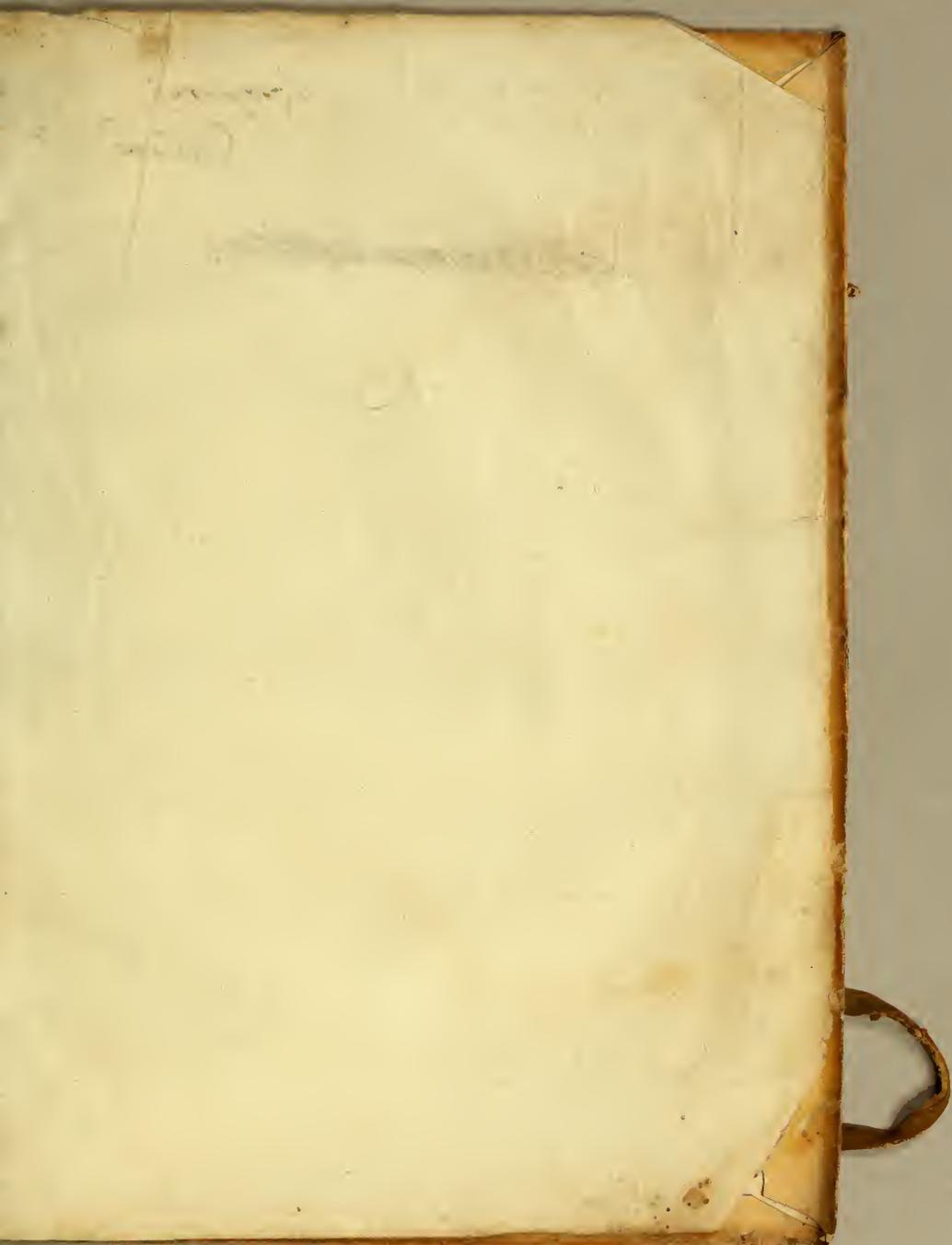
Z

**Zombarias.** NAM só zomba de Deos, mas ainda o despreza, quem o busca na Oraçõ se ter as atenções devidas. pag. 59.

**Zodiaco.** Christo, como Sol Divino, té no Rosario hum Zodiaco de quinze Signos. pag. 127.

F I N I S.





Corymbi  
Faleas?





... p...  
...: perdoar as i...  
...o castiga os  
...o repleto de  
... contra

... se en  
... dno fo  
... ra  
... mundos  
... os pecc  
E

CA 679  
V 657A  
10

